

# LITERATURA DE TRADIÇÃO ORAL NO CONCELHO DE PENAMACOR

CONTOS . LENDAS . ROMANCES

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA, TRANSCRIÇÕES E CLASSIFICAÇÕES  
Paulo Jorge Correia

RECOLHAS  
Gorete Alvito de Brito e Rosa Gonçalves

TRANSCRIÇÕES MUSICAIS  
Mili Vizcaíno



# LITERATURA DE TRADIÇÃO ORAL NO CONCELHO DE PENAMACOR

CONTOS . LENDAS . ROMANCES

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA, TRANSCRIÇÕES E CLASSIFICAÇÕES  
Paulo Jorge Correia

RECOLHAS  
Gorete Alvito de Brito e Rosa Gonçalves

TRANSCRIÇÕES MUSICAIS  
Mili Vizcaíno

MUNICÍPIO DE  
PENAMACOR



## FICHA TÉCNICA

TÍTULO  
Literatura de Tradição Oral no Concelho de  
Penamacor (Contos, Lendas, Romances)

COORDENAÇÃO CIENTÍFICA, TRANSCRIÇÕES  
E CLASSIFICAÇÕES  
Paulo Jorge Correia

RECOLHAS  
Gorete Alvito de Brito e Rosa Gonçalves

TRANSCRIÇÕES MUSICAIS  
Mili Vizcaino

PROJETO GRÁFICO  
Vitor Gil

-----  
ISBN  
978-989-36363-0-5

DEPÓSITO LEGAL  
550856/25

IMPRESSÃO  
Europress – Indústria Gráfica

TIRAGEM  
1.000 exemplares

-----  
EDIÇÃO  
Julho de 2025  
Câmara Municipal de Penamacor

# ÍNDICE GERAL

[17] NOTA PRÉVIA

[19] INTRODUÇÃO

[27] CRITÉRIOS DE RECOLHA, TRANSCRIÇÃO E EDIÇÃO...

-----  
CORPUS NARRATIVO  
-----

## CONTOS

[37] CONTOS DE ANIMAIS

1 | A raposa e o lobo

2 | A raposa e o mocho

3 | A raposa madrinha e o lobo

4 | A raposa e o lobo

5 | Comecei-te e acabei-te

6 | Os batizados da raposa

7 | A raposa e a lua dentro do poço

8 | O lobo, a raposa e o sol no poço

9 | A raposa finge-se morta

10 | O cavalo e o leão

11 | O leão, o lobo e a raposa

12 | A raposa e a pega

13 | A raposa e o mocho

14 | O corvo e a raposa

15 | A raposa e o corvo

16 | A raposa e as uvas

17 | A raposa na vinha

18 | A raposa e a cegonha (1)

19 | A raposa e a cegonha (2)

20 | A cegonha e a raposa (3)

21 | A cegonha e a raposa (4)

22 | A cegonha e a raposa (5)

23 | A cegonha e a raposa (6)

24 | A comadre raposa e a comadre cegonha

25 | A raposa e o galo

26 | O galo e a raposa

27 | Na casa da Maria Alumia

28 | O almoço do rei

29 | O lobo e o cabrito

30 | O lobo e o cordeiro

31 | O rato do campo e o rato da cidade

32 | O rato do mato e o rato da aldeia

33 | O rato gordo e o rato magro

34 | O lobo e a raposa

35 | A velha e o lobo (1)

36 | A velha e o lobo (2)

37 | Corre, corre cabacinha (1)

38 | Corre, corre, cabacinha (2)

39 | As sete cabritinhas

40 | A cabra com sete cabritinhos

41 | O moleiro e os animais

42 | O lobo e o músico



43 | O papagaio e as sacas de carvão

44 | O papagaio que vai ao batizado

45 | Os pássaros visitam o céu

46 | Cristo dá o nome aos peixes

47 | O sapo e a raposa (1)

48 | O sapo e a raposa (2)

49 | A raposa e a tartaruga

50 | A aposta do sapo com a raposa

51 | A cigarra e a formiga (1)

52 | A cigarra e a formiga (2)

53 | A cigarra e a formiga (3)

54 | Um borrego para o Março

55 | Ai, dias de maio...

56 | O sol e o vento

57 | A aposta do Vento com o Sol

### [79] CONTOS MARAVILHOSOS

58 | João Valentão

59 | A torre das navalhas

60 | O cavalo branco

61 | Os irmãos perdidos

62 | Os meninos perdidos e as botas de sete léguas

63 | As botas de sete léguas

64 | João soldado

65 | O padre faz de burro

66 | O Capuchinho Vermelho (1)

67 | O Capuchinho Vermelho (2)

68 | As três laranjinhas

69 | As três laranjas

70 | O príncipe monstro

71 | Os príncipes transformados em patos

72 | O velho e o bocado de telha

73 | O toiro azul

74 | A Gata Borralheira (1)

75 | Os dois vizinhos e as almas penadas

76 | A Gata Borralheira (2)

77 | O Touro Azul

78 | O vento evaporou e nunca mais voltou

79 | O vento

80 | O irmão rico, o irmão pobre e o vento

81 | O que é melhor? Quem Deus ajuda ou quem madruga?

82 | O Grão de Milho Miúdo

83 | Os meninos com estrelinhas na testa

84 | O pito plainudo

85 | O machado perdido

86 | O velho e a Fortuna

### [79] CONTOS RELIGIOSOS

87 | Nossa Senhora e a perdiz

88 | São José amaldiçoa os tremoços

89 | Nossa Senhora amaldiçoa os tremoços

90 | A caminho do Egito

91 | As ferraduras ao contrário e a pita-cega

92 | O pinheiro de Natal

93 | O homem das silvas

94 | O homem com silvas na lua

95 | O pano, o carneiro e a cachana

96 | O homem que reza e o que pragueja

97 | O lavrador que reza e o que fala mal

98 | O rei Bamba

99 | A missa do pastor

100 | A senhora egoísta

101 | Os trinta dinheiros

102 | Cristo, São Pedro e a ferradura

103 | Os cornos do moleiro

104 | O homem das vacas

105 | A contabilidade das missas ouvidas

106 | A missa da meia noite

107 | As três maçãzinhas de ouro

108 | As três bolinhas

109 | A mãe do São Pedro (1)

110 | A mãe do São Pedro (2)

111 | Santa Teresinha e o diabo

112 | Os dois semeadores e a Sagrada Família

113 | Se Deus quiser

114 | O Vento, a Água e a Vergonha

115 | Só Deus sabe que tempo fará amanhã

### [163] CONTOS REALISTAS

116 | Uma adivinha para o rei adivinhar

117 | Os olhos de Leonardo

118 | As papas na palha

119 | A sina dos filhos

120 | Os filhos do compadre

121 | O sabor dos sabores

122 | De sabor a sabor...

123 | Abre-te pedra-mármore!

124 | Agarra que é ladrão!

125 | O irmão abandonado

126 | A manta cortada ao meio

127 | O costume dos pais morrerem no deserto

128 | O baú da herança

### [181] CONTOS DO GIGANTE (DIABO)

#### ESTÚPIDO

129 | Jesus Cristo e o diabo dividem a colheita

130 | O burro cansado

131 | Xica de cabra

132 | O diabo e os garotos

133 | A sogra do diabo

### [185] CONTOS JOCOSOS

134 | Arre Burro!

135 | O burro, o neto e o avô

136 | O velho, o rapaz e o burro

137 | Os noivos em lua-de-mel

138 | O saloio em Lisboa

139 | A compra do cobertor

140 | A ganância do moleiro

141 | O coice do burro

142 | A mulher que ia comendo figos

143 | Os figos que passaram pelo cu do burro

144 | Olha o lobo!

145 | O pastor que gritava "aí vem lobo!"

146 | O pôr-do-sol e os queijos

147 | Um ribatejano vai a Lisboa

148 | Uma noite de homens

149 | Comi à final!

150 | A ida a Lisboa

151 | O provinciano e o polícia lisboeta

152 | As noites de Toledo

153 | Tudo são penas

154 | O patrão e o criado

155 | Carpindo o esposo morto

156 | O casal de velhos teimosos

157 | O casal zangado e o gatinho

158 | A picada da abelha

159 | A morte pelada

160 | Os versos na sepultura do marido

161 | O marido escondido debaixo da cama

162 | A visita a Lisboa

163 | São Cornélio e os corninhos de cera

164 | O sapateiro, sua mulher e o padre

165 | O filho que mamou numa cabra preta

166 | O casal e os ovos

167 | Março Marçagão

168 | A guardadora de domingos e dias de festa

169 | O casal que não trabalhava

170 | A mulher e o sono

171 | Queres aqui ou queres na cama?

172 | A mulher que queria que o marido ficasse cego

173 | A mulher que deu cinco contos ao marido

174 | O "passarinho" falador

175 | A doença do burro

176 | O garoto e o burro "cobrado"

177 | A senhora com o sexo enfarruscado

178 | O fumador

179 | O corno à porta

180 | Bocage e a "história da lebre"

181 | O menino que ia nascer sem orelhas

182 | O padre, o espanhol e a mulher

183 | O pintainho

184 | O padre e a honra da burra

185 | A praga da cigana

186 | A rapariga na fábrica de pincéis

187 | O receio da filha

188 | Todas *falacamos*

189 | A viagem de barco

190 | A filha brasileira

191 | O sacristão e a moça

192 | A vingança de uma mãe

193 | O sacristão atrás da imagem  
194 | Além vem o meu *Nunca-o-Vi*  
195 | Rebimba o alho  
196 | Estão a casar velhas!  
197 | O seu cu canta!  
198 | O noivo e o cabrito  
199 | Os ladrões e o cordeiro  
200 | O Bocage, o polícia e o passarinho  
201 | O que dava sete  
202 | As chouriças para o Verão  
203 | O criado Pedro  
204 | Segura-a bem!  
205 | O homem com duas “pontinhas”  
206 | As duas pilinhas  
207 | As bolas branquinhas  
208 | Os pintelhos brancos  
209 | O Favas  
210 | O Frieiras  
211 | Sopa de pedra (1)  
212 | Sopa de pedra (2)  
213 | Bocage, a rainha e o rei  
214 | O banquete  
215 | O engenheiro e o algarvio  
216 | O ceifador  
217 | O padre e os nomes estranhos  
218 | O miúdo gago  
219 | Pão bolorento  
220 | A meia manutenção e a manutenção inteira  
221 | As noites de Lamego  
222 | Um pai com três filhos  
223 | O Manel e o ceguinho  
224 | Os caçadores e a velha  
225 | O lobo, a couve e a cabra  
226 | O bando das cem pombas  
227 | O pombal de cem pombas  
228 | O sábio e o ignorante  
229 | O sonho mais bonito  
230 | Salazar e a vaca  
231 | O conselho do advogado

232 | O brasão dos Cabrais  
233 | Um borrego para São Gens  
234 | A cabra prometida ao santo  
235 | As ceroulas novas  
236 | O noivo com ceroulas  
237 | A vagina com dentes  
238 | A cabeça de peixe  
239 | O pedido de desculpas  
240 | O pai pede desculpas pelo filho  
241 | Jaiminho e os feijões  
242 | O inglês que queria aprender português  
243 | O vendedor de loiça ambulante  
244 | O gago e o polícia  
245 | O gago que ia a Lisboa  
246 | Vais pela Misericórdia  
247 | Galileu, o colega dos bêbados  
248 | O bêbado e o chicharro  
249 | Jacque e a sardinha  
250 | A sardinha que saía da portinhola  
251 | O cão chamado Bocage  
252 | O padre e o vinho da pipa  
253 | Vinho branco para o padre  
254 | O garrafão de vinho para o padre  
255 | A “empregada” do padre  
256 | A mulher do sapateiro  
257 | O padre e a cabra roubada  
258 | O padre Pepito  
259 | O padre doente  
260 | Os soldados e as papas  
261 | A enfermeira e o arroz doce  
262 | O noivo que comeu arroz doce  
263 | O despique entre o padre e o sacristão  
264 | As amantes do padre  
265 | O pregador  
266 | O sacristão vestido de Cristo  
267 | Dividindo nozes no cemitério  
268 | Dividindo rebuçados na torre da igreja  
269 | O porco roubado ao padre  
270 | O porco roubado

271 | O garoto que tinha um ninho de melros  
272 | A criada que se foi confessar  
273 | O tostão achado  
274 | O pregador mudo  
275 | Os roubos do sacristão na hora da missa  
276 | O pastor vai à missa  
277 | A missa e o casamento  
278 | O sermão imitado  
279 | O alentejano, o G.N.R. e o polícia  
280 | O espanhol e a Semana Santa  
281 | O padre e o corvo  
282 | A amiga do padre  
283 | O testamento do emigrante  
284 | O padre-nosso do moleiro  
285 | O maluco no Júlio de Matos  
286 | Os dois galegos  
287 | O faval em cima do burro  
288 | O fenómeno de Penamacor  
289 | A grande abóbora  
290 | A couve e a panela  
291 | O careca, o cego e o maneta  
**[289] ANEDOTAS NÃO CLASSIFICADAS**  
[289] SANTOS  
292 | A Amália no céu  
293 | São Pedro e as mulheres  
294 | Jejuia, preto!  
295 | Santa Teresa cai do burrinho  
[291] PADRES, BISPOS, SACRISTÕES  
296 | São Pedro e o celibato dos padres  
297 | O padre que faltou à pregação  
298 | A mulher que se foi confessar  
299 | No confessionário  
300 | O padre no confessionário  
301 | As penitências dadas por dois padres  
302 | Eu chamo-lhe um figo!  
303 | O padre que resolve um dilema  
304 | Quantos “cornos” há na terra?  
305 | O nó cego  
306 | O Três-dedos-no-cu

307. O padre e o milhano  
308 | O bispo, o padre e a criada  
309 | O membro do morto  
310 | O burro morto  
311 | O sacristão e o homem que rezava o terço  
312 | Os gémeos e o bispo  
[300] FAMILIARES E PARENTES  
313 | A sogra e a nora  
314 | A filha desonrada  
315 | O pai, o filho e o arado  
316 | O avô que trata o neto por “filho”  
317 | A noiva receosa  
318 | A noite de núpcias no hotel  
319 | A mulher que queria uvas  
320 | O noivo despenica o milho  
321 | O pai quer ensinar ao filho como é a vida dos casados  
322 | O médico e o funil  
323 | O filho preto  
324 | Os cogumelos  
325 | O casal desavindo  
326 | Uma mulher muito concorrida  
327 | Uma conversa entre amigos  
328 | Ai que rico pasto!  
329 | Maria, enfia a saca!  
330 | A senhora que ia visitar a campa do marido  
331 | As duas viúvas  
[309] ÓRGÃOS SEXUAIS MASCULINOS  
332 | O rapaz que ia para a tropa  
333 | O pai e o filho ao sol  
334 | O transplante (1)  
335 | O transplante (2)  
336 | A *pilinha* do cavalo  
337 | As duas senhoras que foram ao cinema  
338 | O chapéu e o cabide  
339 | Arre burro!  
340 | O peso da pilinha  
341 | Lembrando tempos passados  
[314] ÓRGÃOS SEXUAIS FEMININOS  
342 | O “arrepido”

343 | A rata valiosa  
344 | As ratas  
345 | O “come-e-cala-te” chamuscado  
346 | O “qualquer coisa” chamuscado  
347 | Uma senhora passa a ribeira cheia  
348 | Os dois irmãos e a criada  
349 | O Ás de copas  
350 | A sopeira e os magalas  
351 | Um recruta do Norte  
[319] LUXÚRIA  
352 | A travessia do deserto  
353 | Os dois compadres  
354 | A freira no hospital  
355 | Já me falta o *rancor...*  
356 | O camponês que queria estar “entre as mulheres”  
357 | As duas comadres  
358 | O chofer que estava constipado  
359 | A mulher grávida e o fumador  
360 | A rapariga que apanhou boleia  
[324] ESCATOLOGIA  
361 | O saloio do cu cagado  
362 | O olho do cu  
363 | O homem *escanchado*  
364 | Uma urgência noturna  
365 | A taberna do ferreiro  
366 | O caçador e a lavadeira  
367 | Os dois músicos  
368 | Os compadres espanhóis  
369 | O bolo sem bacalhau  
370 | A m\*rda das sete castas  
371 | O espanhol e o português  
372 | O jipe do espanhol  
373 | O português e o espanhol na Ovibeja  
[332] ALENTEJANOS  
374 | A carroça do alentejano e o Mercedes  
375 | O carro com 250 cavalos  
376 | Os dois alentejanos no comboio  
377 | Os alentejanos e a máquina de lavar  
378 | O alentejano e o transmontano

379 | Os caçadores alentejanos  
380 | O alentejano que foi ao *Rock in Rio*  
381 | O alentejano e o *punk*  
[336] CIGANOS  
382 | O pranto do cigano  
383 | O ciganito guloso  
384 | A cigana grávida e o filho ladrão  
385 | Os ciganitos choram pela burra morta  
386 | O cigano e a burra  
387 | O cigano que queria “escrever à máquina”  
388 | A cigana e a “esfregona” sem cabo  
[338] ESPERTEZAS  
389 | A aposta do anão  
390 | A aposta dos dois amigos  
391 | O dançarino adivinhão  
392 | O roubo dos melões  
393 | A batata quente  
394 | O pescador, a mulher e o carteiro  
[342] BOCAGE  
395 | O Bocage e as meninas à janela  
396 | O Bocage e a rainha  
397 | Bocage, o alfaiate e o sapateiro  
398 | Bocage e o bandido  
399 | Bocage e o peido  
[345] TONTOS  
400 | Num cemitério chinês  
401 | A rolha no cu do burro  
[346] EQUÍVOCOS  
402 | Cuidado com os tomates!  
403 | O filho vai comprar dois tomates para a mãe  
404 | Uma “freira” à boleia  
405 | Durante a Quaresma não entra carne no corpo  
406 | As esposas de Cristo  
407 | Os rebuçados  
408 | O melro preto  
409 | A perdiz no confessor  
410 | O misterioso copo de leite  
411 | A mãe enche um balão  
412 | A “ligeireza”

413 | Os compadres ricos compram um comboio  
414 | A empregada e os preservativos  
415 | A limpeza da sanita  
416 | Os três bilhetes de autocarro  
417 | Ó Mar'Zé, vira-te para lá!  
418 | Os ricos e os pobres  
419 | Dar ou receber?  
420 | A ida ao médico  
421 | Os supositórios  
422 | O Zé Nabo  
[356] APARÊNCIAS  
423 | A camisa nova  
424 | Tudo batatas  
425 | O papagaio na casa de banho  
[357] ANIMAIS  
426 | Um casal tinha um papagaio  
427 | O papagaio e a conta do telefone  
428 | O alemão e o papagaio  
429 | Spínola e o papagaio  
430 | A cadelinha com cio  
431 | Um cão no Algarve  
432 | O burro e o porco  
433 | O elefante e a pulga  
434 | Os animais de boca grande  
[357] VÁRIA  
435 | Um caçador ensina os filhos  
436 | O pai que cai da janela  
437 | O vendedor de cornos  
438 | Uma súbita sede  
439 | O bêbado na bicicleta  
440 | Comer de calhandro  
441 | O pedido de namoro  
442 | Os namorados  
443 | Vai dar água ao burro  
444 | Alto e pára o baile!  
445 | O cliente habitual  
[367] ANEDOTA-ADIVINHA  
446 | A divisão da cabra  
447 | O espirro da mulher

448 | As galinhas  
449 | Os dois livros  
450 | O pires e a chávena  
[368] ANEDOTAS CUMULATIVAS  
451 | Os mandamentos dos padres (1)  
452 | Os mandamentos dos padres (2)  
**CONTOS DE FÓRMULA**  
453 | A semana do mandrião  
454 | À uma eu nasci  
455 | Era e não era (1)  
456 | Era e não era (2)  
457 | Era e não era (3)  
458 | Era e não era (4)  
459 | Era não era  
460 | Era uma vez o que não era  
461 | Era meia noite em ponto  
462 | O coelho saricotelho  
463 | O casamento da franga  
464 | A carochinha  
465 | A formiga e a neve  
466 | O amigo de Peniche  
467 | A pistola  
468 | As três irmãs e a pereira  
469 | Era uma vez...  
470 | Era uma vez um gato  
471 | Era uma vez um gato maltês  
472 | O continho das calcinhas vermelhas  
473 | O continho do Capuchinho Vermelho

## LENDAS

### [387] LENDAS DO SOBRENATURAL

#### LOBISOMENS

474 | O lobisomem (1)  
475 | O pátio do lobisomem  
476 | O lobisomem (2)  
477 | O lobisomem (3)  
478 | O lobisomem invisível  
479 | O lobisomem do Meimão  
480 | Os lobisomens



481 | O cavalo sem albarda  
482 | As cavalgadas noturnas  
[392] BRUXAS  
483 | A bruxa e o relheiro  
484 | O marido que não encontra o relheiro  
485 | A bruxa que era uma pita  
486 | A bruxa galinha (1)  
487 | A bruxa galinha (2)  
488 | O rapaz e a galinha  
489 | A bruxa-galinha de Meimão  
490 | A galinha preta  
491 | O porco embruxado  
492 | Os porcos e a bruxa  
493 | A bruxa e as cabras  
494 | A namorada bruxa (1)  
495 | A namorada bruxa (2)  
496 | A B. bruxa  
497 | O cão misterioso  
[399] DIABOS  
498 | O bode  
499 | Os dentes do diabo  
500 | O cabrito pesado  
501 | O chibo preto  
502 | O borreguinho pesado  
503 | Os dois comerciantes e o borrego  
504 | O padre e o carneirinho ao pé do cemitério  
[403] ALMAS PENADAS / FANTASMAS  
505 | Os burburinhos  
506 | A luz no pinheiro  
507 | O gato preto  
508 | Sexta-feira Santa  
509 | O morto que não foi amortalhado  
510 | Dar a roupa do morto  
511 | A costureirinha (1)  
512 | A costureirinha (2)  
513 | A costureirinha (3)  
514 | A costureirinha (4)  
515 | A procissão das almas  
516 | O homem com uma cabra

517 | A alma perdida  
[411] MOURAS ENCANTADAS / TESOUROS  
518 | Lenda da Fonte da Prata  
519 | A encantada da Serra Pereira  
520 | A cobra-moura  
521 | A cobrinha encantada  
522 | As meadas de ouro e a serpente  
523 | A moura das oliveiras de Melão  
524 | A moura da Fonte Melão (1)  
525 | A moura da Fonte Melão (2)  
526 | A moura encantada na fonte  
527 | A moura do castelo  
528 | O tesouro da calçada  
529 | A moura do Sítio do Castanheiro  
530 | A moura e a capela enterrada  
531 | A moura da Fonte Santa  
532 | A poça da moura  
533 | A moura do Castelo  
534 | As mouras da Serra d'Opa  
535 | As mouras encantadas da Serra de Opa  
536 | O estendal de meadas  
[420] CRIATURAS FANTÁSTICAS  
537 | A boa hora e a má hora (1)  
538 | A boa hora e a má hora (2)  
539 | A boa hora e a má hora (3)  
540 | A Boa Hora como nuvem  
541 | O cavalo noturno  
542 | O peso no peito ao dormir  
543 | A cobra que mama leite (1)  
544 | A cobra que mama leite (2)  
**[425] LENDAS SAGRADAS**  
[425] IMAGENS DE SANTOS / MILAGRES  
545 | As sete santas  
546 | As sete irmãs  
547 | Lenda de Santa Sofia do Salvador  
548 | Santo António e os pardais  
549 | Santo António e a conversão do herege  
550 | Santo António e os cabelos da prima  
551 | Um milagre de Nossa Senhora do Incenso

552 | Milagre de Nossa Senhora do Incenso na ribeira do Pego  
553 | A Senhora do Prado e o milagre do incenso  
554 | A oliveira da Nossa Senhora do Prado  
555 | Nossa Senhora do Incenso e a praga de gafanhotos  
556 | O milagre de São Domingos da Sobreira  
557 | A Senhora da Silva (1)  
558 | A Senhora da Silva (2)  
559 | A Senhora da Silva (3)  
560 | Lenda da Nossa Senhora da Póvoa  
561 | Santa Comba  
562 | O nome da Senhora da Quebrada  
563 | Nossa Senhora do Bom Sucesso  
564 | A lenda de Santa Bárbara  
**[435] LENDAS HISTÓRICAS**  
[435] CERCOS A CASTELOS / BATALHAS  
565 | O cerco do castelo de Monsanto  
566 | A Senhora do Bom Sucesso  
567 | Os pés dentro dos sapatos  
568 | O Zé do Telhado em Penamacor  
[437] POVOAÇÕES DESAPARECIDAS  
569 | A povoação das Águas e as formigas  
570 | Benquerença e a mudança de lugar  
571 | A mudança da Nossa Senhora da Quebrada  
**[439] LENDAS ETIOLÓGICAS**  
[439] NATUREZA (TERRA, RIOS, PEDRAS, FLORES)  
572 | A lenda dos três rios  
573 | A pata do cavalo e os "sapatinhos" de Santa Sofia  
574 | O fim do mundo  
[441] TOPÓNIMOS E ANTROPÓNIMOS  
575 | A origem do nome de Penamacor  
576 | A penha do Macor  
577 | O nome da Aldeia do Bispo  
578 | Meimão e Meimoa  
579 | Lenda da Aldeia de João Pires  
580 | Porque é que às Aranhas se chama Aranhas  
581 | O milagre de Santa Sofia e o nome de Salvador  
582 | O nome dos habitantes de Benquerença

## ROMANCEIRO

### [449] ROMANCES TRADICIONAIS

583 | D. Silvana  
584 | A morte de Dom Ângelo  
585 | Gerinaldo  
586 | Adelina (1)  
587 | Adelina (2)  
588 | Aldininha  
589 | A Bela Infanta (1)  
590 | A Bela Infanta (2)  
591 | D. Susana  
592 | A rainha e a sua escrava  
593 | O senhor Dom Gato  
594 | Parto em terras longínquas  
595 | Rosa Branca  
596 | Rosa Branca está para parir  
597 | Moreninha  
598 | Aninha  
599 | Lá vem Jorge (1)  
600 | Lá vem Jorge (2)  
601 | Lá vem Jorge (3)  
602 | Lá vem Jorge (4)  
603 | Dom Jorge  
604 | Leviana  
605 | O soldadinho novo  
606 | O soldado  
607 | O triste cego  
608 | Donzela guerreira  
609 | Os olhos do Leonardo  
610 | Claralinda  
611 | A nau Catrineta  
612 | Que cavaleiro é aquele?  
**[479] ROMANCES RELIGIOSOS**  
613 | Santa Teresa de Jesus  
614 | O lavrador da arada (1)  
615 | O lavrador da arada (2)  
616 | O lavrador da arada (3)  
617 | O lavrador da arada (4)  
618 | Santa Iria

619 | A Virgem na montanha  
620 | Quinta feira de Endoenças  
621 | Sexta feira pela luz  
622 | A Barca Bela  
623 | A confissão da Virgem (1)  
624 | A confissão da Virgem (2)  
625 | O sonho de Nossa Senhora  
626 | Nossa Senhora lavadeira  
627 | Romance de Santo António  
628 | Santo António livra o pai da forca (1)  
629 | Santo António livra o pai da forca (2)  
630 | Santo António livra o pai da forca (3)  
631 | A rainha Santa Isabel e o pobre  
632 | Responso a Santo António  
633 | Andorinha Gloriosa  
634 | Daniel na cova dos leões

#### **[495] ROMANCES VULGARES, CANTIGAS NARRATIVAS E FOLHETOS DE CORDEL**

635 | Deus te salve ó Rosa  
636 | Ricardina (1)  
637 | Ricardina (2)  
638 | Ricardina (3)  
639 | Ricardina (4)  
640 | Retrato da namorada  
641 | Uma nova rapariga  
642 | Águas claras  
643 | Júlia Amélia  
644 | O crime da madrasta  
645 | O casal separado  
646 | Rosalina  
647 | Uma mãe tinha inveja da filha  
648 | Amélia do coração  
649 | Isaura  
650 | Maria dos Anjos (1)  
651 | Maria dos Anjos (2)

652 | A Elisa leiteira  
653 | No cemitério de Alá  
654 | No dia três de janeiro  
655 | O garotinho de dez anos (1)  
656 | O garotinho de dez anos (2)  
657 | Pai mata a filha  
658 | Pia o mocho, pia o mocho  
659 | O homem bem casado  
660 | Uma tragédia de amor  
661 | Mário Fernandes Morais  
662 | José Pina e Maribela  
663 | O malvado jogador (1)  
664 | O malvado jogador (2)  
665 | O soldado mobilizado  
666 | A velhinha  
667 | Amélia  
668 | Ó Amélia

#### **[529] BIBLIOGRAFIA**

#### **[531] INDICES REMISSIVOS**

[531] INDICE DOS TIPOS  
[539] INDICE DE INFORMANTES E SUAS VERSÕES  
POR FREGUESIAS

#### **[545] APÊNDICE AO ROMANCEIRO RELIGIOSO, CONTOS E CORDÉIS**

669 | Oh que noite tão escura (1)  
670 | Oh que noite tão escura (2)  
671 | São José e a Virgem Maria  
672 | O sonho de Nossa Senhora (2)  
673 | A mãe Catrina e o sapateiro  
674 | Isaurita  
675 | Cristo, São Pedro e São Brás dormem num convento

#### **[551] AGRADECIMENTOS**

## NOTA PRÉVIA

Num mundo em constante mudança cultural, alavancada pelas tecnologias digitais, as tradições dos nossos antepassados vão-se perdendo no tempo. O envelhecimento da população, a separação inter-geracional (agravada pela migração dos jovens para as cidades ou para o estrangeiro) e uma cada vez maior multiculturalidade do interior, leva a um desaparecimento pré-anunciado das nossas tradições orais, que eram o garante da nossa identidade secular como nação. Como parte dessa tradição oral, as artes verbais narrativas – Contos, Lendas e Romances – contavam histórias que divertiam as populações rurais, mas também as educavam e preparavam para enfrentar as realidades da vida quotidiana. As tecnologias de comunicação de massas, a rádio, a televisão e, agora, a internet, vieram tornar obsoletas as antigas práticas comunicativas, que também eram simultaneamente fatores de coesão social, sendo partilhadas nos trabalhos coletivos (nos serões, nos afazeres agrícolas) ou no recato do lar entre avós e netos.

Os meus avós não tinham o hábito de me contar contos tradicionais, mas tinham histórias de outros tempos, como esta: *A minha avó foi da Benquerença à Covilhã com uma cesta de ovos à cabeça. (Eu não sei como a cesta lá chegou. É uma coisa inacreditável, mas a cesta de ovos ia à cabeça e chegou com os ovos inteiros à Covilhã.) E o meu avô, que a acompanhava, levava umas perdizes, que vendia de porta-em-porta. E essas perdizes (o meu avô nunca foi caçador – habilitado, diria), como é que ele as apanhava? Apanhava-as com uns laços que fazia, próximo dos ninhos das perdizes, fazia os laços com os cabelos do rabo do burro e a perdiz ficava lá presa com a pata. Eram tempos em que havia muita caça, muitos animais selvagens, e, a exemplo de hoje, as perdizes abundavam por aqueles campos ali da Benquerença. (Por todo o lado, mas por ali também.) E, obviamente, era fácil apanhar as perdizes porque elas eram muitas. E era assim que apanhavam as perdizes, de forma clandestina. E de forma clandestina também iam à Covilhã vendê-las. E a história de um desses dias que o meu avô conta – diz que iam lá de porta-em-porta vender e bateram à porta de um senhor que diz que trabalhava para a PIDE. Nem mais nem menos, pronto. E arranjou-se um problema, não é? Obviamente que o meu avô e a minha avó deixaram de se importar com as perdizes e com os ovos. Estavam mais preocupados com a segurança deles. E a única forma de saírem de lá e não serem detidos, porque estavam clandestinamente a vender produtos, foi deixarem lá tudo: ficaram lá as perdizes e a cesta [dos ovos].*

O Município tem muitas responsabilidades perante a população do Concelho que administra e, naturalmente, as necessidades materiais básicas para assegurar uma vida digna aos munícipes estão em primeiro lugar. No entanto “nem só de pão vive o homem”, o lado cultural das populações, aquele que assegura a pertença dos indivíduos a uma comunidade, é também fundamental para a coesão social. Sabendo que o tempo urge para recolher e fixar a memória da população sénior num suporte duradouro, já que “cada vez que um velho morre é uma biblioteca que arde”, o Município de Penamacor decidiu encetar este trabalho de recolha da oralidade em todas as freguesias do concelho e publicar os resultados em livro.

Que o mesmo seja proveitoso para o conhecimento das nossas raízes culturais populares, não só para os Penamacorenses atuais ou futuros, mas também para levar um pouco da “alma” desta população raiana a outras localidades de Portugal e, quiçá, ao estrangeiro.

Que esta obra transporte com ela os bons ventos da Beira.

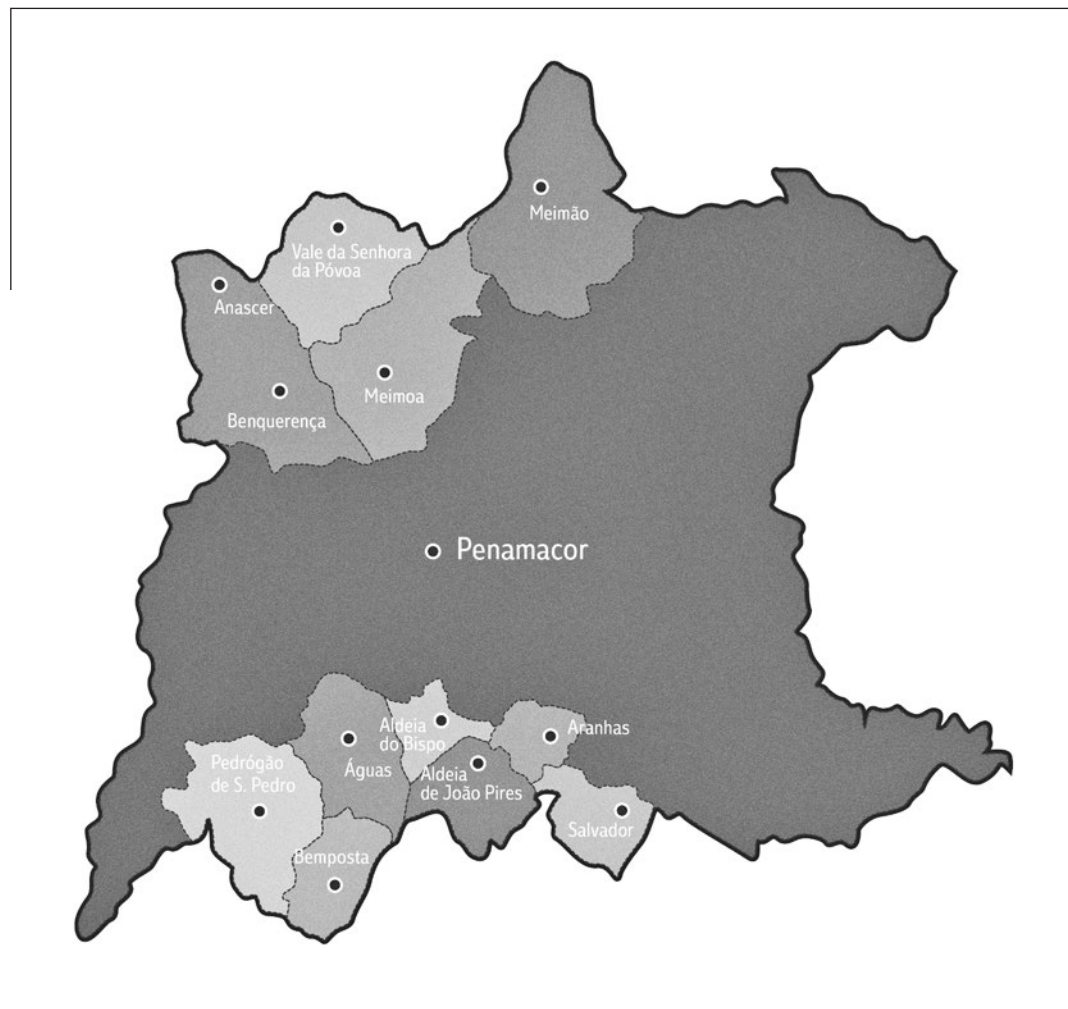
António Luís Beites Soares

Presidente da Câmara Municipal de Penamacor

## INTRODUÇÃO

Este é um livro de Literatura Oral Tradicional narrativa, ou seja, uma obra composta por *histórias* que circulam nas comunidades humanas, na voz de narradores que as ouviram oralmente aos seus antepassados, guardaram-nas na memória e as vão contando à geração atual sempre que as circunstâncias se afigurem propícias para tal. Desde já se nos depara uma contradição: estas narrativas orais e memoriais são fixadas, aqui, de forma escrita e sobre um suporte em papel. Também é subvertida uma outra característica fundamental destes géneros tradicionais: a *variação*, ocorrida de cada vez que uma dada história é contada na oralidade, é aqui fixada “para sempre”. É o preço a pagar pela conservação deste património imaterial, materializando-o para que perdure no tempo.

Tendo em conta este senão, procurámos, desde o início, tratar estes materiais memoriais de uma forma cuidada, científica, de modo a que o leitor (do curioso ao especialista) tenha acesso, tanto quanto possível, às versões lembradas e ditas (ou cantadas) por cada guardião da memória tradicional a que chamamos “informante”. Assim sendo, todas as versões foram gravadas em formato áudio ou vídeo e transcritas *verbatim*, ou seja, literalmente, com as próprias palavras de cada informante. Da mesma forma, as versões cantadas também foram transcritas para pauta musical o mais fielmente possível. Os interessados poderão ter acesso aos critérios de recolha e transcrição (literária e musical) a seguir a esta introdução. Uma vez transcritas, as versões foram organizadas de acordo com a sua natureza: por *géneros* (contos, lendas, romances, folhetos), *subgéneros* (contos de animais, lendas do sobrenatural, romances tradicionais, para só mencionar um de cada género) e *tipos*. Neste último caso, recorreremos a uma série de catálogos nacionais e internacionais que tipificam cada uma das versões de modo preciso e consensual entre os especialistas, de modo a deixar esta coletânea preparada para facilmente poder ser usada nos estudos comparativos de Literatura Oral Tradicional a nível regional, nacional ou internacional.



[Fig. 01] Freguesias do concelho de Penamacor antes da reforma administrativa de 2013.

Esta obra assume-se como um *corpus* que pretende ser exaustivo no interior de um território (o concelho de Penamacor), e fornecer um “retrato” atual das narrações tradicionais que ainda são recordadas hoje neste espaço geográfico. Quanto à geografia, pretendeu-se reunir versões de todas as freguesias do concelho<sup>01</sup> de forma a torná-las representativas. Para tal, procurou-se encontrar o maior número de informantes possível e gravar destes o maior número de versões. No total foram gravadas 675 versões a 110 informantes. Temporalmente, as gravações foram feitas entre o ano de 2003 e junho de 2025. A ideia de fazer um livro com todas estas recolhas

01 Ver mapa.

com o apoio do Município de Penamacor surgiu no âmbito do *Penamacontos*, e, durante o festival, foi organizada uma sessão pública de narração oral na Meimã, onde quatro dos informantes aqui recolhidos contaram alguns contos e anedotas do seu repertório.

O concelho de Penamacor – basicamente um espaço quadrado – possui a sua sede de concelho no centro do território e dois aglomerados de aldeias / freguesias a Norte e a Sul, com contactos mais próximos com os concelhos limítrofes (Sabugal e Idanha-a-Nova) do que propriamente à Vila de Penamacor. Por sua vez, a sede de concelho constitui-se como uma enorme freguesia. Estes fatores geográficos vão influenciar, por sua vez, as tradições culturais que circulam nessas freguesias, contribuindo para uma rica diversidade de tradições populares. Devido à sua centralidade, tamanho e proeminência, a freguesia de Penamacor possui – sem surpresas – o maior número de informantes e de versões (39 informantes; 304 versões). A Norte vamos encontrar as freguesias do Vale da Sra. da Póvoa (4 informantes; 10 versões), Benquerença (11 informantes; 49 versões – entre os quais 4 informantes do Anascer que contaram 17 versões), Meimã (14 informantes; 40 versões) e Meimã (3 informantes; 8 versões). A Sul temos as freguesias de Pedrógão de S. Pedro (5 informantes; 41 versões), Águas (2 informantes; 22 versões), Bemposta (7 informantes; 20 versões), Aldeia de João Pires (5 informantes; 43 versões), Aranhas (10 informantes; 90 versões) e Salvador (5 informantes; 25 versões). Como facilmente se constata, se excetuarmos as freguesias de Meimã e Vale da Sra da Póvoa, todas as outras possuem um número significativo de versões. O número de informantes não está diretamente relacionado com o número de versões já que o que cada pessoa sabe ou é capaz de contar/cantar é muito variável. A esmagadora maioria dos informantes, nesta obra, narrou entre 1 e 9 versões. Doze informantes narraram entre 10 e 20 versões e só oito informantes contaram mais de 20 versões. Entre estes, destacam-se dois: João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, de 73 anos, que gravou 34 versões e, muito destacadamente, Maria Luísa da Conceição Furtado, de 90 anos (na foto), que gravou 84 versões (a grande maioria transmitidas oralmente pela sua madrinha Laura, que também foi residente nesta freguesia de Penamacor, e que a narradora ativamente reconstrói). Ambos vivem na Vila de Penamacor.

Ainda destacamos, relativamente aos informantes, outros casos dignos de apreço: Maria Celeste Borrego Salvado Correia, residente na Vila de Penamacor, que para além de ser uma boa informante e ter gravado 22 versões, pertence a uma família de Aranhas onde foi possível gravar o seu pai, Domingos Robalo Salvado, que contou 23 versões, a sua mãe, Isabel Borrega Flores, que contou 29 versões e ainda a sua tia e filha. É, pois, um caso notável onde se verifica que a tradição oral circula no interior desta família de modo intergeracional. Aproveitamos para dizer que outros informantes referem, em algumas gravações, que aprenderam as suas versões com pai ou mãe, madrinha, vizinhos, entre outros. Habitualmente, esta aprendizagem faz-se durante a infância, normalmente nas terras de nascimento dos informantes, em suas casas ou na imediação das mesmas.





[Fig. 02] Maria Luísa Furtado. Nasceu em Penamacor em 13.02.1934

Há uma ideia preconcebida de que só as pessoas idosas, maioritariamente mulheres, é que são os melhores informantes. A experiência prática de trabalho de campo confirma em grande medida esta ideia. Nesta obra, é de referir Rosa Maria Matanço, residente também em Aranhas, que, apesar da sua avançada idade (98 anos à data da recolha), ainda foi capaz de narrar 10 versões, que se juntam às duas que a sua filha contou. Do outro lado do espectro, temos as crianças, que normalmente são ignoradas pelos coletores e investigadores de Literatura Oral. Nesta obra temos a presença de duas

crianças de 9 anos, que contaram pequenas anedotas que ouviram aos avós. Uma delas, José António Cruchinho, pertence a outra família de bons narradores, a saber, é bisneto de Conceição Andrade, sobrinho-neto da Alice Amaral, e neto de Maria de Lurdes Ramos Lourenço. De alguma forma cremos que a tradição oral se vai preservar nesta geração. Por último, cabe ainda destacar Maria de Lurdes Ramos Leitão Lourenço, de Águas, que, para além de nos ter contado 21 versões, foi também informante do investigador José P. da Cruz, especialista no Romanceiro beirão. São estas sucessivas recolhas ao longo do tempo que nos dão pistas para avaliar a vitalidade ou a decadência da tradição oral num certo território. Saliente-se ainda que alguns informantes preferiram manter o anonimato.

#### FALEMOS UM POUCO DE COMO ESTA OBRA ORGANIZA AS VERSÕES RECOLHIDAS.

Em primeiro lugar o corpus narrativo do concelho de Penamacor elenca os contos tradicionais. São histórias de ficção em prosa que assumem, de uma maneira geral, a função de entreter (por vezes manifestando conteúdos didáticos, moralizadores ou de crítica social implícita). Tradicionalmente poderiam ser contados a uma só pessoa ou a um coletivo, no recato da casa ou em espaços públicos. Estas narrativas possuem uma classificação específica por *tipos*, sendo cada tipo uma narrativa (história) específica, que por sua vez se pode multiplicar em numerosas versões diferentes (cada informante conta a “sua” versão, ou seja, uma variante da história arquetipal<sup>02</sup>). O *corpus* de contos desta obra abarca 234 tipos: 170 tipos com uma só versão, 49 tipos com 2 versões, 10 tipos com 3 versões, 4 tipos com 4 versões, 1 tipo com 5 versões e 2 tipos (ATU 60, *A raposa e a cegonha* e ATU 2014, *Anfiguris com contradições*) com 7 versões. Pelo número de versões (o que é o mesmo que dizer pessoas que os sabem contar no concelho) estas duas histórias são as mais populares neste território. Se quisermos fazer a contabilidade em termos de subgéneros, temos: *contos de animais* (57 versões), *contos maravilhosos* (29 versões), *contos religiosos* (29 versões), *contos realistas* (13 versões), *contos do diabo estúpido* (5 versões), *contos jocosos* (160 versões), *anedotas* (161 versões) e *contos de fórmula* (21 versões). No total temos 314 versões de contos. Para a classificação dos contos usamos o catálogo internacional (vulgo ATU) e outros catálogos regionais, quando certas versões não figuram no catálogo internacional. As anedotas embora narrativamente sejam idênticas aos contos jocosos, não possuem classificação por tipo, pelo que foram organizadas tematicamente.

Em segundo lugar temos as lendas. São narrativas maioritariamente em prosa (por vezes também surgem em verso<sup>03</sup>), que possuem uma ligação particular às crenças das populações, tanto pagãs como cristãs. Este género tende a ser mais local do que universal (embora as figuras dos fantasmas dos mortos, os lobisomens e as bruxas sejam, de facto,

02 A história é arquetipal porque é tendencialmente internacional: por exemplo, a Gata Borralheira é conhecida e contada por todo o mundo por povos com culturas e línguas diferentes.

03 Nesta obra recolhemos uma versão em verso da conhecida “lenda urbana” The Vanished Hitchhiker, que se publica com o nº 517, *A alma perdida*. É narrada por Joaquina Costa, uma senhora de 93 anos, o que atesta que esta história que circula habitualmente em prosa, entre jovens, não é uma lenda “contemporânea” e também é conhecida pelos mais idosos, talvez proveniente de um folheto de cordel.



transnacionais), e refletem uma leitura da paisagem geográfica dos locais sob a ótica de uma série de crenças comunitárias em seres sobrenaturais, fenómenos estranhos, artefactos ou personagens ligados à esfera eclesiástica, etc. As lendas humanizam os espaços naturais, muito embora os faça habitar por seres terríveis. As lendas, divididas em 4 subgéneros, possuem as seguintes categorias nesta obra: *lendas do sobrenatural* (71 versões), *lendas sagradas* (20 versões), *lendas históricas* (7 versões) e *lendas etiológicas* (11 versões). No total reúne-se 109 versões de lendas.

Como facilmente se pode verificar, as lendas do sobrenatural são as mais numerosas. Abarcam figuras do maravilhoso pagão tais como lobisomens, bruxas, mouras encantadas, almas penadas, etc. Encontramos também duas figuras do sobrenatural autóctones das Beiras, a Boa Hora e a Má Hora. O maravilhoso cristão também está relativamente bem representado através das lendas sagradas, que narram milagres de santos, construções de capelas, etc. As lendas etiológicas, que tentam explicar os porquês das coisas, e as lendas históricas têm uma presença residual neste corpus. As duas lendas mais populares neste território são do sobrenatural: a da *bruxa-galinha*, com 6 versões e a dos *tesouros encantados*, com 12 versões. Como é um género que tende a ser local, foram identificados poucos tipos, quase todos eles encontrados num catálogo internacional de lendas migratórias.

Em terceiro lugar temos um género que ainda é mais localizado geografica e temporalmente: o romanceiro (a que juntámos as cantigas narrativas e os folhetos “de cego” memorizados e tradicionalizados). O romanceiro teve origem, por volta do séc. XV, na corte de Castela, difundindo-se depois por toda a Península Ibérica. O povo manteve esse género vivo por tradição oral até aos nossos dias. É um género em verso e era habitualmente cantado. As cantigas narrativas e os folhetos de cego, embora com fórmulas poéticas distintas, também são “parentes” do romanceiro, uma vez que contam histórias e podem ser cantados. Todas as versões cantadas pelos informantes nesta obra são acompanhadas pela sua transcrição musical. O romanceiro é uma relíquia histórica já muito difícil de recolher na tradição oral, daí que seja o género que menos versões apresenta nesta obra: *o romanceiro tradicional* e *o religioso* (55 versões) e *os romances vulgares, cantigas narrativas e cordéis* (34 versões). No total temos 89 versões destes géneros. Para a classificação tipológica dos romances recorremos simultaneamente a dois sistemas classificatórios: o “espanhol” (IGR) e o “americano” (RPI). No total identificámos 36 tipos de romances, sendo o mais popular o *Veneno de Moriana* (que o povo da Beira chama “lá vem Jorge”), com 6 versões gravadas.

Para procedermos à classificação dos géneros descritos acima usámos os catálogos elencados na bibliografia no fim do livro, a que se segue os índices de tipos, freguesias e informantes que remetem para as respetivas versões elencadas ao longo da obra.

Um trabalho como este, por transcrever fielmente – embora de modo fragmentário – a voz dos informantes (que no conjunto representam as comunidades de residentes do concelho de Penamacor), abre-nos uma janela para aceder à sua visão do mundo consubstanciada em formas peculiares de narrar, de cantar, de sentir e de usar a língua por vezes com

regionalismos, com arcaísmos, com palavras pedidas emprestadas ao castelhano. Um outro aspeto que se destaca por si mesmo é o uso generalizado de impropérios, na sua maioria de cariz sexual. O uso destes termos, nomeadamente nos contos jocosos e anedotas, é, muitas vezes, decisivo para provocar o riso e define uma estética que podemos apodar de licenciosa. Por esta razão, a sua censura prejudicaria seriamente as versões em causa. Como tal é uma peça importante quer para o conhecimento ou reforço de uma identidade regional própria, quer como peça de um puzzle mais geral que é Portugal com os seus 308 municípios (278 no Continente, 11 na Madeira e 19 nos Açores). Esta recolha é também um testemunho de uma época passada onde os jovens aprendiam com os mais velhos quando estes contavam o que sabiam nas atividades de trabalho ou de lazer, no exterior durante o dia ou nos serões à lareira. Mapeamos aqui um concelho, recolhendo os três géneros narrativos da Literatura Oral Tradicional em todas as suas freguesias. Seria muito bom que todos os concelhos do país tivessem uma obra semelhante a esta. Só assim, futuramente, se poderá compreender (através de estudos comparativos) o que é essa abstração a que se convencionou chamar de Património Imaterial.

Paulo Jorge Correia



## CRITÉRIOS DE RECOLHA, TRANSCRIÇÃO E EDIÇÃO

### TRABALHO DE RECOLHA DA ORALIDADE

Desde o início se previu que o âmbito geográfico das recolhas abrangesse as doze freguesias que constituem o concelho de Penamacor, incluindo a anexa de Benquerença, Quintas do Anascer. Na escolha dos informantes privilegiou-se ouvir pessoas idosas cuja faixa etária se situasse acima dos 80 anos.

Durante o trabalho de campo a abordagem aos informantes divide-se em dois momentos:

O espontâneo, que parte do cruzamento entre pessoas na rua, a quem cumprimentamos e explicámos ao que íamos. A partir daqui recolhemos nomes e dados de potenciais informantes.

O planeado, com conhecimento prévio de nomes de informantes, nomeadamente em Benquerença, Meimoa e Aranhas.

O calendário das recolhas situou-se entre 2003 e 2025. Tal facto ocorreu porque foram adicionadas gravações de terreno feitas antes deste projeto ter começado, que foram feitas maioritariamente na primavera-verão. As versões de 2003 foram recolhidas num projeto de promoção da leitura nas escolas do ensino básico no concelho. O trabalho de recolha específico para este projeto foi mais intensivo e decorreu entre julho 2024 e junho de 2025.

Os locais das recolhas foram diversificados de acordo com as ocasiões e pessoas envolvidas: casa dos informantes, esplanadas de cafés, centro de dia de Benquerença, praia fluvial de Benquerença, praia fluvial de Meimoa, Biblioteca Municipal, antiga escola primária de Meimoa, forno comunitário do Vale da Sra. da Póvoa, Junta de freguesia de Penamacor, Jardim da República em Penamacor, escola básica de Penamacor, lar residencial Bárbara Tavares da Silva, etc.

Quanto aos aspectos técnicos, as gravações foram feitas em formato digital em áudio e por vezes (poucas) em vídeo. Os audios foram editados no gravador de voz do telemóvel e separados e arquivados em pasta por informantes e freguesias. Este processo tem como objetivo a formação de um arquivo áudio do projeto a ser depositado no município de Penamacor o qual contém a quase totalidade das versões transcritas neste livro.



Foram privilegiadas as abordagens espontâneas, que começaram normalmente com uma conversa inicial. Nas interações entre coletora e informantes foi notada a arte de bem receber, a conversa afável, a disponibilidade para ouvir e deixar-se ouvir, o compromisso de pensar nas versões e voltar a marcar encontro. Por outro lado, esta espontaneidade de percorrer a pé as ruas das aldeias trouxe-nos a percepção dos territórios desabitados, das ruas mais desertas, do abandono de nos sentarmos à porta de casa para conversar com os vizinhos, informantes muitos deles a viver sozinhos e onde a arte de contar “histórias” já se tinha perdido. O ponto menos positivo tem que ver com a falta de uma transmissão oral ativa entre famílias e comunidades. Encontramos uma comunidade onde se sentia que as versões já estavam esquecidas, mas que, graças à nossa insistência, nos surpreendeu com a quantidade das versões reunidas neste livro. Foi um bom exercício de puxar pela memória dos idosos, como é o caso da Luísa Furtado. Por outro lado, foi uma experiência fascinante quando ouvimos, gravamos e valorizamos a memória dos informantes deste concelho, que em muitos casos foram, eles próprios, desvalorizando as versões que ainda conservam na memória. Poucos são os casos em que avós e netos se cruzam nesta partilha, mas destacamos a Joaquina Andrade de Meimoa, que ainda narra contos da tradição oral aos netos e a família Borrego Flores, de Aranhas, na qual se cruzam três gerações de guardadores de memória que fazem recurso ao registo escrito destas tradições orais para evitar o seu esquecimento.

## TRANSCRIÇÃO E EDIÇÃO LITERÁRIA

Porque a totalidade dos textos desta antologia provém de fontes sonoras, i.e. gravações áudio ou vídeo dos informantes, tentámos ser, tanto quanto possível, fiéis a esse discurso oral. No entanto, para criar uma unidade no conjunto das versões e permitir uma leitura fluida, foram eliminadas marcas do falar regional, apesar de, excepcionalmente, poderem subsistir algumas delas nos diálogos, quando tal faz parte da própria característica das personagens. Assim, na sua quase totalidade, os textos espelham a fonética normalizada do português, muito embora se respeite sempre as especificidades lexicais próprias de cada indivíduo.

Na edição de texto, tentámos seguir com a pontuação a oralidade do informante, desde que isso não prejudique a leitura. Os diálogos foram formatados na forma de dois pontos – parágrafo – travessão. Quando se trata de pensamentos das personagens, estes são inseridos entre aspas. As aspas são usadas também para destacar palavras especiais. Os comentários extradiegéticos do narrador são colocados dentro de parêntesis curvos e os acrescentos do transcritor/editor aparecem entre parêntesis retos. Os itálicos foram usados para destacar línguas como o castelhano – que por vezes irrompe do texto português como fala de um personagem estrangeiro –, para marcar certas palavras usadas pelo narrador que não são ortograficamente (ou sintaticamente) corretas ou ainda destacar regionalismos, arcaísmos, etc. Algumas destas palavras surgem para assegurar a rima e, neste caso, também não as

corrigimos. Assinalámos também graficamente as formas poéticas ou fórmulas rimadas existentes no interior do texto em prosa.

Muito embora procurássemos ser fiéis às narrações dos informantes, por vezes optámos por cortar repetições e erros, fruto da sua insegurança ou esquecimento, em prol de uma percepção mais clara dos textos. Porém, tal só foi feito em casos estritamente necessários. Globalmente, pois, o texto apresentado é fiel às palavras do informante.

Porque se trata de uma coleção classificada de contos, lendas e romances da tradição oral, usamos, para cada um dos géneros classificações unânimes entre os especialistas. Para os contos usámos o sistema ATU onde a organização das versões do corpus segue a ordem alfanumérica deste sistema e a sua divisão por subgéneros: dos contos de animais aos contos formulísticos. Para as lendas usámos, tanto quanto possível, a classificação ML (Lendas Migratórias). Quando tal classificação tipológica não foi possível, usamos uma classificação por géneros e sub-géneros de cariz mais empírico e qualitativo. Por fim, para os romances, usamos uma dupla classificação IGR / RPI, usadas pelos especialistas da área. Assim, na presente obra, no início de cada “bloco temático” de versões indica-se o subgénero a que pertencem e, por baixo do título de cada versão, indica-se a sua classificação por tipo. No caso de esta ser composta por vários tipos (por exemplo em certas versões de contos de animais), estes são indicados em sequência, separados pelo sinal + ou /. Os textos compostos por vários tipos foram colocados, nesta obra, segundo a ordem do primeiro tipo da sequência.

Todos os textos são compostos de quatro partes: 1. O título. 2. A classificação. 3. O texto. 4. Os metadados, que são compostos por: a) Dados sobre o informante: nome, idade, (naturalidade). b) Dados sobre a recolha: freguesia e data de gravação. c) Nome do coletor. Por fim, podem aparecer em notas de rodapé dados relevantes para a compreensão de palavras “especiais” ou contextualização da narrativa.

A obra é acompanhada por dois índices – de tipos e de versões por informante e local de recolha, através dos quais se pode chegar rapidamente a determinado texto ou aceder a questões ligadas, por exemplo, à geografia folclórica (que remete para o mapa do concelho), ou encontrar bons narradores em determinadas freguesias, etc.

## TRANSCRIÇÃO E EDIÇÃO MUSICAL

Os fragmentos musicais transcritos em partitura correspondem a uma pequena estrutura melódica em modo de estrofe que se repete com diferentes versos até completar a narrativa. Por vezes, essa estrutura tem, a seguir, uma variação ou uma pequena resposta melódica, a qual é diferenciada na notação musical com barra dupla entre as duas partes. Só um fragmento da letra está inserido na partitura para simplificar, mas está indicada nela a continuidade dos versos, cantados pelos intérpretes com pequenas variações que não é necessário destacar. No entanto, em algumas peças musicais, registaram-se na pauta mais do que uma estrofe onde essas variações são mais notórias, pela sua expressividade ou originalidade.

Transcreveram-se os adornos considerados mais relevantes, de modo a que fique registada a expressão particular dos intérpretes ligada também a imaginários musicais comuns, mas sem que complicasse demasiado a leitura. Estes adornos são principalmente *melismas* (várias notas para uma sílaba) e *portamentos* (uma nota que desliza em microtons até uma outra, indicados na pauta como *port.* em cima da primeira nota). Nestas interpretações, os melismas têm um carácter sobretudo enérgico, de acentuação, enquanto os portamentos dão, em geral, um sentimento de lamento que realça o dramatismo das letras, por vezes associadas a acontecimentos profundamente trágicos. Mesmo assim, há alguns portamentos que não estão relacionados com nenhum dramatismo, mas sim com um aspecto mecânico da voz ou simplesmente com um apontamento estilístico bastante típico da música folclórica ou do canto de igreja. Também se incluíram algumas *apogiaturas* rápidas, chamadas notas de graça (nota ornamental curta que precede a nota principal e é representada por uma nota de menor tamanho, com um traço a atravessar a cauda).

As figuras rítmicas e melódicas tentam ser fiéis à interpretação de cada pessoa. No entanto, por vezes tiveram que se “reconstruir” alguns elementos da maneira mais respeitosa e lógica possível, quando se apresentavam algo indefinidos, baseando-nos no contexto musical e na análise do ritmo harmónico de cada peça, à maneira de um restaurador que completa uma peça de arte tentando não criar um “falso histórico”.

Alguns compassos poderiam medir-se de várias maneiras: como simples ou compostos. Fizeram-se essas escolhas sentindo sobretudo quando as subdivisões são “swingadas” ou não. Os compassos irregulares, transcritos em algumas versões, correspondem a frases musicais dando ênfase a determinados acentos e pausas, com um certo grau decisivo na interpretação. Noutros casos, não se plasmaram nas partituras certas irregularidades métricas por estas estarem ligadas a tempos extra causados por uma respiração mais lenta, ou após um fraseio muito longo, uma indecisão ou um esquecimento momentâneo. Nas situações em que a paragem numa nota (ou silêncio) implicava uma intencionalidade inerente à mensagem ou à estrutura musical, expressou-se adicionando uma *fermata* ou suspensão (o tempo fica suspenso durante o intervalo que o intérprete considerar oportuno).

As tonalidades das canções correspondem às interpretações que foram transcritas. Tendo em conta que as pessoas cantam “a capella” (sem acompanhamento musical), as tonalidades flutuam em alguns casos, pelo que se teve de escolher o tom que seja mais fácil para a leitura ou mais estável durante a execução da canção. O repertório está em música tonal (tonalidade definida em que existe uma hierarquia tanto entre as notas como nos acordes, o que nos faz sentir uma cadência lógica entre a sensação de estabilidade e instabilidade de um acorde para o seguinte), e há uma peça politonal (que se movimenta entre duas tonalidades). Muitas músicas têm uma melodia completamente diatónica (sem sair das sete notas do modo maior jônio ou do modo menor natural (também chamado eólio), os quais temos muito presentes na nossa memória ocidental. Outras, contêm algumas notas que pertencem a acordes dominantes secundários (em que se altera pelo menos uma

dessas sete notas para criar tensão num acorde concreto de carácter mais dominante). De referir que raramente aparecem notas de passagem à maneira cromática (por semitons). Nos pequenos textos (notas) sob cada transcrição musical, expomos a tonalidade e alterações se as houver. A indicação de metrónomo no início de cada partitura é uma aproximação à velocidade de interpretação pois, em geral, há muitas flutuações no tempo. Por último, cabe destacar que, como costuma acontecer na música tradicional, a sílaba tónica não é respeitada na sua acentuação.

Os estilos são bastante variados, e neles pode sentir-se a influência do folclore português, do fado ou até, em alguns casos concretos, da música sul-americana ou espanhola (com algum matiz flamenco, por exemplo).

Optou-se por escrever as partituras em clave de sol “oitava abaixo” (indicada com um 8 em baixo do símbolo da clave de sol, no início do pentagrama) por ser de leitura mais fácil. Em geral, a imensa maioria dos intérpretes foram mulheres idosas, pelo que a sua amplitude vocal tende a ser mais grave do que seria numa idade mais jovem. Assim sendo, algumas partes da melodia situam-se numa zona intermédia entre a clave de Sol e a clave de Fá e, se fossem transcritos normalmente, implicaria um maior uso de linhas suplementares nos pentagramas, dificultando a compreensão rápida da pauta.

Elaborar uma partitura sempre implica uma escolha dos elementos que aparecem e os que ficam de fora, e, neste caso, o elemento primordial é a subjetividade de cada intérprete, a qual ecoa não só na sua própria sensibilidade, mas também no sentir do povo onde as memórias de um tempo e de um lugar concretos nasceram e se desenvolveram. Esse recanto emocional coletivo viaja de boca em boca através da música e da poesia nela narrada, quer reutilizando melodias ou narrativas comuns, quer indo por outros caminhos mais inusitados. Mas todos estes trajetos são as veias do mapa cultural daquelas pessoas, daqueles tempos que parecem às vezes dissipar-se na velocidade das estradas do *mainstream* que uniformiza a nossa escuta, deixando em tantas ocasiões o saber popular e a sua rica e saudável diversidade no esquecimento. Estas partituras são cartografias dos sons deste livro que procura veicular essa riqueza, não só para os leitores de hoje, mas também para as gerações futuras, para que elas também possam usufruir destes mapas, cheios de terra, raízes, chuva, mãos, desencontros, esperanças, movimento, vida!

**CORPUS  
NARRATIVO.**





**CONTOS.**

**CONTOS.**

# CONTOS DE ANIMAIS

## 1 | A RAPOSA E O LOBO

ATU 3 + 4 + 1

Dantes malhavam as sementes com os *mongais*<sup>01</sup>, não é? Davam de um lado e do outro.

E a raposa disse p'ró lobo (a raposa é sempre mais fina que o lobo, e disse):

– Ó compadre, você vai aí pelo meio dos *mongais*, que eu vou aqui por trás a buscar as merendas.

– Está bem.

O lobo, assim que foi lá pelo meio dos *mongais*, os malhadores, oh, cuidado! Aquilo bateram nele até, até...

Ela comeu as merendas e pôs uns miolos de arroz na cabeça.

Bom, ao fim de lá se encontrarem, o lobo disse para a raposa:

– Ó comadre, trataram-me tão mal, tão mal...

E ela disse-lhe assim:

– Ai, também a mim, compadre! Olhe aqui, até me deitaram os miolos de fora da cabeça!

Ai, ó compadre, leve-me lá às costas!

E o lobo lá a levou às costas. E depois ela dizia assim:

– *Rão, rão, o podre leva o são;*

*Rão, rão, o podre leva o são!*

– Ó comadre, o que é isso?

– É uma oraçozinha para nos curarmos.

Tornava:

– *Rão, rão, o podre leva o são;*

*Rão, rão, o podre leva o são!*

Tanta vez disse aquilo até que ele se enfadou, deitou-a para dentro de um poço. Deitou-a para dentro de um poço, ela lá andou, lá andou, lá se conseguiu tirar. Lá se conseguiu tirar, e depois pôs-se lá ao pé do poço para enxugar... ao sol, para enxugar.

01 Instrumento de lavoura composto por duas varas de madeira, uma grande e uma pequena, ligadas por uma pequena corrente de ferro. Agarrando na vara maior, o trabalhador elevava o *mangual* e fazia-o descer com força sobre o centeio, para separar o grão da palha.

Passa lá um senhor a vender sardinhas, e então, *pose-a* no cimo do caixote das sardinhas. E ela, uma comia, outra deitava fora; uma comia, outra deitava fora; uma comia, outra deitava fora... Até que despejou o caixote das sardinhas ao homem. E ela, depois, saltou do caixote.

Encontrou outra vez o lobo:

- Ó compadre, olhe aqui peixinhos!
- Ai, tão bons, dê-me lá um!

– *Quem quer peixes molha o rabo.* – diz-lhe a raposa.  
*Quem quer peixes molha o rabo.*

Ele, então, vai à ribeira, vá de esfregar o rabo na ribeira, para molhar o rabo.

- Já molhei!
- Ah, não...

*Quem quer peixes molha o rabo.*

E ele tornava lá a ir à ribeira a molhar o rabo. Mas ela dizia-lhe que não, e pronto... e não, e não lhe deu peixes nenhuns.

*Conto acabado, espiga no rabo,  
Alevante o cu que o tem pegado.*

.....  
**Informante:** Joaquina Andrade, 74 anos.

Recolha feita na freguesia da Meimoa por Gorete de Brito e Maria João Cabanas em 10.7.2024  
.....

## 2 | A RAPOSA E O MOCHO

ATU 6

O mocho, antigamente, falava. Falava prá raposa. E a raposa andava à caça. E o que é que acontece? Sentiu cantar o mocho e pôs-se à coca.

– *Moocho.* [imita o pio do mocho]

Ela pôs-se à coca, devagarinho, devagarinho, devagarinho. Quando se deu conta, truz, dá um salto e caçou o mocho. Ficou com o mocho na boca.

E diz assim a raposa:

– Agora já te cacei.

E diz-lhe ele [o mocho]:

– Olha, para saberem os meus filhos, para saberem que tu me agarraste, dizes assim p'ra eles: “Mocho comi!”. Diz assim só: “Mocho comi!”. E pronto, e depois já me podes comer.

E a raposa esteve a pensar (é muito esperta, mas também cai). E quando ela abre a boca:

– Filhos, mocho comi!

Ele [o mocho] saiu p'ra fora:

– Mas não foi a mim! (risos)

.....  
**Informante:** Alfredo Ferreira, 85 anos, n. Vila Longa (c. Satão).

Recolha feita na freguesia de Salvador por Gorete de Brito em 19.10.2024.  
.....

## 3 | A RAPOSA MADRINHA E O LOBO

ATU 15

Então era um lobo e uma raposa e foram a roubar um cordeiro.

E o lobo disse p'rá raposa:

– Vimos cá amanhã a comê-lo?

– Sim, pode ser.

Ao outro dia, o lobo foi p'rá raposa:

– Ó comadre, vamos lá hoje?

– Ai, hoje não pode ser. Porque tenho um batizado e sou eu a madrinha. Não posso ir.

– Então e como é que se chama [o afilhado]?

– *Comeceite!*

Ao outro dia... passou-se este dia, ao outro dia foi lá outra vez o lobo, e disse para a raposa:

– Ó comadre, vamos lá hoje?

– Ai, hoje não pode ser! Hoje não pode ser!

– Então porquê?

– Tenho outro afilhado, sou madrinha... não pode ser.

– Então e como é que se chama o afilhado?

– *Mieite!*

– Está bem, vamos lá amanhã.

Ao outro dia, foi lá, e disse:

– Ó comadre, vamos lá hoje?

– Ai, hoje também não pode ser, hoje também não pode ser. Porque sou madrinha de um novo afilhado e não posso ir.

– Então e como se chama hoje o afilhado?

– *Acabeite!*

– Está bem, vamos lá amanhã.

E ela depois comeu-o todo e deixou só o rabo, pronto, para puxar.

Ao outro dia [o lobo] foi lá e disse:

– Ó comadre, vamos lá hoje?

– Vamos!

E foram lá, então. E disse [a raposa]:

– Ó compadre, puxa lá tu, que tens mais força que eu, para arrancares com o cordeiro.

O lobo vai, com toda a força, a puxar. Depois caiu. Caiu, e a raposa botou-se a fugir.

E depois o lobo lá foi atrás dela.

---

**Informante:** Joaquina Andrade, 74 anos.

Recolha feita na freguesia da Meimoa por Gorete de Brito e Maria João Cabanas em 10.7.2024

---

## 4 | A RAPOSA E O LOBO

ATU 15

Uma vez vinham um lobo e uma raposa e encontraram um cabrito. O que é que pensaram? Tinham a barriga cheia, tinham comido e pensaram-no enterrar. E depois iam lá, quando um dia calhasse. Assim foi. Passou tempo e o lobo foi ter com ela:

– Ó comadre raposa, então quando é que vamos a comer o cabrito?

– Ai, compadre, hoje não posso. Hoje de maneira nenhuma, tenho que ir a um batizado.

– Está bem, vai lá ao batizado.

Quando veio do batizado ele foi lá ter, outra vez, a ter com ela:

– Então comadre, e como é que é o nome do afilhado?

– *Comeceite.*

Foi lá, outro dia:

– Ó comadre raposa, é hoje que lá vamos?

– Ai, hoje não, tenho outro batizado.

– Pronto, fica para outro dia...

Lá foram [embora].

Ele foi outra vez a saber:

– Então e que nome pôs ao afilhado?

– *Mieiti.*

– Está bem.

Lá passou o tempo: “Deixa-me lá ir ver a comadre raposa, para ir comer o *coiso...*”

Foi lá, outra vez e disse-lhe assim:

– Então comadre, vamos lá hoje?

– Ai, não! Hoje é que não, de maneira nenhuma! Não posso faltar a este batizado.

– Pronto, está bem. Vá lá, comadre, vamos esperar mais uns dias.

Quando lá foi, foi saber do nome do afilhado:

– Então como é o nome do afilhado?

– *Acabeite.*

Bem, teve que lá ir outra vez. Foi lá outra vez:

– Então, comadre, vamos lá hoje?

– Ai, hoje sim, hoje vamos!

Mas ela sempre de pé atrás.

– Então, quem é que puxa, eu ou a comadre?

(Ah, porque eles enterraram o cabrito e deixaram o rabo de fora, para saberem onde estava.)

– Então quem é que vai puxar?

– O compadre, que tem mais força.

(Ah, e ela foi ainda lá, fingiu que puxava, mas não puxou nada.) O compadre foi a puxar, com toda a força, caiu de costas. E ela já estava de pé atrás, quando ele caiu: “ó pezinhos, para que vos quero!”. (Mas ele lá foi atrás dela, já não sei se levou alguma tarefa, se não.)

Ela comeu o cabrito todo sozinha.

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 89 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 26.01.2024.

---

## 5 | COMECEI-TE E ACABEI-TE

ATU 15

Uma vez, o lobo mais a raposa também foram a um rebanho, também roubaram uma ovelha. Ó depois, comeram, encheram a barriga. E a raposa disse assim ao lobo:

– Ó compadre, agora o resto vamos aqui escondê-lo, para amanhã cá voltarmos a comer.

E ó depois, deixaram o rabo de fora, que era para saberem onde é que tinham deixado a ovelha escondida, o que lá ficou por comer.

O lobo, *apois*, dizia-lhe a ela:

– Ó comadre, então não vamos a comer o resto da ovelha?

E ela dizia-lhe que não, que logo lá voltavam, outra vez.

Quando o lobo lhe dizia se não iam comer o resto da ovelha ela dizia:

– Ó comadre, então não vamos ver da ovelha hoje?

– Ó compadre, não posso ir que fui convidada para um batizado.

Ó depois, disse-lhe ela assim, um dia:

– Ó compadre, vamos lá a ver da ovelha hoje!

Foram e, ó depois, a raposa diz que lhe disse assim a ele:

– Vá, agora puxas, que é para ela vir cá para fora, para comermos o resto.

Ele puxou, estava lá só o rabo. (Que a raposa dizia: “Comecei-te e acabei-te”. Ela começou a comê-la, e depois foi lá acabá-la e o lobo ficou sem nada). E ó depois, disse-lhe a ele

para puxar pelo rabo, que era para a arrancarem. Ele caiu logo de costas. Ela botou a fugir a rir-se, a dizer: “Comecei-te e acabei-te”. Ele ficou lá caído, de costas, e ela botou a fugir a rir-se dele.

Informante: Ana Mendes Ramos, 88 anos

Recolha feita na freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 23.07.2024.

## 6 | OS BATIZADOS DA RAPOSA

ATU 15 + 34

A raposa e o lobo eram compadres. E então, a raposa [era] muito fina (a raposa é ladina). O que é que acontece? Um dia, agarra um borrego, num rebanho que caçou lá no campo. Agarra um borrego, comeu um bocado, fez um buraco e enterrou à borda de um poço.

Bem, o lobo disse (telefonava):

- Ó comadre, há de vir cá ter comigo para dar uma voltinha.
- Ah, hoje não posso, tenho um batizado para fazer – dizia-lhe a raposa.
- Então, e que nome lhe puseste ao afilhado?
- *Comeceite* – tinha começado a comer o borrego.

Bom, passou.

O outro dia, tornou a telefonar à raposa.

- Ó comadre, então, vamos lá hoje dar um passeio?
- Não! Tenho outro batizado para fazer. Estou convidada e não posso falhar.
- Então, e que nome lhe puseste ao afilhado?
- *Mieiu*.

Bom, aquilo passou.

Foi andando, foi andando, foi andando, até que [surgiu] o terceiro [batizado]. Ela foi lá, comeu o terceiro [bocado de carne]. Era o “Acabeite”. O último era já o “Acabeite”. (Era o nome [do “afilhado”]... tinha acabado o borrego). Mas pôs o rabo do borrego enterrado na terra, um bocadinho só. Virado o rabo para o lado do poço que havia, cheio de água.

[Diz a raposa ao lobo]:

– Compadre, tenho para aí um borrego, que agarrei e enterrei. E tu tens de lá ir para o desenterrares.

Ele ia todo satisfeito por ali a fora. Chegou lá [diz a raposa]:

– Tens de puxar bem.

Virou as costas para o lado do poço. Ora, assim que [o lobo] deu um puxão, [o rabo] estava quase solto... e *zupa*, o lobo cai para dentro do poço. Bem, o lobo de lá saiu.

Passado uns dias (ficaram amigos à mesma), a raposa passa lá ao pé de um poço. E estava uma lua que era uma maravilha. E ela olha para o poço e vê o [reflexo da lua, e pensa no] lobo:

– Agora vou enganá-lo. Agora digo-lhe que está ali um queijo, no poço, na *iágua*. E ele vai lá tirá-lo e fica lá metido no poço.

Assim foi:

– Há um queijo *assim-assim*, um queijo muito grande.

(Era na altura da lua cheia e aquilo brilhava na *iágua*, a lua. E o lobo pensava que era um queijo mesmo. Era tralamouco<sup>02</sup>. Já sabe que o lobo não tem faro, o lobo caça só de olho.)

E então, chegou ao poço. Ele quando olhou para a *iágua* viu lá a lua, pensava que era o queijo que estava lá. E vai, *zumba*, para agarrar o queijo e mete lá a cabeça. Lá ficou.

(Quer dizer [a raposa] enganou [o lobo] por duas vezes.)

Informante: Alfredo Ferreira, 85 anos, n. Vila Longa (c. Satão).

Recolha feita na freguesia de Salvador por Gorete de Brito em 19.10.2024.

## 7 | A RAPOSA E A LUA DENTRO DO POÇO

ATU 32

A raposa viu um balde [suspenso na roldana de um poço]. E lá em baixo estava a lua [refletida na água]. E ela julgava que era um queijo. Ela lá meteu-se no balde e foi ao fundo, pró poço, para comer o queijo. Mas só que o “queijo” não era um queijo, era a lua. Aquilo parecia um queijo que estava lá na *iágua*. E então, pediu ao lobo que se metesse no outro balde, que eram dois. Disse [a raposa]:

– Anda, mete-te aí, vem comer o queijo que é muito bom. Anda, vem!

E ele meteu-se. Ao mesmo tempo que ele se meteu, fez peso pra baixo [num balde] e ela veio para cima no outro balde. O lobo ficou lá e ela foi-se embora.

Informante: Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 10.08.2024.

## 8 | O LOBO, A RAPOSA E O SOL NO POÇO

AT 34B

Ali na eira torta<sup>03</sup> malhavam lá [com os *mongais*], lá andavam a malhar. E deixavam lá o monte do pão, por causa de alevantarem. Ó depois, quando a malhavam, ficava a semente toda lá junta. Ó depois, o lobo e a raposa andavam lá em volta e foram a um poço. Viram lá o

<sup>02</sup> Tonto; estúpido.

<sup>03</sup> Inclínada.



sol no fundo do poço. Começaram a beber *iáugua*, a beber *iáugua*, que era a ver se secavam o poço (risos), para beberem o sol. Mas beberam tanta *iáugua*, tanta *iáugua*, que ó depois o poço ficou igual. Vieram ali à eira torta, fizeram lá chichi, deitaram a semente toda a rebolar à eira abaixo. A eira era torta... (risos)

.....  
**Informante:** Ana Mendes Ramos, 88 anos  
Recolha feita na freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 23.07.2024.  
.....

## 9 | A RAPOSA FINGE-SE MORTA

ATU 41

Era uma vez um fazendeiro que tinha muitas galinhas. E estavam-lhe a desaparecer [algumas]. Espreitou para ver quem lhe levava as galinhas. Viu a raposa na capoeira, deu-lhe uma tarefa. E ela, farta de levar pancada, resolveu, fez-se morta. E o fazendeiro pegou nela, pô-la numa parede e disse:

– Eu já cá venho, quando tiver vagar, para te esfolar.

O fazendeiro lá foi à vida dele. Quando veio, a raposa já lá não estava. Com a esperteza dela, fazer-se morta, enganou o fazendeiro.

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 9.11.2024.  
.....

## 10 | O CAVALO E O LEÃO

ATU 47B

O leão tinha a mania que era o rei da selva, que era o Senhor todo poderoso. E o cavalo, um dia, quis-se vingar do leão. Das traquinices do leão. E o cavalo aleijou-se, a dizer que vinha um espinho numa pata. E o leão, armado em médico, em esperto, em sabichão, vai ver do espinho da pata do cavalo. Quando o leão se aproximou da pata do cavalo, o cavalo dá-lhe um coice.

.....  
**Informante:** José Lopes Dias, 71 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 12.07.2024  
.....

## 11 | O LEÃO, O LOBO E A RAPOSA

ATU 50

Era uma vez o rei dos animais. E andava muito doente. Depois deu umas voltinhas a ver se melhorava. Andou, andou... até que ficou numa terra... pronto, ficou ali. Os outros bichos, quando souberam que ele estava lá, foram visitá-lo. O primeiro que foi, foi o lobo, foi visitá-lo. E ele disse-lhe assim, o leão:

– Olha, como é que se por cá portam as raposas?

E ele [o lobo] respondeu:

– Não há bicho mais reles nem mais matreiro que elas...

A raposa ia a entrar e ouviu. Ouviu, quando foi a vez dela, com toda a cortesia:

– Olá senhor rei, como está?

– Muito doente.

– Muito doente? Ah, mas eu tenho um remédio para a sua doença.

– Ó comadre, então diga lá.

– Olhe, um lobo daqueles mais velhos, tira-lhe a pele e veste-a. E a doença passa.

O lobo, quando ouviu aquilo – ele era velho – quando ouviu aquilo, ficou logo a pensar o que é que ele ia a fazer. Mas ela [a raposa], como sabia que ele era velho, mesmo por trás dele, diz assim:

– Quanto mais velho, melhor!

Foi-se embora. Acabaram por esfolar o lobo. Mas deixaram as patas com a pele.

Quando foi, depois, a passar ao pé dela [da raposa], que passou lá à porta dela.

E a raposa diz-lhe assim:

– *Olá amigo das meias!*

*Olha, confessa as tuas culpas,*

*E deixa as alheias!*

E assim passou uma lição ao lobo.

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 8.9.2024.  
.....

## 12 | A RAPOSA E A PEGA

ATU 56A + 6

Era uma vez uma pega e uma raposa. E a pega fez o ninho no cimo de um carvalho. Fez o ninho, pôs lá os seus ovinhos, chocou-os, nasceram os passarinhos. Ao fim dos passarinhos crescidos, foi lá a raposa e disse-lhe assim:

– Peguinha, pegaxa, deita-me um filhinho abaixo, senão arduho o rabo da raposa a carvalho e vem ninho e tudo abaixo.

– Ah, não, não! Então, depois fico sem os meus filhinhos... não.

– Já disse! Arduho rabo de raposa a carvalho e vem ninho e tudo abaixo.

Ela deitou um peguinho abaixo.

Ao outro dia, tornou lá:

– Peguinha, pegaxa, deita-me um peguinho abaixo, senão *ardulho* o rabo da raposa a carvalho e vem ninho e tudo abaixo.

– Ai, não posso! Já só tenho tantos. Não posso! Não posso!

– Deita-me um peguinho abaixo.

Lá lhe deitou o peguinho abaixo, pronto.

– Ai, já só tenho tantos...

E depois, ela foi-se a ter com o compadre mocho. E disse:

– Ó compadre, vai lá a raposa todos os dias, para eu lhe deitar um peguinho abaixo. Já lhe deitei dois, e quer que lhe deite mais, senão *ardulho* rabo da raposa a carvalho. E vem ninho e tudo abaixo.

E o Mocho disse-lhe:

– *Rabo de raposa não corta carvalho.*

*Só o braço de homem e o gume de malho.*

Lá foi ela pró ninho.

No outro dia, a raposa foi lá:

– Peguinha, pegacha, deita-me um peguinho abaixo, senão arduho o rabo da raposa a carvalho e vem ninho e tudo abaixo.

– *Rabo de raposa não corta carvalho.*

*Só o braço de homem e o gume de malho.*

– Quem te disse isso?

– Foi o compadre mocho.

– Onde é que ele está?

– Está lá em baixo daquelas pedras.

E então a raposa foi lá a ver dele. Lá esgravatou, lá esgravatou, lá o agarrou. E depois, o mocho disse prá raposa:

– Ah, raposa, abre lá a boca um bocadinho. Que quero dizer “mocho” pela última vez.

Mais um bocadinho:

– Moo...

– Mais um bocadinho:

– Moo...

– Mais um bocadinho:

– Mooch...

– Mais um bocadinho:

– Mocho comi.

– *Agarra outro que eu já fugi.* (risos)

.....  
**Informante:** Joaquina Andrade, 74 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 4.9.2024.  
.....

## 13 | A RAPOSA E O MOCHO

ATU 56A + 6

A raposa descobriu que havia um ninho de pegas, num carvalho, já com pegos. E então lembrou-se: quando tinha fome, ia lá, ao pé do carvalho. E dizia-lhe assim para a pega:

– Pega, pegacha! Deita-me um pego abaixo. Senão eu enrolo o meu rabo ao toro do carvalho.

*Pegos e pegachos, tudo vem abaixo.*

A pega lá lhe deitava um pego. Foi-os comendo quase todos.

Depois ela queixou-se ao mocho:

– Ó compadre mocho, então não vês que a raposa faz-me assim e assim?

– Faz?

– Então, mas agora já lá só tenho um. Agora, se mo leva, fico sem nada.

– Olha, quando lá for [a raposa], tu diz-lhe assim:

*“Olha, rabo de raposa não corta carvalho,*

*Só o braço de homem e o gume de malho.”*

– Ai, quem é que te ensinou isso?

– Foi o compadre mocho.

– Foi?

– Foi.

Ela [a raposa] viu o mocho, foi por trás, e caçou-o. Meteu-o na boca. E disse-lhe assim:

– Para que é que tu foste dizer à pega que só o braço de homem e o gume de malho é que cortava o carvalho? E agora, o que é que tu queres que eu te faça?

– Ah, foi sem querer... deixa-me ao menos despedir dos meus colegas, dos meus amigos.

– Então vá, despede-te lá deles. Então o que é que lhes queres dizer?

– Quero dizer “mocho comi”, que me vais a comer.

E ela abriu a boca, e ele saiu pela boca a fora. E diz [o mocho] assim:

– “Mocho comi”, hás de comer, mas não há de ser a mim. (risos)

---

**Informante:** Olinda da Costa, 91 anos.

Recolha feita na freguesia de Bemposta por Gorete de Brito em 5.10.2024.

---

## 14 | O CORVO E A RAPOSA

ATU 57

Era uma vez um corvo e uma raposa que andavam na floresta. E o corvo viu uma janela aberta. Entrou por ali a dentro e roubou um queijo. E veio, todo contente, para a floresta com o queijo. Ora a raposa, matreira, quando lhe viu o queijinho no bico, o que é que resolveu dizer?

– Ah, és um pássaro tão bonito e tão galante. E quando tu cantas não há nenhum pássaro que te chegue às penas.

Ele, todo *gabaçolas*, não está de modas. Abre o pio e pôs-se a cantar, a cantar, a cantar.

Ora, quando abriu o bico, caiu o queijo.

Ora a raposa, matreira e lambareira, agarrou no queijo e fugiu. E ficou o corvo a chorar:

– Ai, Jesus; ai, Jesus; ai, as minhas penas! Para que é que me levei na cantiga da raposa?

Ai, Jesus; ai, Jesus, as minhas penas! Porque é que me levei na cantiga da raposa?

---

**Informante:** Maria de São José Alvito de Brito, 50 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 11.06.2024.

---

## 15 | A RAPOSA E O CORVO

ATU 57

Ora, portanto, era um corvo e uma raposa. E o corvo andava a voar, a voar, e viu uma janela aberta. Viu uma janela aberta e entrou pela janela. E depois lá dentro encontrou um queijo. Encontrou um queijo e levou o queijo no bico, todo contente, todo contente. E foi-se poisar na *iárvore*. E debaixo dessa *iárvore* estava uma raposa. A raposa viu o queijo, e como a raposa é muito esperta, pensou:

– Quem me dera aquele queijo! Tenho de pensar como é que o vou tirar do corvo.

E olhou para o corvo, olhou... e a raposa pôs-se a cantar. Pôs-se a cantar, a cantar, a olhar para o corvo... e vai, diz assim para o corvo:

– Ó corvo, olha, canta comigo! Canta comigo!

O corvo abriu a boca [bico] para cantar, deixou cair o queijo. (risos) Deixou cair o queijo, a raposa apanhou-o. Apanhou-o e ficou toda regaladinha a comer o queijo.

---

**Informante:** Ana Pires Silveira, 86 anos.

Recolha feita na freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 23.07.2024.

---

## 16 | A RAPOSA E AS UVAS

ATU 59

Uma manhã, muito cedo, já as uvas começavam a vir maduras, cheguei à beira da janela:

– Mas está ali uma raposa.

Mas ela [estava] a olhar, muito séria para as uvas.

– Oh, estão verdes, não prestam. Nem os cães as podem tragar.

E seguiu até lá em cima. Eu atiro com uma pera por cima da parreira, para ver o que [ela] fazia. E a pera cai no chão. E ela vira-se para trás, a correr, a ver se o que era. Viu que era a pera, pôs-se a correr. Pensava que era um cacho de uvas.

Primeiro, estavam verdes. Depois pensava que era um cacho de uvas que tinha caído.

---

**Informante:** Lourenço Augusto Marcos, 72 anos. Natural de Urrós, Mogadouro.

Recolha feita na freguesia de Aldeia do Bispo por Gorete de Brito em 14.9.2024

---

## 17 | A RAPOSA NA VINHA

Ca-Ch 59A

A raposa andava na vinha. E depois dizia assim:

– *Relâmpago, relampeja; bago, bagueija.*

*Para comer o melhor bago que eu veja.*

Andava na vinha, claro, queria comer o melhor baguinho que via. O homem deu conta que ela andava lá na vinha. Estava a fazer relâmpagos, estava trovoada. O dono lá foi devagar, por trás, deu conta da raposa, deu-lhe uma verdascada. E ela diz assim:

– Magnífica, que caiu peste! (risos)

.....  
**Informante:** Florinda de Jesus Esteves, 84 anos, n. Quadrazais (c. Sabugal).

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 4.8.2024.  
.....

## 18 | A RAPOSA E A CEGONHA (1)

ATU 60

A raposa convidou a comadre cegonha para irem a comer papas. E lá vão a comer as papas. E onde é que a raposa pôs as papas? Em cima dum barroco. A pobre da cegonha não apanhava nada, não comeu nada. Prontos, ficou assim.

Mas a cegonha diz assim:

– Também agora hás de tu aprender!

Convidou-a para ir a comer papas também.

Lá foram comer as papas. O que é que a cegonha fez? Arranjou uma almotolia onde só cabia o bico dela:

– Então, comadre, não come?

(Porque a raposa também disse prá outra: “-Então, comadre não come?”;” – Não apanho nada.”)

Então a cegonha, depois, também lhe disse:

– Então, comadre, não come?

– A minha língua não cabe lá!

E não comeu nada. É assim.

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 89 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 10.02.2024.  
.....

## 19 | A RAPOSA E A CEGONHA (2)

ATU 60

Era uma vez uma cegonha e uma raposa. E um dia encontraram-se lá pela floresta e, conversa pr’aqui, conversa pr’ali, a amiga raposa diz assim:

– Ai, ó dona cegonha, então você não quer ir lá à minha casa, um dia, lanchar comigo?

– Ai, então não vou?!

Toda feliz e airosa, lá foi.

Quando lá chegou, a raposa tinha preparado umas papinhas de milho, assim muito apetitosas, porque cheiravam muito bem. Mas serviu-as num prato assim raso.

A cegonha pôs-se a olhar: bicava, bicava, bicava e não conseguia comer nada.

E a dona raposa dizia assim:

– Então, então! Estão boas, estão boas? – e comia, comia – Então, estão boas?

E a cegonha, para não fazer figura de mal-educada, dizia:

– Ai, comadre, estão tão boazinhas... ai, tão apetitosas...

E pensava p’ra ela: “Ora, então como é que eu consigo comer isto? Com um bico com este tamanho, como é que eu como isto?”

Lá se despediram, e ela disse:

– Ai, muito obrigada pela gentileza de me ter convidado...

E ela disse:

– Olhe, comadre, olhe, foi um gosto! Foi um prazer tê-la aqui por casa!

A cegonha, passado uns dias, disse:

– Ó comadre! Estive aqui a pensar, comadre raposa. E acho que a senhora foi tão gentil de me ter convidado, que eu quero retribuir o convite.

– Ai, ó comadre, é o dia que a senhora quiser.

E lá combinaram o dia.

E a comadre raposa lá se apresenta na casa da cegonha. Ora a comadre cegonha tinha feito umas papas de farelo para servir à sua comadre. Só que, em vez de as servir num prato raso, serviu-lhas num pote alto de barro, com um gargalo assim fininho.

E então, a comadre mete o bico, começa a comer. E à medida que ia comendo ia pondo e tirando, ia pondo e tirando, e ia escorregando pelo gargalo do pote, ia escorregando assim as papas de farelo. E a comadre raposa, quando via aquilo a escorregar, ia lá e lambia, lambia...

E ela diz:

– Então, comadre, estão boas?

E ela pensava:

– Estão, estão, estão, comadre!

E pensava p’ra ela: “Estão, nada! Que eu não como nada e ela come tudo!”

No fim de ter acabado o jantar, a comadre raposa disse:

– Pronto, olhe, obrigado pela gentileza... vou-me embora. Pronto, olhe, muito obrigada, estava tudo muito bom.

E lá se despediram e foi embora.

Depois, pelo caminho, a comadre raposa dizia assim:

– Quis ser esperta, quis ser esperta, mas ela foi mais esperta que eu!

*Vitória, vitória, acabou-se a história!*

.....  
**Informante:** Maria de São José Alvito de Brito, 50 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 26.06.2024  
.....

## 20 | A CEGONHA E A RAPOSA (3)

ATU 60

Por causa de um batizado, a raposa convidou a cegonha para lá ir. E ó depois fizeram papas. A raposa meteu-as num prato. Ela lambeu tudo. A cegonha, só a picar, ficou com fome, não comia nada. Mas, ó depois, a cegonha convidou-a a ela para ir também a comer. Deitou-as numa almotolia. A cegonha não podia lá meter a língua. A cegonha comeu as papas todas e ela [a raposa] ficou sem nada. (risos)

.....  
**Informante:** Ana Mendes Ramos, 88 anos

Recolha feita na freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 23.07.2024.  
.....

## 21 | A CEGONHA E A RAPOSA (4)

ATU 60

A raposa e a cegonha fizeram um *cambalatcho*<sup>04</sup>. E fizeram um banquete. A raposa queria o banquete na eira e a cegonha na almotolia. Bom, lá foram a fazer os banquetes. O banquete na eira, a raposa lambeu tudo, a cegonha ficou sem nada. A [comida] da almotolia, a cegonha meteu lá o bico, comia ela tudo. E a raposa ficou sem nada.

.....  
**Informante:** Maria Angélica da Cruz Agostinho Salvador, 65 anos.

Recolha feita na freguesia da Bemposta por Gorete de Brito em 18.10.2024.  
.....

.....  
04 Trapaça; vigarice.

## 22 | A CEGONHA E A RAPOSA (5)

ATU 60

Um dia, a comadre raposa disse prá cegonha:

– Ó comadre, olhe, hoje podemos ir fazer um lanche. Eu faço-te um lanche, podemos lanchar as duas.

E a cegonha diz assim, meio envergonhada, “meio *coiso*”:

– Ah, pode ser.

Lá foram. A raposa juntou, então, um prato. Fez-lhe umas papas, umas massas, com pão, com várias coisas... muito bem feito. Chegou lá:

– Pronto, está aqui em cima... em cima de uma rocha. Aqui está, vamos lá lanchar, então.

A cegonha vem picar, vem picar... mas com o bico, nada, não conseguia. Até que a raposa comeu tudo.

Diz a cegonha:

– Pronto, comadre, olha, eu pouco comi, mas...

– Tu pouco comeste, mas fica para outra vez...

– Está bem. Olha, então, para a outra semana posso ser eu a fazer.

Diz [a raposa]:

– Pode ser, pode ser...

– Está bem, pronto.

Na outra semana, vão fazer. Mas a cegonha foi esperta: arranja uma vasilha com um tubo (do tipo dessas azeiteiras antigas, que costumam ter um tubo para pôr o azeite na mesa, mas mais largo, de maneira a que coubesse lá o bico), e faz as papas dentro da vasilha.

Chegou [a raposa]:

– Ó comadre, aqui está, vamos lá comer.

A cegonha mete o bico lá dentro e *prim, prim, prim...* e come tudo. A raposa [fica] a olhar para ela. Então, a cegonha diz assim:

– E agora, quem é mais esperta? És tu ou sou eu? Ficamos pagas.

.....  
**Informante:** Lourenço Augusto Marcos, 72 anos. Natural de Urrós, Mogadouro.

Recolha feita na freguesia de Aldeia do Bispo por Gorete de Brito em 14.9.2024  
.....



## 23 | A CEGONHA E A RAPOSA (6)

ATU 60

Uma vez a raposa e a cegonha fizeram o almoço. E disse assim a cegonha para a raposa:

– Bom, vamos a fazer as papas, mas dentro de uma almotolia.

Disse a raposa:

– Está bem.

Fizeram as papas. E depois, é claro, em vez de meterem num prato meteram numa almotolia.

A cegonha, como tinha o bico grande, metia o bico dentro da almotolia. A raposa só lambia a parte dos lados que a cegonha deixava cair. A coisa não estava boa, porque a raposa ficou cheia de fome. Disse a raposa, outra vez, assim:

– Não, não! Agora foste tu que resolveste o almoço. Á próxima sou eu.

– Então, o que vamos fazer?

– Olha, vamos fazer papas.

– Outra vez? Então, já fizemos...

– Mas agora vamos ver.

A raposa estudou a maneira dela. Fizeram as papas. E a raposa pegou nas papas e estendeu-as ali em cima de uma laje. Disse então prá cegonha:

– Bom, agora já podes comer. Comes tu de um lado e eu como do outro.

A raposa, com a língua e com a boca apanhava ali [as papas]. E a outra, com o bico, cada vez só levava um bocadito. (Na almotolia regalou-se ela, mas na laje, na pedra, era diferente.)

---

**Informante:** André Martins de Almeida, 87 anos.

Recolha feita nas Quintas do Anascer - anexa da freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 28-9-2024.

---

## 24 | A COMADRE RAPOSA E A COMADRE CEGONHA

ATU 60 + 225

Era uma vez duas comadres, uma raposa e uma cegonha.

Certo dia, a raposa que era muito mãe, convidou a comadre cegonha para um jantar. Mas o jantar foi feito numa *lincheira*, com uma covinha, que era para a cegonha não comer nada.

Então o que aconteceu? A raposa lambuzou-se toda e comeu as papas todas do jantar. E a pobre da cegonha não comeu nada. A cegonha não disse nada, mas ficou a pensar que tinha que passar uma rasteira à raposa. Foi-se embora. Um dia encontrou a comadre raposa e convidou-a para jantar, dizendo-lhe para ir comer lá a casa.

Chegou o dia, e as duas foram comer à mesma *lincheira* onde tinham comido antes a convite da raposa. A cegonha serviu as papas numa almotolia. A raposa não foi capaz de comer nada.

Então, a cegonha meteu o bico na almotolia e comeu tudo, tudo, tudo. E a raposa comeu só uns pinguitos que caíram para o lado. Ficou cheia de fome, mas não disse nada. Ela era mãe, mas envergonhada, não disse nada.

Depois de comer, a cegonha disse:

– Agora, que já comemos, vamos dar um passeio.

A raposa concordou, mas, mãe como era, disse que não conseguia subir a encosta porque estava fraca, pois não tinha comido nada.

– Está bem, – disse a cegonha – Monta-te numa asa das minhas e vamos!

A raposa, toda satisfeita, montou-se na asa da cegonha e foram a voar, a voar, a voar.

A dada altura, perguntou a cegonha:

– Então comadre, ainda vês a *lincheira* onde comemos as papas?

– Ainda, – respondeu a raposa.

Passado mais um pouco, perguntou outra vez a cegonha:

– Ó comadre, ainda vês a *lincheira* onde comemos as papas?

– Ai, já não!

– Então, agora eu já vou enfadada. Anda, muda-te lá para a outra asa.

Quando a raposa se mudou para a outra asa, a cegonha abanou-se, abanou-se e a raposa caiu. Foi por ali abaixo, a rebolar, a rebolar, a rebolar. E quando vinham a chegar à *lincheira*, onde comeram as papas, ia dizendo:

– *Lincheira*, que te parto! *Lincheira*, que te parto!

*Serou, serou, a história acabou.*

---

**Informante:** Carminda Maria dos Santos Pereira, 53 anos, n. Mata (Castelo Branco)

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.06.2024.

---

## 25 | A RAPOSA E O GALO

ATU 62

Havia um galo e uma raposa. O galo andava a passear e, lá viu uma raposa, fugiu para cima de uma *iárvore*. E ela ficou cá de baixo, disse assim:

– Ó compadre, desça cá para baixo! Saiu uma lei em que os animais podem andar uns com os outros.

E ele muito calado. E ela tornava assim:

– Venha cá, compadre!

E ele nem resposta lhe dava. Entretanto vinha lá um caçador e a raposa fugiu. E era o galo:

– Mostra-lhe a lei! Mostra-lhe a lei!

(Parece que o galo canta assim: “Mostra-lhe a lei!”)

E ela dizia-lhe assim:

– Não tenho vagar!

E toca a fugir, porque senão estava lá o caçador. (risos)

---

**Informante:** Maria do Céu Fonseca Romão, 91 anos.

Recolha feita na freguesia da Meimoa por Gorete de Brito e Maria João Cabanas em 10.7.2024

---

## 26 | O GALO E A RAPOSA

ATU 62

A raposa chegou. E depois, o galo deu *conta*<sup>05</sup> da raposa, fugiu para uma *iárvore*. E a raposa dizia assim ao galo:

– Anda cá para baixo, que eu não te faço mal nenhum. Agora já veio uma ordem que podemos brincar juntos.

O galo, claro, estava empoleirado na árvore, não foi maluco a descer...

Mas naquilo, vem um cão, vem um cão a ladrar. A raposa, quando o viu, bota a fugir.

E o galo diz-lhe assim:

– Mostra-lhe a ordem!

– Não tenho vagar... (risos)

---

**Informante:** Florinda de Jesus Esteves, 84 anos, n. Quadrazais (c. Sabugal).

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 4.8.2024.

---

## 27 | NA CASA DA MARIA ALUMIA

ATU 106

Na casa da Maria Alumia só havia era miséria.

O cão:

– *Fome, fome, fome!*

O gato:

– *Miséria! Miséria!*

E o galo:

– *Toda a vida assim foooi!* (risos)

---

**Informante:** Narcisa Calamote, 71 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 1.08.2024.

---

---

05 Presentiu.

## 28 | O ALMOÇO DO REI

ATU 106

Ao castelo ia lá um rei a fazer uma visita ao outro rei. E então, foram perguntar à rainha o que é que haviam de fazer para o almoço do rei. E então, foram à capoeira. E dizia assim o galo, a cantar:

– *Temos hóspedes em casa!*

E depois, dizia a galinha:

– *Um de nós vai morrer!*

E depois, dizia o pequenino, o pintainho:

– *Olha, triste de mim, porque sou o mais tenro.* (risos) *Eu é que vou morrer.*

(Afinal, mataram a galinha e o galo. Ficou o pequenino, porque o pequenino não dava nada.)

---

**Informante:** Maria de Lurdes Vieira Moiteiro Messias, 87 anos.

Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 5.10.2024

---

## 29 | O LOBO E O CABRITO

ATU 111A

Eles estavam a beber água no ribeiro e o lobo diz-lhe assim, para o cabrito:

– Estás-me sujando a *iágua* que estou bebendo.

– Ó senhor, se eu estou da parte de baixo, como é que estou a sujar a *iágua*?

– Então se não foi agora, foi há um ano.

– Ó senhor, se eu só tenho seis meses... Como é que sujei a *iágua*?

– Pois não foste tu foi o teu pai.

E desta maneira, atirou-se ao cabrito e ali o matou.

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 89 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 26.01.2024.

---

## 30 | O LOBO E O CORDEIRO

ATU 111A

Uma altura, em plena primavera, os ribeiros antigamente corriam com água cristalina. E então, o lobo foi beber água no riacho, corria que eu sei lá... E olhando para o riacho, a vinte metros abaixo, estava um cordeiro a beber água, também. E o lobo diz assim:

– Eh – esfregou as mãos – já vou ter comida! Mas não a quero comer sem primeiro enganar o cordeiro.

Chegou-se à beira<sup>06</sup> do cordeiro, diz assim:

– Ó menino, eu vou-te comer!

– Porquê, senhor lobo?

– Porque enturvaste-me a *iágua*.

– Eu? Então se eu estou a beber a *iágua* por baixo do senhor lobo... como é que eu posso ter-lhe enturvado a *iágua*?

– Não foste tu, não. Mas foi o teu pai o ano passado. É por isso que vais pagar pelo teu pai.

---

Informante: Lourenço Augusto Marcos, 72 anos. Natural de Urrós, Mogadouro.

Recolha feita na freguesia de Aldeia do Bispo por Gorete de Brito em 14.9.2024

---

## 31 | O RATO DO CAMPO E O RATO DA CIDADE

ATU 112

Encontraram-se dois ratos, o do campo e o da cidade. E o da cidade disse para o outro:

– Ei, estás tão magrinho! O que é que tu fazes?

– Ah, não tenho que comer...

– Ah, vai lá para a minha casa. Há lá muita comida!

Ah, o outro, parvo, lá foi. Mas quando ia lá, viu os gatos, e diz assim (fugiu):

– *Mais vale ser magro no mato do que gordo na barriga do gato!*

---

Informante: Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 15.06.2024.

---

---

06 Ao pé.

## 32 | O RATO DO MATO E O RATO DA ALDEIA

ATU 112

Um [rato] vivia na aldeia muito bem, nada lhe faltava. E o outro vivia no mato. E depois, o rato da aldeia convidou o rato do mato. E ele aceitou, foi. Mas depois, passado algum tempo, havia muitos gatos e o que é que lhe ia acontecer? Certamente eram capazes de o comer, até!

E depois ele resolveu ir para o mato e disse:

– *Vale mais viver magro no mato do que gordo na boca do gato!*

---

Informante: Ana Pires Silveira, 86 anos.

Recolha feita na freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 23.07.2024.

---

## 33 | O RATO GORDO E O RATO MAGRO

ATU 112

Era um rato gordo que vivia num moinho. E um dia foi a passear e encontrou-se com um rato magro:

– Ah, estás tão magrinho. Vem comigo pró moinho.

– Não, que há lá gatos.

– Só lá está um e é cego. É cego de um olho. E então, a gente vai [andando] do lado que é cego.

E lá foi o rato magro pró moinho. Realmente ele sentia-se lá bem, porque havia lá muito de comer. Mas um dia, já faziam tanta *fealdade* [confiança] no gato, que um dia deitaram-se [do lado] que o gato via. Foi apanhado, o rato gordo, foi apanhado. E o magro [diz]:

– Então, deixaste-te apanhar? Por causa disso, antes quero ir pró campo. Vivo mais à vontade.

E desapareceu, o rato magro, lá do moinho.

---

Informante: Maria Izidoro, 93 anos.

Recolha feita na freguesia de Bemposta por Gorete de Brito em 24.08.2024.

---

## 34 | O LOBO E A RAPOSA

ATU 122F

Era o lobo e a raposa, foram a fazer um jantar. E ó depois, o lobo comeu tudo e a raposa ficou *ao ar*<sup>07</sup>.

E ó depois, diz o lobo prá raposa:

– Já te vou a comer!

– Ai, não me comas que eu estou magrinha. Espera mais uma temporada que eu engorde mais um bocadinho.

– Está bem.

Ó depois, o lobo foi ver da raposa, que era para a comer. A raposa já tinha desaparecido, já não apareceu. Já o lobo não pôde comer a raposa.

.....  
**Informante:** Germano Manteigas Afonso Fidalgo, 87 anos. Utente do Lar D. Bárbara T. Silva  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 21.07.2024  
.....

## 35 | A VELHA E O LOBO (1)

Marzolph \*122F

Uma velha ia a um casamento e encontrou... essa foi um lobo. E disse-lhe assim:

– Ó velha, onde vais?

– Ai, vou a um casamento.

– Ah, eu já te como!

– Ai, senhor Lobo, não me coma! Quando vier para cá, já venho mais gordinha.

Ele concordou:

– Está bem.

Foi ao casamento. A mulher estava lá toda preocupada, porque agora vinha e tinha o lobo no caminho para a comer. [No casamento] disseram-lhe assim:

– Olha, metes-te aqui dentro desta cabaça. Tu passas e ele não te vê.

Ela lá se meteu na cabaça e lá vinha rebolando. O lobo lá desconfiou que era ela.

Diz-lhe ele assim:

– Ó velhinha, já te como!

E ela respondeu lá de dentro:

– *Nem velhinha, nem velhão,  
Anda p'ra diante cabacinha,  
Anda p'ra diante cabação.*

.....  
07 Com fome.

E lá se salvou da morte do lobo.

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 89 anos  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 26.01.2024.  
.....

## 36 | A VELHA E O LOBO (2)

Marzolph \*122F

Uma velha ia ao casamento da neta e o lobo estava no caminho. O lobo perguntou-lhe:

– Onde é que tu vais?

– Vou ao casamento da minha netinha.

– Então, vai lá ao casamento da tua neta, porque quando vieres já estás mais gordinha e eu vou-te comer.

E ela, então, lá andou no casamento, comeu e bebeu, fizeram lá a festa. Mas depois tinha que regressar para casa. Como é que ela havia de regressar? Estava com medo, que o lobo a comia. Se lá passasse, o lobo comia-a.

E então, arranjaram uma cabaça. E a neta diz-lhe:

– Avó, vais dentro da cabaça, que ninguém te vê. E depois, passas pelo lobo. E ele não te vê e tu passas.

E então, quando chegou ao pé do lobo:

– *Ó cabaça, cabecinha,  
Tu não viste pr'aí uma velhinha?*

E ela respondeu lá dentro da cabaça:

– *Eu cá não vi nem velhinhas nem velhões,  
Corre, corre, cabecinha, corre, corre, cabeções.*

E a velhinha passou e o lobo não a comeu.

.....  
**Informante:** Manuela Tomé, 66 anos (e Filomena Tomé, 38 anos)  
Recolha feita na freguesia da Bemposta por Gorete de Brito em 2.9.2024.  
.....

## 37 | CORRE, CORRE CABACINHA (1)

Marzolph \*122F

Era uma velhinha muito velhinha. Foi ao casamento de uma filha. E depois encontrou um lobo e disse-lhe:

– Olha, já te como!

E ela disse:

– Olha, lobo, não me comas, que eu vou ao casamento da minha filha e depois venho de lá mais gordinha.

E lá foi, comeu e bebeu. E depois, ao fim, estava muito triste, disse para a filha:

– Olha, agora custa-me muito a ir para casa.

– Então porquê, minha mãe?

– Porque encontrei um lobo que disse que me comia. E eu disse-lhe que esperasse, que à vinda para cá que ia ao casamento de uma filha e que vinha de lá mais gordinha.

– Então, tome esta cabacinha. Mete-se dentro da cabacinha. E depois, quando lá chegar ao sítio onde ele está, pronto, diz-lhe:

*Corre, corre, cabacinha*

*Corre, corre, cabação*

*Eu cá não vi velhinha nem velhão.*

E depois ele chegou e disse assim:

– Ó cabacinha, tu não viste pr'aí uma velhinha?

– Eu cá não vi.

*Nem velhinha nem velhão*

*Corre, corre, cabacinha*

*Corre, corre, cabação*

.....  
**Informante:** Joaquina Andrade, 74 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 24.7.2024.  
.....

## 38 | CORRE, CORRE, CABACINHA (2)

Marzolph \*122F

Havia uma velhota que vivia no campo. E o filho convidou-a para ir ao batizado do neto. E ela, foi ao batizado, mas pelo caminho encontrou um lobo. E o lobo diz assim:

– Ó velha, onde é que tu vais?

– Vou ao batizado de um neto.

– Eu já te como!

– Olha, não me comas, porque eu vou ao batizado. Eu agora estou mais magrinha, venho de lá mais gorda. Esperas aqui por mim que eu passo aqui depois do *coiso* [batizado].

– Está bem.

Então, foi ao batizado. Quando ia pró batizado, disse pró filho:

– Ó filho, como é que vai a ser? Agora está o lobo à minha espera...

Então, ele disse assim:

– Olha, não te preocupes.

Arranjaram uma cabaça. E ela, quando chegou ao pé do lobo, meteu-se na cabaça.

O lobo estava à espera. Quando passou a cabaça, disse-lhe:

– Ó cabacinha, não viste por aí uma velhinha?

E ela respondeu-lhe:

*– Nem velhinha, nem velhão.*

*Corre, corre, cabacinha,*

*Corre, corre, cabação.*

.....  
**Informante:** Celeste Borrega Flores, 74 anos, n. Aranhas.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 3.9.2024  
.....

## 39 | AS SETE CABRITINHAS

ATU 123

Havia uma cabrinha que tinha sete cabritinhos. Acabou-se a comida em casa e ela precisava de ir ao monte buscar erva fresca para lhes dar. E então disse às filhas:

– Olhem, tenho que ir ao monte a buscar erva fresca para vos dar. Vocês ficam aqui em casa, mas não abrem a porta a ninguém.

E elas disseram:

– Não abrimos, não abrimos, mãe!

– Mas para vocês terem a certeza que quando baterem à porta se sou eu, a vossa mãe, eu vou meter o pé no buraquinho da porta. Se a patinha for branca, sou eu, se não for branca não sou eu, não abrem a porta.

Elas:

– Está bem, mãe, a gente não abre.

Pronto, a cabritinha fez as recomendações e foi-se embora.

O lobo, que andava por ali, viu a mãe cabra sair, depressa se fez ao caminho e bateu na porta das sete cabritinhas. Bateu na porta, elas perguntaram quem era, e ele respondeu:



– Sou eu, a vossa mãe.

E elas responderam:

– Ai, não, a nossa mãe não tem uma voz grossa. A nossa mãe tem a voz doce como o mel.

Tu não és a nossa mãe, não abrimos a porta.

E não abriram a porta. O lobo abalou e depois, passado um bocado, voltou a aparecer.

Voltou a aparecer, bateu à porta, e elas disseram:

– Quem é?

E o lobo respondeu:

– Sou eu, a vossa mãe.

E elas disseram:

– Ah, a nossa mãe... tens a voz doce como a da mãe. Olha, mete lá a pata no buraco.

Quando ele meteu a pata, a pata era preta. Disseram:

– Ai, não és a nossa mãe! Porque a nossa mãe tem a pata branca e tu tens a pata preta.

Tu não és a nossa mãe, não abrimos a porta.

E o lobo voltou a abalar. Abalou e foi ter com o moleiro. E disse ao moleiro que precisava de farinha. Mas o moleiro disse:

– Ah, tu queres farinha, mas é para fazeres mal a alguém.

Ele disse:

– Quero um saco de farinha. Se não mo deres eu como-te vivo.

O moleiro, com medo, deu-lhe o saco da farinha. Deu-lhe o saco da farinha, o lobo veio todo contente, meteu as patinhas lá dentro e voltou à porta das cabritinhas. Bateu e elas disseram:

– Quem é?

E ele, assim com uma voz suave, disse:

– Sou a vossa mãe.

– Então, põe lá a patinha no buraquinho da porta.

Ele meteu a pata:

– Ah, és a nossa mãe, és. Tens a patinha branca como a da mãe.

Abriu a porta, e elas, quando encararam com o lobo começaram a fugir. Uma escondeu-se debaixo da mesa, outra debaixo de um banco, outra debaixo da cadeira, outra debaixo da cama... e foram-se escondendo. E o lobo apanhou-as a todas. Só que não apanhou uma. Não apanhou uma que se escondeu no relógio lá de casa, na caixa. E então, o lobo saiu, todo contente, feliz, porque já tinha comido as cabritinhas. E foi-se deitar a dormir à sombra de uma árvore ao pé de um ribeiro.

A mãe cabra, quando chegou a casa, viu a casa num reboliço, não viu as filhas, começou a chorar:

– Ai, as minhas cabritinhas, veio cá o lobo e comeu-as. Ai, as minhas filhinhas.

E nisto, sai a cabritinha lá do relógio, e diz:

– Ó mãe, ó mãe! Estou aqui eu, estou aqui eu! O lobo esteve cá em casa e comeu as manas.

E ela disse:

– Então e para onde é que ele foi?

– Não sei, mãe, eu estava escondida. Mas vamos procurá-las.

E foram a procurar as cabritas. Encontraram, então, o lobo a dormir debaixo de uma árvore, com a barriga aos saltos, aos saltos...

Ela disse:

– Ai, são as minhas filhas, que estão ali ainda aos saltos!

E disse à cabritinha mais nova:

– Vai a casa, traz uma tesoura, agulha e uma linha.

E ela assim fez. Chegou ao pé da mãe, a mãe depois abriu a barriga do lobo, tirou as cabritinhas cá para fora e disse:

– Agora, ides ali apanhar pedras para enchermos a barriga do lobo.

Encheram a barriga do lobo com pedras, coseram-lhe a barriga e foram-se esconder.

Depois o lobo acordou, e começou-se a mexer e disse:

– Ai, estas cabritinhas hoje mexem-se muito... e dão-me muita sede.

E vai para ir beber água. Quando vai para ir beber água num ribeiro, caiu ao ribeiro e morreu.

*Espiga no rabo,  
quem não se levanta  
fica com ele pegado.*

Informante: Maria de São José Alvito de Brito, 50 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 27.06.2024

## 40 | A CABRA COM SETE CABRITINHOS

ATU 123

Era uma cabra com sete cabritinhos. E a cabrinha foi ao monte. E disse para os filhos:

– Ó filhos, vocês não abram a porta a ninguém. Porque a mãe vai ao monte buscar lenha.

E vocês não abram a porta que pode vir o lobo.

Mas tocaram à porta e eles abriram. Abriam, o lobo entrou. E só se escapou um cabritinho porque se meteu na caixa do relógio.

Quando a mãe veio, chamou pelos filhos e nenhum aparecia. Então apareceu aquele, lá dentro do relógio, a falar:

– Ó mãe, veio cá o lobo e comeu os meus irmãos.

E disse [a mãe]:

– Então, para onde é que o lobo foi?

E depois a mãe foi. O lobo estava deitado à sombra. E a mãe foi, com uma tesoura, cortou-lhe a barriga, abriu-lhe a barriga, tirou-lhe os cabritinhos (porque ele não tinha ainda tempo de os remoer). Tirou os cabritinhos e meteu lá pedras.

E o lobo, quando acordou, que se levantou para se ir embora, dizia assim:

– Ai, não parece os cabritinhos que tenho dentro da minha barriga. Tenho cá é pedras...

E lá foi andando, com muita sede, muita sede, chegou a um poço. Mas a mãe dos cabritinhos sempre atrás. E chegou ao poço para beber água. Quando ele estava a beber água, a cabrinha pega-lhe pelas patas e atirou com ele para dentro do poço. E os cabritinhos ficaram cá todos fora, a dançar à volta do poço, que o lobo já tinha morrido afogado. Com as pedras, foi para o fundo.

---

**Informante:** Maria de Lurdes Vieira Moiteiro Messias, 87 anos.

Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 5.10.2024

---

## 41 | O MOLEIRO E OS ANIMAIS

ATU 159A

Era uma vez um moleiro que ia para o moinho. E apareceu-lhe um lobo e disse-lhe:

– Ó moleiro, para onde tu vais?

– Vou para o moinho.

– Então, olha, eu vou contigo.

Andaram mais à frente e veio uma raposa. A raposa cheia de medo do lobo, perguntou-lhe:

– Ó moleiro, para onde tu vais?

– Vou para o moinho.

– Então, olha, eu vou contigo.

Lá foram todos.

Mais à frente, aparece o coelho.

– Ó moleiro, para onde tu vais?

– Vou para o moinho.

– Então, olha, eu vou contigo.

Mais à frente aparece a perdiz. E a perdiz também diz o mesmo:

– Ó moleiro, para onde é que tu vais?

– Eu vou para o moinho.

– Então, olha, eu vou contigo.

E seguiram todos.

Quando lá chegaram [ao moinho], ele mandou fazer serviço a todos.

Ao lobo disse-lhe:

– Olha, agora tu vais buscar um carneiro.

Disse à raposa:

– Tu, vais buscar uma galinha.

Disse ao coelho:

– Olha, tu vais buscar lenha para acendermos o lume e fazermos a fogueira.

E à perdiz, diz:

– Olha, tu perdiz, vais a buscar salsa, para fazermos o jantar.

E lá foi cada um a fazer a sua...[tarefa].

Quem chegou primeiro foi a perdiz. E ela diz:

– Então? Ainda não chegou nenhum [dos outros animais]?

– Não!

[A perdiz] entregou a salsa. E diz [o moleiro]:

– Espera aí um bocadinho.

Foi buscar a faca, matou a perdiz.

Depois, aparece o coelho. O coelho também perguntou a mesma coisa:

– Ainda cá não está nenhum?

– Não!

Ele foi, diz:

– Espera aí.

E foi buscar a faca, matou o coelho.

Depois veio a raposa. Veio a raposa, e disse:

– Olha, ainda não apareceu mais nenhum?

– Não!

E foi, recebeu a galinha e disse:

– Então, agora aguarda aí um bocadinho.

Pegou num machado, foi à raposa e matou-a.

Pronto, quando chegou o lobo, não havia lá nenhum [animal]. E o lobo disse:

– Ainda não veio nenhum?

(Ah, e ele já tinha a caldeira no lume com a *iágua* a aquecer.) Recebeu o carneiro e mandou-o deitar:

– Olha, deita-te aí. Espera aí um bocadinho que eles já vêm. Olha, quando eles chegarem eu chamo-te.

Ele foi [descansar]. Quando a *iágua* estava a ferver, [o moleiro] foi e deitou-lha para cima [do lobo]. O lobo fugiu a sete pés. E encontrou mais à frente, no monte, no outeiro, uns pescadores. E disse-lhes:

– Olhem, vós quem sois?

- Somos uns pescadores.
- Então olhem:

*Eu sou o lobo do outeiro  
O das orelhas queimadas,  
Que me as queimou  
O maluco do moleiro.*

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 15.9.2024.  
.....

## 42 | O LOBO E O MÚSICO

ATU 168

Vieram cá uns músicos, lá da aldeia, a tocar. Porque antigamente vinham pela serra e iam pela serra. Ó depois, quando acabou a festa, foram pela serra. Os novos, viram o lobo, fugiram. E o do bombo, já era mais de idade, ficou debaixo da sobreira. O bombo era muito grande. Quando viu o lobo, ia direito a ele, ele subiu para a sobreira. Quando lá estava em cima da sobreira, o lobo andava lá em volta a ver se a arrancava, que era para ele cair lá da sobreira para baixo. Mas, ó depois, caiu uma bolota de cima do bombo. E ele então, o lobo, quando ouviu a bolota botou a fugir. E ele disse:

– Ai, foges?

Então desceu-se e foi até à aldeia a tocar o bombo, *zunga-tumba*, chegou lá com ele todo roto. (risos)

.....  
**Informante:** Ana Mendes Ramos, 88 anos  
Recolha feita na freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 26.07.2024.  
.....

## 43 | O PAPAGAIO E AS SACAS DE CARVÃO

ATU 237 (variante)

Era uma senhora que tinha um papagaio e uma gata. E então, de vez em quando, o carvoeiro passava. E naquele dia o carvoeiro passou, mas a senhora não estava em casa. E o carvoeiro, gritou e disse:

– Quer carvão?

E ouve uma voz que diz:

– Deixe aí duas! (duas sacas.)

E depois ele deixou as duas sacas à porta. Depois, quando a senhora chegou, diz assim:

– Ai, então, mas eu não encomendei carvão! Como é que se faz que tenho aqui duas sacas à porta?

Depois, quando abriu a porta, entrou para dentro. E o papagaio, com medo, foi-se enfiar debaixo da cama. E depois ele disse prá gata:

– Olha lá, tu também encomendaste carvão?

– Eu não!

– Ai, então estamos lixados, eu encomendei duas sacas...

.....  
**Informante:** Olívia Romão Esteves, 76 anos.  
Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 5.8.2024.  
.....

## 44 | O PAPAGAIO QUE VAI AO BATIZADO

Ca-Ch 243C

Eram uns patrões muito ricos. E resolveram a ir batizar o filho, um menino. Mas tinham um papagaio, levaram o papagaio. E pelo caminho, começou a chover. E diz o patrão:

– Foda-se que já chove!

E depois a senhora deu-lhe um desmaio, ao ouvir aquilo. E a mula escorregou e caiu. E vai e diz assim o patrão pró criado:

– Dá-lhe um pontapé na c\*na que logo se levanta!

Chegaram à igreja foram a batizar o garoto. O papagaio também lá estava. O padre, quando deitou a *iágua* benta, caiu a *iágua* benta de cima da cabeça do papagaio. E o papagaio disse:

– *Foda-se que já chove!* (risos)

E depois diz-lhe assim o papagaio:

– *Dá-lhe um pontapé na c\*na que logo se levanta!* (risos)

(Foi o que ele ouviu...)

.....  
**Informante:** Olívia Romão Esteves, 76 anos.  
Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 15.8.2024.  
.....

## 45 | OS PÁSSAROS VISITAM O CÉU

ATU 245

Uma vez, os pássaros resolveram todos a ir visitar o céu.

Chega lá a rola: “Ruu, ruu!”, com ela a cantar à porta do céu. Vem o São Pedro:

– Ó rola, o que é que tu queres?

– Ah, vinha a visitar o céu.

– Então canta lá.

– *Ruu, ruu!*

– Vá, entra lá.

Vem o pintassilgo, começa a cantar: “trichici...”

– Então, pintassilgo, o que é que tu queres?

– Vinha a visitar o céu.

– Entra lá.

Vem o melro:

– Ó São Pedro, eu queria visitar o céu.

– Canta aí um bocado.

– *Ti, ti, ti, ti, ti...* – começa a cantar.

Vem o cuco: “cu-cu, cu-cu, cu-cu”.

O São Pedro abre-lhe a porta:

– Ó rapaz, canta lá.

– *Cu-cu! Cu-cu!*

Tu não entras... [só] se fosses cantar com o bico. Tu cantas com o cu, não entras. (risos)

---

**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.

Recolha feita numa viagem a Fátima por Gorete de Brito em 23.II.2024.

---

## 46 | CRISTO DÁ O NOME AOS PEIXES

Hansen \*\*260

Quando Cristo pôs o nome aos peixes, houve uma pessoa que lhe disse:

– Ó Divino Mestre, como é que se chama aquele?

– Aquele, que está em cima de um pau, fica com o nome de *Carapau*.

E depois o outro diz assim:

– Ó Divino Mestre, então e se estivesse em cima de um alho?

– Ficava o *Carrapalho!* (risos)

---

**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.

Recolhido na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 21.II.2024

---

## 47 | O SAPO E A RAPOSA (1)

ATU 275C

O sapo fez uma aposta com a raposa. Começarem [uma corrida] aqui ao cimo da Barreira, que era por causa de... tinham pão no cabeça da Senhora da Quebrada para medirem. Ora, a raposa, ela fugiu melhor que o sapo, não é? Mas o sapo foi fino. Abalou daqui com a raposa, aqui da aldeia. Chegaram ali a uma planta que se chamava o lagoeiro, já lá estava outro [sapo]. Ó depois, lá para diante, que era na figueira que eles chamavam a figueira do Ti Luís Borges, estava outro sapo. Ao cabeça da Senhora da Quebrada, já lá estava um que já tinha medido dezoito alqueires de semente.

Quando daqui abalaram, a raposa lá ia. Quando chegaram ali, ia a correr, disse:

– Ó compadre sapo!

E ele disse assim:

– Cá vou eu!

E ele já lá estava, lá para diante.

– Ó diacho, então ele anda tão devagar e eu ainda cá vou atrás?

Chegou além, tornou:

– Ó compadre sapo!

Ele tornou a responder:

– Cá vou eu!

Já lá estava, lá no tal sítio da figueira. Quando [a raposa] lá chegou:

– Então eu corro tanto e ele já ali está à frente? Então, deixa-me lá ver!

Tornou:

– Ó compadre sapo!

Responde lá ele da Senhora da Quebrada:

– Dezoito! Dezoito alqueires!

Já tinha medido dezoito alqueires.

Ela ficou assim: “Mas como é que podia ser ela fugir tanto e o sapo ter já medido dezoito alqueires?” (risos)

---

**Informante:** Ana Mendes Ramos, 88 anos

Recolha feita na freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 23.07.2024.

---

## 48 | O SAPO E A RAPOSA (2)

ATU 275C + 275A + Car-Co 62\*A

Era uma vez dois compadres. Um era o sapo e o outro era a raposa. E eram compadres entre eles, eram muito amigos. Resolveram comprar uma quinta. E estavam convencidos

que, mais tarde, iria dar muito boa renda. Mas um dia, a raposa lembrou-se de ir a falar com o sapo e disse-lhe:

– Compadre, nós temos a quinta. Temos lá o trigo. Já está debulhado e está à parte. O trigo para um lado, a palha para o outro. E então, vamos fazer primeiro uma aposta: aquele que chegar primeiro, fica com o trigo. Com o dinheiro do trigo, para ele só. E o outro, o que chega de trás, fica com a palha.

E o compadre sapo disse-lhe assim (como já sabia as manhas da raposa):

– Está bem, eu vou pensar e depois dou uma resposta.

O compadre sapo foi falar com outro compadre dele, sapo também, muito amigo. E foi contar o que a raposa lhe tinha dito. E então, falaram e combinaram: o compadre sapo ia de manhã cedo para a quinta, para chegar primeiro. E tinha que levar um cão e escondê-lo na palha.

E a raposa, ao ver os sapos, ela não diferenciava os sapos um do outro. E ela acreditava, quando visse lá o sapo primeiro, que perdeu. E o compadre, combinou o que tinha que combinar e foi ter com a raposa. Disse assim:

– Comadre, sempre aceito a oferta.

– Está bem, pronto.

Então, lá estiveram a combinar o dia da partida. E quando começaram a corrida, ela [a raposa] deu ali dois ou três pinotes e logo se avançou muito dele [do sapo]. Nisto, passa por uma horta muito fresquinha, com couves muito boas. Foi a comer couves. Depois pensou em dormir. E disse:

– Ah, eu, com dois ou três pulos, chego lá num instante. Ainda primeiro do que ela.

Foi a dormir. Quando acordou, ao fim de uma grande soneca, foi outra vez a comer mais couves. Lá se despachou e foi, então, a correr para a quinta. Quando lá chegou viu logo o sapo. E ele disse-lhe logo:

– Ó comadre, já cá estou. Então, mandriona, dormistes uma soneca? – disse o outro sapo. (Mas ela pensava que era o mesmo.) E ela só disse:

– Vamos lá a ver a palha.

Quando foram a ver a palha, o cão saiu de lá e começou a correr atrás da raposa. A raposa, que tinha comido tanta couve, estava muito cheia. Correu muito, morreu.

O compadre que ali estava, foi ao encontro do outro compadre para lhe dar a novidade, que já tinha morrido a raposa. Ficaram os dois muito contentes. E quem é que, ó depois, ficou com o herdo? Os dois compadres. Receberam a quinta e o trigo e a palha. E a raposa morreu.

*Quem tudo quer, tudo perde.*

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 27.7.2024.  
.....

## 49 | A RAPOSA E A TARTARUGA

ATU 275C

A raposa foi a propor uma corrida à tartaruga. Claro, a raposa, corre, corre. A tartaruga, coitadinha, vai andando... E então a raposa disse assim:

– Eu vou ganhar a corrida.

Lá ia. Correu, correu, correu. Quando chegava lá adiante, deixava a tartaruga pra trás. Chegava lá adiante, a tartaruga já estava lá.

– Ah, mas então ela já cá está?

Corria, corria, corria, corria... Quando chegava lá adiante, já estava a tartaruga lá outra vez. E ela diz assim:

– Ah, mas então o que é isto?

Vai, toca a correr, toca a correr. Quando lá chegava, já estava lá a tartaruga outra vez.

– Então a tartaruga anda mais do que eu? Que coisa! Mas então o que pode ser isto?

Andou, andou, andou, andou... Quando chegou à meta, já lá estava a tartaruga.

E a raposa perdeu a corrida. E porque razão? Ela [a raposa] julga-se muito esperta, mas a tartaruga foi mais esperta. A tartaruga combinou com as amigas, e estava uma aqui, outra acolá, e outra na meta. E ganhou a corrida. A raposa *ficou a ver o padeiro*. (risos)

.....  
**Informante:** Leonor Zagalo, 79 anos.

Recolha feita na freguesia de Pedrógão de São Pedro por Rosa Gonçalves em 7.8.2024.  
.....

## 50 | A APOSTA DO SAPO COM A RAPOSA

Car-Co 277\*B + ATU 278A (variante)

Havia um sapo que fez uma aposta com a raposa, a ver quem chegava primeiro a Lisboa. (Olha que ainda era um bocado... a pé. Cuidado!) O sapo, como era malandro, em vez de dar a volta pela estrada... a raposa foi pela estrada e o sapo meteu-se a atravessar por uma lameira abaixo.

O certo é que chegou lá a um certo sítio, a uma lameira... que havia lá uma manada de vacas a pastar. Ele, coitado, passava pelo atalho e chegava primeiro lá ao destino do que a raposa. Um boi pôs-lhe uma pata em cima, em cima do sapo.

Diz a raposa:

– Ó compadre! (Eram compadres, a raposa com o sapo). Ó compadre, anda lá depressa!

– Espera aí um bocadinho que estou a segurar aqui um boi por uma pata. (risos)

(Ora o desgraçado, debaixo da pata do boi, segurava um boi por uma pata...)

Chegou, mas depois lá se conseguiu safar do boi. Seguiu viagem pela lameira abaixo.



(As vacas, ao pôr a patada numa poça, ficava lá a patada do boi, ou da vaca.)

O coitado, a andar por aí abaixo com a calma dele, caiu para dentro da patada do boi. Chegava cá em cima, quando estava quase saindo da patada do boi, entrava outra vez lá para baixo para dentro do buraco.

Dizia ele:

– Arre, diabo, será possível que esta tapada seja do mesmo dono? (risos)

---

**Informante:** António Augusto Gomes Soares, 71 anos.

Recolha feita nas Quintas do Anascer - anexa da freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 28.9.2024.

---

## 51 | A CIGARRA E A FORMIGA (1)

ATU 280A

Vai o verão, a cigarra canta, a formiga trabalha.

Veio o inverno e a cigarra foi pedir alimento... foi pedir mantimentos à formiga.

E a formiga disse-lhe:

– Ó comadre Cigarra, o que é que andou a fazer todo o verão?

– A cantar ao desafio.

– Então olhe... *quem leva o estio a cantar, leva o inverno a chorar.*

Pronto, e não lhe emprestou nada. A cigarra teve que ficar com a fome. Era assim.

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 06.07.2024.

---

## 52 | A CIGARRA E A FORMIGA (2)

ATU 280A

A cigarra e a formiga eram muito amigas. Até que há um dia que a cigarra cantava, cantava, cantava... levava o dia a cantar. E a formiga levava o dia a trabalhar, a trabalhar, a trabalhar.

E um dia a formiga disse assim:

– Ó amiga cigarra, então tu só cantas, cantas, cantas... e não fazes mais nada? Então não te lembras que tens que amealhar para o inverno?

E a cigarra dizia:

– Ah, para quê, para quê? Os dias são tão lindos! Há que cantar, cantar, cantar...

E cantava, cantava, cantava...

Quando começou a vir os primeiros frios, as primeiras chuvas, a amiga cigarra deixou

de cantar. Deixou de cantar, mas também não tinha que comer, não tinha onde se abrigar...

E então foi bater à porta da amiga formiga. E a amiga formiga abriu a porta e disse:

– Quem é, quem é?

– Sou eu, a cigarra!

– Então, cigarra, então! Primeiro cantaste, cantaste, cantaste... então e agora?

– Ai, vê lá se me podes dar comida e dormida... porque eu não tenho onde ficar.

E ela disse:

– Não, aqui não podes ficar! Aqui não podes ficar, porque quando eu te disse que tu só cantavas, tu dizias que os dias de sol eram muito lindos...

E fechou a porta à cigarra. A cigarra passou esse dia e a noite à chuva.

Ao outro dia, voltou lá, bateu à porta e voltou a falar com a formiga.

E a formiga disse-lhe assim:

– Olha, eu vou-te dar comida e guarida. Mas com uma condição: tens de começar a trabalhar e deixar de cantar tanto.

---

**Informante:** Maria de São José Alvito de Brito, 50 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 26.06.2024

---

## 53 | A CIGARRA E A FORMIGA (3)

ATU 280A

A formiga era negra e andava sempre a trabalhar. E ó *pois*, a cigarra andava a cantar, sempre, com os ceifadores. Quando foi de inverno a cigarra foi pedir mantimento à formiga.

E a formiga diz:

– Olha lá, minha amiga, o que é que andaste a fazer durante o *estio*<sup>08</sup>?

– A cantar ao [desafio].

E pediu-lhe um pão emprestado. E ela [a formiga] disse assim:

– Olha, minha amiguinha, *quem leva o estio a cantar leva o inverno a dançar.*

---

**Informante:** Ana Mendes Ramos, 88 anos.

Recolha feita na freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 26.07.2024

---

---

<sup>08</sup> Verão.

## 54 | UM BORREGO PARA O MARÇO

ATU 294

Então, chegou-se o mês de Março. E o Março é que comanda o ano inteiro.

E os pastores estavam desanimados com o Março. Porque vinha muita chuva, vinha muitos temporais e os animais não tinham o que comer, morriam com frio...

Eles disseram:

– Não, não pode ser! Vamo-nos juntar e vamos falar com o Março.

Lá foram falar com o Março e chegaram a falar com ele. Diz:

– Olhe, senhor Março, isto está muito mal. Os nossos animais não têm comida. Manda muita chuva, muitas tempestades... a erva não cresce... – e o Março calado. – Olhe, a gente, no fim, damos-lhe um borrego.

E ele sempre calado.

Eles foram-se embora... e pensaram assim:

– Ele não disse nada. Mas como quem cala, consente, ele deve mudar isto.

Assim foi, que o Março começou a mudar, o mês de março. Tudo muito bonito, a ervinha boa para eles comerem, o solinho para os borregos pequeninos se criarem, tudo bem.

Mas, um dia disseram – estava quase a chegar ao fim do mês – e eles disseram:

– Olha, temos que nos juntar, por causa dos borregos que temos que dar ao Março.

– Está bem.

Lá se juntaram, estavam todos. Mas chegou um, que era mais avarento, e diz assim:

– Oh, então vamos lá dar o borrego?!!! Então, já o março está passado, está quase no fim... A gente não lhe dá o borrego.

Os outros ainda ficaram assim, mas depois concordaram com ele.

O Março soube logo o que eles tinham combinado. E o Março, então, disse para quem lhe foi dizer; ele diz assim:

– Olha, ainda tenho dois dias. Peço um ao meu compadre Abril e eu já lhes destruo tudo. Eu já lhes dou os arranjos!

Pronto, assim foi. O Março começou o vento, começou a chuva, começou aqueles regatos todos a correr... Até levava ovelhas e levava tudo, que a água era tanta, tanta... pronto.

Eles ficaram todos tristes... e depois pensaram:

– Olha, não se pode faltar aos tratos, porque em três dias ele destruiu tudo.

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 25.06.2024.  
.....

## 55 | AI, DIAS DE MAIO...

ATU 294

Era uma vez uns namorados que se encontraram. Ela tinha ido à fonte, trazia um cântaro à cabeça. Ele, ia com a grade para o trabalho. Começaram a conversar. Tanto conversaram, passaram ali o dia. Chega a noite ela diz:

– *Ai, dias de maio, dias de amargura,*

*Ainda não era manhã já é noite escura.*

(Porque a conversa foi tão boa que ficaram ali todo o dia. [...] São os dias maiores do ano...)

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 15.9.2024.  
.....

## 56 | O SOL E O VENTO

ATU 298

O Sol e [o Vento]<sup>09</sup> iam por um caminho. O Sol estava a fazer quente e o [Vento], frio.

Era um velho embrulhado num capote, e eram homens (ou rapazes). E disseram assim:

– Qual de vós *sandeis*<sup>10</sup> mais forte? Ó Sol, és tu? Ou és tu, ó Frio?

E então, o Sol mais o Frio puseram-se a apostar. Apostaram qual era capaz de tirar o capote ao velho. Bem, lá começa o Vento a fazer vento, a fazer vento, a tirar-lhe o capote, *aventar*<sup>11</sup> com ele ao velho.

O Sol, estando quietinho, assim que [o Vento] fez lá a parte dele, começa o Sol lá a queimar, a aquecer... O velho começou-se a desfardar, a tirar o capote, a tirar tudo. E ganhou a aposta.

O Vento, meteu-se-lhe em cabeça que ele é que fazia tirar o capote ao velho. E o Sol é que o fez tirar porque lhe fazia calor.

.....  
**Informante:** Joaquina Costa, de 93 anos.

Recolha feita na freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 1.08.2024.  
.....

.....  
09 A informante engana-se e diz "a Lua".

10 Sois.

11 Arejar; ventilar.

## 57 | A APOSTA DO VENTO COM O SOL

ATU 298

Um homem ia para o campo. E estava muito vento e frio. E o Vento fez uma aposta com o Sol. Quem [dos dois] era capaz de lhe fazer tirar a roupa, ao homem que ia para o campo.

O Vento soprava, soprava... Quanto mais soprava mais o homem se agasalhava.

O Sol, abre, aqueceu, aqueceu, aqueceu... o homem tirou a roupa toda.

Quem ganhou? O Sol.

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 15.9.2024.

---

## CONTOS MARAVILHOSOS

### 58 | JOÃO VALENTÃO

AT 301B

Era uma vez um menino chamado João, que tinha uma força descomunal. Quando foi para a escola, brincava com os outros pegando-lhe pelo fundilho dos calções e pelo pescoço e lançando-os para cima do telhado. Os pais dos outros meninos, preocupados com os filhos, vieram queixar-se à professora. Esta mandou chamar os pais do João, contou-lhes o que acontecera e disse-lhes que o filho não podia mais ficar na escola.

Muito tristes levaram o João para casa. Mas ele, que não era pessoa de ficar para ali parada sem ter nada que fazer, disse à mãe:

– Mãe, quero ir correr mundo.

– Mas tu ainda és tão novinho! Já viste o que te pode acontecer? – respondeu-lhe ela com o coração nas mãos.

– Estou decidido. Arranje-me o farnel e vá ali ao serralheiro, que me faça uma bengala de ferro para eu me apoiar no caminho – pediu.

A mãe assim fez, e passada uma semana vieram dois homens com a bengala às costas.

João pegou nela com um dedo e levantou-a, dizendo:

– Esta bengala é muito fraca, quero uma mais pesada.

Na semana seguinte vieram quatro homens com a bengala. João levantou-as com dois dedos e disse:

– Ainda é muito leve: façam-me outra.

Vieram seis homens com a bengala, e João levantou-a com uma mão e disse:

– Ainda é leve, mas serve.

No dia seguinte, pela manhã, João despediu-se dos pais, que estavam muito tristes, e partiu a correr mundo. Andou, andou, andou dias e dias até que avistou um homem que arrancava pinheiros com mão e pensou: “Este gajo é forte, mas não tem mais força do que eu!”

Aproximou-se e perguntou-lhe:

– Bom dia. Como é que se chama?

Ao que o outro respondeu:

– Chamo-me Arranca Pinheiros. É a minha profissão. Passo os dias a arrancar pinheiros por estas serras.

– Eu sou o João Valentão e ando a correr mundo. Não quer vir comigo?

O outro respondeu:

– Na verdade, eu já estou farto desta vida. É sempre a mesma coisa. Vou sim, senhor!

E assim foram os dois. Caminharam, caminharam, caminharam até que certo dia viram um homem que se encostava às montanhas com o ombro e as deslocava de um lado para o outro.

– Este é que é forte! – exclamaram.

João Valentão perguntou-lhe:

– Como é que se chama?

– Eu sou o Arrasa Montanhas e ando aqui a mudar as montanhas de um lado para o outro.

– Você é muito forte! Não quer vir connosco correr mundo? Eu sou o João Valentão e este é o Arranca Pinheiros.

Ao que outro respondeu:

– Na verdade, eu já estou farto desta vida, sempre a mudar as montanhas de um lado para o outro. Vou sim, senhor!

E assim foram os três a correr mundo.

Andaram, andaram, andaram até que já cansados avistaram um palheiro abandonado onde decidiram pernoitar. Pela manhã levantaram-se cheios de fome e o João Valentão disse:

– Eu e o Arrasa Montanhas vamos à caça para o almoço e tu, Arranca Pinheiros, que és o mais fraco, ficas aqui, acendes o lume e pões estas batatas a cozer, que a gente já volta.

E assim fizeram. Quando regressaram com um javali às costas deram com o Arranca Pinheiros todo arranhado, o lume apagado e as batatas espalhadas pelo chão.

– Mas o que é que te aconteceu? – perguntou, intrigado, o João Valentão.

– Vê lá tu que quando estava a cozer as batatas – começou o outro o relato, todo choro-so – apareceu-me ali o diabo em cima daquele muro e pôs-se a gritar “Caio? Caio?”. Eu não sabia o que lhe responder! Então veio aqui, mijou para cima do lume, entornou a panela, deu-me uma sova e foi-se embora.

Os dois companheiros olharam-no admirados e condoídos, e o João Valentão animou-o:

– Deixa estar que amanhã vais tu comigo à caça e quem cá fica é o Arrasa Montanhas, que é mais forte e se o mafarrico aparecer dá-lhe uma valente sova!

No dia seguinte fizeram como combinado e ao regressarem, com um veado às costas para o almoço, vinham ansiosos por saber se o diabo tinha de novo aparecido e esperançados na vingança do Arrasa Montanhas. Qual não foi o espanto ao depararem-se com o amigo todo arranhado, o lume apagado e as batatas espalhadas pelo chão.

– Então o que é que te aconteceu? – perguntou o João Valentão já meio zangado. O outro contou a história tal qual se passara:

– Ora, apareceu o diabo em cima daquele muro a gritar “Caio? Caio?” e, como eu não sabia o que lhe responder, saltou para aqui e é que o vós vedes: fez-me a mesma coisa que ao Arranca Pinheiros!

– Ah, ele quer brincadeira?! Deixem estar que amanhã quem cá fica sou eu! – decidiu, cheio de ganas para enfrentar o mafarrico.

Quando os companheiros regressaram com uns coelhos e umas lebres para o almoço, encontraram o João Valentão sentado e bem-disposto, o lume aceso e as batatas já cozidas, e perguntaram:

– Então o diabo não apareceu?

– Apareceu, apareceu! – respondeu valente o João.

– Então e não te disse nada? – interrogaram, perplexos.

– Sim, pôs-se em cima do muro a gritar “Caio? Caio?”

– E tu respondeste o quê? – inquiriram.

– Eu levantei-me, atirei-lhe com a bengala e disse-lhe: «Já havias de ter caído há mais tempo». Depois dei-lhe uma sova, cortei-lhe uma orelha e espetei-o numa estaca ali atrás do palheiro. Vão lá ver, que ele ainda lá está!

O certo é que quando lá foram o demónio já lá não estava. Mas o João mostrou-lhes a orelha que guardava no bolso.

Nesse mesmo dia continuaram a correr mundo e chegaram, muito tempo depois, a um castelo onde viviam um rei e uma rainha muito pesarosos porque o diabo lhes roubara as três filhas e as tinha presas num poço onde ninguém ousava entrar. O rei mandara proclamar por todo o reino que dava alvíssaras a quem as conseguisse resgatar, mas até agora ninguém tinha tido essa coragem.

Ao saber disso, o João Valentão, que ainda guardava consigo a orelha do demónio, perguntou onde se situava o poço e dirigiu-se para lá. Arranjou uma grande corda e uma campainha e disse aos companheiros:

– O primeiro a descer é o Arranca Pinheiros. Atamos-te esta corda à cintura e se te sentires atrapalhado tocas esta campainha, que nós puxamos-te para cima.

E assim foi. Porém, passado pouco tempo a campainha começou a tocar e eles içaram o amigo.

– Apareceu-me o diabo lá em baixo e eu tive medo: ainda não me esqueci da porrada que ele me deu! – informou temeroso o Arranca Pinheiros.

– Pois bem, agora desce o Arrasa Montanhas – ordenou o João Valentão.

Passou muito mais tempo sem se ouvir a campainha, mas logo tocou e puxaram para cima o companheiro, que fez o mesmo relato.

– Então agora quem lá vai sou eu! – declarou confiante o João Valentão.

Ataram-lhe a corda à cintura, e começou a descer sem que jamais se ouvisse qualquer sinal. Ao chegar ao fundo, apareceu-lhe o diabo que o desafiou para um duelo. Aquele que vencesse ficaria com as princesas, mas no fim o João Valentão teria de devolver ao diabo

a orelha que lhe cortara. Concordou, e o diabo foi buscar duas espadas: uma nova muito brilhante e a outra ferrugenta e velha.

É claro que o diabo pensava que o rival iria escolher a primeira, a mais luzidia, mas enganou-se porque o João percebeu a manha: essa era de vidro. Ao primeiro lance, a espada do diabo partiu-se e o João Valentão obrigou-o a levá-lo até ao lugar onde estavam as princesas. Elas ficaram muito felizes por, finalmente, serem soltas e seguiram o herói. Entretanto o diabo reclamava:

– Dá-me a minha orelha, dá-me a minha orelha!

– Mando-ta cá para baixo, assim que chegarmos ao cimo do poço – acautelou-se o João, sabendo que, se o mafarrico a apanhasse em sua posse, poderia voltar com a palavra atrás.

Tocou finalmente a campainha e, uma a uma, as princesas foram retiradas do poço e, só por fim, subiu o João Valentão que, chegado ao cimo, lançou a orelha do diabo lá para baixo.

Os três companheiros de aventura dirigiram-se ao castelo para entregar as filhas e receber a recompensa prometida. O rei e a rainha ficaram radiantes e, cumprindo as alvíssaras apregoadas, o monarca anunciou:

– A minha recompensa, por este feito que tanto me alegra, é que cada um de vós escolha a princesa com quem quer casar.

De imediato, João Valentão tomou a dianteira e escolheu a princesa mais bela. Seguiu-se o Arrasa Montanhas que escolheu a segunda mais bonita e, por fim, o Arrasa Montanhas que ficou com a última. Elas eram todas de uma beleza nunca vista!

O rei mandou preparar uma grande cerimónia de casamento, seguida de uma faustosa boda para os convidados que vieram de todas as partes do reino. Depois houve danças e um sem fim de divertimentos. Chegada a meia-noite, o João Valentão disse ao Arranca Pinheiros:

– Vai lá fora, àquela mata, e corta o tronco do maior pinheiro que lá houver. Ata-lhe estas bichas de pólvora e põe-no à entrada do palácio. Faz-me sinal quando tudo estiver pronto.

O outro assim procedeu e, chegando à porta do salão de baile, fez sinal ao João Valentão. Este, após se despedir do rei, da rainha e dos convidados, saiu e montou-se com a princesa no pinheiro. Acendeu o rastilho e, por impulso, o tronco subiu no ar e viajou pelo céu.

Ainda hoje há quem diga que, se olharmos atentamente, poderemos ver o João Valentão e a princesa que vagueiam felizes pelo firmamento.

.....  
**Informante:** Manuel da Cruz Rodrigues (n. 12/01/1931, Penamacor – f. 10/07/1975, Paris)  
Ouvindo pela primeira vez na freguesia de Penamacor por José Manuel Batista<sup>12</sup> em 1960.  
.....

.....  
<sup>12</sup> Nota do coletor: tinha cinco a seis anos quando meu pai me contou este conto em Penamacor.

## 59 | A TORRE DAS NAVALHAS

[Mot. S 241] + ATU 302

Era um *haver*<sup>13</sup> que estava num monte muito grande, onde não chegava ninguém.

E havia um homem que tinha muitos filhos. Tinha muitos filhos, e naquele dia disse:

– Ai, vou-me a fazer uma carguinha de carvão.

Foi fazer a carguinha de carvão para lá. E tinha a mulher grávida, e tinha a cadela e tinha a burra.

Pronto, chegou lá, apareceu-lhe o... (o príncipe que estava lá encantado, naquela *coisa* a que ninguém chegava, nessa casa). E o Mouro<sup>14</sup> apareceu ao homem. Apareceu ao homem e disse-lhe:

– Ei, o que é que andas por aqui a fazer? Então não chega aqui ninguém... como é que tu és que viestes?

– Ai, a ver se fazia uma carguinha de carvão, porque tenho muitos filhos... e para o vender pra fazer pão pra eles.

– É pá, se me deres aquele que nasceu hoje em [tua] casa, eu carrego-te o burro de ouro.

Ele não se lembrava da mulher. Não se lembrava da mulher, a mulher teve uma filha. Teve uma filha, e então, o homem começou a pensar:

– Então, se for a cadela dou-lhe um *catchorro*, se for a burra dou-lhe o burrico. E ele carrega-me a burra de ouro e vai a coisa.

Lá foi para casa. Disse:

– Ó mulher, já estamos ricos, já estamos ricos. Trago aqui uma burra de ouro, a burra carregada de ouro. Já estamos ricos.

– Ah, temos muito ouro.

– Olha lá, o que é que temos [de novo] em casa?

– Olha, tive uma filha.

– Ai, já me desgracei, já me desgracei, já me desgracei!

Tinha que criar a filha e aos dezoito anos tinha que a lá ir a pôr [na casa do encantado]. Já me desgracei. Foi assim-assim, e agora tenho de ir lá pôr a nossa filha, aos dezoito anos.

– Não vás lá.

– Vou, vou, tenho de lá ir. Quando não, mata-nos a todos, e coisa.

Lá andou, lá andou, lá andou, criou a filha e aos dezoito anos foi lá a pô-la. Foi lá a pô-la, encantou-a lá também. Mas o príncipe, quando era às tantas horas, ia-se lá deitar com ela. E ela começava a tremer, a tremer, a tremer com frio...

Pronto, e ela pensou: “O que será isto? O que é que será isto? O que é que será isto?”

Um belo dia arranjou uma caixa de fósforos. Acendeu, ficou ali, pronto, ficou no meio daquele montado, sem nada. E o que mandava [o Mouro] lhe disse:

.....  
<sup>13</sup> Ser encantado.

<sup>14</sup> Gigante.



– Nunca mais voltas a ver mais ninguém, nem nada!

Ele [o príncipe] que disse para ela:

– Então agora o que devo fazer?

– Agora já não tens salvação. Eu vou já para a Torre das Navalhas. Na Torre das Navalhas ninguém lá pode entrar!

Ninguém lá podia entrar, aquilo era uma torre só de navalhas. E então tem sete portões. Sete portões e ninguém lá pode entrar.

Ela diz:

– Só fazendo-te assim: fazes-te em formiga, fazes-te em leão, fazes-te em águia.

E ele, primeiro fez-se em galgo. Arranjou um galgo e tirou-lhe o pelo:

– Ai de mim, galgo! (Fez-se em galgo.)

Ó depois, tirou uma pena a uma ave, e disse:

– Ai de mim, águia! (Fez-se em águia.)

E, outra vez... não, primeiro fez-se em leão. Ó depois disse:

– Ai...

Lá estava o porco-espinho, num coiso muito grande, numa quinta muito grande. Mas ninguém lá entrava, porque tinham medo ao porco-espinho. E não havia ninguém que o matasse.

E ele fez-se em leão. Fez-se em leão e foi lá três dias a lutar com o porco-espinho. O porco-espinho era o comandante, o que mandava lá no príncipe, o Mouro. Estava formado ali num porco-espinho. Mas ninguém lá chegava. Havia lá erva e tudo, mas ninguém lá chegava.

Chegou lá ele, ia feito num leão, para lutar com o porco-espinho. E ó depois o porco-espinho dizia:

*– Ai, leão, leão,  
se eu apanhasse  
uma garrafa de vinho  
e uma fatia de pão,  
Que seria de ti leão!*

Pronto, foram três dias. Quando foi o último dia, havia uma [rapariga] que ouvia aquilo. E o leão, no último dia, disse-lhe assim:

*– Ai, porco-espinho, porco-espinho,  
se eu apanhasse uma fatia de pão  
e uma garrafa de vinho,  
que seria de ti, porco-espinho!*

A rapariga (ou mulher) deu-lhe a garrafa de vinho, deu-lhe a fatia do pão. E [ele] matou o coiso.

E ó depois, [o porco-espinho] fez-se numa pomba, primeiro. A pomba pôs um ovo. Ele, ó depois, levou o ovo. E ó depois fez-se numa águia, para andar em volta da torre, para ele entrar. E ó depois fez-se numa formiga. Formou-se numa formiga. E depois, chegou lá, eram sete portões. Mas como era formiga, entrava para dentro. Quando chegou ao último portão, veio de lá o *haver* feito num porco-espinho. Ele espetou-lhe com o ovo na testa e ela fez-se numa *príncipa*. E ficaram.

Informante: Rosa Maria Matanço, 98 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 29.7.2024.

## 60 | O CAVALO BRANCO

ATU 314

Era um homem muito mau. E tinha um sobrinho com ele. Vivia mais o tio que era para lhe guardar a casa. Um dia ele saiu e pegou em duas chaves, das portas que ele lá tinha. E disse-lhe assim:

– Olha, as chaves são destas portas. Tu não as abras. Se abres uma porta eu mato-te.

Bem, o homem abalou, mas ele logo esqueceu as ameaças do tio. Foi a abrir a porta, a porta que abriu – era tudo escuro, parecia um campo escuro – e vem de lá um lobo direito a ele. Mas ele puxa a porta com força, rápido, e não lhe fez nada. Apareceu o tio, disse:

– Ó desgraçado, o que é que te disse? Eu não te disse que te matava se tu abrisses a porta? Ele chorou, chorou, implorou... e [o tio] acabou por lhe perdoar. Lá ficaram.

Doutra vez o tio também foi sair, entregou-lhe outra vez as chaves. Ele foi a abrir a outra porta. Nem esperou tanto tempo como a primeira. Foi logo a abrir a outra porta. Viu então um cavalo branco a pastar numa linda campina. E nisto, julga que vem já lá o tio, e disse para o cavalo:

– Ai, que vem o meu tio e ele mata-me!

E o cavalo respondeu-lhe:

– Apanha um ramo, uma pedra e um punhado de areia. E salta depressa para cima de mim.

E ele fez isso. E o cavalo fugiu, mais ele. Correram, correram, correram, mas o tio já estava a alcançá-los. Estava a apanhá-los. E diz-lhe assim:

– Ai, corre, corre, corre, que já lá vem o meu tio!

E ele disse-lhe:

– Deita fora o ramo.

Deitou fora o ramo, apareceu uma floresta, muito tapada, que não podiam passar. Pronto.

Tornaram outra vez a caminhar, a caminhar, a caminhar... Já estavam quase ao pé...

– Ai, corre depressa, que o meu tio já vem, que nos apanha!

E ele:

– Deita fora a pedra.

Deitou fora a pedra. A pedra transformou-se num monte de pedras. Também custava muito a passar. Pronto, continuaram.

Outra vez, o tio já estava quase ao pé deles. Ele torna-lhe outra vez a dizer:

– Ai, vai depressa, vai depressa, que o meu tio mata-me!

– Deita fora a areia.

Aparece o mar, enorme, uma coisa que não puderam passar. Mudaram de estrada. Mudaram de estrada e o tio já não os seguiu.

Chegaram a uma povoação... e diz-lhe assim:

– Olha, agora deixo-te aqui. Agora é já não te vou levar. Mas, quando precisares de alguma coisa, chama por mim.

Ele deixou-o lá. Ah, andava lá no meio da terra onde ficou. Estava tudo nuns prantos, tudo a chorar... E ele disse assim:

– Mas o que é que se passa aqui?

– Ah, foi a filha do rei... foi roubada por um gigante, que mora num monte muito alto. Ninguém lá pode ir.

Ele disse:

– Vou lá eu.

Foram dizer ao rei.

O rei disse-lhe... o rei mandou-o chamar e disse:

– Olha, tens que cumprir o que disseste, sob pena de morte.

E ele chamou pelo cavalo branco e foi. Lá foi, trouxe a filha do rei. Lá foi ao monte.

Ele depois, o rei, de paga, deu-lhe a filha a ele para casar.

Pronto, e acabou a história.

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 25.06.2024.

---

## 61 | OS IRMÃOS PERDIDOS

ATU 327A (variante)

A mãe disse assim... eles foram para a escola e a mãe disse assim:

– Olhem, eu vou à lenha e quando *viéreis*, vindes a ter comigo.

– Está bem.

– Olhem, o sinal que vos faço é: levo tremoços e vou comendo. Vou deixando as cascas e vós ides pelas cascas dos tremoços.

Ela foi, mas chegou àquele mato e não havia lenha. Ela teve que ir para outro lado e já não tinha tremoços. Os garotos perderam-se. Depois, andaram, andaram e encontraram uma bruxa que os trouxe. E entrou lá por uma casa e tinha lá um forno:

– Olhem, agora vamos à lenha, que vamos aqui aquecer o forno.

– Está bem.

Foram à lenha, com a bruxa, e ela pôs lá a lenha a arder. E depois disse-lhes assim:

– Olha, agora empinais aqui na pá e ides lá dentro a ver o forno.

Eles pensaram assim: “Então vai-nos queimar...”

Disseram assim:

– Olhe, então ponha-se lá de pé aí, para nós vermos.

Ela conforme se lá pôs, os miúdos *pumba* deitaram a velha para lá. E ela é que morreu lá queimada, no meio do fogo.

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 89 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 15.07.2023.

---

## 62 | OS MENINOS PERDIDOS E AS BOTAS DE SETE LÉGUAS

ATU 327B

Dois meninos saíram de casa e foram para a floresta. E depois, iam-se afastando, iam metendo miolinhas de pão pelo caminho. Os passarinhos comeram os miolinhas de pão e [os meninos] perderam-se na floresta. Depois, entraram lá numa casa. E um senhor meteu-os dentro de uma *iarca*, para os engordar, para os comer. (risos)

E então, de vez em quando ia lá:

– Mostra lá o dedinho. A ver se já estão gordinhos.

E eles lá metiam o dedo:

– Ai, ainda estão os dois magrinhos.

Depois, uma vez, apanharam lá o homem a dormir. E ele tinha umas botas que andava sete léguas. E eles calçaram as botinhas e vieram para casa, um às costas do outro.

.....  
**Informante:** Mulher de 72 anos.

Recolha feita na freguesia da Meimoa por Gorete de Brito em 4.9.2024.  
.....

## 63 | AS BOTAS DE SETE LÉGUAS

ATU 327B

Um casal tinha sete filhos e queria-os pôr fora de casa. E o mais novo era muito esperto. Um dia, ouviu, à noite, o pai e a mãe a dizerem que os iam pôr fora de casa. De manhã, o pai levantou-se. Levantaram-se:

– Vamos ao mato.

Foram ao mato. Mas o garoto mais novo levou um gorro. E apanhou pedrinhas para dentro do gorro, encheu o gorro de pedrinhas. Quando chagaram ao mato, o pai disse assim:

– Vá, vós ficais aqui que eu e a vossa mãe vamos ali a cima.

O outro, que sabia a conversa, disse para os irmãos:

– Vamos embora, que eu sei o caminho. Com as pedrinhas que deitei, eu sei o caminho de volta para casa.

Quando chegaram a casa, ficaram, dormiram. Ao outro dia, o pai disse o mesmo prá mãe:

– Vamos embora levar os garotos, lá pró mato.

Foram outra vez pró bosque. E depois [o pai] tornou a dizer:

– Olhem, ficais aqui que eu e a vossa mãe vamos ali a cima, vamos lá para cima.

O garoto disse assim:

– Vamos embora, que eu sei o caminho.

Mas já não sabia o caminho. Era as pedrinhas. Ele já não sabia o caminho. Enganaram-se. Viram uma casa branca foram lá bater. Foram lá bater e apareceu-lhes a mulher. Ela disse:

– Olhem que o meu homem é o Gigante Lapão, come gente.

– Está bem.

Mas deixou-os entrar. Foi eles a entrar, o homem estava lá, entrou logo. Entrou, disse:

– Cheira-me a sangue humano.

E a mulher disse:

– Cala-te, não cheira nada!

Mas ele foi dar a volta debaixo das camas e viu os sete rapazes:

– Ah, já tenho [comida] para sete dias.

E o outro também tinha sete filhos. Mas tinham gorros de ouro.

O que é que os outros fizeram? De noite, tiraram os gorros aos outros. O homem quando se levantou para matá-los, de noite, matou os dele. E os outros já lá não estavam, fugiram.

E ele, quando viu aquilo, disse para a mulher:

– Dá-me lá aí as botas de sete léguas.

E calçou as botas e foi a ver deles. Mas eles estavam por detrás de um penedo, muito grande, e ele não os viu. Ele estava cansado, deitou-se a dormir, o homem. O mais novo foi, outra vez, tirou-lhe as botas. Tirou as botas ao [Gigante Lapão], foram para casa com as botas das sete léguas.

.....  
*Acabou-se a história, morreu a Vitória.*  
.....

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 30.9.2024.  
.....

## 64 | JOÃO SOLDADO

ATU 330 + 326

João Soldado não deve nem teme, serviu vinte e quatro anos o rei e recebeu um pão e quatro vinténs. E ia com ele pelas ruas a tocar corneta. E naquela época, em que Jesus Cristo andava pelo mundo (que lá está, a tal parte sagrada) com São Pedro, a pregar a Boa Nova, falam um para o outro, veem o soldado João a ir pela rua, e dizem:

– Hum, achas que será uma boa pessoa?

– Não sei, vamos saber! – um para o outro.

– Então vamos lá. Vamos lhe pedir [esmola].

E, armando-se em pedintes, páram o João Soldado no meio da rua, e dizem:

– Olha lá, dás esmola a um pobre?

E o João Soldado, com aquele ar arrogante de soldado, diz:

– Hum, recebi um pão e quatro vinténs... ainda tenho para vos dar? Tomai.

Deu um vintém a cada um, e deu-lhe metade do pão.

Claro que, por milagre, voltaram-lhe a aparecer-lhe ao caminho:

– Olha lá, dás esmola a um pobre?

– Hum, acho estranho! Ainda agora passaram dois por mim parecidos convosco... não sei... Bom, darei sempre esmola a um pobre. João Soldado não deve nem teme. Andou vinte e quatro anos a servir o rei e recebeu um pão e quatro vinténs. Olha, tomal!

Deu um vintém a cada um e a outra metade do pão. Claro que o João Soldado ficou sem nada.

À terceira vez, voltaram a aparecer-lhe ao caminho. E João Soldado disse:

– Eh, desta vez escusam de vir a pedir.

– Então, já não tens nada para nos dar?

– Ah, afinal sois vós! Hum, bem me parecia. Bem me parecia que, se calhar, tínheis-me levado tudo, como o rei. Levou-me vinte e quatro anos e deu-me um pão e quatro vinténs, que agora vos dei a vós. Olha, será o destino, mas desta vez não tenho nada para vos dar.

Então, Jesus disse para São Pedro:

– Hum, então, o que é que achas?

– Passou no teste.

– Então, vamos lhe dar um benefício. Olha, soldado João, por seres tão boa pessoa, vamos te dar um presente. Vamos te dar um bornal e tudo o que tu quiseres é só dizeres: “entra para dentro do bornal”. E nunca mais de lá sai a não ser que tu o tires.

– Oh, será bem assim? Hum... bem, dai cá o bornal.

E João Soldado seguiu o seu caminho levando o bornal. (Um bornal era um saco de cabedal, daqueles que as pessoas gostam para levar a merenda, mas vazio). E o João Soldado já estava tão cheio de fome, passou por um mercado. E ao passar pelo mercado viu uns chouriços... “Ah, que maravilha!”, e uns pães acabados de fazer... Ah, mas já não tinha dinheiro para comprar... Então lembrou-se:

– E se eu abrir o bornal? Pode ser que venha cá qualquer coisa.

Abriu o bornal e disse:

– Saltai para o bornal!

E os chouriços, por magia, enfiaram-se dentro do bornal. E o pão rebojava para dentro do bornal. E o soldado João, com o bornal cheio, toca a ir-se embora. E o dono a correr atrás dele. Mas lá seguiu o seu caminho. E conseguiu levar a sua merenda.

– Bem, afinal funciona – diz ele. – Hum, isto não é mau!

Pôs-se a caminho, foi dizendo lá para os seus botões:

– Ah-ah-ah... Olha, João Soldado não deve nem teme! Servi vinte e quatro anos o rei, recebi um pão e quatro vinténs, e agora recebi um bornal. Ah, já não é nada mau!

Tinha andado um pedaço do caminho e começou a pensar:

– Hum, está-se a fazer de noite. Vou pedir pousada, aqui a alguém, para poder dormir.

E chegando a um albergue, disse:

– Ah, queria uma cama para poder dormir.

– Aqui não há cama nenhuma! Só se a puderes pagar! Tens dinheiro?

– Ah, não, não tenho... Mas, se me pudéreis fiar...

– Aqui não se fia a ninguém! Se queres dormir de graça, vai para aquele casebre. Que morreu lá um avarento, ninguém para lá quer ir. Vai tu e ocupa-lhe o lugar.

E ele, olhando bem, olhou para a casa e disse:

– Hum, parece um casebre de pobre. Mas, se diz que era de um avarento, deve ser pobre mesmo. Porque os avarentos não dão nada a ninguém...

Mas lá foi. Foi, entrou no casebre, e por sinal olhou... aquilo parecia um casebre muito pobre. Mas para dormir servia. Foi descendo e descobriu uma cave. E como tal, lá na

cave, como todos os avarentos, descobriu belos presuntos pendurados, pipas de vinho... E disse:

– Oh, que maravilha! Bem dizem que os avarentos não davam nada a ninguém, teria cá de ter alguma coisa.

E toca de se refastelar com os presuntos que estavam ali já há anos pendurados. Deviam estar no ponto. Com vinho do mais requintado que havia. E foi-se refastelando até que, passado um tempo começou a dormir, o vinho começou a fazer efeito. E ouviu uma voz a dizer:

– Ai que caio! Ai que caio!

Ele olhou em volta, não viu ninguém, e disse:

– Bem, deve ser o tal condenado, o avarento, que ainda anda por aí.

E gritou-lhe:

– Se queres cair, cai! João Soldado não deve nem teme! Serviu vinte e quatro anos o rei e recebeu um pão e quatro vinténs. Porque é que agora havia de me ralar com quem cai? Cai!

E de repente, caiu uma perna. – *Prum!*

Bem, o João Soldado continuou a dormir. Olhou para a perna: “hum...”

E a voz continuava:

– Ai que caio! Ai que caio!

E ele continuou a dizer-lhe:

– Homem, se queres cair, cai, já te disse. João Soldado não deve nem teme! Cai lá à vontade! Podes cair!

E caiu um braço. E continuando assim, o João Soldado foi adormecendo e acordando com aquela voz. Até que caiu o resto do corpo todo. Ele olhou para ele e disse-lhe:

– Então, e agora, o que é que tu queres que eu te faça? Queres que te junte os pedaços todos?

– Não! Quero que me salves!

– Como que te salve? Agora, que estás todo partido, como é que eu te vou salvar?

– Quero que rezes por mim... Quero que dês a minha fortuna aos pobres... E quero que fiques com algum dinheiro para ti.

– Como, dinheiro? Tu só tens presuntos e vinho...

– Vai, procura por baixo dessa pipa e encontrarás três talhas. Três talhas cheias de ouro, aquele que eu nunca dei a ninguém.

Ai, ele procurou. Destapou umas tampas de umas talhas que pareciam talhas de vinagre, que usavam naquela época, e lá dentro viu moedas de ouro. E o avarento disse-lhe:

– Se conseguires cumprir a tua missão, poderás ficar com uma talha de ouro.

– Bom, então vamos lá a saber: o acordo é que dou uma talha aos pobres. Hum, essa é uma boa ideia! Que tenho que dar outra talha para rezar missas para te salvar. Bem, está bem! E que fique com uma talha de ouro para mim, essa também é uma boa ideia. Bom, não será muito difícil de cumprir.

E assim fez. Começou a distribuir moedas de ouro pelos pobres, até que se acabaram as moedas da talha; foi à igreja e pagou não sei quantas missas pela alma do defunto; e ficou com uma talha de ouro para ele. E assim, aquela *ialma* que estava condenada, salvou-se e foi a caminho dos céus.

Quem não ficou muito satisfeito foi o diabo. Aquela *ialma* estava condenada a ir para o inferno:

“Como é que vinha um soldado e tirava-me a *ialma*?” Então o diabo, lá no inferno, disse:

– Este João Soldado... tenho de lhe dar uma lição!

Disse ao diabo mais novo:

– Vai lá e traz-me o João Soldado para o inferno.

O diabo mais novo lá foi. Tendo-lhe o diabo grande encomendado aquela incumbência, deslocou-se ao sítio onde estava o João Soldado, que já tinha comprado uma casa, tinha árvores de fruto e estava bem refastelado a comer os seus figuinhos. Quando chegou o diabo mais novo e lhe disse:

– João Soldado, tu tens que vir comigo!

– Como, tenho que ir contigo? Tu não tens bom aspeto! Eu não gosto de pessoas que não têm bom aspeto. ‘Tou a desconfiar de ti.

– Tens de vir comigo porque eu sou o filho do diabo.

– És o filho do diabo... *hum!* E agora tenho de ir com o filho do diabo? Isso era o que faltava! Homem, se queres um figo, senta-te e come um figo. E está calado, porque a mim dói-me a cabeça.

– Tens que vir comigo para o inferno!

– Homem, já te disse que não vou contigo a lado nenhum. Senta-te lá aí e come um figuinho.

O diabrete continuava a dizer-lhe:

– Tens que ir comigo para o inferno!

Ele:

– Está bem, come lá um figuinho que eu vou ali dentro, ali de casa, já venho.

João Soldado foi lá dentro, trouxe o bernal às costas. E quando chegou, estava o diabrete todo lampeiro a comer figos, de cima da figueira. E ele disse-lhe:

– Então, são bons os figos?

– Sim, sim, mas agora tens de vir comigo!

– Não, quem vem comigo és tu! Entra aqui para o bernal!

E o diabrete bem se retorcia, mas entrou no bernal, a custo. E o soldado João pegou num grande pau e arriou-lhe tantas malhas, que o deixou parecido com uma lombriga. Tão fininho, tão fininho, que conseguiu sair por um buraquinho da ponta do bernal e rastejou até o inferno.

Quando chegou ao inferno, disse-lhe o diabo:

– Então, trouxeste o João Soldado? E vens nesse estado?

– Não o trouxe. E já lá não volto. Já lá não volto que ele fez-me isto: deu cabo de mim, nem um osso se aproveitou!

– Hum, como é que pode ser? Um soldado fazer pouco do diabo? Desta vez vou lá eu.

E então o diabo, saiu do seu púlpito no inferno, e deslocou-se à casa do soldado João.

Ao chegar disse-lhe:

– Então, soldado João, maltrataste o meu filho?

– Como? Aquele que saiu daqui amassado era o teu filho? Ah, ele bem dizia que era o filho do diabo. Então, quer dizer que tu és o pai? Ah, então tu és o pai do diabo!

– Sim, sou eu, o Diabo!

– Pois, tu és o pai do diabo... ele era o filho do diabo. Agora, o filho do diabo está amassado. E tu: “entra cá para o bernal.”

E o diabo todo se retorcia, mas teve que entrar para o bernal. E quando o apanhou lá dentro, o soldado João foi direito à bigorna que estava mais próxima, uma daquelas de maçar o ferro. Pegou numa maceta e deu-lhe tantas, tantas, tantas, que o diabo saiu de lá tão amassado que mais parecia a massa do pão depois de estendida.

Conseguiu deslocar-se para o inferno e, quando chegou, disse:

– Reuni os diabretes todos! Vinde, vinde, rápido! Fazei umas grandes trancas de ferro e trancai o inferno! E se ouvirdes uma corneta, enfiai todos os ferrolhos e não deixai entrar o João Soldado!

Eles, cheios de medo, assim fizeram umas grandes portadas no inferno, cheias de trancas e cadeados.

E o João Soldado viveu na terra durante mais uns anos e acabou por morrer sossegado e tranquilo. Mas antes de morrer, preparou-se. E disse:

– Hum, agora que vou a caminho do céu, será conveniente levar o bernal.

E colocou o bernal bem guardado, junto ao seu corpo. E quando faleceu, junto com a sua corneta, foi tocando a caminho do céu. E quando passou pelas portas do inferno, elas estavam trancadas. E o diabo, lá dentro, disse:

– *Chut*, nem ninguém fala! Aqui não pode parar.

E então chegou ao céu. E quando chegou, encontrou a porta do céu, e à frente estava o São Pedro. E disse-lhe o João Soldado:

– Olá, bem nos vemos outra vez!

E o São Pedro disse:

– Não te conheço. Vieste aqui parar, porquê?

– Ah, porque quero entrar no céu.

– Hum, queres entrar no céu, mas para entrares no céu tens de dar provas de que foste boa pessoa e nunca pecaste nem cometeste crimes.

– Ora essa! Como assim? Já não me conheces? Eu, João Soldado que serviu vinte e quatro anos o rei e recebeu um pão e quatro vinténs. E nada deve e nada teme. Porque é que não poderei entrar no céu?



– Porque tens de prestar contas.

– Ora, essa é que não!

Tirou o bernal e disse-lhe:

– Ora entra cá pró bernal!

E o São Pedro bem se retorcia, mas, a custo, teve de entrar no bernal.

O João Soldado fechou o bernal, entrou no céu, tirou a chave do São Pedro, fechou a porta e disse-lhe:

– Agora podes sair!

– Ah, já me lembro de ti – saiu, aliviado, o São Pedro do bernal. – Já me lembro! Tu foste aquele que nos deu tudo: um pão e quatro vinténs. E agora, para entrares no céu, meteste-me no bernal que eu te dei. Hum, pois bem, entra lá João Soldado. E já agora, que fechaste a porta, deixa-a aberta mais um bocadinho porque vem aí outro atrás.

– Outro? Como assim?

– É que, nunca há um sem dois.

– *Num* percebo. Mas, pronto, até logo!

---

**Informante:** António Manuel Gameiro Rico, 60 anos.

Recolha feita na freguesia de Salvador por Gorete de Brito, em 16.07.2024.

---

## 65 | O PADRE FAZ DE BURRO

AT 330\*

O padre queria ir para o céu. Mas os padres não têm entrada no céu. Têm tantos pecados... não conseguem. E, então, acontece que morreu um homem e ele foi-lhe pedir assim (já tinha morrido):

– Olha lá, tu vais para o céu, que tu és uma pessoa boa... Se quiseres, levás-me contigo que eu levo-te a cavalo.

Bem, lá foi o padre a fazer de burro. E o outro a cavalo nele até ao céu. Chegaram ao céu, bateram à porta. Veio de lá o São Pedro.

Diz-lhe ele assim:

– Olha lá, tu vens a cavalo ou vens a pé?

– Ai, eu vim a cavalo.

– Então, prende a besta aí à porta. E tu entra.

(O homem entrou e o padre ficou preso à porta. Já viu como era? Era assim.)

---

**Informante:** Leonor Zagalo, 79 anos

Recolha feita na freguesia de Pedrógão de São Pedro por Rosa Gonçalves em dezembro 2023.

---

## 66 | O CAPUCHINHO VERMELHO (1)

ATU 333

Era uma senhora que [tinha uma filha que] tinha a avó longe. E então, arranjava as cestas todos os dias à menina e [ela] ia levar o comer à avó. Quando de lá vinha, diz que vinha a cantar, pela estrada a fora:

*Pela estrada a fora,*

*Eu vou bem sozinha. (bis)*

Depois, mais à frente, apareceu lá uma pessoa que lhe diz:

– Ó Capuchinho, passas aqui todos os dias, *hades-me* trazer também uma merenda para mim.

– Eu não tenho merendas para te trazer a ti, só a vou a levar à minha avozinha.

Mas aquele apareceu tantas vezes que o diabo, um dia, manifestou-se.

– Olha que eu, se não me dás o lanche da tua avó, um dia como-te.

– Ah, mas eu é que não quero.

E então, foi contar à mãe o que se passava. E ela diz:

– Ai, não pode ser. Então tu vais na frente. E eu vou sobre ti a ver o que é que se passa.

Quando lá chegaram era um lobo. Mas vestido, parecia uma pessoa.

---

**Informante:** Uma senhora de 74 anos.

Recolha feita na freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 28.9.2024.

---

## 67 | O CAPUCHINHO VERMELHO (2)

ATU 333

Uma velhinha estava doente, acamada. E era a menina que a ia visitar, que levava a cestinha para ir dar de comer à avó. E depois apareceu-lhe o lobo no caminho. E a menina disse que ia cuidar da avó. E o lobo *procurou-lhe* onde é que a avó vivia. E ela lá lhe disse.

Depois, o lobo, em vez de voltar para trás, foi em direção à [casa da] avó. E matou a avó e meteu-se ele lá na cama. Depois, quando a menina lá chegou, a menina *procurou*:

– Ó avó, o que é que estás a fazer?

– Estou a descansar, filha.

– Então, e tens umas orelhas tão grandes?

– É para te ouvir melhor.

– Tens um nariz tão grande?

– É para cheirar melhor.

– Então, e tens uma boca tão grande?

– É para te comer melhor.

E depois comeu-a.

.....  
**Informante:** Maria Angélica da Cruz Agostinho Salvador, 65 anos.

Recolha feita na freguesia da Bemposta por Gorete de Brito em 18.10.2024.  
.....

## 68 | AS TRÊS LARANJINHAS

ATU 408

Era um príncipe que, cada vez que ia à caça, ia sempre a casa de uma velha a beber água. E ela nunca o deixava entrar. Até que um dia ele conseguiu entrar sem ela dar conta. Mas quando ela o viu, ele já tinha bebido a *iágua*. E viu as três laranjinhas lá de cima de uma mesa. A velha, depois, deu-lhe as laranjinhas. Deu-lhe as laranjinhas e disse-lhe assim, que só as abrisse onde houvesse água.

Ele lá saiu com as laranjinhas. E foi andando. Quando encontrou água, abriu a primeira. Saiu uma menina muito bonita. E disse-lhe:

– Tens pente para me pentear?

– Tenho.

– Tens água para me lavar?

– Não.

– Tens toalha para me limpar?

– Não.

– Então, adeus.

Pronto, desapareceu (ou morreu).

Pronto, continuou com as outras. Até que chegou a outro sítio onde havia *iágua*, que era um rio. E estava uma mulher a lavar. Ele abriu a outra. Apareceu outra vez uma menina e disse-lhe assim:

– Tens pente para me pentear?

– Tenho.

– Tens água para me lavar?

– Tenho.

– Tens toalha para me limpar?

– Não.

– Então, adeus.

Pronto, tornou outra vez a seguir o caminho. E chegou depois onde encontrou água, uma fonte, e disse-lhe... Ah, e ele abriu outra laranjinha. Quando abriu a laranjinha, aconteceu... tornou a dizer a mesma coisa:

– Tens pente para me pentear?

– Tenho.

– Tens água para me lavar?

– Tenho.

– Tens toalha para me limpar?

– Tenho.

Pronto, ela lavou-se, ela penteou-se, preparou-se. E ele mandou-a sentar em cima da fonte. Ela ficou lá e disse-lhe que depois a ia buscar. Ela ficou lá.

Todos os dias ia uma preta ao tanque (aquilo tinha tanque). E ela ia encher uma cantarinha de barro. E ela via a sombra da menina na *iágua*, e ela julgava que era a dela. E partia a cantarinha.

Até que, um dia, ela olhou para cima e viu-a.

E disse-lhe:

– Ó menina, venha cá pra baixo, que a hei-de catar.

Ela veio pra baixo, e ela [a preta] começou-lhe a mexer na cabeça. Ela adormeceu. E ela espetou-lhe um alfinete em cada ouvido. Ela transformou-se numa pomba. E a preta foi para o lugar dela, foi-se lá sentar na fonte. Foi-se sentar na fonte, e depois, quando o príncipe lá foi, diz assim:

– Eras tão bonita e estás tão feia?

– Foi do sol.

E levou-a. E levou-a... casaram. Foram pró palácio, casaram.

No fim, ia uma pombinha, sempre. Primeiro foi à janela. Mas depois ia ao jardim. E dizia-lhe assim:

*– Jardineiro que regas a tua horta,*

*Diz-me como vai o teu amo,*

*Com a tua iama, preta, negra e torta?*

Tornava outra vez:

*– Jardineiro que regas a tua horta,*

*Diz-me como vai o teu amo,*

*Com a tua iama, preta, negra e torta?*

Ele enfadou-se de tanto ouvir e foi dizer ao príncipe. O príncipe diz-lhe assim:

– Arma o laço de cobre.

Mas ela, depois quando lá foi, disse:

– Laço de cobre não é para mim.

Ficou lá. Depois, ele disse-lhe:

– Olha, põe um de prata.

Também não era para ela.

Pôs-lhe um de ouro, e ele apanhou-a. O jardineiro apanhou-a. Levou-a ao príncipe. O príncipe pegou nela, e mexeu-lhe na cabeça. Mexeu-lhe na cabeça e viu-lhe os alfinetes nos ouvidos. Tirou-lhos. Tirou-lhos, ficou uma menina, que ele viu que era a menina que deixou na fonte.

E depois perguntou-lhe:

– O que queres que faça à preta?

– Dos ossos, uma cadeira pra m'eu sentar.

Pronto, é isto.

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 19.08.2024.

---

## 69 | AS TRÊS LARANJAS

ATU 408

Era uma vez um príncipe que andava à caça. Andava a ver se caçava um coelho ou uma lebre... andava a passear e à caça. Depois, estava muito calor e ele tinha muita sede, muita sede. Mas não havia por ali água nenhuma para ele beber, não havia nenhuma fonte.

Depois, passou a uma quinta. Tinha um portão e bateu ao portão. E depois, veio uma menina, ao portão:

– O que é que o senhor quer?

– Ah, tenho tanta sede, tanta sede... Queria que me dessem um copo de água.

E a menina disse-lhe:

– Olhe, então espere que eu vou ali... que está ali a minha mãe. Eu vou dizer à minha mãe.

A menina foi lá dentro de casa e disse à mãe:

– Ó mãe, está ali um senhor num cavalo. Diz que tem muita sede e pediu-me um copo de água.

A ver se lhe dava um copo de água.

– Está bem, filha, leva lá o copo de água ao senhor.

E a menina levou um copo grande, cheio de água, para o senhor beber e matar a sede.

E ele disse:

– Ah, mas eu vou ter mais sede, agora pelo caminho. E não tenho mais água para beber.

Olhe, diga à sua mãe se me vende três laranjas.

E a menina foi lá, o senhor já tinha bebido a água (que elas não sabiam que era um príncipe) e foi dizer à mãe:

– Ó mãe, o senhor disse se lhe vendia três laranjas. Que é para quando ele tiver sede,

comer uma laranja, para lhe matar a sede.

A mãe veio e disse:

– Olhe, eu não lhe vendo as laranjas. Mas dou-lhas, três laranjas. Só numa condição: o senhor só abre a laranjas quando encontrar um tanque de água. Há de encontrar uma fonte com um tanque de água. Então aí, pode abrir as laranjas e comê-las, se o senhor quizer.

Bem, o cavaleiro, o senhor que andava no cavalo, fartou-se de andar a cavalo, a andar, a andar, a andar. Não caçou nada. Mas chegou a uma certa altura que viu, realmente, assim umas árvores, um tanque e uma fonte. Por cima da fonte havia uma laranjeira, muito grande. Ele, à sombra da laranjeira, abriu a primeira laranja. Quando ele abriu a primeira laranja, em vez da laranja ser para comer, apareceu-lhe uma menina, muito bonita. E a menina disse-lhe:

– Olha, dá-me água para me lavar, pente para me pentear e uma toalha para me limpar.

E o príncipe disse:

– Olha, a água, está aqui o tanque. A toalha não tenho cá. E o pente também não. Mas deixa que eu vou ao meu palácio, vou buscar.

– Não, não! Então vou para o meu laranjal.

A menina desapareceu.

– Vou a abrir a segunda laranja.

E abriu a segunda laranja. Saiu de lá uma menina ainda mais linda do que a primeira.

E disse-lhe a mesma coisa:

– Dá-me água para me lavar, pente para me pentear e uma toalha para me limpar.

– Ai, mas eu não tenho nada disso aqui.

– Então vou para o meu laranjal.

E a menina desapareceu, foi-se embora. Ele já estava tão curioso, abriu a terceira laranja. Apareceu outra menina ainda mais bonita, que lhe disse a mesma coisa:

– Dá-me água para me lavar, um pente para me pentear e uma toalha para me limpar.

– Mas eu não tenho aqui nada disso, vou ao palácio a buscar. Olha, espera só um bocadinho que eu já venho.

E então, a menina ficou ali à espera que o príncipe viesse. Mas com o medo, subiu para cima da árvore e ficou lá muito quietinha.

Daí a bocado, veio uma preta... uma pretinha vem à fonte buscar água. E vinha a cantarolar assim pelo caminho:

*Preta, pretinha,*

*Mal-empregada vir à fonte*

*Com a cantarinha.*

E quando chegou ao pé da fonte, a menina que estava lá por cima viu-se na fonte, que era um espelho [de água]. E ela [a preta] julgava que era ela. E então, *tráz*, parte a cantarinha.

A menina que estava lá em cima da árvore deu uma gargalhada. E a preta começou a ver, a ver de onde é que vinha aquela gargalhada. Olhou para cima da árvore e viu a menina. E ela começou a dizer prá menina:

– Olha, anda cá, vem-me fazer companhia. Desce cá para baixo.

E a menina disse:

– Não, não vou!

– Anda, vem!

E a menina desceu, veio-se sentar ao pé da preta. E a preta disse-lhe assim:

– Olha, deita aqui a cabeça no meu colo.

E a menina fez o que a pretinha lhe mandou. Ela tinha dois alfinetes. (Porque a preta era uma bruxa, e então sabia que a menina que estava para ir para o palácio. Porque o príncipe tinha ido a casa buscar a toalha, o pente e roupa para ela se vestir, que a menina lhe tinha pedido.) A menina deitou a cabeça no colo dela. Ela tinha dois alfinetes. Tirou um, dobrou assim o ouvido ao meio da menina e prendeu com o alfinete. Ficou metade de uma pombinha. Depois virou-a e, do outro lado, fez-lhe a mesma coisa. Dobrou-lhe a orelha e espetou-lhe o outro alfinete. Fez-se uma pombinha branca muito bonita e voou. Voou, foi para o palácio do príncipe, para o jardim. A preta, que sabia a história toda que a menina lhe tinha contado, e porque era bruxa, subiu para cima da árvore. Quando o príncipe chegou, ela desceu logo a correr, da árvore, e veio ter com o príncipe. E o príncipe, quando a viu, ficou muito admirado. Disse-lhe:

– Ai, então tu eras tão linda, tão formosa... e agora estás assim tão preta...

E ela respondeu-lhe:

– Pois, deixaste-me aqui ao sol... e ao vento... Eu estava tão formosa que me queimei toda. Estou toda queimada do sol e do vento.

E o príncipe ficou com pena e disse:

– Olha, toma a toalha para te limpares, a roupa para te vestires e o pente para te penteares. Que é para ires, então, para o palácio.

Ela ficou toda contente. Lá toca a correr, de se lavar, de se limpar com a toalha... pentear-se e vestir-se. Montou-se no cavalo mais o príncipe e foram para o palácio.

No dia seguinte, o jardineiro foi ter com o príncipe e disse:

– Ó meu patrão, anda uma pombinha branca, tão linda, tão linda, no jardim... Mas é engraçado que ela fala. Olhe, já me disse assim:

*– Jardineiro que regas a horta,  
Como vai o teu patrão,  
Com a preta, negra e torta?  
Ai de mim, bato as asas, vou daqui!*

Batia as asas e fugia. E o príncipe disse-lhe:

– Olha, toma. Levas este laço e armas-o lá no jardim, num sítio qualquer. Pode ser que a pombinha lá prenda o pé e a apanhes.

Bem, quando o jardineiro estava a armar o laço, a pombinha apareceu outra vez. E perguntou-lhe:

*– Jardineiro que regas a horta,  
Como vai o teu patrão,  
Com a preta, negra e torta?  
Ai de mim, bato as asas, vou daqui,  
Laços de fita não são para mim!*

Foi-se embora. A pombinha desapareceu.

Ela aparecia todos os dias. E todos os dias dizia a mesma coisa. E o jardineiro ia a casa a contar sempre ao príncipe.

Um dia, o príncipe disse:

– Olha, levas esta gaiola e põe-ze-a no meio de um canteiro. Deixas-lhe a porta aberta. Que é para ver se a pombinha lá vai.

E a pombinha, foi lá. Ao outro dia, a pombinha andava por ali a esvoaçar, a esvoaçar. E lá foi perguntar ao jardineiro:

*– Jardineiro que regas a horta,  
Como vai o teu patrão,  
Com a preta, negra e torta?  
Ai de mim, bato as asas, vou-me daqui,  
Gaiolas de prata não são para mim!*

Foi-se embora.

Depois, ao outro dia diz-lhe assim [o príncipe ao jardineiro]:

– Já não sabemos o que havemos de fazer – disse o príncipe. – Queria tanto apanhar aquela pombinha.

E a preta, que sabia o que tinha feito e que sabia quem era a pombinha, dizia sempre assim [ao príncipe]:

– Não, deixa-a andar. Então... não tem importância nenhuma. Deixa-a andar.

– Mas eu hei de a apanhar.

E vai o príncipe para o jardim, com o jardineiro, para ver se conseguia ver a pombinha. E leva uma gaiola e põe-a lá no meio de um canteiro, a ver se a pombinha para lá vai. E ele senta-se assim ao lado, a ver se a pombinha para lá ia, ao lado do canteiro. A pombinha entrou para dentro da gaiola. O príncipe vai e fecha-lhe a portinha. E levou-a para casa. Levou-a para casa, todo contente com a pombinha branca. E a preta ficou muito zangada,

muito zangada, com medo que o príncipe descobrisse quem era a pombinha. Andou por ali uns dias. O príncipe abria-lhe a gaiola, ela saía, tornava outra vez a entrar, tornava outra vez a sair... e andava por ali, assim, a esvoaçar.

Até que um dia, o príncipe apanhou-a, segurou-a e começou-lhe a fazer festas na cabeça.

Disse assim:

– Ah, é engraçado! A pombinha parece que tem aqui um pico.

Foi a ver, era um alfinete. E tirou-lhe o alfinete.

Disse:

– Esta também está boa!

Ficou metade de uma menina. Voltou-lhe a cabeça do outro lado, tinha outro alfinete. Tirou-lho, ficou a menina, que ele conheceu logo. Aquela menina que ele tinha deixado na fonte, no tanque. A preta, quando viu isto – ó pés! – fugiu. Mas ele [o príncipe] mandou os guardas atrás dela para a apanharem. Queria castigá-la. Maneira que, depois, apanharam-na – apanharam a preta – e trouxeram-na ao palácio do príncipe. E depois, o príncipe disse prá menina:

– Agora eu quero castigar a preta. Diz-me tu que castigo é que lhe havemos de dar.

E a menina disse:

– Nenhum, não lhe dás nenhum castigo.

– Então ela fez-te tão mal... E tu não queres que eu a castigue?

– Não! Deixa-a ir embora. E que nunca mais cá volte.

Então o príncipe fez aquilo que a menina lhe disse: deixou a preta ir-se embora e disse-lhe para ela nunca mais lá voltar. E a preta nunca mais lá voltou. Porque ela tinha inveja era que a menina ficasse no palácio e casar-se com o príncipe. Ela [a preta] é que queria casar com ele.

---

**Informante:** Maria dos Anjos Ramos da Cruz Mendes, 71 anos.

Recolha feita na freguesia de Aldeia de João Pires por Cátia Mendes em 8.8.2006

---

## 70 | O PRÍNCIPE MONSTRO

ATU 433B

Era um rei e uma rainha. E não tinham filhos. E ela tinha muita pena e pedia a Deus que lhe desse um filho nem que fosse um monstro. E nasceu mesmo um monstro. Ele nunca saía do quarto. O pai pôs lá um homem para estar sempre com ele. E chegou uma altura (que [ele] era mau)... Chegou a altura, disse ao rapaz:

– Vais dizer ao meu pai que me arranje uma namorada.

Bom, o pai disse assim:

– Onde é que eu vou arranjar uma namorada? Ele é tão mau, é feio... onde é que eu vou?

E o homem lembrou-lhe assim:

– Olhe, a rainha viúva tem lá três filhas. E ela é muito ambiciosa. É capaz de dar a filha.

Bom, o homem lá foi. E ela disse-lhe que sim.

Mas a mãe [da noiva] disse-lhe logo assim:

– Tu, a noite do casamento, levas uma faca, matas-o logo.

Estavam à espera dos convidados, estava um cavaleiro num cavalo, um jovem muito bonito. E era ele. E ele, começou a falar com ela e diz-lhe assim:

– Então é a menina que vai casar com o príncipe? É tão feio! É tão mau!

E a menina:

– Eu já tenho o remédio.

E ele ficou triste. E lá estiveram no casamento. E quando foram para o quarto, ela estava à espera que ele adormecesse, mas quem adormeceu foi ela, primeiro. E ele é que a matou a ela. Pronto.

Segunda. A [rainha] mãe também deu a outra filha. Mas disse-lhe a mesma coisa. E ela também fez o mesmo. Mas o príncipe também lhe disse:

– É a menina que vai casar?

Mas ele era um jovem muito bonito. Mas depois, quando chegava lá no quarto, ele tinha uma pele, e não sei quê... e fazia estas coisas assim. Ele mudava-se.

E diz assim:

– Então, é a menina que vai casar com o príncipe? O príncipe monstro? É tão feio! É tão mau!

– Eu já tenho um remédio.

Ele, então, fez o mesmo. Também não dormiu. Quem dormiu foi ela. *Pumba!*

Terceira. Deu-lhe a terceira. À terceira fez-lhe o mesmo. Mas essa disse-lhe... ela disse que ia casar para viver com ele. Ele ficou todo contente, e foram mesmo.

Mas ela, quando foram prá cama, viu [ele] tirar a pele. Viu-o fazer qualquer coisa. E a sogra tinha-lhe dito: “diz-me a mim”. E ela foi... (aqui é que eu já não sei mais.)

[Ao aceitá-lo como marido, a rapariga desencanta-o: ao tirar a pele de monstro, ele transforma-se no lindo príncipe que já era, de dia. A informante dá pistas que mostram que o conto continua como um dos subtipos do ATU 425, A ou D]

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 19.08.2024.

---



## 71 | OS PRÍNCIPES TRANSFORMADOS EM PATOS

ATU 451

Era uma vez um rei que tinha sete meninos e uma menina. Mas o rei já era viúvo. E depois, voltou a casar. A madrasta dos meninos era má. Não queria que o rei tivesse tantos filhos. Gostava de ficar só com um, com a menina. E então, o que é que ela faz? Ela era bruxa. E transformou os sete príncipes em sete patos. Depois, os patos voaram, e a menina ficou sozinha. A princesa ficou lá na casa com o pai e com a madrasta. Mas a menina chorava muito porque sentia a falta dos irmãos. Queria brincar com eles e eles não estavam ali. E só à noite é que eles vinham até ali ao palácio, para falar com a menina. O palácio tinha um grande lago. E eles vinham tomar banho no lago e estavam ali a conversar com a irmã. E depois, a menina começou a chorar, a chorar muito. Cada vez chorava mais por causa dos irmãos.

Um dia apareceu-lhe a fada, que era a madrinha dela. E disse-lhe:

– Elisa, porque tu choras?

– Ai, porque a minha madrasta transformou os meus irmãos em patos. E agora eu não posso brincar com eles, nem posso estar com eles. Só à noite, quando eles vêm, é que eu estou com eles aqui fora, no lago.

– Olha, eu sei uma maneira de tu desencantares os teus irmãos. Mas tu fazes aquilo que eu te disser. Mas olha que custa muito.

– Está bem, eu faço.

– Vais ter comigo à cabana da floresta. (Que era lá que ela costumava se encontrar com a madrinha, com a fada.) E depois, eu lá, digo-te aquilo que deves fazer.

– Está bem.

A menina foi ter com ela à cabana da floresta. E disse [a fada]:

– Olha, Elisa, tu tens que colher muitas urtigas, que é para fazeres um gorro para cada um dos teus irmãos. E enquanto estiveres a fazer os gorros, desde que começas até que acabes, tu não podes falar. Façam-te aquilo que fizerem e aconteça aquilo que acontecer, tu não podes falar para ninguém. És capaz?

Ela diz:

– Sim, sou capaz.

– Mas tem muito cuidado, porque se tu falares, o encanto dos teus irmãos ainda dobra.

– Está bem, eu sou capaz.

A menina ficou lá, escondida naquela casinha da floresta. Colheu muitas urtigas, para começar a tecer os gorros. E ia colhendo, quando se acabavam umas, colhia outras. Mas primeiro colheu muitas e fez uns poucos de gorros. Depois ia colhendo e ia fazendo os [outros] gorros.

Houve uma pessoa que viu aquela menina, lá na casinha da floresta, ia a apanhar as urtigas:

– Ah, mas quem ela é?

Falou, falou com ela, perguntou quem ela era, como se chamava, se tinha família... E a menina nunca disse uma palavra.

[Ele] disse:

– Ah, é muda, não fala! Isto é uma bruxa.

Foram dizer para a aldeia que tinham visto a bruxa na casinha da floresta. Então, foram lá todos para ver. Começaram-lhe a picar com agulhas, a ver se ela dizia alguma coisa, ou se chorava, ou assim... E ela sempre, sempre a tecer. Já só faltava acabar um gorro. Já tinha os outros todos ali feitos ao lado dela.

Depois, veio cá para fora, para acabar... que [eles] queriam tratar mal a menina. Queriam-lhe fazer mal. Quando queriam lhe fazer mal, ela estava mesmo, mesmo quase a acabar. Apareceram os príncipes, mas transformados em patos, a voarem, a voarem sobre ela. E ela sempre a tecer, a tecer, para acabar o gorro. Quando acabou o gorro, conforme eles iam passando à volta dela – os outros gorros já estavam ali todos – ia pondo um gorro em cada um, em cada pato que passava. E assim transformou os patos outra vez em príncipes. E então é que começou a falar e a dizer que era para os desencantar que ela não podia dizer nada.

Depois, foram todos para o palácio, os sete meninos e a menina. E o pai mandou queimar a bruxa, que era a madrasta deles. E ficou com os filhos e ele sozinho, no palácio.

Pronto, acabou a história.

---

**Informante:** Maria dos Anjos Ramos da Cruz Mendes, 71 anos.

Recolha feita na freguesia de Aldeia de João Pires por Cátia Mendes em 8.8.2006

---

## 72 | O VELHO E O BOCADO DE TELHA

ATU 476

Era uma vez um homem muito rico que tinha tudo aos *miles*. Ficou viúvo e sem filhos. E caiu no desleixo, era muito desleixado. A única coisa que tinha era uma telha para coçar as costas.

Um dia passaram dois amigos e um diz assim para o outro:

– Vamos ver o nosso amigo?

E um diz assim:

– Ai, eu não vou. Eu fico aqui a descansar que estou muito cansado.

O outro lá foi. Quando viu o amigo, ele disse-lhe:

– Não tenho nada para te dar. Olha, mas leva esta telha. Quando te morderem as costas, coça as costas com ela.

Lá estiveram um bocado a conversar, ele e o velho, e encontrou o outro amigo que estava lá debaixo da árvore, à espera. E disse-lhe:

– Olha, fui ver o nosso amigo. Ainda está pior que nós. Disse-me que não tinha nada para me dar, deu-me este bocado de telha.

Meteu a mão ao bolso e tirou. Qual não foi o espanto dele que o bocado de telha era uma barra de ouro. O outro, quando viu aquilo, disse:

– Ah, então espera por mim que agora vou eu lá ver o nosso amigo.

Que era com intenção que ele fizesse [o mesmo a ele]. Após ter dado conversa como o outro, o velho lá lhe deu um bocado de telha. E ele veio embora.

Quando chegou ao amigo, diz-lhe assim:

– Olha, a mim também me deu um bocado de telha.

Meteu a mão ao bolso e tirou, mas simplesmente era um bocado de telha.

(Por causa da *invejice* dele não se transformou em ouro como se tinha transformado a do amigo que foi sem intenções nenhuma. Ele não tinha intenção de receber nada, foi vê-lo por prazer. E aquele não, que ele foi com a má intenção.)

---

**Informante:** Maria Celeste Borrego Salvado Correia, 57 anos  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 3.9.2024

---

## 73 | O TOIRO AZUL

ATU 480

Havia numa aldeia um casal que tinham um comércio e tinham uma filha muito bonita. Mas, infelizmente, a mãe da menina morreu. Morreu, e a menina andava na escola de uma professora que também era viúva e que tinha duas filhas. E então, a professora, dizia então assim para a menina:

– Ai, diz lá ao teu pai para se casar comigo. Que eu depois, quando ele se casar, dou-te broas... faço-te broas de mel.

E depois ela ia dizer ao pai:

– Ó pai, a professora diz para tu te casares com ela, que ela dá-me broas de mel.

– Ora dá! Ela te dará broas de mel ou de fel...

E pronto, tanto insistiu até que se casaram. Casaram-se, a menina passou a ser uma escrava. Tinha que varrer a casa, limpar as outras irmãs... as irmãs saíam... elas, os vestidos era tudo para elas... e a outra só vestia os vestidos velhos... E pronto: comer não comia...

O pai, depois, teve que sair para o estrangeiro, porque tinha negócios no estrangeiro. E a professora, *adepois*, já nem deixava ir a menina à escola nem nada. *Pose-a* a guardar um toiro azul que o pai tinha comprado. E então, ia com o Toiro Azul, não é? Levava a comida, levava o pão, tinha de o trazer. Tinha de trazer o pão inteiro na mesma. Levava a cabaça da *iágua*, e tinha de trazer a cabaça da *iágua* na mesma cheia. Mas aquilo não havia lá *iágua*.

E então, a menina lá ia todos os dias, muito triste. E o Toiro Azul começou a falar. Falou para a menina e disse:

– Andas tão triste...

– Ai, eu nem posso comer. Trago o pão, tenho de...

– Então fazes assim: abres assim o pão, tiras o miolo, comes. E pões aqui a bosta lá dentro. – E era assim que ela fazia. – E a garrafa [cabaça], bebes a *iágua* e eu mijo para dentro da cabaça.

Pronto, e lá andaram. Mas ela *adepois* começou... lá a mãe dela começou a ver que a menina já andava contente com o toiro. E então, combinou lá com um senhor que tinha um talho para matarem o toiro. E *apois*, ela disse ao Toiro Azul... estava já a chorar e disse para o Toiro Azul:

– Olha, agora vão-te matar.

– Não faz mal. Olha, fazes assim: deixas-me matar, mas tu é que dizes que vais a lavar as tripas ao ribeiro. Que há uma pedra de diamante, uma pedra preciosa dentro das tripas. E depois tu ficas rica.

E a menina assim fez. Eles mataram o toiro e ela foi a lavar as tripas. Mas quando estava a lavar as tripas deixou escapar a pedra para o rio. E foi ao rio abaixo. E ela foi indo, foi indo atrás da pedra sempre a rolar, a rolar, a rolar. Fez-se de noite, perdeu-se. E então foi a ter a uma casa abandonada. Naquela casa abandonada estava lá uma cadelinha cheia de fome. E ela foi, deu de comer à cadelinha, penteou-a, varreu a casa, limpou a casa e deixou-se dormir. De noite, quando ela se deixou dormir (a casa era a casa das fadas), apareceram três fadas. E chegaram lá perguntaram à cadelinha:

– Então, quem é esta menina que tão bem nos fez, à casa e a ti?

– Ah, é a menina (agora é que eu me esqueci do nome dela). Esta menina benta, penteou-me, lavou-me e varreu a casa.

E depois a fada:

– Então, está bem.

E então, uma disse assim:

– Eu fado esta menina para que ela seja a menina mais bonita do mundo.

E depois a outra disse:

– Eu fado esta menina: quando ela espirre, venham diamantes para o meio da rua.

E a outra:

– Eu fado esta menina: quando se pentear que saiam cabelos de oiro.

Pronto, lá foi... e foi-se embora.

Quando chegou lá ao pé das irmãs, que tinham uma inveja terrível dela:

– Eh, tu vens tão bonita e a deitar aí fios de oiro... o que é que é?

– A história foi assim: eu fui atrás da... fui assim, perdi-me. Fui a uma casa em tal sítio, que era a casa das fadas. Estava lá uma cadelinha, bati-lhe. A casa estava toda arrumada, parti tudo, escavaquei tudo. E sujei aquilo tudo. Fui à rua. E então, elas deram-me estes presentes.

Pronto, as outras lá foram também. E então, quando lá chegaram, fizeram aquilo e deixaram-se também dormir. Quando vieram as fadas perguntaram logo à cadelinha:

– Então, quem é que está aqui que tão mal nos fez?  
– Ah, foi estas meninas... fizeram isto e aquilo...  
– Então está bem. Então nós vamos a dar. Eu fado aquela menina: quando ela espirre, deite cagalhões de burro.

E a outra:

– E eu fado aquelas meninas para que sejam as coisas mais horrendas deste mundo.

E a outra:

– [Eu fado aquelas meninas para quando se pentarem saiam fios de carvão.]<sup>15</sup>

Depois, quando vieram, aquilo acabou assim... (já não sei como é que acabou...)

.....  
**Informante:** Aníbal Pereira, 75 anos, n. da Mata (c. Castelo Branco)

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.06.2024.  
.....

## 74 | A GATA BORRALHEIRA (I)

ATU 480 + 510A

Era uma menina muito bonita, muito meiguinha, que vivia muito feliz com os seus pais. Mas, passado um tempo, a mãe morreu. A menina ficou muito triste. Mas o pai era muito bom, fazia-lhe todas as vontades e a menina foi ficando melhor.

Ia para a escola e passava à porta de uma mulher viúva que tinha uma filha, também como a Branquinha (que ele [o pai] chamava-lhe a Branquinha). E ela dizia-lhe para dizer ao pai que casasse com ela (porque o pai tinha uma boa quinta). A menina, primeiro, nunca disse nada. Chegou às tantas, tanto ela lhe disse que foi dizer ao pai. O pai disse:

– Não, eu não quero que a minha filha seja maltratada por uma madrasta.

Mas a outra, tanto insistiu (a menina não sabendo as manhas dela) que o pai calhou a casar com ela. Casou com ela, os primeiros meses muito bem. Trataram a menina muito bem. Ela estava a gostar muito dela. Mas depois, começaram a não lhe dar comer, menos comer. Como ela tinha uma vaquinha mandava-a para o campo a guardá-la, enquanto que a filha ficava em casa. A Branquinha começou a andar desgostosa, mas lá ia.

Um dia, o pai matou um porquito e disse assim para a enteada:

– Olha, tu vais lavar as tripas.

Mas ele saiu. E a mãe disse, a mãe dela [à Branquinha]:

– Tu é que vais lavar as tripas. E ai de ti se deixares fugir alguma. Se não as trouxeres todas, levás!

A Branquinha, com muito frio, no inverno, lá foi lavar as tripas pró rio. Mal meteu as tripas na *iágua*, logo lhe abalou uma. Foi a correr a ver dela, mas já não a apanhou. Viu um

.....  
<sup>15</sup> Lembrado pela sua filha Carminda, que também conta a mesma história aprendida com o pai.

palácio, foi lá dentro, a ver o palácio. Estava tudo desarrumado e ela arrumou tudo. Arrumou tudo e meteu-se por detrás de uma porta. Chegaram três pintassilgos e disseram assim:

– Quem é que foi a fada que limpou a nossa casinha? Está tão limpinha!

E ela apareceu. Apareceu e diz assim [um pintassilgo]:

– Ah, já que fostes tão boa para nós, vamos-te fadar.

Um pintassilgo, o primeiro:

– Olha, eu te fado para que sejas uma menina muito bonita. E para toda a roupa que tu vestires, nem que ela seja a mais feia, fique sempre bonita em ti.

Vem o outro, diz assim:

– Olha, eu te fado para que da tua boca saiam pérolas e um perfume maravilhoso.

Pronto. Vem o outro e diz assim:

– Olha, eu te fado para que tu tenhas os pés mais bonitos, mais gentis, e que todos os sapatinhos te fiquem muito lindos.

Pronto. A menina foi para o rio, a ver das tripas (porque ela deixou as tripas para ver aquilo). Foi para o rio, para lavar as tripas, estavam lá as tripas todas lavadas. Pegou nas tripas foi para casa. Já ia com um vestido novo, bonito, que elas lhe puseram.

Chegou a casa. A madrasta, quando a viu, bateu-lhe e tratou-a mal. E mandou-a despir. A menina despiu-se. Vestiu-lhe uma saia rota e uma blusa igual. Ela olha, estava na ira da hora, já veio com outro vestido. Tornou de novo a despir. Tantas vezes a mandou despir, que a menina aparecia bem vestida. E então, acabou por a deixar [ficar com a roupa].

Vem a irmã, começou a ralar com ela também:

– Onde fostes ver de tanto vestido?

A Branquinha, como era muito boa, contou tudo. Contou como foi. A outra pediu à mãe para a deixar ir ao palácio. Ao outro dia que ia ao palácio.

Chegou lá, viu a casa toda arrumada, estava arrumadinha. Comeu o que lá havia e deitou-se a dormir. Quando os passarinhos chegaram:

– Quem é que andou a desarrumar a nossa casa?

(Porque tinham tudo arrumado; ela é que sujou a loiça, comeu o que lá havia.)

Mas ela acordou antes [de eles virem]. E depois sai de trás da porta:

– Fui eu! Fui eu! (A rir-se muito bem.)

– Então olha, nós te vamos fadar.

Diz-lhe o primeiro pintassilgo:

– Olha, eu fado-te para que sejas a menina mais feia e tudo o que tu vestires se torne a coisa mais feia do mundo.

O outro disse-lhe assim:

– Eu [fado-te] para que saiam sapos e rãs da tua boca. E que nada te fique bem.

O outro diz-lhe assim:

– E eu [fado-te] para que todos os sapatos que tu calces, nada te fique bem...

Ela foi para casa. E quando chegou a contar à mãe, já lhe estavam a sair os sapos e as rãs pela boca. A mãe, toda aflita, tapou-lhe a boca com uma toalha. E ela contou o que lhe tinha [acontecido]. A mãe, como viu aquilo, foi à Branquinha, foi à Gata Borracheira, para ir a ter com os passarinhos, os pintassilgos, para tirarem aquilo à filha. Lá foi. Ela foi, porque era boa, foi lá. E então, ela já deixou de deitar os sapos e as rãs pela boca.

(E a ela começaram a chamar-lhe Gata Borracheira porque estava sempre lá a um cantinho.)

A mãe e a filha foram convidadas para irem ao baile na casa do rei. A Branquinha, naquele dia, estava com muita pena de não ir. E estava a chorar e a lamentar a triste sorte dela. E chegou a madrinha (que era uma fada) e disse-lhe assim:

– Ó Branquinha, querias ir ao baile?

– Queria.

– Então olha, vais fazer o que eu te digo. Vais ao jardim, trazes a maior *botelha*<sup>16</sup> que lá houver. Trazes seis ratos [dos] mais pretos. E dois sapos dos mais verdinhos.

A Branquinha foi ao jardim e trouxe tudo o que a madrinha lhe disse. Quando chegou a casa, a madrinha pegou na varinha de condão: os sapos eram os dois cocheiros, os ratos eram os cavalos, e a abóbora foi o coche. Apareceu um coche muito chique, todo rico. E ela vestida com os sapatos de ouro. E depois pronto, foram para o baile. Mas a madrinha recomendou-lhe:

– Tu tens de estar em casa antes da meia-noite.

E assim foi. Ela foi, quando lá chegou, [o príncipe] andou toda a noite a dançar com ela. E toda a gente admirada quem era a menina, de onde é que ela vinha... que ninguém conhecia a menina.

Ao outro dia, a madrasta e a irmã, lá a filha, comentavam só: “que menina tão bonita; quem era a menina que o príncipe andou toda a noite a dançar com ela?” Mas nunca souberam.

Segunda noite, a mesma coisa. (Houve mais dois bailes, foram três vezes.)

Ao último baile, a menina estava-se a esquecer da hora. E quando deu a meia-noite, ela estava a dançar, deixa o príncipe e sai porta fora. E já se não despediu dele nem nada. Ele vai atrás. Vai atrás dela, mas já não viu ninguém. E [ela] deixou cair o sapato e ele apanhou. E ela, quando chegaram as outras, ela [já] estava em casa.

Ao outro dia, mandou dois criados para irem por aí a fora, em todas as casas, a ver de onde é que servia o sapato. O sapato não serviu a ninguém. E foram à da madrasta e à *coisa* [a filha]. Elas bem quiseram calçar o sapato, mas não serviu. Os criados do príncipe queriam que eles o calçassem à Gata Borracheira. Mas a madrasta não queria. Mas tanto fizeram que ela foi calçar o sapato. E então, apareceu ela logo vestida como foi ao baile, e [com] o coche e tudo. Apareceu logo o coche como ela foi ao baile. Que elas diziam:

– Ai, parece uma fada!

.....  
<sup>16</sup> Espécie de abóbora ou cabaça.

Pronto. E assim elas pediram-lhe perdão do que lhe tinham feito. E ela foi para o palácio, casou com o príncipe.

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 6.10.2024.  
.....

## 75 | OS DOIS VIZINHOS E AS ALMAS PENADAS

ATU 503

Uma vez, ali na encruzilhada do Santo Cristo, havia dois vizinhos. Um tinha uma marreca e o outro era coxo. E então, saíam as almas penadas às terças e sextas. Um dos senhores foi pró campo, tinha que atravessar ali a encruzilhada do Santo Cristo. Coitado, ele tinha uma marreca. E então, pôs-se a dançar. Elas [as almas penadas] andavam lá a dançar. E ele meteu-se lá no meio a dançar também.

E elas diziam:

– Terças e sextas! Terças e sextas!

E o senhor também dizia:

– Terças e sextas!

E dançava com elas. E uma diz assim:

– Levamo-lo connosco?

E as outras diziam assim:

– Não!

– Coitado, então vamos aliviá-lo, tiramos-lhe a marreca.

Pronto, e o homem lá foi, todo contente, para o campo.

Ao outro dia, o vizinho viu, que era o coxo. E diz-lhe assim:

– Ai, senhor, o que é que te aconteceu? Que ontem andavas de marreca e já não tens marreca?

– Olha, foi ali na encruzilhada do Santo Cristo, que encontrei as almas penadas. E andei lá a dançar com elas e tiraram-me a marreca.

Isto na terça-feira.

– Ah, na sexta feira vou lá eu.

– Então olha, fazes bem.

A ver se o punha bom da perna. Diz que para lá foi e lá as encontrou. E elas diziam:

– Terças e sextas! Terças e sextas!

E o homem, como era coxo, dizia:

– Sábados também!

E elas:

– Terças e sextas!

E ele:

– Sábado também!

E uma diz assim:

– Então o que é que fazemos com ele? Levamo-lo?

– Não, damos-lhe é a marreca do outro!

(Coitado, ficou coxo e com uma marreca.) [risos]

---

**Informante:** Maria Alice Amaral, 58 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 29.08.2024.

---

## 76 | A GATA BORRALHEIRA (2)

ATU 510A

Era um homem que era viúvo e depois casou. Ela era uma rainha.

Ela tinha duas filhas e depois o homem levou aquela, mas a rainha não gostava da enteada. Então, punha-a a fazer todos os serviços que custavam, a tratar dos porcos e a fazer tudo. E as filhas dela era uma coisa... as filhas eram bem tratadas e a outra não.

Mas a outra começou a ser protegida pela madrinha, pela fada. Ela nunca saía de casa para lado nenhum. Mas quando elas iam para as festas, a fada preparava-a e mandava-a ao mesmo baile onde elas estavam, mas disfarçada, ninguém sabia que era ela. Ela saía antes, que era para lá estar em casa já. E lá ia na sua carroça, no seu coche, toda muito bem vestida.

Um dia, há [um] baile em que o príncipe ficou encantado com ela. Ele já andava encantado com ela, mas ela desaparecia. Mas um dia, desapareceu, mas deixou lá um sapato. Deixou um sapato, eles andaram à procura de quem era. Mas ela não estava lá e foram às irmãs. Foram às irmãs, mas o sapato não servia. Elas bem queriam calçar o sapato, mas o sapato não servia.

E o príncipe continuava, queria conhecer a menina, porque a fada a preparava e ela ia mais chique que sei lá... Ele queria a menina!

Queriam que a Gata Borralheira experimentasse o sapato e, oh! o sapato ficava-lhe como uma luva! Era dela, ficou.

E depois, então, o príncipe casou com ela.

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 89 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 28.01.2024.

---

## 77 | O TOURO AZUL

AT 511A

Era uma vez um rei, um casal, que tinham uma filha muito bonita, linda. E depois a rainha morreu e o rei casou com uma outra rainha que tinha uma filha muito feia. E ela tinha ciúmes, que a filha do rei era mais bonita que a filha dela. E então, começou a tratar mal a filha do rei. Mandou-a ir a guardar touros, e assim, *vivo*<sup>17</sup>... E, portanto, mandava-lhe só comida que não prestava. E ela, coitadinha, o primeiro dia que lá foi, começou a chorar e atirou com a merenda pró chão. E o touro azul, foi, gostou dela, e diz-lhe:

– Olha, toma esta verdasca, e bates com ela no chão, que te aparece aí tudo.

E aparecia-lhe na mesa tudo do que era bom.

Ela cada vez era mais bonita. E a rainha mandou-a seguir, a ver o que é que ela fazia. Então, quando descobriram, ela mandou a filha dela. Mas o touro, à filha dela não lhe fazia nada. Até que a rainha pôs-se muito doente e disse que queria bifes do touro azul. E a Rarina, que era a filha do rei, foi falar com o touro, a dizer como é que sabia dele, que o queria matar. E o touro disse:

– Então solta-me que a gente vamos fugir.

E então fugiram, passaram por uns bosques. E ele diz assim:

– Olha, agora tens cuidado. Tens que te agarrar bem a mim, porque vais passar por uns bosques onde as árvores são todas cor-de-prata, prateadas.

Mas ela, coitadinha, lá se agarrava, mas vinha uma folha a cair. E ele disse:

– Então guarda-a.

E vinha um bicho de três cabeças, começou a lutar com ele, por ela. E até que ele matou o bicho das três cabeças. E depois, ele ficou ferido. E ela tanto fez que começou a curá-lo. Ao fim de uns dias continuaram a andar. E ele diz assim:

– Olha, agora tens de ter mais cuidado, porque vem um bicho de cinco cabeças. E tens de te agarrar bem para ver se não te cai nenhuma... depois, foi uma das árvores doiradas, as folhas d'oiro.

E ele, então, lá caiu. Veio lá o bicho e [perguntou]:

– Quem é que colheu aqui a folha?

E ele dizia:

– Fui eu.

E começou à luta com ele, uns poucos dias, até que conseguiu matá-lo.

– Agora, escondes...

Juntou à outra folha. Depois continuaram, e diz assim [o touro]:

– Ó Rarina, agora tens de ter ainda mais *coisa*, porque este consegui matá-lo. Agora este aqui é de sete cabeças.

---

<sup>17</sup> Animais.



E então ela, coitada... lá vinha um que era de diamante. Então, lá continuou. Ela bem chorava agarrada ao touro, mas [a folha] ia-lhe a cair à mão.

– Guarda-a.

Depois continuou. Andaram, e quando chegaram a um certo sítio onde estava um palácio, diz assim [o touro]:

– Olha, tens que me matar. Matas-me e enrolas as folhas na minha pele e enterra-as aqui.

– Ai, como é que eu te posso matar? Eu não te vou matar.

– Tens que fazer isso. E vás ali ao palácio a pedir emprego.

la normal, como se fosse uma mendiga. E, então chegou [ao palácio]. Ela lá teve forças, lá o matou. E [ele] disse:

– Olha, quando precisares [de alguma coisa], vens aqui com uma verdasca, bates aqui no chão. E então, aparece-te tudo o que desejares.

Assim foi. Foi bater lá ao palácio, onde está o príncipe. Ela parecia uma ranhosa.

Ela, depois quando foi no primeiro domingo, pediu-lhe (que ela era a empregada dele, lá dos serviços dele). E então, pediu-lhe para ir à missa.

Ele disse assim:

– Não vais nada à missa!

[Ele] mandou-lhe levar uma toalha. Ela levou-lhe a toalha e pediu-lhe:

Não, não vais nada à missa! Tu és uma ranhosa, não sei quê... (lá a insultou).

E depois, ela deixava-os ir prá missa, ia lá naquele sítio, aparecia uma carroça e ela vestida toda prateada, toda coisa...

E ele, logo no primeiro domingo, ficou enfeitado. Começou logo a perguntar de onde é que [ela] era. E ela dizia:

– Eu sou da terra da toalha.

Mas quando eles lá chegaram [ao palácio] já ela lá estava, como se não fosse nada.

Pronto, continuou na outra coisa. E quando chegou o outro domingo, [ele] pediu-lhe uma bacia.

E ela lá lhe levou a bacia, e continuou:

– Ó patrão, deixe-me ir à missa.

– Não vai nada à missa! Então, toda ranhosa, toda não sei o quê...

Ela então, deixava-os passar. Depois vinha, então, uma carruagem dourada, tudo d'ouro e coisa, uma princesa, linda mesmo. E ele ficou encantado. Cada vez encantado mais, e assim...

Depois, quando foi o terceiro domingo, ela disse:

– Sou da terra da verdasca.

Então, ela estava com os sapatos de cristal, toda ali coisa. Nesse dia como estava já mais atrasada, deixou cair um sapato. Deixou cair um sapato, mas pronto, lá foi.

O príncipe, então, ficou doente. Perguntou-lhe de onde é que [ela] era. Ela disse:

– Sou da terra da verdasca.

E então, o príncipe, andou a ver das terras. Não encontrou as terras, nem nada. E então, mandou vir umas quantas princesas para calçar o sapato. Mas a ela não lhe pediam para calçar o sapato. Até que estava um passarinho a dizer:

– Da Rarina! É da Rarina!

E então, [ela] calçou o sapato. Quando calçou o sapato transformou-se em princesa.

E então, casaram e tiveram muitos filhos.

.....  
**Informante:** Celeste Borrega Flores, 75 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 21.8.2024.  
.....

## 78 | O VENTO EVAPOROU E NUNCA MAIS VOLTOU

Car-Co 563\*A

(Sabe que o vento é como a morte, não queria ser o vento porque o vento só faz mal. Há pessoas que gostam dele; há pessoas que não gostam e injuriam-no muito.)

Então Deus disse-lhe:

– Tu tens de ser o vento e tens de, pronto, fazer tudo de bem e de mal. Quando é pelas eiras, vás, vês o vento para limpar o pão, o trigo, o centeio, não sei... Nos outros dias fazes o vento e levas o chapéu aos homens, levantas as saias às mulheres, e fazes isto.

Diz o vento:

– Ah, não quero ser, porque depois está tudo contra mim.

E Ele disse assim:

– Não, onde vais sempre há de haver uma pessoa que te desculpe.

E então o vento arranhou um saco com muito dinheiro. E andou pelas casas também como andava Jesus, a procurar se lhe davam lá entrada, se lhe davam lá dormir, *nha, nha, nhã*... Chegava a casa: “posso ir?”. Chegava lá...

E ele disse:

– Olhe lá, então, o que é que dizem por cá do vento? O que é que dizem por cá do vento?

Umas diziam-lhe assim:

– Ai, o vento! O vento? O vento dum filho de um diabo! Vem só cá a fazer mal! É uns estragos: abala com os telhados às casas, *alevanta* as saias às mulheres, abala com os chapéus aos homens! Olha o diabo que havia de existir!

Andava à roda, tinha lá assim uma que era assim um tipo de chicote, sem elas ver: truz, truz!

– Mas o que é o vento?

– Ai, ó senhor vento, deixe-me! Ó senhor vento, deixe-me!

– Então, mas o que é o vento? Você está a dizer tão mal do vento?

Umás chicotadas até no... (risos) Sei lá...

Chegava a outra... Abalava de lá, que ela ficava bem chicoteada. Que era para não dizer mal do vento.

Chegava a outra, diz ele assim:

– Então, minha senhora, o que é que dizem por cá? – Só pedia às senhoras, não era aos senhores. – O que é que dizem por cá do vento?

– Ai, o que dizem do vento... O vento? O vento é uma coisa muito boa. É uma coisa muito boa que existe. Quando é no tempo das eiras, vem aquele ventinho para *alevantarmos* o centeio, o trigo e *alimpar*. Quando faz muito calor vem aquela *arajezinha* do vento que a gente fica toda consolada com o vento. É uma coisa muito boa, eu gosto muito do vento.

Deu-lhe um saco de dinheiro, a mulher ficou rica para toda a vida.

A partir dali a outra soube, ficou com o *coiso* cheio de dinheiro. E ela, com a porrada, tanta porrada...

E o vento evaporou e nunca mais voltou.

.....  
**Informante:** Angelina Gonçalves, 80 anos.

Recolha feita na freguesia de Salvador por Gorete de Brito em 3.12.2024.  
.....

## 79 | O VENTO

Car-Co 563\*A

Havia um velho, quando os velhinhos andavam pelo campo a pedir esmola. E depois, o velhinho, andou, andou, andou, perdeu-se. Chegou a um ponto já não sabia para onde é que havia de andar. Encontrou uma casa com fumo e com umas luzinhas e dirigiu-se lá. Estava lá uma velhinha. Bateu à porta e disse assim:

– Ó minha senhora, podia-me dar um bocadinho de pão e dar-me dormida? Perdi-me, não sei por onde ando!

E ela vai, diz-lhe assim:

– Entre, mas olhe, o meu filho está a chegar. O meu filho é o Vento. Mas, olhe, se o meu filho vier, e se ele disser assim: “então o que é que dizem do Vento?”, você não diga mal dele.

Vai ele e diz-lhe assim:

– Então, senhor, o que é que dizem do Vento?

– Ai, o Vento é um homem muito bom. Quando é pelo calor, manda-nos o vento que faz refrescar. E quando é na malha e nós queremos alimpar o pão<sup>18</sup>, temos que pedir o vento para nos ajudar a limpar o pão.

– Está bem, mãe, dê de comer ao homenzinho.

.....  
<sup>18</sup> Aqui, com o significado de “trigo”.

E ó depois, deu-lhe um saco e uma toalha:

– Leva esse saco e esta toalha, E leva este *arrotcho*<sup>19</sup>. Quando o senhor tiver fome, diz assim: “estende-te toalha, tenho fome!”

Ele estendeu a toalha, apareceu-lhe comida.

E quando foi mais à frente apareceu-lhe pessoas más, com má intenção.

– Então, o que andas pr’aqui a fazer? Andas a roubar?

E ele dizia:

– Não!

– Então, o que é que levas aí no saco? Ou me dás o que levas no saco ou eu dou cabo de ti!

E ele vai e diz então:

– Estende-te toalha! Segue *arrotcho*!

O *arrotcho* começou a bater nos maus. Os outros fugiram e ele safou-se.

.....  
**Informante:** Isabel Borrega Flores, 81 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 3.8.2024  
.....

## 80 | O IRMÃO RICO, O IRMÃO POBRE E O VENTO

Car-Co 563\*A

Era uma vez dois irmãos: um era rico, o outro era pobre. E o irmão pobre trabalhava na casa do rico. O rico tinha dois filhos e o pobre tinha muitos. E então, como tinha muitos filhos, gastava muito pão, muitas coisas. E ele, na casa do irmão, quase que não recebia dinheiro. O que levava era pão para cozer para a mulher e para os filhos. E então, gastava quase todo o dinheiro que ganhava em pão prós filhos.

Um dia, o pobre disse pró irmão rico:

– Olha, esta semana tens que me dar o dinheiro da minha *féria*<sup>20</sup>, porque eu preciso dele para ir comprar outras coisas. Fico-te a dever a ti, mas tens que me dar o dinheiro a mim.

– Não, não! Isso não te posso fazer. Depois tens que me pagar.

– Eu preciso do dinheiro! Não me podes dar o pão em troca [do meu trabalho]. Tens que me dar o dinheiro.

– Desta vez não levas o dinheiro. Desta vez levas o pão.

E o irmão que era pobre lá teve que levar o pão para casa, para a mulher cozer para os filhos.

Na outra semana seguinte, ainda lhe fazia mais falta [o dinheiro], eles não comiam só pão. Fazia mais falta para irem à mercearia comprar outras coisas. E diz-lhe assim [ao irmão]:

.....  
<sup>19</sup> Pau; porrete.

<sup>20</sup> Salário diário ou soma dos salários de uma semana ou de uma quinzena.

– Olha, esta semana, tens que me dar o dinheiro. Eu levo o pão e tens que me dar o dinheiro, eu fico-te a dever o pão.

E ele [o irmão rico] disse:

– Está bem. Se assim é, leva lá o pão e leva lá o dinheiro. Ficas-me a dever o pão.

– Está bem, eu, depois, pago-te para a semana.

O homem chegou a casa a pensar muito. E depois, disse prá mulher:

– Olha, está aqui o pão para cozeres para os nossos filhos. Porque eu já não vou agora comer dele. Eu vou correr mundo.

E a mulher disse assim:

– Ó homem, onde é que tu vais?

– Vou a ver se vou correr mundo, a arranjar outro patrão que me dê mais dinheiro. Isto não pode ser.

E mandou o filho mais velho à loja comprar um pão para ele levar para o lanche dele, que era para comer depois pelo caminho. O filho foi buscar o pão, ficou-o a dever (não o pagou porque não levava dinheiro). E ele meteu o pãozinho e umas azeitonas dentro do saco e foi-se embora, foi correr mundo.

Andou muito tempo, andou, andou, andou... teve fome, teve sede. Mas ele não queria comer o pão, porque era para dar para mais tempo. E depois, muito ao longe, lá viu uma luzinha. Foi direitinho, a andar, a andar até aquela luzinha. Chegou lá, bateu à porta. E apareceu uma mulher:

– Ai, então o que é que o senhor quer?

– Ai, venho de tão longe, sou tão pobre, tenho cinco filhos. Trabalhava na casa do meu irmão que era rico e ele não me dava dinheiro. Eu levava sempre o pão em troca do meu trabalho. Mas eu precisava de mais coisas. E venho à procura de um patrão que me dê mais coisas, para depois eu levar para os meus filhos.

– Olha, homenzinho, eu não mando nada. O meu filho é o Vento. E ele não está cá. Mas ponha-se aí atrás da porta, esconda-se. Quando o meu filho vier eu falo com ele.

Bem, e o homenzinho lá esteve, atrás da porta, até o Vento vir. O Vento veio e disse:

– Ó mãe, cheira-me aqui a carne humana!

– Ai, filho, é um pobrezinho que aí está. Veio me pedir de comer, tinha muita fome. Tem os filhos pequenos e não tem nada para lhes dar...

– Pronto, pronto, está bem! Mande lá entrar o [pobre].

E a mãe do Vento disse:

– Ó homenzinho, venha cá. Venha aqui pró lume, venha comer connosco.

E tirou também a comida para o homem comer, pra ela, e pró filho (que era o Vento).

E depois, no fim de comerem, o Vento pergunta assim ao homenzinho:

– Então, ouça lá! O que é que dizem lá na sua terra do vento?

– Ai, sabe lá... o vento é muito bom. Então, se não fosse o vento, como é que no verão... a gente tem tanto calor, vem o vento para refrescar. Andamos a malhar o pão na eira, como é que nós limpávamos a semente se não fosse o vento? Para chover, como é que vinham as nuvens com a chuva se não fosse o vento? O vento é muito bom e faz muita falta.

E o Vento ficou todo contente de estar a ouvir dizer bem dele. Diz assim:

– Está bem. E então fica aqui muito tempo?

– Não! Eu vou à procura de um patrão, que me dê trabalho. Se o senhor me der trabalho eu fico aqui.

Disse [o Vento]:

– Ah, não! Eu não lhe posso dar trabalho, que não tenho trabalho para lhe dar. O mais que lhe posso fazer é dar-lhe a dormida. E depois, amanhã, o senhor, se quiser, vai-se embora.

– Está bem.

O homenzinho, de manhã, levantou-se. O Vento e a mãe dele também. Estiveram a comer.

Disse:

– Oiça lá, eu vou-lhe dizer uma coisa. Tome lá este saco. Já não vai à procura de mais trabalho. Vai para casa para dar comida aos seus filhos. E quando tiver fome, diz assim pró saco: “abre-te saco, põe-te mesa!”

E o homenzinho acreditou naquilo que o vento lhe disse. E foi para casa.

Quando chegou a casa disse à mulher:

– Ó mulher, chama os nossos filhos, vamos todos comer.

– Ai, até parece que é verdade! Onde é que tu trazes aí a comida?

– Olha, queres ver?

Quando ela chamou os filhos, os filhos vieram ver o pai (eles andavam a brincar na rua).

E [ele] mandou-os sentar todos e disse para o saco:

– Abre-te saco, põe-te mesa!

Assim foi. O saco abriu-se e apareceu ali a mesa posta, com toda a comida, para eles comerem. Todos comeram. Quando acabaram de comer, ele disse:

– Já não querem mais?

– Não! Já tudo está satisfeito, ninguém quer mais.

– Abre-te saco, recolhe a mesa!

Pronto, o saco abriu-se e tudo desapareceu, tudo foi para dentro do saco. Mas abriam o saco e não viam lá nada.

E ele lá foi muito contente e foi trabalhar para a casa do irmão, à mesma, onde ele trabalhava.

Ah, trabalhou uma semana, duas, três... E ele nunca mais lhe pediu o pão para levar para casa. Pedia-lhe sempre era a *féria*, o dinheiro do trabalho dele, assim como [acontecia aos] outros trabalhadores. E o irmão estranhou e disse:

– Ah, então, já não queres o pão para levares para casa para cozer prós filhos?

– Não, já não preciso de levar o pão.

Mas e à outra semana aconteceu a mesma coisa. E o irmão rico estranhou, ele querer sempre o dinheiro e não querer o pão, para levar para casa.

– Tens que me contar o que se passa – disse-lhe o irmão rico. – Tens que me contar o que se passa! Tu querias sempre o pão para cozer prós filhos. E agora queres sempre o dinheiro.

E ele disse:

– Ah, sabes lá... fui correr mundo. Fui a uma casa, muito longe. Estava lá uma luzinha pequenina. E fui parar a uma casa. E depois deram-me um saco que é só dizer: “abre-te saco, põe-te mesa!”

– Eu quero ir ver esse saco!

– Está bem. Vais logo à noite à minha casa jantar.

E o irmão rico foi à casa do irmão pobre, jantar com ele. Quando chegou, ele pegou no saco, quando chegou à hora do jantar:

– Abre-te saco, põe-te mesa!

O saco abriu-se, ficou ali a mesa posta. E o irmão. Que era rico, disse:

– Sim, senhora! Aqui a mesa posta... Nem na minha casa, que sou rico, eu tenho assim uma mesa! Muito bem. Há des me dizer onde é que é essa casa que eu também lá quero ir.

E o homem disse-lhe:

– Olha, é longe, é muito longe. E depois, lá ao fundo da floresta, vês uma luzinha e vais bater a essa casa. Foi nessa casa que eu estive.

Bem, e o irmão rico lá foi à procura dessa casinha. Chegou lá, disse a mesma coisa (mas mentiu, ele disse que era pobre e era rico):

– Ai, minha senhora, venho de tão longe, sou tão pobrezinho, venho tão cansado. Se a senhora me desse alguma coisa e me deixasse aqui ficar.

E ela disse-lhe:

– Olhe, eu não mando, o meu filho é que manda. Ele é o Vento. Esconda-se aí por trás da porta. Quando ele vier eu logo falo com ele.

– Está bem.

E o homem escondeu-se atrás da porta. O Vento, quando chegou, disse:

– Ó mãe! Cheira-me aqui a carne humana.

E a mãe disse-lhe:

– Olha, filho, é um pobrezinho que aí está. Diz que vem de muito longe...

E o Vento respondeu:

– Não, mãe, este não é pobre. O outro sim, mas este não é pobre.

E ele estava a ouvir. E depois [o Vento] mandou-o entrar. Disse:

– Olhe, venha aqui, ande cá. Venha aqui pró lume, venha cear connosco.

E o homem, que era rico, lá foi pró lume cear com eles. No fim, quando acabaram de comer, o Vento perguntou-lhe:

– Oiça lá, o que é que dizem lá na sua terra do vento?

– Ai, na minha terra, o vento é muito mau. Dizem que o vento é muito mau. Faz tempestades, faz muito frio... o vento é mau, mau, faz muita coisa má.

Diz assim [o Vento]:

– Ai é? Pois deixa estar que eu já sei como é!

Foram-se deitar. E ao outro dia, de manhã, o Vento chamou-o. Disse:

– Olhe, venha cá, vamos comer.

E foram comer. E disse:

– Então, e nem sempre é certo, mas na sua terra dizem que o vento é muito mau, que faz muitas maldades?

– É verdade! Tira com o chapéu aos homens, quando é no inverno escangalha os guarda-chuvas, faz muitas tempestades. O vento é mau, não serve cá para nada.

E o Vento disse-lhe:

– Então, e onde é que o senhor vai?

– Ah, agora daqui vou para casa.

– Então, tome lá este saco. E quando quiser alguma coisa, diga assim: “abre-te saco, desandem a malhar, paus!”

E ele foi para casa, todo contente, julgando que o saco dele era igual ao saco do irmão.

Quando chegou ao meio do caminho:

– Ai, vou experimentar o saco. Vou experimentar a ver o que o saco faz. A vez se ele também me põe a mesa, como põe a do meu irmão.

Lá vai ele:

– Abre-te saco, desandem a malhar, paus!”

O saco abriu-se, saltam de lá dois paus: tumba, tumba, tumba, tumba, tumba, tumba... a bater no homem. E ele a gritar, a gritar. Já não sabia como é que havia de dizer. De repente, lembrou-se. Já tinha levado muito, muita vez com os paus. Depois, lá se lembrou, disse assim:

– Abre-te saco, recolhe os paus! Abre-te saco, recolhe os paus! (risos)

Foi para casa. Quando lá chegou, diz-lhe assim a mulher:

– Então, mostra lá essa fortuna que tu aí trazes. Sempre põe a mesa?

– Ai, mulher, nem me fales nisso! Tu sabes lá... levei uma tarefa tão grande, com os paus!

Trago aqui as costas todas doridas. Olha, do meu saco saltou de lá dois paus e batem, batem, batem em mim.

– Ai, experimenta lá que é para eu ver. (risos)

– Tu és doida! Tu queres que eu experimente?

– Quero! Quero que tu experimentes que é para eu ver.

– Então, olha, lá vai! Pode ser que os paus vão bater em ti. Abre-te saco, desandem a malhar, paus!

Abriu-se o saco, os paus começaram outra vez: tumba, tumba, tumba, tumba... a malhar no homem. Batiam sempre nele.

– Ai, ai, já estou aflito! Ai. Ai, mulher, acode-me, já estou aflito de levar tanta porrada! Abre-te saco, recolhe os paus!

Lembrou-se, lá abriu o saco, lá recolheu os paus. Ele guardou o saco e nunca mais lhe tocou.

---

**Informante:** Maria dos Anjos Ramos da Cruz Mendes, 71 anos.

Recolha feita na freguesia de Aldeia de João Pires por Cátia Mendes em 8.8.2006

---

## 81 | O QUE É MELHOR? QUEM DEUS AJUDA OU QUEM MADRUGA?

ATU 613

Eram dois homens que andavam em negócios pelas terras. E traziam dois burros cada um. E passaram por uma capela, estava a tocar à missa. E um disse:

– Olha, vamos à missa, para Deus nos ajudar.

– Ai, não, não! *Vale mais quem madruga do que quem Deus ajuda.*

Um dizia uma coisa, outro dizia outra.

– Vamos resolver isso. Vamos a [fazer uma aposta: quem disser mais vezes “quem madruga”, um perde os burros para o outro].

– Está bem.

Foram [andando]. A primeira pessoa que encontraram foi um velhote que estava a lavar. E perguntaram:

– Olhe, diga-me lá uma coisa: o que é melhor? É quem Deus ajuda ou quem madruga?

– Ah, quem Deus ajuda é bom, mas quem madruga é melhor.

Continuaram pelo caminho a fora. Até que encontraram cinco pessoas. E perguntaram sempre o mesmo. E eles todos disseram:

– Ah, quem Deus ajuda é bom, mas quem madruga é melhor.

Pronto. O outro não fez mais nada: tirou logo os burros [ao amigo].

Aquele, sem trabalho, sem burros, ficou ali. Ficou ali, à noite o que é que fez? Foi dormir ali para um pinheiro, que estava assim muito fechadinho, e meteu-se lá dentro.

Foram para lá, de noite, umas bruxas. Duas bruxas. E ele, muito caladinho [no cimo do pinheiro], ouviu-as a conversar. E uma dizia para a outra:

– Olha, a filha do rei está muito doente. Já lá foram os médicos, mas não a conseguem salvar.

– Olha, se eu lá fosse, curava-a logo. Está um sapo por baixo da cama. Chegava lá, tirava-o e cozia-o. E dava-lhe uma pinguinha de água a beber. E ela ficava boa.

E ele ficou caladinho a ouvir.

Mal veio a manhã, aí vai ele à casa do rei. Bateu à porta, mandaram-no entrar:

– Olhe, soube que a sua filha está muito doente. Olhe, eu sou capaz de a curar.

O rei ficou todo contente, e disse:

– Então vá, cure-a lá.

[Ele] foi debaixo da cama. De facto, lá estava o sapo. Tirou o sapo, puseram-no a cozer. E deram-lhe uma pinguinha de água. Ela melhorou logo. Mais um bocadinho de água e ela ficou boa.

Pronto. O rei, tão contente, diz assim:

– Pronto, eu tenho que recompensar o homem.

Pegou em dois sacos de dinheiro e deu-lhe. O homem levava o burro (o rei também lhe deu um burro carregado com o dinheiro), encontrou o outro [que lhe tinha ficado com os burros]. Ele ficou muito admirado [e perguntou-lhe]:

– Onde é que tu arranjastes tanto dinheiro?

Ele:

– Olha, não queria dizer...

– Ou dizes, ou te mato!

Ele, para [o outro] não o matar foi contar tudo. Foi, contou-lhe tudo. O outro calou-se.

À outra noite, ele [o outro] foi a dormir ao mesmo pinheiro. E estava lá muito bem no pinheiro, [quando chegaram] as bruxas. Mas a bruxa, que tinha dito isto, disse prá outra:

– Olha, já foram contar ao rei [como curar a filha]. Já a curaram, a filha do rei está curada.

Olha, cheira-me que alguém anda aqui [a ouvir-nos]... e foram contar ao rei. É melhor ver, vamos a dar uma volta.

Foram dar a volta e viram lá o outro [em cima do pinheiro]. Viram lá o outro, pegaram nele e deitaram-no cá para baixo, do pinheiro para baixo. O homem morreu.

Pronto, o homem morreu, e o outro, [o que curou a filha do rei], ficou à mesma com o burro e com o dinheiro.

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 15.9.2024.

---

## 82 | O GRÃO DE MILHO MIÚDO

ATU 700

Era uma vez uma mulher e um homem. E não tinham filhos. Tinham muita pena de não ter filhos.

Um dia, a mulher disse assim:

– Ai, eu só gostava que Deus me desse um filho. Nem que fosse tão pequenino como um grão de milho.

E o homem disse-lhe assim:

– Ó mulher, então assim quase que não o víamos...



– Não faz mal, eu só queria ter um filho.

Bem, o que é certo é que a mulher teve um filho muito pequenino, muito pequenino, nunca cresceu. Ficou tão pequenino como um grão de milho miúdo, como ela pediu. O menino não cresceu, mas fazia à mesma tudo quanto a mãe lhe mandava.

Um dia, a mãe foi a cozer e disse pró filho:

– Olha, vais dizer à forneira que eu já tenho o pão *finto*<sup>21</sup>, que se posso tendê-lo.

Ele foi ao forno e disse à forneira:

– Olhe ó tia forneira, a minha mãe já tem o pão *finto*. Diz se pode tendê-lo.

– Ó rapaz, onde é que tu estás que eu não te vejo?

– Estou aqui, atrás de si. Ah, se me pisa eu é que lhe dou um belisco!

E depois, diz [a forneira]:

– Olha, então vai ali para o pé da porta, que eu já lá vou ter contigo. Vou ali ter com uma vizinha a ver se o pão dela já está *finto*.

E o menino ficou à espera que a mulher viesse. Que fosse ver se a vizinha já tinha o pão arranjado, para o menino levar o recado à mãe. Foi lá e diz [a forneira]:

– Olha, diz à tua mãe que espere mais cinco minutos. Ao fim de cinco minutos pode começar a fazer o pão.

O menino foi para casa e disse à mãe:

– Ó mãe, olha, a tia forneira diz que espere só mais um bocadinho, cinco minutos. Ao fim, pode fazer o pão.

A mãe fez o que o menino lhe mandou, a outra senhora fez a mesma coisa. E foram as duas pró forno, cozer o pão. A mãe tinha feito uma *bica*<sup>22</sup>, que era para dar a outro menino, que lhe tinha prometido. [Um] que costumava brincar com o Grão de Milho Miúdo. Mas o miúdo, nesse dia, tinha ido com a mãe dele e não podia estar no forno.

E a mãe do Milho Miúdo disse-lhe:

– Olha, toma a *bica* e vai levar ao menino. Ele não está lá, mas está lá a avó. Deixas-a lá ficar lá em casa.

– Está bem, mãe, eu vou.

O menino levava a *bica* na mão – o Grão de Milho Miúdo – para ir dar ao amigo dele.

Chegou lá e disse à senhora, à avó do menino:

– Olhe, está aqui a *bica* que é para dar ao Joaquim. Quando ele vier com a mãe, dê-lhe a *bica*, que sou eu que lha dou.

– Está bem.

O menino veio-se embora e foi a ter com a mãe ao forno, que estava a cozer o pão.

A mãe disse-lhe:

– Olha, Grão de Milho Miúdo, tu agora levas esta cesta para casa.

21 Levedado.

22 A *bica* de azeite é um pão achatado típico da Beira Baixa, de consistência firme e macia, que tem no azeite o seu principal ingrediente. Tem origem no pão judaico “pita”.

Na cesta iam lá batatas, que a mãe tinha assado no forno. E o Grão de Milho Miúdo, o que é que havia de fazer? Pôs o cesto à cabeça, para levar o cesto.

Ao longe vinham duas mulheres que iam levar a comida ao pai [delas], aos homens que andavam a trabalhar. Começaram-se a rir de ver a cesta a andar sozinha. Disseram:

– Olha, olha! Aquela cesta vai a andar sozinha. Vamos a apanhá-la.

Vieram a apanhá-la, já sabiam que era o Grão de Milho Miúdo. Mas só para o ouvirem, seguraram assim a cesta na mão. Ele vai por trás deu-lhe um belisco [a uma delas]:

– Ai, ai, estás-me a beliscar!

– Deixe a minha cesta, que estão cá as batatas para o jantar do meu pai.

Foram para casa.

A mãe chegou a casa, arranjou as batatas que iam na cesta e o pão. E mandou o Grão de Milho Miúdo levar o jantar ao pai. O Grão de Milho Miúdo foi levar o jantar ao pai.

As mesmas duas mulheres tornaram outra vez a ver a cesta. Diz:

– Olha, é o Grão de Milho Miúdo. Vamos a atentá-lo!

Foram a ter com ele, seguraram-lhe a cesta:

– Ó Grão de Milho Miúdo, dá-nos o jantar.

– Não, não! Este jantar é para o meu pai. Ah, olhe que se me pisa dou-lhe um belisco!

– Não, nós não te pisamos porque tu vais debaixo da cesta.

– Então está bem. Vão lá vocês [andando], que eu vou levar o jantar ao meu pai.

Chegou lá e chamou o pai:

– Ó pai, venha a jantar. Já tem aqui o seu jantar.

– Está bem. Anda que eu já lá vou. (E depois o pai disse-lhe.) Olha, enquanto eu vou comer, vai lá ver as vacas, como andam. Mas tem cuidado, não caias prá fonte.

– Está bem.

O menino foi ver as vaquinhas que andavam a pastar. E andavam bem. O que é que ele havia de fazer? Foi beber água. Foi beber água, debruçou-se para a fonte e caiu. Molhou-se todo e, para secar, foi para cima de uma couve. A vaca andava por ali, foi comer a couve, engoliu o Grão de Milho Miúdo.

Quando chegou à tarde, o pai a chamá-lo, a chamá-lo... e ele não aparecia. Foi para casa sem ele. Pensou que ele tinha ido para casa sem lhe dizer nada. Quando chegou a casa, a mulher pergunta-lhe assim:

– Então, não trazes o nosso filho?

– Não! Então ele não está cá em casa?

– Eu não o vi.

Ficaram muito tristes. E o homem foi a prender as vacas ao palheiro. Depois, lá dentro da vaca, ouviu assim:

– Ó pai. Pai, mate a vaca, que eu dou-lhe dinheiro para duas ou três.

O pai:

– Se calhar é o Grão de Milho Miúdo que lá está.

O homem não fez caso.

Ao outro dia, de manhã, o homem foi outra vez para a horta e levou, à mesma, a vaquinha.

Chegou ao ribeiro – a vaquinha foi a beber água – tornou outra vez:

– Ó pai. Pai, mate a vaca, que eu dou-lhe dinheiro para duas ou três.

O homem veio para casa e contou à mulher, quando foi à noite. Disse:

– Ai, temos que mandar matar a vaca, porque o nosso filho está lá dentro.

– Está lá dentro como?

– Está, está lá dentro! Se ele fala e diz isso é porque ele está lá dentro.

O homem mandou matar a vaca. Estava lá o Grão de Milho Miúdo, saiu, foi para casa.

Ficou todo contente. Chegou a casa e diz assim à mãe:

– Ó mãe, eu já cá não quero estar mais em casa.

– Então porquê, filho, onde é que tu queres ir?

– Vou correr mundo.

– Vais correr mundo?

– Vou, vou correr mundo. Eu não disse que lhe dava dinheiro? Que matasse a vaca, que dava dinheiro para duas ou três? Então... eu vou correr mundo.

E foi. Foi correr mundo, andou, andou, andou, e não viu nada.

Depois um dia, assim à noite, chegou. Disse assim:

– Vêm além uns homens, vou-me aqui a esconder.

E escondeu-se. E o que eram esses homens? Eram ladrões. E estavam a contar o dinheiro e a dividi-lo:

– Um para mim, outro para ti, outro para o que há de vir.

E ele pensou:

– Bem, se é para “o que há de vir”, deve ser para mim.

E depois tornou outra vez [o ladrão]:

– Um para ti, outro para mim, outro para o que há de vir.

– Ainda bem, haveis de os contar todos.

E contou. E ele estava a ver, o Grão de Milho. Só que a ele ninguém o via. Estava a ver aquilo tudo e, quando viu já um monte grande [de dinheiro], já estava tudo dividido, ele diz assim, o Grão de Milho Miúdo:

– Outro pró que há de vir, já aí vem a caminho. Já aí vem a caminho!

Fez aquela voz muito esquisita. E eles ficaram cheios de medo, os outros dois, e fugiram.

O Grão de Milho Miúdo apanha o dinheiro todo e foge com ele para casa. Fugiu com ele para casa e os outros ficaram sem dinheiro nenhum.

Quando chegou a casa disse assim:

– Ó mãe, eu não lhe disse que matasse a vaca, que lhe dava dinheiro para duas ou três? Olhe aí, trago aqui um saco cheio de dinheiro.

E deu o dinheiro à mãe e ao pai, para eles comprarem outras vacas.

*Conto acabado, espiga no rabo.*

*Quem não se levanta fica com ele pegado.*

Informante: Maria dos Anjos Ramos da Cruz Mendes, 71 anos.

Recolha feita na freguesia de Aldeia de João Pires por Cátia Mendes em 8.8.2006

## 83 | OS MENINOS COM ESTRELINHAS NA TESTA

ATU 707

Era uma vez um príncipe que andava a passear na rua, a cavalo. E havia três irmãs que eram costureiras. E quando ouviam o cavalo, vinham sempre à janela para ver passar o príncipe.

E uma delas disse assim:

– Se eu casasse com o príncipe, fazia-lhe um fato tão fino, tão fino, que havia de caber numa casca de ovo.

E a outra disse:

– Ai, e eu, se casasse com ele, fazia-lhe um ainda mais fino que havia de caber numa casca de noz.

Depois, a mais nova disse:

– Se eu casasse com o príncipe, eu havia de ter dois filhos, um menino e uma menina, cada um com a sua estrela de ouro na testa.

E o príncipe ia passando. Quando passava ali naquela rua ia sempre devagarinho que era para ver as meninas – as três meninas – à janela. Ele, ao outro dia passou lá, e elas voltaram a dizer a mesma coisa. E depois, chegou ao palácio e disse à mãe que queria casar com a menina daquela casa, porque ela disse que havia de ter dois filhos, um menino e uma menina, com uma estrela de ouro na testa. E depois o pai e a mãe, o rei e a rainha, não queriam. Diziam:

– Não, isso é ela que diz, isso é mentira.

Mas o príncipe ateimou e casou com a menina, levou-a para o palácio.

Mas depois, houve uma guerra, e o príncipe teve de ir para a guerra. E disse prá mãe e pró pai:

– Eu quero a princesa muito bem tratada. Que nada lhe falte: que tudo quanto ela pedir, lhe dão.

E o príncipe foi prá guerra.

No fim de algum tempo ele voltou a casa. E ela ainda lá estava. Perguntou-lhe se era bem-tratada e ela disse que sim, que a tratavam muito bem. E lá ficou. Mas o príncipe teve que voltar novamente, outra vez, prá guerra.

Passado um tempo, falou com o príncipe e disse-lhe que estava à espera de uns bebés. E ele disse:

– Está bem, eu fico muito contente.

A mãe do príncipe não queria nem gostava dela, disse:

– Deixa estar que, quando os teus filhos nascerem, logo vês como é.

Os bebés nasceram. E cada um com a sua estrela de ouro na testa. Só que não deixaram ver os meninos à mãe, tiraram-lhos. E disseram que ela em vez de ter dois meninos, tinha dois cãesinhos. E que os ia deitar ao mar. E ela ficou muito triste, muito triste, e disse:

– Isso não pode ser. Eu tenho um menino e uma menina. Não pode ser.

Nunca lhe mostraram nem o menino, nem a menina. Mostraram foi dois cãesinhos. Que depois desapareceram com eles e ela nunca mais os viu.

A rainha falou com o filho, que estava na guerra, e disse-lhe que a mulher que o tinha enganado. Que em vez de ter dois filhos, teve dois cães. E então, que os tinha mandado matar.

O príncipe, quando veio, achou aquela história muito estranha, muito estranha. E disse que ia mandar castigar a princesa.

Ele foi, novamentre, prá guerra. E os pais dele, o rei e a rainha mandaram que a princesa fosse deitada à porta do palácio, ao fundo da escadaria. E cada visita que lá passasse, para a castigar, cuspiam-lhe para cima. E ela lá estava.

Os meninos foram deitados ao rio dentro de um baú, na ribeira. Em vez de serem os cães, como a rainha tinha dito, foram os meninos: o menino e a menina.

Havia um moinho que moía pão e milho. E a água do moinho estava entancada naqueles dois baús e não corria. Corria pouco, portanto a *íagua* não tinha força para [fazer] andar o moinho. E o moleiro foi ver o que é que estava a impedir que a *íagua* viesse. Viu aqueles dois baús, tirou-os [da água] e levou-os para casa. Quando lá vê, então, os dois bebés, um menino e uma menina, com uma estrela na testa. Eles não tinham filhos, o moleiro [e a esposa] não tinham filhos. E então, a mulher ficou muito contente, porque tinha aqueles dois meninos para criar: um menino e uma menina.

Os meninos cresceram, foram para a escola. Mas tinham vergonha de andarem com a estrela na testa. E a moleira fez um gorro para cada um. Para eles trazerem sempre o gorro enfiado na cabeça, que era para não os conhecerem. Se alguém os visse para não os conhecerem. Os meninos foram para a escola, sempre com a boina [gorro] na cabeça. Ninguém sabia quem eram aqueles meninos. Eles [o moleiro e a mulher] só diziam que não sabiam quem [eles] eram. Que os tinham encontrado no rio. E contavam-lhes, pronto, que foram criados por eles.

Quando a guerra acabou, o príncipe voltou para casa. E não se falava noutra coisa senão nos meninos que andavam na escola, que traziam sempre um gorro na cabeça e que ninguém sabia quem eles eram. E ele disse:

– Tenho que ir ver. A minha mãe, de certeza que me está a enganar. Eu tenho que ir ver o que é.

Foi ao moinho e perguntou ao moleiro se podia ver os filhos dele. O moleiro disse:

– Sim, pode.

– Mas conte-me lá como é que o senhor teve estes filhos.

Lá lhe teve a dizer os anos que lá estavam em casa. Era justamente os anos que ele esteve na guerra. E, portanto, que a mãe lhe tinha dito que [ela] tinha atirado com os cães ao rio, que eram os filhos dele. De certeza. Ele disse:

– Eu posso tirar o gorro aos meninos?

– Pode.

Tirou o gorro. E cada um tinha a estrela de ouro na testa, conforme a mãe deles tinha dito que havia de ser, a costureira. E ele disse:

– Eu levo estes meninos prá minha casa, se me deixa.

E o moleiro disse:

– Não. Então eu criei-os, gosto tanto deles...

E a mulher dele começou também a dizer que não, que não lhos dava, porque os meninos eram eles que os tinham encontrado. E queriam-lhes muito, gostavam muito deles.

E depois, o príncipe foi a casa e disse à Mãe:

– Encontrei os meus filhos. Vou trazê-los para casa.

– Como é que tu sabes?

– Porque não há ninguém que nasça com uma estrela de ouro da testa, conforme os meus filhos nasceram. Foi isso que a princesa disse: que havia de ter dois filhos, cada um com uma estrela de ouro na testa. Eu vou trazê-los para casa.

E ele disse à mãe para mandar tirar dali a princesa, que estava deitada ao fundo das escadas do palácio. E a rainha não fez caso, não mandou tirar de lá a mulher [do príncipe].

O príncipe foi a casa do moleiro e trouxe os dois meninos para casa. Lá conseguiu que eles os deixassem vir com ele. Quando [os meninos] chegaram ao pé das escadas, diz-lhe a rainha assim:

– Vá, cuspiam p'ra cima dessa mulher que aí está!

E os meninos responderam:

– Não, que esta mulher é a nossa mãe.

Então o príncipe, quando ouviu aquilo, mais teve a certeza. E foi ele a tirar de lá a princesa. Deu-lhe um grande banho e levou-a para casa. E os meninos começaram logo a chamar “mãe”, porque era a mãe deles. Ela ficou muito contente e disse:

– Eu bem sabia que me tinham enganado. Os meus filhos estão aqui. Não há mais nenhuns que tenham nascido com este sinal. Portanto, são os meus filhos.

O príncipe foi-se embora daquele palácio para outro, com os filhos e a mulher, a princesa. E eles ficaram todos muito contentes, os três [quatro]. E viveram felizes para sempre.

---

**Informante:** Maria dos Anjos Ramos da Cruz Mendes, 71 anos.

Recolha feita na freguesia de Aldeia de João Pires por Cátia Mendes em 8.8.2006

---

## 84 | O PITO PLAINUDO

ATU 715

Era uma vez um Pito Plainudo. E pensou em ir a pedir ao rei uma *fanega*<sup>23</sup> de pão para comer durante o verão. Ele ia a caminho, encontrou uma raposa. E a raposa diz-lhe assim:

– Onde vais, Pito Plainudo?

– Vou ao senhor Rei para me dar uma fanega de pão para comer durante o verão. Queres vir? Anda daí!

E a raposa foi. Chegou mais à frente, encontrou um lobo:

– Onde vais, Pito Plainudo?

– Olha, vou ao senhor Rei para me dar uma fanega de pão para comer durante o verão. Queres vir? Vem daí!

E lá foi o lobo também. Chegou mais à frente encontrou uma ribeira. A ribeira disse-lhe a mesma conversa que os outros dois disseram:

– Onde vais, Pito Plainudo?

– Ao senhor Rei para me dar uma fanega de pão para comer todo o verão. Queres vir? Vem também!

Também foi a ribeira. Depois foram mais à frente, encontraram um nevoeiro. O nevoeiro disse o mesmo:

– Onde vais, Pito Plainudo?

– Vou ao senhor Rei para me dar uma fanega de pão para comer durante o verão. Queres vir? Vem daí!

E ele também foi. Foram todos.

Então, bateram à porta: *truz, truz!*

Vem de lá a criada e diz:

– O que é, Pito Plainudo?

– Venho ao senhor Rei para me dar uma fanega de pão para eu comer todo o verão.

A criada foi à rainha, a dizer-lhe:

---

<sup>23</sup> Antiga unidade de medida de volume equivalente a quatro alqueires (1 alqueire = 13,9 litros).

– Real Rainha, está ali o Pito Plainudo que vem pedir ao senhor Rei uma fanega de pão para comer todo o verão.

– Mete-o na capoeira. Agarra o Pito Plainudo mete-o na capoeira, que as galinhas vão dar cabo dele.

Meteu-o na capoeira. De manhã disse-lhe assim [à criada]:

– Maria, o Pito Plainudo já morreu?

– O Pito Plainudo está vivo e as galinhas estão todas mortas. (Porque ele chamou a raposa.)

Ela [a Rainha] diz-lhe outra vez:

– Vai lá buscar o Pito Plainudo e vai metê-lo na cavaliça, que os cavalos hão de o matar.

[A criada] lá o foi meter. [Diz a Rainha]:

– Maria, vai lá ver se o Pito Plainudo se está morto!

– O Pito Plainudo está vivo, os cavalos é que estão mortos. (Porque chamou o lobo.)

Ele chamou o lobo e disse assim:

– Mata-me isso! Atira-te a eles, mata-os!

Matou-os, pronto, o Pito Plainudo lá estava bom. [Diz a rainha]:

– Traz lá o Pito Plainudo! Acende lá o forno! Acende lá o forno que vamos-o assar.

[A criada] trouxe o Pito Plainudo, mas ele chamou a ribeira. Chamou a ribeira, meteu lá tanta *iáugua* que o forno apagou-se. [Diz a rainha]:

– Então, Maria? Já está assado, o Pito Plainudo?

– O Pito está vivo, porque veio muita *iáugua* e apagou o forno.

– Pronto, então *trazi-o* lá, que o vamos meter neste cesto, que [ele] há de morrer aqui à fome.

Meteram-no num cesto. Chamou o nevoeiro. O nevoeiro foi tão grande, tão grande, tão grande lá na casa, encheu a casa toda, que ninguém via cestos nem via nada.

E o Pito Plainudo escapou-se e assim fugiu à morte.

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 21.07.2024

---

## 85 | O MACHADO PERDIDO

ATU 729

Havia um homem que foi tirar cortiça ali para os lados da ribeira da Baságueda, para sustento da família. E subiu ao sobreiro, para tirar a cortiça, e o machado caiu-lhe. E quando o machado lhe caiu, ele desceu cá a baixo, andou ali em volta da sobreira a ver se encontrava o machado... e nada. Então, o que é que ele pensou?

– Bem, se calhar o machado caiu-me pela ribeira abaixo.

E começou a andar ao longo do leito a ver se via o machado, na *iágua*. Mas não via nada. Um pouco mais à frente do sítio onde ele andava, encontrou um velhote a guardar cabras. E o velhote perguntou:

– Então rapaz, o que andas pr’aqui a fazer?

E ele respondeu:

– Olhe, andava ali a tirar a cortiça naquela sobreira. Agora caiu o machado. Nem está ao pé da ribeira, nem está na ribeira, nem está ali em volta da sobreira. Não encontro o machado.

E o homem que lhe disse:

– Olha, vai mas é para casa, que já está a escurecer. E amanhã vens e encontras o machado.

E o rapaz pensou:

– Então, mas se caiu na ribeira já não o vejo.

Bem, mas foi para casa.

O outro dia, vai logo de manhã para ir a ver do machado e encontra lá o mesmo homem, a guardar gado. Encontrou lá o homem, a guardar as cabras. E ele diz-lhe assim:

– Olha, encontrei aqui este machado. Será que este é que é teu?

E ele disse:

– Não, esse machado não é meu, porque o meu machado não é de ouro. O meu machado é um machado de madeira com aço. Esse não é meu.

E o rapaz continua à procura do machado. E o homem diz:

– Olha, vai mas é pra casa, que o machado logo há de aparecer.

E o rapaz, a dizer mal da vida dele, lá abalou. Ah, mas o homem disse:

– Volta cá amanhã, pode ser que se encontre o machado.

E o rapaz lá foi. Ao outro dia voltou de manhã, a começar a procurar o machado. Volta-lhe a aparecer o mesmo velhote, a guardar cabras. Diz:

– Então, já encontraste o machado?

– Não, ainda não encontrei o meu machado.

– Olha, mas eu encontrei este. Será que é o teu?

E o rapaz diz:

– Não, este machado não é meu. Porque o meu machado, eu já lhe disse, tem um cabo de madeira e a lâmina é de aço. E este machado é de prata. E eu não tenho machados de prata, não tenho dinheiro para comprar machados de prata.

E continuou a procurar. E o homem diz-lhe assim:

– Vai mas é pra casa, que o machado há de aparecer.

E o rapaz, olhou pró homem, e lá voltou embora.

Ao outro dia, voltou outra vez à procura do machado. E volta a encontrar novamente o mesmo velhote. E o velhote diz-lhe assim:

– Olhe, ontem andei aqui e encontrei este machado.

– Ai, esse sim, esse é o meu machado. Com o cabo de madeira e a lâmina de aço. Esse sim, é o meu machado.

E o velhote diz-lhe assim:

– Olha, pela tua sinceridade e pela tua honestidade, ofereço-te os três machados.

Então, deu-lhe o machado de ouro, o machado de prata e o machado que era dele. E o rapaz ficou assim todo contente, não é?

Depois pensou: “Então vou para casa!” E quando já ia para casa, primeiro passou pela taberna. Passou pela taberna para contar o que lhe tinha acontecido.

E começaram:

– Ah, isso não existe. Então agora alguém te dava um machado de prata e um machado de ouro? Algum dia na vida? Hum! Isso... tu inventas cada coisa...

Mas estava lá um que era sabido. E sorrateiramente saiu da taberna, E ao outro dia, foi prá zona da ribeira da Baságueda também a tirar cortiça. Deixa cair o machado, começa a procurar o machado. E vai pelo leito da ribeira abaixo e também encontra o mesmo homem.

O homem diz:

– Então, o que é que anda aqui a fazer?

– Ah, andava ali a tirar cortiça e deixei cair o meu machado. E agora andava a ver se o via.

E o homem que lhe disse:

– Ai, ande que já está escuro, já está a escurecer. O melhor é ir para casa. E amanhã, venha de manhã. Pode ser que encontre o machado.

E o homem assim fez, abalou.

E foi ao outro dia de manhã, todo lampeiro, a ver do machado. Quando lá chegou, diz-lhe assim o homenzinho:

– Então, este machado é que é o seu?

– Ai, é, é, é, é! Este machado é meu! Este machado é meu! Este era o meu machado. Este machado, agora, é meu!

Ele disse:

– Não, este machado não é seu! E agora, nem leva este, nem leva o seu. Pela sua ganância. Porque você está a ser ganancioso, e quer levar uma coisa que não é sua.

---

**Informante:** Maria de São José Alvito de Brito, 50 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 1.9.2024

---



## 86 | O VELHO E A FORTUNA

ATU 736

Era uma vez um velho que andava a arranjar molhinhos de *carqueija* para ia a vender à cidade. Um dia e outro, sempre com os molhinhos às costas, a levar. Um dia, aparece-lhe a Fortuna, e disse-lhe:

– Olha, andas aí, nisso... eu vou-te dar uma burrinha.

Lá andava o homem na mesma. Depois, chegou um dia que a Fortuna lhe foi levar a burrinha. Mas ele já tinha ali um molhinho e foi levar o molho para a cidade. E levou a burrinha até à fonte. Quando chegou à fonte, deixou a burrinha ali – ele foi beber a *iágua*. E pousou o molho e ela ficou [ali]. Quando veio de beber a *iágua*, já não viu a burrinha, já tinha fugido.

Pronto, lá vai ele com o molhinho prá cidade, pra ganhar o dia. Andou na mesma [a pé]. Torna outra vez a aparecer-lhe a Fortuna e disse-lhe:

– Ó desgraçado, andas outra vez nessa vida? Agora vou-te dar um surrão cheio de libras. E lá andou, lá foi a Fortuna a levar-lhe o surrão. Também tinha um molhinho. Disse:

– Já agora, vou vender isto à cidade.

E veio outra vez até à fonte, que fazia parte descansar ali. Pousou o molho e o surrão em cima do molho. Foi beber a *iágua*. Quando veio viu a cegonha já com o surrão, que a cegonha levou porque pensava que era um borrego. Levou o surrão.

Pronto, lá tornou ele na mesma. E lá andava na mesma [pobre, a apanhar carqueja].

Até que um dia encontrou a Desfortuna. E diz-lhe assim [ela]:

– Olha, a Fortuna deu-te uma fortuna. Mas eu vou-te dar um vintém.

Ela deu-lhe um vintém e ele foi-se embora, todo contente. Chega a casa disse para a mulher:

– Amanhã eu vou à feira.

Chegou à feira, perguntava a uns:

– Olhe, quanto é que custa isto? – Foi para a frente – Quanto é que custa isto?

Eles lá lhe diziam [o preço] e ele respondia:

– Quer um vintém?

Ia a outro, a mesma coisa. Os homens disseram:

– Ah, o homem parece estar maluco!

Lá andou, deu a volta à feira, até que chegou onde estavam as varas.

E ele perguntou:

– Olhe, quanto custam as varas?

E o homem respondeu-lhe:

– Um vintém.

– Pegue-o lá.

E lá vem, todo contente, com a vara. Quando chegou a casa, a mulher ficou triste, porque pensou que ele tinha ido buscar comer para eles. Pousou a vara à porta.

E veio um homem [e disse-lhe]:

– Olhe, quer ir trabalhar para mim, a guardar os porcos lá para o meu monte?

E ele respondeu:

– Ah, não tenho de comer...

– Mas eu adianto-lhe o dinheiro... vai preparar as coisas...

E [o homem] foi, aceitou. Foi a buscar comer para ele levar, para dar à família e lá foi.

Um dia, andava a varejar a bolota para os porcos, olhou e viu um ninho de cegonha. Quando viu o ninho, ficou tão danado, quis-se vingar. E com a vara desmanchou o ninho. Conforme desmancha o ninho, cai o surrão. Ah, apanhou o surrão [com o dinheiro], ficou todo contente. Foi para casa.

*Na desfortuna e na vara do vintém, tinha ele o seu bem.*

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 25.10.2024.  
.....

## CONTOS RELIGIOSOS

### 87 | NOSSA SENHORA E A PERDIZ

ATU 750E

Nossa senhora ia no burrinho. E depois, lá no meio do tremoçal, levantou-se uma perdiz. E depois, Nossa Senhora caiu da burrinha. E amaldiçoou a carne [da perdiz]. Mas depois, como viu que a carne era boa para os doentes, depois já não a amaldiçoou mais...

---

**Informante:** Maria de Lurdes Ramos Leitão Lourenço, 75 anos.  
Recolha feita na freguesia de Águas por Gorete de Brito em 21.9.2024

---

### 88 | SÃO JOSÉ AMALDIÇO A OS TREMOÇOS

ATU 750E

São José ia com o burrinho à rédea. E depois, fazia muito vento, e eles atravessaram um tremoçal. E os tremoços, as vagens, estão secas, batem umas nas outras. E espantou-lhe a burra.

E depois, Nosso Senhor [São José] diz assim:

– Malvados sejam.

E Nossa Senhora diz:

– Não, que é o comer dos pobrezinhos. Pode-se amaldiçoar a casca, mas por dentro tem que se comer.

(O tremoço amarga. Se a gente não o adoçar, amarga. Porque estava amaldiçoado: “Amaldiçoado sejas”. Porque espantou o burro a Nossa Senhora quando iam no burrinho.)

---

**Informante:** Maria da Conceição Andrade, 89 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 14.02.2024.

---

## 89 | NOSSA SENHORA AMALDIÇO A OS TREMOÇOS

ATU 750E

Como [os soldados de Herodes] queriam apanhar o Menino [Jesus], Nossa Senhora andava sempre fugida, quando ia a fazer a circuncisão do Menino. E passou por um tremoçal. Os tremoços já estavam secos e fizeram muito barulho. E ela amaldiçoou os tremoços, porque com o barulho que eles faziam [alertavam algum soldado] que podia andar por ali. Dizem que é por isso que os tremoços não enchem barriga. A gente come, come, come e parece que não come nada. Dizem que como Nossa Senhora os amaldiçoou, não enchem barriga.

.....  
**Informante:** Maria de Lurdes Vieira Moiteiro Messias, 87 anos.

Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 5.10.2024  
.....

## 90 | A CAMINHO DO EGITO

ATU 750E / ATU 236\*

[Nossa Senhora e o Menino Jesus] iam a caminho do Egito. Passaram por um tremoçal e ouviram um barulho *trac* – aquilo seco – *trac, trac*, e ficaram assustados. Ficaram assustados e passaram aquele primeiro tremoçal. Depois o segundo. Eles, então, descobriram que eram os tremoços.

E depois Nossa Senhora disse:

– Ficas amaldiçoado, a fome não matarás a ninguém.

Foram continuando, e a perdiz deu aqueles voos. Que a perdiz costumava estar agachadinha, mas vem a *coisa*, deu um voo que espantou o burro, espantou a burrinha.

E Nossa Senhora diz-lhe:

– Eu te amaldiçoó...

Mas o Menino Jesus diz assim:

– Não, só as penas, a carne não.

E então ficaram só as penas amaldiçoadas.

A noitibó ficou amaldiçoada porque era assim: *Cá vai! Cá vai! Cá vai!* – que era a dizer que ia ali.

Nossa Senhora disse-lhe:

– Ficas sem ver e só poderás sair de noite. Não vais voltar a ver a luz do dia.

E as outras, que iam atrás da burrinha (que não era só uma, iam muitas...), umas apagavam o rasto, outra dizia: *Não a vi! Não a vi!* Não a vi! (que é um passarinho com uma poupinha.) Essas são as pitinhas de Nossa Senhora.

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 8.7.2024  
.....

## 91 | AS FERRADURAS AO CONTRÁRIO E A PITA-CEGA

ATU 750E / ATU 236\*

Quando Nossa Senhora fugiu para o Egito, fugiu porque o Judas<sup>24</sup> queria matar o Menino. E então, como [ele] queria matar o Menino, São José levou Nossa Senhora para o Egito. E ferrou o burro ao contrário. Foi a um ferrador e ferrou a burra com as ferraduras ao contrário. Portanto, a burra ao ir, dava sinal [aos perseguidores] que ia era ao contrário [ia na direção oposta].

Mas, entretanto, havia um pássaro que era a pita-cega, que anda durante a noite e que canta assim: “*cá-vai, cá-vai, cá-vai, cá-vai*”. E então, a pita-cega queria enganar a Nossa Senhora e a São José. Porque, quando iam fugindo, ia atrás da Nossa Senhora e a pita-cega ia dizendo por trás [alertando os perseguidores]:

*Cá-vai, cá-vai, cá-vai, cá-vai.*

E Nossa Senhora amaldiçoou-a.

.....  
**Informante:** Lourenço Augusto Marcos, 72 anos. Natural de Urrós, Mogadouro.

Recolha feita na freguesia de Aldeia do Bispo por Gorete de Brito em 14.9.2024  
.....

## 92 | O PINHEIRO DE NATAL

Ca-Ch 750K

Quando o Menino Jesus nasceu, todas as plantas deram flor, para homenagearem o Menino Jesus. Todas, mas só uma é que não. E então, a planta que não floriu foi o pinheiro. Porque o pinheiro não dá flor, só dá pinhas. Então ele ficou muito triste. Disse:

– Mas como é que eu vou fazer para que o Menino Jesus também fique contente comigo? Todas floriram e eu não...

E então ele lamentou-se tanto, chorou tanto, que os anjinhos do céu ouviram o lamento e o choro. E então eles pensaram e disseram uns para os outros:

– Olha, vamos fazer uma coisa. Vamos colher as estrelas do céu e vamos enfeitar o pinheiro com as estrelas.

Então assim fizeram. Mas o pinheiro brilhava tanto, com as estrelas, que toda a gente dizia:

– Mas o que é aquilo, na floresta? Mas o que é aquilo?

As pessoas foram-se aproximando, aproximando, e viram que eram as estrelas do pinho que iluminavam tudo. Então, as pessoas começaram a ir, umas atrás das outras, umas atrás das outras... e viram, então. E depois o pinheiro dizia às pessoas:

.....  
<sup>24</sup> Anacronismo. O informante deveria ter dito “Herodes”.

– Bem-vindos sejam, porque hoje é o dia mais lindo: nasceu o Salvador do mundo.

.....  
**Informante:** Olívia Romão Esteves, 76 anos.

Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 5.8.2024.  
.....

## 93 | O HOMEM DAS SILVAS

ATU 751E\*

Era um homem que trabalhava aos domingos e não tinha tempo de ir à missa. Não queria que o vissem. Não queria que o vissem, porque foi Jesus que lhe apareceu, e ele sem saber.

E Jesus lhe respondeu:

– Tu não queres ser visto? Eu vou-te pôr num lugar onde toda a gente te vai ver. (Que era a cortar as silvas.) Vou-te pôr num lugar onde toda a gente te vai ver!

Ele foi para a lua com a forquilha aos ombros.

(Essa história era a minha mãe que contava.)

.....  
**Informante:** Maria dos Anjos Antunes Ramos, 89 anos, n. Monsanto (Idanha-a-Nova). Utente do Lar D. Bárbara T. Silva.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 22.06.2024  
.....

## 94 | O HOMEM COM SILVAS NA LUA

ATU 751E\*

Diziam que nos domingos que era pecado trabalhar. Que não se podia trabalhar nos domingos porque houve um homem que andava a trabalhar nos domingos, e andava a roçar as silvas com a gadanha. E depois Deus castigou-o. E Deus, para exemplo, pôs-i-o na lua.

É por causa disso que aquela imagem que se vê na lua, dizem que é um homem com um molho de silvas às costas, porque foi castigado por Deus.

.....  
**Informante:** Olívia Romão Esteves, 76 anos.

Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 5.8.2024.  
.....

## 95 | O PANO, O CARNEIRO E A CACHANA

Robe 752\*D + ATU 563

[Um homem] tinha três filhos. E então o mais velho foi ao pai e disse-lhe assim:

– Ó pai, deixas-me ir a vender peras?

– Então anda, vai!

E foi a vender peras. Andava pelas ruas:

– Quem quer comprar peras? Quem quer comprar peras?

Encontrou Nossa Senhora e Nossa Senhora disse-lhe:

– Ó menino, que andas a vender?

– Cornos!

– Cornos venderás!

E então ele andava:

– Quem quer comprar peras? Quem quer comprar peras?

– Ó menino, deixa lá ver as peras.

Foram a ver, eram cornos. Ele foi para casa a chorar, que tinha lhe acontecido aquilo.

Vai o do meio e diz-lhe assim:

– Ó pai, agora vou eu! Deixa-me ir vender maçãs.

– Vai lá a vender maçãs. Acontece-te como ao teu irmão.

Lá foi:

– Quem quer comprar maçãs? Quem quer comprar maçãs?

Encontrou Nossa Senhora que lhe disse assim:

– Ó menino, o que é que levas?

– Pedras!

– Pedras venderás!

Pronto, lá andou:

– Quem quer comprar maçãs? Quem quer comprar maçãs?

– Ó menino, deixa lá ver as maçãs.

Eram pedras. Olha, lá foi para casa, a chorar. Com o pai, que foi assim: que encontrou uma senhora que lhe disse e transformou-lhe as maçãs em pedras.

Foi o mais novito:

– Ó pai, deixa-me ir a vender figos.

– Vai lá. Olha, acontece-te como aos teus irmãos.

E então foi:

– Quem quer comprar figos? Quem quer comprar figos?

Encontrou Nossa Senhora e [ela] disse-lhe:

– Ó menino, o que é que levas?

– Figos.

– Figs venderás!

E ele, quanto mais vendia figos, mais tinha na cesta.

Às tantas, o menino já tinha fome, encontrou Nossa Senhora e [ela] disse-lhe:

– Então, menino, já tens fome?

– Tenho!

– Então, toma lá este pano e diz-lhe assim: “abre pano, põe-te mesa!”, e ele pôe-se logo tudo.

Pôs-se logo tudo o que havia: chouriço, presunto... tudo o que havia ali e arredores... tudo, tudo o que havia. E ele comeu.

Mas depois, tinha mais figos na cesta, foi vendê-los, foi entregar a uma senhora. Mas ele era tão inocente que disse prá senhora:

– Olhe, você não diga: “abre pano, põe-te mesa!”

E a senhora disse “abre pano, põe-te mesa!”, pôs-se logo ali tudo, trocou-lhe logo o pano.

Pronto, e ele foi andando. Andou, foi vender os figos e encontrou Nossa Senhora e [ela] disse-lhe:

– Então, menino, ainda não vendeste os figos?

– Ai, ainda não, ainda não se me acabaram na cesta!

– Então toma lá este carneiro e diz-lhe assim: “sacode carneiro, bota dinheiro!”

O menino disse-lhe: “sacode carneiro, bota dinheiro!”, olha, começou para ali a deitar dinheiro.

O que é que ele... tão pasmado, outra vez, vai entregar à mesma mulher do pano, porque não sabia que ela lhe tinha trocado o pano. Lá foi entregar:

– Olhe, mas não diga: “sacode carneiro, bota dinheiro!”

Ela disse “sacode carneiro, bota dinheiro!”, começou para ali a deitar dinheiro, trocou-lhe o carneiro também.

Pronto, ele lá foi outra vez a vender os figos. Foi vender os figos, acabou de vender os figos, foi à senhora a pedir o carneiro e o pano.

E foi para o pai:

– Ó pai, agora é que vai ser a nossa riqueza: “abre pano, põe-te mesa!” – Nada! “Sacode carneiro, bota dinheiro!” – Nada!

Olha, lá ia o menino a chorar. Encontrou Nossa Senhora, e [ela] disse-lhe assim:

– Ó menino, então o que é que tens?

– Ai, foi a senhora que me trocou o pano... eu fui-lhe entregar para me ficar com ele... e trocou-me o pano e o carneiro.

– Então toma lá esta *cachana* e diz-lhe: “desanda a *cachana*!”

Então, ele lá foi e foi entregá-lo à senhora também, como fez das outras coisas. E disse prá senhora:

– Olhe, não lhe diga: “desanda a *cachana*!”

Ela disse-lhe “desanda a *cachana*!”, começou a bater nela. Começou a bater nela, pronto, ele aí depois apanhou a oportunidade e disse-lhe:

– Olhe, agora ou me dá o carneiro e o pano ou já desanda a *cachana*. E ela diz:

– Ai, isso é que eu não dou! Então tenho aqui a minha riqueza. Isso é que eu não dou!

Então ele disse-lhe:

– Então: “Desanda a *cachana*!”

Começou: tumba, tumba, na cabeça; tumba, tumba, na cabeça.

– “Desanda a *cachana*!”

Até que ela disse:

– Ó menino, pára lá a *cachana* que eu já te dou as coisas!

Pronto, lá lhe deu o carneiro, e o pano... e a *cachana*.

E ele, então, foi para o pai e disse-lhe:

– Ó pai, agora é que vai ser a nossa riqueza.

– Já há bocado dizias igual... e agora é igual!

– Então olhe: “sacode carneiro, bota dinheiro!”

Começou para ali a deitar dinheiro... o pai a agarrar, a agarrar, a agarrar o dinheiro... pronto.

Depois disso:

– “Abre pano, põe-te mesa!”

Pôs-se logo ali, pronto, tudo. O pai comeu, bebeu, tudo do que era bom e do melhor. Às tantas, disse-lhe assim:

– Ó pai, e agora se viessem umas castanhas?

– Também vinham bem!

– Então: “desanda a *cachana*!” (risos)

– Ai, ó filho, pára lá isso! Pára lá isso! Já não quero mais castanhas! (risos)

---

**Informante:** Joaquina Andrade, 74 anos.

Recolha feita na freguesia da Meimoa por Gorete de Brito e Maria João Cabanas em 10.7.2024

---

## 96 | O HOMEM QUE REZA E O QUE PRAGUEJA ATU 756D\*

Quando São Pedro andava no mundo, e Nosso Senhor, iam por um caminho a fora. E estava um senhor a rezar. E Ele passou e diz-lhe:

– Adeus vida de porco!

E havia outro que andava a lavrar, andava ali a lavrar:

– Ah, burro de um cabrão! Ah, burro deste! Ah, burro daquele!

[– Adeus vida de santo!]

E o São Pedro diz para Nosso Senhor:



– Então, mas, ó Mestre, aquele que estava a rezar, diz que tem vida de porco... E a este, que anda aqui a praguejar, diz que é vida de santo?

– Aquele, está a rezar e tem lá uma saca. Está a pensar onde é que há de ir roubar um porco. E este, anda na vida dele, não faz mal a ninguém.

---

**Informante:** Fernanda Carreto, 72 anos.

Recolha feita na freguesia de Aldeia do Bispo por Gorete de Brito em 6.09.2024.

---

## 97 | O LAVRADOR QUE REZA E O QUE FALA MAL

ATU 756D\*

O Cristo andou muitos anos pelo mundo. Um dia foi passear, também, e passou num sítio. E andava um senhor a rezar, ajoelhado. Um lavrador que andava com as vacas e a rezar.

E diz-lhe Ele:

– Deus te abençoe, vida do diabo! – disse-lhe Nosso Senhor.

E seguiram mais à frente, encontraram outro senhor, a falar mal aos bois e às vacas:

– Ei, filho do diabo! Carvalho aqui, carvalho lá...

O que é que acontece? [Cristo diz]:

– Deus te abençoe, que fiques com os anjos!

Bem... e diz-lhe o São Pedro:

– Ó meu Divino Mestre, então aquele que estava a rezar, disse-lhe “assim-assim”; este aqui, que estava a falar mal, este “fica com os anjos”? Como é que pode ser, meu Divino Mestre?

– Sabes, o outro estava a rezar, mas estava a pensar em roubar os coelhos ao vizinho. E este, não. Este anda a trabalhar para governar o pão de cada dia. E anda *desacorçoados*<sup>25</sup> da vida.

E abençoou o lavrador que estava a falar mal.

---

**Informante:** Alfredo Ferreira, 85 anos, n. Vila Longa (c. Satão).

Recolha feita na freguesia de Salvador por Gorete de Brito em 19.10.2024.

---

---

25 Aquele que perdeu a coragem ou o ânimo; desalentado.

## 98 | O REI BAMBA

Laport \*756F

Era uma vez um homem que andava a lavar. E depois disseram:

– Temos que ver de um homem para ser rei.

Eles andaram, mas eles não sabiam dele. Andaram a procurar, a procurar, e encontraram um homem a lavar. Mas antes disso ainda falaram a muitos [outros homens].

Eles tinham tido uma visão que ele é que era o rei, e que a vara [dele] que havia de florir. Havia de espetar na terra uma vara que havia de florir.

Andaram a ver do homem e encontraram-no a lavar. E começaram:

– Olhe, como é que se chama?

– Eu sou o Bamba.

– E qual é a sua descendência?

– Que importa?

Mas viram logo que ele era um homem reto, um homem bom, um homem com todas as condições. Eles viram logo isso. E perguntaram, e ele:

– Rei, eu rei? Alguma vez? Deixem-me cá em paz, que eu gosto de andar a fazer a minha lavoura, levanto-me cedo, trato dos meus prédios... e não quero saber de mais nada.

Mas eles disseram assim:

– Olhe, então, espete lá aí essa vara no chão.

E ele espetou a vara no chão, bem-mandado (que o homem era muito humilde), e a vara floriu.

E depois eles disseram:

– Não, tem mesmo que ir conosco, que o senhor é que vai ser o rei.

Ele, como era bem-mandado veio com eles. E lá foi, e foi rei. Foi rei e ainda esteve muito tempo lá. Mas depois faziam muitos enredos com as invejas e aquilo tudo. E ele vestiu um hábito de frade e foi-se embora.

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 13.9.2024.

---

## 99 | A MISSA DO PASTOR

ATU 759B

Havia um pastor que nunca foi à missa porque andava a guardar o gado. Ele não sabia rezar nem sabia coisa nenhuma. Mas aprendeu aquela oraçãozinha e todos os dias dizia aquilo quando se levantava e quando se deitava. Houve um dia, pediu a uma santinha para lhe guardar ali o gado até que ele viesse. Que ele que ia à igreja a confessar-se, porque nunca se tinha confessado.

Ele foi-se a confessar, e o senhor padre disse-lhe:

– Há que tempos o senhor não se confessa?

– Nunca, senhor padre. E ouvia uma Voz todos os dias.

E o padre respondia-lhe:

– Há quantos anos é que o senhor não se confessa?

– Nunca, senhor padre. Nunca me confessei. Todos os dias.

– O senhor sabe alguma oração?

– Sei sim, senhor padre.

– Então diga-a lá.

E ele disse:

*A meu Deus me confesso,  
A meu Deus peço perdão,  
Para que a minh'alma não morra,  
Sem Deus me dar confissão.  
Padre Nosso, Avé Maria,  
Sagrada Morte e Paixão.*

– Então vá-se embora que o senhor está confessado para toda a vida.

E quando chegou ao rebanho, o rebanho estava como o tinha deixado. Nossa Senhora guardou-lhe o rebanho e os cães estavam em volta do rebanho.

.....  
**Informante:** Mulher septuagenária.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 18.5.2014.  
.....

## 100 | A SENHORA EGOÍSTA

Cf. ATU 759B

Era uma senhora que quando estava na igreja estava sempre a rezar. Ela tinha-a como uma senhora de bens, e que sabia muito bem rezar. E havia uma pobrezinha que chegou ao pé dela e disse assim:

– Olhe lá, a senhora não se importava de me ensinar a rezar?

E ela disse... Como era a inveja que ela tinha – o egoísmo – de estar a ensinar, ela disse assim:

– Ensino, ensino! - mas com a maldade; e disse-lhe: - Olhe,

*“Um cesto em cima do outro faz um grande caramouso<sup>26</sup>”.*

A senhora foi, com a devoção tinha de rezar, porque a outra lhe ensinou a rezar tão bem. E dizia:

*“Um cesto em cima do outro faz um grande caramouso.*

*Um cesto em cima do outro faz um grande caramouso”.*

Eram sempre as orações que dizia, ela não dizia mais orações nenhuma porque a outra senhora lhe tinha ensinado.

No dia em que morreu a senhora invejosa, quando chegou lá a cima, Nosso Senhor disse-lhe:

– Tu não vens para aqui, porque a tua inveja fez-te pecar.

Encontrou-se com a outra. E a outra entrou, foi direito ao céu. Porquê? Porque a fé dela salvou-a. Dizer: “Um cesto em cima do outro faz um grande caramouso”, salvou-a porque ela estava a rezar com fé. E a outra, com a vaidade dela, perdeu o céu por causa da inveja que ela tinha.

.....  
**Informante:** Maria Celeste Borrego Salvado Correia, 57 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 20.2.2024.  
.....

.....  
<sup>26</sup> Madeiro nodoso e retorcido que não tem aplicação útil.

## 101 | OS TRINTA DINHEIROS

Cf. Ca-Ch 760E

[Uma rapariga] era muito bonita. E já não tinha pais, não tinha ninguém. E havia um rapaz que queria-a desonrar e depois não queria casar com ela. E então, ela escondia a chave num sítio específico. Ele viu onde ela escondia a chave. Ele escondeu a chave, entrou por uma janela, fechou a janela e escondeu-se debaixo da cama que era para à noite fazer pouco dela. Ela, cada vez que se ia a deitar, dizia, enquanto se persignava.

– Valha-me Nosso Senhor Crucificado!

O rapaz, quando saiu debaixo da cama para lhe ir fazer mal, qual não foi o espanto dele ao ver a figura de Nosso Senhor Crucificado deitado ao lado dela. Ele ficou tão abalado com aquilo que saiu, não lhe fez mal. Saiu dali e pôs-se a pensar aquilo. E acabou por morrer.

Quando chegou ao céu, São Pedro não o deixou entrar. Não o deixou entrar, porque, disse-lhe:

– Tens que voltar à terra e arranjar trinta dinheiros e entregá-los à rapariga a quem querias fazer mal.

Ele sentia-se com um peso. Voltou à terra e começou a trabalhar numa quinta, onde havia mais trabalhadores. E ia a guardar cabras. Ele nem comia, nem bebia, nada. Um dos pastores que estava lá com ele achava aquilo estranho: nem comer, nem beber, nem nada. E diz para o patrão:

– Aqui há uma obra qualquer! Porque ele nem come nem bebe.

E o patrão disse-lhe:

– Passas a guardá-lo, a ver o que é que ele faz.

O pastor começou a guardá-lo. E ele ia todos os dias lá para uma barroca, tipo um ribeiro, e punha vides de parreira a arder. E punha-se de cima delas. Punha-se em cima do fogo. E aquilo deitava uma chama muito grande e ele não ardia, não aparecia com queimaduras nenhuma. O pastor, tanto o guardou, tanto o guardou, achou que aquilo não era normal, foi dizer ao patrão.

E o patrão disse:

– Eu não quero gente cá, assim, a trabalhar para mim! Quero que vás a chamá-lo e quero que ele vá embora. Eu pago-lhe aquilo que tenho que pagar.

E o rapaz disse-lhe:

– Eu não me posso ir embora enquanto não arranjar trinta dinheiros para ir a dar a alguém a quem os devo.

E o patrão disse-lhe:

– Então eu dou-te os trinta dinheiros para ires a pagar a quem deves.

O rapaz, assim que arranjou os trinta dinheiros, foi levar à rapariga. E a rapariga não queria os trinta dinheiros porque não sabia o que é que se tinha passado. Ela estava a dormir quando ele tentou desonrá-la. E ela dizia:

– Não quero o dinheiro! Não quero o dinheiro!

– Mas eu tentei-te fazer mal.

– Nunca me tentaste fazer mal nenhum. Eu não quero o dinheiro!

Ele deixou-o lá em cima lá da mesa e abalou.

A rapariga, como não queria o dinheiro, agarrou nele e foi dá-lo por alma dele (porque ele já tinha morrido). Ao dar o dinheiro pela *ialma* dele, ele foi outra vez bater às portas do céu. E São Pedro disse:

– Já podes entrar, porque os trinta dinheiros que tu deste à rapariga que tentaste desonrar, ela deu em louvor da tua *ialma*.

---

**Informante:** Maria Celeste Borrego Salvado Correia, 57 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 1.08.2024

---

## 102 | CRISTO, SÃO PEDRO E A FERRADURA

ATU 774C

Nosso senhor ia com eles [os apóstolos] e viu uma ferradura. E depois disse-lhe [a S. Pedro]:

– Apanhai a ferradura.

E Pedro disse:

– Ah, não me vou a abaixar!

E depois, Nosso Senhor apanhou a ferradura e foi vendê-la. Ao fim de a vender comprou cerejas. E depois, Nosso Senhor ia deitando aqui uma cereja, além outra, além outra, além outra... e eles todos [os apóstolos] se abaixavam a apanhar.

E depois, Nosso Senhor diz-lhe assim:

– Vês, Pedro, não te abaixaste [para apanhar] a ferradura para não te incomodares tanto. Vês que agora te abaixaste tanta vez para apanhar as cerejas?

---

**Informante:** Alice Catana, 80 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 23.9.2024

---

## 103 | OS CORNOS DO MOLEIRO

Ca-Ch 774U

Ia Nosso Senhor mais uma pessoa [São Pedro], assim pró campo. E morava lá um moleiro. Levava os talegos<sup>27</sup>. E lá [São Pedro] foi até lá [ter com] a mulher do moleiro. Ó depois, lá esteve com ela. *Da bem não*, deitou-se a correr, foi a agarrar ainda Nosso Senhor. Passam pelo moleiro, diz assim [São pedro] para Nosso Senhor:

- Ó Divino Mestre, o que é que leva aquele homem na cabeça?
- Ah, malandro, tu não sabes o que fizeste? (risos)
- Senhor Divino Mestre, já que os hajam, mas que não se vejam! (risos)

.....  
**Informante:** Domingos Robalo Salvado, 83 anos

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 3.8.2024.  
.....

## 104 | O HOMEM DAS VACAS

Ca-Ch 774 AB

Um homem trabalhava ao domingo. E Nosso Senhor disse-lhe assim:

- Olha, se trabalhas ao domingo, eu mato-te uma vaca.
- E eu compro outra.
- Se trabalhas ao domingo, mato-te as duas vacas.
- E eu compro duas.
- Então olha, se trabalhares ao domingo, ponho-te aqui um mau vizinho à porta.
- Ah, isso é que não, isso é que não, isso é que não.

Um mau vizinho à porta é que ele não queria. Lá as vacas morrerem ainda era como o outro. Mas um mau vizinho é que ele não queria.

.....  
**Informante:** Dulvina Augusta Mugeiro, 92 anos.

Recolha feita na freguesia do Vale da Sr<sup>a</sup> da Póvoa por Gorete de Brito em 27.08.2024.  
.....

## 105 | A CONTABILIDADE DAS MISSAS OUVIDAS

Cf. ATU 779

Havia uma senhora que, como vivia no campo, vinha todos os domingos à missa. E ela, a cada missa que vinha, agarrava numa pedrinha da ribeira e metia dentro de uma garrafa (ou de um pote). E diz:

.....  
27 Sacos de pano.

– Já tenho “tantas” missas. Já tenho “tantas” missas.

(Mas ela vinha à missa não era para rezar. Ela vinha à missa era para *dar fé* do que se passava, como estava toda a semana no campo...)

Um dia, choveu tanto, tanto, tanto, que a ribeira levava muita *iágua* e ela já não conseguiu passar. Então ela disse:

– Ai, como é que eu hei de ir à missa?

E ajoelhou-se no chão e rezou. Foi o dia que rezou com fé e com devoção. Agarrou na pedrinha e meteu dentro lá do *garrafo*.

Quando foi que morreu, a única missa que tinha nas contas dela era a missa da ribeira ir cheia. Porque foi a única missa que ela rezou com devoção. Nas outras, ela ia à missa por ir, por ver ir os outros. As outras pedrinhas não contaram. A única missa que tinha era essa.

.....  
**Informante:** Maria Celeste Borrego Salvado Correia, 57 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 26.11.2024.  
.....

## 106 | A MISSA DA MEIA NOITE

ATU 779F\* / ML 4015

Há coisa de quinze dias, mais ou menos, aqui uma vizinha que mora naquela rua, além, alevantou-se (estava a dormir). Alevantou-se e foi prá porta da igreja. E depois, diz que chegou lá, a porta da igreja estava fechada. Foi nas vésperas do quinze de agosto [festa da Assunção de Nossa Senhora]. Ela diz que se sentou lá num banco e depois estava lá uma mulher vestida de branco. E a mulher que lhe disse assim:

– Então a senhora o que é que está aqui a fazer?

– Ai, venho à missa!

– Ó, minha senhora, a missa não é hoje... é amanhã.

E depois ela disse:

– Ah, e eu julgando que era hoje...

– Mas não, não é hoje.

E a mulher, meteu o rabinho entre as pernas e veio-se outra vez embora. E a missa só foi no dia de quinta feira. E ela foi lá no dia de quarta feira à meia noite.

.....  
**Informante:** Maria da Luz Toscano Borrego, 85 anos.

Recolha feita na freguesia de Aldeia do Bispo por Gorete de Brito em 30.08.2024  
.....

## 107 | AS TRÊS MAÇÃZINHAS DE OURO

ATU 780

Pois eram os três irmãos, mas os outros eram maus para o pequenino.

Mas um dia encontrou uma fada, a fada madrinha, e deu-lhe três maçãzinhas ao mais pequenino.

E eles o que queriam era roubar-lhe as maçãzinhas de ouro, mas nunca conseguiram tirá-las. Eles não fizeram mais nada, mataram o irmão. Mataram o irmão e enterraram-no.

Na sepultura nasceram canas, mas ninguém sabia que eles tinham feito isso.

Um dia, um pastor corta uma cana e faz um pífaro dele. Faz lá um pífaro como eles faziam e o homem, ao tocar, toca assim:

*– Toca toca, minha gaitinha,  
Meus irmãos me mataram,  
Por causa de três maçãzinhas de ouro,  
Mas no fim não as levaram.*

*– Toca toca, ó pastor,  
Meus irmãos me mataram,  
Por causa de três maçãzinhas de ouro,  
Mas no fim não as levaram.*

Pronto, deram a coisa a tocar a outro: “toca a outra, toca esta, toca aquela”... até que foi à boca do pai:

*– Toca toca, ó meu pai,  
Meus irmãos me mataram,  
Por causa de três maçãzinhas de ouro,  
Mas no fim não as levaram.*

E depois foram então a desenterrar, foram ver onde estava. O rapaz da cana também disse onde foi. Foram a desenterrar e lá estava o rapazinho com as maçãs na mão, que eles não lhe conseguiram tirar, que eles mataram.

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 89 anos  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 26.01.2024.  
.....

## 108 | AS TRÊS BOLINHAS

ATU 780

[Eram três irmãos.] E um dia, o mais velho disse à mãe:

– Mãe, eu quero ir a correr mundo.

– Ai, não vais! Vais agora a correr mundo...

– Vou!

– Então, e o que é que tu queres levar para tu comeres pelo caminho?

– Dás-me uma cantarinha de mel.

E a mãe deu-lhe uma cantarinha de mel. E foi a correr o mundo. Andou, andou, andou muito.

Depois, chegou a um sítio, estava uma senhora a lavar roupa. E estava um bebé, no berço, a chorar. E então, a mulher que estava a lavar roupa, disse-lhe:

– Ai, dá-me uma pinguinha de mel, que é para o meu bebé, que está a chorar tanto.

– Olha, olha... Este é para mim! Vá ganhá-lo.

Foi-se embora e não deu o mel à senhora. Bem, [ela] continuou a lavar a roupa. Depois, quando acabou de lavar a roupa, foi-se embora, foi para casa.

No dia seguinte (ela ia todos os dias lavar a roupa do bebé) passou outro menino, com uma outra cantarinha de mel. A senhora disse:

– Ai, dá-me uma colherinha de mel para o meu menino que está a chorar muito.

– Olhe, este é para mim. Vá ganhá-lo.

E não lhe deu o mel. Foi-se embora, continuou a correr mundo.

No dia seguinte, [a senhora] foi outra vez a lavar roupa. Passou o outro irmão. Já tinham passado os dois mais velhos e passou o mais novo. Ouviu o bebé a chorar e foi ter com ele ao berço. Começou a abanar o berço e o menino calou-se. E depois, ia a passar, e diz-lhe assim a senhora:

– Ai, dá-me uma colherinha de mel, que é para o meu menino, quando ele voltar a chorar.

– Tome-o lá todo. Guarde-o para o bebé.

– Então e tu, onde vais?

– Eu vou correr mundo. Os meus irmãos já deviam ter passado. E eu vou a ver... à procura de onde trabalhar. Vou correr mundo.

E a senhora disse-lhe assim:

– Olha, não vais, fica comigo. E brincas com o meu bebé. Quando ele começar a chorar, tu abanas o berço.

E o menino disse:

– Está bem, posso cá ficar.

E ficou. Quando a mulherzinha acabou de lavar a roupa, foram-se embora. Ela levou o bebé e o menino foi para casa da senhora. E lá ficou uns poucos de anos. O bebé foi crescendo,



já era um menino mais crescido. Ele brincava com ele. E o pai do bebê era carpinteiro. E depois ele ajudava o carpinteiro, na oficina.

Um dia, diz-lhe a senhora assim:

– Olha, tens que ir para casa. Os teus irmãos vão hoje e tu vais também.

E ele disse:

– Ai, então ainda ontem vim.

– Não. Então não vês que o bebê era pequenino e agora já está crescido? Tu já há sete anos que cá estás. Agora os teus irmãos regressam a casa e tu tens que ir [também].

– Ah, mas eu antes queria cá ficar.

– Não, anda, vai. E olha, toma estas três bolinhas. Mas não as dás aos teus irmãos. Uma é para ti, outra é para o teu pai, outra é para a tua mãe. Os teus irmãos não têm, não lhas dás.

E o menino foi-se embora. Como a senhora lhe mandou, ele foi-se embora.

Quando ia assim numa mata, encontrou-se com os irmãos. E ele, tinha as três bolinhas na mão, e mostrou-lhas. Dizia assim:

– Olha, olha, tu não tens! Olha, olha, tu não tens!

E eles, que eram mais velhos do que ele, perceberam que aquelas três bolinhas valiam muito. E então, disse [um]:

– Ai, dá-me! Dá-me uma a mim, e outra fica para ti, e outra é para o nosso irmão. Ficamos os três... cada um fica com a sua.

E o menino disse-lhe:

– Não, não! Que a senhora onde eu estive disse-me que era uma para mim, outra para o pai e outra para a mãe. E vocês não tinham.

– Mas nós queremos-as.

– Mas eu não vos as dou.

E depois, o que é que eles fizeram? Deram uma tarefa ao menino.

O menino fechou a mão. E para ver se conseguiam abrir-lhe a mão, bateram-lhe muito, muito, muito. E o menino não abriu a mão. Sempre com a mão fechada. E depois o menino caiu para o lado e eles pensaram que o menino tinha morrido. Então o que é que fizeram? Abriram uma cova e, para ninguém ver, meteram lá o menino. Taparam a cova e foram-se embora, foram para casa.

Passado um tempo, nasceram canas nesse sítio, onde o menino estava enterrado.

O primeiro que foi a tocar numa cana foi o pastor. Andava por ali um pastor a guardar gado, foi colher uma cana e fez uma gaitinha<sup>28</sup>. E a cana tocou. Em vez se tocar como outra qualquer, não. Disse assim:

*Toca, toca, ó pastor,  
Que meus irmãos me mataram,  
Por causa de três bolinhas de ouro,  
E ao cabo não as levaram.*

E ele ficou muito admirado, de uma coisa daquelas. E ficou a pensar: “o que é que seria?”

Pronto, mas naquela cana (que era uma gaitinha) e ela dizia sempre a mesma coisa.

Passado um tempo passou um carvoeiro. E disse:

– Ai, que lindas de canas que ali estão. Vou colhê-las, para fazer uma gaitinha.

Colheu-a e a gaitinha falou à mesma, tocou à mesma:

*Toca, toca, ó carvoeiro,  
Que meus irmãos me mataram,  
Por causa de três bolinhas de ouro,  
E ao cabo não as levaram.*

O homem ficou muito espantado. Foi para a aldeia, vender o carvão, e dava aquela gaitinha a tocar a qualquer pessoa, pronto, a quem quisesse tocar nela, que era para ver se ela dizia a mesma coisa. E ela dizia sempre a mesma coisa.

Até que passou à porta onde morava aquele menino. Lá estavam os irmãos, o pai e a mãe.

E disse para o pai do menino, que estava cá fora:

– Olhe lá, se o senhor não se importasse, tocava aqui nesta gaitinha.

– Não, não me importa nada.

E tocou. E a gaitinha disse assim:

*Toca, toca, ó meu pai,  
Que meus irmãos me mataram,  
Por causa de três bolinhas de ouro,  
E ao cabo não as levaram.*

O pai do menino tocou umas poucas de vezes. E a gaitinha respondia-lhe sempre a mesma coisa.

Até que ele chamou a mãe do menino, a mulher, e disse:

– Anda cá! Toca lá esta gaitinha!

E a mulher tocou. E a gaitinha falou:

28 Flauta.

*Toca, toca, minha mãe,  
Que meus irmãos me mataram,  
Por causa de três bolinhas de ouro,  
E ao cabo não as levaram.*

E a mãe disse:

– Ai, temos que ir já! Depressa! Depressa! Ver onde o senhor cortou essa cana. Que é para nós lá irmos. (E disse pró homem): Olha, vai buscar uma pá e uma enxada. Que é para nós lá irmos ver onde ele cortou essa cana, que é para vermos...

E então, os irmãos [do menino] estavam ali e também quiseram ir. Disseram assim:

– Nós também vamos!

Que era para verem se era o mesmo sítio [onde tinham matado o irmão].

Quando lá chegaram, o pai começou a dizer prá mulher:

– Olha, tu cavas desse lado. Eu vou cavando com a enxada e tu vais tirando a terra com a pá.

E a mulher assim fez: primeiro arrancaram as canas e depois foram tirando a terra. Foram tirando a terra, foram tirando a terra, até que chegaram ao pé do menino. E qual não é o espanto dele que o menino não estava morto, estava só a dormir. Tiraram-no para fora. E os irmãos, assim que viram o menino, fugiram. Foram-se logo embora, não quiseram esperar mais. E o pai e a mãe ficaram muito contentes e levaram o menino para casa.

Quando lá chegaram, o pai mais a mãe, disseram assim pró menino:

– Olha lá, então agora o que é que nós temos de fazer com os teus irmãos?

– Nada. Não fazemos nada.

– Então não lhe dás nenhum castigo?

– Não quero que lhe demos nenhum castigo, não senhora! O castigo deles só Deus é que o pode dar. Nós não lhe damos nenhum castigo.

– Então, mas eles fizeram-te tanto mal... quiseram-te matar. E tu agora...

– Não! Não lhes fazemos mal nenhum, deixamo-os andar.

(O menino, como era muito bom, não quis que os pais tratassem mal os irmãos.)

E ficaram todos três a brincar, à mesma. Só que as bolinhas de ouro foi, realmente, uma para o pai, outra prá mãe e outra para ele. Os irmãos, o castigo que tiveram foi não ter nada.

Pronto, acabou.

---

**Informante:** Maria dos Anjos Ramos da Cruz Mendes, 71 anos.

Recolha feita na freguesia de Aldeia de João Pires por Cátia Mendes em 8.8.2006

---

## 109 | A MÃE DO SÃO PEDRO (1)

ATU 804

A mãe do São Pedro foi à horta e colheu duas alfaces. E depois foi a uma ribeirinha, a lavar as alfaces, e deixou ir uma folha à *iágua*-abaixo. E disse::

– Pr'as almas! Não a pude agarrar...

Ela morreu e foi para o Purgatório. E o São Pedro disse assim ao Divino Mestre:

– Ó meu Divino Mestre, morreu a minha mãe, está no Purgatório. Está num sofrimento tão grande. Pedia-vos o favor se me a podíeis pôr em bom lugar.

E o Divino Mestre diz assim:

– Vamos lá ali ao livro das esmolas.

Foram ao livro das esmolas, e só lá estava, então, aquela folha de alface, que foi à *iágua*-abaixo, que não a pôde agarrar.

E disse [Nosso Senhor]:

– Então, Pedro, como é que queres que eu salve a tua mãe? Só está aqui esta folha de alface que foi à *iágua*-abaixo, e não a pôde agarrar...

– Ai, meu Divino Mestre, mas é a minha mãe. Custa-me tanto que ela sofra.

– Então, Pedro, diz à tua mãe que todas as almas que se agarrarem a ela podem entrar pró céu.

Ela, quando foi que viu as portas do céu abertas, quando as almas foram-se lá agarrar, sacudiu-se toda. E disse:

– Se quereis ir para o céu, criáreis um filho santo como eu criei.

Ficou atrás das portas do céu.

(E as outras pessoas entraram pró céu e ela ficou [de fora].)

---

**Informante:** Isabel Borrega Flores, 81 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 21.8.2024.

---

## 110 | A MÃE DO SÃO PEDRO (2)

ATU 804

O São Pedro, quando a mãe já estava velhinha e morreu, pediu a Jesus para que a mãe fosse para o céu. E [Jesus] disse assim:

– Então, vamos lá a ver o livro dela, o que é que ela fez de bem enquanto andou no mundo.

Então, diz que a única coisa que apareceu lá no livro era uma folha de alface. Que ela tinha ido à horta buscar alface. E estava a lavá-las e parte-se uma folha. E, com a corrente, a folha vai pela água abaixo. Ainda, com a mão, tentou-a apanhar; não conseguiu. Disse:

– Olha, que seja pelas almas.

Era a única coisa que ela tinha de lá.

Depois, Jesus disse para São Pedro:

– Ó Pedro, como é que a tua mãe pode entrar pró céu, que ela não fez nada de bem enquanto andou no mundo? Portanto, ela não pode entrar. Tem só aqui uma folha de alface que ela deu pelas almas do purgatório. Portanto, não pode entrar.

– Ó meu Divino Mestre! Mas deixai entrar a minha mãe, deixai-a entrar pró céu.

E depois, estavam outras almas para entrarem também. E ela, ó depois, como entrava pró céu, disse assim:

– Bem-feita! Bem-feita! Que eu entro e vocês não!

[Jesus] disse assim:

– Estás a ver, Pedro, como a tua mãe é? Não pode entrar! Irá para outro lado, mas para o céu não vem. (risos)

---

**Informante:** Maria de Lurdes Vieira Moiteiro Messias, 87 anos.

Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 5.10.2024

---

## III | SANTA TERESINHA E O DIABO

Car-Co 811\*E + ATU 2010

Santa Teresinha era uma menina do povo. E o pai não queria que ela namorasse com ninguém.

E um dia, aparece um rapaz muito bonito, que ela gostou muito dele. E foi, e o pai quis, porque ele era rico. E ele prometia-lhe tudo: que tinha isto, que tinha aquilo... E o pai, como o pai era rico, quis que ela casasse com aquele rapaz bonito e rico.

Bem, lá se casaram. O dia do casamento, abalou com ela, amontou-a no cavalo. Ele levou-a para uma casa. E [ela] estava lá presa.

E ele dizia-lhe:

– Tu não sais daqui. Quando daqui sais é só quando fores comigo, que te podem roubar.

E assim, não a deixava lá ir. Mas tinha um quarto, que ele não deixava ver o quarto à Santa Teresinha. (Depois era Santa Teresinha que a gente dizia, à menina, à namorada.) E então, ela tanto lhe disse:

– Olha lá, porque é que não me deixas ver aquele quarto. Amostras-mos todos e aquele não mo amstras.

– Não, não, tu não vás para além a ver nada.

Mas ela, tanto insistiu, tanto insistiu, até que um dia ele amostrou o quarto.

E ele diz assim:

– Vou-te a amostrar, mas tu não dizes a ninguém.

E ela ficou de guardar segredo ao marido. (Pronto, casou com ele era marido.)

E ó depois, amostrou-lhe. E ela andava sempre:

– Eu queria ir ver os meus pais! Eu queria ir ver os meus pais!

Mas ele nunca a lá levou.

Até que um dia resolveu e disse:

– Tal dia vamos a ver os teus pais. (Mas ele que dizia:) eu sei uma oração que, se o teu pai soubesse, não estava lá. Mas ele não a sabe...

E então, ele tanta vez lhe disse isto até que ela aprendeu. A oração era “As treze palavras”<sup>29</sup>.

Quando iam no cavalo, ela já as tinha aprendido. Porque ele dizia e ela fazia que não entendia nada. Mas aprendeu “As treze palavras”.

O dia que foram a ver a mãe, os pais... o dia que foram ver os pais, quando ia no cavalo, ele ia assim, a dizer para ela:

– Tu não dizes nada. A casa dos teus pais já é além... Não digas o que vistes, não dizes nada...

E ela caladinha:

– Não, não falo nada, eu não digo nada... Eu não vi nada, não me deixaste ver...

(Mas ela, com o bocadinho do que ele lhe dizia, a remangalhar, ela foi aprendendo “As treze palavras”).

Mas quando iam chegando ao pé da casa dos pais, ela:

– Bom, já estamos perto das casas dos pais.

Quando se estavam a descer do cavalo, disse ela pró pai e prá mãe:

– Pai, dissei todos comigo:

– *Cristóvão, amigo meu.*

– *Cristóvão sim, mas teu amigo não.*

– *Diz-me “As treze palavras”.*

– *Eu t’as direi que eu bem n’as sei.*

– *Diz-me a primeira.*

– *A primeira é a Casa Santa de Jerusalém, onde Jesus Cristo morreu por nós, Amém.*

– *Diz-me as duas.*

– *As duas são as duas tabuinhas de Moisés, onde Jesus Cristo pôs os seus Divinos Pés.*

– *Diz-me as três.*

– *As três pessoas da Santíssima Trindade.*

– *Diz-me as quatro.*

– *As quatro são os quatro Evangelistas.*

– *Diz-me as cinco.*

---

<sup>29</sup> Oração com raízes muito antigas, de que há textos afins nos livros sagradas da Pérsia antiga. Utilizado para impedir que o Diabo se aproprie da Alma.

– As cinco são os cinco círios bentos.  
– Diz-me os seis.  
– São os seis sacramentos.  
– Diz-me os sete.  
– São os sete coros de anjos.  
– Diz-me os oito.  
– São as oito mil virgens.  
– Diz-me os nove.  
– São os nove meses que a Virgem trouxe  
o seu amado Filho no seu Divino Ventre.  
– Diz-me os dez.  
– São os dez Mandamentos.  
– Diz-me os onze.  
– São as onze mil virgens.  
– Diz-me os doze.  
– São os doze Apóstolos.  
– Diz-me os treze.  
– Treze raios tem o sol, treze raios tem a lua,  
arrebenta diabo que esta ialma não é tua.

E ele vira-se para ela e disse-lhe:

– Ah, falsa, que me fostes falsa!

(Para a mulher, porque ela aprendeu “As treze palavras”. Que é o que a gente diz quando está uma pessoa no fim da vida, a morrer. Diz estas palavras fortes. Por isso dizemos que são “As treze palavras”. Há pessoas que as dizem tornadas<sup>30</sup>, voltam para trás. [...] Assim, são singelas.)

E o diabo deu um estouro, no telhado, quando ouviu que ela que estava a dizer “As treze palavras”, para ele arredar dos pais e dela. Deu um estouro no telhado e disse-lhe:

– Ah, falsa, que me fostes falsa!

Santa Teresinha que foi falsa. É por isso que nós aqui dizemos:

*Santa Teresinha de Jesus,  
Foi ao inferno em vida.  
Veio de lá admirada,  
De ver tanta ialma perdida.*

.....  
**Informante:** Joaquina Costa, 93 anos.

Recolha feita na freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 1.8.2024  
.....

.....  
30 Retornadas.

## 112 | OS DOIS SEMEADORES E A SAGRADA FAMÍLIA

ATU 830B

Um homem andava a semear, e diz-lhe [Nossa Senhora] assim:

– O que semeias?

– Pedras!

E Nossa Senhora respondeu:

– Pedras colherás!

Apareceu pedras como tudo...

O outro:

– O que andas a semear?

– Trigo.

– Trigo há de colher! Mas olha, se aqui passar alguém e perguntar se vistes passar um burrinho com três pessoas, diz-lhe que sim, que me vistes.

Porque o trigo ficou logo pronto a colher.

E quando eles [os soldados de Herodes] passaram, disseram:

– Olha, não vistes por aqui um burro?

– Vi, vi. Mas foi quando eu andava a semear aqui o trigo.

– Oh, então isso já não vale a pena...

E tinha sido há pouco tempo.

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 8.7.2024  
.....

## 113 | SE DEUS QUISER

ATU 830C

Um homem ia para a feira. Com uma carroça, lá com um cavalo ou com o burro a puxar, e aquilo tudo. E depois, disse assim o vizinho:

– Então, para onde é que vai?

– Vou prá feira.

– Vai prá feira se Deus quiser...

– Quer Deus queira quer não queira, vou à feira!

– Está bem.

Chegou mais à frente, caiu aquilo tudo. E depois dizia assim:

– Olhe, ajude-me cá aqui o burro, se Deus quiser... Olhe, ajude-me cá a levantar a carroça, se Deus quiser...

(Ó depois era tudo “se Deus quiser”; porque quando lhe disseram “se Deus quiser” [ele dizia] “quer Deus queira quer não queira, vou à feira!”)

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 8.9.2024  
.....

## 114 | O VENTO, A ÁGUA E A VERGONHA

843A (Ca-Ch)

O Vento, a Água e a Vergonha eram irmãos. Quando foi que se criaram, já eram adultos, o que pensaram? Pensaram em separarem-se, os três irmãos. E então, o que é que eles combinaram, para se encontrarem um dia?

A Água disse pr’os irmãos (era a fémea):

– Bem, se um dia me quiséreis encontrar, perguntai-me nas baixas.

E depois o Vento disse assim:

– A mim, se me quiséreis encontrar, perguntai-me nos altos, nos cabeços.

(Faltava a Vergonha.) E diz assim a Vergonha:

– A mim, aquele que me perdeu nunca mais me encontra.

.....  
**Informante:** Alfredo Ferreira, 85 anos, n. Vila Longa (c. Satão).  
Recolha feita na freguesia de Salvador por Gorete de Brito em 19.10.2024.  
.....

## 115 | SÓ DEUS SABE QUE TEMPO FARÁ AMANHÃ

s. / class.

O São Pedro disse para Cristo:

– Ó meu Divino Mestre, parece que os homens da terra sabem mais do que você.

Diz-lhe o Cristo:

– Não sabem, não, que eu vendo tal mudo-lhes os tempos.

.....  
**Informante:** António Augusto Gomes Soares, 71 anos.  
Recolha feita nas Quintas do Anascer - anexa da freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 28.9.2024.  
.....

## CONTOS REALISTAS

### 116 | UMA ADIVINHA PARA O REI ADIVINHAR

ATU 851

Era um rei que tinha uma filha muito bela no seu castelo. E então, resolveu entregá-la<sup>31</sup>. Mas queria-a entregar a um fulano que soubesse alguma coisa. Ele tinha a mania que adivinhava tudo. Então o que é que resolveu? Pôr num cartaz que entregava a filha a quem fosse capaz de lhe fazer uma adivinha que ele não conseguisse responder.

Então, o que é que ele fez? Um moço, numa aldeia, que se dirigiu à mãe e disse assim:

– Ó mãe, eu vou casar com aquela rapariga.

– Cala-te seu maluco! Então, uma princesa e rica... alguma vez? Tu sabes lá alguma adivinha?

– Eu não sei, mas hei de arranjá-la.

– Não te deixo ir!

– Ai isso é que vou! Arranje-me... (Tinha uma burra que se chamava a “parda”) Arranje-me a burra e faça-me uma tortilha de ovos.

E diz a mãe:

– Não faço.

– Faça que eu vou.

– Então, o que é que tu vais lá fazer? Tu chegas lá e não sabes adivinha nenhuma.

– Sei, sim, senhor!

Vai a mãe, tanto se convenceu, diz assim:

– Tu não vais fazer o que tu queres.

Então, fez a tortilha de ovos, mas envenenou-a, pôs veneno.

O moço, pega na tortilha e pega na burra, que era a “parda”, e lá vai a caminho. Chega a uma fonte, apeteceu-lhe comer. Pousou a tortilha de ovos em cima da fonte e foi lavar as mãos. Enquanto pôs a tortilha de ovos em cima da fonte, a “parda” comeu a tortilha de ovos. Conclusão: como estava com veneno, a burra morreu. A “parda” morreu. Ele deixou a burra foi-se embora, foi com uma *iarma* às costas. Vieram três corvos e comeram a burra.

.....  
31 Casá-la.



A burra estava envenenada, os três corvos morreram. Morreram, vieram três estudantes, que vinham da aldeia vizinha, com a capa às costas de vir das aulas (uma capa de estudante, não é?). E viram os três corvos mortos, pensaram que era perus. Agarraram os três corvos, prepararam-nos e comeram-nos. Morreram sete estudantes.

Ele continuou com a *iarma* às costas e viu em cima de uma rocha, um penedo grande, uma perdiz a cantar. Como levava a *iarma*, não tinha que comer, pegou na *iarma* e deu-lhe um tiro. A perdiz voou. Ele pensou que a tinha morto. Então, foi à rocha, à beira da rocha, andou a ver e logo vê uma lebre morta. Conclusão: não acertou à perdiz, acertou à lebre. Pronto, entretanto, abre a lebre, tinha lá duas crias dentro, duas crias quase criadas, até. Pegou na lebre e nas crias, esfolou tudo, preparou tudo, foi-se embora.

Passou por uma igreja, disse:

– Então, agora onde é que eu vou arranjar isto? Tenho que preparar isto para comer. Estou cheio de fome, nem tenho água nem nada...

Ele lá entrou na igreja, não estava ninguém. A porta estava aberta. Entrou e viu o missal do padre. Pegou no missal, de dizer a missa, e tirou as folhas. Levou o missal para a rua, arranhou lenha, porque tinha fósforos, acendeu o missal e fez lume. E assou então os *lebratos*, os filhos da lebre, e a lebre. E comeu. E depois, para beber, o que é que se lembrou? Voltou a entrar na igreja. (Todas as lâmpadas, que antigamente punham, têm água por dentro e azeite em cima. Que o azeite vem sempre ao de cima da *iágua* e fica no ar, não é? E com uma fita própria de acender a luz.) Então o que é que ele faz? Retirou o azeite da *iágua* e bebeu aquela *iágua* que estava lá. E foi-se embora.

Chegou ao rei:

– Então, que adivinha é que trazes pr'aí?

– Olhe, eu vou-lhe dizer a ver se o senhor consegue adivinhar:

*A tortilha matou a parda*

*A parda matou três*

*Três mataram sete*

*Atirei ao que vi, matei o que não vi*

*[Comi] assado com palavras santas*

*Bebi água que não era nem do céu nem da terra.*

O rei ficou embasbacado e pôs-se a pensar:

– Isto não é possível.

– É possível, sim senhor. Tente lá adivinhar.

E o rei não conseguiu adivinhar a adivinha e teve que lhe entregar a filha.

.....  
**Informante:** Lourenço Augusto Marcos, 72 anos, n. Urrós (c. Mogadouro).

Recolha feita na freguesia de Aldeia do Bispo por Gorete de Brito em 14.9.2024  
.....

## 117 | OS OLHOS DE LEONARDO

AT 884B\* / Romance semiprosificado: IGR 0231 / RPI X5

Era uma vez um casal que tinha sete filhas. E depois havia uma guerra. E tinham que ir para a guerra. Se não havia filhos tinha que ir o pai. E o pai não estava contente de ter que ir para a guerra, e disse:

– *Mal hajás tu, mulher, mais a tua geração,  
De sete filhas que tens, e nenhuma ser varão.*

A filha mais nova ouviu e disse assim:

– *Cale-se aí, ó meu pai, não pragueje a geração,  
Que a sua filha mais nova vai servir-lhe de varão.*

Ele respondeu:

– *Filha, tens o cabelo muito grande, filha, reconhecer-te-ão.  
– Dê-me daí uma tesoura que eu já o deito ao chão.*

Depois continuou:

– *Tens os olhos fragueirinhos<sup>32</sup>, filha, conhecer-te-ão.  
– Quando passar pelos homens eu os deitarei ao chão.  
– Tens o seio muito grande, filha, reconhecer-to-ão.  
– Os alfaiates fazem coletes que metem no coração.*

E assim foi, lá encontrou o filho do capitão na guerra. Ele ficou apaixonado pelos olhos dela. E então queixava-se à mãe:

– *Ó minha mãe, que eu morro, eu morro do coração,  
Mas os olhos do Leonardo são de mulher e de homem não.*

E a mãe diz-lhe assim:

– *Olha, meu filho, convida-a para contigo vir jantar,  
Se for homem ou mulher ele no lugar de baixo não se quer sentar.*

.....  
32 Fogosos; ardentes.

Puseram a mesa, puseram as cadeiras, umas altas outras baixas. Deram o jeito para que ele ficasse com a baixa. Ela olha para a cadeira e diz assim:

– *Oh, que lugar tão baixo para um cavalheiro se sentar.  
Dêem-me daí o meu capote que eu já o faço levantar.*

E pegou no capote, dobrou-o e pôs num *coiso*.  
O filho tornava para a mãe:

– *Ó minha mãe, que eu morro, eu morro do coração,  
Mas os olhos de Leonardo são de mulher e de homem não.  
– Convida-o tu, meu filho, para contigo ir nadar,  
Se for homem ou mulher na água não quer entrar.*

Assim foi, convidou e ela não negou: que sim, que ia. Mas foi-lhe dizendo assim (já estavam próximo de irem-se embora):

– Olha, vamos guardar para o fim. Ao menos vamos descansados à vontade.  
– Está bem.

Pronto, assim foi, lá foram. O outro chega, começa-se logo a despir para ir para a água, com a pressa de ver a dama. Ela, no cavalo, a demorar...

– Então Leonardo?

– *Olha, cartas me vêm de Londres, cartas me estão a chegar,  
Que tenho a minha mãe morta e o meu pai ficou a acabar.*

Pica o cavalo e vai ela. Ele, primeiro que se preparasse e montasse, já não a viu.

Um dia, andou a dar umas voltas e a ver se conseguia alguma coisa. Encontrou então uma menina à janela. Ela só cantava assim baixinho:

“*Sete anos andei na guerra com o filho do capitão  
Sem nunca conseguir saber se eu era mulher ou varão.*”

Ele não foi preciso mais nada. Pronto, bateu à porta logo à menina e casaram-se.

E ainda lá estão hoje, muito felizes. E tiveram meninas e meninos para não acontecer o mesmo.

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 16.02.2024.  
.....

## 118 | AS PAPAS NA PALHA

ATU 900

Numa ocasião, o rei D. Dinis foi fazer um piquenique pelos campos. Convidou para o acompanhar uma bela rapariga. Quando chegaram ao piquenique, estenderam as toalhas, puseram a comida e começaram o piquenique.

D. Dinis deixou cair uma cereja para a toalha, mas como era um homem humilde, pegou na cereja e comeu-a. A bonita rapariga, ao ver este gesto, ficou tão horrorizada que não quis casar com o rei.

Passaram-se uns tempos. E a pobre lá via o rei cada dia mais bonito.

Ela ia dizendo para si própria:

– Ai, burra de mim que não o quis!

O rei acompanhava bonitas raparigas. E esta pobre sempre a dizer:

– Ai, burra de mim que não o quis!

Em certa ocasião, o rei vestiu-se de mendigo e foi trabalhar para o campo. A rapariga, que andava por aquelas bandas, ao ver o mendigo foi ter com ele. Chegou a hora do almoço. O mendigo, não tendo mordomias para comer, chegou-se junto da palha e aí deitou as suas papas. A rapariga, como estava esfomeada, pôs-se a olhar para elas e o mendigo ofereceu-lhe delas.

(Vejam lá que a moça não se fez de esquisita e tratou de as comer.)

Quando estava de barriguinha cheia, ouve o mendigo dizer:

– Então, qual era melhor? As cerejas na toalha ou as papas na palha?

A pobre responde:

– Ai, burra de mim, é o rei D. Dinis!

Aprendeu a lição. E depois foram muito felizes.

.....  
**Informante:** mulher idosa

Recolha feita na freguesia da Meimosa por Gorete de Brito em 2003.  
.....

## 119 | A SINA DOS FILHOS

ATU 921B\*

Era um casal, tinha três filhos. E eles tiveram uma notícia que eles tinham *um signo*<sup>33</sup> muito triste. Os pais ficaram muito preocupados e foram ter com o compadre e disseram-lhe:

– Ó compadre, os meus filhos foram ler a sina e acontece-lhes isto: um vai ser um ladrão, outro vai ser um pedinte, e o outro vai ser um assassino.

.....  
<sup>33</sup> Sina, destino.

Ele disse:

– Vamos já resolver isso: um fazemos um padre, outro fazemos um médico, e o outro, advogado<sup>34</sup>.

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 21.07.2024  
.....

## 120 | OS FILHOS DO COMPADRE

ATU 921B\*

Havia dois compadres que andavam a trabalhar num lugar qualquer. E depois lá falaram da vida:

- Como é que é a tua vida?
- Como é a tua? (E tal, tal, tal...)
- Então quantos filhos tens, ó compadre?
- Eu tenho três. Mas olha, tenho um gatuno, um pedinte e um assassino em casa.
- Tens um pedinte? Mas então a tua vida não dá para se governar?
- Ora o meu filho, o pedinte, é padre. Está sempre a pedir. Vai para a igreja sempre a pedir. O gatuno é um advogado. São uns gatunos. E o assassino...
- Então também tens um assassino em casa?
- Tenho, sim senhor!
- Então porquê?
- Então, é médico. Mata uma pessoa e não tem culpa nenhuma.

.....  
**Informante:** António Augusto Gomes Soares, 71 anos.  
Recolha feita nas Quintas do Anascer - anexa da freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 28.9.2024.  
.....

## 121 | O SABOR DOS SABORES

ATU 923

Era um rei que tinha três filhas. E ele disse para uma delas:

– Qual é a filha que me quer mais bem?

E vai a mais velha, diz assim:

– Quero o bem da minha *ialma*.

Vem a do meio, diz-lhe assim:

– Ó pai, eu quero tanto bem, tanto bem do meu coração.

.....  
<sup>34</sup> A informante trocou a ordem das profissões: advogado deveria vir em primeiro lugar, pois corresponde a ladrão.

E a mais nova disse-lhe assim:

– Ó pai, eu quero bem dos sabores aos sabores.

E ele não soube o que era, o bem dos sabores. *Pôs-i-a* fora de casa. Disse-lhe:

– Não és minha filha!

E ela foi, foi prá casa de um rei. Foi prá casa de um rei, vestiu-se mal, mas levava a roupa de rainha noutro lado. Chegou lá:

– Ah, precisam aqui de uma criada?

E elas:

– Preciso!

E também tinha um príncipe. O rei tinha um filho. E ele desconfiava, porque ela era bonita, mas ela *enfarruscava-se*<sup>35</sup>. E depois dizem a ela:

– Vai a guardar patos!

Ela era então:

– *Pato aqui, pato ali,*  
*Filha d'el rei a guardar patos,*  
*Nunca tal vi!*

E o príncipe – o filho – ouvia. Mas ela pensava que ele que não ouvia.

– *Pato aqui, pato ali,*  
*Filha d'el rei a guardar patos,*  
*Nunca tal vi!*

Quando foi a última noite, o príncipe diz-lhe assim (e ela à noite punha-se à roda da borralheira, só lhe chamavam a Gata Borralheira):

– Já estás aqui feita Gata Borralheira? Há uma festa em tal lado... então não queres ir?

– Eu não!

Ela, quando o rei abalava, ela preparava-se bem, montava-se num cavalo, lá ia prá festa. Ia prá festa, ele começou a dançar com ela. Ela, quando viu que era a última moda, escondeu-se. Quando ele chegava a casa já lá estava ela agarrada à borralheira. No fim, chega lá [ele], diz assim:

– Ah, cá estás feita Gata Borralheira! Uma festa tão linda!

Quando foi à outra vez, lá vem ela:

– *Pato aqui, pato ali,*  
*Filha d'el rei a guardar patos,*  
*Nunca tal vi!*

.....  
<sup>35</sup> Sujou-se com cinza do borralho da lareira.

Por fim, lá foram então para uma festa. Ela, então, vestiu-se como é dado. Mas a modo que se atrasou, e ele já estava desconfiado. Tanto tocou no cavalo caiu-lhe um sapato. E foi ele, agarrou o sapato. Agarrou o sapato, convidou ali as princesas e disse:

- Estão aqui três rainhas. Aquela a quem servir este sapato, é com essa que eu vou casar. Calçaram o sapato, a uma não servia, a outra não servia... Foi ela diz assim:
- Calça lá este sapato!
- Eu não vou calçar o sapato. Eu sou a Gata Borracheira, esse sapato não me serve.
- Vá, calça lá o sapato, experimenta.

Ela foi a calçar o sapato, passou a princesa toda *coisa*.

Casaram. No dia do casamento, ela pediu para convidarem lá os reis. E disse então à cozinheira para pôr comida sem sal (que era a comida dos sabores aos sabores; que era o bem que ela queria ao pai). Quando foi então ao servir o almoço, chegaram aos convidados, estava tudo contente com a comida:

- Tá muito bom! Tá tudo muito bom! Tá tudo bem.
- Quando chegaram ao rei – ao pai dela – ele disse então:
- Olhe, desculpe, mas para mim a comida não tinha sabor nenhum.

Vai ela, agarrou-se ao pai, disse assim:

- Pai, eu sou a sua filha, a filha que lhe queria tanto bem como o sabor dos sabores. Mandaram pôr, então, um prato com a comida boa.

Aqui está o conto:

*Quem contou aqui está  
E quem quer saber vá lá.*

.....  
**Informante:** Isabel Borrega Flores, 81 anos.  
Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 3.8.2024.  
.....

## 122 | DE SABOR A SABOR...

ATU 923

Era um rei que tinha três filhas. E *procurou* como é que elas gostavam dele. Uma disse que era como do céu até à terra. Outra era *não-sei-quê*... E a outra disse: “de sabor a sabor”. O pai, de sabor a sabor, para ele aquilo não tinha valor nenhum. Pôs a filha fora de casa.

Mandou a filha para fora de casa e ela foi servir para outros reis. E depois dizia assim:

*– Pato aqui, pato ali,  
Filha d’el rei a guardar patos,  
Nunca tal vi...*

E o filho do rei ouvia. E *apois* casou com ela. E ela insistiu que convidassem o pai. Eles não sabiam que ela era filha de rei. Insistiu para que convidassem o rei para o casamento.

E *apois* pediu para que lhe fizessem o comer sem sal. Que fizessem o comer para o pai sem sal.

E o pai, *apois*, não comia porque o comer não era bom.

E ela chegou ao pé dele e diz assim:

- O nosso rei não está a gostar do comer? Não come...
- Ah, não tem sabor nenhum.
- Pois é, meu pai, assim é que sabe o que é “de sabor a sabor”.

.....  
**Informante:** Florinda de Jesus Esteves, 84 anos, n. Quadrazais (c. Sabugal).  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 4.8.2024.  
.....

## 123 | ABRE-TE PEDRA-MÁRMORE!

ATU 954

Era uma vez dois irmãos, um rico e um pobre. E depois, o pobre já estava cansado de andar a trabalhar e de ser pobre, e disse:

- Ah, tenho de ir a correr mundo e ver o que é que por lá encontro.

E foi. O pobre tinha muitos filhos e o outro não. Foi, chegou a casa do trabalho e disse à mulher:

- Ó mulher, mete-me aí qualquer coisa para dentro de um saco, que eu vou correr mundo.
- Ah, onde é que tu vais?
- Vou, vou. Vou ver se encontro um patrão melhor.

E a mulher fez aquilo que o homem lhe mandou: meteu um pão dentro de um saco, e ele foi, foi correr mundo. Andou, andou, andou até fazer-se de noite. Mas fez-se de noite não foi numa aldeia, foi num campo. Um campo onde havia muitas árvores. E ele depois tinha medo, porque não sabia o que é que havia por lá, se havia lobos... qualquer coisa. E subiu para cima de uma árvore. Estava um barroco grande. Ao lado desse barroco [havia uma árvore, e] ele subiu para cima dessa árvore. Quando foi lá para o meio da noite, começou a ouvir muita gente a falar. Vozes a falarem. Mas ele estava lá em cima, muito caladinho, não ouviu nada. Eles chegaram ao pé desse barroco grande, e houve um que disse assim:

- Abre-te pedra-mármore!

E no barroco abriu-se uma porta, e eles entraram todos lá para dentro. E o homem ficou lá sempre em cima da árvore, à espera que se fizesse de dia, para no outro dia ver quem de lá saía. Viu, então, de lá sair muitos homens, lá de dentro. Ao outro dia de manhã viu de lá sair muita gente.

[O homem] disse:

– Ai, de certeza que isto são ladrões.

E o último a sair disse:

– Fecha-te, pedra-mármore!

E a porta fechou-se. E ele nunca mais viu porta nenhuma aberta. Mas fixou as palavras que o outro tinha dito. Foram-se embora. Ele, passado um bocado, desceu-se lá de cima da árvore. E chegou cá ao fundo e disse:

– Abre-te pedra-mármore!

E abriu-se uma porta, também, e ele entrou lá para dentro. E para que [se] alguém passasse e não o visse lá, disse:

– Fecha-te, pedra-mármore!

Ficou fechado lá dentro. Aquilo era uma casa que estava feita lá por dentro do barroco. Era a casa onde os quarenta ladrões moravam. Ele viu tanta coisa, tanto ouro, tanto dinheiro, que dentro do saco onde levava o pão, encheu esse saco e foi-se embora. Quando saiu disse para a porta se fechar. E a porta fechou-se.

Os ladrões, quando foi à noite, que chegaram com aquilo que tinham roubado, quando entraram dentro da casa viram que faltava lá muita coisa, que tinham sido roubados. Depois, começaram a discutir, todos:

– Quem é que teria dito a palavra mágica para o barroco se abrir? Se eu sei quem foi, eu mato-o.

Começaram a discutir muito. Um não foi, o outro não foi... ninguém tinha sido.

O irmão que era pobre devia muito dinheiro ao rico. E foi à casa dele, passado um dia ou dois, e foi-lhe pagar aquilo que lhe devia:

– Olha, irmão, venho-te pagar aquilo que te devo.

– Oh, então tu não tinhas dinheiro nenhum... e agora tens dinheiro para me pagar tudo quanto me deves?

– Tenho aqui o dinheiro para pagar tudo quanto te devo.

– Tens de me dizer onde é que tu foste a arranjar esse dinheiro todo.

– Não, agora não digo. Vou fazer umas obras. A minha casa está velha, vou fazer uma casa nova.

Que ele tinha um terreno, mas tinha uma casinha pequenina. E então, ele fez uma casa grande, no terreno que tinha. Os filhos começaram a andar sempre bem-vestidos. Ele a mulher estavam todos... Toda a gente falava:

– Como é que aquele homem tinha tanto dinheiro e tanta coisa? Foi a sorte grande que lhe saiu. Foi a sorte grande que lhe saiu.

Era o que todos diziam, os da terra.

Quando ele acabou de fazer a casa, o irmão rico disse-lhe assim:

– Olha, vim ter contigo para tu me dizeres onde é que tu fostes [arranjar tanto dinheiro], porque as minhas reservas estão-se a acabar. Eu estou quase mais pobre do que tu. E então, eu queria ter mais alguma coisa.

– Está bem, eu digo-te. Olha, vais por este caminho, encontras uma serra, há muitos barrocos. E depois, no fundo, lá mais para o fundo está um barroco muito grande. E ao lado desse barroco está uma árvore. É aí.

– Então, e diz-me lá como é que tu lá estraste.

– Então, faz assim: dorme lá a noite. E depois logo vês. Mas vais para cima da árvore que é para ninguém te ver.

E ele fez aquilo que o irmão lhe tinha dito. Quando chegou à noite, ouviu também eles a falarem, a falarem. Chegaram ali ao pé do barroco, e disseram:

– Abre-te pedra-mármore!

A pedra abriu-se e eles entraram todos lá para dentro. Durante a noite não se viu mais nada.

O outro dia de manhã, os ladrões quando saíram disseram para não ficar a porta aberta:

– Fecha-te, pedra-mármore!

A porta ficou fechada. E ele começou a fixar o nome da pedra, como é que a porta abria.

Ao fim de um bocado, quando eles já tinham ido s'embora, ele desceu e disse a palavra mágica:

– Abre-te pedra-mármore!

E no barroco abriu-se uma porta. Ele entrou lá para dentro e disse à pedra para se fechar:

– Fecha-te, pedra-mármore!

Ficou lá fechado. Encheu o saco de tudo quanto quis, mas quando foi para sair, ele nunca mais se lembrou do nome da pedra. Não foi capaz de lembrar. Disse assim:

– Bem, tenho que ficar aqui fechado. E tenho que me esconder, a ver se ninguém dá comigo.

Quando foi à noite, que os ladrões vieram, entraram e deram por falta das coisas. Ele estava escondido. Mas ele tinha posto as mesmas coisas que tinha tirado nos mesmos sítios. Mas não ficaram como os ladrões as tinham deixado, ficaram diferentes. Entrão, eles viram que o ladrão que estava lá, porque não faltava lá nada, mas estava assim tudo mexido. Procuraram até que o encontraram. Dizem assim:

– Olá, amigo! É hoje! Da outra vez escapaste, mas desta vez não te escapas. Tens que ficar cá, nunca mais vais para casa.

E ele disse:

– Ai, não me façam isso, porque não fui eu que roubei.

– Então quem é que foi? Se não foste tu, quem foi?

– Ah, foi o meu irmão. E ele é que me disse para eu vir cá. Ele disse-me e eu vim cá, mas esqueci-me do nome da pedra.



– Ainda bem que te esqueceste, que assim apanhámos-te. Vamos-te matar.  
– Não, não me matem!  
– Só se tu me disseres onde é a casa do teu irmão. Que é para nós vermos se é verdade ou é mentira. Porque se for mentira, não escapas.  
– Então deixem-me ir embora, que eu indico-lhes o caminho.  
Lá lhes estive a explicar qual era a casa: era uma casa grande que tinha um quintal à volta, tinha jardim... [o irmão] tinha cinco filhos... E, portanto, que o deixassem ir porque era tudo certo. E os ladrões disseram:  
– Está bem. Vai lá porque a gente queremos ter a certeza que foi ele. Porque se foi ele também há de pagar.  
Então, não fizeram nada àquele homem, mas foram à procura dessa casa. O que é que eles haviam de fazer? Eram sete, os que foram. E um, que ia fora, eram oito. Levaram *odres* e disseram que era mel. Foram bater àquela porta daquela casa, e pediram ao homem que os deixasse lá ficar:  
– Bem, pode ser. Deixe ficar aí os odres.  
– Não, os odres ficam aqui ao pé de nós. Ficamos cá dentro.  
Eram sete ladrões que estavam lá dentro dos odres. E o outro ficou cá fora. E tinha dito para os ladrões que estavam dentro do pote [dos odres]:  
– Vocês só saem quando eu lhes disser, quando eu der assim uma pancadinha no odre. E então, vocês depois, saem.  
Que era para atacarem as pessoas que estavam a dormir, para lhes fazer mal. Que eram os meninos, era o pai e era a mãe.  
Houve um menino que disse assim [a um irmão]:  
– Ah, olha lá, vamos a provar o mel. Então eles disseram que era mel. Vamos a provar o mel.  
– Ah, então, mas como é que fazemos?  
E depois, o outro [irmão] diz assim:  
– Olha, vamos à cozinha, tiramos um garfo. Picamos o odre e depois, pelos buraquinhos do odre, chupamos o mel.  
– Está bem.  
Maneira que houve um que foi à cozinha, trouxe o garfo e picou um odre. E respondeu lá de dentro o ladrão que lá estava:  
– Já? Já podemos sair?  
Eles ficaram muito admirados:  
– O mel a falar? O mel não fala.  
Foram picar outro odre, disse-lhes a mesma coisa:  
– Então, eu já posso sair?  
– Esta agora! – disseram.

Picaram os sete odres. E os sete lhes disseram igual. Os meninos, o que é que fizeram? Foram ao quarto do pai mais da mãe, os cinco meninos, e disseram:  
– Ó pai, o mel fala.  
– Ah, vocês estão doidos ou quê? O mel a falar?  
– Ó pai, é verdade. Nós picamos com um garfo, que era para provarmos o mel. E responderam se já podiam sair.  
E a mulher diz assim:  
– Olha, homem, acredita nos nossos filhos. Tu, vai à guarda que eu fico aqui com eles, no quarto.  
– Tu és doida, mulher! Agora... o mel nunca fala.  
– Faz aquilo que eu te digo! Faz aquilo que eu te digo que é verdade.  
– Mas eu também, ao mesmo tempo, tenho medo de os deixar aqui.  
– Não tenhas medo! Anda, vai depressa e não te demores.  
Maneira que o homem foi à guarda. E foi contar que tinha sete odres em casa. E os miúdos que tinham ido a ver se era mel que queriam provar o mel... e que falavam [dentro dos odres]. E então, queria que eles lá fossem a casa:  
– Está bem.  
Maneira que foram muitos polícias, para verem se realmente aquilo era verdade ou não.  
O outro ladrão estava cá fora, à espera que se fizesse mais tarde para ir para a casa. Abria os odres e depois assaltavam a casa. E depois faziam mal aos meninos, ao pai e à mãe. Mas isso não chegou a acontecer porque a polícia estava lá toda. E assim que ele apareceu, prenderam-no a ele sozinho. E depois prenderam os outros que estavam dentro dos odres. E assim eles foram todos presos, os sete ladrões: aqueles que lá estavam, sete, e o que cá estava fora. E o pai e a mãe e os meninos ficaram na casa muito contentes.  
Depois os outros foram obrigados a dizer à polícia onde é que era a casa deles, como é que abriam a porta, e foram buscar as coisas todas que eles lá tinham. Apanharam os outros, ficaram todos presos [os quarenta ladrões]. Pronto, e assim se acabou a história.

---

**Informante:** Maria dos Anjos Ramos da Cruz Mendes, 71 anos.  
Recolha feita na freguesia de Aldeia de João Pires por Cátia Mendes em 8.8.2006

---

## 124 | AGARRA QUE É LADRÃO!

ATU 956D

Era uma vez uma velhinha. E tinha lá o neto. Ó depois, quando foi à noite, o neto viu um homem debaixo da cama. E foi e disse assim:

– Ó avó, está ali um homem escondido debaixo da cama.

E ela disse-lhe:

– Olha, filho, não te preocupes. É um pobrezinho que cá chegou. Não te preocupes.

Chamou-o e ele lá foi. E ela ó depois, contou-lhe a história com o pai dela. Ela disse:

– Olhe, o meu pai era muito falto de paciência, e ó depois foram-lhe a queimar um tumor.

E ele, ó depois, quando lhe estavam a queimar o tumor, gritava muito: “Ai que me matam! Ai que me matam!”

E ela contava isto ao pobre.

Ele dizia-lhe assim:

– Ó tiazinha, não grite tão de rijo, que os vizinhos podem ouvir.

E ela dizia assim:

– Não há problemas, porque eles já estão habituados. Eles já estão habituados que eu já contei a história a vários pobrezinhos que já passaram pela minha casa.

E ela depois tornava:

– ACUDAM QUE ME QUEREM MATAR!

Mas gritava com toda a força que ela tinha.

E ele, ó depois, dizia-lhe assim:

– Ó tiazinha, não clame tão de rijo, que os vizinhos podem ouvir.

E os vizinhos deram conta. Quando deram conta, chegaram a casa, e trouxeram vara-paus e tudo. E ela disse assim:

– Agarra que que é ladrão! Trás uma faca grande debaixo da cinta.

E então caçaram-no. E foi assim.

---

**Informante:** Ana Mendes Ramos, 88 anos.

Recolha feita na freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 26.07.2024

---

## 125 | O IRMÃO ABANDONADO

Ca-Ch 969

Era um senhor já de idade. Tinha três filhos. Eles eram crescidos.

E quando ele morreu, ele não tinha nada para lhes dar. E os miúdos, já grandalhões, que eram assim uns rufias:

– O que é que agora vamos a fazer ao garoto?

– Ai, vamos a levá-lo ali prá mata.

Disseram ao miúdo que iam a caçar. (Ah, e tinha um cão que prenderam. Para o cão, que era muito amigo dele [não o ajudar]). Deixaram o miúdo no meio do mato. E o miúdo, quando acordou, acordou sozinho.

Passou um dia, passou outro, e passou outro e não apareceram. Até que ele ouvia os lobos, e coisa... E então, com medo, ia para cima das árvores. E até que um dia deixou-se dormir.

E ao outro dia acordou com o cão a lamber-lhe a cara. E então, andaram, até que encontraram uma casa de um casal que não tinha filhos e adotou-o. E então, deram-lhe os estudos, até que ele foi médico. E então, na altura em que estava a exercer, um dos irmãos ficou muito doente. E então, acabou por curar os irmãos, e aí é que viram o que eles tinham feito. E ficaram com remorsos de lhe terem feito o que tinham feito.

---

**Informante:** Celeste Borrega Flores, 75 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 21.8.2024.

---

## 126 | A MANTA CORTADA AO MEIO

ATU 980

Os filhos, antigamente, enfadavam-se dos pais. E para se ver livre deles, o filho foi levar o pai ao mato, para lá o deixar abandonado e lá morrer. E o pai levou uma manta para se tapar de noite, para se agasalhar. E o pai disse para o filho:

– Filho, toma esta faca, corta a manta ao meio. Deixas metade para mim e levas a outra metade para ti. Mais tarde serve para ti. Porque o que tu me fazes a mim, *hádes* achar quem to faça a ti.

E o filho arrependeu-se e levou o pai para casa.

---

**Informante:** Lurdes Torrão, 75 anos.

Recolha feita na freguesia de Pedrógão de São Pedro por Rosa Gonçalves em 24.7.2024.

---

## 127 | O COSTUME DOS PAIS MORREREM NO DESERTO

ATU 980

Quando [estava para morrer] uma pessoa, os filhos iam levá-la ao deserto (não havia cemitérios, não enterravam as pessoas no cemitério). Chegavam lá, deixavam-nos lá ficar e voltavam para casa. Os pais morriam lá à miséria, com frio e à fome. Mas o filho foi levar o seu pai para lá, e acontece que deram um pacotinho de tremoços ao velho. E o velho ia andando, comia um tremoço e deitava outro para o chão. E o que é que acontece? O filho chegou lá ao deserto:

– Pai, até outro dia, até outra hora, até quando Nosso Senhor quiser... E aqui acabou a nossa vida...

E veio-se embora, deixou lá ficar o velhinho. O velhinho, quando lhe deu a fome e saturado de estar a viver ao frio, voltou pelo mesmo caminho. Nunca o filho pensando que o pai vinha ter a casa. Mas o velhinho, já com um bocadinho de experiência, foi vindo pelos tremoços que foi deitando fora. O velhinho já sabia mais que o filho. O filho, quando o lá viu, ficou todo admirado. Bem, nunca disse ao filho o que tinha acontecido.

Depois, um dia mais tarde, o filho andava farto de andar a sofrer com o pai e pensou em lá voltá-lo a levar. Mas para outro sítio, onde havia muito gelo e muito frio. Isso era para lá morrer mesmo. O que é que [o filho] faz? Leva uma mantinha para dar ao pai, no regresso, quando viesse embora. Levava a mantinha às costas, quando lá chegou:

– Pai, toma lá esta mantinha para você se embrulhar, para estar mais confortável até que chegue a sua hora da morte.

E o pai respondeu para o filho:

– Filho, leva a mantinha, que os teus filhos um dia vão-te a dar a ti para te cá trazer.

O filho começou a pensar, diz:

– Não! Ó pai, vamos embora, já cá não fica!

Alembrou-se que os filhos, um dia, lhe iriam fazer igual. E já veio com o pai para trás.

Acabou, então, aí a história de irem levar as pessoas ao deserto para lá morrerem.

---

**Informante:** Alfredo Ferreira, 85 anos, n. Vila Longa (c. Satão).

Recolha feita na freguesia de Salvador por Gorete de Brito em 19.10.2024.

---

## 128 | O BAÚ DA HERANÇA

ATU 982

Havia dois compadres, que viviam na aldeia, e um tinha mais posses. No dia que ficou viúvo resolveu repartir os bens dele – ficando só com a casinha – pelos filhos. Os filhos não estavam lá. E a filha, cada vez que lá vinha, fazia-lhe confusão uma arquinha pequenina (ou um baú, como lhe queiram chamar), que o pai tinha lá num sítio guardado.

E ela dizia:

– O que é isto?

– A vossa herança.

A filha, um dia que veio lá, diz então:

– Ah, temos que ir a ver o meu pai, porque sempre nos dá alguma coisinha.

E o homem andava desanimado. Cada vez que lá vinham, dava; cada vez que lá vinham, dava.

O outro compadre diz-lhe assim:

– Ó compadre, tu não faças isso, porque “*quem reparte em vida merece a cabeça partida*”.

– Então, como é que eu faço isto?

– Olha, tu, como o baú está pesado, faz de conta que são moedas, metes lá pedras dentro.

E escreves um papelinho: “*quem reparte em vida merece a cabeça partida*”.

No dia que o homem morreu, as filhas vinham, vieram com a ideia que o baú tinha lá uma grande fortuna. Como já lhes tinha dado tanto dinheiro, julgavam que tinha lá mais. E o baú estava pesado. Elas, cada vez que iam lá, [o pai] pegava no baú e ia pondo lá umas pedrinhas. E fechava o baú à chave. [Elas] não sabiam. No dia em que foi que o pai morreu, tinham lá o baú, foram abri-lo. Tinha lá as pedras e tinha lá o dizer:

*Quem reparte em vida merece a cabeça partida.*

(Essa é que é uma verdade.)

---

**Informante:** Maria Celeste Borrego Salvado Correia, 57 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 20.2.2024.

---

# CONTOS DO GIGANTE (DIABO) ESTÚPIDO

## 129 | JESUS CRISTO E O DIABO DIVIDEM A COLHEITA

ATU 1030

O Cristo fez uma aposta com o diabo: fazer uma sementeira de centeio e arrancar um batatal.

Quando foram arrancar as batatas, diz Cristo pró diabo:

– Olha lá, como é que é? Queres a raiz ou queres a rama da batata?

– Quero a rama, o resto que lá fica é para ti. Agora eu quero é a rama, na rama é que está o produto. Ponho-a a secar e *apois...* o problema é meu e já não é teu. Eu faço da rama aquilo que eu quiser.

Assim foi. Cristo disse-lhe:

– Pronto, olha, vai lá ceifar a rama que eu quero arrancar a batata.

O diabo foi, ceifou a ramazinha toda. *Pô-ze-a* a secar, pensando que era produto de alimentação. Ora a rama da batata ao fim de seca... aquilo nem para tabaco serve.

Foi a juntar a rama:

– Olha, como é que eu me hei de arranjar? Então vou agora comer a rama seca? Não posso fazer vida disto!

Pronto:

– Ó Cristo, enganaste-me!

– Tu quiseste ficar com a rama da batata...

– E tu agora vais arrancar as batatas...

– Não te pus à vontade?

Certo é o resultado da brincadeira: o Cristo arrancou as batatinhas, pronto, para consumo, para comer.

No centeio: fizeram uma seara de centeio, o diabo com Cristo.

Agora vem o diabo [e diz Cristo]:

– Como é que queres? Queres a raiz ou queres a rama... ou queres a palha?

– Ai, nas batatas enganaste-me tu, mas no centeio não me enganas. Corta lá tu a palha (onde está o grão da semente, na espiga) que eu fico com o que fica lá por baixo.

Cristo foi, cortou a palha, e ficou com o grão da espiga. Ele [o diabo] foi arrancar o restolho e viu que lá não havia lá nada, só havia raiz. (risos)

---

**Informante:** António Augusto Gomes Soares, 71 anos.

Recolha feita nas Quintas do Anascer - anexa da freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 28.9.2024.

---

## 130 | O BURRO CANSADO

ATU 1142

Um homem ia a vender à feira. Então tinha um burro. Mas o burro já andava cansado. E ele dava chicotadas no burro, mas o burro... não adiantava nada dar a chicotada. Que ele ia ali carregado, coitado, ia cansado. Passou na frente de uma garagem, e diz assim:

– Olhe, ó senhor! Você não tem aí nada que possa dar aqui ao meu burro? Porque eu queria que ele andasse depressa e ele não quer andar.

– Tenho, tenho! Traga aí o burro.

Então, arranjou um farrapo, molhou na aguarrás, meteu no cu do burro. (risos)

O burro, quando sentiu a aguarrás no cu... ó patas para que te quero! Ele fugia, fugia, fugia... Ele atrás do burro, não conseguiu apanhar o burro.

Depois voltou atrás, diz assim:

– Olhe, o senhor não tem aí nada para mim, também? Porque eu queria apanhar o meu burro!

E disse ele:

– Tenho. Baixe as calças abaixo, e as ceroulas.

Também lhe espeta lá com o *tafulho*<sup>36</sup> no cu, ai o pobre homem, que ele dava pulos... Passou pelo burro, nunca mais viu o burro. (risos)

.....  
**Informante:** Olívia Romão Esteves, 76 anos.

Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 15.8.2024.  
.....

## 131 | XICA DE CABRA

AT 1162\*

Havia um casamento lá numa aldeia e convidaram um homem que disse que não queria garotos no casamento. E eles calaram-se e convidaram-no e pronto.

Os homens, ao irem para o almoço, havia garotos. Os garotos descobriram o pé dele. E então não se calaram. Começaram:

– Aquele tem xica de cabra! Aquele tem xica de cabra!

O diabo abalou e disse:

– Não quero nada com os garotos.

E foi-se embora, pronto.

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 4.12.2023.  
.....

.....  
36 Objeto que se introduz numa abertura para a tapar; (figurado) remédio.

## 132 | O DIABO E OS GAROTOS

AT 1162\*

Era uma vez uns ricos. E fizeram um *adjunto*, um banquete. E, ó depois, convidaram também o diabo (arreda de nós!).

E o diabo disse:

– Ai, se lá houver *canalha*<sup>37</sup>, eu não vou!

– Não, anda, não há lá canalha.

Mas havia. E o diabo foi. O diabo foi, ele [um rapaz] viu e disse assim:

– Olhem, aquele homem tem patas de cabra. (risos)

Ele desapareceu e foi-se embora.

E, ó depois, o que o tinha convidado, disse:

– Eu não vos disse que não dissésseis nada? Não vos disse que não dissésseis nada?

– Então, mas aquele homem tinha patas de cabra...

E pronto, acabou.

.....  
**Informante:** Rosa Maria Matanço, 98 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 29.7.2024.  
.....

## 133 | A SOGRA DO DIABO

ATU 1164

Havia uma senhora que tinha umas poucas de filhas, não sei a quantidade exata delas. E já estavam todas casadas menos uma. E andava sempre atrás dela:

– Ó mãe, ó mãe, ó mãe, ó mãe!

A senhora, um dia, de tanto chateada com ela, diz-lhe assim:

– Não te visse eu casada, nem que fosse com o diabo!

Daí a bocado, aparece logo ali um senhor, todo um encanto, bem vestido, a propor casamento à filha. Quem era o senhor? O diabo em pessoa! A senhora, como disse aquilo, teve de cumprir a promessa de casar a filha com o diabo.

Ao fim de uns tempos, a mãe diz-lhe assim:

– Ó filha, então como é que vai a tua vida?

– Vai bem, mas o meu marido é muito esquisito, entra sempre pela fechadura da porta.

Como é que vai ser isso agora? Não sabe abrir a porta, entra sempre pela fechadura da porta. E vem sempre aos bufos – *fff, fff, fff* – a assoprar. O que é que eu hei de fazer?

.....  
37 Crianças.



– Ai, não faças nada, filha. Olha, deixas-me escondida, ali num sítio, onde ele não me possa ver. E depois, comesças a ralhar com ele lá dentro, que nós vamos ver o que podemos fazer com isso.

A filha lá escondeu a mãe num sítio escuro. O diabo entrou pela fechadura, entrou para o quarto, ela começou a ralhar com ele. A mãe, quando descobriu isso, o que é que fez? Meteu uma garrafa do lado de fora da porta. Ele, assim que saiu, saiu pela fechadura, entrou para dentro da garrafa que ela fechou com uma rolha. O que é que a senhora faz? Agarra nele, vai pô-lo no alto de uma serra, onde não havia lá ninguém.

Certo dia, passado muito tempo, passou por lá um soldado. Sentou-se lá numa pedra e estava muito desanimado. E diz assim:

– O que há de ser da minha vida? Não tenho pais, não tenho irmãos, não tenho família, não tenho ninguém... estou sozinho.

Nisto ouve uma voz que diz assim:

– Se quiseres, se me soltares, eu consigo arranjar-te uma esposa. Vais a tal sítio, está uma rapariga em tal parte, e dou-te muito dinheiro para tu arranjares a tua vida.

O rapaz lá soltou o “bendito senhor”, e lá fugiu por isso afora.

O rapaz foi, casou com a rapariga, lá fizeram a vida deles.

(O lógico desta história é que disto provém dois provérbios. A gente às vezes diz: “*Olha, lá vai a sogra do diabo*”. E quando faz muito vento, como o diabo anda sempre *fff, fff*, quando faz muito vento, dizem: “*Olha, já anda o inimigo à solta*”. São os dois provérbios<sup>38</sup> que vêm dessa história.)

.....  
**Informante:** Maria Celeste Borrego Salvado Correia, 57 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 20.2.2024.  
.....

.....  
38 Na verdade, não se trata de provérbios, mas de expressões fixas usadas na fala corrente em circunstâncias específicas.

## CONTOS JOCOSOS

### 134 | ARRE BURRO!

AFH 1204A

Era uma mulher que ia a cavalo num burro. Num caminho, encontrou uma cerejeira com muita cereja, já madurinhas. E ela pensou em ir a colher umas cerejinhas para comer. E como não chegava [às cerejas], pôs-se de pé em cima do burro. Mas, no fim, lembrou-se assim:

– Ai, então agora se passasse alguém e que dissesse “arre burro”?

Ela, ao dizer o “arre burro”, o burro andou. Ela caiu. Pronto.

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 8.9.2024.  
.....

### 135 | O BURRO, O NETO E O AVÔ

ATU 1215

Havia um avô e um neto. E depois levaram o burro. O avô montou-se no burro. E o neto pegou na rédea do burro e levava o avô. E depois começaram as pessoas a olhar:

– Olha, olha aquele! Se há de montar o neto no burro, é ele que vai no burro. Se há de ir o avô a pegar na rédea do burro, vai o neto que é pequeno!

E então mudou. O avô disse:

– Ah, anda cá tu para o burro!

E ele pegado à rédea. Foi pegar a rédea, foi, andaram, andaram... encontraram outras pessoas:

– Ai, olha este! Olha este velho! Ele, que é velho, é que devia ir no burro e o neto é que devia de pegar na rédea do burro.

Era tudo ao contrário, achavam tudo mal. Pronto, isso foi segunda vez.

Depois, terceira vez, na mesma: outra vez a censura de ir um no burro e o outro não.

O que é que faz? O avô diz:

– Olha, filho, sabes o que fazemos? Vamos os dois a pegar a rédea do burro. (risos)  
E então, pegaram os dois a rédea do burro e chegaram ao destino. E então houve também uma censura:

– Então, pegais na rédea do burro e vós não vos montais no burro?  
Então [...] o avô deu uma resposta boa: “Cada um fazia como entendia que estava melhor e não levar-se pela conversa das pessoas”.

.....  
**Informante:** Ana Pires Silveira, 86 anos.  
Recolha feita na freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 23.07.2024.  
.....

### 136 | O VELHO, O RAPAZ E O BURRO

ATU 1215

Um velho, um rapaz e um burro atravessavam a aldeia. Se o burro ia sem nada e os dois a pé atrás dele [diziam]:

– Olha, que palermas! O burro aí disponível e os dois a pé.  
Se o rapazito se montava no burro:  
– Olha, isso também não está certo. O mais velho vai a pé e ele [o rapaz], com boas pernas, vai a cavalo.

Se ia o velho montado:  
– Olha, mas o desgraçadinho do miúdo, ainda tão tenrinho, podia ir a cavalo... e lá vai o velho todo *esparramado*<sup>39</sup>.

.....  
**Informante:** António Luís dos Santos Sousa, 61 anos.  
Recolha feita na freguesia da Bemposta por Gorete de Brito em 4.10.2024  
.....

### 137 | OS NOIVOS EM LUA-DE-MEL

AFH 1225A

Uns noivos casaram-se. E depois foram para um hotel. E então, tinham lá estado uns, e se calhar não tinham casa de banho. E fizeram o serviço e, como não tinham casa de banho, quando se foram embora deitaram [os escrementos] para cima [para o teto]. Então ficou aquilo lá espetado.

Então, os outros que foram a seguir, [o noivo] começou a pensar, a pensar... e dizia-lhe a noiva:

.....  
<sup>39</sup> Que se senta de qualquer jeito; escarrapachado.

– *No que pensas, marido?*  
– *Olha, penso e torno a pensar*  
*Como há cu de gente*  
*Que além foi a cagar.* (risos)

.....  
**Informante:** Maria do Céu Fonseca Romão, 91 anos.  
Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 15-6-2024.  
.....

### 138 | O SALOIO EM LISBOA

AFH 1225A

Um saloio foi a Lisboa. E depois, chegou lá numa pensão. E quando lá chegou, viu a cama tão bem-feitinha que nem soube dormir na cama:

– Ai, está tão bem-feitinha que não vou escangalhá-la.  
Deitou-se no chão, dormiu no chão. Mas depois deu-lhe a vontade de ir à casa de banho:  
– Mas agora não tenho aqui casa de banho, como é que vai ser?  
Bem, olha, não fez mais nada: estava ali um jornal, *pimba*, foi mesmo ali.

E depois:  
– E agora, como é que vai ser?  
Pega no jornal, *pimba*, pró teto do quarto. (risos)  
Depois, entrou o empregado, e diz assim:

– Este filha-da-p\*ta não dormiu na cama. Onde é que ele dormiu?  
Bem, mas quando estava deitado na cama, olhou pró teto, disse assim:  
– Ai, o filha-da-p\*ta, como é que ele foi cagar ao teto? (risos)  
O patrão entrou, e ele diz assim:

– Ó patrão, já viu que aquele filho-da-p\*ta não dormiu na cama? Olhe ali, já viu onde ele foi cagar? Foi cagar ao teto!  
– É verdade! Como é que ele foi cagar ao teto? (risos)

(Ficou tudo aflito porque ele tinha cagado no teto. Pronto, olhe: esta é da m\*rda, desculpem lá. É portuguesa.)

.....  
**Informante:** Leonor Zagalo, 79 anos.  
Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 12-8-2024.  
.....

## 139 | A COMPRA DO COBERTOR

ATU 1238

Era um velhote pobre que vivia numa aldeia, ou numa vila. E quando precisava de dinheiro, ia a uma casa de umas senhoras e pedia. Pedia dinheiro à custa de uma perdiz que ia voando. Quando matava a perdiz, ia levá-la.

Uma vez foi lá, no inverno, e queixou-se com muito frio. E as senhoras disseram:

– Ó senhor Bonifácio, tem de comprar um cobertor.

E ele:

– Ai, quando vier o *El Veroni*, eu já compro um *Mantoni*.

Ai, passou o inverno... e tornou a vir o verão... e o *Mantoni* nunca apareceu.

Quando lá ia outra vez, diz-lhe assim [a mulher]:

– Então, senhor Bonifácio, quando é que compra o *Mantoni*?

– Qual *Mantoni*, qual diabo! Ó menina, eu tirava a camisa do corpo?

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 8.9.2023.

## 140 | A GANÂNCIA DO MOLEIRO

ATU 1242 (variante)

Havia um moleiro que tinha um burro. E, pronto, ele carregava todos os dias o burro muito, muito, muito com as medas do trigo. E o burrinho, sempre muito cansado, muito cansado, dizia assim:

– Não me carregues tanto. Não me carregues tanto, porque isto custa!

(Porque os moinhos eram lá no cimo das serras.)

E o moleiro:

– Trabalha! Trabalha! – e dava-lhe verdascadas.

E depois, levavam as medas do trigo lá para o moinho. Depois, à vinda para baixo, ele tinha que passar a vir carregado com a farinha. O outro dia voltava a fazer a mesma coisa.

Então, há um dia que o burrinho ia tão cansado, tão cansado, tão cansado que ele tirou as medas do trigo para pôr lá no moinho, a moer, e o burrinho caiu para o lado. E quando o burrinho caiu para o lado, ele ainda lhe bateu:

– Levanta-te! Levanta-te! Levanta-te! – e depois pôs-se – Ai, Jesus! Ai, Jesus! Tanto que o meu burrinho me avisou e eu não quis acreditar! Ai, Jesus! Ai, Jesus! Tanto que o meu burrinho me avisou e eu não quis acreditar!

---

**Informante:** Maria de São José Alvito de Brito, 50 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 26.06.2024.

## 141 | O COICE DO BURRO

AFH 1284D

Era um casal. Foram prá horta, não é, logo de manhã cedo. E depois, quando vieram, já vieram assim à noitinha. E então diz a mulher:

– Então, homem, mete lá o burro lá prá *loja*<sup>40</sup>, que eu vou a adiantar a ceia.

E ele foi prá *loja*. Mas como não tinha luz na *loja*, ele começa aos gritos:

– Ó Maria, ó Maria, ó Maria! Traz lá a candeia. O burro deu um coice, mas não sei se foi em mim se foi na parede. (risos)

---

**Informante:** Olívia Romão Esteves, 76 anos.

Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 5.8.2024.

## 142 | A MULHER QUE IA COMENDO FIGOS

ATU 1309

Era uma mulher que ia sentadinha num burro a dar uma volta. Ou ia a passear ou ia à missa da Virgem. E levava um saco de figos. E depois abria um figo:

– Ah, este não presta, vai pró cu do burro. – Deitava o figo fora.

Abria outro:

– Ah, este não presta, vai pró cu do burro.

Quando veio para cá, já não tinha figos e vinha cheia de fome. E quando veio, depois, a descer do burro para apanhar uns figuinhos. E depois dizia assim:

– Ah, este não bateu no cu do burro. – E comia-o.

Tornada outro:

– Ah, este não bateu no cu do burro. – E comia-o.

E aproveitou-se tudo. Para lá estragou, para cá aproveitou-os todos. Porque não tinham batido no cu do burro.

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 15.08.2024.

---

40 Aqui, loja é usado no sentido de curral dos animais, situado no andar térreo das casas rurais do Norte e Centro do país.

## 143 | OS FIGOS QUE PASSARAM PELO CU DO BURRO

ATU 1309

Antigamente, o São Pedro andava pelo mundo mais Nosso Senhor. E então, foram a dar um passeio para uma terra longe. Naquele tempo havia miséria. E o que é que acontece? O São Pedro foi colher um balde de figos – um cesto de figos – para levar prá viagem. Nosso Senhor ia a cavalo no burrinho e ele ia a pé. Ah, saiu de casa com a barriguinha cheia, todo porreiro e tal...

Quando chegou a uma certa [altura], começou a dar-lhe a fome, foi buscar um figo (passava pelo cu do burro):

– Ah, este está verde.

Deitava fora e comia outro.

Agarrava outro figo da cesta:

– Ah, este está podre, este não presta. – (passava pelo cu do burro)

Bem, acontece que no fim de uma semana de estar lá no sítio, é claro, os figos acabaram-se.

Regressaram. E quando regressaram, [São Pedro] já há um par de dias que não comia nada. O gajo vem, depois, no caminho. E o gajo via os figos no chão (que tinha deitado fora, que tinham passado pelo cu do burro).

Ah, [apanhava-o], passava pelas calças:

– Este não passou pelo cu do burro. – (comia-o)

Bem, e foi assim andando, foi assim andando, até que chegou a casa. E os figos que passaram pelo cu do burro, comeu-os todos, outra vez.

E disse-lhe, então, Nosso Senhor:

– Vês?

*Aproveita o que não presta, encontra o que necessitas.*

**Informante:** Alfredo Ferreira, 85 anos, n. Vila Longa (c. Satão).

Recolha feita na freguesia de Salvador por Gorete de Brito em 19.10.2024.

## 144 | OLHA O LOBO!

ATU 1333

Havia um pastor que todos os dias, na brincadeira, gritava para lhe acudirem:

– Olha o lobo! Olha o lobo! O lobo, o lobo...

E foi passando, foi brincando, brincando... E depois, às tantas, as pessoas acudiam. Chegavam lá e não havia nada.

Um certo dia, o senhor lá se viu muito atrapalhado, porque um lobo atacou mesmo o rebanho. E gritava:

– Acudam! Acudam!

E já ninguém foi.

**Informante:** Fernanda Carreto, 72 anos.

Recolha feita na freguesia de Aldeia do Bispo por Gorete de Brito em 6.09.2024.

## 145 | O PASTOR QUE GRITAVA “AÍ VEM LOBO!”

ATU 1333

[Havia um] pastor que deixou o rebanho e veio para o povo gritar:

– Aí vem lobo, aí vem lobo, aí vem lobo!

E o povo todo a correr atrás do gado e não era lobo nenhum. Era ele que estava a [gozar].

Aquilo passou. Passado uns dias, voltou a gritar:

– Aí vem lobo, aí vem lobo, aí vem lobo!

E o povo voltou a correr outra vez. Também não [era nada].

Pronto, dali em diante, passado mais um mês, voltou a gritar outra vez e já ninguém apareceu.

Então, o lobo veio e comeu-lhe o rebanho todo. Por isso é que nunca se deve mentir ao povo.

**Informante:** Lourenço Augusto Marcos, 72 anos. Natural de Urrós, Mogadouro.

Recolha feita na freguesia de Aldeia do Bispo por Gorete de Brito em 14.9.2024

## 146 | O PÔR-DO-SOL E OS QUEIJOS

ATU 1335\*

Três moçoilas da aldeia, bonitas. O pai de uma delas mandou-a ir buscar uns queijos que tinha encomendado a uma propriedade ainda um bocado distante. E como era fevereiro, ou março, nessa altura, quando o sol se está a pôr, aparecem uns laivos de nuvens que parece mais um incêndio do que apenas [nuvens]. E, vindo já com os queijos para casa, o que é que as duas companheiras de viagem lhe disseram?

– Olha, estás a ver aquilo ali tudo muito vermelho? Aquilo é o fogo. Isto vai acabar o mundo! E vai acabar depressa, então não vês? O fogo já vem ali. O melhor, se calhar, é a gente comer os queijos. Porque depois morremos todos, não é?

E comeram os queijos. O fogo nunca chegou e acabaram por chegar a casa sem queijos. Claro, teve o pai ou a mãe de ajustar as contas...

---

**Informante:** António Luís dos Santos Sousa, 61 anos. Vive em Azeitão.  
Recolha feita na freguesia da Bemposta por Gorete de Brito em 4.10.2024

---

## 147 | UM RIBATEJANO VAI A LISBOA

ATU 1336A

Era um ribatejano. E disse para a mulher:

– Ó Maria, eu não posso morrer sem ir ver a Capital. Vou a Lisboa.

Bem, lá foi. Agarrou uma saca, meteu um bocado de pão e queijo e lá foi. Andava lá na Baixa, passou numa montra de espelhos e disse:

– Oh! Então, está ali a fotografia do meu pai. Ora que esta! O meu pai já morreu há tantos anos... Já lá vou comprá-la.

Entrou e disse:

– Ó senhor... desculpe lá! Então, tem ali a fotografia do meu pai... vende-ma?

O outro viu logo que ele era palerma, disse:

– Vendo sim senhor!

Lá fecharam o preço. E mete a fotografia do pai dentro da saca. Já não parou em Lisboa para vir mostrar [a fotografia] à família.

Bom, chegou lá [a casa] e disse prá mulher:

– Ó Maria, então não queres lá ver... Então, ia lá numa rua, olho lá para uma montra, não vejo lá a fotografia do meu pai?!

– Ai é? Deixa lá ver!

E a outra viu-se (era o espelho, viu-se lá). E diz assim:

– Ó mãe! Olha, o Manel disse que trazia aqui a fotografia do pai. Traz é aqui a fotografia de uma p\*ta!

A outra [a mãe dela], como nunca tinha visto uma p\*ta, queria saber o que era. Vem de lá a velha, disse:

– Olha, ainda se fosse uma p\*ta nova... Agora uma p\*ta velha... (risos)

---

**Informante:** Ana Maria Nabais Gonçalves, 78 anos.  
Recolha feita na freguesia do Meimão por Gorete de Brito em 12.11.2024

---

## 148 | UMA NOITE DE HOMENS

ATU 1337

Dois homens enriqueceram com o volfrâmio<sup>41</sup>. E um dia decidiram ir a Castelo Branco, passar uma noite de homens. Então eles foram a um restaurante. Olharam lá para a mesa do lado e pensaram assim:

– Ai, a gente quer é aquilo! Olha aqueles bifes... A gente quer é aquilo!

E os que estavam na mesa do lado pediram “bis”. E veio mais bifes.

– Olha, é bis. É isso que a gente tem que pedir.

(Isto porquê? Porque eles já tinham pedido antes feijão frade. Porque eles achavam que o frade come bem.) Quando vem o feijão frade eles pensaram:

– Isto é feijão pequenino!

Mas como eram bem-educados, comeram. Depois ouviram o “bis” dos outros, acharam que era o bife. E pediram:

– Bis.

E veio mais feijão frade. E eles, como [eram] bem-educados, comeram. E pensaram:

– Foi engano dele. Ele não nos entendeu. Bis.

Mais feijão frade. Eles voltaram a comer feijão frade e ficaram cheios de feijão frade.

Continuaram com a sua noite de homens: foram ao teatro. Viram a peça, gostaram... e de repente, toda a gente se levanta e bate muitas palmas e diz: biiiiis, biiiiis.

E um deles diz assim:

– Compadre, vamos já embora que nos vão dar feijão frade. (risos)

---

**Informante:** Olga Zagalo, 52 anos.

Recolha feita na freguesia de Pedrógão de São Pedro por Rosa Gonçalves em 7.8.2024.

---

## 149 | COMI À FINA!

ATU 1337

Era uma rapariga que estava a servir em Lisboa. E então, a senhora gostava de conhecer a mãe da Maria (chamava-se Maria).

E disse:

– Ó Maria, tu tens que mandar vir a tua mãe, que eu quero conhecer a tua mãe.

Mas ela tinha muito receio. Porque a mãe, já se sabe, era da aldeia e tinha os costumes dela.

E então, um dia, a Maria veio buscar a mãe e lá foram pra Lisboa.

---

<sup>41</sup> Nos concelhos do Fundão e Covilhã existiam as Minas da Panasqueira, que durante a segunda Guerra Mundial exportavam volfrâmio para ambas as partes beligerantes, trazendo muito dinheiro para o país.



E depois a Maria disse prá mãe:

– Ó mãe, olha, vê lá aquilo que fazes! Tu, porta-te bem. Porque sabes que os senhores são muito... hein... Tu, vê lá, não te ponhas lá a comer à moda da aldeia.

(Que ela, a comer à moda da aldeia, fazia muito barulho.)

E então foram prá mesa, com os patrões, estava muito *coisa*... a comer... E ela chorava, caíam-lhe as lágrimas pelos olhos abaixo. Chorava, mas não dizia nada. Ela comeu, comeu. E depois, ao fim de comer, foi prá cozinha com a filha.

E diz-lhe a filha:

– Então, mãe...

– Ai, filha, que grande sacrifício! Queimei-me toda que até chorei. Mas comi à fina!

---

**Informante:** Olívia Romão Esteves, 76 anos.

Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 5.8.2024.

---

## 150 | A IDA A LISBOA

ATU 1337

A mãe do Taléu e do Beringela queria muito ir ver Lisboa. E um dia a sra. dona Balbina levou-a com ela a Lisboa. Queria ver o quê? A estátua [de D. José, no Terreiro do Paço]. Quando chega lá, vê a estátua e exclama:

– Ai, tão bonito! Ah, mas até mete as mãos nos bolsos como o meu António e tudo... É tal-e-qual como o meu António... (risos)

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 89 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 10.2.2024.

---

## 151 | O PROVINCIANO E O POLÍCIA LISBOETA

ATU 1337

Certo dia, um homem da província resolveu ir a Lisboa, porque tinha lá uns amigos. Como lhe ofereceram boleia ele ia a ver os amigos. Mas esqueceu-se de levar a morada dos amigos. Como se esqueceu de levar a morada dos amigos, andava às aranhas lá na zona. Ele só sabia que um dos amigos morava perto da fonte luminosa. Mas andou p'ra trás, prá frente, p'ra trás, prá frente e não deu com a casa. E então, o que resolve fazer? Vai ao pé dum polícia e pergunta-lhe:

– Ó senhor polícia, o senhor não sabe onde é que mora aqui o vassoureiro de Penamacor? (risos)

---

**Informante:** Maria Alice Domingues Alvito Frade de Brito, 75 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 17.10.2024.

---

## 152 | AS NOITES DE TOLEDO

ATU 1337C

Havia dois compadres: um vivia em Portugal, outro na Espanha. Como o espanhol tinha mais possibilidades de dinheiro, o compadre português resolveu ir a Espanha. Só que o compadre vivia em Toledo. E [o português] tinha a burra prenha, prestes a parir.

O compadre lá foi, direitinho, chegou a Toledo. O espanhol diz:

– Como é que, agora, eu me vou livrar do meu compadre? Quer que eu lhe governe a burra? Isto não pode ser.

Meteu-o lá numa cave da casa, ficou lá três dias e três noites fechado.

E dizia-lhe [o português] assim para ele:

– Ó compadre, já é de dia?

– Não!

Tornava o outro dia:

– Ó compadre, já é de dia?

– Ainda não!

Isto os três dias. Passado os três dias disse para a burra:

– Vamos mas é a caminho de Portugal, que isto aqui não pode ser.

O compadre abriu-lhe a porta, ele saiu.

Quando ia chegando a Portugal diz então:

– Ai, burrico, que em Portugal é que nós estamos bem. Que o compadre tem lá as noites que parecem as “noites de Toledo”. (sorriso)

---

**Informante:** Maria Celeste Borrego Salvado Correia, 57 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 20.2.2024.

---

## 153 | TUDO SÃO PENAS

AFH 1346B

Uma vez, a uma [mulher] morreu-lhe o homem. E a outra foi-lhe a pôr [um ovo], uma galinha fora, porque antigamente as galinhas andavam tudo na rua.

E a outra, a do ovo, disse assim:

– Ai, comadre, lá faleceu o teu homem!

– É verdade, é verdade! Lá morreu o meu homem.

– Mas olha: tudo são penas. Tu, morreu-te o teu homem; e eu, olha, foi-me a pôr uma galinha fora, não sei do ovo.

(Ela queria comparar a morte do homem com a valia do ovo.) [risos]

---

**Informante:** Maria da Conceição Andrade, 89 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 27.01.2024.

---

## 154 | O PATRÃO E O CRIADO

ATU 1350

Havia um casal que era assim... eram abastados, tinham lavoura, tinham um criado. E então, quando [o patrão e o criado] vieram à lenha, diz assim [o criado]:

– Ó patrão, a sua senhora, a patroa, gosta muito de si?

– Muito!

– Tem a certeza que gosta?

– Tenho, a minha mulher gosta muito de mim.

– Olhe, e se fizesse de morto?

– Olha, tu tens razão.

– Faça-se de morto a ver se ela gosta de si.

E então, o homem fez-se morto, deitou-se no carro, o criado veio. Diz ele assim:

– Ó patroa, houve uma desgraça tão grande!

– Então, mas o que é que aconteceu?

– O patrão morreu!

– Ai, meu Deus do céu!

– Ó patroa, mas não chore agora. Vamos agora jantar. Depois vem muita gente e já não podemos jantar.

– Tens razão.

Ela, ao fim, lá esteve a tratar do homem; foi para uma sala, fecharam aquilo...

E diz assim [o criado]:

– Ó patroa, e se agora fossemos a cantar uma cantiguinha?

– Oh, então, mas agora ele morreu...

– Depois, durante muito tempo que não pode cantar.

– Ai, também tem razão.

E começaram a cantar... até que foram a dançar.

E então, ele dizia assim:

*– O meu patrão me disse,*

*Que quando ele morresse,*

*Que com a patroa dormisse.*

E dizia a patroa:

– E a mim também mo disse.

Alevanta-se o marido, lá com um cacete, e corre com o criado e a mulher! (risos)

---

**Informante:** Maria do Céu Fonseca Romão, 91 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 15-6-2024.

---

## 155 | CARPINDO O ESPOSO MORTO

Car-Co 1350\*A

Antigamente era o hábito, nas casas, de fazer-se o baile por baixo.

E havia uma senhora que lembrou-se de ir a dizer à comadre se tinha lume:

– Ó comadre, tem cá lume?

– Entre, entre, comadre!

Ela lá entrou, lá subiu as escadas por isso acima. Quando chegou, encontrou o compadre esticado no chão, morto. E diz-lhe assim:

– Ó comadre! Ai, então tens o compadre morto?

– Ah, fechou-se-lhe o cu ao sol-posto.

– Ai, ó comadre, então como é que é isso? Então tens que enterrá-lo!

– Chouriço que não presta não há que guardá-lo!

– Ó comadre, então tens que lhe mandar dizer um officio [religioso].

– Ele não deixou cá dinheiro pra isso. Olha, comadre, se tu queres ficar aqui a chorar por ele, eu ia lá em baixo ao baile. E dava-te um alqueire de pão.

Ah, a mulher lá estava. A comadre foi pra baixo, pró baile, e ela ficou lá a chorar pelo homem.

E dizia então:

– *Ai eu, ai eu!*  
*Estou a chorar por um homem que não é meu!*  
*Por um alqueire de pão,*  
*Não sei se mo darão se não!*

A outra cá em baixo, que andava a dançar, dizia então assim:

– *Acalcado e recalçado,*  
*E ainda por cima mais um punhado.*

.....  
**Informante:** Maria Celeste Borrego Salvado Correia, 57 anos.  
Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 3.8.2024.  
.....

## 156 | O CASAL DE VELHOS TEIMOSOS

ATU 1351

Havia dois homens que iam a andar, a viajar. Foram andando, foram andando, fez-se de noite. Passaram numa casa velha, estava a porta aberta, entraram. E estava um velho e uma velha, ao lume. Sentados ao lume. E era um padre e um sacristão. Diz o padre para o sacristão:

– Dá a volta aí aos tachos e às panelas! – a ver se havia alguma coisa p'ra comer.  
E lá numa dita panela havia papas. Os gajos lá comeram, e tal... e já estavam satisfeitos.  
Diz o padre pró sacristão:

– Vai lá dar volta para ver se há uma cama para dormirmos.

Mas, entretanto, iam metendo conversa pr'os velhotes. E os velhotes, nada, não piavam, não falavam. Lá continuavam ao lume, calados. E diz o padre pró sacristão:

– Ó sacristão, traz-me lá a velha, que estou aqui com umas necessidades e tal...

E o sacristão lá levou a velha ao padre. A velha, o outro dia, levantou-se satisfeita. E, entretanto, o sacristão comeu o resto das papas. Meteu conversa pró velho: chateou-se pregou-lhe com as papas no focinho. E o casal não falou nada.

No outro dia a senhora alevanta-se, toda satisfeita, e diz então pró marido:

– *Ah, meu velho papudo,*  
*e por cima ainda cornudo!*

Diz o velho:

– Então, logo que falaste, vai fechar a porta.  
Eles estavam mudos porque nenhum queria ir fechar a porta.

.....  
**Informante:** José Salvado, 60 anos.  
Recolha feita na freguesia de Aranhas por Rosa Gonçalves em 22.7.2024.  
.....

## 157 | O CASAL ZANGADO E O GATINHO

Car-Co 1351\*C

Era um casal que estava à lareira, e andavam de mal um com o outro, marido e mulher. Ao lado estava um gatinho. Mas o marido estava ao lume e tinha as calças rotas entre as pernas. Às tantas, começam os dois a aquecer, e o gato chegava ali com a pata entre as pernas do homem. Havia qualquer coisa estranha que estava lá entre as pernas: *tic!* – a primeira vez.

E a mulher, sempre de olho naquilo que estava a fazer o gato. E ela diz:

– Sape!

O gato fugia e ia outra vez, *pimba!*

À terceira vez, chateou-se. Diz então a mulher:

– Sape lá, estou mal com ele, mas não estou mal com quem aí está! (risos)

.....  
**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.  
Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 12-8-2024.  
.....

## 158 | A PICADA DA ABELHA

Haboucha \*\*1351C

Havia um indivíduo que estava à pesca, muito porreiro, ali solitário, sozinho. E nisto deu-lhe a vontade de arrear a calça. Arreou a calça, qual é o espanto? Uma abelha picou-lhe na ponta da picha. O gajo ficou todo atrapalhado, arrumou o material, caminho de casa.

Chegou a casa, todo aflito.

A mulher:

– Ai, homem, então...

E tudo era pôr cubos de gelo, e tal, para ver se arrefecia, para ver se não tinha dores, e tal... Mas a dor aumentava e tinha que ir ao médico. [A mulher] teve que ir com ele ao médico.

E, às tentas, na altura estava a explicar ao doutor o que foi. E então a mulher diz assim:

– Ó senhor doutor, faça-me um favor: tire-lhe a dor, mas não lhe tire o inchaço. (risos)

.....  
**Informante:** António, 70 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.10.2024.  
.....

## 159 | A MORTE PELADA

ATU 1354

Havia uma vez uma mulher que andava sempre assim:

– Ai, que a Morte me visse! Ai, que a Morte me levasse!

Bem, quando chegou a altura, o marido fartou-se de ouvir aquela lengalenga, pensou assim: “Espera aí, tu vais ver a Morte!”

Bem, agarrou num galo, depenou o galo. E o galo, agora despido, pôs-se aos saltos no meio da casa. O homem meteu-se debaixo da albarda e ela escondeu-se noutra lado. Mas a “Morte” foi ter com ela.

Às tantas, ela, quando viu a “Morte”:

– Ai, Morte Pelada, Morte Pelada, vai ao meu homem que está debaixo da albarda!

Já não quis que a Morte a levasse a ela, já não queria a morte.

(As pessoas só querem a morte quando não a veem. Aquela, quando a viu, ela já não quis mais morte: “Vai ao meu homem que está debaixo da albarda”. E pronto. Já viu?)

---

**Informante:** Leonor Zagalo, 79 anos

Recolha feita na freguesia de Pedrógão de São Pedro por Rosa Gonçalves em dezembro 2023.

---

## 160 | OS VERSOS NA SEPULTURA DO MARIDO

ATU 1354A\*

Uma mulher enviuvou. E depois, tornou-se a casar. Tornou-se a casar e disse para quem casou:

– Ai, eu gostava de pôr uma pedra, assim com um escrito ao meu [defunto] marido, assim com um verso. Não sei o que é que lhe hei de pôr.

E diz o homem dela:

– Ai, põe aquilo que tu quiseres!

E então escreveu:

*João Carrapatão:*

*Cagavas-te muito e eras pouco fodilhão.*

*Mas agora casei com um de Braga,*

*Que fode muito e não se caga.*

---

**Informante:** Maria da Ascensão Esteves Marcos, 86 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 9.9.2024

---

## 161 | O MARIDO ESCONDIDO DEBAIXO DA CAMA

ATU 1355

[O marido] fez ver que foi lá para fora. E ela [a mulher dele] andava metida com um [amante]. E ele fez ver que ia lá para fora e meteu-se debaixo da cama. E ele [o amante] bateu à porta (e ele tinha as barbas muito grandes). E depois, ele bateu à porta e ela disse-lhe assim:

– Entra.

E ele entrou. E depois, quando eles lá estavam no bem-bom, não é, ele [o marido] vai de repente e diz assim:

*– Eh, lá, que lindo laço,*

*Lindo lançaralho...*

*Agarrei um pelas barbas*

*E outro pela ponta do... [c\*ralho]<sup>42</sup>. (risos)*

---

**Informante:** Maria de Lurdes Ramos Leitão Lourenço, 75 anos.

Recolha feita na freguesia de Águas por Gorete de Brito em 21.9.2024

---

## 162 | A VISITA A LISBOA

ATU 1355B

Eram dois alentejanos e foram visitar Lisboa. Pronto, lá foram. E um prendeu o burro lá a uma “casa”, que era o elétrico. E depois foram dormir para a pensão. E havia um casal, que se tinha casado, que estava na pensão a dormir. E estavam lá a fazer relações sexuais, aquilo estava a correr bem. E diz ela para o marido, toda satisfeita:

– Ai, amor, já estou a ver Lisboa inteira!

Diz o velhote cá de baixo:

– Veja lá se vê lá o *mê* burro preso a uma casa amarela!

---

**Informante:** José Salvado, 60 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Rosa Gonçalves em 22.7.2024.

---

<sup>42</sup> A informante omite o palavrão, deixando a frase em suspenso. Decidimos completar a frase.

## 163 | SÃO CORNÉLIO E OS CORNINHOS DE CERA

ATU 1359

Havia um casal, no Alentejo. E então, foram a uma festa em que o padroeiro daquela terra era o São Cornélio. E então, era o santo que punha os cornos aos homens que os tinham.

E então, vivia lá um casal, a senhora com o peso na consciência. Então o que é que ela fez?

– Ai, homem, vamos amanhã à festa do São Cornélio.

E então, o marido disse:

– Ai, calha bem, que eu quero saber se ele m'os põe na testa ou não.

E então, o homem fez uns corninhos de cera e pô-los na cabeça. E tapou-os com um chapéu.

E então lá foram eles no dia seguinte, prá festa, o homem com o chapéu. Assistiram à missa e ao sermão do São Cornélio.

Quando do regresso a casa assentaram-se por baixo de um chaparro, porque vinham muito cansados. E a mulher disse pró marido:

– Olha, marido, deita aqui a cabeça em cima do meu colo, para estarmos aqui um bocadinho a descansar os dois.

E então, ela tirou-lhe o chapéu e disse:

– Ai, São Cornélio, São Cornélio. Foi só uma vez com o padre da freguesia e puseste-lhe logo os cornos... (risos)

---

**Informante:** Senhora que quis anonimato, n. Bogas de Cima, Fundão.  
Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 12-8-2024.

---

## 164 | O SAPATEIRO, SUA MULHER E O PADRE

ATU 1360C (variante)

Uma mulher andava amigada com um padre:

– Então hoje veio tão tarde?

E o sapateiro também andava desconfiado dela com o padre. E escondeu-se debaixo da cama, com a pedra de bater sola. E ela levanta-se e não sabia que o marido estava lá debaixo da cama, escondido. E disse assim:

– Então, senhor padre, hoje veio tão cedo?

– Estive a medir o milho para os criados irem a semear.

E ela levanta as saias e disse assim:

– Que as *melenas*<sup>43</sup> do milho sejam como estas.

---

<sup>43</sup> Cabelos desgrenhados ou volumosos (pelos púbicos comparados com as "barbas" do milho).

E ele deitou a *minhoca* de fora e disse assim:

– E as massarocas sejam como esta.

E o sapateiro, que estava debaixo da cama, manda-lhe com a pedra à testa do padre.

E diz assim:

– Os grãos do milho sejam como este. (risos)

---

**Informante:** Lurdes Torrão, 78 anos.

Recolha feita na freguesia de Pedrógão de São Pedro por Rosa Gonçalves em 7.8.2024.

---

## 165 | O FILHO QUE MAMOU NUMA CABRA PRETA

Noia 1362\*C

Veio um [homem] de Angola e a mulher teve lá uma criança. E depois, diz ele:

– Ó pai, já cá tenho um filho, já [me] nasceu um filho. Agora, a minha mulher não dá leite, tive que comprar uma cabra. Tive que comprar uma cabra para o criar.

Chega cá, o garoto era preto. Diz-lhe assim o pai:

– Então tu [és] branco, a tua mulher é branca, como é que nasceu um filho preto?

– Ai, pai, foi que [o bebé] mamou o leite de uma cabra preta.

– Ah, *corneto*,<sup>44</sup> que me saíste um *corneto*! (risos)

---

**Informante:** Domingos Robalo Salvado, 83 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 21.8.2024.

---

## 166 | O CASAL E OS OVOS

AT 1365D\*

Havia um casal. E davam-se muito bem. Ainda não tinham filhos, eram só os dois. E iam a fritar três ovos. E dizia ela assim ao marido, a mulher disse ao marido:

– Olha, quantos ovos estrelaste?

– Três.

– Então, dois para mim e um para ti.

– Não, não! Dois para mim e um para ti.

– Ah, não! Dois para mim e um para ti.

– Não! Dois para mim e um para ti.

– Então, morro!

---

<sup>44</sup> Variante de "cornudo".



– Então, morre. – diz-lhe a mulher – Se queres morrer, morre!

Então, o homem fez-se morto. E a mulher clamava:

– Ai, marido! Ai, marido!

– Dás-me os dois?

– Não.

– Então, deixa-me ficar morto.

Veio o padre – iam pelo caminho – e ela gritava:

– Marido, olha que tu já vais, olha...

– Dás-me os dois?

– Não.

– Então, deixa-me ir. (risos)

Então, chegaram ao cemitério. E ela começava:

– Ai, que já se enterra! Olha que já se enterra! – naquela aclamação de antigamente.

E dizia-lhe [ele] assim devagarinho:

– Dás-me os dois?

– Dou.

E ele levanta-se, a correr:

– Hei de comer dois! Hei de comer dois!

Vinha lá um coxo. E o coxo, coitadinho, não acompanhava toda a gente a fugir. Porque o “morto” se levantou... E ele, o morto, dizia: “Hei de comer dois! Hei de comer dois!”

E o coxo dizia assim:

– Ai de mim e de outro! Ai de mim e de outro! (risos)

---

**Informante:** Maria do Céu Fonseca Romão, 91 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 15-6-2024.

---

## 167 | MARÇO MARÇAGÃO

ATU 1370B\*

Era um casal e o homem às vezes ia para qualquer lado e dizia à mulher:

– Olha, anda comigo.

– Ai, não posso! Não posso porque tenho que ir tratar das teias.

Pronto, passou.

Tornava outro dia e nunca podia ir.

Até que um dia o homem foi espreitar. O homem foi espreitar e viu a *enxalma*<sup>45</sup> do burro estendida e ela com o regador a regar. Ele não se deixou ver, ela não o viu. Veio para

---

<sup>45</sup> Nota da informante: A enxalma ou alxama, era uma coisa que eles enchiam com palha e que punham em cima da albarda para se montarem no burro, que era aquilo que ela andava a regar para corar. Era a enxalma do burro.

casa e pensou como havia de fazer. Então, disfarçou-se e foi lá. Foi lá, lá estava ela a regar a *enxalma* do burro. E ele levava um pau, uma vara, e depois dizia:

– Março Marçagão, cora teias e meadas, *enxalmas* de burro não.

E vai uma varada no lombo. Tornava outra vez:

– Março Marçagão, cora teias e meadas, *enxalmas* de burro não.

Mais outra.

– Ai, senhor Março, ai senhor Março! Perdoe-me que eu, para o ano, faço tudo. Ai, senhor

Março, tenha dó de mim!

E ela, tanto *coiso* que até que ele veio embora. O homem nem se descoseu.

Ao outro ano, o senhor Março foi lá, mas ela tinha lá as teias a corar e tudo feitinho. Já lá não estava a *enxalma* do burro.

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 89 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 10.11.2024.

---

## 168 | A GUARDADORA DE DOMINGOS E DIAS DE FESTA

ATU 1370C\*

Era um casal e ele convidava a mulher para ir trabalhar, ir regar a horta ou ir fazer outra coisa. E a mulher nunca tinha vagar. Ela dizia que:

– Ai, não, homem. Hoje é dia santo, não posso ir.

Ele tornava outra vez, dizia-lhe outra coisa:

– Ai, hoje é domingo! Ai, não, não posso ir.

– Olha, vamos hoje?

– Ai, não, hoje é dia do santo popular.

Nunca ia.

Ela morreu e não tinha roupa nenhuma para vestir, porque ela não fazia nada.

Ora, quando o pranto que ele fazia, lá ao pé dela, era:

– Ai, minha guardadora de domingos e dias de festas,

Agora vai-se-te a ver o cú por entre as giestas... (risos)

(As giestas não o tapavam...)

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 89 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 10.11.2024.

---

## 169 | O CASAL QUE NÃO TRABALHAVA

ATU 1370C\*

Havia um casal que era pobre e que pouco trabalhava... ou nada. As poucas coisas que tinham, que levaram de enxoval, foram-se gastando ao tempo dos anos. E a mulher dizia-lhe:

– Ó homem, temos que trabalhar.

E ele dizia:

– Hoje não, que é domingo.

Vinha o outro dia, dizia:

– Hoje não, que é dia santo.

Outro dia, vinha:

– Hoje não, que é dia de festa.

Os anos passaram, já não tinham roupa, já não tinham nada. Só tinham, praticamente, o que eles cultivavam para comer. A mulher pôs-se doente, não tinha dinheiro para ir ao médico. Ela acabou por morrer. O pobre homem (antigamente punham as pessoas em casa, para velar) deitou-a no meio da casa, porque não tinha mais nada. E pôs-se a olhar para ela e diz:

– Então e agora vais assim?

Foi ao meio do campo, cortou um molho de giestas e pôs em cima da mulher para a tapar.

Pôs-se ao fundo dos pés dela para rezar, e depois, a oração que ele rezava era assim:

*– Ai, mulher, guardamos domingos, dias santos e dias de festas.*

*E agora vejo-te o cu a reluzir pelo meio das giestas.*

.....  
**Informante:** Maria Celeste Borrego Salvado Correia, 57 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 1.08.2024  
.....

## 170 | A MULHER E O SONO

Car-Co 1379\*B

Antigamente os velhotes eram muito desconfiados, pois estavam sempre a desconfiar que as mulheres que os traíam. Havia uma senhora que estava sentada à porta, a remendar, a coser a roupita. E começava com o sono e dizia assim para o sono:

– Já lá vens? Já me deu a gana, queres aqui ou na cama? Eu já me deito aqui antes que me venha a gana.

E o marido passou a espreitá-la e a guardá-la a pensar que ela que tinha algum amante.

No dia seguinte ela fazia o mesmo. Estava com o sono, dizia assim para o sono:

– Já lá vens?

*Queres aqui ou na cama?*

*É já aqui antes que me vá a gana!*

E deitava-se a dormir.

Aí é que o marido descobriu que afinal era o sono, não era amante nenhum que ela tinha.

.....  
**Informante:** Manuela Salvado, 58 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Rosa Gonçalves em 22.7.2024.  
.....

## 171 | QUERES AQUI OU QUERES NA CAMA?

Car-Co 1379\*B

Havia uma velha que ficou viúva. E quando chegou o inverno, ela estava lá sentada ao lume, e dizia assim (p'ra ela sozinha):

– Ó meu bom amigo, queres aqui ou queres na cama?

E as pessoas na rua, que toda a gente ia para a rua, ouviam, ouviam aquilo.

Chegava outra noite:

– Ó meu bom amigo, queres aqui ou queres na cama?

[E diziam os de fora]:

– Ai, a velha mete lá alguém em casa, mete lá algum [amante].

Tornava a outra noite:

– Ó meu bom amigo, queres aqui ou queres na cama?

Diziam as pessoas da rua:

– Temos que ir a ver quem é que ela lá mete na casa, na cama.

Até que perguntaram [à velha]:

– Então, mas quem é que...

– Ai, é o sono. Ele vem e eu pergunto-lhe se quer aqui ou se quer na cama... (risos)

.....  
**Informante:** Maria José Robalo Ferreira Santiago, 56 anos.

Recolha feita na freguesia de Salvador por Gorete de Brito em 19.10.2024.  
.....

## 172 | A MULHER QUE QUERIA QUE O MARIDO FICASSE CEGO

ATU 1380

Havia um [homem] que a mulher andava com o padre. E ele, uma vez, o que é que fez? Meteu-se lá atrás de um altar (sabia que a mulher ia à igreja, e tal...) e fez ver que era Deus.

Ela estava a rezar. (O homem estava a ficar ceguinho.)

E o homem diz-lhe assim:

– Olha, se queres que o teu homem fique cego, dá-lhe trigo, queijo e vinho. E chouriço.

(Era só coisinhas boas.) Ele vai ficar cego mais depressa.

O homem, em casa, diz assim:

– Ai, eu já não vejo a quase nada! Já não vejo quase nada! Estou quase ceguinho.

E ela, então, mais coisinhas boas lhe dava.

– Ai, mulher, andas assim a tratar-me tão bem...

– Ai, homem, então estás quase ceguinho... temos de te tratar...

– Está bem.

Um belo dia, estava lá o padre, e diz assim [o homem] para o filho:

– Ó filho, antes que eu acabe de ficar cego... já não vejo a quase nada, mas, contudo... vai lá buscar a espingarda. Tenho que te ensinar como é que se caça.

O filho foi buscar a espingarda. Disse ele:

– Olha,

*À perdiz, no ar,*

*À lebre, na carreira,*

*Aos tomates do padre,*

*Por baixo da cadeira.*

Pumba! (risos)

.....  
**Informante:** Florinda de Jesus Esteves, 84 anos, n. Quadrazais (c. Sabugal).  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 4.8.2024.

## 173 | A MULHER QUE DEU CINCO CONTOS AO MARIDO

Noia 1380\*B

Ele [o marido] queria “fandango”. Ela não quis, diz assim:

– Toma lá este dinheiro e vai-te embora.

[Ele] agarrou no dinheiro e foi-se embora.

Quando [ele] chegou, [a mulher] disse assim:

– Então, a quem é que deste o dinheiro?

– À comadre!

– Não tinhas nada que dar à comadre. Porque o compadre, quando cá vem, também não me dá nada. (risos)

.....  
**Informante:** Maria da Ascensão Esteves Marcos, 86 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 9.9.2024

## 174 | O “PASSARINHO” FALADOR

ATU 1391

Havia um negociante que tinha um casal a trabalhar para eles. E como ele saía muitas vezes para fora, a negociar, o patrão disse para o empregado:

– Temos que sair para ir a fazer compras.

Ao meio do caminho, começou a coçar a cabeça, a coçar a cabeça, a coçar a cabeça...

E dizia:

– Temos que voltar para trás que eu estou cheio de piolhos. (risos)

A mulher, lá em casa, disse para a empregada:

– Olhe, os homens foram... Então o que é que nós vamos fazer para o nosso almoço?

– Ah, vamos fazer umas filhósinhas... e com um cafezinho já estamos *comidos*.

– Está bem! Então e o que fazemos para eles?

– Olha, vais ali, apanhas um *samarragação* onde caga e mija o cão.

Lá fez: a empregada foi, fez o que lhe mandou a patroa. E disse-lhe:

– Olhe, já está o comer feito.

– Ah, pois, é que:

*homem da arada come tudo e não deixa nada.*

Nisto chegou o patrão, a coçar a cabeça, e diz assim para ela:

– Ó mulher, vê-me lá que eu estou cheio de piolhos, e tens que me tirar os piolhos.

Ela sentou-se, ele pôs a cabeça no colo dela. E ele começou assim:

– Ai, mulher, o teu *passarinho* está-me a dizer que tens filhoses no forninho.

E ela teve que dizer que sim ao homem, que tinha lá as filhoses no forninho.

Ao fim de ele comer as filhoses e dela lhe ter tirado os piolhos, ela vai ao palheiro, agarra uma faixa<sup>46</sup> de palha, deitou-lhe fogo e pôs-se lá de cima da faixa da palha. E punha-se assim:

.....  
<sup>46</sup> Feixe.

– Anda, boca de zorro! Foste a dizer ao meu marido que eu tinha as filhoses no forno!  
Arde aí boca de zorro!

.....  
**Informante:** Maria Celeste Borrego Salvado Correia, 57 anos  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 1.08.2024  
.....

## 175 | A DOENÇA DO BURRO

AFH 1395

[Um homem] foi ao campo e levou o filho. Levou o filho, um garoto pequenino. E o burro estava com o *cassetete* estendido, queria a burra.

E o garoto diz para o pai:

– Ó pai, olha ali o nosso burro, coitadinho, o que ali tem...

E diz o pai pró filho:

– Deixa lá o burro, coitadinho, que aquilo é uma doença que o nosso burro tem.

– Não o levas ao doutor?

– Levo.

– Está bem.

Ao outro dia, o pai não foi, foi a mãe. Foi a mãe e o burro estava nos mesmos moldes.

E diz o garoto prá mãe:

– Ó mãe, olha ali, o nosso burro tem uma doença.

– Tem uma doença? Tomara eu que o teu pai tivesse aquela doença. (risos)

.....  
**Informante:** Maria da Ascensão Esteves Marcos, 86 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 9.9.2024  
.....

## 176 | O GAROTO E O BURRO “COBRADO”

AFH 1395

Moravam além onde mora [fulana] e vinham aqui prá taberna. Além é que dormiam. E o garoto vinha com o pai. Tinha ali o burro, o burro era inteiro, estava aquilo *espruganhado*.

E diz-lhe assim o garoto pró pai:

– Ó pai, o que é que o nosso burro tem além pendurado debaixo da barriga?

– Ai, filho, é *cobranto!* Foi as tripas que lhe saíram. Vai para casa que tu não vais prá taberna!

*De bem não*, chegou a casa. Vai a mãe, vieram prá taberna. Vira-se assim o garoto pró mãe:

– Ó mãe, o nosso burro está *cobrado!*

– Ai, filho, tomara eu que o teu pai estivesse *cobrado* como está o burro!

.....  
**Informante:** Domingos Robalo Salvado, 83 anos  
Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 3.8.2024.  
.....

## 177 | A SENHORA COM O SEXO ENFARRUSCADO<sup>47</sup>

AFH 1395B

Havia um senhor, um viajante, que andava de povoação em povoação. E então, havia um sítio em que ele permanecia. Quando dava a volta, ia ficar sempre àquele restaurante. E acontece que o gajo vai lá. Quando lá chegou, a senhora do restaurante tinha o quarto onde ele costumava dormir, o quarto onde ficava sempre, tinha dado a uma senhora para lá dormir.

O homem chegou lá e disse:

– A senhora sabe que este quarto é meu quando cá venho... então e agora?

– Ah, se o senhor for de confiança pode ir lá dormir no quarto. Tem duas camas... e [se] a senhora não se importa...

Ela [a dona do restaurante] foi falar com a senhora. [E a hóspede] disse:

– Não, se o senhor é de confiança, eu não me importo que ele cá durma no quarto. Eu numa cama e ele noutra, não é?

Assim foi. Disse o gajo:

– Eu vou ao cinema. Quando vier, depois é que vou prá cama.

Bom, quando veio, a senhora estava deitada na cama. Ele abriu a porta, despiu-se e tal... e ela estava muito bem satisfeita. Fazia que estava a dormir, mas com o olhinho a *pau*<sup>48</sup>, para ver o resultado. Ele foi, deitou-se, e não quis saber da gaja.

(Antigamente não havia eletricidade nos quartos. Era um candeeiro desses com uma chaminé, a petróleo, e tal...) E então, ela viu que [ele] não fez caso, o que é que faz? Alevanta-se da cama, e vai ao candeeiro (que ganha por dentro *farrusco*, na chaminé de vidro). E ela vai ao candeeiro, esfrega as mãos todas, enfarrusca as mãos todas com cinza. E ele estava acordado também, começa a olhar para ela, a ver o que ela fazia. E ela vai, alevanta a roupa para cima e começa a esfregar o *pató*, com a mão. E a ele despertou-lhe a atenção. E diz-lhe ele assim:

– Então, o que é que a senhora está a fazer?

– Ah, estou a fazer bem; estou a por a c\*na de luto que está aqui um c\*ralho morto. (risos)

.....  
**Informante:** Alfredo Ferreira, 85 anos, n. Vila Longa (c. Satão).  
Recolha feita na freguesia de Salvador por Gorete de Brito em 19.10.2024.  
.....

47 Enegrecido com fuligem.

48 Atento.

## 178 | O FUMADOR

AFH 1396A

Havia um casal que tinha uma filha. E o pai detestava os cigarros, não gostava de quem fumava. A filha, se falasse com alguém... com algum homem que estivesse a fumar (porque nessa altura as mulheres não fumavam, não é?). E então, hum, não senhor...

[A filha tinha um namorado.] Eles gostavam um do outro. Ele fumava, mas à frente dele [do pai dela] não. Nem que lhe pudesse contar.

De maneira que casaram. Ele, assim que se apanhou casado, coitado... não o deixavam fumar, também não fazia mais nada. A filha triste, triste, triste...

Diz-lhe a mãe:

– Ó minha filha, tu o que tens? Não te vejo alegre do casamento.

– Ó mãe, o casamento nunca se consumou. Que ele anda muito triste...

– Ai, compra-lhe esta camisa, olha tão linda, pode ser que ele...

Comprou-lhe a camisa, nada. Comprou-lhe outra coisa, também nada.

Diz assim [a mãe]:

– Compra-lhe um maço de cigarros.

E ela foi:

– Olha, trouxe-te estes cigarros.

Fumou um cigarro – minha filha – aquilo foi uma noitada... se faz favor!

O pai que chega e vê o genro a fumar:

– Ó seu bandido! Então você disse-me que não fumava e está a fumar?

Diz-lhe a mulher:

– Cala-te, cala-te! Que até tu havias de fumar! (risos)

---

**Informante:** Mulher de 87 anos.

Recolha feita na freguesia da Meimoa por Gorete de Brito e Maria João Cabanas em 10.7.2024

---

## 179 | O CORNO À PORTA

ATU 1419H

Era uma vez uma mulher que tinha um amante. Depois punha um corno à porta.

Um dia, esqueceu-se de tirar o corno da porta. O amante bateu à porta. E ela ouviu e disse ao marido:

– Olha, as almas do outro mundo! Eu vou rezar uma oração para que elas abalem.

*Ó Divino Espírito Santo,*

*Venho da Torre de Moncorvo.*

*O meu marido veio às quatro,*

*E eu não tirei o corno. (risos)*

---

**Informante:** Vitorina Gil Gomes, 80 anos.

Recolha feita nas Quintas do Anascer - anexa da freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 5.10.2024

---

## 180 | BOCAGE E A “HISTÓRIA DA LEBRE”

ATU 1420G

Uma vez o Bocage foi à caça. Foi à caça e apanhou uma lebre. Apanhou uma lebre, pôs a lebre às costas e foi a apregoar pela aldeia:

– Vende-se! Vende-se! Vende-se!

Bem, e lá conseguiu: apareceu a Rainha e diz:

– Ó Bocage, quanto é que queres pela lebre?

– Oh, eu vendo-te a lebre. Por uma *barrigada*, vendo-te a lebre. Mas com uma condição: quando te perguntarem pela lebre tu dizes que “a história da lebre já se cá sabe”.

– Bom, está bem.

Ele lá fez o “trabalho” com a Rainha, agarrou na lebre e levou-a outra vez embora. Não na deixou lá. Entretanto, encontra o marido da senhora, que era o Rei, que diz:

– Ó Bocage, queres vender a lebre?

– Vendo, sim senhor!

Bom, lá vendeu a lebre ao marido, pôs-lhe a mesma condição:

– Você tem de dizer que “a história da lebre já se cá sabe”.

A mulher foi-lhe a procurar de onde vinha a lebre e ele diz:

– Ah, olha que a história da lebre já se cá sabe.

Ora, o marido descobriu que a mulher lhe tinha posto os cornos por causa do negócio da lebre.

---

**Informante:** José Salvado, 60 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Rosa Gonçalves em 22.7.2024.

---

## 181 | O MENINO QUE IA NASCER SEM ORELHAS

ATU 1424

Uma rapariga casou-se. Era muito simples, a rapariga. Casou, mas o rapaz já estava fora da terra. O rapaz casou e abalou. O padre encontrou a rapariga, diz assim:

– Ó menina, então, o teu marido já abalou?

– Já.

– Olha, agora que ficaste grávida, mas o menino não está acabado de fazer. Vai nascer sem orelhas. Se quiseres, eu vou lá fazer as orelhas ao menino! (risos)

A rapariga aceitou, o menino não podia nascer sem orelhas.

Quando nasceu o menino... o rapaz, claro, todo contente com o menino.

– Ai, olha que o menino não é só nosso, também é do senhor padre. (risos)

Ela lá contou ao homem o que passava.

O senhor padre tinha gado. O rapaz o que é que fez? Foi lá, cortou o beijo aos borreguinhas.

O padre na igreja diz assim:

– Queridos irmãos, há gente muito má nesta terra! Esta noite foram ao meu bardo, cortaram o beijo aos borreguinhas.

E o rapaz respondeu de cá de baixo:

– Ó senhor padre! Sabe fazer orelhas a meninos, faça também beijos a borreguinhas! (risos)

---

**Informante:** Florinda de Jesus Esteves, 84 anos, n. Quadrazais (c. Sabugal).

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 4.8.2024.

---

## 182 | O PADRE, O ESPANHOL E A MULHER

Boggs \*1424

Um homem vai para casa e diz assim [à esposa]:

– *Mi mujer, el pueblo está todo reñindo señor cura. Oh, y se marcha.*

– *Yo, si pudiera andar (ela era coxa); si yo pudiera andar, también le reña.*

E o homem, propôs levá-la às costas.

Quando lá chegou, diz-lhe assim [a mulher ao padre]:

– *Señor padre cura, culatrato.*

*Padre de mis hijos todos quatro.*

*Comedor de mis chorizos,*

*Bebedor de mis vinos,*

*Rompedor de mis sábanas...*

E o homem diz-lhe assim:

– Calla-te, calla-te, mujer! El hombre está todo envergonzado. (risos)

---

**Informante:** Florinda de Jesus Esteves, 84 anos, n. Quadrazais (c. Sabugal).

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 4.8.2024.

---

## 183 | O PINTAINHO

ATU 1430

Consta que a dois irmãos, rapaz e rapariga, lhes foi oferecido (por uma pessoa amiga ou um familiar) um pintainho, que por acaso era fêmea, pequenito. E jus à imaginação deles! Diz assim:

– Ó mana, o pintainho vai ser uma galinha, vai por muitos ovos. E quando puser os ovos a gente pode vender os ovos. E com o dinheiro dos ovos comprar um borrego.

– Ah, isso é porreiro... e tal...

– O borrego vai crescer e depois, na Páscoa, quando matarem o borrego, isto vai dar um ensopado...

– Ensopado? Mas olha, a primeira a molhar a sopa [de pão] no molho sou eu!

(Ora, não tinham ainda ovos, a galinha não tinha crescido, o borrego não estava comprado... já se discutia quem molhava primeiro a sopa no molho do ensopado!)

---

**Informante:** António Luís dos Santos Sousa, 61 anos. Vive em Azeitão.

Recolha feita na freguesia da Bemposta por Gorete de Brito em 4.10.2024

---

## 184 | O PADRE E A HONRA DA BURRA

ATU 1440

Era um padre. E havia aquelas meninas que andavam sempre na igreja, não é? E então, também andou a meter-se lá com a menina.

E o [pai dela] disse:

– Olha, deixa-te estar. Quando [o padre] te disser que quer dormir contigo, diz-lhe que sim, que tu queres ir dormir com ele.

[E diz a menina ao padre]:

– Então, quando é que lá quer ir?

– Olha, amanhã.

O pai tinha uma *mulequinha*, uma burrinha. E disse [à menina]:

– Agora, vais lá pôr a mulinha. – a *muleca* que tinha nascido há pouco.



E então, o padre [estava já no quarto]... quando ele disse assim:

– Ó Rosinha, estás boa? Anda cá Rosinha...

E a macha, a *mulequinha* dava coicinhos...

– Olha, a das tamanquinhas... amanhã compro-te uns sapatinhos.

Quando [ele] viu que era a macha.

Depois ao outro dia, na igreja, ele disse:

– Os pais da Rosinha que venham cá para me pagarem [a *côngrua*<sup>49</sup>]. (...)

E o senhor diz lá de fora [da igreja]:

– Sim senhor, eu pago a *côngrua* quando o senhor pagar a honra da minha burra. (risos)

.....  
**Informante:** Maria do Céu Fonseca Romão, 91 anos

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 4.9.2024.  
.....

## 185 | A PRAGA DA CIGANA

Car-Co \*1442 (variante A)

Uma vez, uma cigana foi a pedir esmola a uma casa. E estava lá só a filha... A mãe tinha ido aviar a vida dela e deixou lá a pequena. E a cigana, o que queria é que a garota lhe desse esmola.

– Ai, eu não dou! Eu não sei o que hei de dar, eu não dou. Não está cá a minha mãe, não dou, não dou.

– Hei de te rogar uma praga! Hei de te rogar uma praga! Não dás nada, hei de te rogar uma praga! – E a garota ficou a pensar. – Há de te nascer uma rata ao cimo das pernas, preta! (risos)

A garota começou num choro. Quando a mãe veio, estava a chorar:

– Então o que é que tu tens, que estás a chorar, filha?

– Ah, veio aí uma cigana que queria esmola, mãe. Eu não lhe dei nada e ela agora rogou-me uma praga.

– Que praga é que te rogou? A gente não faz caso nenhum das pragas. Que a mim, uma vez, também me rogaram. Então o que é que te disseram?

– Ai, disse que me havia de nascer uma rata preta ao cimo das pernas.

– Isso não é mal nenhum, filha. Cala-te lá com isso. – Mas a garota tinha medo. – Anda cá que eu te mostro que o que ela te rogou, eu tenho.

Lá foi olhar:

– Ah, mãe, mas tem uma boca tão grande! (risos)

.....  
**Informante:** Maria da Conceição Andrade, 89 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 27.01.2024.  
.....

49 Dever moral e religioso do crente católico de contribuir financeiramente para a digna sustentação do seu pároco.

## 186 | A RAPARIGA NA FÁBRICA DE PINCÉIS

Car-Co \*1442 (variante B)

Era uma menina que a mãe era pobrezinha, tinha muitos filhos. E depois ela, coitadinha, soube de uma fábrica (a mãe era pobrezinha e estava numa fábrica de pincel). E vai diz assim:

– Ó mãe, eu vou a trabalhar para a fábrica dos pincéis.

– Ó filha, vê lá, tu ainda és tão nova!

E ela lá foi. Quando foi uma certa altura, diz para uma colega:

– Não, eu aqui já não posso andar, eu vou-me embora!

– Então porquê, filha?

– Ai, porque eu aqui, já estou a tomar pincel. (risos)

E [a mãe] vai e torna a dizer:

– Não, filha, tu não vais nada. Olha aqui, eu também tenho.

Foi à chefe e diz assim:

– Eu já me vou embora.

– Ai, ó minha filha, então toda a gente cá gosta de ti. Como é que tu te hás de ir embora?

– Vou-me embora, que há um pouco que aqui estou já estou a tomar pincel.

Vai ela, diz assim:

– Ó filha, toda a gente tem aqui. Olha, eu também tenho.

– Não, não! Eu vou-me já embora que eu não quero cá isso. Não quero cá pincel, não quero. Vou-me embora.

– Ó filha, então tens de ir falar com o patrão, que eu não mando.

Foi ao patrão, diz assim:

– Faz favor, eu ao fim da semana já não venho a trabalhar.

– Então, minha linda, porque é que não vens a trabalhar? Toda a gente gosta de ti: é as empregadas, é a chefe... eu também gosto de ti.

– Não, mas é que eu aqui não fico. Eu ando a tomar pincel.

– Toda a gente tem! Olha aqui, queres ver que eu também tenho?

– Oh, o seu até tem cabo e tudo! Eu cá não fico! (risos)

.....  
**Informante:** Isabel Borrega Flores, 80 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 24.2.2024.  
.....

## 187 | O RECEIO DA FILHA

ATU 1450

Estavam na cozinha, a mãe e a filha. E depois, a mãe pendurou uma machada assim num prego, na cozinha. E a filha, daí a bocado, começou a chorar. E a mãe disse-lhe assim:

– Ó filha, então, porque é que estás a chorar?

– Ah, mãe, sabe porquê? Porque a mãe pendurou além a machada. E eu, depois, um dia caso-me e tenho um bebé. Ponho ali o berço e cai-me a machada e mata-me o menino.

E continuava a chorar.

---

**Informante:** Ana Maria Nabais Gonçalves, 78 anos.

Recolha feita na freguesia do Meimão por Gorete de Brito em 12.11.2024

---

## 188 | TODAS FALACAMOS

ATU 1457

Eram três irmãs. Uma andava a namorar, e o pai não queria.

Estavam a cozer favas, e o pai disse-lhes:

– Nenhuma fala. Enquanto eu não vier, ninguém fala.

Bem, a panela começou a ferver, começou a vazar a *iágua*.

Vai uma, diz assim:

– Tira-le o *teto*<sup>50</sup>.

Vai a outra, diz assim:

– Mete a *coler*<sup>51</sup>.

E vai a mais nova, diz assim:

– O pai disse que nenhuma *falacássemos*, todas *falacamos*<sup>52</sup>.

---

**Informante:** Domingos Robalo Salvado, 83 anos

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 21.8.2024.

---

## 189 | A VIAGEM DE BARCO

El-Shamy 1457A§

[Uma menina ia de barco e] diz assim:

– Ai, vamos f\*der, vamos f\*der, vamos f\*der!

---

50 Testo.

51 Colher.

52 Falássemos; falamos.

[Ela] ia com o cão, e o pai disse-lhe que iam de barco, que iam f\*der. [Ou seja que f\*der era andar de barco]

E a filha ia à frente:

– Ai, vamos f\*der, vamos f\*der!

Diz-lhe assim o barqueiro:

– Olhe, menina, a si dá para a f\*der. Agora o cão que o foda o seu pai. (risos)

---

**Informante:** Dulvina Augusta Mugeiro, 92 anos.

Recolha feita na freguesia do Vale da Sr<sup>a</sup> da Póvoa por Gorete de Brito em 27.08.2024.

---

## 190 | A FILHA BRASILEIRA

El-Shamy 1457A§

Havia um casal que foi para o Brasil. Não tinham filhos. Estiveram lá algum tempo e produziram uma filha entre os dois. A filha já era mulher e acontece que queria vir a Portugal, à terra dos seus pais. E diz:

– Papai, queria ir a Portugal, conhecer Portugal. Morro aqui sem conhecer Portugal.

E um dia resolveram vir a Portugal. O pai e a mãe tinham aquela filha já com dezassete anos, uma mulher, e:

– Vamos lá levar a Portugal a nossa filha.

Bem, o que é que acontece? Iam no barco e diz o homem:

– Ó mulher, apetecia-me ter relações contigo!

Diz ela:

– O que é que tu dizes?

– Apetecia-me dar uma foda!

(Ó pá, assim à descarada... e a filha ouviu!)

A filha ouviu e disse com uma grande lata:

– Ó mamã, o que é f\*der?

– Ó filha, f\*der é andar de barco.

Bom, e a rapariga ficou-lhe aquilo na memória.

Vieram para Portugal. E quando chegaram ao cais Condessa de Óbidos, a Lisboa, diz-lhe o pai:

– Vamos dar uma voltinha. A nossa filha agora fica aqui, no cais, e depois vamos dar uma volta. Eu agora vou mais a mamã.

Foram a passear, foram lá à vida deles, lá a dar a queca da desordem.

E então o que é que acontece? Acontece que a rapariga estava ali e aparece ali um indivíduo qualquer:

– Ó senhor, o senhor é barqueiro?

– Sou! O que é que a menina deseja?  
– Ah, eu queria-lhe pedir: quanto é que o senhor nos leva por me f\*der a mim, à minha mamã, ao meu papá [e ao cão]?  
(Ela [a mãe] tinha dito que [f\*der] era andar de barco.)  
E diz [o barqueiro]:  
– Olhe, menina, a si e à sua mamã, fodo-as de graça. Agora o cãozinho que o foda o seu pai.  
Ora toma! (risos)

.....  
**Informante:** Alfredo Ferreira, 85 anos, n. Vila Longa (c. Satão).  
Recolha feita na freguesia de Salvador por Gorete de Brito em 19.10.2024.  
.....

## 191 | O SACRISTÃO E A MOÇA

### ATU 1476A

Numa aldeia, todos os dias havia missa. E o sacristão era muito jeitoso. E havia uma moça que todos os dias ia à missa, todos os dias ia à missa. E ela ficava lá sempre. Saía toda a gente e ela ficava lá. E o sacristão diz assim:

– Mas o que é que ela fica a fazer? Ai, eu tenho que espreitar o que é que ela fica cá a fazer na igreja!

E um dia escondeu-se. Estava Nossa Senhora e estava o Menino Jesus. E ele meteu-se detrás do Menino Jesus. Abalou toda a gente. Ela, quando viu que estava só, começou com os seus pedidos a Nossa Senhora:

– Ai, minha Mãe Santíssima, casai-me com o sacristão! Ai, minha Mãe Santíssima, casai-me com o sacristão!

E o rapaz respondeu lá detrás do Menino Jesus:

– Não casa, não! Não casa, não!

– Não é convosco meu bacharelzinho de m\*rda, é com vossa mãe Maria Santíssima!

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 21.07.2024  
.....

## 192 | A VINGANÇA DE UMA MÃE

### ATU 1476A (variante)

[Uma mulher] tinha o filho doente. E prometeu, não sei se ao Santíssimo Sacramento ou aos santinhos, para curar o filho. E então, o filho morreu. E a senhora, como via que o

filho estava sempre a piorar, para qualquer pessoa que falasse quando lhe perguntavam se o filho estava melhor, disse assim:

– Não me dói. Se o meu filho morre eu vou lá e escavaco os santos todos. Levo uma coisa qualquer que arrebento com aquilo tudo.

E depois foram dizer ao sacristão. E o sacristão tirou os santos todos dos altares, meteu-os na sacristia e fechou a sacristia à chave. E tirou o menino Jesus de Nossa Senhora e pôs no altar-mor.

E a mulher veio, para fazer o que queria fazer, que era escavar as imagens. Olhou para todos os altares e não viu ninguém, não viu nenhum santo. E depois, chegou ali ao altar, começa [a falar] para o Menino Jesus.

Diz assim:

– Olha lá, onde é que está a tua mãe, o teu pai e os teus tios? Vá lá, diz-me lá, que eu tenho que ir ajustar contas com eles.

E então, como o Menino Jesus também não lhe responde, diz assim:

– Ah, meu bedelho de m\*rda (desculpe o termo), se não fosse por seres menor, já te escavacava também! (risos)

.....  
**Informante:** Maria de Lurdes Vieira Moiteiro Messias, 87 anos.  
Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 5.10.2024  
.....

## 193 | O SACRISTÃO ATRÁS DA IMAGEM

### ATU 1476A

Andavam a roubar galinhas ao sacristão. E o sacristão disse assim:

– Bem, eu tenho que saber quem é que me anda a roubar as galinhas.

E foi-se pôr por trás de Nossa Senhora. E houve um senhor que entrou dentro da igreja. E virou-se para Nossa Senhora e disse:

– Ai, Nossa Senhora me perdoe! Mas eu ando a roubar as galinhas ao sacristão.

E o Menino [Jesus], que era o sacristão, respondeu lá de trás:

– Não perdoa, não! Tem que vir a pôr as galinhas.

– Cale-se seu bedelho de m\*rda! Que eu não estou a falar consigo, estou a falar com a Senhora sua mãe.

.....  
**Informante:** Maria Alice Amaral, 58 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 6.08.2024.  
.....

## 194 | ALÉM VEM O MEU NUNCA-O-VI

Car-Co 1479\*-\*A + ATU 1477

[Havia] uma velha que morava no cimo da serra. E tinha lá uma figueira à porta.

Um dia, apareceram-lhe lá uns soldados a comerem-lhe os figos. E a velha começou a ralar com eles. E eles disseram-lhe:

– Olha, a gente volta cá, não fazemos mal. A gente volta cá e depois eu caso consigo.

Houve um que disse: “eu caso consigo.” Então a velha ficou toda contente.

A velha, que aquele dia que viu aqueles olhos a luzir – julgava que eram eles – foi prá rua a dançar e a cantar:

*– Já lá vem o meu Nunca-o-Vi.  
C’as tochas acesas p’ra nos casarmos.*

E a bater as palmas. Só que era um lobo que lá vinha, não eram soldados.

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 15.08.2024.  
.....

## 195 | REBIMBA O ALHO

Noia 1503\*A

Havia uma senhora que tinha uma filha que se casou. Ao outro dia, foi lá e disse:

– Então, filha, como é que te correu a noite do casamento?

– Ai, mãe, correu de “rebimba o alho”.

– Ai, então o que é isso?

– Olhe, você põe-se de cima de uma arca, abre as pernas e o meu pai vai a correr, e *pumba!*

A velhota lá fez isso ao outro dia. Quando lá chegou, a filha disse-lhe:

– Ó mãe, como é que correu a noite do “rebimba o alho”?

– Olha, por causa da tua noite do “rebimba o alho”, o teu pai partiu o [c\*ralho]<sup>53</sup>.

.....  
**Informante:** Maria Celeste Borrego Salvado Correia, 57 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 6.8.2024.  
.....

.....  
53 A informante deixa em suspenso a última palavra, deixando a frase inconclusa.

## 196 | ESTÃO A CASAR VELHAS!

ATU 1511\*

Estava uma velhota mais o neto. E depois, diz assim (tocou um sino):

– Olha lá, o que é aquilo?

– Ó avó, estão a casar velhas!

– Ó, neto, dá-me cá daí a minha bengala.

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.08.2024.  
.....

## 197 | O SEU CU CANTA!

Car-Co \*1524

Havia uma rapariga que se peidava muito. E depois, nunca ia aos bailes por causa disso.

Uma das vizinhas diz-lhe assim:

– Olha, hoje vamos ao baile.

– Eu não posso ir ao baile, porque eu peido-me muito e não parece bem...

– Ai, filha, deixa lá que vamos arranjar uma solução. Metes um figo seco no rabo, já não há problemas nenhuns...

A rapariga lá foi toda contente para o baile.

Andava a dançar mais um senhor. Ora o figo seco caiu. Naquele tempo havia pouco comer. Ele viu o figo seco no chão, agarrou o figo seco e comeu-o.

E ela: *pu, pu, pu!* – quando andava a dançar.

Ele dizia então:

– Ó menina, o seu cu canta!

– Pois não havia de cantar? O senhor comeu-lhe a tampa! (risos)

.....  
**Informante:** Maria Celeste Borrego Salvado Correia, 57 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 1.08.2024.  
.....

## 198 | O NOIVO E O CABRITO

ATU 1525D

Havia um casal de noivos que se iam casar. E houve uns amigos que lhe ofereciam um cabrito. Mas herdou (tu também sabes...). E então, o noivo resolveu... era um monte, era

preciso atravessar o monte, porque aquilo devia de ser numa quinta, sei lá... Eles tinham de passar um monte.

Mas havia dois ou três rapazes que eram contra o noivo, que era para lhe fazerem pirraça. Tinham que lhe fazer qualquer coisa porque ele ia-se casar. Era a despedida de solteiro.

E então, lá vai o noivo, ia à beira do cabrito. Entretanto, quando já vinha com o cabritinho, ouviu:

– Heeeeé!

Ele disse:

– Acho que está para ali outro a berrar.

*Apoisou* o dele e foi ver do cabrito. (Não era nenhum cabrito que lá estava).

Então, vieram [os outros] por trás, levaram-lhe o cabritinho. E lá ficou o pobre rapaz.

Voltou atrás a buscar outro. Quando vinha outra vez, tornou a ouvir:

– Heeeeé!

E faziam assim, já às cornadas um ao outro. O que lhe tinham levado e...

– Ai, agora já são os dois. E andam perdidos, já se bulham.

E tornavam ao pobre noivo. Eram eles que o roubavam, roubavam-lhe sempre o cabrito.

Acabou o rapazinho sem vir a buscar nada. Eles iam e tiravam-lhe, roubavam-lhe os cabritos (cabritos ou borregos). E já não levava o cabrito para casa.

---

**Informante:** Maria do Céu Fonseca Romão, 90 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 15-6-2024.

---

## 199 | OS LADRÕES E O CORDEIRO

ATU 1525D

Há um senhor que foi a uma aldeia comprar um cordeiro, já de noite. Então, pegou nele às costas. Os ladrões viram-no, e o que é que eles fizeram para roubar o cordeiro? Um tirou uma bota nova e foi levá-la à frente do caminho. E deixou aí a bota. E o senhor, com o cordeiro às costas, viu a bota:

– Ah, não presta, isto é só uma. Se fossem as duas eu ia já levá-las, assim, não!

E continuou com o cordeiro. Foi andando, foi andando... chegou mais à frente, viu a outra bota, e largou o cordeiro:

– Oh, está aqui a outra. Eu vou a buscar aquela [lá atrás].

Enquanto foi buscar a outra, eles chegaram, agarraram o cordeiro e puseram-se a mexer. E levaram o cordeiro e a bota.

---

**Informante:** Lourenço Augusto Marcos, 72 anos. Natural de Urrós, Mogadouro.

Recolha feita na freguesia de Aldeia do Bispo por Gorete de Brito em 14.9.2024

---

## 200 | O BOCAGE, O POLÍCIA E O PASSARINHO

ATU 1528

O Bocage foi a passear para as ruas da cidade. A certa altura, deu-lhe a vontade de ir à retrete. Como não tinha hipótese de ir, baixou-se num passeio. Baixou-se num passeio e fez o “serviço”. Quando se levantou, viu que vinha um polícia na direção dele. Tirou o chapéu da cabeça e tapou o monte [de m\*rda]. Quando o polícia chegou ali ao pé dele, o que é que o Bocage faz? Diz assim ao polícia:

– Ó senhor polícia, apanhei aqui um passarinho e tenho-o debaixo do chapéu. O senhor espera aqui um bocadinho enquanto eu vou buscar uma gaiola.

O Bocage foi-se embora a buscar a gaiola. E o polícia ficou a guardar o passarinho.

Como o Bocage nunca mais chegava, o polícia levanta um bocadinho o chapéu, para ver o passarinho. Quando levanta o chapéu, viu que tinha lá um monte de m\*rda. Não tinha lá nenhum passarinho.

---

**Informante:** Maria Alice Domingues Alvito Frade de Brito, 74 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 18.9.2023.

---

## 201 | O QUE DAVA SETE

Car-Co 1539\*B

Era uma senhora. E apostou com o criado que dava sete de uma vez. E a última foi chocha. Deu seis e a última foi chocha. E a mulher que lhe disse:

– Ah, não, não ganhastes. Não ganhastes, perdeste a aposta.

– Não, eu vou falar com o patrão, ver o que ele diz.

– Ai de ti, ai de ti!

– Ó minha senhora, calma!

Chegou ao pé do patrão e que lhe disse:

– Ó senhor doutor, escute lá uma coisa. Eu fiz uma aposta com a senhora, que de uma pedrada deitava sete nozes abaixo. Deitei seis e uma era chocha. O que é que o senhor acha?

– Era noz à mesma, ganhou!

(Era noz, pois claro, era noz.) [risos]

---

**Informante:** Dulvina Augusta Mugeiro, 92 anos.

Recolha feita na freguesia do Vale da Srª da Póvoa por Gorete de Brito em 27.08.2024.

---

## 202 | AS CHOURIÇAS PARA O VERÃO

ATU 1541

Certa mulher, que era um pouco atrasada, só fazia o que o homem mandava. Tendo matado o porco e feito o enchido das chouriças, diz-lhe o homem:

– Mete as chouriças numa panela e, se alguém te pedir alguma, diz-lhe que são para o verão. A mulher, obediente, assim fez.

Passando um homem lá por essas bandas, de mangas arregaçadas e casaco pelas costas, perguntou à mulher se não tinha por lá uma chouriça para lhe dar. A pobre, na sua ingenuidade, disse-lhe:

– Tenho, mas são para o Verão.

O homem, como era esperto, voltou lá e disse-lhe que de chamava Verão. E a pobre deu-lhe a panela das chouriças. O homem, todo contente, pegou na panela e sumiu-se no meio do arvoredado.

Quando o seu homem chegou a casa, a mulher diz-lhe:

– Olha, homem, já cá estive o senhor Verão. E eu dei-lhe as chouriças.

O homem deita as mãos à cabeça e pergunta à mulher:

– Por onde foi?

E vai atrás dele para o encontrar.

Quando chega a casa, diz à mulher:

– Então tu não sabes que não existe ninguém chamado Verão?

.....  
**Informante:** Mulher idosa

Recolha feita na freguesia da Meimoa por Gorete de Brito em 2003.  
.....

## 203 | O CRIADO PEDRO

Car-Co 1541\*B + ATU 1545

Era um empregado que andava à procura de trabalho.

E foi um caseiro, disse:

– Como é que te chamam?

– Chamo-me Pedro.

– Não, para Pedros não tenho trabalho.

Vinha o outro pedir trabalho também. Diz:

– Então como é que te chamam?

– Ai, sou Pedro.

– Para Pedros eu não tenho trabalho.

Continuou, até que o *gaijo* lá lhe disse:

– Então, pronto, podes ficar.

Diz o *gaijo*:

– Já que me aceitou, tenho três condições a impor ao patrão<sup>54</sup>.

– Ah, está bem, pronto.

E lá foram.

E o patrão tinha uma filha, que o pastor<sup>55</sup> queria-a comer.

E o pai procurou-lhe:

– Então como é que tu te chamam?

– Ah, eu sou o C\*ralho.

A mãe procurou-lhe:

– E como é que tu te chamam?

– Ah, eu sou o Pentelho.

Andava lá o pastor mais velho, já velhote:

– Então como é que tu te chamam?

– Ah, eu sou o Foda-se.

Pronto, e aquilo começou e um dia puseram favas para a noite. E a filha comeu muitas favas. O pastor apertou-a e a mãe começou a berrar:

– Ó homem, anda cá depressa que a nossa filha tem ali o Pentelho entre as pernas.

– Então o que é que queres que ela lá tenha? Tem de lá ter isso.

Vai o marido, disse:

– Ah, então és tu, C\*ralho!

Vai o outro a fugir, e passou pelo criado velho que estava à porta:

– Então tu viste passar aqui o C\*ralho?

– Não, eu vi passar foi o Foda-se! (risos)

.....  
**Informante:** José Salvado, 60 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Rosa Gonçalves em 22.7.2024.  
.....

## 204 | SEGURA-A BEM!

ATU 1542\*\*

Era um casal. O homem morreu, ficou a mãe. E então, a mãe tinha um rapaz e uma rapariga. E a rapariga era assim um bocadinho... atrasada, não é? Assim... tinha qualquer coisita. E então a mãe, um dia, diz-lhe assim:

.....  
<sup>54</sup> O personagem não diz quais são estas três condições.

<sup>55</sup> Só neste momento da história é que sabemos que o patrão queria contratar um pastor.



- Olha, filha, só te vou a pedir uma coisa.
- O que é, mãe?
- Quando eu morrer, segura-a bem! Segura-a bem!<sup>56</sup> (risos)

E diz assim [a rapariga]:

- Ó mãe, mas o que é que quer dizer com isso?
- Só te digo, filha: quando eu morrer, segura-a bem! (risos)
- Tá bem.

A mãe morreu. E ela, coitadinha, desde que a mãe morreu andava sempre a segurar, não é? A segurar. (risos) Segurava, segurava...

Um dia, o padre passou e diz-lhe assim:

- Ouve lá, rapariga! O que é que tu tens para andares sempre assim com a mão a segurar?
- A minha mãe, coitadinha, antes de falecer ela disse-me: “Quando eu morrer, filha, segura-a bem!” E eu ando a segurá-la, para não cair. (risos)
- Mas anda lá, filha! Logo à noite, vais ter comigo à sacristia, que eu vou-te dar lá um pontinho bem dado que ela já não cai. (risos)

Ela lá foi prá sacristia, não é? Como se demorava, o irmão andava a ver dela. E houve um homem que lhe disse assim:

- Olha que a tua irmã foi prá sacristia com o padre.
- Ai foi? Tá bem, vou indo.

Ele deu-lhe o “pontinho”. E depois ela diz-lhe assim:

- Senhor padre, é só mais um! (risos) Só mais um, senhor padre! (risos)

E o padre disse:

- É só mais um.

Deu-lhe o segundo “ponto”. Quando foi ao terceiro “ponto”, o irmão já estava a espreitar pelo buraco da fechadura. E estava a ouvir a conversa. E diz ela:

- Ó senhor padre, é só mais um, para ficar bem segura. Só mais um!
- Ó rapariga, já não posso, já não tenho linha! (risos)

E o irmão, que ouviu, diz assim:

- É mentira irmã! Que o padre ainda tem lá dois carros cheios. (risos)

---

**Informante:** Olívia Romão Esteves, 76 anos.

Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 15.8.2024.

---

---

<sup>56</sup> Trata-se de “segurar a honra.”

## 205 | O HOMEM COM DUAS “PONTINHAS”

ATU 1543\*

Havia outra que disse que só casava com um homem que tivesse duas “pontinhas”. Casaram-se, ele só tinha uma. E disse:

- Agora como é que eu me vou desenrascar?

O gajo levou-a para o pé de um cemitério, assim pó campo. Deu-lhe vontade de urinar e disse para ela:

- Tenho que ir urinar.

E meteu-se lá numa parede, mas não havia meio de vir.

Diz-lhe ela:

- Anda embora, raio!
- Ainda não acabei de urinar.
- Então espero tanto tempo, e tal. Anda embora!
- Agora abalou-me uma “pontinha” aqui pela buraca da parede...

A gaja chega ali ao pé dele, joga-lhe assim o braço:

- Tira-te daí!

Vai ela, levanta a saia e diz:

- Então “pontinha”, sai da buraquinha e entra p’rá ratinha. (risos)

---

**Informante:** Domingos Robalo Salvado, 83 anos

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 24.2.2024.

---

## 206 | AS DUAS PILINHAS

ATU 1543\*

Havia uma princesa que o pai queria-a casar. E ela diz que só casava com um senhor que tivesse duas pilinhas. Havia um rapazinho camponês que era muito esperto. E disse prá mãe:

- Eu vou-me a casar com a princesa.

– Ó filho, como é que tu te vais casar com a princesa se só tens uma pilinha, não tens duas?

- Eu arranjo a maneira.

Lá foi ao castelo. Ele lá arranjou a maneira de pôr lá outra coisinha, a dizer que eram as pilinhas. A cachopinha lá apalpou, lá apalpou duas coisinhas... Tudo bem, marcaram o casamento.

E ele diz:

– Como é que agora eu me vou desembrulhar desta?  
Iam na carruagem, mandou parar a carruagem, que tinha que ir a fazer xixi.  
Encostou-se lá a uma parede, teve lá tempos, tempos, tempos, e nunca mais de lá vinha.  
Dizia a princesa:  
– Então, mas não vens daí?  
– Ai, então mas como é que eu agora hei de abalar daqui? É que uma das pilinhas fugiu!  
Ela diz assim:  
– Fugiu?  
– Fugiu! E agora, entrou ali para aquela buraquinha e não quer sair.  
A princesa veio de lá, levantou o vestido, pôs-se em frente da parede e dizia assim:  
– Pilinha, pilinha, sai dessa buraquinha e entra prá minha ratinha! (risos)

.....  
**Informante:** Maria Celeste Borrego Salvado Correia, 57 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 1.08.2024  
.....

## 207 | AS BOLAS BRANQUINHAS

ATU 1543\* (variante)

Havia também uma filha de um rei que gostava de um homem que tivesse as bolas branquinhas. E o rei meteu lá um caiador, um pintor, a pintar a casa. Eram os andaimes, o gajo lá desconfiou:

– Oh, diabo...

Vestiu uma bata e andava assim em *carrapato*<sup>57</sup>, só com a bata. Lá a filha do rei passou por baixo, olhou para cima, disse assim:

– Este é que vai ser o meu marido. É este. Ó pai, o pintor que além anda é que vai ser o meu marido.

– Então agora hás de ir casar com um trabalhador?!

– É o meu marido.

Bom, lá se casaram. Ao fim de se casarem, ao outro dia de manhã, tinha aquilo já tudo negro, preto. A *gaija* disse assim:

– Então, casei contigo por trazeses isso branco e agora tens isso negro?

– Ai, mulher... então, é assim...

O *gaijo* vai, agarra um ovo e disse para ela:

– Bates assim com o ovo, devagarinho, na testa. Estás assim, sempre a bater, a bater, a bater, a bater...

*Inté* que fez um galo<sup>58</sup> negro.

.....  
57 Nu.

58 Nódoa negra; hematoma.

– Vai tu agora ao espelho. Então, isto puseram-se negros foi de tanto bater. Tu, vai lá agora a ver-te ao espelho.

Também tinha aquilo negro... e lá ficou com ele. (risos)

.....  
**Informante:** Domingos Robalo Salvado, 83 anos

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 3.8.2024.  
.....

## 208 | OS PINTELHOS BRANCOS

ATU 1543\* (variante)

Um filho de um ricalhaço, disse que só casava com uma mulher que tivesse os pintelhos brancos. E depois a mãe dela, como era muito esperta, foi falar com ele. Lá lhe veio aos ouvidos, e diz assim:

– Ai, eu estou com um grande problema.

– Então?

– É que a minha filha tem os pintelhos brancos. Ela tem vergonha, e coiso...

E diz ele:

– Ai é? Então é uma que eu gosto, é uma mulher que eu estou à procura.

E então, lá casaram.

Ela diz assim prá mãe:

– Ó mãe, então, mas eu tenho-os pretos.

– Ó filha, pinta-se, pinta-se com uma tinta branca.

Depois de lá estarem lá no *forrobodó*, foi ao outro dia, viu que estava preta. E foi a ter com a mãe dela à horta, que andava a colher tomates.

E ele começou:

– Pois, vocês enganaram-me, e não sei quê...

E a mulher agarra num tomate, dá-lhe com ele num olho. Ficou o tomate no olho.

E ele diz assim:

– Ai, agora pôs-me o olho negro.

– Pois, eu com um tomate pus-lhe um olho negro, agora com dois o que faltará à minha filha... como ficou. (risos)

.....  
**Informante:** Celeste Borrega Flores, 75 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 21.8.2024.  
.....

## 209 | O FAVAS

ATU 1545

Havia um casal que tinha uma quinta. E tinha lá um trabalhador que tinha por nome “Favas”. Quando foi a altura das favas, a filha, como gostava muito, uma noite pró jantar fizeram favas e ela comeu, comeu, comeu. Durante a noite, o rapaz foi-se meter lá na cama com ela.

E ela dizia assim:

– Ó pai o Favas me aperta!

E ele diz:

– Raios te partam! Não comeras tantas que já não te faziam mal!

---

**Informante:** Maria Celeste Borrego Salvado Correia, 57 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 6.8.2024.

---

## 210 | O FRIEIRAS

ATU 1545

Havia uma vez um rei que tinha uma filha muito linda. E a filha chegou à varanda. Mas na rua estavam lá três mariolas:

– Está ali uma *catchopa* mais linda...

– Ai, toca-lhe.

Tornava-lhe o outro:

– Está ali uma *catchopa* mais linda...

– Vai, mexe-lhe.

– Ai, mas tu queres fazer uma aposta que eu sou capaz de dormir com ela?

– Tu és parvo?

– Ai, que eu vou dormir com ela, vou!

– Ai, tu és parvo.

– Ai não, não vou... Espera aí, se queres ver!

O gajo bateu à porta, veio a senhora:

– Ai, o que é que o senhor deseja?

– Eu estou muito cheio de fome. Dê-me alguma coisinha de comer. Ou se me quer cá ter a trabalhar eu até cá fico.

– Ai, nós precisamos cá de um rapazinho, precisamos. Olhe, meu lindo, entre. Entre, rapazinho, entre.

Lá lhe deram entrada ao rapaz, espertalhão:

– Trago muita fome.

– Ai, mas a gente vai-te encher a barriguinha.

Encheram-lhe a barriguinha, e assim... e andou ali uns dias. E o patrão, e tudo, estimava o *catchopo*. Pensava que era algum pobrezinho que não sabia de nada.

E houve um dia, diz assim [o patrão]:

– Ouve lá, tu há tanto tempo que aqui estás na minha casa, ninguém sabe o teu nome...

– Ai, eu tenho um nome muito feio. Eu tenho um nome muito feio...

– Ai, então *há-des* ter assim um nome tão feio?

– Eu sou o Calções.

– Ai, o teu padrinho pôs-te assim o nome de Calções?

– É verdade! Pôs-me o nome de Calções.

A senhora:

– Anda, diz-me lá o teu nome! (Por trás uns dos outros...) Diz-me lá o teu nome! Ó filho, eu quero te chamar e não sei... quando vens a comer, e assim...

– Minha senhora, eu tenho um nome muito feio.

– Ai, então *há-des* ter assim um nome tão feio?

– Tenho! Eu sou o Gato.

– Realmente tens um nome muito feio. Quem é que to pôs?

– Foi o meu padrinho! Olhe, mas não diga nada ao senhor. Que eu tenho vergonha de dizer o meu nome. Mas eu sou o Gato.

Vem a menina:

– Então, como é que te chamas? (Lá a menina bonita...) Como é que te chamas?

– Eu sou o Frieiras. Ó menina, mas não diga nada aos paizinhos... que eu até me envergonho de dizer o meu nome.

Os gajos lá o encobriram e não diziam o nome dele, na frente uns dos outros.

Bem, pela noite adiante, o gajo pôs-se lá debaixo da cama. A menina viu-o lá a ele, diz assim:

– Ó mãe, está aqui o Gato.

– Ai, então se está aí o gato, enxota-o. Então só agora é que vês o gato? (risos) Toda a vida cá tens o gato... e agora...

– Ah, mas está aqui o Gato debaixo da cama.

– Enxota-o! Valha-me Deus!

Bem, ela lá se deitou. O Gato foi dormir com ela.

– Ó mãe, o Frieiras está aqui em cima de mim. O Frieiras!

– Ai, se tens frieiras, coça-as. Veja lá no que ela anda agora! Com o raio das frieiras...

Então, olha, se tens frieiras, coça-as.

Nunca ninguém descobriu o mal. Naquele dia foi tudo.

Bem, diz [a mulher] pró homem:

– Tenho que ir lá a ver dela! Então, o raio, diz que tem as frieiras. Nunca se queixou das frieiras e agora é que se queixa das frieiras...

Lá foi, lá viu aquele “monstro”. Diz assim [a mulher]:

– Ai, homem, anda cá, acode aqui. Acode aqui ao Gato!

– Ao gato?

– Pois, ao Gato! Acode aqui.

Lá foi, a acudir:

– Ó mulher, segura-me o Calções!

Pensava que eram os calções que lhe iam a cair na frente da filha. Ela pôs-se a apanhar os calções enquanto ele [o rapaz] *deu o piro*<sup>59</sup>. E ganhou o dinheiro da aposta com os outros.

Comeu, bebeu e ainda dormiu com a menina, como ele quis. (risos)

---

**Informante:** Maria da Conceição Andrade, 89 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 6.8.2024

---

## 211 | SOPA DE PEDRA (1)

ATU 1548

Eram uns frades que andavam a pedir. E depois foram a uma casa onde pediram e onde lhes disseram que não, e lhes deram tudo. Eles iam a pedir e disseram-lhes que não tinham.

– Ai, nem que fosse uma pedra...

Eles ficaram intrigados:

– Para que quer a pedra?

– Ah, para fazer uma sopa.

– Uma pedra?

E *ó depois*, ele... foram a fazer a sopa da pedra. A pessoa, *ó depois*, acabou por...

– Então faça lá a sopa da pedra.

Então *ó depois* começou por pedir se lhe dessem:

– Um bocadinho de feijão.

Pronto. Lavou a pedra, meteu na panela. Depois:

– Agora se me desse um bocadinho de chouriço...

Um bocadinho de chouriço.

– Ah, um bocadinho de azeite... um bocadinho de sal... e agora também umas couvinhas... E também um bocadinho de ou arroz, ou massa... (essa parece que também era.)

E eles foram dando tudo. E a pedra sempre lá dentro, pois claro. Que ela não interrompia nada. E eles foram fazendo... Ah, e as batatas, também... as batatinhas, foram metendo tudo.

Pronto, depois a sopa estava feita. Deram-lhe a provar:

– Ah, a sopa está boa.

---

59 Fugiu.

E depois diziam-lhe assim, aonde comera de tudo onde nada lhe queriam dar:

– E a pedra? Ai a pedra! Então deixe-nos a pedra.

– Ai, não, a pedra temos que a levar, prá outra vez.

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 15.08.2024.

---

## 212 | SOPA DE PEDRA (2)

ATU 1548

[Havia] um pobrezinho que andava a pedir pelas portas e queria fazer uma sopa de pedra. E então pediu lá a uma mulher para lhe dar lá alguma coisinha:

– Olhe, eu queria fazer aqui uma sopa de pedra.

E meteu uma pedra dentro de uma panela. Mas ao mesmo tempo pedia:

– Olhe, dê-me lá umas batatinhas para fazer uma sopa de pedra.

Até que ao fim, “Dê-me lá umas batatinhas”, “dê-me lá uns feijõezinhos”, dê-me lá isto, dê-me lá aquilo, cozeu a sopazinha para comer com a pedra lá dentro da sopa. Mas a pedra não a comeu. Comeu foi o resto que lá viu.

---

**Informante:** António Augusto Gomes Soares, 71 anos.

Recolha feita nas Quintas do Anascer - anexa da freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 28.9.2024.

---

## 213 | BOCAGE, A RAINHA E O REI

Hansen \*\*1552

Uma ocasião o Bocage aposta com os amigos – uma aposta valente – que chamava p\*ta à rainha e corno ao rei. Pronto, lá ficou. E disse [um dos amigos]:

– Como é que o gajo vai fazer isto?

Ele já tinha aquilo muito bem estudado, era um gajo muito esperto: o gajo agarrou uma rã e foi para o rio, com um baração, com uma linha, *pôsia* num riacho.

E a rainha passou:

– Ó Bocage, o que é que andas a fazer? O que estás a fazer?

E ele, fez que não tinha ouvido, dizia prá rã:

– Nada, p\*ta! Nada, p\*ta! Nada, p\*ta!

E os outros estavam a ouvir. Mas ela, como ele estava a brincar com a rã, não apanhou.

Vem o rei:

– Então Bocage, o que é que estás a fazer?

– Nada, corno! Nada, corno!

E ganhou a aposta assim.

---

**Informante:** José Salvado, 60 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Rosa Gonçalves em 22.7.2024.

---

## 214 | O BANQUETE

ATU 1558

O Cristo andava sempre roto, esfarrapado e sujo. E, pronto, com uma barba muito grande. E tal e sucessivamente. Um belo dia houve um banquete, lá na casa de uns senhores. (Um casamento ou qualquer coisa assim do género.) Certo é que o Cristo chegou lá à porta, todo roto, esfarrapado. Todo sujo. E os donos, lá dentro, os donos da casa:

– Ó homem, o que é que você vem... ponha-se daqui para fora! Vá-se embora! Sujosos temos nós cá muitos. Não queremos cá assim rotos e esfarrapados.

O Cristo, coitado, voltou para trás, foi-se embora. Chegou lá, onde ele contava que havia de chegar, mudou de roupa, deixou a barbinha feita, foi ao barbeiro mandar cortar o cabelo. (Pronto, todo preparado à rica e à francesa como eu lhe chamo.) Foi lá outra vez à mesma porta. Diz lá os que estavam lá dentro:

– Ó amigo, entre cá para dentro! Coma aqui mais nós à mesa! Ande cá! Já vem com fome, coma aqui mais nós!

E ele, coitado, diz assim:

– *Come aqui meu casaquinho, meu casacão.*

*Que a ti te estimam e a mim não.*

---

**Informante:** António Augusto Gomes Soares, 71 anos.

Recolha feita nas Quintas do Anascer - anexa da freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 28.9.2024.

---

## 215 | O ENGENHEIRO E O ALGARVIO

ATU 1559C\*

Era uma vez um rapaz que andava a estudar e formou-se em engenheiro. E o pai, como prémio, resolveu levá-lo a visitar o Algarve. Bem, lá andaram por aquelas ruas a fora, daqui e dali e tal... E havia um estabelecimento que estava a vender coisas e que tinha lá escrito:

### VENDE-SE TUDO

E diz o rapaz para o pai:

– Ó pai, eu vou já *chapar*<sup>60</sup> este algarvio!

– Ó meu filho, tem cuidado, olha que os algarvios sabem muito.

– Nã! O que eu vou comprar ele não tem.

– Pronto, vai lá!

Lá foi. O rapaz apresentou-se:

– Eu sou formado em engenheiro e o meu pai trouxe-me aqui a visitar o Algarve, e tal...

Você tem ali escrito que se vende tudo.

– Aqui vende-se tudo!

– Ah, mas o que eu vou comprar você não tem.

– Tenho, sim senhor!

– Então, venda-me aí três fodas.

Diz-lhe o outro:

– Então e trouxe saco?

– Não.

– Se não tem saco, leva-as no cu! (risos)

---

**Informante:** José Salvado, 60 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Rosa Gonçalves em 22.7.2024.

---

## 216 | O CEIFADOR

ATU 1561

Um ceifador foi para a ceifa numa terra fora da terra dele. Foi do Pedrógão para o Sabugal.

E ele *procurou* ao patrão:

– Ó patrão, como é aqui os horários do comer?

– Os horários do comer, é assim: de manhã, toma-se o pequeno-almoço.

– Então e a seguir?

– A seguir é o almoço.

– Então e a seguir ao almoço?

– É o lanche.

– Então a seguir ao lanche?

---

60 Falar sem rodeios.

– É o jantar.  
– E a seguir ao jantar?  
– Vamos prá cama.  
– Então, patrão, pode contar comigo que tem o operário certo. Fazem-se as refeições todas seguidas e a seguir ao jantar vamos prá cama!  
E trabalhar, nada.

.....  
**Informante:** Lurdes Torrão, 75 anos.

Recolha feita na freguesia de Pedrógão de São Pedro por Rosa Gonçalves em 30.7.2024.  
.....

## 217 | O PADRE E OS NOMES ESTRANHOS

ATU 1562A

Havia um padre que tinha o hábito de gozar com as empregadas que lá tinha. Um dia chegou lá uma que era assim muito sonsinha, como quem não queria nada. E o padre, quando ela lá chegou, diz-lhe assim:

– Olha lá, na tua terra como é que chamam a isto? – que era à casa.

E ela dizia:

– Ah, é casa.

– Olha, aqui é *fraguejona*.

Entraram para dentro. Chegou lá diz-lhe assim:

– Então e a uma pessoa como eu, como é que lhe chamam?

– Ah, é o senhor padre.

– Olha, aqui é o *papa-hóstias*.

Nisto apareceu o gato. Diz-lhe assim [o padre]:

– Então e isto?

– Ah, é um gato.

– Aqui é o *papa-ratos*.

Chegaram lá ao quarto. Disse-lhe [o padre]:

– E isto aqui?

– Ah, isto aqui é uma cama.

– Aqui é uma *mandrastona*.

Apontou para as calças, disse-lhe assim:

– Então e isto aqui o que é?

– Ah, na minha terra são calças.

– Olha, aqui são umas *tira-viras*.

Apontou para os sapatos:

– E isto aqui?

– São os sapatos.

– Ah, aqui são os *piriquitacos*.

Eles foram à cozinha, estava lá o fumeiro. E ele disse-lhe:

– Então, diz-me lá, como é que chamam a estas peças do fumeiro? – apontou prá farinheiras.

– É farinheiras.

– Olha, aqui são as *alminhas*.

– Então e isto aqui? – aponta para as bexigas<sup>61</sup>.

– É a bexiga.

– Olha, aqui é *Virgem-Santíssima*.

Apontou para o palaio<sup>62</sup>:

– Então e isto aqui?

– Ah, então, o palaio é palaio.

– Aqui é o *Pai-Eterno*.

A rapariga diz [pensa] assim: “Mas tu estás a gozar comigo, onde é que eu te hei de pregar a partida?” A última noite lembrou-se: agarrou o gato, atou uma mecha de fogo ao rabo. E roubou todos os enchidos deixando lá só as farinheiras. E a cantar ela dizia assim:

– *Levanta-te ó papa-hóstias,*

*Dos braços da mandrastona.*

*Veste as tuas tira-viras,*

*Calça os teus piriquitacos.*

*Acode ao papa-ratos,*

*Que traz fogo no rabo,*

*E deita fogo à fraguejona.*

*Fica-te com as alminhas,*

*Que eu vou com o Pai-Eterno*

*E com a Virgem-Santíssima.*

.....  
**Informante:** Maria Celeste Borrego Salvado Correia, 57 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 3.9.2024.  
.....

61 Enchido coberto por uma bexiga de porco que leva ossos e carne de porco; come-se no entrudo.

62 Enchido envolvido por uma parte do intestino grosso do porco.



## 218 | O MIÚDO GAGO

ATU 1562J\*

Há um miúdo que era gago. E a mãe disse-lhe para ele ir às compras com ela. Lá saíram os dois. Ele passa numa passadeira. A mãe atrasou-se um bocadinho, veio um carro e, *pimba*, apanhou com ela e partiu-lhe uma perna. O rapaz olha para ela:

- Ó mãe, o que é que tu tens?
  - Ai, vai lá chamar o teu pai depressa!
- Chega a casa:
- Ó pai, aaaaa mãe, aaaaaaaaa mãe...
  - Ó rapaz, fala a cantar.

– Ó i, ó ai, a mãe foi atropelada... (risos)

.....  
**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.  
Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 12-8-2024.

## 219 | PÃO BOLORENTO

ATU 1567G

O preto estava todos os dias – trabalhava lá para um casal – ia todos os dias para a vinha e chegava lá e ia a ver a merenda:

– *Pão bolorento,  
Sardinha salgada,  
Vinho vinagrete;  
Trabalha tu enxada!* O preto deita-se.

O preto deitava-se e não trabalhava.  
O outro dia a mesma coisa:  
– Então, preto?  
Todos os dias lhe perguntava onde ele chegava:  
– À *cepa torta*<sup>63</sup>, senhor meu amo.  
Até que um dia disse para a mulher:  
– Arranja-lhe lá uma boa merenda.  
Arranjou-lhe uma boa merenda:

.....  
<sup>63</sup> A expressão “*não passar da cepa torta*” significa “não progredir; não melhorar de situação”.

- Então, preto, onde chegaste hoje?
- Pelos portais a fora, pelos portais a fora.

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 89 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 28.01.2024.

## 220 | A MEIA MANTENÇA E A MANTENÇA INTEIRA

Car-Co 1570\*D

Era uma vez um português que foi à Espanha, a ver lá um amigo espanhol. O amigo espanhol, [durante] todo o dia, nada deu de comer ao português. Acendeu-lhe o lume e dizia-lhe:

- Olha, compadre, o lume é meia manutenção!
- O português calou-se.  
Quando ele [o espanhol] cá veio, [o português] fez-lhe outra. Acendeu-lhe um lume à frente do espanhol e outro atrás. O espanhol queixou-se. E ele disse:
- Olha, compadre, o lume é manutenção inteira!

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 13.9.2024.

## 221 | AS NOITES DE LAMEGO

Car-Co 1570\*D + ATU 1337C

Havia dois compadres, um espanhol e um português. Uma vez vieram cá os espanhóis, sempre com grandes amabilidades. Porque os portugueses são todos *castelhanos* [amáveis] e eles são uns unhas-de-fome. Então, o espanhol:

- Ó compadre, deveis ir lá a passar uns dias.
- Tudo bem! – e foi lá.

Foram lá, nem um copo de água lhe deram. E acendeu-lhe o lume e disse assim:  
– Olhe, compadre, vá, “o lume é uma meia *mantência*<sup>64</sup>”.

E o compadre português teve de ir a comer a outro lado, porque lá não teve de comer nem beber.

- Bem, foi para casa, mas convidou logo:  
– Olhe, compadre, agora vós ides lá, passar uma semana...  
– Ah, tudo bem! – logo todos contentes.

.....  
<sup>64</sup> Sustento.

Quando vieram, tinham uma mula. A mula, nesse dia que o burrico foi a cobrir-se, para ter um burriquinho, ou um machinho. E vinham passar as férias ao compadre, traziam já a corda. (Imagine que a mula demorava nove meses – ou um ano – a parir, e vinham já com a cordinha para levarem o muleco embora).

Quando chegaram, com a mula cheia, a Lamego. (Isto passou-se em Lamego, dizia a minha mãe; são histórias da minha mãe). Então, quando chegaram, já carregados:

– Então, para que é a corda?

– A minha mula (a minha macha, ou lá o que é que chamavam). E é para levar o muleco quando nascer. (Ai o filho-da-mãe!)

[...] Era uma loja muito escura, lá para dentro. [...] E então, aqui era muito claro, mas lá para dentro era muito escuro, não se via lá nada. Era preciso andar com luz. (Não havia luz, era com candeia.)

Quando vieram:

– Eh, tudo bem, tenho aqui um relógio. – lá os acomodou.

E ele, deitou-os. De manhã foi buscar o gadinho, para ir trabalhar:

– Compadre, já é de dia?

– Não, não, não, compadre. Ainda é muito de noite! Eu só vim a acomodar os animais porque não podem estar tanto tempo sem comer.

E ia à noite, quando ia a prender os animais:

– Compadre, já é de dia?

– Não, não, compadre. Ainda é muito de noite! Vá espreitar se quer ver.

Isto passou-se quase três dias ou quatro. Até que ao último dia diz assim:

– Compadre, já é de dia?

– Já, já é, compadre. Hoje já é de dia.

E ele:

– Ó mulher, carregamos a macha. Porque se cá ficamos, é as noites de Lamego. Se cá ficamos, ainda cá ficamos...

Bom, estavam carregando, diz-lhes o português:

– Ó compadre, então, mas não ficais?

– Ai, não, não, não, compadre. Nem mais um dia! Nem mais um dia porque, se cá fico, se anoitece, ficamos cá.

E lá iam os pobres espanhóis caminhando. Quando passavam por algum português, a lavrar ou a ceifar, ou assim:

– *Coño*, como é? Isto pertence a Lamego? Ó mulher, carrega na macha! (risos)

.....  
**Informante:** Mulher de 72 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 15-6-2024.  
.....

## 222 | UM PAI COM TRÊS FILHOS

ATU 1572C\*

Era um pai, tinha três filhos. Um dia disse o pai p'ros filhos:

– Vá, hoje trago cá pessoas a comer. Se eles disserem para comereis, vós dizeis que não querendeis pão. Não tendeis fome.

Um homem vai lá, e ele [o pai] pôs pão e chouriça e queijo, o que tinha na mesa. E eles, coitadinhos, estavam com fome. Vai ele [a visita] e diz assim:

– Então não dás de comer aos filhos?

– Eles não têm fome.

E para fazer ver que eles não tinham fome, disse para um:

– Queres pão?

– Não pai, não quero pão.

Depois, disse pró outro. Também disse que não.

Pró mais velho disse assim:

– Queres pão, rapaz?

– Quero pão! Parta pão para mim e para os meus irmãos que nós já o ganhámos! E não me esteja a *engurlar* os olhos. (risos)

.....  
**Informante:** Isabel Borrega Flores, 81 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 3.8.2024.  
.....

## 223 | O MANEL E O CEGUINHO

ATU 1577\*\*

Era um ceguinho e andava com um homem, ia com ele pelas ruas, para o segurar e para o orientar. E, ó depois, lá lhe davam broa e isto e aquilo e assim... Um belo dia deram-lhe chouriça assada no pão. E quando chegaram lá... (Eu lembro-me logo que é quando vão para Penamacor, que há lá muita sobreira.) E ó depois, o homem, quando lhe deu o pão sujo da chouriça [o cego cheirou-lhe]. Foram para o meio de um sobreiral, ele foi contra uma sobreira. Ele não via a sobreira, ele era ceguinho, e dizia:

– Ó Manel, bati aqui na sobreiral!

– Ai batestes? Então cheirou-te o pão a chouriça e não te cheirou o sobreiro a cortiça? (risos)

.....  
**Informante:** Joaquina Costa, de 93 anos.

Recolha feita na freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 1.08.2024.  
.....

## 224 | OS CAÇADORES E A VELHA

ATU 1578A\*

Eram dois caçadores. E depois começou a chover, foram para a casa de uma velhota. Chegaram lá, a velhota tinha lá uma açordazinha, ao lume. E disse:

– Olhem, querem um bocadinho desta açordazinha?

Um, disse que sim, comeu a açordazinha. O outro:

– Ah, não, não quero! Ah, eu nunca vou comer isso.

Pela noite a fora deu-lhe a fome. Estava lá um bocado de toucinho dentro de um buraco:

– Oh, está aqui este toucinho já o vou a assar, e já o vou a comer.

Bom, assou o toucinho, comeu. Pela noite adiante começou a velhota lá a dizer:

– Ó não-sei-quantos, olha, traz-me lá aí o toucinho para untar as minhas hemorroidas, que me doem muito!

---

**Informante:** Maria José Bento, 72 anos.

Recolha feita na freguesia da Meimoa por Gorete de Brito em 4.9.2024.

---

## 225 | O LOBO, A COUVE E A CABRA

ATU 1579

Passa aqui uma ribeira. Está aqui uma couve, aqui está um lobo e aqui está uma cabra.

E, de barco, têm que passar uma a uma, cada peça, para aquele lado. Nem a cabra pode comer a couve, nem o lobo pode comer a cabra. Como é que se passa os animais para aquele lado?

Só pode levar uma [coisa de cada vez] no barco.

[Há discussão entre os ouvintes presentes quanto à solução do problema. Ninguém acerta; o narrador explica]:

– Primeiro levam a cabra, porque o lobo não come a couve. *Apois* vêm buscar a couve e trazem a cabra. Levam o lobo e depois vêm buscar a cabra.

---

**Informante:** Domingos Robalo Salvado, 83 anos

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 3.8.2024.

---

## 226 | O BANDO DAS CEM POMBAS

ATU 1579\*\*

Passou um avião e disse assim:

– Adeus ó bando das cem pombas.

– Cem pombas não. Estas, outras tantas como estas, a quarta parte destas e contigo avião, cem pombas serão.

[R: são 44 pombas.]

---

**Informante:** Maria Alice Domingues Alvito Frade de Brito, 74 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 16.11.2023.

---

## 227 | O POMBAL DE CEM POMBAS

ATU 1579\*\*

Havia um pombal com pombas. Passou um gavião por cima e disse:

– Adeus pombal de cem pombas.

E a pomba respondeu-lhe:

– Nós, outras tantas como nós, metade de nós, a quarta parte de nós e contigo, gavião, cem pombas são.

Quantas pombas é que lá haviam no pombal?

R: 36

---

**Informante:** Maria da Saudade Mendes, 92 anos.

Recolha feita na freguesia de Vale da Sr<sup>a</sup> da Póvoa por Gorete de Brito e João Mateus em 3.9.2024.

---

## 228 | O SÁBIO E O IGNORANTE

Haboucha \*\*1588A

Havia um que não tinha estudos. E foram passear, iam à roda do rio, passear.

E o outro dizia ser sábio. *Procurava:*

– Então, tu sabes o que é uma linha reta?

– Não.

– Então e uma linha curva?

- Não.
- E um triângulo?
- Não.

De repente, o sábio escorregou e foi ao rio. Foi ao rio, já se estava a afogar. E o pobre, que era um ignorante, botou-se à *iágua* e sacou o rico cá para fora, que era o sabe-tudo. E dizia-lhe então, ao fim de o tirar:

- Pois, você sabe tudo e diz que eu sou um ignorante. Mas não sabe nadar e eu sei.

---

**Informante:** José Salvado, 60 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Rosa Gonçalves em 22.7.2024.

---

## 229 | O SONHO MAIS BONITO

ATU 1626

Iam dois amigos a caminhar. Um era rico e o outro era pobre. Iam andando, andando e conversando. Tanto andaram até que decidiram parar à sombra de um chaparro. Dizia o pobre para o rico:

- Ah, se tivesse merenda dava-te – e tal...

Dizia o rico:

- Ah, obrigado, eu tenho cá para mim.

Então, o rico lá comeu a merendinha, ficou ali bem satisfeito e deitou-se a dormir.

E disse para o outro:

- Vamos ver quem sonha melhor! Quem tem o sonho mais bonito.

Ora, o pobre estava à espera que o outro se deixasse dormir para lhe mamar o resto da merenda. Assim que apanha o rico a roncar, a dormir, vai e come-lhe a merendita toda.

Ah, o outro dia acordou o gajo também satisfeito, com a barriguinha cheia. E diz então o rico para o pobre:

- Então o que é que tu sonhaste?
- Não, diz-me tu primeiro.
- Ah, eu sonhei que estava no céu, rodeado de anjinhos...

E diz o pobre para ele:

- Olha, e eu sonhei que tu estavas lá nas alturas, já não vinhas cá abaixo. Fui e comi-te a merenda. (risos)

---

**Informante:** José Salvado, 60 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Rosa Gonçalves em 22.7.2024.

---

## 230 | SALAZAR E A VACA

ATU 1633

O Salazar tinha um compadre. E um dia disse assim:

- Ó compadre, vamos comprar uma vaca, a meias. Eu compro a vaca e o compadre trata dela.

- Está bem, senhor compadre, sim senhor.

Lá comprou a vaca. Agora o compadre levou a vaca. Depois, o Salazar diz-lhe assim:

- Então, e como é o negócio da vaca?

- Ah, veja lá, senhor compadre, como é que é...

- Então, o compadre fica com o lado da cabeça. E eu fico com o lado do rabo.

- Está bem.

Só que o compadre não viu que ele tinha que *governar*<sup>65</sup> a vaca. E o Salazar tinha o lucro. Tinha a parte de trás: tinha o leite, tinha o estrume, tinha tudo. E o compadre *governava*.

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.08.2024.

---

## 231 | O CONSELHO DO ADVOGADO

ATU 1641C\*

Andavam na ceifa, e o homem diz para a mulher:

- Ó mulher, eu vou a tomar um conselho, o que é que vamos fazer.

Um conselho, naquela altura, quinhentos escudos. (Agora são dois euros e meio).

E então, andavam na ceifa, tinham a seara, e o homem dizia:

- Vamos a recolher a seara!

A mulher diz:

- Recolhe-se amanhã!

E ele diz:

- Vou tomar um conselho.

E o advogado disse-lhe:

– Não guardes para amanhã o que podes fazer hoje.

Foi o conselho que o advogado lhe deu.

E então ele disse para a mulher:

- Vamos a recolher a seara.

Essa noite veio uma trovoada, as searas foi tudo ao ar.

---

<sup>65</sup> Alimentar.

E o homem dizia para a mulher:

– Estás a ver mulher? Foi caro o conselho, mas valeu a pena o dinheiro.

.....  
**Informante:** Lurdes Torrão, 75 anos.

Recolha feita na freguesia de Pedrógão de São Pedro por Rosa Gonçalves em 22.7.2024.  
.....

## 232 | O BRASÃO DOS CABRAIS

ATU 1645

Era um pastor da serra. E um dia sonhou:

*Vai a Belém que lá encontrarás o teu bem*

O homem pensava se deixava a vida. Mas começou a vir o inverno, os frutos das árvores brancos... E ele pensou assim: “Ah, sempre era melhor ter outra vida do que andar aqui.”

Resolveu e foi a Belém. Preparou-se, levou o farnel, foi a pé a Belém.

Chegou a Belém, esteve lá três dias, e o “bem” não lhe apareceu. E ele sonhou três vezes com aquilo e nunca disse a ninguém, que era o segredo de não contar. E diziam-lhe as vozes bem claras:

*Vai a Belém que lá encontrarás o teu bem*

Quando já tinha posto os seus safões<sup>66</sup>, as suas capas, o seu surrão a tiracolo e já se vinha embora, ao quarto dia, encontrou um almocreve. E depois o homem estranhou, vir para aqueles sítios um pastor da serra:

– Então, que andas tu para aqui a fazer?

Ele, abrindo-se para o outro, diz assim:

– Olhe, sonhei três noites: se viesse a Belém que encontrava o meu bem. Estou no quarto dia e ainda não vi bem nenhum.

O outro, pensou e diz assim:

– Olha, eu também vi acontecer o mesmo. Também sonhei para ir a Belmonte. No barroco onde se vai deitar a cabra amarela está uma cabra de oiro e um cabrito de oiro. (O outro ouviu e calou.) Mas, sonhos são sonhos, já esqueci.

Mas este não sabia mais nada. O outro, até o caminho lhe pareceu mais longe, porque o que queria era chegar [a casa] para ir a ver. E foi ao barroco, o que custou foi tirar aquilo. E uma cabra dele ia-se lá deitar, a cabra amarela. Ia-se lá deitar todas as sextas onde estava a cabra de ouro por baixo e o cabrito. E ele foi desviar aquilo, lá encontrou o cabrito e a cabra.

.....  
<sup>66</sup> Meias calças largas, feitas de peles, usadas sobretudo pelos pastores de regiões frias.

Pensou assim: “O que é que eu faço com isto? Será que com a cabra e o cabrito de oiro eu tenho o meu bem-estar? – pensou – Vou oferecê-lo ao rei, uma das peças.”

E o homem lá se preparou e foi lá a ter com o monarca. Bateu à porta, mas ninguém lhe abria a porta, o rei não recebia pastores. Mas ele tanto teimou, tanto teimou que entrou. Porque ele dizia:

– Eu trago um presente para o senhor rei.

Pronto, chegou lá, estava lá [o rei] com muitos fidalgos. E ele, não sabendo qual era o rei, disse assim:

– Qual de vossemecês é o Ti Rei?

O rei encontrou tanta piada à simplicidade do homem que disse assim:

– Sou eu.

– Então eu trago um presente para vossemecê. Olhe, é um cabrito e uma cabra. É para escolher qual é que quer – (não disse que era de oiro).

– Olha, se assim tu queres me dar uma cabra e um cabrito, olha, então eu vou escolher o cabrito que é mais tenro.

– Está bem. Então, eu vou lá fora a buscá-lo, com licença.

E lá foi fora a buscar o cabrito e a cabra. Quando chegou, lá os levava embrulhados nas capas e esteve a tirar. E o rei foi franco:

– Olha, estou admirado com o presente que tu me vens oferecer. Mas se eu soubesse que era de ouro, olha, tinha escolhido a cabra que era maior.

– Então, mas eu dou as duas a vossemecê.

E deu-lhe as duas. O rei diz assim:

– Olha, com a tua generosidade, tu vais ao cimo do cabeço. Vais e tudo o que avistares é teu. Mas não vais a pé. Eu vou mandar preparar um cavalo e tu vais no cavalo. Tudo o que percorreres nesse dia com o cavalo é teu.

E então, ainda hoje lá para aqueles lados, está lá o brasão dos Cabrais. O homem, depois, foi um fidalgo.

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 9.11.2024.  
.....

## 233 | UM BORREGO PARA SÃO GENS

Car-Co 1681\*E

Havia um pastor que lhe morriam os borregos. E para não lhe morrerem os borregos prometeu um borreguinho ao São Gens. Quando nasceram os borregos foi levar um borreguinho ao São Gens. Só que o São Gens estava no altar. Ele dizia assim:

– Olha, vim cumprir a *promécia!* Então não ouves? Pega nele que está aqui! Olha, não ouves, não queres... eu deixo-te aqui preso!

Ele abalou e o borreguinho levou corda e tudo. Lá morreu no mato ou qualquer coisa.

Um dia, andava um casal à caruma lá no mato, no pinhal, e trazia um filho que era ainda miúdo:

– Ó pai, parece que está aqui a cabeça do São Gens!

E ele dizia assim:

– Estará, estará... o raio que o parta! (risos)

– Ó pai, eu acho que também está aqui a mãozinha do São Gens!

O São Gens ficou todo em pedacinhos. (risos)

(E pagou a promessa feita porque ficou lá o borrego preso ao São Gens. (risos) O carneirinho abalou com ele para o pinhal, deixou-o aos bocadinhos. Eles andavam à caruma e encontravam os bocadinhos. E depois eles diziam ao filho: “Estará, estará... o raio que o parta!”) [risos]

---

**Informante:** Maria do Céu Fonseca Romão, 90 anos.

Recolha feita na freguesia da Meimoa por Gorete de Brito e Maria João Cabanas em 10.7.2024

---

## 234 | A CABRA PROMETIDA AO SANTO

Car-Co 1681\*E

Havia uma senhora que tinha o marido muito mal e prometeu, lá a um santinho... pediu-lhe muito que curasse o marido. Se lhe curasse o marido, que lhe dava uma cabra criada à mão (criada à mão habitua-se ao dono). E então, o marido melhorou. E ela, um dia, pega na cabra e foi lá. Disse à imagem:

– Olha, venho-te trazer a oferta [da promessa] que eu fiz. Fizeste um milagre e eu agora venho-te pagar.

E pronto, a mulherzinha, coitada, esteve ali a rezar ao santinho, a agradecer, a agradecer. E depois, a mulher dizia para o santinho:

– Olha, toma lá, a cabra que é tua.

E pronto, é claro que não tinha resposta. Ela disse assim:

– Mas então, como é que agora eu vou fazer isto?

Ela subiu para cima do altar e atou a rédea ao santo. Quando ela se foi embora, a cabra ia atrás da dona, puxou o santo. E *apois* a mulher disse assim:

– *Atão*, estava-te a dá-la, não a quiseste... e agora já vens atrás dela? (risos)

---

**Informante:** Maria de Lurdes Vieira Moiteiro Messias, 87 anos.

Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 5.10.2024

---

## 235 | AS CEROULAS NOVAS

ATU 1685

Um homem, durante a mocidade, nunca usou ceroulas (que é os *truços*, as cuecas). Nunca usou, porque a miséria era tanta que não havia dinheiro para nada. Depois, quando foi para o casamento, a mãe comprou uma peça de tecido, que eram vinte e quatro metros de tecido. Fez umas ceroulas ao filho para a noite do casamento. E então ele casou-se, vestiu as ceroulas, uma coisa que era tão bonita que ele nunca tinha vestido. E na noite do casamento andavam na dança, ele com a namorada, abria a *marca*<sup>67</sup> das calças e dizia para a namorada:

– Olha aqui, vai vendo...

E ela dizia:

– Não vejo nada.

Tornava a abrir outra *marca* e dizia assim:

– Olha, vai vendo...

– Não vejo nada.

Tanto abriu, tanto abriu, saiu a *gaita*. Ele mostrava-lhe as ceroulas e ela pensava que era a *gaita*.

E quando ela viu-lhe a *gaita*, o pénis, e que disse assim:

– Ah, agora já vejo!

E ele depois respondeu:

– Então olha, é isto tudo e mais vinte e dois metros que lá estão em casa.

(Portanto era aquele tecido daquelas ceroulas e mais uma peça de pano que estava em casa para fazer mais...). Está boa, não está?

---

**Informante:** Lurdes Torrão, 78 anos.

Recolha feita na freguesia de Pedrógão de São Pedro por Rosa Gonçalves em 7.8.2024

---

## 236 | O NOIVO COM CEROULAS

Car-Co 1685\*B

Era um rapaz que nunca tinha usado ceroulas. E casou-se, coitado. Pronto, no dia do casamento vestiu umas ceroulas. Depois *tavam* à mesa, mais a noiva, e no meio dos padrinhos. E começou:

– Ai, padrinho, que eu ‘tou à rasca da barriga! Ai, padrinho, que eu ‘tou à rasca da barriga!

– Ó rapaz, se estás à rasca vai lá ao campo.

Ele lá foi, muito aflito. Pronto, aliviou a tripa.

---

<sup>67</sup> Botão.



Mas quando saiu, o padrinho diz assim:

– Então, afinal estavas tão aflito, não fizeste nada!

E seguiram, foram prá mesa, sentaram-se à mesa. Quando já estava sentadinho, sentiu o “presunto” lá a desfazer-se, o “melão”. Meteu a mão nas calças, aqui, e vem com a mão cheia de m\*rda. Diz assim:

– Ó padrinho, então, caguei ou não caguei? (risos)

(Isto porque ele tirou as calças, não tirou as ceroulas. Pois nunca tinha vestido ceroulas na vida dele!)

*Conto acabado, pico no rabo.*

.....  
**Informante:** Leonor Zagalo, 79 anos.

Recolha feita na freguesia de Pedrógão de São Pedro por Rosa Gonçalves em 7.8.2024.  
.....

## 237 | A VAGINA COM DENTES

ATU 1686A\* (variante)

Era um rapaz e era muito assim atrasado. E depois, um dia, diz assim:

– Ó mãe, eu quero me casar. Eu quero me casar, mãe.

Disse assim:

– Ó filho, tu não te cases.

– Porquê mãe?

– Ó filho, olha que as mulheres têm dentes!

E ele ficava-se. Mas um dia encontrou uma brasileira, uma mulher já com muita experiência, e lá o convenceu. Chegou a casa disse assim:

– Ó mãe, já decidi. Já encontrei uma mulher e quero-me casar. Eu vou-me casar.

– Tu já esqueceste aquilo que eu te disse, filho?

– Não, tu disseste-me que as mulheres têm dentes.

– Pois, as mulheres têm dentes.

Chegou o dia do casamento. Casaram-se. Depois, quando foi à noite, ela foi logo prá cama, lá. E lá estava já toda... *descarçada*, ali de pernas abertas toda nua de cima da cama. E ele estava na sala sentado na cadeira.

E ela era assim:

– Ó Manel, então, mas tu vens prá cama?

– Já lá vou.

– Anda lá, despacha-te.

– Já vou, mais um bocadinho.

– Ó Manel, mas tu vens ou não vens? Então que conversa é essa? Já estou preparada! Anda daí.

E ele lá vai, coitadinho, devagar. Chegou à porta do quarto, e ela ali toda aberta, toda escancarada... E diz ela assim para ele:

– Então, mas ouve lá! Tu estás com medo de mim ou quê?

– Sabes, é que eu estou a... estou a pensar no que a minha mãe me disse.

– Então o que é que a tua mãe te disse?

– A minha mãe disse-me que as mulheres que têm dentes. (risos)

E diz ela assim:

– Anda cá! Vê lá! Vê lá se eu tenho dentes.

E ele espreitou e diz assim:

– Dentes não tens, mas as gengivas bem arrebetadas tens tu. (risos)

.....  
**Informante:** Olívia Romão Esteves, 76 anos.

Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 15.8.2024.  
.....

## 238 | A CABEÇA DE PEIXE

ATU 1686A\*

Havia um rapaz que andava sempre num grupinho de malta, mas era muito tímido, não se chegava muito às gajas. Mas eles lá lhe arranjaram um *cambalacho* qualquer para lhe pregarem uma partida. Pronto, pensaram todos em ir dar uma fodinha para um sítio qualquer. E aquela [uma certa rapariga] calhou-lhe a ele.

[E diz um do grupo à rapariga]:

– O que é que tu vais a fazer? Ele nunca *pinou*. Temos ali uma cabeça de peixe, *hã!* E no momento em que ele vai para *pinar*, tu pões lá a cabeça do peixe e apertas-lhe a picha.

Bem-dito e certo. O rapaz vai, quando se vai para pôr nela, começa aos gritos: *ai, ai, ai, ai!* A rapariga apertou. Pronto, aquilo passou. Mas nunca [lhe] disseram nada a ele.

Chegou a altura do rapaz se casar. Casou-se. A primeira noite não fodeu nada. A segunda noite, a mulher toda o provocava, nada.

– Então, mas eu casei com um homem que não... – Nada!

E então, ela provocou-o de tal maneira: pôs-se assim nas escadas, sem cuecas e com as pernas todas abertas. E então o rapaz vem de lá, pôs-se assim a olhar:

– Oooooh, ai agora deixaste [crescer a] barba para não te ver os dentes?

.....  
**Informante:** António, 70 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.10.2024.  
.....

## 239 | O PEDIDO DE DESCULPAS

ATU 1688

Havia no campo um patrão que tinha uma cabrada. E o pastor tinha lá assim um rapazote com doze, treze anos. E veio cá ao povo, à casa do patrão. E o patrão disse-lhe assim:

– Então Zé, já lá tens muitos cabritos?

– Ó patrão, as cabras que se cobriram primeiro já pariram.

Chegou lá [a casa], a mãe:

– Então, o que é que disseste à patroa<sup>68</sup>?

– Perguntou-me se já cá tinha muito chibinhos e eu disse-lhe que as cabras que tinhas cobrido já tinham parido. E as outras não.

Diz-lhe o homem [o pai]:

– Maria, vai lá a pedir desculpa à patroa, que o rapaz falou mal à patroa.

Lá chega, lá vai. Tinha uma burrita, amontou-se na burra, por aquilo tudo a fora... Caía *iágua* co'milho!

Diz-lhe assim a patroa:

– Então, Maria, como é que cá vieste, a chover tanta *iágua*?

– *Ai, patroa, vim pelo Vale da Caturra.*

*Inté a iágua deu pela c\*na à burra!* (risos)

A gaja chegou lá [a casa], contou-lhe ao homem:

– Então, ó mulher, pediste desculpa?

– Ai, foi assim-assim...

– Então tu ainda falaste pior que o nosso filho!

Foi lá o homem a pedir desculpa à patroa.

Chega lá:

– Ai, patroa, venho cá a pedir-lhe desculpa, e tal... da minha mulher lhe falar mal... e o meu filho...

– Deixe lá, homem. Então, ainda é um garoto.

– É um garoto?

*Tivemos a medi-lo pelo olho do enxadão,*

*O dele enchia e o meu não...* (risos)

.....  
**Informante:** Domingos Robalo Salvado, 83 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 21.8.2024.  
.....

68 A partir deste momento, o narrador muda o interlocutor de "patrão" para "patroa".

## 240 | O PAI PEDE DESCULPAS PELO FILHO

ATU 1688

Um rapazito foi para uma quinta, trabalhar para uma patroa, que os pais não podiam sustentá-lo. E houve uma senhora, lá dessas casas ricas, que aceitou o garoto. Foi para lá para empregado, era o *mandarete*, era o pau mandado. Lá fazia recados e tal...

Ela manda o rapaz à vila e chovia muito. E ele foi à vila na burra. E depois, a patroa perguntou-lhe:

– Ó rapaz, então tu conseguiste ir à vila e voltar?

– Oh, se a senhora soubesse... ali abaixo,

*No vale da Zurra Cataturra,*

*Dava água pela coisa à burra.*

– Ai, não me digas!

– É verdade, é verdade.

O garoto, à noite, foi para casa (que ele só estava durante o dia, comia e tal). Ia dormir a casa.

– Então, filho, correu bem lá hoje, com a senhora?

– Ah, correu.

– Tu, com estas chuvadas, ainda foste à vila?

– Fui. Até disse à senhora: olhe, quando vinha p'ra cá, a ribeira levava tanta água, que

*Ali no vale da Zurra Cataturra,*

*Dava água pela coisa à burra.*

– Ai, então tu foste dizer isso à senhora?

– Ó mãe, então, é verdade.

– Ai, ó Zé, tens que ir lá desculpar o garoto, amanhã.

– Eu?

– Tu, pois! Então quem há de ser? Tens de ir lá a desculpar. Vais lá falar com a senhora a desculpar o garoto. Então já viste o que ele disse à senhora?

Lá foi o Zé. Ao pé do garrafão, lá foi, contrariado e tal...

– Ó minha senhora, olhe, desculpe lá o meu filho ontem. Ele contou-nos. Então disse-lhe aquilo, o rapaz? Eu não sei onde é que ele ouviu aquela asneira.

– Ó senhor Zé, não se preocupe. Então o rapaz ainda é novo. Não se preocupe porque eles ainda não sabem bem o que dizem... Ainda é novito... deixe-o lá andar.

E diz o pai do garoto assim:

– É novo o caraças! Ó minha senhora, no outro dia fomos a medi-lo:

*Pelo olho do enxadão,  
O meu cabia e o dele não.*

**Informante:** Rui Manuel Martins Leitão, 59 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 26.8.2024.

## 241 | JAIMINHO E OS FEIJÕES

ATU 1693

Era um casal que tinha só um filho, era o Jaiminho. Mas o Jaiminho era assim um bocadito atrasado. Então os pais foram para a horta. E disseram-lhe:

– Olha, Jaiminho, vais para casa. Coze lá dois ou três feijões que é para quando o pai e a mãe chegarem, para comermos.

Ele foi para casa e diz assim:

– Dois ou três? Então: o meu pai, um; a minha mãe, dois; e eu, três!

E meteu três feijões na panela e cozeu os feijões.

O pai e a mãe, quando chegaram, disseram:

– Então, filho, já cozeste os feijões?

– Já, já, mãe! Olha, eu já comi o meu. Está aí o seu e o do pai.

– Ah, meu grande bruto, estúpido! Então...

– Ó mãe, tu disseste dois ou três feijões! Eu cozi três, somos três.

– Vamos outra vez para a horta. Enche a panela de feijão e coze uma panela cheia de feijões, que depois a gente logo vem.

Então, ele meteu para lá os feijões, encheu a panela. A panela começou a ferver, o testo começou a saltar ao ar e os feijões começaram a sair da panela. Estavam inchados, começaram a sair da panela.

Ele, muito aflito, chega à horta:

– Ó mãe, ó mãe, anda depressa!

– O que foi, filho?

– Ai mãe, anda depressa, que os feijões estão a correr outra vez para a horta! (risos)

**Informante:** Olívia Romão Esteves, 76 anos.  
Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 5.8.2024.

## 242 | O INGLÊS QUE QUERIA APRENDER PORTUGUÊS

ATU 1697

Era um inglês que chegou a Portugal. Ele não sabia falar, mas ele queria aprender depressa a falar o português. E então, ele entrou num supermercado, e disse:

– Ó minha senhora, o que é que eu devo fazer para aprender depressa a falar português?

– Olhe, é fácil. Pega num livrinho, ou numa agenda ou qualquer coisa e numa caneta.

E o que o senhor ouvir, escreve.

Entrou uma senhora, pediu uma ervilha.

– Ervilha!

– Olhe, tomem bem conta, ele marcou “ervilha”, ervilha!

Saiu do supermercado, foi um bocadinho mais longe. O que é que ele encontra? Dois namorados que estavam aos beijinhos... E diz assim a rapariga, a namorada para o namorado:

– Tu gostas de mim?

E diz ele assim:

– Gosto! Gosto muito de ti. Minha florinha de Bredo.

– Florinha de Bredo.

Bom, continuou. Continuou. Mais longe estavam dois ladrões, a combinar irem assaltar o banco aquela noite.

E era assim:

– Olha que nós temos de lá ir esta noite.

– Ó pá, não tenho vontade.

– Temos que lá ir!

E vai, diz assim o outro:

– Ó pá, vai tu que eu tenho medo.

E ele marca: marcou “ervilha”, “florinha de Bredo”, “Ó pá, vai tu que eu tenho medo.” (risos)

Foi o que ele marcou, não foi? Foi o que ele marcou. Depois, escreveu.

Depois lá foi para o hotel, tinha o carro estacionado. De manhã levantou-se para ir dar a sua voltinha. O que é que ele vê? Dois polícias ao pé do carro. Os polícias disseram-lhe assim:

– Bom dia! Então, o carro é seu? Como é que o senhor se chama?

– Ervilha. (risos)

– O gajo está maluco... Ervilha? Então, o carro é seu?

– É, minha florinha de Bredo. (risos)

– O quê, florinha de Bredo, este gajo está maluco!

- Pst, venha lá daí, para o comissário, connosco.
- Ó pá, vai sozinho que eu tenho medo!

.....  
**Informante:** Olívia Romão Esteves, 76 anos.

Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 15.8.2024.  
.....

## 243 | O VENDEDOR DE LOIÇA AMBULANTE

ATU 1699

Numa terra costumava andar um homem com um burro a vender coisas. E ela [uma senhora fina] seguia mais a criada, e o homem ia [andando]. E diz assim [a senhora]:

– Ó homem da loiça, oiça, oiça! Tem vasos onde se sentam colunas de neve para fazer *obração*?

Ele [diz]:

– Arre burro que eu não entendo.

E tocou o burro [para a frente].

Ela [diz] outra vez:

– Oiça, oiça, homem da loiça! Tem vasos onde se sentam colunas de neve para fazer *obração*?

– Arre burro que eu não entendo.

E ela vira-se para a criada:

– Olha, diz lá tu que és mais grosseira.

E a criada diz assim:

– Ó homem, tem penicos? (risos)

E o homem respondeu:

– Tivesse logo dito isso.

(Esta era da madrinha...)

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 14.7.2024.  
.....

## 244 | O GAGO E O POLÍCIA

ATU 1702

Há um senhor que era gago. Chega ao pé de um polícia:

– Ó senhor guarda, não me..me po...pode dizer o...onde há aqui u... uma ca... ca... casa de banho?

Ora o guarda também era gago:

– E oooo seenhora vai poor aí abaixo. Seeeeegue em feeente. Depois cocorta ali à esquerda. Há uma escaadas. Deesce as eescadas. Voolta à sua direita e seegue poor um corredor. À saída do corredor voolta a descer ooutras escadas.

– Ó senhor guarda, não diga mais. Já estou todo cagado! (risos)

.....  
**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 12-8-2024.  
.....

## 245 | O GAGO QUE IA A LISBOA

ATU 1702

Ia um homem no comboio. E dizia ao outro, que era gago:

– Olha, olha, va...va... vais para Lisboa?

– Vou.

– Olha, va...va...va...

– Vai aonde?

– Vai ao cu... ao cu... ao Coliseu.

(Porque ele era gago.) [risos]

.....  
**Informante:** Maria da Ascensão Esteves Marcos, 86 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 9.9.2024  
.....

## 246 | VAIS PELA MISERICÓRDIA

ATU 1706

O Jacque era um senhor que não gostava nada de álcool... Como antigamente em Penamacor havia muitas tabernas, portanto, ele, quando acabava o serviço, ia a beber um copo aqui, outro copo ali. Quando regressava a casa, o trajeto dele era sempre pela Misericórdia ou as escadinhas. As escadinhas era uma rua oposta à Misericórdia.

Ao chegar ao meio da rua, começava a patinar e caía. E então dizia:

– Ah, não queres ir pela Misericórdia? Vais pelas escadinhas!

Voltava atrás e ia pelas escadinhas. Nas escadinhas, tropeçava nas escadas, caía novamente.

Voltava, outra vez, ia pela Misericórdia. Andava naquilo toda a noite. Até que a mulher dava pela falta dele e ia a ver:

– Ó homem, anda cá.

Lá lhe agarrava no braço e o levava para casa.

---

**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.08.2024.

---

## 247 | GALILEU, O COLEGA DOS BÊBADOS

ATU 1706

Estavam dois alentejanos bêbados. E começaram a caminhar por uma rua a fora. Encontraram uma estátua e diz um pró outro:

– Compadre, quem é aquele da estátua?

E o compadre respondeu-lhe:

– Aquele é o Galileu, que provou que a terra gira.

– Compadre, então é nosso colega... (risos)

---

**Informante:** Maria Alice Domingues Alvito Frade de Brito, 74 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 18.9.2024

---

## 248 | O BÊBADO E O CHICHARRO

Car-Co 1706\*F

Uma vez ao Zé Jacques, bêbado, borracho, deram-lhe por lá um peixe, um chicharro. E o gajo meteu-o no bolso. Quando foi atrás do relógio, dá-lhe vontade de urinar. O gajo, em lugar de dar lá com a “minhoca”, apalpou o chicharro.

Tirou, oh:

– Há tantos anos que vivo contigo, nunca te vi os olhos senão hoje! (risos)

---

**Informante:** Maria da Conceição Andrade, 89 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 14.2.2024

---

## 249 | JACQUE E A SARDINHA

Car-Co 1706\*F

Havia um senhor que tinha a alcunha do Jacques, era carvoeiro. Fazia carvão e depois vendia de porta em porta, a saquinha do carvão. Era, portanto, o ganha-pão dele.

Há um dia, esqueceu-se a mudar de calças e foi à praça a comprar peixe. E comprou sardinhas.

Quando regressou, deu-lhe a vontade de urinar e vai à casa de banho pública. Como ele tinha o bolso roto, a sardinha foi andando, andando, andando e foi prá braguilha. Quando abre a braguilha, para fazer as necessidades, tira a cabeça da sardinha, e diz ele:

– Há tanto tempo que te conheço e só agora é que te vejo os olhos! (risos)

---

**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimosa por Gorete de Brito e Rosa Gonçalves em 24-8-2024.

---

## 250 | A SARDINHA QUE SAÍA DA PORTINHOLA

Car-Co 1706\*F

Era uma vez um homem. E então, ele foi ao mercado e comprou meia dúzia de sardinhas. E meteu assim as sardinhas no bolso das calças. E então, como não tinha abotoado os botões todos da portinhola das calças, tinha aquilo aberto.

Passa uma miúda, dos seus dezasseis, dezassete anos e viu que o homem, como ele tinha os bolsos rotos, começou uma sardinha a sair pela portinhola.

Vai a miúda e disse-lhe assim:

– Olha, olha o que está a sair aí pela sua portinhola.

[O homem] baixou-se:

– Ai, com a idade em que estou é a primeira vez que te vejo os olhos. (risos)

---

**Informante:** André Martins de Almeida, 87 anos.

Recolha feita nas Quintas do Anascer - anexa da freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 28-9-2024.

---

## 251 | O CÃO CHAMADO BOCAGE

Hansen \*\*1709C

Uma outra vez, o Bocage estava no jardim. Estava no jardim e deu-lhe a vontade de *arriar*<sup>69</sup> a calça:

– E agora como é que eu vou fazer?

Subiu para cima de uma árvore do jardim. E andava uma senhora com um cãozinho, a passear o cãozinho... por coincidência, o cão chamava-se Bocage.

E ela começou a chamar o Bocage, que era o cão.

E ele estava lá de cima a dizer:

– Arre, foda-se... até pelo cu já me conhecem! (risos)

.....  
**Informante:** José Salvado, 60 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Rosa Gonçalves em 22.7.2024.  
.....

## 252 | O PADRE E O VINHO DA PIPA

Car-Co 1730\*C

Dantes, os padres caminhavam, não andavam de carro como andam agora. E andava um caseiro, sempre a trabalhar, e era amigo do padre. Trazia lá a borracha do vinho, quando o padre passava:

– Ó senhor padre, vai uma pinga?

– Sim.

Pronto, bebia ali uns “penaltis” e tal... todos os dias aquilo acontecia.

Um dia, diz a mulher:

– Ó homem, já vistes que o senhor padre anda com a ideia de me comer...

– Ai, anda? Ai, não me digas? Então mija aqui para a borracha.

Pronto, a mulher lá mijou para a borracha.

O outro dia, o padre passou:

– Ó senhor padre, vai uma pinga, e tal?

E o padre vai: *pshhhht!*, deitou fora.

– Então, senhor padre, não gosta? Olhe, é daquela pipa que você quer pôr a torneira. (risos)

.....  
**Informante:** José Salvado, 60 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Rosa Gonçalves em 22.7.2024.  
.....

69 Baixar.

## 253 | VINHO BRANCO PARA O PADRE

Car-Co 1730\*C

Era um padre. E andou a *desatinar* uma menina de bem. Ela era muito amiga dos pais. E então, foi dizer ao pai:

– Ó pai, o senhor padre anda-me a chatear.

– Olha, vamos-o a convidar cá para jantar. – [disse o pai.]

– Então está bem.

Convidou-o para jantar. Diz assim [à filha]:

– Olha, agora vais-me encher esta garrafa de vinho, e fazes chichi nesta garrafa.

Estavam a comer, muito bem. Ele, o senhor, serviu vinho a toda a gente. E olha:

– Ó senhor padre, qual quer, vinho [branco] ou tinto?

– Ah, eu quero branco.

– Então está bem, é este.

Ele provou:

– Porra, o que é isto?

– Vá, beba, senhor padre, beba! Isto é da pipa que o senhor queria encertar<sup>70</sup>. (risos)

.....  
**Informante:** Maria do Céu Fonseca Romão, 91 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 4-9-2024  
.....

## 254 | O GARRAFÃO DE VINHO PARA O PADRE

Car-Co 1730\*C

Há um padre que se queria pôr numa senhora que ia à missa, uma senhora muito boa. E então, o gajo tentou mesmo *chapar* a gaja. E ela dominou o homem [o padre] e não queria *pôr os cornos* ao homem [ao marido]. E disse ao homem:

– É pá, o padre anda-me a atacar, quer-se pôr em mim.

– Tu não lhe digas que não! Sabes o que é que fazes? Agora, aí duas noites seguidas, mijas aí para dentro de um garrafão.

E a gaja vai mijar. Até que um dia:

– Agora convidas [o padre] para cá vir a casa. Pões aí o jantar à maneira. Ele há de saber como é que é o *fado*.

Assim acontece: ela convida o padre e o padre foi lá ao jantar:

– Ah, o meu marido não se importa, vá lá jantar connosco. Ele é que me disse para te convidar.

– Está bem.

70 Tirar o primeiro líquido de vasilha ou recipiente.



O padre lá vai, todo satisfeito.

Ele [o marido] vai lá buscar o jarro de vinho, do tal garrafão, encheu um copo para o padre:

– Ó senhor padre, prove lá esta *pinga*!

O padre provou.

– E que tal, a *pinga*?

– Ah, está um bocadinho a *modo* picante.

– Sabe de onde é este vinho? É da pipa onde o senhor queria meter a torneira.

O padre [pôs-se] a andar... (risos)

---

**Informante:** Alfredo Ferreira, 85 anos, n. Vila Longa (c. Satão).

Recolha feita na freguesia de Salvador por Gorete de Brito em 19.10.2024.

---

## 255 | A “EMPREGADA” DO PADRE

ATU 1731 + 1776

Era uma vez um padre. E tinha criadas. Mas ele ia a todas as criadas. Ia a todas as criadas, dizia assim:

– Não pode ser.

Ao namorado de uma... ela disse:

– Olha, sabes que o padre fez-me isto assim, assim...

– Ai, não me digas!

E diz ele:

– Então espera! Agora vou para lá eu.

Ele vestiu-se de mulher, maquilhou-se, fez a maquilhagem e tudo... e foi a servir. Foi para lá servir. E o padre gostava muito dele: (dele porque... bom... pois...) Ás tantas, foi-lhe.

E depois, um dia, havia uma festa, e a irmã do padre andava com ele, com esse criado que estava vestido de mulher. Andava com ele, calaram-se bem caladinhos... ninguém sabia de nada.

Então um dia, havia uma festa. E diz-lhe assim o padre:

– Olha, Maria, vens comigo. Vamos tirar os lençóis à *iarca* (naquelas arcas grandes), vamos tirar os lençóis à *iarca* que é para depois fazermos a cama.

– Tá bem.

– Ai, tira aí os lençóis.

– Não, não, senhor padre. Tire lá os lençóis aí da *iarca*.

Ele, quando apanhou o padre a tirar os lençóis do fundo da *iarca*, meteu-lhe a tampa de cima, e vai que é disto!

Bom, o padre, coitado, quando se lá pôde tirar de baixo da tampa, ele foi a ter à festa com a irmã (a irmã já lá estava). E depois, quando foi à hora da merenda, estava a mesa toda estendida. E eles tinham levado um peru assado prá merenda.

E depois, era assim a irmã do padre:

– Olha irmão, temos que levar uma linda prenda à nossa criada.

– Eu não levo nada!

– Olha irmão, temos que levar uma prenda linda à nossa criada.

– Eu não levo nada! Tu leva-lhe o que tu quiseres.

*Eu vou levar-lhe a pata do peru.*

*Porque a ti fodeu-te pela c\*na,*

*A mim fodeu-me pelo cu. (risos)*

---

**Informante:** Olívia Romão Esteves, 76 anos.

Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 15.8.2024.

---

## 256 | A MULHER DO SAPATEIRO

Car-Co 1733\*C

Uma mulher era casada com um sapateiro. E andava amigada com um padre. E então, o marido andava desconfiado, não sabia ao certo. E depois:

*Passarinho da manhã*

*Levanta-te e vem cá fora.*

Era o sinal que o padre dava.

E depois o sapateiro, um dia, andava desconfiado com ela e tinha uma pedra de bater sola. E ele pôs a pedra no lume, a queimar, e queimou o rabo à mulher. A mulher, quando vinha do padre, vinha com os calores e assentava-se. E queimou o cu na pedra que o sapateiro lhe pôs, que era o marido dela.

E o padre, naquele dia, vem de lá e diz assim:

*– Passarinho da manhã*

*Levanta-te e vem cá fora.*

E o sapateiro, estava a coser uns sapatos, dizia assim:

*– Ela tem o cu queimado,*

*Não pode lá ir agora.*

Queimou o cu à mulher para [ela] não ir ao padre.

.....  
**Informante:** Lurdes Torrão, 78 anos.

Recolha feita na freguesia de Pedrógão de São Pedro por Rosa Gonçalves em 7.8.2024.  
.....

## 257 | O PADRE E A CABRA ROUBADA

ATU 1735A

Havia um padre numa freguesia. E tinha uma cabra. E vai lá um fulano, rouba-lhe a cabra. Esse fulano tinha um miúdo. E depois, o padre soube que tinha sido o pai dele. E disse para o gaiato assim:

– Olha, menino: tu, ao domingo, na missa, vais a dizer que foi o teu pai que roubou a cabra.

– ‘Tá bem, senhor padre.

O gaiato foi pra casa e disse pró pai assim:

– Ó pai, o padre disse-me isto...

– Ai é? Então tu vais lhe dizer isto...

– ‘Tá bem.

Quando foi na missa, o padre foi pró altar e disse assim:

– Meus irmãos, as crianças não mentem, falam sempre a verdade. (E vai, diz) Vai, meu menino, diz!

E o gaiato vai e diz assim:

– *Minha mãe está prenha*

*Do senhor padre Saravassola.*

*Se o meu pai chega a saber,*

*Dá-lhe uma sova qu’até o amola. (risos)*

.....  
**Informante:** Leonor Zagalo, 79 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 12-8-2024  
.....

## 258 | O PADRE PEPITO<sup>71</sup>

ATU 1735A

Estavam uns meninos a brincar. E um diz assim:

– *Mira, señor padre Pepito tiña una vaca. Pero, mi padre la saca, la mata, la pica para los listos.*

O padre Pepito passou e diz:

– *Niño, niño, me contas esse cuntarito?*

– *Si, le cuento o cuntarito.*

– *Si cuentas esse cuntarito a salida de la misa, te doy cinco duros.*

– *Si.*

Chega a casa, diz ao pai:

– *Mira, padre, cuando yo cuntar el cuntarito, el señor padre Pepito me da cinco duros.*

*Para cuntar este cuntarito a salida de la misa.*

– *Ay niño que me prende, que no vas a ter que comer. Se te dice que te queda la vaca, va cerca da vaca y me mata. Y me mete en prisión. Pero, no tienes que decir asi. Yo te digo:*

*Señor padre Pepito*

*Anda con mi madre*

*Pero mal está [el]*

*Si mi padre lo sabe.*

*Mais antes le dices, cuando te llama para contar el cuntarito, le dices: “primero, cinco duros!” Depois de teres cinco duros, le dices:*

*Señor padre Pepito*

*Anda con mi madre*

*Pero mal está [el]*

*Si mi padre lo sabe.*

– *No, no, no, hermanos. ¡No hay que creerlo! ¡No hay que creerlo! (risos)*

.....  
**Informante:** Florinda de Jesus Esteves, 84 anos, n. Quadrazais (c. Sabugal).

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 4.8.2024.  
.....

.....  
<sup>71</sup> Este conto, com muita probabilidade, foi aprendido em Espanha pelo pai da narradora que o contava em casa, aos serões. O pai e a própria narradora praticavam o contrabando, pelo que o contacto com Espanha era habitual. Esta versão oscila entre uma narração em português e diálogos em castelhano.

## 259 | O PADRE DOENTE

ATU 1739

Já lá vão assim uma série de anos, quando os senhores padres não podiam levar as mães com eles quando iam para as paróquias. E tinham que ter um empregado.

O senhor padre adoeceu, foi ao médico. E o médico disse-lhe que [ele] tinha que ir fazer umas análises. E então, que fosse para casa e que mandasse lá o empregado a levar-lhe a urina. E assim o senhor padre fez.

O senhor padre mandou o empregado e o empregado deu um pontapé numa pedra (na altura os sapatos também eram muito bons) e caiu e partiu o frasco [com a urina do padre].

Apareceu uma senhora, e a senhora disse:

– Olha, não vale a pena chorares. Porque é que estás a chorar?

– Ai, foi isto assim-assim.

– Anda, que eu arranjo-te um frasco com urina.

E assim foi. Quando o senhor padre foi saber os resultados das análises, o médico disse-lhe que, realmente, ele estava muito mal. Se alguma vez acontecesse que tivesse uma dor assim esquisita, fugisse da freguesia. Porque podia haver alguém que lhe batesse ou que lhe faltasse um bocadinho de tino. E assim foi.

O padre, um dia, sentiu-se mal e abre! [fugiu]. E o sacristão era assim:

– Ó senhor padre, venha cá! Ó senhor padre, não fuja!

E o padre mais fugia. Chegou lá à frente, coitado, já não aguentou. Puxou a batina preta, baixou-se, e [cá] vai desta para melhor! Quando estava aliviado, levantou-se e disse:

– Bem se vê que és filho de padre, vais de batina preta. (risos)

.....  
**Informante:** Ilda Domingues Alvito Gaspar, 76 anos.

Recolha feita numa viagem a Fátima por Gorete de Brito em 23.II.2024.  
.....

## 260 | OS SOLDADOS E AS PAPAS

ATU 1775

Dois soldados foram a pedir pousada. Andavam a pé, coitados, não havia dinheiro para se transportarem. Andavam a pé. Já estavam fartos de andar, foram a pedir dormida lá a uma casa.

E a senhora disse:

– Olhe, eu dou-lhe dormida. Mas eu tenho ali a minha filha, e vocês têm de dormir no mesmo quarto.

– Está bem, a gente dorme os dois no mesmo quarto.

– E o que eu tenho para jantar é papas.

– Ai, a gente só quer descansar, não le interessa de comer.

Foram prá cama. E pela noite adiante um dizia pró outro:

– Ó pá, eu estou com fome.

– Então, vai ver das papas. Vai lá a ver das papas. Comes tu e trazes-me a mim.

Ele enganou-se no quarto. Em vez de ir com as papas para o quarto do amigo, do colega, foi pró quarto da filha da que lhe deu a dormida. Em vez de lhe dar as papas pela boca dava-as pelo cu. (risos) E ele dizia assim a ela:

– Anda, pá, não le assopres que estão frias! (risos) Anda, pá, não le assopres que estão frias!

.....  
**Informante:** Lurdes Torrão, 75 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 12-8-2024.  
.....

## 261 | A ENFERMEIRA E O ARROZ DOCE

Noia 1775\*A

Era um gajo que foi criado no campo, era pastor. Uma vez foi para a tropa. Tinha uma prima – casou-se – e o gajo veio cá ao casamento da prima. O gajo comeu, comeu, comeu, [e o arroz doce] fez-lhe mal. Teve que ir para o hospital. Foi para o hospital, o doutor leva para lá uma enfermeira, e disse-lhe assim:

– Você, faça-lhe assim umas massagens até que o homem vomite.

Bom, o médico lá abalou. Daí por um bocado, lá vai e diz então. Passa lá e diz à enfermeira:

– Então, que tal está o homem?

– Ai, senhor doutor, o leite já veio todo, agora o arroz, não. (risos)

.....  
**Informante:** Domingos Robalo Salvado, 83 anos

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 24.2.2024.  
.....

## 262 | O NOIVO QUE COMEU ARROZ DOCE

Noia 1775\*A

Houve uma noiva que se casou. Mas era rica e levaram logo uma criada com eles.

O noivo comeu muito arroz doce [na boda], muito arroz doce. Quando foi por a noite adiante, a ele deu-lhe uma dor de barriga tão grande, tão grande, que a noiva não fez mais nada do que coçar-lhe a barriguita. Coçar-lhe a barriga, coçar-lhe a barriga... mas não havia maneiras de aliviar o noivo. Chamou a criada:

– Ó Maria, vem cá! Coça aqui a barriga ao senhor, que eu já estou farta. A ver se a ele lhe passa a dor de barriga, com o arroz doce.

Ela tanto coçou, tanto coçou...

Disse [a noiva] assim:

– Então, olha lá, Maria. Então, o senhor já está mais aliviadinho?

– Já sim, minha senhora. O leite, já o fiz deitar fora. Agora o arroz é que não há maneiras...

---

**Informante:** Maria da Conceição Andrade, 89 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 6.8.2024

---

## 263 | O DESPIQUE ENTRE O PADRE E O SACRISTÃO

ATU 1781

Uma vez o padre e o sacristão entraram em despique: que um comia mais mulheres que o outro. O padre comia mais que o sacristão, o sacristão comia mais que o padre...

E diz, então, o padre para o sacristão:

– Então, amanhã vamo-nos pôr um dum lado, o outro do outro, na porta [da igreja].

Quando passar uma senhora que tu comeste, tu fazes *tau!* Se comi eu, faço *tau!*

Lá se puseram, começaram a entrar senhoras. Era o padre dum lado: *tau!* O sacristão: *tau!*

E, entretanto, entra a família toda atrás do padre, e o sacristão do outro lado: *tau! terrau tau-tau-tau!* Pronto, o sacristão ganhou porque comeu as mulheres todas. E como o sacristão não tinha mulher, o padre não comeu nenhuma. E o sacristão comeu a família toda do padre.

---

**Informante:** José Salvado, 60 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Rosa Gonçalves em 22.7.2024.

---

## 264 | AS AMANTES DO PADRE

ATU 1781

[Dizia o padre ao sacristão]:

– Olha, vamos a dar a volta ao povo, para te dizer as amantes que tenho.

Passaram à porta de uma:

– Esta também é. [cantado em jeito de antífona litúrgica.]

Ia a fazer a procissão, mas era para lhe dizer as amantes.

– Esta também é. Eu digo “esta também é”, e tu dizes “e o há de ser”.

(Era a reza que iam a fazer.)

Quando chegaram à porta de uma:

– Esta também é.

– E o há de ser.

Até que chegou à porta dele, do sacristão.

– Esta também é. (risos)

Aí já não disse que o havia de ser! (risos)

---

**Informante:** Florinda de Jesus Esteves, 84 anos, n. Quadrazais (c. Sabugal).

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 4.8.2024.

---

## 265 | O PREGADOR

ATU 1785B

Foi a pregar um padre, e estava no púlpito, mas os rapazes puseram-lhe lá alfinetes virados para cima. E ele disse muito depressa:

– São João, São Pedro e São Paulo... – e bateu com as mãos, picou-as.

E diz assim:

– Oh, que súcia de malandros!

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 89 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 26.01.2024.

---

## 266 | O SACRISTÃO VESTIDO DE CRISTO

Boggs \*1787C

Havia uma pessoa, na aldeia, que só se confessava a Cristo. E então, o padre disse para o sacristão:

– Tu vais-te vestir de Cristo e metes-te no confessionário, a ver quem lá vai.

Disse [o sacristão]:

– Então, diga-me o seu pecado.

– Ai, Jesus Cristo, eu dormi com a mulher do sacristão.

Era o sacristão que estava dentro do confessionário e sai de lá e responde:

– Porra para isto! Para saber que sou corno, vesti-me de Cristo. (risos)

---

**Informante:** Lurdes Torrão, 78 anos.

Recolha feita na freguesia de Pedrógão de S. Pedro por Rosa Gonçalves em 26 agosto 2023.

---

## 267 | DIVIDINDO NOZES NO CEMITÉRIO

ATU 1791

[Uns rapazes] foram às nozes. E depois pensaram assim:

– Para onde é que vamos agora a dividir as nozes?

– Vamos aqui para o cemitério.

Eram três garotos, foram para o cemitério. Um deles diz assim:

– A minha mãe hoje cozeu.

– Ah, então vai buscar um bolo!

– Então vou.

E o garoto foi. Um foi e dois ficaram lá. E eles foram dividir as nozes, enquanto o outro lá não estava. Passou uma pessoa e eles estavam assim:

– Três para mim, três para ti, três para o nosso companheiro. Três para mim, três para ti, três para o nosso companheiro.

E ele, o que ouviu aquilo, foi a correr ao senhor padre:

– Ó senhor padre, venha depressa! Estão a dividir as almas no cemitério.

O padre, que também estava com medo:

– Ai, eu estou coxo, não posso.

E o sacristão diz-lhe assim:

– Eu levo-o às costas. Tem que ir.

E lá o levou às costas. Quando ia lá chegando, ia às costas do outro. E diz-lhe assim... [um dos rapazes] quando os ouviu, diz assim:

– Já o lá trazes?

O outro ficou calado. E ele, quando ouviu “já o lá trazes”, [pensou]:

– Isto é uma cilada que me estão a preparar!

Foi-se embora a fugir, já não esteve coxo.

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 4.7.2024.

## 268 | DIVIDINDO REBUÇADOS NA TORRE DA IGREJA

ATU 1791

Havia cinco amigos que foram a roubar rebuçados. E depois, o que é que se meteu na ideia? Foram a dividi-los para a torre da igreja. Um deles, a mãe estava a cozer o pão, e disse:

– Ai, ficai aí a dividir os rebuçados que eu vou a casa a buscar uma *bôla*<sup>72</sup> para comermos.

.....  
<sup>72</sup> Massa de pão com carnes.

Pronto, e ele abalou. Eles ficaram a dividir os rebuçados na torre da igreja. O sacristão ia a tocar o sino, ouviu lá barulho, pensou que eram as almas do Purgatório, as almas do Outro Mundo, que lá estavam. Foi chamar o senhor padre, o senhor padre que era coxo. Diz:

– Olhe, ó senhor padre, tem que ir lá a benzer... que aquilo andam lá a dividir, não sei o que é que andam a dividir. Aquilo é as almas do Outro Mundo que andam a dividir lá na torre da igreja. Não sei o que é que andam a dividir... mas tem que lá vir!

– Ai, só vou se me levores às costas.

Ele disse:

– Então vá, monte-se aqui e vamos lá.

Chegaram lá em cima, ouviram os que lá estavam:

– Três p’ra ti, três pra mim, três pró outro que há de vir. Três p’ra ti, três pra mim, três pró outro que há de vir. (risos)

Quando ouviram o barulho [os rapazes] pensaram que era o outro que tinha ido buscar o bolo a casa, e [um] pergunta:

– Então já o lá trazes? (risos)

O padre ouviu aquilo, pensava que o sacristão que o tinha levado para o entregar lá às almas do Outro Mundo, deitou-se a correr pelas escadas abaixo. E os outros a correr atrás dele:

– Espere aí, espere aí!

Qual “espere aí” qual quê... oh, oh!

.....  
**Informante:** Ana Maria Matanço, 74 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Rosa Gonçalves em 22.07.2024.

## 269 | O PORCO ROUBADO AO PADRE

ATU 1792 + Car-Co 1556\*A

Naquela terra era uso as pessoas, quando matavam [um porco], irem levar [uma parte] ao padre.

Mas o padre... as pessoas matavam e davam-lhe a ele uma parte do porco. Depois não lhe chegava [para se alimentar]. Começou a matar [um porco], ele também. Ora, ele matava, as pessoas já não lhe davam...

E ele disse [ao sacristão]:

– Sabes que agora, desde que comecei a matar o porco, já não me dão nada. As pessoas matam o porco e já não me dão nada.

– Ai, senhor padre, sabe o que é que faz? Mata o porco e pendura-o na pereira, no quintal. E depois, ao outro dia, diz que o roubaram.

Ele foi na conversa. O sacristão vai lá por trás, rouba-lhe o porco, de noite.

Ao outro dia, o sacristão vai lá [e diz o padre]:

- Olha, roubaram-me o porco!
- Diga assim, senhor Abade.
- Mas é verdade, roubaram-me!
- Mas diga assim.

E era assim, na conversa e tal... E ele já tinha comunicado com a mulher. Eles é que tinham levado o porco, já lá tinham as sóbrinhas para comer e tudo, mas não tinham vinho. Não tinham comido nada. Ele ia entreter o padre e a mulher ia à adega buscar o vinho.

A mulher levou a *borratcha*, a vasilha para meter o vinho, mas não tinha rolha. Às tantas, lá da adega, [ela] dizia assim:

- Anda cala-te golas de odre sem *nagalho*<sup>73</sup>!

E ele [o sacristão] lembrou-se o que é que devia de dizer:

- Se lá vou, até o *nagalho* do cabelo to ato. (risos)

[E diz o padre]:

- Deixa lá, homem, deixa lá...

(Ele fingiu que ia a bater [na mulher] e ela fugiu para a adega.)

---

**Informante:** Florinda de Jesus Esteves, 84 anos, n. Quadrazais (c. Sabugal).

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 4.8.2024.

---

## 270 | O PORCO ROUBADO

Boggs \*1800C

Numa aldeia roubaram um porco. E então, o padre resolveu fazer uma confissão, a ver se alguém se acusava de quem roubou o porco. E então, o padre estava no confessionário e foi lá um senhor a confessar-se. E o padre disse-lhe:

- Então o senhor já roubou alguma coisa a alguém?

E o homem respondeu-lhe:

- E o senhor, já?
- Já, eu já! Uma vez roubei um porco.

E o homem levantou-se e respondeu:

- Então, eu não me confesso a gatonos!

---

**Informante:** Lurdes Torrão, 78 anos.

Recolha feita na freguesia de Pedrógão de S. Pedro por Rosa Gonçalves em 26 agosto 2023.

---

---

73 Baraço; atilho.

## 271 | O GAROTO QUE TINHA UM NINHO DE MELROS

Car-Co 1805\*A

Uma vez, um garoto foi-se a confessar. E tinha achado um ninho de melros.

[E diz o padre]:

- Diz lá, meu menino, os teus pecados...
- Eu achei um ninho de melros. E agora ando lá a ver se crio os passarinhos para os comermos.

- Então onde é que é o ninho?

– Em tal sítio. E ando a guardá-los, para os melros crescerem para os comer.

- Está bem.

Mas o padre foi por trás do *catchopo*, e caçou-lhe o ninho dos melros. O *catchopo* foi lá, não viu os melros.

Ao outro dia foi-se [outra vez] a confessar:

- Diz lá, meu menino, os teus pecados...

– Eu sei onde há umas gajas boas, senhor padre.<sup>74</sup>

– Sabes, meu menino? Então onde é que estão?

- Ai, quer me fazer o mesmo que me fez aos melros?!

---

**Informante:** Maria da Conceição Andrade, 89 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 6.8.2024

---

## 272 | A CRIADA QUE SE FOI CONFESSAR

ATU 1806\*

A patroa disse para a criada:

- Hoje é dia de confissões, vai-te a confessar!

– Ai, eu não quero ir...

– Vais, sim, senhor...

Foi, foi-se a confessar. Esperou pela vez dela. Mas primeiro ainda foi uma [que estava com ela]. E ela ajoelhou-se, o senhor padre lá dentro. E o padre disse para ela:

- Então, a menina, o que é que faz?

– Eu trabalho num circo.

- Então e o que faz?

– Ah, faço o pino...

---

74 Estas três últimas falas são ditas por Alice Amaral.



– Então, vá lá aí para o meio da igreja a fazer o pino.  
E ela, saiu de lá e disse prá outra, que estava com ela:  
– Anda embora, que hoje a penitência é fazer o pino e nós não trazemos cuecas.

---

**Informante:** Maria da Ascensão Esteves Marcos, 86 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 9.9.2024

---

## 273 | O TOSTÃO ACHADO

ATU 1807A\*

Um homem era assim meio *coiso*, achou um tostão, foi-se confessar:

– Olhe, senhor padre, eu achei um tostão.  
– Está bem! Olhe, vá à procura... se encontrar dono dá-lho, se não encontrar dono vai à caixa das almas põe-no lá.  
– Está bem.

O homem ia de rua em rua e gritava com muita força:

– QUEM PERDEU...

E depois devagarinho:

– ... um *soissão*.

E depois tornava outra vez:

– EMBRULHADO... num sapinho (que era um farrapinho).

Correu a aldeia, ou vila ou que era, e ninguém apareceu.

O homem resolveu ir à caixa das almas. Chega lá e diz assim:

– A caixa das almas? *Elha* por *elha* para as almas? Então, *elha* por *elha*, está a minha em primeiro lugar.

E ficou com o tostão e não o deu, porque estava a [alma] dele em primeiro lugar.

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 89 anos  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 28.01.2024.

---

## 274 | O PREGADOR MUDO

ATU 1825B

Um padre disse para o outro, lá numa aldeia:

– Nunca fui capaz de trazer um pregador que fizesse chorar esta gente.

E o outro disse assim:

– Mas faço eu, faço eu.

– Fazes?

Foi para o sermão, o padre, e diz assim:

– Só ouve o sermão quem estiver na graça de Deus...

Ele vai para o púlpito, começa a falar [silêncio], nada! (Não estavam na graça de Deus não ouviram.)

Uma velha deixou-se dormir e quando acorda vê tudo a chorar... [e disse]:

– [Que lindo sermão!]

Ficou tudo:

– Ai, que ela é santa! Ai, que ela é santa!

Pois, porque como ela não ouviu nada, pensou: "O sermão foi muito lindo para esta gente estar a chorar".

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 89 anos  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 26.01.2024.

---

## 275 | OS ROUBOS DO SACRISTÃO NA HORA DA MISSA

ATU 1831

Um dia, havia um [padre] e um sacristão. E o padre tinha uma criada. E depois, veio à missa dizer a missa. E mandava o sacristão ir arranjar alguma coisinha para jantar.

Uma vez, o sacristão lá foi. Ia aos bardos para roubar algum cabrito, algum borrego, alguma coisa assim. Os pobres dos pastores começaram a dar falta do gado, já não iam à missa.

Os bardos estavam todos guardados, o gado. [O sacristão] viu uma *furda*<sup>75</sup> que tinha lá porquinhos, agarrou um.

E o padre, quando ele chegou à igreja, dizia assim:

– *Tu que fostes e tu que viestes,*

*Diz-me o que trouxestes.*

– *Eu fui o que vim,*

*Não trouxe mé-mé*

*Mas trouxe guin-guin. (risos)*

– *Vai para casa, casório,*

*Faz p'ra mim e p'ra ti*

*E p'rá Maria do Céu, seculório.*

– *Amem!* (risos)

---

**Informante:** Florinda de Jesus Esteves, 84 anos, n. Quadrazais (c. Sabugal).  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 4.8.2024.

---

<sup>75</sup> Regionalismo beirão: abrigo em pedra, geralmente circular, com uma porta, teto falso e recinto murado ao ar livre, onde se guardavam porcos.

## 276 | O PASTOR VAI À MISSA

ATU 1831A\*

Era um pastor que gostava de ir à aldeia. E um dia pediu à mãe para o deixar ir à aldeia, porque a mãe ia todos os domingos à missa. E a mãe disse-lhe assim:

– Olha filho, quando lá chegares, entras. Onde houver muita gente, tu entras também.

Pronto, ele teve a sorte de nesse dia ser um casamento. Foi para o almoço do casamento, comeu e bebeu, ficou satisfeito todo o dia.

Quando chegou à noite a casa, disse:

– Ó mãe, é tão bom. Por isso é que tu queres ir à missa todos os dias.

Daí a uma semana ou duas, disse outra vez à mãe:

– Ó mãe, então eu posso ir?

– Podes, filho. Anda, vai. Mas não te esqueças de ir à missa.

– Está bem.

Ele vê entrar muita gente, entrou outra vez também. Viu toda a gente meter a mão na pia da água benta, foi também, meteu assim a mão toda e disse:

– Porra para isto, quem comeu a massa que beba a *iágua*. Então aqui só há *iágua*, não dão mais nada!

---

**Informante:** Manuela Salvado, 58 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Rosa Gonçalves em 22.7.2024.

---

## 277 | A MISSA E O CASAMENTO

ATU 1831A\*

Há um casal de pastores que tinha dois filhos. Um dia em conversa, estavam todos a jantar, diz o marido prá mulher:

– Ó mulher, os nossos filhos, temos de mandá-los à missa e à catequese. Porque isto, também, não é vida para eles, temos de os educar.

Diz o mais velho:

– Ó pai, então onde é que é a missa?

– A missa, olha, é muito simples. Ao domingo, vais à aldeia. Onde vires entrar muita gente, onde vires um aglomerado de pessoas, aí é que é a igreja.

E foi, viu muita gente. E era um casamento. O casamento já tinha vindo da igreja e foi pró copo de água, comer e beber. O rapaz viu, foi atrás das pessoas e sentou-se também à mesa. Comeu e bebeu à fartazana. Foi-se embora.

Chega a casa:

– Ó pai, ui, aquilo é uma maravilha!

– Então porquê, filho?

– Então dão comida e tudo...

– O quê? (risos)

Diz a mãe:

– Comida? Ai, queres ver que encontrou um casamento e foi pró casamento?

– Foi! Então, deram-me lá comida, batiam-me nas costas: “então, já queres mais?”, e tal...

Diz o mais novo:

– Então, ao domingo eu também vou!

E foi. Chegou-se o domingo, vieram os dois por aí acima. Tiveram azar, foram mesmo para a igreja. Viram entrar as pessoas, diz o mais velho:

– Ah, então, mas isto está diferente, isto não é casamento nenhum...

Chegam à pia da água benta, viram as pessoas a meter o dedo e a benzerem-se. Quando ele encara com a água, diz:

– Ora poça, quem comeu os feijões que beba a *iágua*.

Pronto, mas continuaram, foram sentar-se na igreja. E o mais novo começa:

– Eh, tu és um aldrabão (e mais isto, e mais aquilo...), então onde é que está a comida?

Não dão comida a ninguém!

– Olha, resta-nos esperar. Esperamos mais um bocadinho.

Pronto, o padre começa a dizer a missa – eles estavam fartos de estar ali um ao pé do outro –, diz um:

– É pá, mas nunca mais vem a comida...

Entretanto, o senhor padre, quando ele levanta a hóstia, diz assim o mais velho:

– Olha, aquele sacana ainda agarrou uma talhada de nabo! (risos)

---

**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 11-9-2024.

---

## 278 | O SERMÃO IMITADO

Cf. ATU 1832

Eram dois rapazes que iam para padres, dois amigos. Um, saiu padre e pronto. O outro, nunca mais... andava triste. O outro diz-lhe assim:

– Olha, aprende a dizer a missa que o sermão digo-to eu.

– Está bem.

Ele meteu-se dentro do púlpito, e quando foi dizer o sermão, o outro avisou-o. Disse-lhe assim:

– Olha, tu só dizes aquilo que te eu disser. (E ele, do púlpito para baixo, olhou.) Tu só dizes aquilo que te eu disser.

Depois disse:

– Ó bruto!

[O outro repetiu]:

– Ó bruto!

Depois:

– Eu caguei pró sermão!

– Eu caguei pró sermão!

As pessoas na igreja, saiu tudo:

– Mas que raio de padre é aquele?

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 16.7.2024.

---

## 279 | O ALENTEJANO, O G.N.R. E O POLÍCIA

ATU 1832S\*

Um alentejano, na rua, vê um monte de m\*rda. E diz assim:

– Belo G.N.R. que aqui está!

E o polícia ouviu. Estava ali perto, ouviu.

– Olhe, repita lá o que disse!

– Este monte de m\*rda... belo G.N.R. que aqui está.

– Ah, ‘tá bem! A sua sorte é não ter dito “polícia”. Senão já o levava preso.

E diz o [alentejano]:

– Não, que isto para um polícia é preciso mais m\*rda. (risos)

---

**Informante:** Rui Manuel Martins Leitão, 59 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.10.2024.

---

## 280 | O ESPANHOL E A SEMANA SANTA

ATU 1833F

Um espanhol ouvia falar da Semana Santa em Portugal. E ele veio ver como era a Semana Santa.

Mas quando o padre começou a dizer no sermão:

– Apedrejaram-no!

E depois o espanhol respondeu:

– *Coitchao*.<sup>76</sup>

---

<sup>76</sup> Coitado.

– Andou pela rua da amargura!

E o espanhol:

– *Coitchao*.

– Lá o prenderam.

– *Coitchao*.

– Pregaram-no numa cruz.

– *Coitchao*.

– Até que morreu.

E o espanhol diz:

– *Coitchao*.

Mas ele, gostando muito, tornou a vir. Ao ano seguinte, tornou a vir.

Quando o padre começou a dizer:

– Apedrejaram-no! Crucificaram-no! Mataram-no!

E o espanhol disse:

– Já sabia o que lhe tinham feito o ano passado! Para que veio cá outra vez?

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.08.2024.

---

## 281 | O PADRE E O CORVO

ATU 1837

Naquela aldeia começaram a dizer que as mulheres se portavam muito mal. E depois foi aos ouvidos do padre. E o padre diz assim:

– Tenho de fazer alguma coisa.

Então, disse a missa, fez um sermão, e do púlpito para baixo:

– Homens, respeitai as vossas mulheres! Mulheres, respeitai os vossos maridos!

Mas pega num corvo que tinha lá escondido e pô-lo a voar, por cima, na igreja. O corvo viu-se fechado: *Crá, crá!*

E ele [o padre]:

– Apanha-as todas! Apanha-as todas! Apanha-as todas!

E elas – *cava* – tudo fugiu.

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 21.07.2024

---

## 282 | A AMIGA DO PADRE

ATU 1842C\*

Era um senhor padre. E foi acusado que andava com uma senhora. E o senhor bispo diz assim:

– Eu vou lá a ver se é verdade ou não.

E o senhor bispo, para saber se era verdade ou não, deitou-se ao lado do senhor padre.

De manhã, o senhor padre estava habituado a dormir com a Catarina... quando foi de manhã, bateu na cabeça ao senhor bispo:

– Ó Catarina, levanta-te que já lá vem a leiteira.

Pronto, lá ficou a saber que ele que dormia com uma mulher. (risos)

.....  
**Informante:** Mulher de 72 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 4.9.2024.  
.....

## 283 | O TESTAMENTO DO EMIGRANTE

Noia 1842\*D

Um rapaz foi prá Suíça. Ganhava pouco e foi prá Suíça que ganhava mais dinheiro. Esteve um ano, dois, três... tudo o que ganhava investia, em comprar prédios e quintas cá na terra dele.

Passado algum tempo, ele adoeceu. Adoeceu e deixou de mandar correspondência prá mãe. A mãe já era viúva. E tinha uma tia, também.

A mãe chega-se ao pé da tia:

– Ó Maria, já vistes? O meu filho não me dá notícias. Não sei o que será da vida dele, se está doente, se não está... Eu vou-lhe escrever uma carta.

E foi, escreveu uma carta. E a resposta dele foi que estava doente. E já há um mês ou dois estava doente e que a doença que era grave. E estava já quase em fase terminal.

A mãe escreve a carta, e disse:

– Filho, vem para a tua terra, que nós acolhemos-te de boa vontade, eu mais a tua tia.

Portanto, não há problema. E tratamos de ti, vamos fazer os possíveis para te curar.

Pronto, e ele veio, veio para Portugal.

Quando chega a Portugal, ele vinha muito mal. Chamaram um médico e ele já não saía da cama. Estava acamado, vai o médico a tratar dele, dava-lhe a medicação.

E há um dia diz assim a mãe para a irmã, portanto, para a tia dele:

– Olha lá, ele está em fase terminal, está muito doente. E se a gente o convencesse para passar tudo o que tem de prédios, quintas e casas, passar tudo para o nosso nome?

– Olha, boa ideia, tu tens uma boa ideia!

– Então vamos falar com ele.

Lá foram falar com ele, ao quarto:

– Olha lá, filho, tu estás nesta situação. E já pouco comes. O médico vem aí todos os dias, e tal... E tudo aquilo que tu tens, se passasses para o nome da mãe e da tia?

– Ó mãe, então o que é que é preciso fazer?

– Chamamos cá o notário. Portanto, tudo o que é teu passar para mim, para o meu nome, e para o nome da tua tia.

– Então, mande cá o notário.

Passado uns dias lá vai o notário, a fazer o testamento. E então, ele lá fez o testamento. E, passado mais alguns dias, chamou a tia e a mãe. Portanto, o notário vai lá, e levava já o testamento dito por ele, o que ele havia de deixar a uma e à outra.

E então, no testamento tinha:

*Minha alma entrego a Deus,*

*O meu corpo à terra fria,*

*A gaita à minha mãe*

*E os tomates à minha tia. (risos)*

.....  
**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 11.9.2024.  
.....

## 284 | O PADRE-NOSSO DO MOLEIRO

ATU 1853

Anda cá meu taleiguinho,

Que me pareces um saco.

Tu deves-me três,

Mas eu vou-te tirar quatro.

Pela graça do Divino Espírito Santo

Vou tirar metade e ainda outro tanto.

Vai a minha Maria, tira a maquia;

[Vai a Inês, tira outra vez;]<sup>77</sup>

Vai o meu Zé, tira para o boné;

Vai o meu João, tira para o cão;

[A Ana tira para toda a semana;]

Zurra cataturra,

Mais uma raçãozinha prá burra.

.....  
<sup>77</sup> Os versos entre parêntesis retos foram retirados de uma versão escrita pelo informante.

E zás-catrapás,  
Agora é que então tira o rapaz.  
E se não fosse pelas contas  
Que havia de dar a Deus,  
Ou por me chamarem velhaco,  
Eu não entregava  
Nem o *nagalho*<sup>78</sup> do saco.

.....  
**Informante:** André Martins de Almeida, 87 anos.

Recolha feita nas Quintas do Anascer - anexa da freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 28.9.2024.  
.....

## 285 | O MALUCO NO JÚLIO DE MATOS<sup>79</sup>

ATU 1864

Há uma senhora que tinha o marido internado no Júlio de Matos. E essa senhora tinha uma criada. Chegou-se o domingo, diz ela prá criada:

- Maria, vamos ver o meu marido?
- Vamos, sim, minha senhora.

Mas olha que tens que fazer uma coisa. Tens de dizer sempre que sim a aquilo que eles fizerem. Tu, por exemplo, vês ele agarrado a um... a fugir atrás de qualquer coisa: “então andas atrás de um bicho?”, “sim.”; “Então andas aqui?”, “sim.”; “Andas ali?”, “sim.”

Há um maluco que vem com uma escova de dentes agarrada a um cordel. Quando passa por ela, diz ela muito rápido:

- É um cãozinho, não é?
- Ó sua parva, não vê que é uma escova de dentes? (risos)

.....  
**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito e Rosa Gonçalves em 24.8.2024.  
.....

## 286 | OS DOIS GALEGOS

ATU 1865

Os galegos andavam muito por Portugal. Então, andavam a pedir, cheios de frio. E um dia foram a ter a uma casa de um senhor que deu-lhes guarida. Deu-lhes de comer, e depois meteu-os lá num palheiro. Disse:

.....  
<sup>78</sup> Atilho, cordel.

<sup>79</sup> Um ilustre médico psiquiatra que deu nome a um Manicómió de Lisboa.

– Olhem, ides para ali e deitai-vos lá na palha e dormis ali.

E em baixo haviam uns bois. Eles foram para cima, para o palheiro, e puseram-se a dormir. Mas, entretanto, estava frio. E diz um deles assim:

– Olha, ó Xuán, vamos lá para baixo. A ver se estamos à beira dos bois, que está mais quente.

– Vai tu primeiro.

E o Xuán, tinha lá um buraco e salta para o buraco, e saltou... E estava lá um carro que tinha umas *engarelas*.<sup>80</sup> E então, saltou e enfiou aquilo pelo rabo acima. E começou:

– Ai, Ai...

Diz o outro galego cá de cima:

– Ai palhas, Xuán... então eu também já lá vou de rabimbas...

E atirou-se, e caiu lá de rabo, também.

.....  
**Informante:** Lourenço Augusto Marcos, 72 anos. Natural de Urrós, Mogadouro.

Recolha feita na freguesia de Aldeia do Bispo por Gorete de Brito em 14.9.2024  
.....

## 287 | O FAVAL EM CIMA DO BURRO

ATU 1920C

Era um homem que tinha muitas colmeias. Ele não sabia quantas colmeias tinha, mas sabia quantas abelhas tinha. E um dia foi lá e faltava-lhe uma abelha. Andou à procura da abelha. Andou à procura, à procura, e viu a abelha no cimo de uma azinheira e uma carriça a comer n'ela. Ele vai, atira-lhe com o malho. Matou a carriça e com as penas fez um grande depenadouro. E ele não encontrou o malho. Deita-lhe o fogo às penas, ardeu o malho [só ficou o cabo]. Depois, foi ter com o ferreiro. O ferreiro [com o cabo do malho] saiu-lhe um anzol. O homem diz assim:

– O que é que eu faço com isto? Vou pescar.

Foi a pescar, saiu-lhe uma abelha.

– Ah, agora tenho que ir a buscar o mel da abelha.

Quando chegou ao sítio, lembrou-se que não tinha onde levar o mel. Então, foi às calças dele e tirou um piolho e debaixo da língua tirou um cabelo. Depois foi a atar o couro [do piolho]. Depois, carregou o burro. Mas o burro estava muito mimoso, feriu-se. Depois, veio uma pessoa, diz-lhe assim:

– Olhe, o burro cura-se com favas moídas postas em cima.

O homem foi, pôs as favas em cima do burro e pô-lo num campo. Depois foram-no chamar porque tinha lá um grande faval em cima do burro. Vai lá a mulher apanhar as favas, foi

.....  
<sup>80</sup> Uns paus na vertical que serviam para recolher o milho e o trigo.

a cortar as favas com o ceifão<sup>81</sup>. Estava lá um *tabasco*<sup>82</sup>, ela atirou-lhe com ele [com o ceifão]. Acertou-lhe no rabo. Ele andava à roda, cortava as favas; dava aos pés, malhava-as; e com a boca, limpava-as. No fim, tinha lá seis moios<sup>83</sup> de favas em cima do burro. (risos)

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 2.10.2024.  
.....

## 288 | O FENÓMENO DE PENAMACOR

ATU 1930

Em Penamacor havia um fenómeno de um gafanhoto que guiava uma camioneta, uma formiga que pesava oitenta quilos e uma enxada que usava botas de cano.

.....  
**Informante:** Maria Alice Domingues Alvito Frade de Brito, 74 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 27.07.2024  
.....

## 289 | A GRANDE ABÓBORA

ATU 1960D

Havia um agricultor, no Fundão, que tinha uma botelha muito grande, muito grande. E havia outro [um pastor] tinha cento e cinquenta ovelhas. E as ovelhas iam lá a dormir dentro, a ordenhar lá dentro da botelha, da abóbora. (Eu ouvia dizer... que eu não vi!)

.....  
**Informante:** António Menas Vaz, 83 anos. Natural de Águas.  
Recolha feita na freguesia da Bemposta por Gorete de Brito em 4.10.2024  
.....

## 290 | A COUVE E A PANELA

ATU 1960D + 1960F

Uma vez, um indivíduo passou por outro e disse assim:

– É pá, olha que eu já vi uma couve tão grande, tão grande, tão grande, que era capaz de encher a maior panela que existe.

E disse [o outro]:

.....  
81 Utensílio de agricultura, como uma foice, mas com cabo comprido para a pessoa estar direita.

82 A informante diz que é “um bicho”. Poderá ser um “tabarro”, termo castelhano que designa uma espécie de mosca que morde o gado.

83 Cada moio equivale a 60 alqueires.

– Então, eu também! Já vi uma caldeira que era capaz de levar alguns quatro ou cinco tanques de água, mais de cinco a dez mil litros.

Disse assim o outro:

– É pá, então essa caldeira tão grande, para que era?

– Para cozer essa couve que tu viste. (risos)

.....  
**Informante:** André Martins de Almeida, 87 anos.  
Recolha feita nas Quintas do Anascer - anexa da freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 28.9.2024.  
.....

## 291 | O CARECA, O CEGO E O MANETA

ATU 1965

Um careca, um cego e um maneta juntaram-se os três para ir a roubar laranjas. Levam um saco às costas. Chegam ao laranjal começam a encher a saca de laranjas. Passados dez minutos, um quarto de hora, diz o cego:

– É pá, vem aí o dono!

Diz o careca:

– Eh, até se me está a pôr os cabelos em pé...

Diz o maneta:

– Vamos embora, que eu levo o saco às costas. (risos)

.....  
**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.  
Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 11-9-2024.  
.....



## ANEDOTAS NÃO CLASSIFICADAS

SANTOS

### 292 | A AMÁLIA NO CÉU

A Amália queria ir para o céu. E quando chegou à porta estava lá o São Pedro. E o São Pedro disse-lhe assim:

- Para onde é que vais?
  - Para o céu.
  - Para o céu? Desvia-te ali para aquele lado que já vais a juramento.
- E depois, quando lá veio o Senhor, que por acaso lá estava, disse-lhe assim:
- Então tu tens muitos pecados?
  - Não.
  - Então porquê?
  - Porque fazia muitos favores.
  - Ah, então tu entras cá pró céu. Tu és cá das minhas! [risos]

---

**Informante:** Vitorina Gil Gomes, 80 anos.

Recolha feita nas Quintas do Anascer - anexa da freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 5.10.2024

---

### 293 | SÃO PEDRO E AS MULHERES

O São Pedro era macaco. Todas as mulheres que entrassem lá [no céu], ele é que era o porteiro.

Elas chegavam lá:

- *Oube lá*, o que é que fizestes no Outro mundo? (Elas iam lá, ele estava à porta.) O que é que fizestes no Outro mundo? Fizestes boas feitorias? Fizestes muitos favores? Vais pró céu. Tu, portaste-te mal. Não fizestes favores nenhuns, vais para aquele lado, pró inferno.

(Era a história do São Pedro. Que as mulheres que davam cá jeitos, depois, essas iam pró céu.)

.....  
**Informante:** Alfredo Ferreira, 85 anos, n. Vila Longa (c. Satão).  
Recolha feita na freguesia de Salvador por Gorete de Brito em 19.10.2024.  
.....

## 294 | JEJUA, PRETO!

Chegou o dia de Santo André:

- Jejuia, Preto.
  - A que santo?
  - A Santo André.
  - Não fosse coxo, que viesse quando os outros.
- Já não jejuou.

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 89 anos  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 28.01.2024.  
.....

## 295 | SANTA TERESA CAI DO BURRINHO

Santa Teresa de Ávila ia de visita a um dos conventos dela. E ia montada num burrinho. A certa altura do caminho a Santa Teresa caiu para um lamaçal, ficou toda suja, claro. E então, lá na oração dela, diz para Nosso Senhor:

- Logo agora é que me havias de fazer cair...
- E Nosso Senhor respondeu-lhe:
- Costumo fazer isso aos melhores amigos.
- E Santa Teresa de Ávila, lá no murmúrio dela, disse:
- Ah, então por isso, Senhor, tens poucos amigos...

.....  
**Informante:** Maria Alice Domingues Alvito Frade de Brito, 74 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 18.9.2024  
.....

## PADRES, BISPOS, SACRISTÕES

### 296 | SÃO PEDRO E O CELIBATO DOS PADRES<sup>84</sup>

Havia um padre que foi pedir ao São Pedro:

- Ó senhor São Pedro, deixe-nos lá casar.
- Não, os padres não se podem casar.
- Então, mas nós também temos as nossas necessidades...
- Remediai-vos com as mulheres dos outros.

.....  
**Informante:** Maria Alice Amaral, 58 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 6.8.2024.  
.....

### 297 | O PADRE QUE FALTOU À PREGAÇÃO

Um padre ia a pregar numa outra terra. Mas depois, ia na mota, avariou-lhe a mota no caminho. Bem... coitado, ia o padre muito aflito:

– Eh, e agora, como é que eu vou pregar? E agora, como é que eu vou pregar? Ai, mas como é que vai ser?

E, coitado, naquele tempo não passava ninguém nas estradas. Havia poucos carros. E ele com a mota avariada.

– E agora?

Bem, lá vem um homem. E ele perguntou-lhe assim:

– Então, olhe lá ó senhor, você vem d'aonde?

– Eu venho da Mata.

– Então olhe lá, a missa já acabou?

– Já! Então, o filha-da-p\*ta do pregador não apareceu...

(E o pregador era ele. E o padre era de cá. Era o padre Fatela.)

.....  
**Informante:** Leonor Zagalo, 79 anos  
Recolha feita na freguesia de Pedrógão de São Pedro por Rosa Gonçalves em dezembro 2023.  
.....

84 Esta anedota possui um teor etiológico, pois tenta explicar porque os padres têm amantes casadas.

## 298 | A MULHER QUE SE FOI CONFESSAR

Um padre estava no confessionário, a confessar. E o padre dizia de lá assim:

– Então, conte-me os seus pecados... – para ajudar a confessar.

E a mulher diz-lhe assim:

– Ó senhor padre, vá depressa, porque eu quero-o ir dar.

E o padre diz-lhe assim:

– Então se o há de dar a outro, dê-mo já a mim.

E ela, *pumba*, no confessionário deu um *traque*<sup>85</sup>.

E o padre respondeu-lhe assim:

– P\*ta que a pariu!

– Então não foi o senhor padre que mo pediu?

---

**Informante:** Lurdes Torrão, 78 anos.

Recolha feita na freguesia de Pedrógão de São Pedro por Rosa Gonçalves em 7.8.2024.

---

## 299 | NO CONFESSONÁRIO

Foi uma rapariga nova a confessar-se. Entrou lá para dentro do confessionário, o padre... a gaja era boa... o gaijo agarrou a mão à gaja e meteu-lhe aquilo na mão. E dizia assim:

– Faça menina, faça, faça, que o fazer tem graça!

Tanto fez, tanto fez, até que aquilo explodiu, foi a bater no teto da igreja. Foi a bater no teto da igreja, aquilo com o tempo começou a descolar, a fazer fio, caiu pra baixo. Caiu pra baixo, estava lá um careca por baixo. O careca deu razão de cair (então se cabelo não era), faz assim com a mão [na careca]. Disse assim:

– *Aqui não chove nem cai orvalho*

*Só pode ser... [leite do alho]*<sup>86</sup>

---

**Informante:** Domingos Robalo Salvado, 83 anos

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 3.8.2024.

---

<sup>85</sup> Peido.

<sup>86</sup> Fórmula completada pelos ouvintes.

## 300 | O PADRE NO CONFESSONÁRIO

Antigamente ia-se a gente a confessar para receber Nosso Senhor. Antigamente tínhamos uma casinha de madeira e tinha só uma coisinha de rede, uma janela, para a gente falar para eles [para os padres, dentro do confessionário]. A mulher era muito linda, era a mulher mais linda que havia nas Aranhas. O padre, quando ela se foi a confessar, disse-lhe assim:

– Olhe lá, quer ganhar um par de sapatos?

Ela disse:

– Ai, então o senhor é sapateiro? (risos)

Chegou cá fora, ela disse [às outras mulheres]:

– Olhem, se quereis ganhar um par de sapatos, ide ali que está lá um sapateiro, ali dentro do confessionário.

E, pronto, as outras ficaram a saber.

---

**Informante:** Rosa Maria Matanço, 98 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Rosa Gonçalves em 22.7.2024.

---

## 301 | AS PENITÊNCIAS DADAS POR DOIS PADRES

Há um senhor que vai a confessar-se e o padre deu-lhe uma penitência de cinco terços. O sacristão, passava uma vez, passava outra, e ele nunca mais saía dali. Chegou ao pé dele:

– Olhe lá, então qual foi a penitência que o senhor padre...

– Ah, deu-me cinco terços<sup>87</sup>.

– Cinco terços? É pá, então você já está aqui há uma hora... às tantas eu estou aqui à espera para fechar a igreja e nunca mais saio daqui. Espere aí só um bocadinho.

Ele vai lá a um padre já velhote:

– Olhe, está ali um nosso irmão, já está ali há duas horas e nunca mais sai dali. Deram-lhe uma penitência de cinco terços.

– O quê? Cinco terços? Manda o homem ao meu confessionário.

Lá foi ao confessionário do padre velhote:

– Diga lá os seus pecados.

Lá lhe esteve a dizer os pecados. Às tantas, a penitência dele foi a seguinte:

– Então, olhe lá, com quantas virgens anda?

– Três.

– Ensinar às ignorantes! Casadas?

– Sete.

---

<sup>87</sup> A oração do terço (ou rosário) é um conjunto ordenado e complexo de recitações em número apreciável de orações oficiais da igreja (Padre Nosso e Avé Maria, Glória) e evocação de mistérios.

- Dar comer a quem tem fome! (risos) E viúvas?
- Dez.
- Consolar as tristes! (risos) Vá-se embora que aquele gajo é maluco! (risos e palmas)

.....  
**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.  
Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 12-8-2024.  
.....

### 302 | EU CHAMO-LHE UM FIGO!

Eram dois miúdos que estavam assim a discutir um com o outro:

- Olha, diz-me lá, o que é que as mulheres têm no meio das pernas?

E um diz assim:

- Olha, a minha mãe diz que é uma pombinha.

E o outro diz:

- Não, é uma rolinha.

E estavam ali:

- Não é nada, é uma pombinha.

E o outro dizia:

- É uma rolinha.

E nisto passa o senhor padre. E diz assim [um deles]:

– Olha, o senhor padre, que estudou, deve saber. Ó senhor padre, estamos aqui com uma discussão: porque a mãe [dele] diz que aquilo que ela tem ao cimo das pernas é uma rolinha. E a minha, diz que é uma pombinha.

E o padre respondeu-lhe assim:

– Olhem, meus filhos, como ela se chama eu não sei. Mas quando eu as apanho chamo-lhe um figo. (risos)

.....  
**Informante:** Ana Maria Nabais Gonçalves, 78 anos.  
Recolha feita na freguesia do Meimão por Gorete de Brito em 12.11.2024  
.....

### 303 | O PADRE QUE RESOLVE UM DILEMA

Estavam dois homens à porta da igreja. E diziam assim:

- Olha lá, o sexo da mulher é “pipi” ou é “passarinha”?

– Ai, não sei... “passarinha” ou “pipi”. Olha, não sei.

Passa um padre, disseram:

- Ó senhor padre, o senhor é mais entendido nestas coisas...

[Põem a questão ao padre e este responde]:

- Olhem, eu, quando o apanho, chamo-lhe um figo... (risos)

.....  
**Informante:** Maria da Ascensão Esteves Marcos, 86 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 9.9.2024  
.....

### 304 | QUANTOS “CORNOS” HÁ NA TERRA?

O sacristão chamava-se Ramos. E ele [o padre] dizia assim:

– Olha, vou-te contar as amantes... é fulano, beltrano e sicrano (os que ele punha os cornos), e Ramos (que era o sacristão).

- Erramos, senhor padre, tornamos a contar. (risos)

.....  
**Informante:** Florinda de Jesus Esteves, 84 anos, n. Quadrazais (c. Sabugal).  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 4.8.2024.  
.....

### 305 | O NÓ CEGO

A patroa disse para ela [a criada] ir-se a confessar. Ela foi-se a confessar, esperou pela vez dela. Quando chegou à vez dela, o padre disse-lhe assim:

- Olhe, quando eu sair aqui do confessionário vá ter comigo à sacristia, está bem?

– Está bem.

Ela lá esperou, à espera que ela saísse para ir ter com ele. Foi lá, o padre o que queria era gozo.

E ela foi-se embora, muito arreliada. E chegou à patroa e disse:

- Eu não me confessei.

– Não?

- Não! Porque o senhor padre foi isto assim, assim, assim...

– Ai foi?

– Só não foi, porque nas cuecas eu tinha-lhe dado um nó cego. [O padre] não foi capaz de tirar o nó cego.

- Ai é? Então, amanhã, já vou falar com o padre.

Chegou à sacristia disse pró senhor padre:

– *Bom dia, senhor padre,*

*A sua cara é uma alegria.*

*A habilidade que teve de levar*

*A minha criada para a sacristia.*

E ele disse:

– *É verdade, é verdade,  
É verdade, eu não o nego.  
Também ela o gramava,  
Se não fosse o nó cego.* (risos)

.....  
**Informante:** Maria da Ascensão Esteves Marcos, 86 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 9.9.2024  
.....

### 306 | O TRÊS-DEDOS-NO-CU

Numa freguesia havia um sacristão. E, claro, como era a função dele, ajudava o padre a celebrar a missa.

Então, o sacristão chamava-se Três-dedos-no-cu. Mas ninguém sabia o nome dele.

E então, um dia, o padre estava lá a celebrar a missa, a igreja estava cheia, cheia de gente.

E ele precisou da ajuda do sacristão e chamou:

– Três-dedos-no-cu.

E então, as senhoras foram todas a meter os três dedos no cu.

Diz uma delas:

– Ó senhor prior, a mim, só cá cabem dois.

– Ganhas as mesmas indulgências. (risos)

.....  
**Informante:** Senhora que quis anonimato, n. Bogas de Cima, Fundão.  
Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 12-8-2024.  
.....

### 307 | O PADRE E O MILHANO

Era uma vez um padre que queria andar com aquela mulher. E não conseguia.

E ó depois, o padre disse assim:

– Olhai, qualquer dia vem o fim do mundo. Vem o *Sarangonhão* e fica tudo...

O padre o que é que havia de fazer? Quando estava lá na igreja... as mulheres, antigamente, usavam a saia larga. E ó depois, o padre, quando foi uma certa hora, disse assim... tinha assim um milhano, um pássaro. O padre agarrou o milhano e tinha-o lá. Quando foi à hora que ele queria lá fazer aquilo, disse assim:

– É pá, fechai todos os olhos que já lá vem o *Sarangonhão*.

O padre deitou então o milhano [ao ar]. Tudo a tapar os olhos! E a mulher agarrou na saia para tapar os olhos. E o padre enfiou-lhe a *coisa*. (risos)

E ó depois a mulher disse:

– Ai, antes por aí do que pelos olhos!

(Pensava que era o milhano que a estava a “picar.”)

.....  
**Informante:** Rosa Maria Matanço, 98 anos.  
Recolha feita na freguesia de Aranhas por Rosa Gonçalves em 22.7.2024.  
.....

### 308 | O BISPO, O PADRE E A CRIADA

Havia um padre que tinha por hábito receber o senhor bispo em casa. E como andava metido com a criada, fizeram um acordo: quando queria estar com ela, mandava-a peneirar farinha.

Um dia o senhor bispo chegou lá. E ele já andava desconfiado de alguma coisa, porque o padre mandava sempre a empregada a peneirar a farinha. (risos)

E ele disse-lhe:

– Vá, vai lá a peneirar a farinha!

E ele [o padre] foi ter com a moça.

O bispo, como estava desconfiado, esperou um bocadinho e foi atrás deles. Quando lá chegou, o senhor padre estava mais a criada. Diz-lhe então o senhor bispo:

– Ó senhor padre o que é que se passa?

– Ai, senhor bispo, por causa da cabeça de baixo anda a cabeça de cima perdida.

.....  
**Informante:** Maria Celeste Borrego Salvado Correia, 57 anos  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 1.08.2024  
.....

### 309 | O MEMBRO DO MORTO

Morreu um senhor. E ficou com aquilo muito teso, direito, com a “ponta” direita. As mulheres abaixavam-lhe aquilo para apertarem as *marcas*<sup>88</sup>, aquilo alevantava, arrebatava com as *marcas* todas.

O morto nunca mais vinha (que os padres, antes, iam às portas a buscar os mortos). Nunca mais vinha, subiu pelas escadas acima, o padre. Chega lá em cima:

– Arredem-se daí.

Salta com os pés juntos para cima do morto, que era para lhe partir aquilo. O padre escorregou, enfiou aquilo no cu. Enfiou aquilo no cu, *apois* o padre nunca mais vinha, lá foi,

.....  
88 Botões.

então, dois homens (ou duas mulheres) a ver como é que estava o padre. Estava lá, então, um mecânico. Teve que ir a buscar uma serrinha de ferro e cortou-lhe aquilo. Cortou-lhe aquilo, *apois* o padre, quando ia para o funeral, levava aquilo enfiado no cu e ia *descanchado*<sup>89</sup>.

Na *descanchado*, quando chegou ao funeral, quando chegou ao cemitério, uma pessoa disse-lhe assim:

- Então, senhor padre, parece que vem tão *descanchado*, o que é que trás?
- Ai, meus senhores, nunca experimentem a espetar pregos de cabeça para baixo. Espetem-nos de bico. De cabeça pra baixo, depois, não se conseguem arrancar. (risos)

.....  
**Informante:** Domingos Robalo Salvado, 83 anos  
Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 22.8.2024.  
.....

### 310 | O BURRO MORTO

Um padre abre a porta da igreja e, diante da porta, encontra um burro morto. Então telefona ao presidente da junta e pede para virem tirar o burro. O senhor Presidente da Junta responde:

- Ó senhor padre, mas o seu trabalho é enterrar os mortos, não é?
- Sim, senhor Presidente da Junta. Sabe, é que eu, antes de enterrar o morto, gosto muito de conhecer a família.

.....  
**Informante:** Olívia Romão Esteves, 76 anos.  
Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 15.8.2024.  
.....

### 311 | O SACRISTÃO E O HOMEM QUE REZAVA O TERÇO

Um homem, ao ver o sacristão com o apagador a apagar as velas, perguntava (chegou ao pé da coroa [de Cristo crucificado]):

- Olhe lá, quem é que lhe pôs essa coroa de espinhos?
- Foi você e os da sua seita.

E vinha vindo com o apagador pra baixo.

- Quem é que lhe pôs os cravos nas mãos?
- Foi você e os da sua seita.

Chegou ao corpo:

- Quem é que fez aqui estas chagas e quem é que lhe deu estas facadas que tem aqui?
- Foi você e os da sua seita.

.....  
<sup>89</sup> De perna aberta, sem postura.

E vinha com o apagador sempre por ali a baixo.

Quando chegou aos pés:

- Olhe lá, então quem é que pôs estes cravos aqui nos pés?
- Foi você e os da sua seita.

Levanta mais o apagador e chegou ao pé da túnica.

E diz ele [o homem] muito depressa:

- Então agora queimo-lhe os tomates. E diga-lhe que fui eu mais os da minha seita... (risos)

.....  
**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.08.2024.  
.....

### 312 | OS GÉMEOS E O BISPO

Eram dois irmãos, gémeos. E um dia veio o senhor bispo a Penamacor. E eles andavam ali na Serra Pedreira a guardar as cabras. Só que um andava à meia encosta e o outro andava lá em cima. E o bispo passou aqui no caminho do carreiro (andava um bocado desorientado, vinha da Aldeia do Bispo). E perguntou:

- Ó rapaz, chega aqui, faz favor!

E o rapazito lá veio. Deixou as cabras, veio ao caminho:

- Diga, faz favor.
- Então, para Penamacor é por aqui? Vou bem?
- Sim, sim, vai.

E o pastor olhou assim p'ra ele, disse (que ele tinha ouvido qualquer coisa que vinha aí o bispo):

- Então, o senhor é que é o senhor bispo?
- Eu sou.

E o rapaz disse:

- Eh, c'um c\*ralho, que homem tão gordo! (risos)

E o bispo diz assim:

- Mas tu és assim tão mal-educado?

– Eu? Isto não é nada! Então, o meu irmão – anda lá em cima, está a ver? – ainda é pior do que eu!

- Chama-o lá. (risos)
- Ó Zé! Zé!

E o outro lá de cima:

- O que é?
- Anda cá abaixo, que *hádes* ver aqui o senhor bispo.



E diz o Zé lá de cima:

– Vai-te f\*der! Tu e mais o senhor bispo! (risos)

.....  
**Informante:** Rui Manuel Martins Leitão, 59 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 26.8.2024.  
.....

## FAMILIARES E PARENTES

### 313 | A SOGRA E A NORA

A sogra e a nora estavam a discutir. E a nora disse para a sogra:

– As sogras são tão boas que fizeram uma de açúcar e ainda amargou.

E a sogra esperou e diz assim:

– E as noras, puseram uma no alto da serra e ainda lá picou.

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 89 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 18.11.2023.  
.....

### 314 | A FILHA DESONRADA

[Havia um rapaz] que desonrava as moças todas. E havia um casal que tinha uma filha.

E então, o que é que pensaram:

– Vamos embora daqui com a nossa filha, quando não, é desonrada por aquele gajo.

Bem, assim foi. Saíram, mas encontraram um cavaleiro no caminho:

– Ah, agora é que são elas!

O cavaleiro diz-lhe assim:

– Não, agora tens de a gramar!

– Bem, está bem.

Agarrou na filha, disse para o pai assim:

– Você, segure-me aqui nas rédeas do cavalo e não as deixe bater no chão.

– Está bem.

E diz assim para a mãe:

– E você, segure-me aqui nos tomates, e não os deixe bater no cu da sua filha. (risos)

E depois, quando ele lá fez o trabalhinho dele, abalou, foi-se embora. A filha ficou desonrada.

Depois, iam a comentar uns com os outros assim.

O pai dizia assim:

– Ah, olha que ele há de deixar de trabalhar... que as rédeas do cavalo hão de enferrujar todas. Andam sempre a bater no chão.

Dizia a mãe assim:

– Oh, e eu também deixei os tomates dele a bater no cu da nossa filha. (risos)

Diz a filha assim:

– Oh, e eu, quando ele dava duas para baixo eu dava três para cima. (risos)

.....  
**Informante:** Informante anónima

Recolha feita na freguesia de Pedrógão de São Pedro por Rosa Gonçalves em dezembro 2023.  
.....

### 315 | O PAI, O FILHO E O ARADO

O pai andava a lavrar [com] os bois e o arado. E o garoto, pequenito, chega ao pé do pai, diz assim:

– Ó pai, deixa-me pegar no teu rabo!

– Nã, filho, que entortas o rego<sup>90</sup> ao pai. (risos)

.....  
**Informante:** Olívia Romão Esteves, 76 anos.

Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 5.8.2024.  
.....

### 316 | O AVÔ QUE TRATA O NETO POR “FILHO”

O avô diz ao seu neto de seis anos:

– Olha, filho, vai lá buscar a bengala ao avô.

O neto:

– Não vou.

– Vai lá, meu filho.

– Não vou.

– Então porquê?

O neto:

– Vai pedir ao meu pai. Ele é que é teu filho.

.....  
**Informante:** Olívia Romão Esteves, 76 anos.

Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 15.8.2024.  
.....

90 Esta é a palavra que espoleta o riso, muito graças à ambiguidade das suas diferentes aceções: em contexto agrícola, rego é o sulco que o ferro do arado abre no solo; mas em contexto popular rego pode ser também entendido como o sulco entre as nádegas.

## CASAIS

### 317 | A NOIVA RECEOSA

Uma vez uma noiva casou-se. E depois foi lá para o quarto, a preparar-se, a arranjar-se... Mas estava tudo já farto de estar à espera dela:

– Mas a noiva não sai de lá, porquê? Mas a noiva não sai de lá, porquê?

Porque pertencia ao noivo ir buscar a noiva. Tudo ali desanimado.

A mãe [dela] diz assim:

– Realmente, ah... Ó filha!... eu já lá vou. Ó filha, então não vens?

E a mãe vem de lá:

– *A minha filha está a chorar e tem razão.*

*Diz que vai a casar com um homem*

*sem saber se tem ou não.* (risos)

E depois o noivo diz assim:

– Ah, que não seja por isso, eu vou lá e *amostró!*

– Ai, nã, não! Quero que a minha filha vá honestamente. Vale mais mostrar-me a mim.

Bem, a filha lá saiu, lá entrou a velhota com o noivo. Lá lho *amostrou...* e ela veio de lá toda contente:

– *Ai, filha, vai,*

*que é tão grande como o do teu pai.* (risos)

.....  
**Informante:** Maria da Conceição Andrade, 89 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 6.8.2024

### 318 | A NOITE DE NÚPCIAS NO HOTEL

Havia um casal de namorados que casaram. Eles eram assim um bocado do campo, não é? Eram muito simples. E o namorado disse assim:

– Olha, também havemos de ir dormir para o hotel. Vai tudo a dormir para os hotéis e a gente [também] vai a dormir.

Pronto, lá foram. As tias, de manhã, queriam saber:

– Então, filha, e como é que se passou a noite?

– Ai, era uma cama muito bonita, tinha assim umas cortinas à volta...

– Ai, mas não é isso que queremos saber. O que é que o Zé te fez?

Diz [ela] assim:

– Ai, o que é que o Zé me fez? Olhem, disse-me assim: “despe-te!” E eu despi-me. E depois, deitou-se para cima de mim, apanhou-me o *mijadouro*. Se me apanhasse uma vista, tinha-me logo cegado! (risos)

.....  
**Informante:** Ana Maria Nabais Gonçalves, 78 anos.

Recolha feita na freguesia do Meimão por Gorete de Brito em 12.11.2024

### 319 | A MULHER QUE QUERIA UVAS

Há as festas e houve um casal [que] a mulher estava grávida. Foi um casal [a pé à festa]. Passaram por uma vinha, a mulher apeteceu-lhe uma uva. (Dantes havia guardas a guardar as uvas.) E a mulher começa p'ra ele:

– Ai, homem, temos que ir além roubar umas uvas, e tal... que eu vou mesmo de todo. Está-me a apetecer uma uva, temos que ir roubar uma uva.

– Então vamos lá!

Foram lá, o guarda caçou-o. Caçou-o, tombou a mulher e disse assim pró homem:

– Você, agora, segura-me aqui os ticles<sup>91</sup> (risos), não os deixe bater na terra. Cada vez que eles batem na terra seca-se-me a *parreira*, é um prejuízo!

Bom, o gajo lá fez o que quis, levantaram-se foram-se embora.

Quando vinham para cá diz-lhe então ele:

– O gaijo disse que cada vez que lhe batesse os tomates na terra secava uma parreira, quase que lhe seca a vinha toda... então eu nem lhe peguei!

E vai a mulher, disse para ele:

– Então e tu vias os esticões que eu lhe dava, a ver se lhe partia aquilo?! (risos)

.....  
**Informante:** Domingos Robalo Salvado, 83 anos

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 3.8.2024.

### 320 | O NOIVO DESPENICA<sup>92</sup> O MILHO

A filha casou-se. E depois, ao outro dia, a mãe diz-lhe assim:

– Então, filha, como é que te arranjustes?

– Ai, mãe, ele não me fez nada. Toda noite assentado lá no *arcaz*<sup>93</sup>.

Pronto. Ao outro dia, vai e diz:

– Então, filha, como é que te arranjustes?

.....  
<sup>91</sup> Testículos.

<sup>92</sup> Arranca pequenos pedaços, desmonta.

<sup>93</sup> Arca grande com gavetões.

– Ó mãe, [ele] não me tocou em toda a noite.

Pronto. *Apois*, vai, à outra vez, e diz-lhe assim [a mãe]:

– Ai, então filha, e esta noite?

– Ai, mãe, foi igual. Não me tocou.

– Então olha, tu deitas o milho e ele despenica, despenica, despenica...

E o outro dia, a mãe diz-lhe assim:

– Então, filha, como é que passastes a noite? Como é que... ele já te tocou, filha?

– Ai, mãe, tanto despenicou, tanto despenicou que até o cu me rachou. (risos)

.....  
**Informante:** Maria de Lurdes Ramos Leitão Lourenço, 75 anos.

Recolha feita na freguesia de Águas por Gorete de Brito em 21.9.2024  
.....

## 321 | O PAI QUER ENSINAR AO FILHO COMO É A VIDA DOS CASADOS

Um rapaz namorou uma rapariga e depois casaram-se. Casaram-se, chegou a noite, foram prá cama. E o rapaz não deu nada dele. Outra noite, outra noite... e a rapariga disse prá sogra:

– Eu vou-me embora.

– Ai, porquê filha?

– Porque eu não sei o que é a vida de casada.

E a sogra logo entendeu. E ela disse:

– Não te vais embora! Não te vais embora, que eu vou falar com o meu homem.

Ela falou com o homem, disse:

– Olha, o nosso filho é *assim-assim*...

E ele disse:

– Diz à rapariga que não abale. Que não abale, que vá lá para o quarto que eu já lá vou.

E levou o filho. Ela lá se pôs a jeito e ele também. O pai dizia prá nora:

– *É dentro e fora*

*Só tenho pena que sejas minha nora!* (bis)

Ele [o filho] viu aquilo, baixa as calças abaixo, vai ao cu ao pai:

– *É vai e vai,*

*Só tenho pena que sejas meu pai!* (bis) [risos]

.....  
**Informante:** Maria da Ascensão Esteves Marcos, 86 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 11.9.2024  
.....

## 322 | O MÉDICO E O FUNIL

Há uma senhora que estava grávida. E quando ia ao médico, para observá-la, o médico ria-se sempre. E a senhora, quando chegava a casa, ia a chorar para o marido:

– Vens a chorar porquê?

– Ai, o senhor doutor, quando vou à consulta, está sempre a rir. (E ele [o doutor], na altura punha lá um funil<sup>94</sup> em cima da barriga.) Tá a rir-se, e ri-se novamente...

– À próxima vez vou lá contigo.

E assim foi. Ele viu a mulher tão desanimada... e foi lá com a mulher na próxima consulta. E então, o médico vai, põe novamente o funil em cima da barriga da mulher e começou a rir-se:

– Ah, ah, ah, ah, ah, ah!

E o homem:

– O senhor está a fazer pouco da minha mulher?

– Não. Venha cá que o senhor também se vai rir.

Põe lá o funil na barriga da mulher, começa o marido a rir-se, também.

– Também, tu? Também estás a fazer pouco de mim?

– Não, olha, estou a ouvir os nossos filhos (tinha gémeos). Estão a perguntar um pró outro o que é que querem ser quando vierem cá para fora.

Então, um queria ser médico. O outro queria ser *cobói*<sup>95</sup>.

E diz um:

– Tu queres ser médico porquê?

– Quando chegar lá fora, curo o pai, curo a mãe, observo-os... Então e tu?

– Eu quero ser *cobói*.

– Cobói porquê?

– Para matar esse pele vermelha que, de vez em quando, vem cá a cima a picar-me no cu. (risos)

.....  
**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 12-8-2024.  
.....

## 323 | O FILHO PRETO

Outro também vinha assim na camionete, no autocarro. Tinha tido assim um garoto preto... e a mulher [era] branca. Dizia ele:

– Mulher branca, homem branco, filho preto... Cosa-se! Cosa-se!

Vinha ali uma mulher ao lado que diz:

94 Dispositivo que serve para facilitar a tarefa de verter líquidos para o interior de uma garrafa. Neste caso é empregado como se fosse um estetoscópio.

95 Anglicismo, "cowboy" = vaqueiro.

– O senhor, ou se cala, ou à primeira paragem eu já dou parte de você [à justiça].  
Bom, pois claro, o gajo, pois claro que devia e tal. Lá veio com a mesma conversa.  
Chegou lá, a gaja deu parte, foi a responder [ao tribunal].  
Chegou ao doutor juiz, foi a responder, disse:  
– Ó senhor doutor juiz, eu estou a ver que o senhor doutor juiz é branco. E a sua esposa?  
– Também é branca.  
– Então e se a sua esposa tivesse um filho preto?  
Diz logo o gaijo:  
– Cosa-se! (risos)

.....  
**Informante:** Domingos Robalo Salvado, 83 anos  
Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 3.8.2024.

## 324 | OS COGUMELOS

Um casal vai aos *champignons*. O marido pergunta à sua mulher:  
– Olha lá, tu tens a certeza que conheces bem todos os *champignons*?  
– Ó homem, então não hei de conhecer? Tu até já és o terceiro marido que tenho!

.....  
**Informante:** Olívia Romão Esteves, 76 anos.  
Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 15.8.2024.

## 325 | O CASAL DESAVINDO

Era um homem e mais uma mulher que se davam muito mal. E ó depois um dia estavam muito zangados, muito zangados. E o homem disse para a mulher:  
– É hoje que já te mato!  
E a mulher diz assim:  
– Ai, homem, não me mates. Deixa-me ir fazer umas orações ao quarto.  
Ao fim, ela lá vai, faz as orações:  
– Ó homem, sempre me queres vir a matar? Já me podes vir a matar.  
Chegou lá, viu a mulher toda despida. Disse então:  
– Ai, mulher, não sei se te mate se te foda<sup>96</sup>... (risos)

.....  
**Informante:** Isabel Borrega Flores, 81 anos.  
Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 3.8.2024.

96 A informante suaviza o “palavrão” usando “te coma”. O marido diz: “ou tem que ser contado de verdade ou não”.

## 326 | UMA MULHER MUITO CONCORRIDA

Havia um casal. E depois o filho andava desconfiado. E disse então:  
– Ó pai, temos de dar descanso à mãe.  
– Então porquê?  
– Então, de manhã foi o vizinho, ao meio dia foi o padeiro, então agora é o pai? (risos)

.....  
**Informante:** José Gabriel Campos, 76 anos.  
Recolha feita na freguesia do Meimão por Gorete de Brito em 12.11.2024.

## 327 | UMA CONVERSA ENTRE AMIGOS

Está um indivíduo que resolveu ir a beber uns copitos. E juntou-se lá um grupo de amigos. E pôs-se a conversar, a conversar... amor pr’aqui, amor pr’ali; sexo pr’aqui, sexo pr’ali...

Diz um assim:  
– É pá, eu com a minha mulher, pá, já experimentei tudo. Mas a melhor coisa que ela me sabe fazer é broche.  
[E diz outro]:  
– É pá, comigo, também já experimentei tudo. A minha [mulher] adora é levar no cu.  
E diz ele assim:  
– É pá, eu já experimentei isso tudo. Eu agora ponho-a feliz a ela e põe-me feliz a mim: eu gosto é de lamber-lhe a rata.  
O outro lá estava a ouvir as conversas, e tal...  
– Ó pá, aquilo é tão bom que vocês nem imaginam... hã! Vocês experimentem se querem ver...

Bem, aquilo, mais copo pr’aqui, mais copo pr’ali... o tal que estava a ouvir as conversas foi a caminho de casa. Entrou devagarinho, a mulher estava a dormir. E então, o gajo deitou-se a ver, começa a escorregar por ali a baixo e começa-lhe a lamber a rata, a lamber... A mulher acordou:  
– Ó homem! (e tal...)  
E ela levantou-se para ir à casa de banho, acendeu a luz. O gajo tinha a cara cheia de sangue.  
Diz-lhe ela assim:  
– Ai, homem, não me digas que voltaste a cair da *biciclete*! (risos)

.....  
**Informante:** António, 70 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.10.2024.

### 328 | AI QUE RICO PASTO!

[Era um casal.] O homem, era só passar [a mão] por cima dela:

– Ai que rico pasto! Ai que rico pasto! – E não havia nada. – Ai que rico pasto! Ai que rico pasto!

E ela, um dia, disse-lhe:

– Ou tu fazes caso do pasto, ou eu vendo o pasto a outro! (risos)

---

**Informante:** Maria da Ascensão Esteves Marcos, 86 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 9.9.2024

---

### 329 | MARIA, ENFIA A SACA!

Havia uma senhora que era muito feia, muito feia, muito feia... E um rapaz disse:

– Vou mas é casar com aquela! Porque aquela é tão feia, tão feia, tão feia, que ninguém se mete com ela!

E casou com a senhora. E quando queria lá fazer a *brincadeira*, dizia-lhe:

– Maria, enfia a saca!

E ela, coitada, enfiava um saco pela cabeça abaixo e lá faziam amor.

E o homem trabalhava fora, estava uns oito dias fora, e não sei quê...

Houve lá um amigo dele que soube da história. E começa a gritar, cá de fora:

– Maria, enfia a saca!

E a mulher, *tumba!* E ele ia lá e *tau!* E a mulher, coitada, lá ficava assim.

Um dia que lá vai o homem, lá o amigo, o marido chegou lá da viagem. E diz:

– Maria, cheguei, enfia o saco!

E a Maria, enfia o saco e diz:

– Outra vez?! (risos)

---

**Informante:** Dália Maria da Conceição Lino Assenção, 70 anos, n. Torres Vedras.

Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 5.8.2024.

---

### 330 | A SENHORA QUE IA VISITAR A CAMPA DO MARIDO

Havia uma senhora que, quando tinha o marido, estavam sempre à guerra um com o outro.

E depois o marido morreu. Enterraram-no para lá, no cemitério, não é? E depois ela, quando ia a visitá-lo, em vez de lhe levar flores, chegava lá, tirava as calcinhas e mijava na campa do homem. Mijava e dizia-lhe, então:

– Olha, agora cheiras, mas não lhe tocas. (risos)

---

**Informante:** José Gabriel Campos, 76 anos.

Recolha feita na freguesia do Meimão por Gorete de Brito em 12.11.2024

---

### 331 | AS DUAS VIÚVAS

Havia duas senhoras que já eram viúvas. E iam ao cemitério. Uma estava na campa do marido, chorava, chorava, chorava. A outra punha-se em cima da campa e mijava lá para cima. E era sempre isto, sempre isto, sempre isto. A que tanto chorava chegou ao pé dela, diz-lhe assim:

– Olha lá, então, mas tu não querias bem ao teu marido? Eu farto-me de chorar, e tu, cada vez que te vejo, estás sempre a mijar.

– Olha, filha, cada uma chora por onde mais tem saudades!

---

**Informante:** Maria Celeste Borrego Salvado Correia, 57 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 1.08.2024

---

### ÓRGÃOS SEXUAIS MASCULINOS

### 332 | O RAPAZ QUE IA PARA A TROPA

Era um rapaz (nesse tempo não havia cá fotógrafos para tirar fotografias), ia para a tropa.

E diz assim:

– Ai, valha-me Deus!

E andava a namorar. E a esposada disse assim:

– Então agora vais para a tropa e nem uma fotografia me deixas?

E a avó também, coitada, era o único neto que tinha:

– Ai, meu rico neto. Vais para a tropa e nem ao menos uma fotografia me deixas!

Calhou a vir um amigo de Lisboa e trouxe uma Kodak. E foi, convidou-os para irem nadar:

– Vamos dar aí uma volta e vamos nadar um bocado ali à ribeira.

Lá foram a nadar, tiraram a roupa. Quando foi o tirar da roupa:

– Eh, vou para a tropa e nem uma fotografia tenho. A minha avó quer uma fotografia, a Maria quer outra fotografia...

E ele [o amigo] foi:

– Ai, mas eu só te posso tirar uma.

Tirou-lhe uma [fotografia] todo nu. Dividiu a fotografia ao meio, e foi, deu a metade à esposada. À esposada deu-lhe do corpo para cima. E à avó deu-lhe do corpo pra baixo.

Ó depois, vai [a avó] e diz assim:

– Ai, meu rico neto, és tão parecido com o teu avô! Tens o nó da gravata e tudo igual a ele. (risos)

.....  
**Informante:** Isabel Borrega Flores, 80 anos

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 24.2.2024.  
.....

### 333 | O PAI E O FILHO AO SOL

Eram dois homens que foram a trabalhar para o campo. *Adepois*, ao fim da *solda*<sup>97</sup>, andavam com calor, foram a tomar banho prá ribeira. Não tinham lá uma toalha para s'alimparem, tomaram banho, puseram-se ao sol. O pai, endireitou-se-lhe aquilo. Vira-se pró filho, diz assim:

– Ó filho, olha aqui com o que tu foste feito.

O filho tinha um mais grande, diz assim pró pai:

– Ó pai, olhe aqui o que saiu do seu corpo. (risos)

.....  
**Informante:** Domingos Robalo Salvado, 83 anos

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 22.8.2024.  
.....

### 334 | O TRANSPLANTE (1)

Há um rapaz [que] ia de bicicleta e teve um acidente: vai, *pimba*, bate contra o muro e ficou com os dentes todos de fora, saltou-lhe a pele do lábio.

Ele muito aflito:

– Eh, onde é que está agora a minha carne, e tal... para pôr aqui no lábio...

Vai ao médico. Vai ao hospital, assim que o médico o viu:

– É pá, da maneira que você traz aí os dentes... então o resto da carne?

– Ah, ficou lá. Ia de bicicleta, tive de vir a correr...

.....  
97 Antigo pagamento anual aos criados de lavoura.

– Ei, isso está um caso muito sério! Como é que a gente vai fazer um transplante aí do lábio? Olhe, por acaso o senhor não tem um vizinho que tenha uma burra?

– Ah, por acaso tenho. O da parte de baixo tem uma burra.

– Diga lá ao vizinho p'ra trazer cá a burra, que é pra fazermos um transplante aqui pró seu lábio.

Assim foi. Chega ali à *passarinha* da burra, corta um bocado, e fez o transplante no lábio. (risos) Coseu aquilo, e tal:

– Daqui por um mês venha cá para ser observado.

E assim foi: no fim do mês lá estava o rapaz:

– É pá, isso está a ficar bom, e tal... Daqui a pouco tenho que lhe tirar os pontos...

– Ó senhor doutor, mas treme-me muito o lábio.

– Então, pronto, mas isso passa. Daqui por um mês volte novamente.

À segunda vez que lá vai... fazia gestos por todo o lado...

– Então, mas e o senhor têm algum problema?

– Ó senhor doutor, não tenho problema. Tenho é um grande desgosto comigo.

– Então, mas diga lá o que é.

– É que, quando passo por um ladrão dum burro, começa-me o lábio a tremer. (risos)

.....  
**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 12-8-2024.  
.....

### 335 | O TRANSPLANTE (2)

Uma senhora foi queixar-se ao médico que o marido era novo e não fazia nada com ela.

E ele:

– Olhe, traga-me cá o seu marido que eu faço-lhe um transplante. Depois já faz.

Ela agarrou o marido, foi lá.

E passada uma temporada, a senhora foi lá. E disse assim [o médico]:

– Então, papinho cheio?

– Ó senhor doutor, nada, não faz nada!

– Não me diga! Então, mande-mo cá.

Diz ele assim [o médico]:

– Então, ouça lá! A sua mulher veio-se queixar que não faz nada...

– Ó senhor doutor, então e você queria que eu metesse o c\*ralho dos outros na c\*na da minha mulher? (risos)

.....  
**Informante:** Dulvina Augusta Mugeiro, 92 anos.

Recolha feita na freguesia do Vale da Sr<sup>a</sup> da Póvoa por Gorete de Brito em 27.08.2024.  
.....



### 336 | A PILINHA DO CAVALO

O pai ia a passear, com o garoto (era pequenino), e o cavalo tinha *aquilo* muito comprido.

E então, o garoto diz assim ao pai:

– Ó pai, o que é aquilo que o cavalo ali tem, tão comprido?

– Pois, é a pilinha do cavalo.

– Ai, pai, o cavalo tem muito comprido, mas a tua é pequenina... (risos)

---

**Informante:** Maria de Lurdes Ramos Leitão Lourenço, 75 anos.

Recolha feita na freguesia de Águas por Gorete de Brito em 21.9.2024

---

### 337 | AS DUAS SENHORAS QUE FORAM AO CINEMA

Há duas senhoras que vão ao cinema. Depois do cinema encurtaram caminho. Tinham de passar por baixo de um viaduto. E elas olham pró lado e veem um individuo com o *pirete* na mão a urinar. E diz uma prá outra:

– Ai, que vergonha. Olha que bicho, olha que bicho...

Então ele volta-se e disse:

– Podem passar à vontade que eu ‘tou-lhe a apertar a cabeça.

---

**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 15.08.2024.

---

### 338 | O CHAPÉU E O CABIDE

Uma vez, um senhor ia para Lisboa. Havia aquele comboio em que ia um banco para a frente e um banco para trás, nos compartimentos. E então, acontece que ia lá um senhor assentado num banco. E levava o chapeuzinho aqui na portinhola porque ele tinha as calças rotas entre as pernas. E então, o que é que acontece? Agarrou no chapéu e pôs assim [tapou o fecho das calças]. As senhoras vieram, sentaram-se em frente com ele. Ambas duas eram muito descaradonas. E ele a fazer que estava a dormir... mas não. Elas entortaram a perna... havia só aquelas cuequinhas de tapar os *rais-que-te-parta*, o rego da rata. E ele, a fazer que estava a dormir... mas não dormia.

Tá a ver, começou-se a endireitar a *pica*, começou-se a endireitar o *pau*, e ele a ver. E ele fez que estava a dormir.

E diz uma assim prá outra:

– Agora sabes o que é que vamos fazer? Vamos-lhe tirar o chapéu. Ele, quando acordar anda à rasca, não encontra o chapéu.

E uma alevanta-se, com jeitinho, e vai-lhe a tirar o chapéu. E tinha lá a gaita metida dentro. Saiu para fora a gaita e tinha a gaita tesa.

E diz-lhe [ele] com uma grande lata:

– Ó menina, se leva o chapéu leve também o cabide, se faz favor! (risos)

---

**Informante:** Alfredo Ferreira, 85 anos, n. Vila Longa (c. Satão).

Recolha feita na freguesia de Salvador por Gorete de Brito em 19.10.2024.

---

### 339 | ARRE BURRO!

Havia uma rapariga que nunca tinha visto um homem nu.

A primeira vez que o viu, disse-lhe assim:

– Ai que coisa tão feia e tão pequenina!

Ele, não vai de mais, diz-lhe assim:

– Olha, diz assim: *Arre burro! Arre burro!* Que vais ver como isto cresce.

Ora, lá estavam a fazer o servicinho, ela começou: *Arre burro! Arre burro!* Aquilo crescia, crescia, crescia. E ela: *Arre burro! Arre burro!* Chegou a um ponto ela diz assim:

– *Ai, valham-me as almas benditas,*

*que eu já estou a bater com o cu nas ripas!* (risos)

---

**Informante:** Maria Celeste Borrego Salvado Correia, 57 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 1.08.2024

---

### 340 | O PESO DA PILINHA

Pergunta [um miúdo] à mãe:

– Ó mãe, que peso é que tem a minha pilinha?

– Ai, então, para que é que queres saber?

– Ah, é para saber.

– Ah, deve ter aí cem gramas.

Chega ao pé do pai:

– Ó pai, que peso tem a tua pilinha?

– Hum, tem aí duzentas gramas.

– Hum, está bem. Já tinha perguntado à minha mãe. A minha mãe disse-me que [a minha] tem cem gramas. A do pai tem duzentas, já é mais crescido.

Chega ao pé do avô:

– Ó avô, que peso tem a sua pilinha?  
– Ó filho, não sei, mais logo digo-te.  
Então chega mais tarde:  
– Olha, filho, tive eu toda a noite – eu e a avó – e não a conseguimos levantar. (risos)

.....  
**Informante:** Joaquim Lourenço Cavalheiro, 89 anos.  
Recolha feita na freguesia da Penamacor por Gorete de Brito em 6.9.2024  
.....

### 341 | LEMBRANDO TEMPOS PASSADOS

Há um gajo que se encontra em casa, todo nu. E vira-se para o espelho e começa a falar com a picha:

– Então, não te lembras daquela sueca, pá? Oito dias que passámos, tão bonitos... (e aquilo já não se levantava). É pá, lembras-te daquela morenaça cabo-verdiana, pá?  
O gajo repetiu, repetiu ali uma quantidade de mulheres, para ver se a picha se levantava. E nisto, dá um grande peido. E diz ele:  
– Cala-te! Tu não tens razão de queixa. (risos)

.....  
**Informante:** António, 70 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.10.2024.  
.....

### ÓRGÃOS SEXUAIS FEMININOS

#### 342 | O “ARREPIADO”

Era uma moça que vivia assim no campo. E tinha lá um porco para vender e chegou lá o comprador. E ela estava sentada nas escadas. E diz assim:

– Então, quanto é que custa lá o *arrepiado*?  
E ela o que respondeu:  
– Ai, não está assim tão arrepiado, que ainda agora comeu um caldeiro de vianda.  
– Ah, eu logo vi! É por isso que ele tem os bigodes sujos.  
(Porque ela estava de perna aberta e via-se o *arrepiado* todo.)

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 89 anos  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 10.11.2024.  
.....

#### 343 | A RATA VALIOSA

Também houve uma que foi de cá da aldeia pra Lisboa, e ao fim de lá estar um ano, com a *rata*, comprou quatro andares. E tinha cá um irmão, e o irmão disse assim... Começou aí a comprar as ratas... os ratos que agarravam, encheu uma saca grande. E *apois* diz um assim:

– Ó Zé, então para que é que queres os ratos?  
– Então, a minha irmã, com uma rata, já comprou três andares. Eu com uma saca delas vou a comprar uns trinta ou quarenta andares.

.....  
**Informante:** Domingos Robalo Salvado, 83 anos  
Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 22.8.2024.  
.....

#### 344 | AS RATAS

Quando foi da ponte sobre o Tejo, uma senhora foi para lá com uma rata – com a rata dela – e ganhou dinheiro para comprar um andar. E o irmão diz-lhe assim:

– Então, se a minha irmã, com uma rata, ganhou dinheiro para um andar... Eu levo uma saca delas, então quanto é que eu ganho?  
O gajo foi para lá... eram ratas, não era a mulher.  
Disse prá irmã:  
– Olha lá, como é que tu fizeste, que só com uma tu ganhaste dinheiro. E eu, com tantas...  
– Ah, pois, mas é que eu sou eu, e tu és tu. Tu não fazes nada, pois claro.

.....  
**Informante:** Dulvina Augusta Mugeiro, 92 anos.  
Recolha feita na freguesia do Vale da Srª da Póvoa por Gorete de Brito em 27.08.2024.  
.....

#### 345 | O “COME-E-CALA-TE” CHAMUSCADO

Outra vez estava a mãe e um filho. E a mãe assentou-se e ficou com a vagina à mostra. E o filho estava ao lado. Tinham assado carne e estava a comer:

– Ó mãe, que raio é isso negro que tem aí?  
– Ó filho, come e cala-te!  
Bom, o filho calou-se. Daí por um bocado, tornou:  
– Ó mãe, mas que raio é isso negro que aí tem?  
– Ó filho, come e cala-te!  
O filho, lá viu que aquilo passava a mais, a mãe ali assim com a *rata*:

- Ó mãe, raios me partam se não me diz o que é isso!
- Come e cala-te!
- Raios me partam se o hei de comer sem ser chamuscado! (risos)

.....  
**Informante:** Ana Maria Dubelez Andrade, de 96 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 14.02.2024.  
.....

### 346 | O “QUALQUER COISA” CHAMUSCADO

O filho viu lá aquilo... (porque dantes não traziam cuecas. E às vezes estavam ali com a ratoeira armada). E o filho viu aquilo à mãe:

- Ó mãe, o que é que *vomecê* aí tem?
- Ai, é “qualquer coisa”... Deixa estar que é “qualquer coisa”.

O filho lá se acomodou.

Um dia, foram para o campo com o pai. E o pai diz assim:

– Olha que é meio dia, tens de ir fazer o almoço. Tens de ir fazer o jantar! (Que dantes o jantar era ao meio dia e à noite era a ceia). Vai lá fazer alguma coisa p’ró jantar que é meio dia! E nós sem comermos.

O cachopo, chegou a casa, disse:

- E agora o que é que eu vou fazer? Ó pai, então o que é que eu vou a fazer para comer?
- Ai, olha, anda, fazes aí qualquer coisa...
- Ó pai, eu é que não o como sem ser chamuscado! (risos)

.....  
**Informante:** Maria da Conceição Andrade, 89 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 14.02.2024.  
.....

### 347 | UMA SENHORA PASSA A RIBEIRA CHEIA

Dantes, o pessoal da Meimoa ia a Penamacor a pé, aqui pela serra. E havia uma ribeira que lhe chamavam a Ribeira da Ceife ou o que era. E então vinha um senhor d’além com um burro. E a ribeira ia grande. E ia uma senhora daqui da Meimoa. E então, o senhor, em vez de deitar o burro para a senhora passar a ribeira, não.

Ele estava a olhar para a senhora. Ela arregaçou as saias, ia a andar, a andar, a andar. Chegou a um certo sítio, que aquilo era fundo, e o senhor, lá do outro lado, dizia-lhe assim... ela quanto mais levantava a saia:

- Ai que bebe! Ai que bebe! (risos)

Ela, coitada, enquanto ia na funda não disse nada. Tornava ele:

- Ai que bebe! Ai que bebe!

Assim que saiu da ribeira disse-lhe assim:

- Então se beber, bebeu! Ainda ali atrás comeu um bocado de chouriço, agora tem sede! (risos)

.....  
**Informante:** Joaquina Andrade, 74 anos.

Recolha feita na freguesia da Meimoa por Gorete de Brito e Maria João Cabanas em 10.7.2024  
.....

### 348 | OS DOIS IRMÃOS E A CRIADA

Eram dois irmãos. E tinham uma criada. (Que nessa altura não usavam cuecas; era a combinação e a roupita por cima.) Diz o mais novo assim:

- Olha lá, então as mulheres não têm uma pila como a nossa?

– Não, têm uma racha.

– Ah, pois têm. É assim? [faz uma reta na vertical com a mão]

– Não, não. É assim. [faz uma reta na horizontal com a mão]

– É assim.

– Não, é assim.

A Maria vem lá de cima (todas são Marias). E diz assim:

– Ó Maria, espera aí, escorrega aí pelo corrimão.

Oh, ah, ah! Levanta a perna, zzzzzzzzzzz.

– Obrigado, ganhei a aposta.

– Então?

– Porque o meu irmão dizia que a vossa racha que é assim [mão na horizontal]. E eu dizia que era assim [mão na vertical], portanto ganhei.

– O menino não viu nada que eu tapei com a saia.

– Não! Porque tu viestes assim: zzzzzzzzzzz! Porque se ela fosse assim, vinhas: blebleblebleble... (risos)

.....  
**Informante:** Mulher de 87 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 4.9.2024.  
.....

## 349 | O ÁS DE COPAS

[Vinhã] dois indivíduos de Lisboa, no comboio, e tinham cá a namorada na terra. E vinha uma menina lá. Tinha calor, de perna aberta, muito mal aquartelada, com o *Ás de copas* ali à mostra.

E diz um para o outro:

– Ó pá, vai lá dizer à menina que arrecade aquilo, e tal...

– Vai lá tu!

E lá foram ali que tempos a discutir, a discutir... e um, que tinha a mania que era mais esperto, disse:

– Eu já lá vou, eu já a faço calar!

– Tá bem...

Lá foi, sentou-se ao lado dela:

– Ó menina, veja lá, que eu vou ali mais o meu colega, nós já somos comprometidos...

e você vai aí assim nesse estado...

– Sabe, amigo, isto é uma fonte que já matou a sede a muita gente.

– Ai já? Então veja lá se o meu nabo precisa de ser regado?

O gaijo de pau feito. E ela olha para ele:

– Não! O seu nabo não precisa de água. Precisa é de estrume. Vá metê-lo no cu do seu colega! (risos)

---

**Informante:** José Salvado, 60 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Rosa Gonçalves em 22.7.2024.

---

## 350 | A SOPEIRA E OS MAGALAS

Foi uma cá da aldeia para lá servir [na cidade]. *Apois* ia à praça, havia lá muito soldado. A gaja era muito bonita e os soldados todos os dias a atacavam:

– Ó menina, de onde é, de onde é?

A gaja chegou-se a pontos que disse assim:

– Sou da *coisa*<sup>98</sup> da minha mãe – disse-lhe pouco alto.

E vai, o rapaz diz assim:

– Ai, que coisa tão linda, quem me dera lá ir...

– Olhe, vaia-se montar no *mangalho* do meu pai que passa lá a carreira todos os dias. (risos)

---

**Informante:** Domingos Robalo Salvado, 83 anos

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 22.8.2024.

---

98 Uma suavização para "c\*na".

## 351 | UM RECRUTA DO NORTE

Um rapazito, na recruta, veio do Norte (era assim meio vivaço, lá na terra dele). E ali no quartel, em Castelo Branco, ainda estavam à civil. E eles estavam a perguntar: “de onde é que vem, quantos anos tem, não sei o quê...” E chegou a vez desse rapazito. E ele estava a ver as perguntas que o sargento fazia. Era um a um, iam passando, em fila... E chegou a vez dele. E ele já tinha [a resposta] estudada.

E diz-lhe o sargento:

– Então rapaz, como é que te chamas?

– Zé Manel.

– Então e donde é que vens?

– Da *coisa* da minha mãe.

E o sargento ficou assim a olhar p'ra ele...

Diz o outro sargento ao lado:

– Olha, linda terra! Não me importava de ir lá de vez em quando!

E diz o rapazito:

– Monte-se no *coiso* do meu pai que faz para lá carreira todos os dias. (risos)

---

**Informante:** Rui Manuel Martins Leitão, 59 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.10.2024.

---

## LUXÚRIA

## 352 | A TRAVESSIA DO DESERTO

Há uma freira que pensou em atravessar o deserto. E então, para atravessar o deserto, tinha que contratar um indivíduo que tivesse um camelo que aguentasse a passagem do deserto.

Pronto, a gaja lá combinou com o homem, e tal. Ele alimentou o camelo, encheu-lhe a barriga de água e metem-se ao caminho os dois. Metem-se ao caminho, mas o gajo estava sempre com a ideia de saltar para cima da freira. E a freira pedia-lhe por tudo:

– Ai, pelo amor de Deus, não! Que é sagrado, e prometi isto à Virgem.

Andaram quilómetros, quilómetros. Às tantas, o camelo não aguentou mais, morreu. Ficaram só ali, os dois. Ora, como é que vai ser, como é que não vai ser... E então, durante a noite, diz ele assim para ela:

– Ai, irmã, tenho aqui uma coisinha que dá vida aos mortos...

E diz ela assim:

– Então, vá ao cu ao camelo, que é para seguirmos viagem.

---

**Informante:** António, 70 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.10.2024.

---

### 353 | OS DOIS COMPADRES

[Um dos compadres] dizia:

– Ó compadre, quando a gente está a fazer amor, havia de durar tanto tempo como de Penamacor ao Algarve.

E diz o outro:

– Ó compadre, de carroça...

E diz logo o outro:

– E travada. (risos)

---

**Informante:** Maria da Ascensão Esteves Marcos, 86 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 9.9.2024

---

### 354 | A FREIRA NO HOSPITAL

A freira estava a fazer os partos. E ela (já tinham nascido tantos garotos...):

– Raios partam tantos garotos – dizia a freira.

E diziam as enfermeiras:

– Ó irmã, não diga assim...

– Tantos garotos... estou farta de tanto garoto!

E diz uma para a outra:

– Olha, quando ela for prá cama, vamos lá a pôr um garoto. Dizemos-lhe que é dela.

Ela foi prá cama, deitou-se. Quando foi de noite, elas foram lá a pôr um bebé.

Quando [a freira] acordou, diz [a enfermeira] assim:

– Ó irmã, então tem aqui um bebé?

– Ai, é meu?

– É.

– Ai, graças a Deus. Já se não pode confiar nem numa vela... (risos)

---

**Informante:** Maria da Ascensão Esteves Marcos, 86 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 9.9.2024

---

### 355 | JÁ ME FALTA O RANCOR...

Eram [dois] vizinhos. E um vizinho atraçou o outro vizinho, ficou com a mulher do outro. E tinham os campos pegados, também. Eles, quando foram para o campo, a vizinha foi sozinha, porque o homem foi com a outra mulher. E o homem foi sozinho porque a mulher foi com o outro homem. E a outra, no campo, dizia assim pró homem (estavam os campos pegados):

– Ai, vizinho, vizinho! Eu nem me posso esquecer. Eu, se fosse a si, vingava-me!

E dizia ao homem, tornava:

– Se fosse a si, vingava-me. Eu nem posso acreditar! Se fosse a si, íamos ali pra baixo daquela figueira, e vingava-se. (Quer dizer, que se punha nela.)

E *apois*, lá foram, pronto.

Quando foi à hora do almoço, diz o homem para ela:

– Ó vizinha, então não vamos almoçar?

– Ai, vamos sim, senhor.

– Então, venha cá para aqui.

Chegou lá:

– Ai, vizinho, eu, se fosse a si, tornava-me a vingar...

Almoçaram, foram outra vez a vingar-se.

Quando foi à tarde, diz o homem para ela:

– Ó vizinha, quer vir na carroça?

– Ai, vou, vou...

Iam chegando à aldeia, e diz [ela] assim:

– Ai, vizinho, eu, se fosse a si, tornava-me a vingar...

Ele disse:

– Vingava, vingava, mas já me falta o *rancor*... (risos)

---

**Informante:** Maria da Ascensão Esteves Marcos, 86 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 9.9.2024

---

### 356 | O CAMPONÊS QUE QUERIA ESTAR “ENTRE AS MULHERES”

Um senhor do campo que veio à vila pela primeira vez. E queria ir à missa. E disseram-lhe assim:

– Olha, quando vires entrar muita gente, entras tu também. E assim foi. O homem veio à vila e viu entrar muita gente na missa e ele entrou também. O senhor padre começa a rezar a Ave-Maria. E começa:

*Ave Maria cheia de graça.  
O Senhor é convosco.  
Bendita sois vós entre as mulheres...*

- Entre as mulheres, entre as mulheres, entre as mulheres...
- Ó homem, saia daí!
- Não, não, senhor padre. Deixe-me estar mais um bocadinho... (risos)

.....  
**Informante:** Maria Alice Domingues Alvito Frade de Brito, 75 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 17.10.2025.  
.....

### 357 | AS DUAS COMADRES

Eram duas comadres que estavam a conversar. E uma diz assim:

– Ai, ó comadre, eu, quando chego a Lisboa, tenho uma vontade de pôr os cornos ao meu homem... Você nem imagina!

E diz-lhe a outra:

*– Ai, comadre, isso é andaço,<sup>99</sup>  
porque eu, quando lá chego,  
é a primeira coisa que faço.*

.....  
**Informante:** Maria Alice Amaral, 58 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 29.08.2024.  
.....

### 358 | O CHOFER QUE ESTAVA CONSTIPADO

Era uma vez uma condessa, que tinha uma filha e tinha chofer. Enfim, era uma pessoa rica.

E diz ela assim para o chofer:

– Ouve lá, a minha filha anda aí assim tão triste... não sei o que ela tem. Se tu quiseres, olha, a quinta é grande, pegas nela e vais passeá-la. Vai dar aí uma volta com ela, a ver se ela espairose um pouco.

Bom... por aí fora... e então, onde estava também um cavalo e depois uma fêmea [égua]. E então, já sabe que o macho estava em cima da fêmea.

Diz ela assim para o chofer:

.....  
<sup>99</sup> Doença não perigosa que predomina numa localidade; pequena epidemia.

- Pára aí, depressa, pára.
- Ele parou e ela vem ver os animais na brincadeira deles.
- Diz ela assim:
- Como é que o macho sabia que a fêmea estava disposta a fazer o que estão a fazer?
- Diz assim o chofer:
- Sabe, menina, foi por o cheiro.
- Diz ela assim p'ra ele:
- Ah, estou a ver que tu andas muito constipado. (risos)

.....  
**Informante:** André Martins de Almeida, 87 anos.  
Recolha feita nas Quintas do Anascer - anexa da freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 28-9-2024.  
.....

### 359 | A MULHER GRÁVIDA E O FUMADOR

Uma vez ia uma senhora, ia grávida e no comboio. E então, senta-se um senhor à frente dela, no comboio, e ia a fumar. E disse assim ela para esse senhor:

– Olhe lá, o senhor, por favor, apagava o cigarro se faz favor. Sabe, não é por mim, é por ela [aponta para a barriga].

Ele não fez assim grande caso. Depois ela repetiu outra vez:

– Olhe lá, por favor apague o cigarro. Sabe, não é por mim, é por ela.

Bom, ele lá apagou o cigarro.

Algum tempo depois, que ela já não estava grávida, juntaram-se outra vez no mesmo comboio. E ela sentou-se também à frente dele, á frente um do outro. Enquanto ela estava de *mini-jupe*<sup>100</sup>, com a saia pra cima, ele também estava na frente dela. Diz-lhe assim:

– Olhe lá, minha senhora, baixava a saia por favor?

E ela ficou assim... e não baixou.

E ele repetiu outra vez:

– Olhe lá, baixe a saia por favor. Sabe, não é por mim, é por ela [aponta para a bargui-lha]. (risos)

.....  
**Informante:** André Martins de Almeida, 87 anos.  
Recolha feita nas Quintas do Anascer - anexa da freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 28-9-2024.  
.....

.....  
<sup>100</sup> Em francês = minissaia.



## 360 | A RAPARIGA QUE APANHOU BOLEIA

Uma rapariga estava a apanhar boleia. Estava na estrada a ver se lhe davam boleia, porque ela ia a uma consulta e já ia atrasada. Mas o carro ia cheio de gente (eram só homens que lá iam). E o condutor parou e disse:

– Olhe, nós levávamo-la, mas já não temos lugar... só se for ao colo de alguém!

– Ai, está bem.

Eles fizeram-lhe campo, ia lá sentada no colo de um. E esse disse para ela:

– A menina é costureira?

– Não, porquê?

– Ah, tem aqui uma linha, aqui na perna...

E ela disse:

– E o senhor, é mecânico de carros?

– Não, porquê?

– Está a alevantar o “macaco”... (risos)

---

**Informante:** Maria da Ascensão Esteves Marcos, 86 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 11.9.2024

---

## ESCATOLOGIA

### 361 | O SALOIO DO CU CAGADO

Foi um para Lisboa, um homem. Era saloio, vá, foi pra Lisboa. Tinha lá uma irmã, depois morava longe da estação. E vinha para baixo, prá estação, e deu-lhe a vontade de abaixar as calças. Ele não podia fazer no meio da rua. Viu além uma porta aberta, entrou lá para dentro pra trás da porta e abaixou lá as calças. Vem o dono da casa e disse-lhe assim:

– Então, o senhor, aqui é que está a fazer o cocó?

– Então onde é que devia de ser? Aí na rua para a polícia me prender?

– Então, o senhor, o que é que agora precisava?

– Precisava de um papel para limpar o cu, que senão tenho de o levar cagado.

---

**Informante:** Domingos Robalo Salvado, 83 anos

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 22.8.2024.

---

## 362 | O OLHO DO CU

Era uma vez um senhor que tinha um olho de vidro. E estava a lavar o olho e batem-lhe à porta. E ele, com toda a pressa, engole o olho. E então, ao fim de uns dias, começa-lhe a doer o rabo. E então, teve de ir ao médico. E ó depois o médico começou-lhe a ver lá o rabiosque.

E então começou:

– Eu já tinha visto muitos olhos do cu. Mas um olho do cu a olhar para mim nunca eu vi. (risos)

---

**Informante:** Celeste Borrega Flores, 74 anos, n. Aranhas.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 3.9.2024.

---

### 363 | O HOMEM ESCANCHADO<sup>101</sup>

Ia um homenzinho a andar, a andar, a andar. O homem ia a andar, e [outros] dois iam atrás, não muito longe. Mas o homem ia todo *escanchado*, todo escanchado.

E dizia assim um para o outro:

– Olha lá! Olha ali o homem como vai a andar, vai todo escanchado.

E diz um:

– Ah, aquilo é *prósta*.<sup>102</sup>

E dizia o outro:

– Não, é *farte*.<sup>103</sup> Anda lá agarrar o homem.

Foram lá, um bateu-lhe nas costas, o outro bateu-lhe do outro lado:

– Ó amigo, desculpe lá! Se calhar a gente vem enganados. Olhe lá, o senhor vai tão *escanchado*, o que é que lhe aconteceu?

– Vieram enganados! Também eu estava enganado, julgava que saía só um peidinho e saiu m\*rda. E vou todo cagado. (risos)

---

**Informante:** Maria da Ascensão Esteves Marcos, 86 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 9.9.2024

---

---

<sup>101</sup> De pernas abertas.

<sup>102</sup> Próstata. A informante pronuncia mal de propósito, para ter graça.

<sup>103</sup> Enfarte. Ver nota anterior.

## 364 | UMA URGÊNCIA NOTURNA

O Óscar Carmona foi a um jantar de uma inauguração. Durante a noite sentiu-se com dor de barriga e levantou-se e foi a cagar. (Antigamente não se ia à casa de banho: tinha-se um penico alto [no quarto]) E foi a cagar, não acendeu a luz. Não acendeu a luz, não viu onde havia papel higiénico. E então o que é que o Óscar faz? Deita assim a mão e agarra as meias que tinha nos sapatos e limpou o cu. E pôs ao lado do penico. Quando acordou de manhã, vai para se calçar (porque não se mudava de meias todos os dias) e vê as meias cagadas. E diz assim prá mulher:

– Ó mulher, quem é que limpou o cu às minhas meias?

.....  
**Informante:** Maria Alice Domingues Alvito Frade de Brito, 74 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 27.07.2024

## 365 | A TABERNA DO FERREIRO

O ferreiro tinha uma taberna e, às vezes, era um bocadito malandro: em vez de pôr o copo do vinho como deve de ser, punha um bocadinho menos, sempre e tal...

E houve um tipo que disse:

– Vou-te tramar!

Um dia pegou num pano, que fazia de lenço das mãos, e fez as suas necessidades naquilo. E como a luz da candeia é sempre muito mortizazinha, não é, pegou e colocou em cima do balcão. E foi-se embora. O cavalheiro [dono da taberna] veio de lá:

– Ó rapaz, alguém deixou aqui uma boina. (risos)

É claro que foi pegar na “boina” para entregar a quem de direito. E ficou com as mãozitas sujas, não é?

.....  
**Informante:** António Luís dos Santos Sousa, 61 anos. Vive em Azeitão  
Recolha feita na freguesia da Bemposta por Gorete de Brito em 4.10.2024

## 366 | O CAÇADOR E A LAVADEIRA

Havia aí uns caçadores que foram caçar ali para o *coito*<sup>104</sup> do Zé Torres. E passava ali a ribeira da Ceife. As senhoras tinham o costume de irem lá a lavar. Ao acabarem de lavar, lavavam-se a elas, tiravam as roupas e lavavam-se. Estavam transpiradas, é lógico que se lavassem.

.....  
<sup>104</sup> Terra onde não se permite a caça por estar reservada para o proprietário; couto, coutada.

Há um caçador que passa ao pé de uma que era a Ti Maria. Ao ver a mulher com a saia levantada, diz ele:

– Ó Ti Maria, tem lá um assador?

A Ti Maria levanta a perna, manda três *castanhas*:

– Então, toma lá estas três *castanhas* enquanto se assam as outras. (risos)

.....  
**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.08.2024.

## ESPAÑHÓIS

### 367 | OS DOIS MÚSICOS

Sempre houve – e continua a haver – uma grande rivalidade entre os espanhóis de Badajoz e os alentejanos de Elvas. Não se dão bem! Os gajos são vizinhos, mas aquilo há sempre ali uma picardia. E um belo domingo soalheiro estava um alentejano em Elvas, lá no jardim, sentado num banco, ali a bater a sorna, a sua sesta. E vem um espanhol de Badajoz e senta-se ao lado dele. Senta-se ali:

– ¡Buenas tardes!

Hei, o alentejano estava a dormir a sesta...

Quase meia hora depois:

– Boa tarde!

– *Qué bello día, ¿hein! ¿Qué hace?*

– Ah, está sol... está bom! – O gajo assim com o chapéu baixo.

– *Mira, ¿qué haces?*

– O que é que eu faço? Olha, ‘tava tentando *dromire*, antes de tu *chegáris*...

– *No, no, ¿qué haces en tu vida?*

– ‘Tou reformado. Mas toco *trompeti* na banda filarmónica, aqui d’Elvas.

E diz-lhe o espanhol:

– *¡Ostia! Qué yo también toco trompeta na banda filarmónica de Badajoz.*

E diz-lhe o alentejano:

– E tocas bem?

– *¿Se yo toco bien? Mira, hace quince días, como tú sabes, que fue la feria de Badajoz. Qué nosotros seguimos tocando... la procesión que viña pasando... y la Virgen María, lloraba, lloraba de tan bien que yo tocaba.*

O alentejano disse:

– É pá, este gajo é mêmoo bom! (risos)

– *Y tú que tocas bien también, ¿no?*

– Se eu toco bem? Ó *mé* amigo, eu não sei se te lembrás: na semana passada foi aqui a feira aqui em Elvas. Nós ‘távamos tocando, vinha a procissão passando. Pararam a procissão, Deus Nosso Senhor Jesus Cristo veio da cruz cá abaixo, deu-me um abraço e disse-me: “Tu tocas tão bem, tão bem... melhor que o cabrão do espanhol que há quinze dias fez chorar a minha mãe.” (risos)

.....  
**Informante:** Rui Manuel Martins Leitão, 59 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 15.7.2024.  
.....

### 368 | OS COMPADRES ESPANHÓIS

Outra vez eram uns compadres. [...] E então, o português tinha um menino, assim já muito durinho, bebé, um bebé muito durinho, e disse o espanhol:

– Compadre, que fizestes ao vosso *nico* que tão durinho é?

– Olha, quando nasceu *puze-o* no telhado à geada e ficou durinho.

– Coño, que a minha mulher também está para ter um nico. Quando nascer vou-o pôr à geada.

E então, ao outro dia, quando foi ver do menino... (E lá nasceu o menino. O bebé nasceu e ele pôs lá no telhado.) Então lá pôs o menino.

E de manhã, quando foi ver o menino, o menino estava teso. Diz assim:

– *Coño*, se não morreras, que tesinho eras! (risos)

.....  
**Informante:** Maria do Céu Fonseca Romão, 91 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 15-6-2024.  
.....

### 369 | O BOLO SEM BACALHAU

Na fronteira de Espanha, na Sanábria, os portugueses iam lá ao restaurante, [no qual] quem encontrasse uma espinha de bacalhau no bolo de bacalhau, comia de graça.

Então, os portugueses meteram uma espinha na boca e foram lá. Toca de comer bacalhau, comer bacalhau, comer bacalhau, comer bacalhau... Quando tiraram a espinha da boca:

– *Hombre! Tiene aquí una espina*<sup>105</sup>...

– Como puede ter *espinas*? Se os bolos nem bacalhau *tienen*? (risos)

.....  
**Informante:** Lourenço Augusto Marcos, 72 anos. Natural de Urrós, Mogadouro.

Recolha feita na freguesia de Aldeia do Bispo por Gorete de Brito em 14.9.2024  
.....

105 Em castelhano: “Homem, [o bolo] tem aqui uma espinha”.

### 370 | A M\*RNA DAS SETE CASTAS

Era uma vez um português e um espanhol. E o português andava com muita fome e viu uma cerejeira carregada de cerejas. E foi a comer cerejas, a comer cerejas. E pronto, comeu, comeu... E depois apareceu-lhe o espanhol e disse assim:

– Ah, então andaste a comer as minhas cerejas? (Ele tinha uma espingarda e disse:) Agora, ou cagas a m\*rdas das sete castas ou te dou um tiro.

Ele lá andou a pôr merdicas aqui, merdicas ali, merdicas noutro lado, até que foi as sete.

Pronto, depois ficaram amigos. Assentaram-se os dois a conversar e o espanhol pôs ali a espingarda. Mas o português foi mais esperto, agarrou-lhe a espingarda. E depois disse-lhe:

– Agora, ou comes a m\*rdas das sete castas ou te dou um tiro.

E ele, coitado:

– Ai, não, não me faças isso, não me faças isso...

– Ai, não! Ou comes a m\*rdas das sete castas ou te dou um tiro.

E ele, então, lá andou a comer, a comer, a comer... até que chegou a um ponto que disse:

– Se queres me matar mata-me, mas eu não posso comer mais. (risos)

E depois o português disse-lhe:

– Não tens lá um lenço?

– Tenho.

– Então, agarra-a no lenço e leva para a vossa família. (risos)

.....  
**Informante:** Joaquina Andrade, 74 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 24.7.2024.  
.....

### 371 | O ESPANHOL E O PORTUGUÊS

Era uma vez um espanhol, era uma vez um português. O português era contrabandista e o espanhol andava a caçar. O português chegou ao rio, coitado, e o espanhol andava lá a caçar. O espanhol diz assim ao português:

– O que andas fazendo? O que andas fazendo?

– Fui a buscar uma carga de contrabando para governar os meus filhos.

[Diz o espanhol]:

– Ou cagas sete *montones* ou te mato!

– Oh, como é que os hei de cagar se eu não tenho vontade?

– Ah, mas tens de os cagar!

Virou a *coisa* [espingarda] para ele. O português, coitado, forçando, aos bocadinhos, aos bocadinhos, lá conseguiu fazer sete montinhos.

O português, como também era esperto, disse assim:

– Ó espanhol, *una liebre, una liebre!*

– Oh, num *la vejo!*

– Sim, me empresta a espingarda.

O espanhol deu-lhe a espingarda prá mão. Disse assim [o português]:

– Me fizestes cagar agora tens de comer!

– Homem, como é que hei de comer se tenho tanto asco?

– Mas tens de comer ou te mato!

Bem, ele, coitado, aos bocadinhos, aos bocadinhos, lá os conseguiu comer.

Bom, foi para Valverde e disse ao do café:

– Logo me encomendas um *vaso de vino*, que vengo com um *asco* que eu nem sei!

– Como te *ha passao?*

– *No te cuento* que tenho vergonha.

– Ó pá, que vergonha é? No tem vergonha nenhuma.

– Oh, sabes lá! Fiz cagar sete *montones* a um português e *los comi*.

– *Y los comestes?*

– Olha, *no* tinha *mal* gosto. *Qué metian asco*, mas não tinham *mal* gosto. (risos)

(Estavam quentinhos...)

.....  
**Informante:** Rosa Maria Matanço, 98 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Rosa Gonçalves em 22.7.2024.

### 372 | O JIPE DO ESPANHOL

Na *Ovibeja*, num *stand*, encontram-se dois latifundiários: um de Elvas e outro de Badajoz.

O alentejano estava olhando para uma máquina muito grande. E veio o chato do espanhol e perguntou-lhe:

– *Mira*, que para estares aqui a olhar *una* máquina tão grande, *que debes tener una grande finca*<sup>106</sup>, *no?*

E o alentejano, já farto dele, disse:

– É mentira! Atendendo aos “parâmetros europeus” de uma grande *finca*, é média. Quinhentos e oitenta hectares.

O espanhol:

– Oh, está bom! Já dá para comprares uma máquina destas para lá.

– Então e tu vens-me aqui a chatear porquê? Também tens uma grande *finca*, é? ‘Tás a olhar aqui prá máquina *tamém*...

.....  
<sup>106</sup> Em castelhano = quinta; fazenda; herdade.

– *Se yo tengo una grande finca? Mira, todos los días*, às seis da manhã, pego o jipe y *cuando da medio día, aún no he recorrido* metade de *la finca*.

O alentejano diz:

– É pá, olha, eu já tive um jipe desses. São uma m\*rda, ‘tão sempre a avariar! (risos)

.....  
**Informante:** Rui Manuel Martins Leitão, 59 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.10.2024.

### 373 | O PORTUGUÊS E O ESPANHOL NA OVIBEJA

Dois latifundiários, um de Badajoz e um ricalhaço de Elvas, estavam na *Ovibeja*, a ver uma máquina muito grande, muito grande, muito grande. E o espanhol topou o gajo [de Elvas] e foi-se meter com ele:

– *Buenas tardes*.

– Oh, este gajo outra vez, já perdi o dia... Então, o que é que se passa? Boa tarde!

– *Mira*, sabes para que é esta máquina?

– Olha, estou aqui olhando p’ra ela mas ainda não descobri. Eu vou procurar ali... vou dar uma volta e já cá venho.

Entretanto veio o representante da marca das máquinas que eles estavam a ver. O espanhol *desabelhou*<sup>107</sup>. O alentejano estava ali a olhar, e tal...

– Boa tarde, e tal... Então, posso ajudar? Está aqui a apreciar os nossos equipamentos?

– Estou sim, senhor. Já estou aqui há uns minutos aqui a olhar para a sua máquina... mas isto é tão grande... isto pra que serve?

E o vendedor pensou: “Olha-me, este gajo é alentejano... já te tramas... já te vou lixar!”

– Venha cá. Está a ver esta entrada grande?

– Sim, senhor.

– Aqui metem-se os porcos inteiros. Agora venha cá a baixo.

Lá o levou o alentejano lá em baixo, que aquilo tinha assim um círculo grande cheio de furinhos:

– Está a ver? Aqui saem logo os chouriços feitos.

E o alentejano, que já não era novo, batido na vida, veio assim pró rapazito:

– Tem piada, que esta máquina é ao contrário da *coisa* da sua mãe. Primeiro meteu-se o chouriço e depois saiu o porco. (risos)

.....  
**Informante:** Rui Manuel Martins Leitão, 59 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 26.8.2024.

.....  
<sup>107</sup> Foi-se embora.

## ALENTEJANOS

### 374 | A CARROÇA DO ALENTEJANO E O MERCEDES

Ia um alentejano com o macho engatado à carroça. Ia por ali a fora, passa um gajo com um Mercedes. Parou ao lado dele:

– Ó amigo, então você vai aí com o cavalo engatado à carroça, só um cavalo. Olhe aqui este automóvel com noventa e tal cavalos...

Bom, lá seguiu. Por ali a baixo, o alentejano lá ia com o seu cavalo atrelado à carroça. Quando chegou de cima de uma ponte, olhou lá para baixo, estava lá o outro com o Mercedes que tinha espetado. Estava lá na *iágua*. Parou:

– Ó amigo, foi dar água aos cavalos? (risos)

---

**Informante:** José Salvado, 60 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Rosa Gonçalves em 22.7.2024.

---

### 375 | O CARRO COM 250 CAVALOS

Dois alentejanos juntaram-se num monte. Um tinha uma carroça; o outro tinha um carro. O do carro disse assim para o da carroça:

– Ó compadre, sabe qual é a diferença entre a sua carroça e o meu carro?

E o da carroça ficou assim a olhar para ele. E ele respondeu-lhe:

– É que a sua carroça só tem um cavalo, e o meu carro tem duzentos e cinquenta.

E acelera o carro e *por esta porta me sirvo...* foi-se embora. O da carroça, que ia atrás, descançadinho da vida, continuou a viagem dele lá pelo caminho. E a determinado sítio, olha para o lado e vê o carro do outro, caído num rio. Parou a carroça, vai lá e ajuda a tirar o homem que estava lá caído. E responde:

– Compadre, veio a dar de beber aos seus cavalos?

---

**Informante:** Maria Alice Domingues Alvito Frade de Brito, 74 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 18.9.2024.

---

### 376 | OS DOIS ALENTEJANOS NO COMBOIO

Há dois indivíduos que iam no comboio. Há um deles que vai à casa de banho... e estava ocupada. Chegou ao pé do outro:

– É pá, não consigo fazer nada na casa de banho, estava ocupada. Já há dez minutos que ando pra trás e prá frente e nunca mais saem da casa de banho.

– Olha, temos que esperar mais um bocadinho. Mas olha, aguenta aí que... não vais a fazer aí no corredor.

Bem, lá passa dez minutos, quinze, meia hora. O que é que eles fazem? Abrem a janela do comboio, e põe-se um com o rabo de fora e o outro com o *pirete*. Quando iam a passar pelos alentejanos:

– Compadre, aquele que vai ali a fumar de cachimbo não me é estranho. (risos)

– Compadre, aquela cara também não me é estranha.

(Um levava o *cachimbo*, e o outro levava a *cara* de fora. (risos) Nenhum era estranho para os dois.)

---

**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 12-8-2024.

---

### 377 | OS ALENTEJANOS E A MÁQUINA DE LAVAR

Um casal de alentejanos foi a Lisboa. E depois foram numa excursão. Mas depois entraram numa casa de eletrodomésticos e viram lá uma máquina de lavar. E diz assim a mulher para o homem:

– Ai, marido, olha lá. A gente devia de levar esta máquina. Ai marido, esta máquina faz tudo.

– Ai, então essa é que é boa.

Levaram a máquina. Quando, depois em casa, foram pôr a máquina a trabalhar, não a destrancaram. A máquina começou aos saltos. A mulher ficou aflita, e vai a clamar pelo marido:

– Ó marido, vem cá, homem! Olha que a máquina está a andar.

– Ó mulher, deixa-a ir! Que ela já lavou, agora vai estender... (risos)

---

**Informante:** Leonor Zagalo, 79 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 12-8-2024.

---

### 378 | O ALENTEJANO E O TRANSMONTANO

Um dia, numa estrada, encontraram um homem tombado na valeta, morto. Tiraram a roupa toda, não tinha documento nenhum. E diz assim [um alentejano]:

– E agora, como é que vamos a saber de onde é que ele é?

E diz um transmuntano:

– É pá, é simples. Abrimos-lhe a barriga. Se tiver bolotas é alentejano, se não tiver é transmuntano.

E diz o alentejano:

– Eh, compadre, não é preciso abrir o homem. Tira-se o capacete. Se tiver cornos é transmontano, se não tiver é alentejano. (risos)

.....  
**Informante:** Lourenço Augusto Marcos, 72 anos. Natural de Urrós, Mogadouro.  
Recolha feita na freguesia de Aldeia do Bispo por Gorete de Brito em 14.9.2024  
.....

### 379 | OS CAÇADORES ALENTEJANOS

Em Beja foi inaugurado um dos maiores parques do país de parapente. E a inauguração do parque de parapente coincidiu com a abertura da caça. E então, começam de manhã uns gajos a sair de parapente, por ali a fora... E os compadres, cá em baixo, à caça.

É pá, andavam assim no monte, quando veem aquilo (que eles nunca tinham visto um parapente, não sabiam o que era). É pá, o gajo aponta lá para cima [a espingarda]: *TRUZ! TRUZ!* (risos)

Diz-lhe o outro, lá de baixo:

- Compadre, que pássaro era aquele?
- Não sei, mas já largou o homem! (risos)

.....  
**Informante:** Rui Manuel Martins Leitão, 59 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.10.2024.  
.....

### 380 | O ALENTEJANO QUE FOI AO ROCK IN RIO

Um alentejano saiu do *Rock in Rio* foi aos *Pastéis de Belém*, que era para levar uns pastelinhos prá Maria. Ele já foi cheio de terra do Alentejo, lá do monte. No *Rock in Rio* andou lá três dias, aos saltos, sem tomar banho nem mudar de roupa... estava cheinho de terra.

Entra nos *Pastéis de Belém*, está tudo cheio. E está ali uma rapariga, toda jeitosa, sozinha numa mesa. E ele diz assim:

– É *mêmo* ali *quê me vô sentari*... ó pé daquela *magana*<sup>108</sup> toda jeitosa...

E sentou-se lá.

Veio o empregado todo cheio de *filoretas*, disse:

– A senhora, faz favor, o que é que vai desejar?

E ela pediu:

– Olhe, traga-me uma meia de leite e uma *nata*, se faz favor. E para este senhor que se sentou aqui na minha mesa, que eu não conheço de lado nenhum (assim a olhar p'ra ele), traga-lhe um fardo de palha.

.....  
<sup>108</sup> Palavra de duplo sentido: pode ser entendida como mulher jovial e namorada ou mulher dissoluta.

O alentejano, chamou o empregado e disse-lhe:

– Trás o fardo de palha depressa, senão fodo-a mesmo aqui no chão! (risos)

.....  
**Informante:** Rui Manuel Martins Leitão, 59 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.10.2024.  
.....

### 381 | O ALENTEJANO E O PUNK

Um homem vivia lá no monte. E todos os anos via o *Rock in Rio* na televisão, numa televisãozinha pequenita que eles tinham lá na cozinha. E o homem ficava entusiasmado com aquilo, ver aquelas músicas, aquelas luzes, aquela malta toda aos saltos...

E ele dizia prá mulher:

- Maria, pró ano vou ao *Rock in Rio*.
- Tu és doido!
- Pró ano vou ao *Rock in Rio*.
- Mas tu não tens dinheiro para ir ao *Rock in Rio*.
- Vendo as ovelhas.

E vendeu. Meteu-se no comboio, foi ao *Rock in Rio*, pra Lisboa.

É pá e ia entrando malta pelo caminho, não é? Também iam para o *Rock in Rio*.

Nisto, houve lá numa estação, já aí a cinquenta, sessenta quilómetros de Lisboa, entrou um grupo de *punks*. Mesmo aqueles *punks* todos... cabedal, cabelo rapado só assim com uma crista vermelha... E houve um desses de crista vermelha, sentou-se à frente do homenzito. E o homem não tirava os olhos dele, que ele nunca tinha visto aquilo. E o *punk* já ia a ficar lixado com aquilo. E disse:

- O que é que foi, ó paizinho, nunca viste?
- Olha, por acaso não, nunca tinha visto!
- Então, mas tu quando eras mais novo, assim da nossa idade, nunca cometeste nenhuma loucura?
- Olha, por acaso cometi.
- Eh, eh, eh, eh! Então conta lá! – (Os gajos a gozar com o homenzito).

E o alentejano disse-lhe:

– Olha, eu quando tinha a tua idade, lá no monte, uma vez fui ao cu a uma galinha. E agora ia aqui a olhar para ti e a pensar: “queres ver que este cabrão é meu filho?” (risos)

.....  
**Informante:** Rui Manuel Martins Leitão, 59 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.10.2024.  
.....



## CIGANOS

### 382 | O PRANTO DO CIGANO

Havia um cigano... morreu-lhe o pai. Depois, era assim (estava a fazer *reclame*):

– Ai, morreu o mê pai! Ai, morreu o mê pai! Ai, morreu o mê pai!

Tornou, diz assim (estava mais um homem), diz assim:

– Vai lá descansar um bocadinho que agora fico eu cá.

Não é que o amigo arranjou um *reclame*:

– Ai, morreu o pai dêli! Ai, morreu o pai dêli! Ai, morreu o pai dêli!

(Era a cantiga dele: “Morreu o pai dêli.”)

Pronto, acabou.

.....  
**Informante:** Leonor Zagalo, 79 anos

Recolha feita na freguesia de Pedrógão de São Pedro por Rosa Gonçalves em dezembro 2023.

### 383 | O CIGANITO GULOSO

Havia um cigano que tinha um gaiato. E *apois*, dormiam todos juntos. E quando foi de noite, ele disse assim prá mulher:

– Ó Maria, vira para cá a melancia.

Vira-se assim o gaiato:

– Ó pai, também quero uma talhada! (risos)

.....  
**Informante:** Leonor Zagalo, 79 anos

Recolha feita na freguesia de Pedrógão de São Pedro por Rosa Gonçalves em dezembro 2023.

### 384 | A CIGANA GRÁVIDA E O FILHO LADRÃO

Uma cigana foi ao tribunal porque o filho era ladrão. Um gaiato era gatuno e foi a tribunal. E ela andava grávida. E diz-lhe assim o juiz:

– Olhe, minha senhora, Deus queira que tenha mais sorte com esse, que traz na barriga, do que com este.

– Oh! Ai, senhor Doutor Juiz, nã tenho nã! Nã tenho nã senhori! Que na outra noiti eu ‘tava-me a lavar por baixo e ele roubou-me o sabonêti. (risos)

.....  
**Informante:** Leonor Zagalo, 79 anos

Recolha feita na freguesia de Pedrógão de São Pedro por Rosa Gonçalves em dezembro 2023.

### 385 | OS CIGANITOS CHORAM PELA BURRA MORTA

A um cigano morreu-lhe a mulher. E depois, a seguir, morreu-lhe a burra. E os filhos gritavam:

– Ai a nossa burra! Ai a nossa burra! Ai a nossa burra!

E o pai responde para os filhos:

– Então, morreu a mãe e não chorásteis pela mãe, e agora chorais pela burra?

– É que na mãe só montava o pai, e na burra montamos todos.

.....  
**Informante:** Lurdes Torrão, 78 anos.

Recolha feita na freguesia de Pedrógão de São Pedro por Rosa Gonçalves em 7.8.2024.

### 386 | O CIGANO E A BURRA

Era uma vez um cigano. E tinha uma burra. E então, depois, tinha três filhos.

E disse assim ao mais velho:

– Filho, de quem gostas mais, é da mãe ou é da burra?

– Ai, pai, é da burra!

Vai ao do meio:

– Filho, de quem gostas mais, é da mãe ou é da burra?

– Ai, pai, é da burra!

Vai ao mais novinho e diz-lhe assim:

– Ó filho, de que é que gostas mais, é da burra ou é da mãe?

– Ai pai, é da burra, porque na burra montamos todos e na mãe só monta o pai. (risos)

.....  
**Informante:** Maria de Lurdes Ramos Leitão Lourenço, 75 anos.

Recolha feita na freguesia de Águas por Gorete de Brito em 21.9.2024

### 387 | O CIGANO QUE QUERIA “ESCREVER À MÁQUINA”

Um cigano queria fazer amor com a mulher, com a cigana, mas andavam zangados. E então ele dizia para o filho:

– Filho, pede à mãe, que eu quero escrever à máquina.

– Mãe, o pai quer escrever à máquina!

– Ó filho, diz ao pai que a máquina está avariada. (risos)

Depois tornava:

– Pai, a máquina está avariada.

Quando a máquina se pôs boa, a mãe disse para o filho:

– Filho, diz ao pai que já pode escrever à máquina, que a máquina já está boa.

O filho foi a transmitir ao pai:

– Pai, já pode escrever à máquina, que a mãe diz que a máquina já está boa.

– Filho, diz à mãe que o pai já escreveu à mão! (risos)

---

**Informante:** Lurdes Torrão, 78 anos.

Recolha feita na freguesia de Pedrógão de São Pedro por Rosa Gonçalves em 7.8.2024

---

### 388 | A CIGANA E A “ESFREGONA” SEM CABO

Uma cigana estava na feira a vender. E tinha uma miúda com quatro anitos.

E a miúda dizia para a mãe:

– Mãe, eu quero fazer xixi.

– Ó filha, vai fazer ali de trás daquele carro.

– Mas eu não quero! Eu quero casa de banho. Mãe, quero fazer xixi na casa de banho.

A mãe desviou-se da tenda. Tinha aquelas saias compridas, foi ali para trás de um carro, levantou as saias:

– Mete-te aqui nesta casa de banho. – (para fazer xixi debaixo das saias da mãe).

E a garota disse:

– Mãe, o que lá está [no teto] da casa de banho?

– É a esfregona!

– Mas não tem cabo!

– O teu pai logo lo mete à noite.

---

**Informante:** Lurdes Torrão, 78 anos.

Recolha feita na freguesia de Pedrógão de São Pedro por Rosa Gonçalves em 7.8.2024.

---

### ESPERTEZAS

### 389 | A APOSTA DO ANÃO

Era um anão mais um grande. Iam prá Senhora de Fátima a pé. E à frente iam duas raparigas novas. E o anão disse assim ao outro:

– Queres apostar que aquelas raparigas me vão pôr a urinar?

– Tu és maluco, pá! Tu és maluco.

– Ah, sou maluco?

O gajo mete as mãos nos bolsos, lá ia, chegou ao pé das raparigas, diz assim:

– Ai, meninas, venho tão mal... venho à rasca para urinar. Vocês não eram capazes de desapertar aqui a portinhola? – E tal... e assim...

– Então você não tem mãos?

– Fiz a promessa de ir com as mãos nos bolsos, e não posso negar a promessa.

– Tá bem.

As gajas lá desapertaram a portinhola, puseram-no a mijar. Ao fim de mijar, meteram-lhe aquilo para dentro. Meteram-lhe aquilo para dentro e o anão diz-lhe assim:

– Ai, meninas, fizeram tudo bem feito. Mas está uma coisa que está mal feita.

– Então porquê?

– Deitem-no fora e dêem-lhe três abanadelas que ele está habituado a elas. (risos)

---

**Informante:** Domingos Robalo Salvado, 83 anos

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 3.8.2024.

---

### 390 | A APOSTA DOS DOIS AMIGOS

Havia dois amigos que fizeram uma aposta. Um dizia ao outro que a rapariga mais bonita da aldeia ainda o havia de pôr a mijar. O outro dizia que não. Então combinou com o outro para ver se era verdade ou não. Atou as mãos com umas ligaduras e pôs-se a chorar encostado a uma parede, numa rua onde passava a rapariga todos os dias. Ela ao passar, vendo-o a chorar, perguntou-lhe o que ele tinha. Ele disse:

– Tenho que urinar, mas com as mãos atadas, não consigo.

A rapariga disse-lhe:

– Vire-se para a parede que eu já lhe abro as calças.

Ele lá urinou. Mas continuou na mesma. E ela disse-lhe:

– O que se passa?

Ele respondeu:

– Menina, dê-lhe duas abanadelas que ele está acostumado a elas.

---

**Informante:** Maria Celeste Borrego Salvado Correia, 57 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 3.8.2024.

---

### 391 | O DANÇARINO ADIVINHÃO

Há um indivíduo que andava num baile, andava todo animado e tal. E nisto foi *tirar* uma miúda, pediu à miúda para dançar. Ali andava ele todo encostadinho. E virou-se para ela e diz assim:

- A menina não leva a mal, pois não?
- O quê?
- Eu sou capaz de adivinhar a cor das suas cuecas.
- Oh, então como é que consegue?
- Eu já lhe digo: são amarelas.
- Como é que sabe?
- É tudo intuição – dizia o gajo.

Acabaram a música, vai *tirar* outra gaja. A mesma conversa: que adivinhava a cor das cuecas.

A seguir, outra. E às tantas, começam todas:

- Como é que o gajo consegue fazer essa m\*rda?

E diz uma assim:

- Eu já o fodo!

Não disse nada, foi:

- Vocês vão todas a dançar, deixem-no p’ra mim.

E então, o gajo... não havia lá mais nenhuma, chamou-a a ela, começa a dançar.

O gajo não dizia nada. E ela então é que se mete com ele:

- Já agora, desculpe lá uma coisa: você é capaz de adivinhar a cor das minhas cuecas?

E o gajo diz:

- Ai, já rachei a bota! (risos)

---

**Informante:** António Manuel Leitão Maneiras, 70 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.10.2024.

---

### 392 | O ROUBO DOS MELÕES

Um homem ia a roubar melões. Era de noite. E depois estava assim (não via os melões):

- Ai, Deus queira que relampeje! Ai, Deus queira que relampeje!

Mas o dono já estava ali com uma vara de marmeleiro na mão. E quando ele foi a roubar os melões, a vara caiu-lhe no lombo. E ele diz muito depressa:

- Pooooça, qu’ é raio!

(Quer dizer: não foi relâmpago, foi raio.)

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 29.8.2024

---

### 393 | A BATATA QUENTE

Era um senhor que estava a comer uma batata. E a batata estava muito quente. E ele pôs a batata na boca [e exclamou]:

- Se tu fosses queimar mas é o “pai de todos”!!!<sup>109</sup>

E a batatinha deu meia volta e começa a ir pela garganta abaixo. E ele começa:

- Batatinha, batatinha!!!

---

**Informante:** Dália Maria da Conceição Lino Assenção, 70 anos, n. Torres Vedras.

Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 5.8.2024.

---

### 394 | O PESCADOR, A MULHER E O CARTEIRO

Havia um indivíduo que era pescador, todos os dias ia à pesca. E quando chegava a casa, peixe nenhum. E então, um dia, a mulher chamou-o à atenção e disse:

– Olha lá, ó homem, andas praí à pesca... O carteiro sai mais tarde do que tu, e vai, traz sempre o saco cheio de peixe!

- Não me digas!

- É verdade.

O gajo, então, um dia espreitou o carteiro. E foi atrás dele.

Foi atrás dele e viu-o a tirar peixe. Diz:

- É pá, qual é o bicho que você...

---

<sup>109</sup> Depois de hesitar uns segundos, a informante escolhe dizer “pai de todos”. Este eufemismo vem substituir o termo “c\*ralho”.

– Isto não é bicho nenhum. Isto é uma técnica que eu tenho.  
– Então, explique lá!  
– Olhe, isto é o seguinte: você, antes de vir prá pesca, se encontrar a sua mulher a lavar as escadas, com o cu para o ar, você vai ali por trás e passa-lhe a mão pela rata. É fatal, tem sorte na pesca.

E o gajo lá foi para casa a pensar nisto, e tal...

O outro dia, antes de chegar à pesca, nem a propósito... A mulher andava a lavar as escadas. E então o gajo vai ali assim, devagarinho, devagarinho, mandou-lhe ali a mão à rata. E diz ela:

– Lá vem o carteiro com as brincadeiras dele... (risos)

.....  
**Informante:** António, 70 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.10.2024.  
.....

## BOCAGE

### 395 | O BOCAGE E AS MENINAS À JANELA

O Bocage, uma vez, andava numa cidade a passear. E ó depois viu assim umas meninas lindas a uma janela. E não sabia como havia de se meter com elas. E [pensou] assim: “Que raparigas tão lindas que além estão!”

Passava para cá, passava para lá, houve uma hora que disse assim:

– Ah, meninas, não há por aqui quem venda azeite?

– Ah, não! Então porquê?

– Porque estão aí dois *odres*<sup>110</sup> à janela... (risos)

.....  
**Informante:** Vitorina Gil Gomes, 80 anos.

Recolha feita nas Quintas do Anascaer - anexa da freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 5.10.2024  
.....

### 396 | O BOCAGE E A RAINHA

Antigamente havia um homem chamado Bocage. Um dia foi para a cidade e o que é que acontece? Na cidade havia o rei e a rainha. Estavam à janela e passa um indivíduo qualquer, no inverno, cheio de frio. E diz a rainha pró rei:

– Vou perguntar àquele senhor o que é que ele leva mais frio.

.....  
<sup>110</sup> Recipiente feito de pele de cabra usado para o transporte de líquidos como água, azeite, leite, vinho.

Acontece que, quando lá vinha a chegar o senhor:

– Então, *oube lá*, o que é que tens mais frio?

– A ponta do nariz, minha senhora.

– Olha, mete-mo aqui no cu!

Aquilo passou. O outro, chegou à frente, encontrou o Bocage.

Encontrou o Bocage:

– Então, rapaz, o que é que tu tens?

– Ah, venho triste. Olhe para isto: ali a rainha... foi isto assim-assim. Perguntou-me o que eu levava mais frio, e eu disse que era o nariz. E ela disse que o metesse no cu!

– Então, espera aí que eu já lá volto! Eu já lá vou.

O gajo vem pela outra rua, vem por lá. E quando vinha lá chegando à ponta da rua:

– Olha, lá vem o Bocage! – diz o rei. – Mas não te metas com ele. Olha que ele tem más respostas.

– Ná, não tem nada! Não tem nada p’ra mim!

Ela diz, quando ele lá chegou:

– Então, Bocage, o que levas mais frio?

– A ponta da *gaita*, minha senhora!

Diz-lhe o rei:

– Olha, diz que ta meta também no cu! (risos)

.....  
**Informante:** Alfredo Ferreira, 85 anos, n. Vila Longa (c. Satão).

Recolha feita na freguesia de Salvador por Gorete de Brito em 19.10.2024.  
.....

### 397 | BOCAGE, O ALFAIATE E O SAPATEIRO

O Bocage, como era um espertalhão, vivia à custa dos outros. Estava a acabar o verão e ele tinha que arranjar roupa para o inverno. O que é que ele fez? Vai a uma rua onde havia alfaiate e sapateiro. Começa no princípio da rua:

– Ai, que já lá vem! Ai, que já lá vem! Ai, que já lá vem!

Chega-se o alfaiate à porta:

– O que é que lá vem, Bocage?

– *Há-há*, isso queria você saber! Só se me oferecer um fato.

– Isso é que era bom! Então vou-te agora dar um fato?!

– Então, fica a saber o mesmo.

– Então anda cá.

Tirou-lhe as medidas ao fato. Ele dá ali dois saltos:

– Pronto, está bem. Olha, agora só lhe digo quando passar o sapateiro.

– Mau, então não me dizes?

– Só quando passar o sapateiro.

Sai do alfaiate:

– Ai, que já lá vem! Ai, que já lá vem! Ai, que já lá vem!

O sapateiro vem à porta:

– Ó Bocage, o que é que lá vem?

– *Há-há*, só se me oferecer um par de botas.

– Ai, agora vou-te oferecer um par de botas, para dizer o que lá vem?!

– Então, olhe, fica a saber o mesmo... Olhe, o alfaiate está à espera que eu lhe diga o que lá vem, também. Se o senhor não me der as botas, não lhe digo.

– Então, anda cá.

Lá lhe deu as botas. Dá ali dois saltos e vem prá rua.

– Ai, que já lá vem! Ai, que já lá vem!

– Então, mas dizes o que já lá vem ou não?

E o alfaiate:

– Diz lá o que lá vem se não eu tiro-te o fato.

– Já lá vem o inverno. Vocês preparem-se que eu já estou preparado! (risos)

---

**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito e Rosa Gonçalves em 24.8.2024.

---

## 398 | BOCAGE E O BANDIDO

O Bocage encontrou um bandido e [este] disse-lhe:

– Tens que me dizer como te chamas, de onde vens e para onde vais!

E depois ele disse:

*Sou José Maria Barbosa du Bocage*

*Venho do Niki do Nicola*

*E vou pró outro mundo*

*Se tu disparas a pistola.*

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 15.08.2024.

---

## 399 | BOCAGE E O PEIDO

O Bocage estava na igreja, estava a assistir à missa. E há uma senhora que estava ao lado dele – *puuú* – (mandou uma farpa):

– Ah, sua porca! Você não tem vergonha?

– Ai, não fui eu!

– Não fui eu? Então você está aqui atrás de mim... toda gente viu...

– Chiuu! E se o senhor disser que foi você que fez isto, deu um *pum*?

– Vá, dê cá então o dinheiro (vinte euros ou vinte escudos, ou não sei quê...)

Ela lá lhe passa o dinheiro todo.

– Atenção, meus irmãos, o peido que aquela senhora deu, não foi ela, fui eu!

---

**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 15.08.2024.

---

## TONTOS

### 400 | NUM CEMITÉRIO CHINÊS

Num cemitério chinês, encontra-se um chinês e um português. Ambos vão à campa de um amigo. O chinês leva uma malga de arroz, o português leva um ramo de flores. O português pergunta ao chinês:

– Olha lá, tu acreditas que o teu amigo vem comer o arroz?

– Sim, quando o teu vier cheirar as flores!

---

**Informante:** Olívia Romão Esteves, 76 anos.

Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 15.8.2024.

---

### 401 | A ROLHA NO CU DO BURRO

Era uma vez um homem que foi à lenha. Carregou tanto o burro, ao subir a montanha, que o burro não parava de fazer: *prrrp, prrrp, prrrp!*

O homem foi a outro senhor e o outro senhor disse-lhe:

– Ponha-lhe uma rolha no cu.

O homem lá foi e fez [o que o outro lhe disse]. Depois de ter feito isso, o burro morreu.

Depois, foi a esse homem, que lhe tinha dito para por a rolha no cu [do burro], e disse-lhe assim:

– O meu burro morreu!

E o outro homem respondeu-lhe assim:

– O senhor é mais burro do que o burro.

---

**Informante:** Marisa Barreiros Gonçalves, 9 anos.  
Recolha feita na freguesia de Águas por Gorete de Brito em 19.6.2024

---

## EQUÍVOCOS

### 402 | CUIDADO COM OS TOMATES!

Uma criada de servir, uma mulher a dias, estava numa casa rica. E o padre ia lá almoçar. E bateram-lhe à porta e ela disse para a patroa:

– Ó minha senhora, estão a bater à porta.

– Vai a ver quem é.

– Ai, é o senhor padre.

– Manda-o entrar.

E ela tinha vindo da praça com uns tomates. E pôs-os de cima de uma cadeira e pôs uma almofada de cima. O padre, calhou a assentar-se em cima daquela almofada onde estava os tomates. E ela dizia assim, a criada:

– Ai, senhor padre, que esborracha os tomates! (risos)

E o padre respondeu-lhe:

– Não esborracho, menina. Eu quando me assento tenho o cuidado de os puxar para cima. (risos)

---

**Informante:** Lurdes Torrão, 78 anos.  
Recolha feita na freguesia de Pedrógão de São Pedro por Rosa Gonçalves em 7.8.2024.

---

### 403 | O FILHO VAI COMPRAR DOIS TOMATES PARA A MÃE

A mãe disse ao filho:

– Ó filho, vai lá à loja e diz ao senhor que te venda dois tomates.

E ele lá diz o nome do senhor:

– Ah, a minha mãe diz que quer dois tomates.

– Olha, filho, vais a casa e dizes à tua mãe que dois tomates tenho eu. Se os vou vender a ela fico sem nenhum. (risos)

---

**Informante:** Maria de Lurdes Ramos Leitão Lourenço, 75 anos.  
Recolha feita na freguesia de Águas por Gorete de Brito em 21.9.2024

---

### 404 | UMA “FREIRA” À BOLEIA

Havia um gajo que era *contador* de longo curso. Estava muito porreiro, na estrada, a assobiar, e tal... E nisto, está uma freira à boleia. O gajo: *ziiim!* – travãozito.

– Ó irmã...

– Ai uma boleia.

Lá foram os dois e ele meteu conversa com ela. E nisto, o gajo começa assim:

– *O meu nome é João. Sou do Fundão.*

*E quem entra no meu camião, não tem perdão.*

A freira começou logo assim a mostrar-se assustada. Ao fim de um bocado, andaram, andaram:

– *Sou o João. Sou do Fundão.*

*E quem entra no meu camião, não tem perdão.*

– Ai, e tal e não sei quantos...

Até que chegou a um ponto que parou o camião. Parou o camião, foram ali para uns arbustos. E diz-lhe ela assim:

– Ai, só te queria pedir um favor: pela frente, não! Só se for por trás.

– Ai, de qualquer maneira!

Lá foram... e aviou.

Vieram para o camião, outra vez, e tal... E chegou lá a um ponto que a freira [disse]:

– Ai, eu já fico aqui.



E diz-lhe assim a freira:

– Ai, muito obrigado. Olhe, eu não sou freira.

*Eu sou do Seixal e ando assim porque é dia de carnaval.*

.....  
**Informante:** António, 70 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.10.2024.  
.....

## 405 | DURANTE A QUARESMA NÃO ENTRA CARNE NO CORPO

Era Quaresma. E havia duas vizinhas que diziam uma para a outra:

– Ai, vou fazer o almoço, não sei o que vou fazer para o almoço...

E dizia a outra:

– Ai, eu vou a guisar um bocadinho de carne.

E dizia a outra:

– Ai, eu, na Quaresma? Logo no princípio da Quaresma lavo a panela, viro-a para baixo e em mim não entra carne.

Tornava:

– Eu? Eu lavo a panela, viro-a de boca para baixo e em mim não entra carne.

O homem [dela] tanto ouviu isto que diz assim:

– Ai a filha do diabo! – chegou à porta – Ó sua p\*ta, então e a minha *gaita*? É alguma sardinha? (risos)

.....  
**Informante:** Maria da Ascensão Esteves Marcos, 86 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 9.9.2024  
.....

## 406 | AS ESPOSAS DE CRISTO

Uma avó levou um neto a um colégio de freiras, a visitar uma freira que era da família. Só que ela estava de retiro. E quando lá chegaram ao colégio, lá uma das irmãs diz:

– Olhe, a senhora pode ir a visitar a sua familiar, mas o menino tem de ficar aqui comigo.

– Ah, está bem, não há problemas.

Então, ela foi e lá ficou o garoto.

Passava uma freira, e dizia assim [o menino]:

– Irmãzinha, quem é esta senhora?

– Ai, é uma irmã.

– Ai, com quem está casada?

– Com o Nosso Senhor.

Voltava a passar outra:

– Irmãzinha, quem é esta senhora?

– É uma irmã.

– Ai, com quem está casada?

– Com o Nosso Senhor.

Até que o garoto se fartou. E diz assim:

– Bolas, irmãzinha, o Nosso Senhor tem mais freguesia do que o galo da minha avó!

.....  
**Informante:** Maria Alice Amaral, 58 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 29.08.2024.  
.....

## 407 | OS REBUÇADOS

Não sei o que se passava numa casa onde estavam aquelas mulheres que se portavam mal<sup>m</sup>. E havia gente à porta. Lá ia uma velhota, e diz assim:

– Olha, o que é que se está ali a passar?

– Estão a dar rebuçados.

A velha também foi.

Chega lá, e o Salazar diz assim:

– Então você também anda nisto? Então você, com esta idade, anda metida nestas coisas?

– Ah, gosto tanto... até os trinco!

(Porque eram os rebuçados...) [risos]

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.08.2024.  
.....

## 408 | O MELRO PRETO

Uma vez moravam duas meninas no campo. E vinham à estrada adiante, viram um passarinho – era um melro – e apanharam o melro. O melrozinho, coitadinho, ali pela estrada acima: “*tchelro, tchelro, tchelro...*” – o passarinho cantava.

Chegaram, entraram para a igreja. Foram para a igreja, e o melrinho, volta e não volta, uma queria-o, a outra queria-o, e o melrinho fazia barulho: “*tchelro, tchelro.*”

– Olha lá, que eu é que o apanhei.

– Ai, e eu é que o vi.

.....  
III Prostitutas.

O senhor padre, lá de cima, viu aquela coisa. De elas que faziam barulho e as pessoas olhavam para elas. E diz lá de cima:

– Essas meninas que têm o melro preto, faz favor de saírem para a rua!

Olha, começaram a sair... tudo quanto tinha o “melro” preto, tudo saiu para a rua. Só lá ficou uma velha que o tinha ruço. (risos)

---

**Informante:** Ana Maria Dubelez Andrade, 96 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 14.02.2024.

---

## 409 | A PERDIZ NO CONFESSIONÁRIO

Uma senhora ia-se a confessar. E, naquele tempo, as senhoras usavam as saias compridas e não usavam cuecas. Ia para se confessar e no caminho, na rua, encontrou uma perdiz morta na berma da estrada. E a perdiz deitava muito cheiro e ela queria levar a perdiz para casa. E meteu-a por baixo da saia. Entrou prá igreja, ajoelhou-se aos pés do padre. E então ele disse:

– Diga lá então, minha senhora, quais são os seus pecados.

E ela lá contou o que lhe pesava na consciência. E o padre disse:

– Ai cheira aqui tão mal.

– Ó senhor padre, é a minha perdiz.

Depois continuava outra vez:

– Ai, fiz isto, fiz aquilo...

– Ai, minha senhora, cheira aqui tão mal.

– Ó senhor padre, é a minha perdiz.

E então continuava outra vez:

– Ó senhor padre, fiz isto, fiz aquilo...

– Ai, minha senhora, já não aguento mais o cheiro! Cheira aqui tão mal.

– É a minha perdiz.

E então, ela não dizia que perdiz era.

Na manhã seguinte o padre foi celebrar a missa. E então, disse alto e bom som lá no [púlpito]:

– Senhores, maridos desta terra, digam lá às suas senhoras para virem à missa com a *perdiz* bem lavada para não virem para aqui com a *perdiz* a cheirar mal. (risos)

---

**Informante:** Senhora que quis anonimato, n. Bogas de Cima, Fundão.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 12.8.2024.

---

## 410 | O MISTERIOSO COPO DE LEITE

Um viajante ia dormir sempre a uma pensão em Castelo Branco. E então, todos os dias que ele ia dormir àquela pensão...

Ele tinha apanhado um mal na pichota, e foi ao médico. E o médico receitou, todos os dias à noite, meter a gaita dentro de um copo de leite quente, era um galão.

Bem, o que é que acontece? Como ele era casado, ele pensou em sair e ausentar-se da mulher, para não arranjar problemas à mulher.

E então, foi para a pensão, e à noite saiu. E quando foi prá cama, disse prá empregada:

– Leve-me lá um copinho de leite bem docinho ao meu quarto.

Ela foi, levou o leite, ele foi prá cama. E quando se despiu, o gajo *zupa*, mete a *gaita* por duas vezes no copo de leite. Metia e tirava. E não bebia o leite, ficou lá na mesinha de cabeceira.

A gaja vem lá a fazer a cama, a empregada:

– Então o gajo paga o leite e não o bebe?

E ela, *truz*, mamou o leite.

Bem, passou-se uma noite e passaram-se duas.

Quando foi a segunda noite:

– Então, mas está aqui o leite outra vez? Então ele não o bebe? Ele paga-o e não o bebe?

Aqui há qualquer coisa...

E ela foi, *truz*, mamou-o.

À terceira noite, a gaja vai para o buraco da fechadura e começa a espreitar, a ver o que é que o gajo fazia. E o gajo despe-se, e tal, e agarra na gaita e vá de meter no copo de leite.

E a gaja respondeu, então, pró gajo:

– Eu sabia que o c\*ralho botava leite, mas que se enchia como as canetas é que eu não sabia.

(Pensava que era como uma caneta de tinta permanente...) [risos]

---

**Informante:** Alfredo Ferreira, 85 anos, n. Vila Longa (c. Satão).

Recolha feita na freguesia de Salvador por Gorete de Brito em 19.10.2024.

---

## 411 | A MÃE ENCHE UM BALÃO

Havia um senhor que gostava que a mulher lhe mamasse na *gaita*. E um dia, o filho ouviu, e reparou que a mãe estava a chupar na pilinha do pai.

– Então, mãe, o que está a fazer?

– Estou a encher um balão.

– Encher um balão?

Estava *truz-truz-truz*, e vai lá o pai dá um peido.

E diz ele [o filho]:

– Ai mãe, já arrebentou os colhões ao pai. (risos)

---

**Informante:** Alfredo Ferreira, 85 anos, n. Vila Longa (c. Satão).  
Recolha feita na freguesia de Salvador por Gorete de Brito em 19.10.2024.

---

## 412 | A “LIGEIREZA”

Foi uma senhora. Foi ao campo, mais um homem, trabalhador. E levava um burro, e disse-lhe assim:

– A senhora não se quer montar? Vai melhor a cavalo!

Era meio esquisita, mas acabou por ir pró burro. Às tantas, caiu. Caiu, levantou-se com muita agilidade e diz-lhe assim:

– Olhe, viu a minha *ligeireza*?

– Vi, vi sim, minha senhora. Mas não sabia que lhe chamavam esse nome. (risos)

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 19.08.2024.

---

## 413 | OS COMPADRES RICOS COMPRAM UM COMBOIO

Dois compadres foram a Castelo Branco. Chegaram à estação (tinham muito dinheiro, foi no tempo do minério). E chegaram à estação do comboio, foram ter com o gerente da estação. E diz assim:

– Ó senhor, a gente quer comprar um comboio.

– Ah, está bem! Eu vendo-lhe já um comboio.

Estava um comboio de lado, na reserva, como velho. E diz assim:

– Olhe, está ali aquele que está à venda.

Ah, eles pagaram o comboio e foram lá para dentro, todos contentes. Nisto, passa o comboio rápido à roda. Eles estavam lá sentadinhos, todos contentes, e diz assim um pró outro:

– Ó compadre, segure o chapéu, que o comboio leva uma velocidade... (risos)

(O comboio estava parado. Mas, para eles, o comboio levava uma velocidade... Foi o outro que passou! E ele pensava que era o deles que ia a andar.) (risos)

---

**Informante:** Leonor Zagalo, 79 anos.  
Recolha feita na freguesia de Meimosa por Gorete de Brito em 12.8.2024.

---

## 414 | A EMPREGADA E OS PRESERVATIVOS

Uma senhora tinha uma empregada. E então a senhora disse-lhe assim:

– Ó Maria, quero tudo muito bem feitinho, principalmente a cama. Tudo esticadinho, tudo muito bem feito.

A empregada foi fazer a cama o outro dia, encontrou lá um preservativo. Vai, toda aflita, prá senhora:

– Ó minha senhora, o que é isto?

– Ó Maria, tu não fazes amor?

– Eu faço, minha senhora, mas nunca esfolei o *coiso*! (risos)

---

**Informante:** Lurdes Torrão, 75 anos.  
Recolha feita na freguesia de Meimosa por Gorete de Brito em 12.8.2024.

---

## 415 | A LIMPEZA DA SANITA

Era uma vez uma criada de servir, estava em Lisboa. E foi limpar a casa de banho. E depois andava uma espécie de balão na sanita. Quanto mais ela puxava a *iágua*, mais aquilo enchia.

Ela vai e diz assim:

– Ó minha senhora, o que é que ali anda, ali na sanita, que quanto mais puxo a *iágua* mais aquilo enche?

E então, a senhora disse-lhe assim:

– Ó Maria, na tua terra não se fode? (risos)

– Fode-se sim, minha senhora. Mas f\*der até arrancar a pele ao c\*ralho foi coisa que eu nunca vi! (risos)

---

**Informante:** Olívia Romão Esteves, 76 anos.  
Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 15.8.2024

---

## 416 | OS TRÊS BILHETES DE AUTOCARRO

O Zé sai daqui [da província], mais a mulher e a sogra, e vão a Lisboa. Descem no comboio em Santa Apolónia, vão por ali a fora e apanham o autocarro, para ir aos *Pastéis de Belém*.

Entram no autocarro e o Zé ia à frente, tirou os bilhetes. E foi lá para baixo, foi andando até ao fundo do autocarro. Ela [a mulher] entrou. E depois a velhota vinha atrás, ia a tirar os bilhetes. E a rapariga já vinha a meio do autocarro. Virou-se para a mãe e disse:

– Ó mãe, não compre nada que o Zé já tirou os três.  
E diz um gajo lá do fundo do autocarro:  
– Ah, ganda Zé! (risos)

.....  
**Informante:** Rui Manuel Martins Leitão, 59 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.10.2024.  
.....

## 417 | Ó MAR'ZÉ, VIRA-TE PARA LÁ!

Havia um senhor que também não gostava nada de vinho, nem de bagaço... todos os dias andava borracho. E os dias que andava borracho, em vez de ir a dormir pró quarto, pró pé da mulher, ia prá furda<sup>112</sup> da porca. (risos) Metia-se no curral da porca. (risos) Quando às tantas, começavam os dois a ressonar, a porca para um lado e ele para o outro. Ele acordava com o ressono da porca e então voltava-se para ela:

– Ó Mar'Zé, vira-te para lá! Cheiras mal da boca! (risos)

.....  
**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.08.2024.  
.....

## 418 | OS RICOS E OS POBRES

O velho Cristo andava cá pela terra como andamos nós. E Cristo ajuntou lá a malta toda dos ricos. E disse-lhes assim:

– Ah, ricos, eu vou para o céu. Vós auxiliai cá os pobres.

– O quê, meu Divino Mestre? Explorai cá os pobres? Olha que, essa falta não hão de eles ter... (risos)

.....  
**Informante:** António Augusto Gomes Soares, 71 anos.  
Recolha feita nas Quintas do Anascer - anexa da freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 28.9.2024.  
.....

## 419 | DAR OU RECEBER?

Na escola, o professor pergunta ao Joãozinho:

– Olha lá, o que é melhor? É dar ou receber?

– Ó senhor professor, o meu pai está sempre a dizer: “É melhor dar que receber!”

.....  
<sup>112</sup> Regionalismo beirão: abrigo coberto para porcos; furdão, pocilga.

– O que é que o teu pai faz como trabalho?  
– Boxe.

.....  
**Informante:** Olívia Romão Esteves, 76 anos.  
Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 15.8.2024.  
.....

## 420 | A IDA AO MÉDICO

Um homem vai ao médico e queixa-se:

– Olhe, senhor doutor: eu toco na cabeça, dói; toco no braço, dói; toco na barriga, dói. Ai, senhor doutor, eu tenho alguma coisa grave?

– Não! Você só tem o dedo partido.

.....  
**Informante:** Olívia Romão Esteves, 76 anos.  
Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 15.8.2024.  
.....

## 421 | OS SUPOSITÓRIOS

Um miúdo vai à farmácia buscar supositórios para o pai. Sai porta fora, a correr, e não paga. O farmacêutico vem à porta e grita:

– Olha lá, meu menino. É para meter na conta da tua mãe?

– Não, é para meter no traseiro do meu pai.

.....  
**Informante:** Olívia Romão Esteves, 76 anos.  
Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 15.8.2024.  
.....

## 422 | O ZÉ NABO

Há um senhor que era corticeiro, portanto, vendia cortiça e ia a fazer as vendas dele a Lisboa. Quando chegava a Lisboa, chegava aos sinais de trânsito: estava o verde, seguia; estava o vermelho, parava; estava o amarelo, seguia devagar. Uma vez, esquecia-se e andava com o vermelho aceso, [e com] o verde ligado ele estava parado. E eles:

– Ó Zé nabo, ó nabo, ó nabo!

E nunca mais andava. Às tantas, eles acenavam:

– Ó nabo, ó nabo!

Acenavam outra vez:

– Ó nabo, ó nabo!

Que era para ele andar. E ele julgava que estavam a chamá-lo.

Acaba de vender a cortiça, chega a casa:

– Ó mulher, em Lisboa toda a gente me conhece.

– O quê, não me digas...

– É verdade.

– Então, para a próxima vou lá contigo.

E foi. Próxima vez, lá vai a mulher com eles. Chegava aos sinais: o verde, passava; o amarelo, devagar; o vermelho... Acendia outra vez o verde e ele nunca mais andava:

– Ó nabo, ó nabo, ó nabo, ó nabo!

E ele, olhou para um lado e pró outro:

– Olha, afinal conhecem-te.

– Ó filho da p\*ta!

– Olha, afinal também conhecem a tua mãe. (risos)

---

**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 12.8.2024.

---

## APARÊNCIAS

### 423 | A CAMISA NOVA

Outra [mulher] estava doente, foram lá a vê-la. Para se fazer grande, entendeu que devia mudar de camisa. E disse à criada:

– Olha, trás lá a camisa! Trás lá a camisa *tal*!

E a criada respondeu:

– Qual quer, minha senhora? A de *nó-no-cu*, ou a de *zeringalho-na-barriga*?

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 15.08.2024.

---

### 424 | TUDO BATATAS

As visitas chegaram a casa de uma senhora e iam a jantar. Mas era surpresa.

A senhora ficou aflita. Mas disse para a criada:

– Olha, Maria, vai lá fazer [o jantar]: cozes, fritas, guisas e assas.

E a criada, que não tinha lá mais nada, respondeu:

– Tudo batatas, minha senhora.

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 15.08.2024.

---

## ANIMAIS

### 425 | O PAPAGAIO NA CASA DE BANHO

O papagaio via as pessoas irem para a casa de banho. Batiam, depois diziam [lá de dentro]:

– Está ocupada.

Ele, um dia, resolveu ir a fazer o mesmo: meteu-se na casa de banho. E as pessoas viam a porta fechada e batiam à porta. E ele respondia:

– Está ocupada.

Tornavam outra vez:

– Está ocupada.

– Mas quem é que está na casa de banho que nunca mais abre a porta? Está sempre ocupada...

Abriram a porta. E o papagaio respondeu:

– Suponha que eu estava com as calças na mão! (risos)

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 10.11.2024.

---

### 426 | UM CASAL TINHA UM PAPAGAIO

Era uma vez um casal que tinha um papagaio. E o raio do papagaio era muito metedico. E o senhor ia a trabalhar. A mulher não trabalhava, mas arranjava-se para ir para o café. E então, o papagaio dizia-lhe... quando a via sair, que ele estava sempre no corredor, dizia-lhe:

– *Lá vai ela toda produzida,*

*Com certeza que vai p'rá vida.*

É pá, todos os dias a mulher a ouvir aquilo. Até que chegou e disse ao marido:

– Olha, eu já não aguento mais o papagaio. Ele está-me sempre a dizer isto.  
– Ai é? Então deixa, que amanhã é sábado, quem lhe trata da saúde sou eu.  
Bem, o homenzinho não fez mais nada: vestiu a roupa da mulher e passou ao pé do papagaio. E quando [ele] passa, diz-lhe o papagaio:

– *Olha, lá vai ele todo gaiteiro,  
Durante a semana é corno,  
e ao fim-de-semana é paneleiro.* (risos)

.....  
**Informante:** Maria Alice Amaral, 58 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 29.08.2024.  
.....

## 427 | O PAPAGAIO E A CONTA DO TELEFONE

Um senhor tinha um papagaio. E apareceu-lhe uma nota enorme para pagar de telefone. E diz ele assim:

– Não pode ser. Eu não tenho ninguém em casa, só tenho um papagaio.  
E ele foi-se queixar e disse:  
– Olhem, vejam lá, não pode ser! Eu só tenho em casa um papagaio.  
– Ai, mas o senhor tem aqui uma nota boa de telefone para pagar. Por isso, alguém telefona.

Um dia, chega a casa estava o papagaio com a pata ao telefone. Levantava: “Alô, alô!”

E diz ele assim:

– Ai és tu que andas a telefonar? Então espera que eu já te coço.

O que é que ele faz? Pega no papagaio, abre-lhe as asas contra a parede e ata-lhe as asas e as patas. E ficou assim, com as asas todas abertas.

Ao fim de um bocado ele olha de lado. E quem é que ele vê? A cruz com Jesus Cristo lá pregado na cruz. E diz assim:

– Eh, onde é que tu telefonaste, tu? Telefonaste para longe? Já aos anos que tu estás aí pregado... (risos)

.....  
**Informante:** Olívia Romão Esteves, 76 anos.  
Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 15.8.2024.  
.....

## 428 | O ALEMÃO E O PAPAGAIO

Na Guerra da Alemanha e da França, [esta terra] estava ocupada pelos alemães. E então havia um capitão alemão que todos os dias ia beber um copo de vinho ao café. Mas o patrão do café tinha um papagaio. E o papagaio, quando viu o alemão, dizia:

– A Alemanha vai perder a guerra! A Alemanha vai perder a guerra!

O capitão ouviu e calou, não disse nada.

Ao outro dia voltou a beber o seu copinho de vinho. Tornou [o papagaio] outra vez:

– A Alemanha vai perder a guerra!

Então, o capitão deixou passar. Ao terceiro dia, o papagaio começa outra vez:

– A Alemanha vai perder a guerra! A Alemanha vai perder a guerra!

Então, o capitão já estava tão farto, tão farto, que lhe disse assim:

– Olha, amanhã eu volto. Mas, se eu te oiço *encore*<sup>113</sup>, se eu te oiço dizer outra vez as mesmas palavras... olha, tu e o patrão, *kaputt*<sup>114</sup>. Eu corto-vos o pescoço aos dois. – E foi-se embora.

O patrão, no café, diz assim:

– Ai não, isto não pode ser. Ele vai mesmo fazer aquilo que disse.

Então, o que é que ele resolve? Vai ter com o senhor padre. O senhor padre tinha lá um papagaio. E disse [o dono do café]:

– Ó senhor padre, olhe, é isto e isto e isto... E eu tenho medo que ele vai fazer aquilo que ele disse. Quer me emprestar o seu papagaio? Eu levo o seu você fica com o meu.

– Está bem, meu filho, então isso não há problema nenhum.

Ele levou o papagaio do senhor padre, lá para o café.

Ao outro dia, o alemão lá vai beber o seu copo. Mas o papagaio não dizia nada, estava caladinho. Chegou à segunda vez, igual, o papagaio não dizia nada. À terceira vez diz-lhe assim o capitão:

– Então agora não dizes nada? Tás muito caladinho! Então, ouve lá: é sempre a Alemanha que vai perder a guerra?

– Deus te oiça, meu filho.

.....  
**Informante:** Olívia Romão Esteves, 76 anos.  
Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 15.8.2024.  
.....

.....  
<sup>113</sup> Em francês, “outra vez”.

<sup>114</sup> Em alemão, “dou cabo de vós”.



## 429 | SPÍNOLA E O PAPAGAIO

O Spínola foi ter com o Marcelo [Caetano], foi lá para o hotel onde ele estava. E no hotel havia um papagaio. O papagaio via o Spínola (ele usava lá a lente) e ouvia o que passava na rádio em Portugal. O Spínola andava fugido, andavam à procura dele. Então há um dia [em que] ele vai sozinho, sem o Marcelo. O papagaio volta-se:

– Ó Spínola!

– Vai à bardam\*rda! – diz ele ao papagaio.

Bom, começa lá: *Bulholholoh*, o papagaio a mandar vir com ele. E chega-se ao pé do Marcelo Caetano:

– Já vistes que o raio do papagaio já aprendeu o meu nome?

– Já? Ai, então tenho que falar com o dono.

E então, o que é que ele faz? Vai falar com o dono, lá do hotel:

– Olhe que o senhor tem ali o papagaio, já ofendeu o meu colega. Ou tira dali o papagaio ou vamos daqui embora.

Ele vai, arranjou uma redoma de vidro e enfia lá o papagaio. Mesmo que ele falasse não se ouvia nada. O que é que ele faz, então? Fez por gestos. Quando o Spínola... diz ele então para o Spínola, que era para lhe ir ao rabo:

– Ó Spínola.

Ele dizia “Spínola” lá dentro, mas o Spínola não ouvia. Pôs assim a mão [asa] no olho, que era para fazer assim... [movimenta o punho a imitar um pénis em penetração anal] Que era para ir ao rabo ao Spínola. (risos)

---

**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.08.2024.

---

## 430 | A CADELINHA COM CIO

Há uma criada, uma senhora que andava a servir numa casa rica. E há um dia que disse lá à patroa:

– Ó minha senhora, eu vou dar uma voltinha. Mas queria levar a cadelinha comigo.

– Pronto, leva lá a cadelinha. Mas, atenção, que a cadelinha anda com o período [cio] e é muito perigoso se encontrar um cão.

– Não, não há problemas que eu guardo-a.

Pronto, lá foi a dar uma voltinha, encontra o namorado. Começam os dois aos beijinhos: beijinhos para aqui, beijinhos para ali... e esqueceu-se da cadelinha. Vem um cão e fez amor com a cadelinha. Ficaram agarrados um ao outro.

Ela, quando acaba de dar os beijinhos ao namorado, olha para o lado e vê o cão agarrado à cadelinha. E diz:

– Ai, agora o que será da minha patroa? Então o cão está agarrado à cadelinha...

Diz o namorado:

– Anda, tens tempo suficiente para ele se desagarrar, até chegarmos a casa.

Entretanto chegam a casa e a cadelinha não se desagarrava do cão.

Toca à campainha, vem a patroa:

– Ó Maria, já viste como a cadelinha vem aí? Eu não te avisei?

– Ah, minha senhora, acabou-se a gasolina, agora vem a reboque. (risos)

---

**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 11-9-2024.

---

## 431 | UM CÃO NO ALGARVE

Um cão foi passar férias ao Algarve. E chegou lá, encontrou um gato. E ele cumprimentou-o e disse-lhe:

– Æo, ão!

E o gato respondeu-lhe:

– Æo!

E o cão disse-lhe:

– Então, mas tu não devias ter respondido “miau, miau”?

– É pá, mas aqui no Algarve quem não fala duas línguas está tramado.

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 15.08.2024.

---

## 432 | O BURRO E O PORCO

Era um moleiro. Estava além na barragem e vinha a buscar os *talegos*<sup>15</sup>. E foi além ao Salvador, com o burro. Andava um porco a fossar numa valeta. E o burro passa pelo porco e diz-lhe assim:

– Bom dia, irmão.

E o porco, nada.

Quando foi para cá, diz-lhe assim o porco:

---

115 Sacos de pano.

– Olha lá! Tu quando para lá ias, disseste-me “bom dia irmão.” Porque é que tu chamas a mim “irmão”? Por que parte eu sou teu irmão?

O porco alevantou o seu nariz, e tal...

E vai o burro e diz:

– Ai, amigo, és meu irmão porque tens a ponta do focinho como tenho a minha gaita. (risos)

---

**Informante:** Domingos Robalo Salvado, 83 anos.  
Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 22.8.2024.

---

### 433 | O ELEFANTE E A PULGA

Um elefante e uma pulga encontraram-se no caminho. O elefante pisou a pulga. A pulga, virou-se pró elefante e disse-lhe assim:

– Se eu to fizesse a ti, gostavas?

---

**Informante:** Maria Alice Domingues Alvito Frade de Brito, 74 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 6.9.2024.

---

### 434 | OS ANIMAIS DE BOCA GRANDE

Um dia, o Rei Leão mandou reunir todos os animais da selva, porque havia um problema muito grave. Todos foram e reuniram-se por baixo da pedra, onde veio o grande Rei Leão. E o Rei Leão, depois de conseguir silêncio no meio dos animais, diz:

– Meus amigos, temos um grave problema na selva. Porque os humanos andaram a cortar as árvores, não cabemos cá todos. E por isso, decidi mandar embora todos os animais de boca grande.

E diz o hipopótamo [a informante fala fazendo uma boquinha muito pequena]:

– Coitadinho do crocodilo! (risos)

---

**Informante:** Alina Vaz Reis, 41 anos.  
Recolha feita na freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 19.07.2024

---

## VÁRIA

### 435 | UM CAÇADOR ENSINA OS FILHOS<sup>116</sup>

Havia um senhor que era caçador. E estava para morrer e disse prá mulher:

– Ó mulher, eu vou morrer. Chama os nossos filhos para me despedir deles. E quero lhes ensinar a arte de caçar.

Bom, a mãe chamou os filhos, e o pai disse:

– Olhem, filhos, eu vou morrer. Quero vos ensinar a arte de caçar.

*Aos coelhos atira-se ao chão.*

*Às perdizes atira-se ao ar.*

*E aos ladrões, atira-se aos colhões.*

---

**Informante:** Lurdes Torrão, 78 anos.  
Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 12-8-2024.

---

### 436 | O PAI QUE CAI DA JANELA

O pai estava à janela. E o pai estava quase a cair. Diz o garoto prá mãe:

– Ó mãe, o pai está a cair da janela!

– Olha, filho, os cornos lhe pus eu, mas as asas não sou capaz! (risos)

---

**Informante:** Maria da Ascensão Esteves Marcos, 86 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 9.9.2024

---

### 437 | O VENDEDOR DE CORNOS

Foi um homem com um saco de cornos, para vendê-los. Vai com o saco dos cornos às costas, passa pelos cafés, pelas tabernas:

– Querem comprar cornos? Querem comprar cornos?

Ninguém respondia.

– Olhem, querem comprar cornos? Está tudo servido?

---

**Informante:** Mulher de 87 anos.  
Recolha feita na freguesia da Meimoa por Gorete de Brito e Maria João Cabanas em 10.7.2024

---

---

<sup>116</sup> Esta anedota aparece habitualmente como o último episódio do conto-tipo 1380.

## 438 | UMA SÚBITA SEDE

Uns ricalhaços foram a caçar. Quando estavam a comer, diz assim um dos senhores:

– Ó João, estou cá com uma sede...

– Está? Então ande cá.

Levou-o à fonte. Ele, quando viu a charca da *iágua*, lá numa barroca:

– Olhe, doutor, está aqui, está aqui. *A auguinha* pra *buer*.

– Então, agora, nem um copo tenho pra *buer* água... como é que vamos a *buer*?

– Baixe lá os cornos que eu também já lá baixei os meus! (risos)

.....  
**Informante:** Ana Maria Dubelez Andrade, 96 anos e Maria da Conceição Andrade, 89 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 14.2.2024.

## 439 | O BÊBADO NA BICICLETA

Um bêbado foi à missa. E às tantas, o senhor padre diz assim:

– Valha-nos Deus, Nossa Senhora, Santo António, Santa Luzia, *terététéu*...

Quando acabou a missa o bêbado sai da igreja. E ele ia de bicicleta. Sai da igreja, monta-se na bicicleta e segue rumo. Mais à frente, espalha-se na bicicleta. E diz assim o bêbado:

– Eu logo vi, com tanta gente a cavalo... algo não podia dar certo.

.....  
**Informante:** Maria Alice Domingues Alvito Frade de Brito, 74 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 10.9.2024.

## 440 | COMER DE CALHANDRO

O meu pai, uma vez, foi a uns amigos. E havia uns penicos muito grandes que lhe chamavam os *calhandros*. E o que é que fizeram aqueles senhores? Aquilo era novo, mas deitaram lá um doce. Puseram o doce na mesa, puseram para comer...

E ele [o amigo] disse assim:

– Ai, gosta?

– Eu gosto. Mas agora de calhandro é que eu nunca comi. (risos)

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 27.10.2024

## 441 | O PEDIDO DE NAMORO

Um rapaz escreveu uma carta a uma cachopa, de namoro. E depois, a carta era assim:

*SIM/SIM NÃO/NÃO*

*Menina Maria da Felicidade,*

*Um beijinho para quem ler esta carta.*

Esta era a carta do baile. Quem leu a carta diz assim:

– Olha, Maria, o beijinho é para mim. Agora a resposta é contigo. (risos)

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.08.2024.

## 442 | OS NAMORADOS

Há uns namorados que andavam a passear e queriam dar uma volta no coche. Fizeram “alto” ao cocheiro. Ele pára o coche e eles foram para dentro do coche, um coche daqueles fechados. Fecham a portinha, lá começaram aos beijinhos um ao outro. E, às tantas, o cocheiro ouviu:

– Ai que eu morro! Ai que eu vou pró céu! Ai que eu morro! Ai que eu vou pró céu!

Ele abre lá a porta que dava acesso lá ao reservado onde eles iam:

– Oiçam lá, então um morre e o outro vai pró céu... e quem é que me paga o frete? (risos)

.....  
**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito em 11-9-2024.

## 443 | VAI DAR ÁGUA AO BURRO

O pai disse prá filha:

– Ó Maria, vai dar *iágua* ao burro.

E a Maria lá foi a dar *iágua* ao burro.

Mas disse-lhe logo [o pai]:

– Olha, se ele não quiser beber a *iágua*, casa com ele.

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.08.2024.

#### 444 | ALTO E PÁRA O BAILE!

- Alto e pára o baile! Apalpavam as mamas à minha filha!
- Foi o tocador.
- Então,  *siga a dança que o tocador é de confiança.*

.....  
**Informante:** José António Lourenço Cruchinho, 9 anos; aprendeu a anedota com o avô.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 27.06.2024  
.....

#### 445 | O CLIENTE HABITUAL

Há um gajo que foi à casa das meninas. Lá viu uma miúda:

- Ah, podes ser tu.

Subiram para o quarto. E diz-lhe ela assim:

- Então como é que queres?

E diz ele:

- Normal.

Pronto, foi-lhe à rata, pagou e tal. Ele ficou satisfeito, foi-se embora.

Uns dias depois, foi lá outra vez, chamou a mesma. Chegaram ao quarto:

- Então como é que é?

- Hoje é um broche.

- Está bem.

Pagou, foi-se embora.

Chegou à terceira vez, escolheu a mesma gaja:

- Ah, já fizemos broche, já fizemos na rata, agora tem de ser pró cu.

Pronto e ela colaborou. Foram, pagou, foi-se embora. Já tinha ali um cliente.

Ao fim de uns dias, voltou lá outra vez:

- Ele já ali vem outra vez?

E então, chamou a mesma rapariga. Chegaram ao quarto:

- Então e como é que é hoje?

- Põe-te aí de joelhos.

O gajo enrolou a picha no meio do cabelo [dela] e deixou-se ali vir. E pagou na mesma, abalou.

Ela desce as escadas a rir-se:

- É pá, tive ali um gajo... foi isto, foi assim...

Diz assim a chefe delas:

- Cuidado com esse gajo, que esse gajo vem para te f\*der o juízo! (risos)

.....  
**Informante:** António, 70 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.10.2024.  
.....

#### ANEDOTA-ADIVINHA

#### 446 | A DIVISÃO DA CABRA

Em quantas partes se deve dividir a cabra?

R: Em nove: três pra ti, três pró bode, e três pra quem te cobre.

.....  
**Informante:** Domingos Robalo Salvado, 83 anos

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 22.8.2024.  
.....

#### 447 | O ESPIRO DA MULHER

E vai aí uma mulher pela rua adiante e vê um homem. Porque é que a mulher espirra?

R: Cheira-lhe a *matcho*. (risos)

.....  
**Informante:** Domingos Robalo Salvado, 83 anos

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 22.8.2024.  
.....

#### 448 | AS GALINHAS

Porque é que as galinhas, ao fim do galo as tomar, ficam a olhar para cima?

R: Estão a pedir uma ratinha, que já estão fartas de levar no cu. (risos)

.....  
**Informante:** Isabel Borrega Flores, 81 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 3.8.2024.  
.....

## 449 | OS DOIS LIVROS

O que é que diz o livro de matemática para o livro de história?  
– É pá, não me venhas com histórias que eu estou cheio de problemas!

---

**Informante:** Alina Vaz Reis, 41 anos.

Recolha feita na freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 19.7.2024.

---

## 450 | O PIRES E A CHÁVENA

O que é que o pires diz à chávena?  
– Sei lá..  
– Ai, filha, tens o cu tão quente... (risos)

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 8.9.2024.

---

## ANEDOTAS CUMULATIVAS

### 451 | OS MANDAMENTOS DOS PADRES (I)

IGR 2887.9 / RPI Y16

Primeiro: não diz a missa sem ser por dinheiro.  
Segundo: escolhe a moça mais bonita do mundo.  
Terceiro: se comem carne de cabrito, melhor comem a de cordeiro.  
Quarto: só se levanta da mesa quando já está farto.  
Quinto: se bebem o vinho branco, melhor bebem o tinto.  
Sexto: fazem tanto pela sua *ialma* como o burro pelo cabresto.

---

**Informante:** Maria Celeste Borrego Salvado Correia, 57 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 1.08.2024

---

### 452 | OS MANDAMENTOS DOS PADRES (2)

IGR 2887.9 / RPI Y16

Os padres são diferentes de nós:  
Primeiro: confessam para ganhar dinheiro.  
Segundo: comem as melhores mulheres do mundo.  
Terceiro: gostam mais da carne de cabrito do que de carneiro.  
Quarto: estão a dar dois pinotes quando estão fartos (quando não se paga a cõngrua).  
Quinto: gostam mais do branco do que do tinto.  
Resumindo isto em dois: custa mais governar um padre do que uma junta de bois.

---

**Informante:** Paulo Tomé, 57 anos.

Recolha feita nas Quintas do Anascer - anexa da freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 5.10.2024

---

# CONTOS DE FÓRMULA

## 453 | A SEMANA DO MANDRIÃO

ATU 2012 / IGR 2955 / RPI Y21

Ao domingo nada faço porque sou fiel cristão;  
À segunda porque abraço a preguiça à perfeição;  
À terça não dou um passo porque temo dá-lo em vão;  
À quarta pelo cansaço que obriga a ser mandrião;  
À quinta porque padeço de infeção pulmonar;  
À sexta porque adoeço com medo de ir trabalhar;  
Ao sábado porque tenho, em rigor, que descansar.

Informante: Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor, por Gorete de Brito, em 25.06.2024.

## 454 | À UMA EU NASCI

AT 2012B / IGR 0724 / RPI Y1

Musical score for the song "À UMA EU NASCI". The score is written in treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a 4/4 time signature. The tempo is marked as quarter note = 150. The lyrics are written below the notes. The score consists of four staves of music. The lyrics are: "À u - ma eu nas - ci, às du - as me ba - ti - zei, Às três pe - di na -  
-mo - ro e às qua - tro me ca - sei, Às cin - co u - ma dor, às seis u - ma a - fli -  
-ção, Às se - te no dou - tor e às oi - to no cai - xão, Às no - ve a ca -  
-mi - nho, às dez no ce - mi - té - rio, Às on - ze no bu - ra - co e às do - ze lá no céu." The score ends with a double bar line.



À uma eu nasci e às duas me batizei,  
Às três pedi namoro e às quatro me casei.  
Às cinco uma dor, às seis uma aflição,  
Às sete no doutor e às oito no caixão.  
Às nove a caminho, às dez no cemitério,  
Às onze no buraco e às doze lá no céu.

.....  
**Informante:** Maria de São José Alvito de Brito, 50 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor, por Gorete de Brito, em 16-6-2024.  
.....

.....  
Nota: A melodia está em Ré Maior e é completamente diatónica. A estrutura é composta por uma sequência de frases poéticas e musicais que replica a melodia do refrão do conhecido tango argentino “A media luz” (música de Edgardo Donato)<sup>117</sup>. A composição é interpretada de maneira jocosa, ironizando a brevidade da vida num discurso musical saltitante e acelerado.  
.....

## 455 | ERA E NÃO ERA (1)

ATU 2014

Era e não era, andava na serra lavrando,  
com arados de palha e bois de bugalha,  
a ver a notícia que o pai era morto e a mãe por nascer.  
O pobre rapaz o que havia de fazer?  
Deitou junto às costas o arado a espairecer.  
Sobe por uma *barranceira* abaixo,  
viu uma macieira carregada de avelãs;  
subiu por ela acima a colher maçãs.  
Veio de lá o homem do faval:  
– Ó rapaz, que andas tu a colher couves  
num nabal que não é teu?

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 16.02.2024.  
.....

.....  
<sup>117</sup> Nota da coletora: a informante aprendeu esta versão com o tio Inácio, um senhor que na época ouvia tangos argentinos e morava na rua da minha avó. A minha mãe conta que nos bailes dançavam o tango.

## 456 | ERA E NÃO ERA (2)

ATU 2014

Era e não era, andava na serra.  
Seu pai morto, sua mãe por nascer.  
O diabo do rapaz o que havia de lhe acontecer?  
Deitou as pernas às costas e começou a correr.  
Veio de lá um homem a querer lhe fazer mal:  
– Quem é que a si deu ordem de andar  
a colher pepinos no meio do faval?  
No meio do faval, no meio da vinha,  
Atirou-lhe com um *gacho*<sup>118</sup> à testa e partiu-lhe a espinha.

.....  
**Informante:** Narcisa Calamote, 71 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 30.07.2024.  
.....

## 457 | ERA E NÃO ERA (3)

ATU 2014

Era e não era, andava na serra,  
a lavar uma vinha com bois que não tinha.  
Chegou a notícia que o pai tinha morrido,  
a mãe por nascer.  
Pôs as pernas às costas, deitou-se a correr.  
Passou por um pessegueirinho carregado de avelãs,  
subiu lá a cima a colher as maçãs.  
Veio o homem dos marmelos:  
– O que é que anda aqui a fazer?  
Um cavalo alheio atirou-lhe pepinos pró seio.  
Atirou-lhe um toro de couve à testa,  
E desmanchou-lhe o joelho.

.....  
**Informante:** Manuela Tomé, 66 anos.  
Recolha feita na freguesia da Bemposta por Gorete de Brito em 2.9.2024.  
.....

.....  
<sup>118</sup> Cacho de uvas.

## 458 | ERA E NÃO ERA (4)

ATU 2014

Era e não era, andava na serra.  
Tinha o pai morto, a mãe por nascer.  
O diabo do rapaz o que havia de lhe acontecer?  
Deitou as vacas às costas, pôs o arado a comer.  
Subiu para um pessegueiro a colher avelãs,  
Veio de lá o dono a querer fazer mal:  
– Ó senhor, não colha os pepinos do meu faval!  
Saltou para uma vinha a colher melancias,  
Atirou-lhe com uma à testa, partiu o joelho.

.....  
**Informante:** Maria Belmira Ramos Cavalheiro, 68 anos  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 6.9.2024.

## 459 | ERA NÃO ERA

ATU 2014

Era não era andava lavrando;  
O seu pai era Fernando.  
O pobre diabo, o que lhe havia de acontecer?  
Deitou as vacas às costas, pôs o arado a comer.

.....  
**Informante:** Maria da Conceição Andrade, 89 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 6.8.2024

## 460 | ERA UMA VEZ O QUE NÃO ERA

ATU 2014

Era uma vez o que não era, que andava lavrando  
com um boi carrapato e outro calhandro.  
Subiu mais acima, encontrou um ninho de formigas;  
Desce mais abaixo, encontra um ninho de cartaxos.  
Sobe mais arriba encontra uma avelaneira  
carregadinha de avelãs, ameixas temporãs, nozes barrigudas.  
Salta para cima e enche a barriga de uvas.

Brada de lá o cigano:

– Ó seu cigano marmelo!

Então você anda a comer os figos

que eu tenho para os meus amigos?

Começaram de razão em razão, de questão em questão.

Ele desce ao chão, joga-lhe um pepino, acerta-lhe com um melão;

Bate-lhe na cabeça e parte-lhe uma mão.

.....  
**Informante:** José Vicente Correia Lucas, 91 anos. n. Budens (Vila do Bispo).  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 9.10.2024.

## 461 | ERA MEIA NOITE EM PONTO

ATU 2014

Era meia noite em ponto,  
Faltava um quarto prá uma,  
Estava um homem sentado numa pedra de pau,  
A ler o jornal às avessas,  
À luz de uma candeia apagada.  
Onde dizia que era mais fácil o mar arder  
Do que a terra cagar batatas.

.....  
**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 11.9.2024.

## 462 | O COELHO SARICOTELHO

ATU 2016

Eu fui à caça, mafaça, saricotaça,  
Agarrei um coelho, mafelho, saricotelho.  
Fui levá-lo à velha, mafelha, saricotelha:  
– Arranja-me este coelho, mafelho, saricotelho,  
Na panela, mafelha, saricotelha.  
Que eu vou à missa, mafiça,  
A cavalo num carro de cortiça, mafiça.  
Quando vim da missa, mafiça,  
Perguntei à velha, mafelha, saricotelha:

– O coelho, mafelho, saricotelho?  
– Comeu-o o gato, mafaço, saricotaço.  
Nas costas da velha, mafelha, saricotelha,  
Tranca com a tranca nas costas da velha! (risos)

Informante: Joaquina Andrade, 74 anos.

Recolha feita na freguesia da Meimoa por Gorete de Brito e Maria João Cabanas em 10.7.2024

## 463 | O CASAMENTO DA FRANGA

ATU 2019\*

Musical notation for 'O Casamento da Franga'. The score is in 4/4 time with a tempo of 120. It consists of two staves. The first staff begins with a treble clef, a key signature of one flat (F major), and a common time signature. The melody is written on a single line. The lyrics are: 'Dis - se\_o ga - lo pa - ra\_a ga - li - nha: Ca - sa - re - mos a nos - sa fi - lhi - nha. O ca - sa -'. The second staff starts with a '3' above the first measure, indicating a triplet. The lyrics continue: '- men - to.é já, é já, Fal - ta\_a ma - dri - nha, de on - de vi - rá? (Dis - se\_a...)'. The piece ends with a 'Fine' and 'Ao' followed by a repeat sign.

Disse o galo para a galinha:  
– Casaremos a nossa filhinha.  
O casamento é já, é já,  
Falta a madrinha, de onde virá?

Disse a cobra que andava na vinha:  
– Eu estou pronta p'ra ser a madrinha.  
O casamento é já, é já,  
Falta o padrinho, de onde virá?

Disse o rato do seu buraquinho:  
– Eu estou pronto p'ra ser o padrinho.  
O casamento é já, é já,  
E o enxoval, de onde virá?

[Disse a aranha do seu aranha]:

– Aqui está o lindo enxoval.  
O casamento é já, é já,  
E o banquete, de onde virá?

Disse o coelho da sua toca:

[– Eu estou pronto p'ra fazer a paparoca.]

O casamento é já, é já...

[.....]

Informante: Elisabete Gonçalves, 53 anos

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 10.02.2024.

Nota: A melodia está em Fá Maior e é totalmente diatónica. A estrutura é composta por uma estrofe que se repete com versos diferentes. Parece uma canção infantil, cantada de maneira divertida.

## 464 | A CAROCHINHA

ATU 2023

A Carochinha andava a varrer e apanhou cinco tostões... andava a varrer a casa e apanhou lá um dinheirinho. E ela ficou tão contente que foi para a janela, a dizer que encontrou então os dez reis:

– Quem quer casar com a Carochinha, que é bonita e formosinha e tem dez reis na gavetinha?

E depois passou um porco, e diz assim:

– Quero eu.

– Como é a tua voz?

– *Ró ró ró...*

– Ai, não, tens a voz muito grossa, não me deixas dormir.

Pronto, foi-se embora. Tornou ela outra vez assim:

– Quem quer casar com a Carochinha, que é bonita e formosinha e tem dez reis na gavetinha?

Passou um burro:

– Quero eu.

– Como é a tua voz?

O burro cantou:

– *Ouó, Ouó...*

– Ai, não, a ti não te quero, não me deixas dormir.

Ó depois... bom, passaram muitos animais (a gente põe os que quer, até já não me lembro).

Até que passou um, que era o rato, e ela diz a mesma história. E ele diz-lhe assim:

– Quero eu.

– Então e como é a tua voz?

– *Hi hi hi...*

– Ai, a ti quero-te. Ai, a ti quero-te!

Bem, lá o levou.

Estavam a fazer os preparativos para o casamento e ele foi lá à cozinha, *não-sei-quê*, o rato. Foi lá, meteu-se lá no caldeirão, caiu. Foi lá tirar as coisas de um caldeirão, ou duma panela, e caiu lá para dentro. Depois a Carochinha chorava:

– Ai, o meu rico João Ratão, que ficou cozido e *dolido*<sup>119</sup> no meio do caldeirão.

– Ai, o meu rico João Ratão, que ficou cozido e *dolido* no caldeirão.

(Era assim que a gente contava, e esta até contávamos às vezes umas às outras.)

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 89 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 28.01.2024.

---

## 465 | A FORMIGA E A NEVE

ATU 2031

Era uma vez uma formiguinha que estava em casa. E estava preocupada! A sua despensa quase não tinha comida e o inverno nunca mais acabava. Espreitou para fora do formigueiro e continuava a nevar lá fora, fazia muito frio e muito vento. Olhou outra vez para a despensa, já só restava um grão de trigo. Começou a ter fome e teve de comer o grão de trigo. Tinha que encontrar uma solução depressa, e isso implicava que tinha que ir à procura de comida.

Assim, saiu do seu formigueiro e começou a caminhar na neve. A neve estava fria, mas estava fofa. Os pezinhos começaram a gelar. A certa altura, tropeçou e ficou com o seu pezinho preso na neve. Ela tinha que arranjar uma solução. Pensou... olhou para cima e o sol estava a brilhar.

Pedi ajuda ao sol:

– Ó Sol, tu que és tão forte, que brilhas tanto, que derretes a neve que me prende, solta o meu pezinho!

E o sol respondeu-lhe:

– Mais forte do que eu, é a Nuvem que me tapa.

---

<sup>119</sup> Magoado.

E a formiguinha pediu à nuvem:

– Ó Nuvem, tu que és tão forte, que tapas o Sol que derrete a neve que me prende, solta o meu pezinho!

E a nuvem respondeu-lhe:

– Mais forte do que eu, é o Vento que me leva.

E a formiguinha pediu ao vento:

– Ó Vento, tu que és tão forte, que levas a Nuvem, que tapa o Sol, que derrete a neve que me prende, solta o meu pezinho!

E o vento respondeu-lhe:

– *Vvvvvvvvvv...* mais forte do que eu, é o Muro que me pára.

E a formiguinha pediu ao muro:

– Ó Muro, tu que és tão forte, que páras o Vento, que leva a Nuvem, que tapa o Sol, que derrete a neve que me prende, solta o meu pezinho!

E o muro disse-lhe:

– Mais forte do que eu, é o Rato que me rói.

E a formiga pediu ao rato:

– Ó Rato, tu que és tão forte, que róis o Muro, que pára o Vento, que leva a Nuvem, que tapa o Sol, que derrete a neve que me prende, solta o meu pezinho!

E o rato respondeu-lhe:

– *Hi, hi, hi!* Mais forte do que eu, é o Gato que me come.

E a formiguinha pediu ao gato:

– Ó Gato, tu que és tão forte, que comes o Rato, que rói o Muro, que pára o Vento, que leva a Nuvem, que tapa o Sol, que derrete a neve que me prende, solta o meu pezinho!

E o gato respondeu-lhe:

– *Miaaaa!* Mais forte do que eu, é o Cão que me persegue.

E a formiguinha pediu ao cão:

– Ó Cão, tu que és tão forte, que persegues o Gato, que come o Rato, que rói o Muro, que pára o Vento, que leva a Nuvem, que tapa o Sol, que derrete a neve que me prende, solta o meu pezinho!

E o cão respondeu-lhe:

– *Ão, ão, ão!* Mais forte do que eu, é o Homem que me domina.

E a formiguinha pediu ao homem:

– Ó Homem, tu és tão forte que dominas o Cão, que persegue o Gato, que come o Rato, que rói o Muro, que pára o Vento, que leva a Nuvem, que tapa o Sol, que derrete a neve que me prende, solta o meu pezinho!

E o homem respondeu-lhe:

– Mais forte do que eu, é o polícia que me prende.

E a formiguinha, já quase sem forças, pediu ao polícia:

– Ó polícia, tu que és tão forte, que prendes o Homem, que domina o Cão, que persegue o Gato, que come o Rato, que rói o Muro, que pára o Vento, que leva a Nuvem, que tapa o Sol, que derrete a neve que me prende, solta o meu pezinho!

E o polícia respondeu-lhe:

– Mais forte do que eu, é a Morte que me leva.

---

**Informante:** Silvina Reis, 57 anos, n. do Fundão.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 2.7.2024.

---

## 466 | O AMIGO DE PENICHE

Car-Co \*2050

Há dois amigos que se encontram. E há um que diz assim:

– Bom dia, amigo.

E o outro responde:

– Bom dia, amigo de Peniche.

E o primeiro que deu os bons dias foi seguindo:

– De Peniche? Ora bem:

*Peniche fica à beira do mar,*

*O mar tem peixes,*

*Os peixes têm água,*

*A água é azul,*

*Azul é a tinta,*

*A tinta escreve no papel,*

*O papel é branco,*

*Branco é o leite,*

*O leite vem da vaca,*

*A vaca tem cornos.*

– Ai o filha da mãe que me chamou cornudo! (risos)

---

**Informante:** Lourenço Augusto Marcos, 72 anos. Natural de Urrós, Mogadouro.

Recolha feita na freguesia de Aldeia do Bispo por Gorete de Brito em 14.9.2024

---

## 467 | A PISTOLA

ATU 2200

Um garoto foi a um comércio: o pai tinha um comércio e roubou rebuçados ao pai.

Onde é que eles foram a comer? Á porta do cemitério. Ora foram lá pró cemitério, ó depois estavam a dividi-los. Um estava lá dentro do cemitério e o outro... subiram prá parede:

– Este é pra ti, este é pra mim. Este é pra ti, este é pra mim...

Vai o gaijo, ouviu, disse assim:

– Um é pra ti outro é pra ele...

O gaijo tinha lá uma pistola... Tinha lá uma pistola, os gaijos fugiram deixaram lá a pistola em cima da parede. Não sei o que fizeram à pistola... Algum a agarrou!

[Pergunta uma ouvinte]:

– O que é que fizeram à pistola?

– Tirou-a da *portinhola*<sup>20!</sup> (risos)

---

**Informante:** Domingos Robalo Salvado, 83 anos

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 3.8.2024.

---

## 468 | AS TRÊS IRMÃS E A PEREIRA

ATU 2200

– Dás-me licença de contar um conto?

– Dou sim senhora. [responde uma ouvinte]

Eram três irmãs: A Isabel, a Maria e a Bochecha. E a Bochecha estava muito doente. E pediu a uma irmã para ir ao cimo de uma pereira a colher umas perinhas. A primeira que foi lá foi a Maria. A Maria foi à pereira e ficou lá *engalhada*<sup>21</sup>. E então, a Bochecha diz prá Isabel:

– Ó Isabel, vai lá desengalhar a nossa Maria e colhe lá uma perinha, para eu comer a ver se melhora.

E a Isabel vai lá, e sobe também para cima da pereira, a colher a pera. E também ficou lá *engalhada*. E depois, por fim, foi a Bochecha. A Bochecha a subir à pereira. Mas a Bochecha estava doente, não foi capaz de subir. E então era assim: A Maria cagava para a boca da Isabel. A Isabel cagava para a boca da Bochecha. E a Bochecha cagava para a boca de quem deu licença. (risos)

---

**Informante:** Manuela Tomé, 66 anos (e Filomena Tomé, 38 anos)

Recolha feita na freguesia da Bemposta por Gorete de Brito em 2.9.2024.

---

---

120 Braguilha.

121 Presa nos galhos da árvore.

## 469 | ERA UMA VEZ...

ATU 2271

Era uma vez um homem e uma mulher,  
Queriam comer e não tinham colher.

Era uma vez um rei e uma rainha,  
Queriam cozer e não tinham farinha.

---

**Informante:** Palmira de Jesus Carvalho Campos, 81 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 21.07.2024.

---

## 470 | ERA UMA VEZ UM GATO

ATU 2271

Era uma vez um gato,  
Com as pernas de farrapo,  
Com os olhos ao revés.  
Queres que te conte outra vez?

- Não.  
- Não é não.

Era uma vez um gato,  
Com as pernas de farrapo,  
Com os olhos ao revés.  
Queres que te conte outra vez?

- Quero.  
- Não é quero.

Era uma vez um gato,  
Com as pernas de farrapo  
Com os olhos ao revés.  
Queres que te conte vez?....

---

**Informante:** Maria Isabel Firme Canaveira, 80 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 30.7.2024.

---

## 471 | ERA UMA VEZ UM GATO MALTÊS

ATU 2271

Era uma vez um gato maltês  
Cagou-te na boca, não soube o que fez.

---

**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 2.10.2024.

---

## 472 | O CONTINHO DAS CALCINHAS VERMELHAS

ATU 2275

É o continho das calcinhas vermelhas. Queres que o diga ou que o deixe?

– Que o deixe.

Não é que o deixe, é o continho das calcinhas vermelhas. Queres que o deixe ou que o diga?

– Quero que o diga.

Não é que o diga, é que o deixe. (E estávamos assim horas...)

---

**Informante:** Manuela Tomé, 66 anos (e Filomena Tomé, 38 anos)  
Recolha feita na freguesia da Bemposta por Gorete de Brito em 2.9.2024.

---

## 473 | O CONTINHO DO CAPUCHINHO VERMELHO

ATU 2275

Queres que te conte o continho do Capuchinho Vermelho?

Queres que to conte-conte ou que te deixe-deixe?

(Lá está, é sempre seguido...)

---

**Informante:** Maria Angélica da Cruz Agostinho Salvador, 65 anos.  
Recolha feita na freguesia da Bemposta por Gorete de Brito em 18.10.2024.

---



**LENDAS.**

**Leno graf**

# LENDAS DO SOBRENATURAL

## LOBISOMENS

### 474 | O LOBISOMEM (I)

Havia cá um homem que era lobisOMEM. E então andava de noite pelas ruas. E depois transformava-se num cavalo. Espojava-se num espejeiro de um cavalo e transformava-se num cavalo. E depois andava pelas ruas: *catrapus, catrapus, catrapus... catrapus, catrapus...* E as pessoas, coitado, as pessoas tinham... Mas passava e não deixava rasto. Ele era de cá, o homem, tinha fama. [...]

Uma vez, um rapaz estava a namorar. E depois, quando estava lá em casa da namorada, passou um cavalo na rua: *catrapus, catrapus, catrapus, catrapus...*

E ele disse assim:

– E agora... quero-me ir embora e o raio, anda aí um lobisOMEM!

Veio-se embora. Deixou de ouvir o cavalo, veio-se embora. Quando veio por uma travessa, quando o cavalo dá a volta pela outra rua. Quando chegou à esquina da rua já estava lá o cavalo:

– Agora é que são elas!

Nessa esquina estava um curral. Estava uma casa e depois tinha um curral alto. Ele subiu para cima do curral. E o cavalo queria-lhe apanhar os pés! (risos) Ai, aquelas é que foram!

Bem, ele foi para casa, disse p'rá mãe assim:

– Ó mãe... o raio do lobisOMEM queria-me apanhar os pés!

Bem, quando foi ao outro dia, foi dito assim:

– Ai, a égua do Falcão meteu-se e andou por aí pelo povo.

(Era uma égua que andava solta. [...]) Esta é verdade. [...] O meu irmão é que vinha de namorar e viu-se à rasca...)

---

**Informante:** Leonor Zagalo, 79 anos

Recolha feita na freguesia de Pedrógão de São Pedro por Rosa Gonçalves em dezembro 2023.

---

## 475 | O PÁTIO DO LOBISOMEM

ML 4005

Conta-se na aldeia de Meimoa que, numa determinada noite de luar, se ouviu pela rua um som estranho, fazendo lembrar um lobisomem. A certa altura o lobisomem regressou à sua casa, ainda nessa figura, e comeu o seu próprio filho bebé. E voltou a sair. Passado o efeito, voltou já homem para casa. E trazia entre os dentes as franjas do xaile que o bebé vestia.

Esse local, que ainda existe, ficou conhecido como o “pátio do lobisomem”.

.....  
**Informante:** António Manuel da Costa Leandro, 61 anos, n. Salvador.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 20.06.2024.  
.....

## 476 | O LOBISOMEM (2)

ML 4005

Era uma vez um homem. E o homem era pastor e estava no campo. Estava no campo, tinha um filho. E dizia:

– Ó mulher, nas terças e nas sextas não deixes a porta da *choça*<sup>01</sup> aberta!

Mas ela não sabia, numa terça-feira deixou a porta da choça aberta.

O homem fez-se em *lobezomem*. Foi e *esfrangalhou* a criança toda.

A mulher foi onde estava o filho:

– Ai, mas o nosso filho, agora...

Ele, diz que ainda tinha a roupa do filho nos dentes. Ela disse:

– Ai, não me digas que foste tu que mataste o nosso filho!

– Eu não te avisei? Não te avisei que não deixasses a porta aberta? Eu, nestes dias faço-me numa coisa má.

.....  
**Informante:** Rosa Maria Matanço, 98 anos.  
Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 29.7.2024.  
.....

## 477 | O LOBISOMEM (3)

Um dia, o meu homem sentiu [barulho]. Eu digo assim:

– Mas vai um cavalo aí pela escadaria abaixo...

– Deixa-o vir. Não acendas a luz, porque se se acende a luz o gajo entra cá p'ra dentro.

O meu homem já sabia quem era. Eu é que não sabia.

.....  
01 Construção rústica, revestida de palha ou de folhas.

E um dia ele passa pra baixo, e foi deixar a roupa ao canto de [uma casa] ao pé do quartel. Deixou aí a roupa, mas não a virou<sup>02</sup>. O meu homem chegou lá, virou-lhe a roupa. Tinha lá uma vara de colher a azeitona, pôs-lhe um pico de prego, espetou-lho, aguçou-o bem aguçado, até ao tempo que ele por lá andasse. Quando ele vinha p'ra cima, à rua acima, o meu homem mete a vara pela janela, deu-lhe três picadas. E ele:

– Então eu vou nu, vou nu!

Abalou, voltou para trás a correr, foi-se a vestir. E ele soube quem o tinha picado. Bateu à porta.

Disse eu:

– Ó homem, por amor de Deus não batas à [abras a] porta.

– Agora já não há perigo, eu já o curei.

O meu homem chegou à janela, e disse-lhe assim:

– O que é que quer Ti V...?

– Ó amigo, obrigadinho por aquilo que tu me fizeste. Eu não te vi, mas vi que ia nu.

E então, fui adonde eu tinha deixado a roupa. Fostes lá tu a virar a roupa?

– Fui, fui.

– Olha, obrigado por tudo. Deixa lá que nunca te aconteça nada a ti<sup>03</sup>.

.....  
**Informante:** Mulher septuagenária.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 18.5.2014.  
.....

## 478 | O LOBISOMEM INVISÍVEL

Foi uma rapariga que vinha do baile. E diz que ouvia *tum-tum-tum-tum-tum-tum*, à noite. E que olhava pra trás e que não via nada. Ela voltou a correr, e à noite já não saía à meia-noite. Era um senhor que era lobisomem. Pensavam que era nestes dias quando ele passava a correr. Diz que ele tinha que dar a volta a sete vilas acasteladas<sup>04</sup>, com castelo, num espaço de período de tempo. Ela disse que não via nada e sentia aquele *tum-tum-tum-tum-tum*, os passos do cavalo.

.....  
**Informante:** informante anónima.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 3.9.2024.  
.....

02 Nota da informante: viravam a roupa que era para andarem por lá o tempo que quisessem. Eles depois vinham, viravam a roupa e voltavam a vesti-la.

03 Deve referir-se aqui ao fado de ser lobisomem.

04 Nota da informante: Penha Garcia, Monsanto, Idanha-a-Nova, Penamacor, Sabugal, Belmonte, Guarda

## 479 | O LOBISOMEM DO MEIMÃO

Eram vizinhos. Um era sacristão e o outro era sapateiro. Passava a rua no meio. E diz que [o lobisOMEM] andava lá como os cavalos. Que eles formavam-se em cavalos e andavam aos saltos. E onde viam luzes escavacavam tudo.

Ele viu que andava lá, abriu a janela, com o varal picou-o. E diz que ó depois deixou de ser [lobisOMEM]. Aquele homem sempre o conheci aterrorizante, assim “carneiro”, o falar dele de carneiro, e coisa... Agora dizem muita coisa, e se era ou não era, não sei.

---

**Informante:** Amândio, 90 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimão por Gorete de Brito e Rosa Gonçalves em 27.8.2014.

---

## 480 | OS LOBISOMENS

Havia homens que, à meia noite, nas sextas-feiras, numa encruzilhada (que é um caminho que faz cruz, vai para baixo e para cima), e depois, as pessoas vinham àquela hora, à meia noite. E iam lá e transformavam-se em cavalo. E era um lobisOMEM. Depois às vezes, diziam as mulheres, chegavam ali com um aguilhão (que era uma vara com que picavam as juntas dos bois), picavam-lhes numa perna e eles voltavam a ser humanos.

---

**Informante:** Fernanda Carreto, 72 anos.

Recolha feita na freguesia de Aldeia do Bispo por Gorete de Brito em 6.09.2024.

---

## 481 | O CAVALO SEM ALBARDA

Eu e a minha mulher, que Deus tem, fomos a um sitio buscar uma caixa de batatas que me tinham oferecido, batata Valenciana. Eu fui lá buscá-las era meia noite e qualquer coisa. Quando chegámos lá a baixo, ao pé de um palheiro (agora é, mas na altura não era), vimos um cavalo sem albarda, sem nada, à porta do palheiro. Uma lua como de dia.

Eu ia na frente e a minha mulher vinha detrás, com a caixa das batatas à cabeça. De noite, faltava aí uns vinte minutos para a meia noite. Eu cheguei ali, havia uma sobreira grande. A uma distância de vinte metros, não era mais, estava um cavalo. Nessa altura, aqui, era tudo contrabando nesta terra. Havia cá setenta e tal cavalos de contrabando. [...]

Então, fiz assim<sup>05</sup> à minha mulher, a minha mulher parou. E eu não tive medo, que nunca tive medo de nada, mas arrepiava-me os cabelos. E a minha mulher viu, mas não disse

---

<sup>05</sup> Um gesto.

nada, não falou p'ra mim sequer. E, no momento, o cavalo arranca sem albarda, sem nada? Atravessou um caminho, onde eu tenho uma fazenda, que não tem saída.

No outro dia, disse:

– Mas para onde é que ia aquele cavalo?

Eu fiquei a pensar: “algum indivíduo que tem para aí o contrabando e agora vai buscá-lo, vai-se embora. Mas o cavalo sem albarda, sem nada? Sem cavaleiro? O cavalo sozinho.”

Bem, o outro dia alevantei-me e fui ver. Não vi pista nenhuma. Um cavalo a correr em terra com as patas, conheces. Não havia patadas. Fiquei na história que era um lobisOMEM. Os lobisOMENS existiam. Já sabe disso?

---

**Informante:** Alfredo Ferreira, 85 anos, n. Vila Longa (c. Satão).

Recolha feita na freguesia de Salvador por Gorete de Brito em 19.10.2024.

---

## 482 | AS CAVALGADAS NOTURNAS

Todas as noites se ouvia, ali na rua, um cavalo a andar. A uma determinada hora, sentiam aquele cavalo a andar:

– Que raio, anda aqui um cavalo a uma hora destas! Que raio, mas quem é que anda aqui com o cavalo?

Levantavam-se, não viam ninguém, porque o cavalo já tinha passado. Não viam nada, só ouviam os passos do cavalo já mais longe. E elas falavam, diziam assim:

– Eu não sei... tu ouviste um cavalo, esta noite?

– Eu também ouvi!

– Eu também ouvi!

Vinha a outra:

– Mas quem é que trás aqui um cavalo?

E então o que é que fizeram? Combinaram ficarem à espera a ver se ouviam o cavalo. E ouviram o cavalo. Ouviram o cavalo a andar, ia a *coiso*. Mas não viram de onde é que o cavalo saiu, não viram nada. Só sabem que, quando estavam à espera do cavalo, sentiram subir a Rua do Sr. Zé, aquele bocadinho da rua e, de repente, deixaram de ouvir o cavalo. Porquê? E elas diziam: “Porque o cavalo entrou para casa.” [– a casa do lobisOMEM].

---

**Informante:** Maria Alice Domingues Alvito Frade de Brito, 74 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 20.06.2024

---

## BRUXAS

### 483 | A BRUXA E O RELHEIRO<sup>06</sup>

Isso é a história de dizer que as bruxas se fazem galinhas. Pois, também diziam que não sei quem é que foi encontrou uma galinha. Levou-a para casa, fechou-a e no outro dia estava lá a mulher nua. E contavam que no largo além ao pé dos bombeiros [no antigo Reduto], nos cruzamentos, ali fazem uns poucos cruzamentos, vem a rua debaixo [da Cavaleira], vem a rua dali [da Costeira e das Moutinhas], vem a outra rua dali [onde era o lavadouro].

Então que elas ali dançavam de noite. Até diziam que a mulher era a Jerica. O homem chamavam-no Jerico. Diziam que ele, uma noite, lhe disse:

– Olha vou buscar a semente porque vai chover.

E ela disse:

– Não vás a buscar a semente.

E ele teimou ir e foi. Andou toda a noite a andar com as vacas e não chegou ao *relheiro*.

Ele não chegou lá porque diziam que era ela que o embruxou. Ele andava, andava, mas nunca apareceu o *relheiro*.

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24.02.2024.  
.....

### 484 | O MARIDO QUE NÃO ENCONTRA O RELHEIRO

Eram uns velhotes que estavam nos Aranhões. E depois, o marido levantou-se de manhã cedo e disse:

– Olha, eu vou buscar a semente que pode vir trovoada e a semente molha-se.

– Não vais nada! Não vais nada!

E ele disse:

– Vou, vou lá buscar a semente.

– Hás de andar toda a manhã e todo o dia e não hás de encontrar o *relheiro*.

E ele andou lá todo o dia, toda a manhã e quase toda a tarde. Voltou a casa. Deu-lhe tamanha malha, que ela depois disse:

– Anda, vai! Anda, vai, que o relheiro lá está no sítio.

E depois, voltou lá e diz que já viu o *relheiro*.

.....  
**Informante:** Rosa Leitão, 75 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 30.07.2024.  
.....

06 *Regionalismo:* Fileira de molhos de trigo ou centeio, dispostos no terreno ceifado, com as espigas todas para o mesmo lado.

### 485 | A BRUXA QUE ERA UMA PITA

ML 3055

Houve uma vez, ali ao pé da Misericórdia, iam dois homens e que lhes apareceu ali uma pita. Agarraram a pita e levavam a pita para casa. E a pita que respondeu:

– Olha que me dais cabo do braço! Olha que me partis o braço!

Diz que foi uma bruxa que se fez numa pita. (risos)

.....  
**Informante:** Ana Maria Dubelez Andrade, 96 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 14.02.2024.  
.....

### 486 | A BRUXA GALINHA (1)

ML 3055

Uma mulher transformou-se numa galinha. E andava aí pelas ruas. E um homem agarrou a galinha e cortou-lhe o bico. E a mulher, ao outro dia, apareceu com o nariz quebrado. Com a ponta do nariz cortado. Dizem que foi verdade.

[..]

Outra [mulher] também agarrou assim uma galinha na rua, de noite, ao fechar da taberna. E ela tinha as galinhas além ao pé do chafariz. Foi a meter a galinha [no galinheiro], diz que era, no outro dia, para a matar. Chegou lá, diz que estava uma rapariga solteira.

.....  
**Informante:** Domingos Robalo Salvado, 83 anos

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 3.8.2024.  
.....

### 487 | A BRUXA GALINHA (2)

ML 3055

O meu pai contava que o avô dele que vinha do cimo de vila com uma junta. E uma galinha saltou-lhe para o *fogueiro*. E ele, ainda era de noite, ia para a estação [da Fatela], foi com a vara e bateu na galinha. E conforme bateu na galinha, apareceu uma pessoa nua e disse:

– Agora vais-me a levar a casa, – e disse – e ai de ti que digas a alguém!

[E o meu bisavô] nunca abriu a boca, que ela logo lhe disse:

– Se dizes alguma coisa, quem foi, morres!

.....  
**Informante:** Maria da Ascensão Esteves Marcos, 86 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 9.9.2024.  
.....

## 488 | O RAPAZ E A GALINHA

ML 3055

Há um rapaz que, ao regressar a casa... (Antigamente não havia cafés e havia as tabernas, e as tabernas estavam sempre abertas até às onze horas, meia-noite, por aí.) Portanto, ele mais uns amigos, ao regressarem a casa, há um deles que encontra uma galinha. Encontrou a galinha e levou a galinha para casa. Ao levar a galinha, meteu-a debaixo da cama.

Ao outro dia, quando vai a ver da galinha... Foi, avisou os amigos que tinha lá uma galinha, aonde é que a queriam comer:

– É pá, vê lá tu. Vamos aqui, ou ali...

Portanto, lá destinaram o lugar onde haviam de comer a galinha: uma taberna qualquer.

Quando vai a ver da galinha debaixo da cama, estava uma mulher *em carrapata*, uma mulher toda nua. E então, essa mulher diziam que era uma bruxa. Essa mulher disse:

– Olha, desculpa lá... vais à minha casa e dizes ao meu marido para te dar a roupa, que é para m' eu vestir.

– Então, a senhora está aqui a fazer o quê?

– Ai, eu transformei-me em galinha.

– Ah, então você é que era a galinha?

E era a bruxa que estava transformada em galinha.

---

**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito e Rosa Gonçalves em 24.8.2024.

---

## 489 | A BRUXA-GALINHA DE MEIMÃO

ML 3055

Haviam por aqui umas “cadelas” que eram mesmo filhas da p\*ta. Uma vez dei uma pedrada a uma, eram duas e tal da manhã. E desapareceu, aquilo.

Andava uma galinha, naquele coiso. Vínhamos aqui uma malta deles (rapazes) que andávamos aí na cobiada. E ali vimos uma p\*ta de uma galinha preta. Fomos-lhe a bater e a p\*ta da galinha desapareceu. (risos)

Não sei se era bruxa se era o diabo.

---

**Informante:** Amândio, 90 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimão por Gorete de Brito e Rosa Gonçalves em 27.8.2014.

---

## 490 | A GALINHA PRETA

ML 3055

Olhe, diz que uma vez à meia noite andava uma galinha preta no meio da rua. E que andavam os rapazes (andava um tio meu, irmão do meu pai). E depois que viram uma galinha preta no meio da rua. E agarraram a galinha. Levaram a uma senhora para matarem a galinha e para a comerem. Mas a galinha diz que estava muito magrinha. E depois, diz que ela lhe disse assim:

– Ai, ó Manel, a galinha está tão magrinha... Anda que eu vou ali ao meu galinheiro, trago uma e meto para lá esta.

Ao outro dia, estava lá uma mulher *em carrapata*<sup>07</sup>. E sabes quem era? Era [fulana de tal].

E ela disse:

– Se tu me descobres algum dia, a tua vida nunca vai prá frente.

E nunca, a vida do meu tio nunca foi prá frente.

---

**Informante:** Maria da Luz Toscano Borrego, 85 anos.

Recolha feita na freguesia de Aldeia do Bispo por Gorete de Brito em 30.08.2024

---

## 491 | O PORCO EMBRUXADO

Uma vez o meu pai estava a deitar de comer ao porco, e ela, ele viu-a na *furda*<sup>08</sup>:

– Ó bruxa do diabo, se me embruxas o porco, mato-te!

Ai, o porco nunca mais voltou a comer. Esteve mais de sei lá quanto tempo sem comer.

Vai lá a casa dela, bate à porta:

– Ou você me põe o porco a comer ou a mato já aqui, sua bruxa de m\*rda!

– Ai, eu não fiz nada!

– Vá, ponha-me o porco a comer.

E o porco ficou a comer.

---

**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por São José de Brito em 26.3.2024.

---

---

<sup>07</sup> Completamente nua.

<sup>08</sup> Regionalismo: Abrigo em pedra, geralmente circular, dotado de porta, teto falso e recinto murado ao ar livre, onde se guardavam porcos.



## 492 | OS PORCOS E A BRUXA

Tinha uma tia que morava ali no largo da igreja, andava em construção. E depois tinha lá uma *ninhada* [vara] de porcos. E ela deixava comer da varanda aos porcos, cá para baixo, da varanda. E passou lá uma senhora:

– Ai que porcos tão lindos!

Ao outro dia estavam mortos. E ela disse assim, a minha tia:

– Ai, então comeram tão bem, os porcos, e hoje já estão aqui três ou quatro mortos...

Mas que raio foi isto? Queres uma aposta que foi aquela alma d'um raio, que aqui passou?

E ó depois, daí a dois ou três dias, foi-lhe a pedir desculpa:

– Ai, não foi por mal...

(Mas *fêz-ze-o*. Sabia desta? É verdade.)

---

**Informante:** Maria Angélica da Conceição Nabais, 85 anos.

Recolha feita na freguesia do Vale da Sr<sup>a</sup> da Póvoa, por Gorete de Brito em 27.8.2024.

## 493 | A BRUXA E AS CABRAS

Estava aqui uma [bruxa] e o homem daquela casa além tinha umas cabras. Tinha cabras e passava com as cabras para ali, para aquele lado. E ela matava-lhe as cabras. Ele começou a desconfiar. Ela, diz que estava sempre à porta a olhar para as cabras, e as cabras morriam.

E ele disse assim, um belo dia:

– Ó p\*ta! Se me torna a morrer alguma cabra, eu mato-te a ti!

– Ai é, filho? Cala-te... Ah, não, não... anda, vai aí com as cabrinhas que estão bem...

Diz que não lhe tornou a morrer mais nenhuma.

---

**Informante:** Rosa Maria Matanço, 98 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 29.7.2024.

## 494 | A NAMORADA BRUXA (1)

[Um rapaz] namorava uma rapariga. Namorava uma rapariga, mas ele começou a desconfiar que ela que era bruxa, deixou-a. Deixou-a, casou-se. A mulher começou a andar sempre doente, as vacas morriam-lhe... Ele começou:

– Mas o que é que será isto? Mas o que é que será isto?

Um dia, saiu-lhe à frente (que tinha outra vaca doente) e disse-lhe:

– Olha, o primeiro dia que me torne a morrer alguma vaca ou que a mulher me adoça, já sabes que é o fim da tua vida!

– Ai é, filho? Anda, vai lá ver, que a vaquinha já está a comer!

(Mas isto foi verdade! Diz que a vaca já estava a comer, não voltou a ter mais nada.

Era assim.)

---

**Informante:** Rosa Maria Matanço, 98 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 29.7.2024.

## 495 | A NAMORADA BRUXA (2)

[Um rapaz] namorava uma [rapariga] ali do Salvador. Diz quando era por os outros dias, estava até às horas que quisesse [com ela]; quando era nas terças-feiras e nas sextas, quando chegava a meia-noite, que o mandava logo embora. Ele diz:

– Ah, esta filha do diabo! Nos outros dias estou até à hora que quero...

Começou a desconfiar que ela era bruxa. (Mas é que ela era bruxa mesmo.)

E ela, quando era sexta-feira:

– Vai-te embora, *home*, daqui. Já são horas! Já são horas! Já são horas!

E ele foi-se embora.

No Salvador há uma encruzilhada. Ali, o que é que ele viu [ela] fazer?

– Diz que elas se juntam nas encruzilhadas. Também eu hei de experimentar!

Experimentou e escondeu-se lá atrás na *coisa*, no mato, não sei...

Quando chegou à uma hora, diz que o *veneno*<sup>09</sup> arradanou-se a amontar-se nelas, e elas, pronto, lá andavam.

Ela passou-se da hora e não regressou, não foi [para casa], ficou *em carrapata*<sup>10</sup> lá atrás de uma coisa. [Ela] estava a gemer, a gemer, a gemer. E ele que disse:

– Ó p\*ta! Ai és bruxa? Ah! Então vai-te a quem te pariu! Cá para mim já não serves!

– Ah, ouve, vai-me lá levar! Vai-me lá levar!

Agarrou nela e foi lá levá-la a casa, *em carrapata*.

---

**Informante:** Rosa Maria Matanço, 98 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 29.7.2024.

---

<sup>09</sup> Provavelmente um epíteto para designar o diabo.

<sup>10</sup> Completamente nua.

## 496 | A B. BRUXA

Você não conheceu a B. bruxa? Essa apareceu *em carrapata*<sup>1</sup> debaixo da cama. E então, quando ia para o bruxedo, dizia:

– *Fica aí, Barzabumba, com as bordas do mê cu.  
Enquanto eu vou e venho não acordes tu.*

[O meu pai] começava a varrer no Largo de São Brás, varria a Rua do Outeiro até ao Ginja, cá em baixo, e depois ia para a Rua de Carros. Há uma noite que foi para o serviço, olhou para trás e viu uma data de galinhas atrás. E um galo atrás das galinhas. Passou um guarda fiscal que ia pegar ao serviço lá em baixo, no posto:

– Ó senhor Monteiro, você já viu o rancho que traz aí atrás de si?

– Olhe, já andam aqui há uns cinco ou dez minutos. Já mandei umas vassouradas e elas vêm sempre atrás de mim.

– Ai, isto não deve ser boa coisa.

E o homem foi-se embora. As galinhas, passado um bocado, passam à frente do meu pai. O galo vem atrás delas e manda-se a ele. Mandou-se para cima do meu pai. Meu pai, com a vassoura, *pimba!* Apanha o galo. E retiraram-se. De um momento para o outro foram-se embora. Acabou de varrer, vem por ali a baixo, ouviu um barulho na Rua de Carros, a cantar.

Pé ante pé, chega ali ao pé do chafariz, em frente à Galharda, olha para aquela casa da esquina, e vê um rancho de mulheres todas nuas a irem pela Rua de Carros acima. A cantar, a bater as palmas e não sei quê... E ele sempre a segui-las, de esquina em esquina. Veio a apanhá-las aqui no Alto da Praça [largo Vila Madeiro]. No Alto da Praça fizeram todas um círculo, cantaram todas, e depois vão para trás da igreja, pró quartel. Vão cantar lá nas encruzilhadas. E do quartel vieram aqui a baixo, em frente ao jardim, o meu pai sempre atrás delas. Foi por aí acima até ao cemitério. No cemitério subiram a rua, nunca mais se viram.

*Em carrapatas, mulheres em carrapatas.*

.....  
**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por São José de Brito em 26.3.2024.  
.....

## 497 | O CÃO MISTERIOSO

Andava a minha prima a namorar o marido. E eles [os pais de ambos] eram muito amigos. E então, quando ia para o Coito [viviam no campo], andavam por cá os dois [na vila], também gostavam muito da pinguita. Ao fim de um bocado pressentiu uma coisa por trás dele. Olhou, era um cão. Agarrou numa pedra, *tumba!* Conforme caía a pedra, *hum*, tornava

.....  
<sup>1</sup> Idem.

outra vez a agarrar outra. Mas continuou sempre o cão atrás dele. E lá foi até às casas do Coito. Quando chegou, que ele entrou para dentro de casa, pronto. E o cão sempre a segui-lo, sempre a segui-lo, sempre a segui-lo. E as pedradas que ele levou. E ele logo pensou o que era.

Chegou a casa:

– Ó mulher, ainda hei de saber a verdade.

E disse a minha tia:

– Não abalas daí. Deixa-te estar, deixa-te estar.

Porque ele ia sair da porta para fora para lá ir. A minha tia foi atrás dele, lá o segurou e já não foi. E quando foi ao outro dia de manhã, que se alevantou e foi lá. Porque ele desconfiou quem era. Ela lá estava [uma mulher] toda magoada, toda negra das pedradas que levou. E lá estava enterrada na cama, com a nuca partida e toda magoada. Sempre era ela [a bruxa].

.....  
**Informante:** Maria Isabel Firme Canaveira, 80 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 1.8.2024  
.....

## DIABOS

### 498 | O BODE

Era um homem de Penamacor que andava a namorar na Aldeia do Bispo. Quando era no regresso, vinha ali pela calçada acima. Bem, começa a subir. Ao pé daquela figueira goiva, há aí um barroco, pra baixo, e depois há aí uma cavidade ao pé do Galucho. O homem, quando ia a subir ao pé do *coiso*, viu um bode:

– Oh, está aqui uma coisa boa pró meu casamento.

Estava prestes a casar. Agarrou no bode, era para fazer a boda. Só que o gaijo agarra no bode, *vum*, mete-o às costas e toca a andar. O bode cada vez pesava mais:

– Ó filho do diabo, já não posso com este gaijo!

Agarra nele – *pimba!* – atirou com ele contra a parede – *pumba!*

E o bode vai, levanta as patas, abre a boca, mete assim os dentes e diz:

– O teu pai tinha assim os cornos?

Diz que era o diabo.

.....  
**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por São José de Brito em 26.3.2024.  
.....

## 499 | OS DENTES DO DIABO

O meu sogro e o António Pelado vieram à vila. E depois à noite foram pela calçada abaixo, às tantas horas, não sei que horas eram. Foram por aí a fora, a conversarem... Diz que, às tantas, que lhe saltou uma coisa para cima, daqui dos ombros. (E eles ficaram muito aflitos, não é? Quem é que não ficava!) E que se pôs assim para ele:

– Olha lá, o diabo tinha assim os dentes?

Mas nunca chegaram a saber quem era nem quem não era. Que era um cabrito ou *coiso*, transformava-se em *coiso*...

Abalou, pronto, nunca mais o viram.

---

**Informante:** Maria de Lurdes Bogas Leitão, 72 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 15.06.2024.

---

## 500 | O CABRITO PESADO

A minha mãe diz que havia um tio dela que era pastor. E uma vez vem para as Aranhas e das Aranhas lá vai a caminho do rio. Encontrou um cabrito. Encontrou um cabrito e diz assim:

– Ei, como é que eu pr'aqui te deixei ficar?

E agarrou o cabrito e pô-lo às costas. E começou a andar e o cabrito cada vez pesava mais, cada vez pesava mais. E ele, quando o cabrito começou a pesar, a pesar, disse:

– Ah, o cabrão do cabrito!

E ia a atirar com ele [para o chão]. [O cabrito] esticou-lhe o focinho para a frente e disse:

– O teu pai tinha assim os dentes?

Era o diabo.

---

**Informante:** Fernanda Carreto, 72 anos.

Recolha feita na freguesia de Aldeia do Bispo por Gorete de Brito em 6.09.2024.

---

## 501 | O CHIBO PRETO

[Uns familiares] vinham do campo, vinham para o povo, vinham aqui para as Aranhas. E encontraram um chibo preto. E ele agarrou no chibo, pô-lo às costas – era um chibo pequeno – e, pronto, cada vez o chibo pesava mais. Depois mijou-lhe para cima. E ele continuou com o chibo às costas. O chibo queria-se escapar e ele não o deixava. Diz que, de repente, o chibo levanta a cabeça e chega-se assim à frente, mostrou-lhe os dentes. E disse assim:

– Então olha lá, o teu pai tem assim os dentes?

O gajo, que aguentou o chibo, apanhou um susto. Nunca mais apanhou nenhum chibo por lá. Disse que era o diabo, pronto. Se era ou se não era, eu não o vi, pronto.

---

**Informante:** José Salvado, 60 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Rosa Gonçalves em 22.7.2024.

---

## 502 | O BORREGUITO PESADO

Uma vez [o meu avô], ia para casa, encontrou um borreguito no caminho. Um borreguito, ali do nada... E apanhou-o, meteu-o debaixo do braço. E o borrego cada vez começou a ficar mais pesado, mais pesado, mais pesado, mais pesado... E o meu avô ia sozinho, mas ia a pensar alto. Diz assim:

– O sacana do borrego, cada vez está mais pesado...

E o borrego olhou para o meu avô, mostrou-lhe assim os dentes, e disse:

– A tua mãe também tinha assim os dentes?

E fugiu, saltou-lhe do colo, o meu avô nunca mais o viu.

---

**Informante:** Rui Manuel Martins Leitão, 59 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 26.8.2024.

---

## 503 | OS DOIS COMERCIANTES E O BORREGO

Tinham ido ao mercado dois negociantes. E quando vinham do mercado para casa, diz que andava um borrego à beira da valeta a pastar.

E um que diz assim:

– Ó companheiro, olha além um borrego tão lindo!

E o outro que lhe diz assim:

– Olha, diz que “quem vai, vai; e quem está, está”. Vamos embora.

– Ai, eu hei de o apanhar. Hei de o apanhar.

O outro seguiu e ele ficou a apanhar o borrego. Só que nunca o apanhou, porque era o diabo.

Quando ele ia para a direita, o borrego fugia para a esquerda. Quando ele ia para a esquerda, fugia para a direita. E o outro que lhe disse assim:

– Ó homem, vamos embora; “quem vai, vai; e quem está, está”.

– Ai, tenho de o apanhar, tenho de o apanhar!

Apanhá-lo era uma vez... tanto ele andava para um lado como para outro...

Foi tamanho susto que veio de lá, meteu-se na cama e nunca mais de lá saiu, até que morreu.

E foi lá o outro colega e disse-lhe assim:

– Olha, eu não te disse a ti para vires embora, porque “quem vai, vai; e quem está, está”?

Ele, naquela altura, já não dizia nada. O que “lá estava, lá estava” era o diabo. Ele disse que o havia de apanhar, mas não o apanhou. Quando ele [o borrego] se vira para ele colocou as patas da frente nos ombros e que lhe diz:

– Vê lá se eu também sou parecido com o teu pai.

E fez lá a carantonha do diabo. Ele veio de lá de tal maneira que enfiou-se na caminha e nunca mais de lá saiu, até que morreu. [...]

*O diabo não guarda cabras, só atenta ialmas.*

.....  
**Informante:** Uma senhora de 74 anos.

Recolha feita na freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 28.9.2024.  
.....

## 504 | O PADRE E O CARNEIRINHO AO PÉ DO CEMITÉRIO

Diziam antigamente que o senhor padre José Maria, que chamaram-no de noite para ir dar a extrema unção a uma senhora que estava mal em Aldeia do Bispo. E ele foi. E então, quando chegou ao cemitério, diz que lhe apareceu ali um carneirinho. E ele ia a rezar o terço, porque ia a pé. E o carneirinho ia-se encostando a ele, ia-se encostando, encostando...

– Ó carneirinho, chega-te para lá, não precisas empurrar.

E o carneirinho mais se aproximava dele, mais o empurrava. E ele continuava a rezar.

Quando chegou à Aldeia do Bispo, ainda antes de entrar nas casas, num caminho ao lado direito que vai dar ao pinhal, diz que deu ali dois estouros. E o borrego desapareceu, nunca mais o viu. E ele ficou cheio de medo e disse às pessoas da família:

– Quando acontecer alguma coisa eu nunca mais venho sozinho.

Diziam que era o demónio que aparecia ali ao pé do cemitério. Ele acompanhou-o do cemitério até lá [à aldeia].

.....  
**Informante:** Maria de Lurdes Vieira Moiteiro Messias, 87 anos.

Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 5.10.2024  
.....

## ALMAS PENADAS / FANTASMAS

### 505 | OS BURBURINHOS

Que ninguém fizesse pouco dos burburinhos. Porque diz que eram almas perdidas. Se alguém mandasse uma navalha aberta para o burburinho, saía de lá sangue.

.....  
**Informante:** Maria dos Anjos Antunes Ramos, 89 anos, n. Monsanto (Idanha-a-Nova). Utente do Lar D. Bárbara T. Silva.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 22.06.2024  
.....

### 506 | A LUZ NO PINHEIRO

Vínhamos da Senhora da Póvoa. Era de noite, uma da manhã. O meu pai vinha sentado à frente com o pipo do vinho. E viu-se um clarão muito grande e a minha mãe disse:

– Ó Augusto, olha, desce lá que vem lá um carro e as vacas podem se espantar, é de noite!

O meu pai desceu. Viemos ainda muito tempo e, quando chegámos à Serrinha, carro nenhum passou pela gente. Mas vimos vir [alguém] no caminho. Quando a gente corta para a barragem, vinha uma pessoa, não sei se era homem ou mulher, com um *alampião* a dar ao braço.

Disse a minha mãe:

– Se calhar, alguém nos vem a esperar. – [já era tarde].

Quando chegamos lá à frente, quando por aquela hora assim, vimos uma luz. A luz a andar, a andar. E quando vimos a luz, a luz pregou-se no cimo de um pinho. Primeiro só estava quieta no cimo do pinho. Mas depois começou para baixo e para cima, assim, assim... [...]

E a minha mãe só dizia assim:

– Em chegando além [a uma curva] já vemos.

Lá chegamos e não vimos luz nenhuma. Viemos embora. O que seria?

– Ah, é algum lobo!

Disse para não me assustar. Mas eu vi a luz no cimo do pinho.

[O meu tio], daí a dias, andava na Serra d’Opa. Quando ele vinha do minério, já tarde, apareceu-lhe a luz. E a luz perseguiu-o. Seguiu-o, seguiu-o até à porta. Ele nem se *astrevia* a dizer: “Ó mulher abre-me a porta”. Foi mesmo até à porta.

Mas [a luz] apareceu lá a muita gente.

.....  
**Informante:** Maria do Céu Fonseca Romão, 91 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimosa por Gorete de Brito em 4.9.2024  
.....

## 507 | O GATO PRETO

Isto foi assim: a filha andava a trabalhar para um senhor. Era criada dele. Ora o senhor saltou-lhe prá cueca. Teve uma filha dele. Andou ali mais de um quanto tempo, andava a esconder a gravidez. Um dia a mãe diz:

– Olha lá, andas sempre a vomitar, o que é que se passa?

– Ó mãe, não ando bem, não sei quê...

Até que se descobriu que estava grávida. Ela disse que estava grávida do patrão. Entretanto o bebé nasce, as pessoas passavam ali e ouviam o bebé a chorar. Mas passados quinze dias o bebé deixou de chorar. O que é que aconteceu? A velha agarra nele e meteu-o na sanita. Deixaram de ouvir o bebé e denunciaram à guarda. A guarda foi fazer a investigação, deram a mãe como culpada e lá cumpriu prisão, não sei quantos anos. Entretanto a senhora morre, a velha. Morreu, quem é que foi morar para aquela casa? A minha irmã, a Rosa.

Há um dia que ela vai a entrar e vê um gato negro ao cimo das escadas. Mandou um xuto ao gato: *pimba!* O gato desaparece, vai-se embora. Segundo dia, a mesma coisa. E andou ali aquela história do gato, vários dias. A minha mãe tinha um campo ali na mata. A minha mãe vai a regar e ouve chamar:

– Ó Lucinda, ó Lucinda!

Olha para um lado e para o outro, não vê ninguém. E então vê um gato a passar por ela.

Um gato negro:

– Um gato aqui?

O gato passa por ela, mas com uma velocidade! – dizia ela – com uma velocidade danada.

– Mas que raio será isto?

Chega a casa contou ao meu pai:

– Ah, isso é algum gato bravo que por lá passou e tu viste.

– Mas chamou-me.

– Então, pronto, esquece.

Entretanto aparece o gato outra vez à minha irmã, no cimo das escadas, e dessa vez falou com ela:

– Não me batas – não sei quê, não sei que mais – que eu sou a fulana de tal. Eu matei o meu neto e tenho não sei quantas missas a dizer para entrar no céu, não sei quê, não sei que mais, isto e aquilo.

E a minha irmã andou ali oito ou quinze dias que nem falava à minha mãe, não dizia nada e não sei quê. Andava *engulhada*<sup>12</sup>. Já não comia, nem dormia, nem nada. A minha mãe, que viu aquilo:

– Ó Rosa, mas o que é que tu tens? Tu não andas bem!

– Ah, ando, ando.

– Não andas, não. Desde há uns dias que não andas bem.

12 Tinha náuseas.

Tanto ela puxou que ela contou.

Começou a dizer as missas, não sei o quê, não sei que mais...

Na última missa, quando vai a entrar para a igreja, a minha mãe ia a entrar e a minha irmã não a deixou entrar. Mandou-lhe um empurrão, não sei como não a matou. Mandou-a pelas escadas abaixo. Era a outra que estava dentro da minha irmã, a velha.

Entretanto foram para a igreja, *pá!* (eu não vi, a minha mãe é que me contou toda esta história). Na altura que estavam a levantar a hóstia, viram uma pomba sair e levantar [voo]. E a minha irmã cai para o lado e disse:

– Já está, já está!

Informante: João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por São José de Brito em 26.3.2024.

## 508 | SEXTA-FEIRA SANTA

Um dia, numa Sexta-feira Santa, minha avó foi lavar para um poço. Como ficava perto da casa dela, deixou a roupa a corar. Quando lá chegou, encontrou a roupa toda cheia de sangue.

E a minha avó diz assim:

– O raio dos cães ou dos gatos que andaram por aqui e sujaram-me a roupa toda.

Ela vai, mete a roupa ao tanque, novamente, para tirar o sangue. O sangue saiu. Mas conforme começou logo a estender a roupa ao sol, para corar, tornaram as pingas a cair. E depois deram-lhe duas *sopapadas*<sup>13</sup> na cara, uma de um lado e outra do outro.

A minha avó apanhou a roupa, meteu-a dentro da pia, foi-se embora a caminho de casa já lá não tornou. Porque esses dias são muito perigosos. Sexta-feira Santa.

Informante: Mulher septuagenária.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 18.5.2014.

## 509 | O MORTO QUE NÃO FOI AMORTALHADO

[Um rapaz], na viagem – vinha da França pra cá – teve um acidente e morreu. Morreu e também diz que não o amortalharam. Embrulharam-no num lençol e também foi.

Diz que também apareceu à mãe:

– Mãe, eu ando nu.

E a mãe, diz que também foi, deu a roupa por *ialma* dele.

13 Chapadas.



E ele depois diz que veio a agradecer:

– Bem-haja, mãe.

---

**Informante:** Isabel Borrega Flores, 81 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 21.8.2024.

---

## 510 | DAR A ROUPA DO MORTO

Eu sempre ouvi dizer que, quando alguém morre, é preciso dar a roupa da pessoa para no Outro Mundo não andar nua. Quando uma pessoa aqui da rua morreu, apareceu em sonhos a uma vizinha a dizer que andava nua e com muito frio. Esta percebeu logo que ainda não se tinha dado a roupa da morta. Quando me encontrou disse:

– Olha que é preciso dar a roupa da Ti... porque ela anda lá no Outro Mundo nua e cheia de frio.

Eu disse-lhe:

– Vou falar com o filho, para ver se já deram a roupa ou não, para tratarmos do assunto.

E fui ter com um dos filhos da morta e perguntei se já tinham dado a roupa da mãe.

E ele disse:

– Ah, estou à espera que venham as minhas irmãs para tratarmos desse assunto.

O que é certo é que eles não deram a roupa porque a irmã disse que ficava com a roupa toda. E vesti a roupa da mãe. E quando vesti a roupa da mãe, encontrei a minha vizinha, que disse:

– A morta já me apareceu e disse-me: agora já estou vestida e não tenho frio.

E nunca mais lhe apareceu em sonhos...

---

**Informante:** Maria de São José Alvito de Brito, 50 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 31.08.2024

---

## 511 | A COSTUREIRINHA (1)

Uma costureira trabalhava para a aldeia toda, mas à mão, costureira à mão. Só que, trabalhou, trabalhou, trabalhou para comprar uma máquina. Quando já tinha a máquina, trabalhou, trabalhou... e depois adoeceu. Adoeceu, pediu à Senhora da Póvoa que a curasse, que *apois* lhe dava a máquina, se ficasse curada. Só que depois que ficou curada, ainda tinha muito trabalho e não foi levar a máquina à Senhora.

Ora, passou o tempo, passou o tempo, até que ela ficou velhinha, morreu. E ela, quando estava para morrer, disse a um senhor que lhe fosse lá levar a máquina à Senhora da Póvoa,

porque lha devia. Só que o senhor não foi levar a máquina. E ela morreu, e então Nossa Senhora parece que foi lá:

– Ai, desculpa lá, Senhora, não te fui levar lá a máquina, quando foi que estava doente, quando se curou. Mas também ainda tenho tanto trabalho...

E depois, quando morreu, chegou lá e a Senhora da Póvoa diz-lhe:

– Então, falavas que me davas a tua máquina se te curasse. Eu curei-te e tu não me levaste a máquina.

– Mas eu dei-a a um homem para me ir levar a máquina... a um senhor para ir lá levar a máquina...

– Mas eu não recebi a máquina! Bom, agora porque não foste levar a máquina, de castigo, ficas toda a vida [depois da morte] pelo mundo inteiro a tocar a tua máquina. A costurar e a *apoisar* assim a tesoura... (mas olha que se ouve mesmo a fazer *trac*... apoiou lá a tesoura).

---

**Informante:** Maria do Céu Fonseca Romão, 91 anos.

Recolha feita na freguesia da Meimoa por Gorete de Brito e Maria João Cabanas em 10.7.2024

---

## 512 | A COSTUREIRINHA (2)

Tinha aqui uma vizinha que era costureira, que era aqui pegado a esta casa minha. E trabalhava domingos e tudo! E ó depois, quando faleceu, diziam que ela andava cá a *tocar* a máquina. Que ouviam a máquina a trabalhar... [por causa] dela trabalhar nos domingos.

---

**Informante:** Ana Mendes Ramos, 88 anos.

Recolha feita na freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 23.07.2024.

---

## 513 | A COSTUREIRINHA (3)

Havia duas irmãs. A mãe tinha uma máquina de costura e elas as duas queriam a máquina de costura. Mas a mãe só a deu a uma, não a deu à outra. A mãe, por sua vez, podia ter dado o dinheiro da máquina a uma e a máquina à outra. Mas não. E depois, ela – a outra que ficou sem a máquina – rogou-lhe uma praga. E disse-lhe:

– Deus queira que viesses do Outro Mundo a este a coser à máquina todos os dias de noite.

(E vinha, ouvi-a eu. Porque a minha casa era forrada de papéis. [...]) Sentia-a pousar a tesoura e tudo.)

---

**Informante:** Mulher septuagenária.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 18.5.2014.

---



## 514 | A COSTUREIRINHA (4)

Em tempos, havia pessoas que estavam às portas a descansar e a contar anedotas umas às outras. E, de vez em quando, ouviam uma máquina de costura a trabalhar. E então, houve uma senhora que disse que foi uma costureira que queria comprar uma máquina e não tinha dinheiro. Andou a fazer um peditário e nunca conseguiu arranjar dinheiro para essa máquina. Entretanto essa senhora morreu. E dizem que há pessoas que ouvem, hoje ainda, esse barulho da máquina a trabalhar. Dizem que é a costureirinha que está a coser na máquina que ela queria e nunca obteve.

.....  
**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito e Rosa Gonçalves em 24.8.2024.  
.....

## 515 | A PROCISSÃO DAS ALMAS

Na altura da procissão das almas, do enterro que fazem (como é que é? Cantar as *Alvíssaras*<sup>14</sup>), eles fazem a procissão à noite [em Penha-Garcia]. Elas vão descalças, todas vestidas de preto e só com uma candeia à frente. E então, diz que não podem olhar para trás.

Uma vez, uma pessoa foi de propósito a essa procissão. E ficou na parte de trás, que era para se voltar. Quem é que encontrou? A mãe dela, mal-vestida. Porque dizem que a roupa que levam vestida no dia que morrem é a roupa [que trazem na procissão das almas]. A mãe (a saia não tinha botão, não tinha nada) caiu. A mulher com a saia de rastos e o resto tudo de fora.

Portanto assim é que elas contam.

.....  
**Informante:** Maria Celeste Borrego Salvado Correia, 57 anos, n. Aranhas.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 21.8.2024.  
.....

## 516 | O HOMEM COM UMA CABRA

Estive a namoriscar até à meia noite. À meia noite saí e, quando vinha pela rua abaixo, vi um senhor com uma cabra à rédea. Uma cabra e uma corda à mão. E esse senhor, para mim, chamava-se Ti Manuel. Disse:

– Ó Ti Manel, o que anda a fazer aqui a esta hora com a cabra?

.....  
<sup>14</sup> Em sábado de aleluia, após a missa e com o círio pascal na escuridão da igreja simbolizando o renascimento da luz, o povo percorre as ruas cantando loas e cânticos de alegria, parando em certos locais como a casa do pároco, capelas e casas de gente ilustre, para pedir as alvíssaras, dadas em forma de amêndoas, passas, rebuçados ou outras virtualhas e vinho. A esses cânticos se passou, por isso, a chamar alvíssaras, justamente porque os populares estão anunciando a boa nova da Ressurreição, pedindo recompensa por esse anúncio. Na Beira Baixa são cantadas acompanhadas com adufe.

E o homem ia só com um casaco vestido e sem calças. Pensei:

– Mau, que raio de homem... quem é o homem que aqui vai?

Mas pelas costas eu disse:

– É o Ti Manuel. Ó Ti Manel, o que anda a fazer aqui a esta hora com a cabra aqui pela mão?

Conforme eu falei, desapareceu a cabra e o homem. Desapareceram completamente.

A partir daí, ainda hoje, lá não passo a partir da meia noite. Não passo lá na rua. Vou pela rua das Figueiras à Fonte das Quelhas. Ainda hoje, digo-lhe, não passo lá de noite.

Fiquei tão assustado que disse:

– Isto é bruxedo... é impossível, é bruxedo. [...]

Desatei a fugir pela barreira abaixo, que aquilo é tudo a descer. Cheguei ao clube, estava o meu irmão a jogar às cartas... Eu ia branco como uma camisa branca. E contei-lhe a história.

[Ele disse]:

– Tu és parvo ou quê? Então o homem já morreu há dois anos...

E eu não sabia que ele tinha morrido. Vi-o eu, era ele!

.....  
**Informante:** João José Romão Cabanas, 79 anos.

Recolha feita na freguesia de Meimoa por Gorete de Brito e Maria João Cabanas em 4.9.2024.  
.....

## 517 | A ALMA PERDIDA

*A cena mais comovente*

*Que se passou afinal?*

*Causa espanto a toda a gente*

*A quem a leu no jornal.*

*Um baile se realizou*

*Alguma gente a dançar*

*Toda a gente dançou*

*Desde que o baile começou.*

*Um cavalheiro convidou*

*Dama que estava assentada*

*Para dançar a convidou. (bis)*

*Foi quando o seu corpo*

*Nos seus braços agarrou.*

*Dançou com o mesmo par*

*Até que o baile findou.*

*Depois do baile acabar*

*Dirigiram-se para casa.*

*Um certo vento assoprava  
Sobre uma margem do rio.  
Ela, baixinho, falava:  
– Pois eu levo muito frio.*

(Ele, neste momento, tira a gabardine e pôs-lhe em cima)

*Quando chegou ao local  
Ela disse que ali morava:  
– Se o senhor não leva a mal,  
Só amanhã a entregava.  
(Ele abalou e ela entrou para a casa)  
Ao outro dia bate à porta,  
A mãe dela lhe apareceu:  
– A minha filha já está morta  
Há dois anos que morreu.  
– Não pode estar a falar verdade  
Andei toda a noite com ela a dançar.  
– Se o senhor não quer acreditar  
Vá ao cemitério do Bomfim.<sup>15</sup>  
Procure que há de encontrar  
Na campa um retrato assim.  
Ele dirigiu-se ao cemitério  
Numa ideia obscura.  
Quando a gabardine viu  
Por cima da sepultura.*

(Toda a noite dançou com uma alma do outro mundo. Era a namorada. Ela perdeu-se por ele.)

.....  
**Informante:** Joaquina Costa, 93 anos  
Recolha feita na freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 1.08.2024.  
.....

.....  
<sup>15</sup> Cemitério situado na cidade do Porto.

## MOURAS ENCANTADAS / TESOUROS

### 518 | **LENDA DA FONTE DA PRATA** ML 8010

Conta-se que aqui a Fonte da Prata, que fica num caminho medieval de Santiago de Compostela, esconde debaixo da laje, lá nas entranhas da terra, um tesouro valioso.

Mas, a guardar esse tesouro está um touro enorme e feroz. Por isso, só pode tomar o tesouro quem tiver sonhado três noites consecutivas com a sua revelação. Tem mesmo de ser três noites seguidas. Só assim alguém poderá erguer a laje da fonte sem o touro atacar.

Já houve atrevidos que levantaram a laje sem ter sonhado. Então o touro veio das profundezas e, furioso, perseguiu-os. A alguns furou-lhes ou rasgou-lhes a carne e a outros até lhes tirou a vida.

.....  
**Informante:** Alcides Gonçalves, 78 anos.

Recolha feita na freguesia de Pedrógão de São Pedro por Rosa Gonçalves em agosto de 2021.  
.....

### 519 | **A ENCANTADA DA SERRA PEREIRA** ML 8010

Diz que lá para os lados da Serra Pereira havia um barroco grande. E tinha uma fenda ao meio. E uma pessoa sonhou que estava ali um tesouro. Mas tinha que ir às tantas da noite. E a pessoa lá se encheu de coragem e foi. Quando lá chegou o barroco abriu-se e ela entrou. Mas apareceu uma cobra. A cobra mete-lhe o rabo na boca, ela ficou e a outra saiu. E o barroco fechou e a outra ficou lá dentro, pronto.

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 25.06.2024.  
.....

### 520 | **A COBRA-MOURA**

Dantes as pessoas viviam da agricultura. Andávamos lá no cabeço da Atalaia, quando se vai para Penamacor. Era um castelo de vigia para vigiar as tropas da Espanha. Eu ouvi um barulho, olhei e vi a cobra moura, com um corpo de peixe [com escamas], cabeça de mulher

e cheia de cabelo. E fugimos, tivemos medo. E ainda hoje se fala nisso. Não sabemos se ainda lá está, se morreu nem quê...

.....  
**Informante:** Maria de Lourdes Borrego da Silva, 86 anos  
Recolha feita na freguesia de Aranhas por sua neta Diana Filipa Silva Sousa em 2024.  
.....

## 521 | A COBRINHA ENCANTADA

Havia uma fontezinha, lá para o campo. E andava sempre uma cobrinha, uma cobrinha pequenina, lá, sempre na água. E era um *haver*<sup>16</sup>, um haver que estava encantado lá naquela fonte. Foi o pai que foi lá pôr a filha e espalhou-lhe ali a fortuna, na fonte que estava lá encantada. E então, o segredo para tirar a filha de lá era fazer pão com farinha, sem moer, e fazer o pão sem ir ao forno. Bom, toda a gente ia lá e ninguém lá chegava.

Andava por ali um rapazito, um pastoreco, e estava a almoçar lá na fonte. Começou a ler aquilo, foi-se a colher o trigo, moer o trigo e por o pão ao sol. Agarrou numa espiga do trigo, botou prá boca os grãos do trigo, moeu-os, e fez assim montinhos pequenitos: eram três pãozinhos. Fez três montinhos, pôs ali ao sol. Ora, ele tinha mastigado aquilo, ficou duro, ficou assim húmido, aquilo ao sol, pronto, ficou húmido e secou. Ele agarrou neles, *truca*, prá fonte. A cobrita papou. E saiu de lá a cobra, que é o que estava encantado, e [ele] levou a fortuna para casa.

.....  
**Informante:** José Salvado, 60 anos.  
Recolha feita na freguesia de Aranhas por Rosa Gonçalves em 22.7.2024.  
.....

## 522 | AS MEADAS DE OURO E A SERPENTE

ML 8010

Estava cá um senhor que ia todos os dias, de manhã cedo, ali para os lados de um sítio chamado La Galiota, ali para as Galeotas. E o homem teria lá um prédio e ia lá um bocadinho. E numa manhã apareceu-lhe meadas de ouro. E naquela manhã, não sei se foi a manhã de São João, o homem foi ao terreno, além para a tal Galeota, onde lhe apareceram umas meadas de ouro. Ele, quando viu aquilo tudo em ouro, assustou-se e veio a correr para casa. É claro que vinha com medo. Chegou a casa e disse:

– Ó Maria, olha que hoje passou-se uma lá na Galeota... olha, apareceu-me lá meadas d'ouro, estendidas no terreno.

E a mulher, quando ele falou em ouro (o ouro tinha – e tem – muita valia):

– Ó José, então e tu não as apanhastes?

.....  
<sup>16</sup> Um tesouro.

– Ai, eu não! Tive muito medo e vim a fugir para casa.

– Ó José, vamos lá a ver, vamos lá a apanhá-las!

A mulher já ambiciosa (que a mulher sempre foi mais ambiciosa que o homem).

E então foram lá. Foram lá, já lá não estava nada. (Mas isto é verdade!)

E o homem dizia:

– Foi aqui, Maria! Foi aqui que eu vi isto. Estavam aqui meadas d'ouro.

E depois deram em dizer que estava lá uma serpente. Que ninguém lá fosse que podia estar uma serpente e ficava lá a pessoa. Diziam que ficava lá a pessoa e a serpente que se ia embora, se libertava. (É como os presos que estão presos e que fica outro preso e o outro vai-se embora.)

Olha, era assim, isto era verdade.

.....  
**Informante:** Joaquina Costa, de 93 anos.  
Recolha feita na freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 23.07.2024.  
.....

## 523 | A MOURA DAS OLIVEIRAS DE MELÃO

ML 8010

Temos as oliveiras de Melão na Portela. E quando a gente passava havia umas oliveiras ao centro do caminho. Segundo o que diziam havia lá uma moura encantada. Porque ali foi uma vila onde até apareceu um tesouro. Não sei se de ouro, se do quê... andaram a lavrar os terrenos e apareceram lá coisas antigas, porque era a Vila de Melão. Era preciso sonhar ou três ou cinco noites com aquilo, que estava lá uma moura. E então, era preciso ir lá à meia noite, escavar aquilo e não se assustar. E ficava com o tesouro que havia lá. Só que nunca ninguém fez isso. As oliveiras desapareceram de lá, mas o tesouro nunca ninguém o viu.

.....  
**Informante:** Fernanda Carreto, 72 anos.  
Recolha feita na freguesia de Aldeia do Bispo por Gorete de Brito em 6.09.2024.  
.....

## 524 | A MOURA DA FONTE MELÃO (I)

ML 8010

É uma fonte que está além para as Pedriças que chamam a Fonte Melão. Consta-se, os ditados antigos, que na manhã de São João que estava lá uma Moura encantada e ela punha o *haver*<sup>17</sup> cá na rua. E um belo dia passa um rapaz, e ela andava a acartar o ouro do pai, e agarra uma sineta de ouro. E ela estava a sair, viu e disse-lhe:

.....  
<sup>17</sup> Tesouro.

– De oiro és, em bronze te tornes!  
Porque lhe estava a estragar o encanto.  
Isto é uma história que eu tenho ouvido sempre às pessoas, muita gente lá morava. E eu passei lá muitas vezes, mas nunca vi nada.

.....  
**Informante:** José Salvado, 60 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Rosa Gonçalves em 22.7.2024.  
.....

## 525 | A MOURA DA FONTE MELÃO (2)

ML 8010

Os antigos diziam que ali, na Fonte Melão, havia lá uma oliveira no centro do caminho e que estava lá uma moura. E todos os anos, no dia de São João ao nascer do sol, que ela estava lá fora a pentear-se. A moura estava a guardar um tesouro. (É só assim, é o que eu sei.)

[A moura] é uma cobra. Dizem que uma moura é uma pessoa encantada e que nunca foi batizada. E aquela pessoa [que vai lá], diz que vem uma cobra que lhe mete o rabo na boca, ou não sei quê, e a pessoa fica lá [encantada no lugar da moura]. (Assim é que dizem, não sei se é verdade se é mentira, nunca vi.) Diz que:

*Os ditos dos velhos, nem acreditá-los, nem deixá-los*

.....  
**Informante:** Maria da Luz Toscano Borrego, 85 anos.

Recolha feita na freguesia de Aldeia do Bispo por Gorete de Brito em 30.08.2024  
.....

## 526 | A MOURA ENCANTADA NA FONTE

ML 8010

Os velhinhos, muito antigos, contavam que havia uma fonte... que havia uma moura encantada naquela fonte. E que havia um tesouro. Mas toda a gente ia àquela fonte e não encontravam tesouro nenhum. Mas um dia, um rapaz lá da aldeia vinha do café, já tarde. E já tinha bebido uns copinhos. E então, ele resolveu ir à fonte. Foi à fonte, bebeu água, mas as badaladas... o sino tocou a meia noite, as doze badaladas. Ele, depois, sentou-se na escada da fonte. Quando foi à meia noite ouviu um encanto. Não tinha palavras, simplesmente uma voz muito linda, muito cristalina. Que ele ficou parado, ele não podia mexer. E depois de ouvir aquele canto ouviu uma voz, uma voz muito linda, que dizia:

*– Quem, à meia noite,  
desta água beber,  
e minha boca beijar,  
vai ser rico, vai ser feliz  
e o tesouro pode levar.*

O rapaz ficou... disse:

– Não pode ser!

Ele, com tanto medo fugiu, foi-se embora.

Mas, quando chegou a casa, deitou-se. No outro dia, ao meio dia, ainda estava na cama.

E o pai e a mãe diziam assim:

– Então, mas o que é que tem o nosso filho, hoje, que não há maneira de sair da cama?

Então, foram lá ter com ele. Dizem assim:

Ó filho, mas o que é que tu tens?

– Eeeeeeu, não sei!

Não podia falar, ele ficou sem voz. Mas ao fim de um pouco ele começa a falar e disse:

– Ai, mãe, tu não acreditas naquilo que eu vi... aquilo que eu ouvi, aquilo que eu ouvi.

– Ó filho, mas tu vinhas tão bêbado... com certeza. Tu andas sempre bêbado! Se calhar já tinhas um copo a mais. E agora estás a dizer que ouvistes vozes? Não pode ser.

– Mãe, juro por tudo que ouvi! Uma voz tão linda, tão linda, que tu nem imaginas. Olha, e disse estas palavras assim-assim...

E disse o pai:

– Coitado, cada vez estás pior. Isso não pode ser, tu vinhas bêbado.

Então o que é que ele faz? Começa a contar à aldeia toda, aos amigos:

– Olhem, foi isto assim-assim...

E dizem os amigos:

– Ó pá, tu vinhas com os copos, já.

– Podia estar com um copinho, mas olha que eu ouvi.

Então o que é que fizeram? Lembraram-se, juntaram-se todos, à meia noite foram prá fonte. Eles ali estiveram, mas não ouviram nada, porque tinha que ser numa noite de lua cheia. Então, depois, resolveram voltar outra vez a vir numa noite de lua cheia. Voltaram muita gente prá fonte e estavam à espera. Estavam à espera, nisto vem muita gente, até gente de fora que já sabia disto, vem muita gente ali prá fonte. Sentaram-se nas escadas da fonte, à espera. O sino tocou doze badaladas. E depois começam a ouvir aquele canto sem palavras, era só aquele canto lindo. E depois do fim do canto, então, ouviram:

Quem desta água beber,  
quem minha boca beijar,  
será rico e feliz,  
com ele vou casar,  
e o tesouro vou levar.

Toda a gente ficou assim:

– Não pode ser.

E quando ela disse “e o tesouro vou levar”, então, vem um rapaz muito lindo, loiro de olhos azuis, aproximou-se da fonte. Depois começou a beber um copo d’água, bebeu o copo da *água*. E depois, apareceu ali uma cobra muito grande, com a cabeça levantada, mas muito grossa, muito grande. E o rapaz bebeu o copo da *água*, ouviu o que ela disse. Depois foi, pôs assim as mãos na cabeça da cobra, beijou a boca da cobra. E o que é que apareceu? Uma linda menina, loira, com os cabelos pelas costas abaixo, de olhos azuis. E disse:

– Só tu. Eu estava enfeitçada, só tu acabaste com o meu feitiço. Contigo vou casar, vamos ser muito felizes e vamos ter muitos moirinhos.

Informante: Olívia Romão Esteves, 76 anos.

Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 15.8.2024.

## 527 | A MOURA DO CASTELO

ML 8010

Aquilo [a cova da Moura] era uma coisa comprida, um *bueiro*<sup>18</sup> debaixo da terra. E eles [os meus filhos] entravam por aquele buraco e punham-se lá dentro a brincar... acendiam lá velas e essas coisas todas...

Uma senhora sonhou com a moura. E a moura disse-lhe que não tivesse medo. Mas não podia contar a ninguém. Essas coisas não se podem contar, porque se contarem não dá resultado.

Eu já tenho sonhado muita vez com a... [moura]. São três noites. A gente tem de sonhar três noites de seguida. E à terceira noite pode lá ir, mas temos de ir sozinhas. A pessoa tem de ir sozinha. E a moura, no sonho, disse-lhe a ela que tinha uma fortuna. Que ela ficava com a fortuna para ela e para toda a família dela, que tivesse por aí a fora. Mas ela contou. Ela contou... ela teve medo. E então a coisa ficou furada, não deu, não deu resultado. Porque a moura também a ameaçou logo que a matava.

Informante: Estela Martins Crucho, 77 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 11.9.2024.

18 Uma espécie de túnel.

## 528 | O TESOURO DA CALÇADA

ML 8010

Em frente à Água Férrea havia lá uma pedra que estava escrita e tinha uma cruz. E toda a gente dizia que ali estava um tesouro. Eu, um dia, passei lá – lá estava –, o outro dia de manhã a pedra estava tirada. Diziam que foi [um homem conhecido] que tirou essa fortuna. Dizia o povo que era uma bola de ouro com uma cruz. Tanto que ele construiu logo uma casa...

Informante: Estela Martins Crucho, 77 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 11.9.2024.

## 529 | A MOURA DO SÍTIO DO CASTANHEIRO

ML 8010

Lá em baixo, na Quinta do Castanheiro, também morava uma [moura]. A minha mãe contava essa história muita vez. Que ela era linda, linda, linda! Da cinta para baixo era peixe e da cinta para cima era [mulher]. Era encantadora. Só que, um dia, houve um casal que a espreitou. Ela morava por baixo de um balcão [da casa]. A quinta tem lá um tanque grande. E ela [a moura] ia-se pentear e lavar... ia-se preparar à vontade dela, com um pente de ouro. Um dia, espreitaram-na. Conforme ela saiu, deixou a porta aberta, roubaram-lhe a fortuna. Ela vai para casa, encontrou-se roubada. Foi para cima do balcão, *esverdascou-se*<sup>19</sup> do balcão a baixo, matou-se. Estava lá morta.

Informante: Estela Martins Crucho, 77 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 11.9.2024.

## 530 | A MOURA E A CAPELA ENTERRADA

Quando a gente vai para Valongo, no Cabeço de São Gens, aí no cimo dessa serra está lá uma moura. Está lá uma capela enterrada. E houve pessoas que sonharam com isso. Sonharam que estava lá uma capela e havia lá muita coisa, mas que estava lá uma moura. E se está a moura ninguém lá pode ir a mexer. (A minha mãe também sonhou. E também lá não foi.) Nunca chegaram lá a ir porque tinham medo. E até dizem para levarem um bolo, um bolo feito, benzido com água benta. E depois a moura sai, come o bolo e fica em pessoa. E a

19 Atirou-se; jogou-se.

peessoa que vai para lá, fica lá [transformada] em moura. Hum-hum, hum-hum, hum-hum. (risos) É assim.

.....  
**Informante:** Maria da Luz Toscano Borrego, 85 anos.  
Recolha feita na freguesia de Aldeia do Bispo por Gorete de Brito em 30.08.2024  
.....

## 531 | A MOURA DA FONTE SANTA

Diz que d'antes, não é, que estava lá uma moura encantada no dia do São João. E depois, as pessoas [diziam] que à meia noite que estava lá a moura. E as pessoas, diz que iam lá para ver a moura. É por isso que, agora, se canta:

*No canchal<sup>20</sup> da Fonte Santa  
Está uma Moura Encantada.  
Quem quiser lá ir a vê-la,  
Tem de ser de madrugada.*

*Tem de ser de madrugada,  
Tem de ser bem cedinho,  
Está lá a Moura a pentear-se,  
Com pente de oiro fino.*

E no *canchal* está lá uma pocinha (nunca secava, aquela poça, nunca, nunca, nunca). Uma vez foram lá fazer chichi e, então, a pocinha secou. Mas, quando chove, a pocinha está sempre cheia de água. Eu às vezes lavo lá a cara, também, nessa pocinha. Tem *áugua*, lavo lá a cara. Uma pocinha pequenina, na poça do *canchal*. E então, d'antes, quando era garota, o meu pai tinha o campo lá para aqueles lados e eu vinha a dormir com o meu avô... eu corria, corria, corria com medo de que, às vezes, não me aparecesse a moura... (risos)

.....  
**Informante:** Maria de Lurdes Ramos Leitão Lourenço, 75 anos.  
Recolha feita na freguesia de Águas por Gorete de Brito em 17.07.2024  
.....

## 532 | A POÇA DA MOURA

Ouvi dizer aos antigos que aquilo está lá uma poça. E dantes, quando estava a chover, estava sempre cheia d'*áugua*, vinha a *áugua* dos quintais... E que dizem que foram lá e deram

.....  
<sup>20</sup> Manancial; nascente abundante de água.

lá com uma Moura a pentear-se lá naquela poça. Por isso lhe chamam a Poça da Moura. E tenho ouvido dizer que aparecia lá a Moura a pentear-se lá na noite do Natal. Muita gente ia lá para ver, naquele tempo.

.....  
**Informante:** Ana Maria Dubelez Andrade, 96 anos  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 14.02.2024.  
.....

## 533 | A MOURA DO CASTELO

A moura aparecia no Poço Carvalho, vinha por baixo da terra e vinha a sair cá em cima [ao pé do castelo]. E era onde ela cantava, a moura encantada. (A única coisa que eu sei é isto.)

.....  
**Informante:** Ilda Domingues Alvito Gaspar, 76 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 4.07.2024.  
.....

## 534 | AS MOURAS DA SERRA D'OPA

ML 8010

Há muitas... eu sei que já foram lá para verem. Aquilo também há lá muito ouro. E aquilo é para [as pessoas] quebrarem o encanto e depois trazem o ouro. Já lá foram pessoas, mas não conseguem. Têm que ir à meia noite. Quando é a meia noite, diz que é um barulho tão grande... parece uma trovoadas, parece uma tempestade enorme. E as pessoas vêm-se embora, ninguém consegue. Está lá num barroco, ou debaixo de um barroco ou qualquer coisa assim.

Isso é o que dizem de as pessoas irem lá, mas ninguém consegue mexer, porque ninguém lá mexe. As pessoas ficam arrepiadinhas com medo – homens! – não vão lá. Vão, já foram, já experimentaram. Mas quando chega a meia noite, aquilo... parece que até a serra treme. E vêm-se tudo embora. Ninguém tenta, ninguém tenta.

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 06.07.2024.  
.....



## 535 | AS MOURAS ENCANTADAS DA SERRA DE OPA ML 8010

Dizem que ali na Serra d’Opa há lá muitas Mouras. Que elas, à meia noite, que vêm lá estender as meadas de ouro e que as vêm a recolher. E há lá um barroco. [...]

E então, havia aí um senhor que diziam que ele tinha sonhado que lá num poço que lá havia [...] que estava lá uma mula de ouro com todos os arreios. Mas que estava lá uma cobra, e que a pessoa tinha que lá ir à meia noite, sozinha, e meter a cabeça da cobra na boca dele para partir o encanto, para tirarem os arreios de ouro. Nunca ninguém o fez! Para lá estará. (risos)

---

**Informante:** Dulvina Augusta Mugeiro, 92 anos.

Recolha feita na freguesia do Vale da N. Srª da Póvoa por Gorete de Brito em 27.08.2024.

---

## 536 | O ESTENDAL DE MEADAS

Dois senhores iam para o campo. E passaram num sítio e estava lá um estendal de meadas. Mas ele teve medo de as apanhar. Foi para casa, disse à mulher o que lhe tinha acontecido.

A mulher:

– Ai, homem, vamos lá buscá-las.

Quando lá chegaram, respondeu-lhes não sei quem [uma moura?]:

– Olha, apanháreis que eram tuas, mas agora já cá não estão.

---

**Informante:** Uma senhora de 74 anos.

Recolha feita na freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 28.9.2024.

---

## CRIATURAS FANTÁSTICAS

### 537 | A BOA HORA E A MÁ HORA (1)

Isso também a minha mãe falava, na Má Hora. Havia uma parte que, quando ia para as minas [do Palão], onde estavam os meus pais, havia um sítio no caminho que eu receava sempre a passar. Que ali tinha passado a Boa Hora. Mas ao passar a Boa Hora, vinha atrás a Má Hora. E ao passar ali tinha receio, porque eu vim muita vez da minha mãe à meia-noite,

com os meus filhos. [...] Era um bocadinho à frente do chafariz da Ferrenha. Falavam muito da Boa Hora.

---

**Informante:** Maria dos Anjos Antunes Ramos, 89 anos, n. Monsanto (Idanha-a-Nova). Utente do Lar D. Bárbara T. Silva.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 22.06.2024

---

### 538 | A BOA HORA E A MÁ HORA (2)

Diz que a Boa Hora era da meia noite à uma. Diz que uma vez, uma mulher ia à fonte de noite. A mulher foi de noite à *iágua*, não sabia que horas eram. Diz que lhe apareceu uma coisa branca que lhe disse assim:

– Retira-te, esconde-te, que atrás da Boa Hora vem a Má Hora.

A mulher, diz que pousou o cântaro e que se escondeu. Atrás daquela coisa branca passou então uma coisa negra. Diziam que era a Má Hora. Era entre a meia noite e a uma.

---

**Informante:** Isabel Borrega Flores, 81 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 3.8.2024.

---

### 539 | A BOA HORA E A MÁ HORA (3)

Havia uma rapariga no povo. Ela queria “tirar o olho à fonte” sempre, sempre. Isto é, a primeira a tirar, naquele dia, a água da fonte. E então, ela vinha sempre de manhã cedo a buscar a *iágua*, para ser ela a primeira a apanhar o cântaro da *iágua*. Mas há a Boa Hora e a Má Hora que passam às duas da manhã, duas e pique...

E então, um dia, ela lá vem. E a Boa Hora passou e disse-lhe que se retirasse, que atrás dela vinha a Má Hora.

– Maria do cântaro, Maria do cântaro, se não fosse a Boa Hora, hoje já ficava sem o cântaro (ou qualquer coisa assim).

---

**Informante:** Fernanda Carreto, 72 anos.

Recolha feita na freguesia de Aldeia do Bispo por Gorete de Brito em 6.09.2024.

---

## 540 | A BOA HORA COMO NUVEM

Isto foi passado com o meu pai<sup>21</sup>. E então, foi além para o cimo da vila a dar de amassar ou tender. Quando vinha a passar pelo Arco, diz que viu uma nuvem branquinha, branquinha, branquinha. E então, sempre a segui-lo, sempre a segui-lo, sempre a segui-lo (já me estou a arrepiar). E o meu pai sempre a acelerar o passo, sempre a acelerar o passo. E conforme o meu pai entrou da porta para dentro [de casa], aquela nuvem cercou a porta, cercou-o ali. Ao fim de um bocadinho de [ali] estar, sente uma coisa a correr estrada abaixo, como se fosse uma cavalaria: a correr, a correr, a correr, a correr. E aquela nuvem branca, que era a Boa Hora, a empurrá-lo, a empurrá-lo, a empurrá-lo para dentro da casa.

.....  
**Informante:** Maria Isabel Firme Canaveira, 80 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 30.7.2024.  
.....

## 541 | O CAVALO NOTURNO

Antigamente, as velhotas diziam que as pessoas, de noite, que iam a roubar a lenha para fazer o comer. E subiam para as sobreiras, coitados, para cortar lá algumas pernaditas, porque de dia não podiam lá ir. E então que, de noite, andava um cavalo a correr pra baixo e para cima, para cima e pra baixo, que até as patas no chão até deitavam faísca. E as pessoas, com medo lá em cima [da árvore], estavam lá assim quietinhas. Assim que o cavalo a partir de uma certa hora deixava de passar, elas saíam da sobreira e iam-se embora para casa e não levavam lenha nenhuma. (Isso eu ouvia contar aos velhotes...)

.....  
**Informante:** Manuela Tomé, 66 anos.  
Recolha feita na freguesia da Bemposta por Gorete de Brito em 2.9.2024.  
.....

## 542 | O PESO NO PEITO AO DORMIR

O meu marido dormia além na casa dele. E a casa dele tem assim um patiozinho à frente. Diz que estava lá a dormir e que era uma hora da manhã, que se lhe *escarrapacharam* de cima. Não via ninguém, só sentia aquele peso. Ele querer se levantar e não poder. E contou-me muita vez. Eu disse assim:

- Então, e tu não vistes ninguém?
- Não vi ninguém. Só não me podia mexer com aquele peso.

.....  
<sup>21</sup> Nota da informante: A vida dos meus pais era serem forneiros. Davam a vez de amassar à primeira fornada e à segunda fornada. Quando uns estavam a tender estavam outros a amassar. Quando uns estavam a amassar já estavam os outros a meter o pão p'ró forno.

E depois deu a uma, uma e meia, desapareceu. Ó patas, fui logo para casa. (Era um peso!)

.....  
**Informante:** Maria Angélica da Conceição Nabais, 85 anos.  
Recolha feita na freguesia do Vale da Sr<sup>a</sup> da Póvoa, por Gorete de Brito em 27.8.2024.  
.....

## 543 | A COBRA QUE MAMA LEITE (1)

Uma senhora tem uma filha. E quando era de noite (a menina cada vez estava mais magrinha), ela sentia mamar e julgava que era a menina. (Porque antigamente dormiam os bebés com as mães até que pudessem [amamentar].) E ela punha-a a mamar. E ela sentia mamar. E a menina, em vez de *coiso*, chorava com fome. Ao ponto de comprarem na Espanha leite condensado para darem à menina. Até que um dia descobriram que era a cobra que estava a mamar nela. [...] E a cobra metia o rabinho dela na boca do bebé, que era para [ele] não chorar.

(Mas esta é mesmo verdade, contada pela senhora...)

.....  
**Informante:** Informante anónima.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 3.9.2024.  
.....

## 544 | A COBRA QUE MAMA LEITE (2)

Era um pastor que vivia no campo, numa choça. E a senhora ficou grávida, teve o bebé. E depois, foi dando o peito ao bebé. E o bebé chorava. Foi ficando magrinho, magrinho... foi mirrando, foi mirrando... e não sabiam porquê. Porque ela dava leite suficiente. Só que a cobra chegava lá – fez uma cova, estava enterrada à cabeceira – metia o rabo na boca do bebé e ela mamava toda a noite. Até que alguém se lembrou de dizer que podia ser um “mamar de cobra” que andava ali. E o pastor levantou a choça, foi a ver. Escavou e viu lá, então, a cobra e matou-a. Porque o bebé estava a morrer à fome. Era a cobra que mamava o leite à senhora.

.....  
**Informante:** Fernanda Carreto, 72 anos.  
Recolha feita na freguesia de Aldeia do Bispo por Gorete de Brito em 6.09.2024.  
.....

# LENDAS SAGRADAS

IMAGENS DE SANTOS / MILAGRES

## 545 | AS SETE SANTAS

Eram sete irmãs, e elas não se compreendiam, por vezes. E depois guerreavam-se umas com as outras. E a mãe que lhes dizia:

– Santas fosseis vós e bem longe umas das outras. Mas que vos avistásseis umas às outras.

Então, foi: Senhora do Incenso, Senhora da Póvoa, Senhora do Bom Sucesso, Senhora da Quebrada e mais duas [Santa Marta e Santa Sofia (?)].

---

**Informante:** Ilda Ginja Rodrigues Cruchinho, 83 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 1.8.2024

---

## 546 | AS SETE IRMÃS

Eram sete irmãs. E foram criadas com um pai que era muito severo. O pai tratava [Santa Luzia] mal e cegou-a. E a Nossa Senhora, depois, deu-lhe uns olhos ainda melhores e mais brilhantes do que os que tinha. E a Santa Marta, um dia, revoltou-se contra o pai e [este] queria-lhe bater. Mas nunca lhe chegou a bater. E então, a Santa Marta, por castigo, ficou num sítio ermo, mas que do sítio onde ela está vê as irmãs todas. Quais é que são as irmãs da Santa Marta? (Tanto que a Santa Marta nunca fez milagres. As outras vão fazendo, fazem milagres. Mas a Santa Marta nunca fez milagres). A Santa Marta é na Serra de Santa Marta de Penamacor. E do sítio onde ela está vê a Senhora do Incenso, vê a Senhora do Bom Sucesso, vê a Senhora da Póvoa, vê a Senhora da Granja, vê a Senhora do Almurtão e a Santa Luzia.

---

**Informante:** Manuela Tomé, 66 anos.

Recolha feita na freguesia da Bemposta por Gorete de Brito em 2.9.2024.

---

## 547 | LENDA DE SANTA SOFIA DO SALVADOR

ML 7060

Diz que apareceu lá num barroco, lá atrás onde vamos aos musgos, assim no lado de trás da capela, está lá assim um *barraceiro* e está lá muitos barrocos<sup>22</sup>. E estava um ribeiro que até corria muita *iágua*. E dizem que a Santa Sofia que apareceu ali num barroco daqueles. E depois não sei quem é que a viu... alguém por lá passou e viu lá a Santa Sofia, viu lá a Santa. E foram, e levaram-na, e tiraram-na de lá e pronto... Num sei para onde é que a levaram. E ela depois, mais tarde, voltou lá a aparecer. Ela, mais tarde, voltou a aparecer no mesmo sítio lá num barroco. Lá está que dizem que foi onde apareceu Santa Sofia que estava ali. E então, como ela apareceu já segunda vez, pois isto já lá vai muitos anos, então, se calhar, quem mandava, lá foram a ver. E então ergueram-lhe a capelinha dela para ficar ali a Santa Sofia. É a velha, não é a nova, há lá duas.

Informante: Angelina Gonçalves, 80 anos

Recolha feita na freguesia de Salvador por Gorete de Brito em 3.12.2024.

## 548 | SANTO ANTÓNIO E OS PARDAIS

O pai do Santo António ia à missa. E depois disse assim:

– Bem, não podemos ir todos, alguém tem de ficar a guardar o milho.

Ficou o Fernando. O Fernando ficou lá a guardar o milho dos pardais. Quando eles chegaram à igreja, o Fernando já lá estava em cima. O pai ficou apanhado:

– Os pardais vão dar cabo do milho todo!

O Fernando não se importou nada. Quando chegou a casa, foi ao palheiro que lá tinham, tirou uma pedra dum buraco e os pardais saíram todos, todos, todos, que estavam lá fechados.

Ele fechou os pardais... e saíram todos. Não mexeram lá, não mexeram no milho.

Informante: Maria Luísa da Conceição Furtado, 89 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 26.01.2024.

## 549 | SANTO ANTÓNIO E A CONVERSÃO DO HEREGE<sup>23</sup>

Um herege disse para Santo António que não acreditava que na hóstia estivesse lá Nosso Senhor; que na custódia estivesse Nosso Senhor. E o Santo António disse:

22 Penedos.

23 Esta lenda aparece no "Livro dos Milagres ou Florinhas de Santo António de Lisboa" (trad. de Frei Fernando Félix Lopes, OFM). Braga: Editorial Franciscana, 1996, pp. 76-77

– Então, vamos fazer uma coisa: põe a mula num sítio durante três dias e não lhe dês de comer. E quando de lá sair põe-na num bom pasto e [dá-lhe] boa comida. E eu venho com a custódia.

E, depois, eles lá foram. Quando chegou o dia, foram. A mula já não podia quase comer, com... (o jumento, era o jumento), já quase não se punha de pé, mas lá veio. E o Santo António pega na custódia, põe a custódia, e a mula vai *enjoelha* as duas patas. E tinha ali um pasto bom, não lhe tocou; tinha a comida, outra que lhe puseram, não tocou em nada, ficou de joelhos.

E depois, o herege converteu-se.

Informante: Maria Luísa da Conceição Furtado, 89 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 27.01.2024

## 550 | SANTO ANTÓNIO E OS CABELOS DA PRIMA

Santo António<sup>24</sup> andava a guardar cabras mais a prima. E Santo António andava sempre a puxar os cabelos à prima. E ela, chegava a casa, começava a chorar prá mãe, que o António lhe andava sempre a puxar as tranças. E a mãe foi, pegou numa tesoura e cortou-lhe as tranças. E depois, pegou nas tranças e deitou-as para um *silveirado*<sup>25</sup>. E Santo António, quando foram ao outro dia a guardar o gado, viu que a prima que não tinha os cabelos compridos. E então perguntou-lhe:

– Quem é que te cortou as tranças?

– Foi a minha mãe!

– E para onde as deitou?

– Para um *silveirado*.

E então, Santo António foi [ao *silveirado*] tirar as tranças, e pôze-as no cabelo [da prima].

Fez aquele milagre dos cabelos da prima. Foi o primeiro milagre que Santo António fez, com a prima.

Informante: Ilda Ginja Rodrigues Cruchinho, 83 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 31.7.2024.

## 551 | UM MILAGRE DE NOSSA SENHORA DO INCENSO

Uma vez, essa gente lá da *ermetoa* velha levantaram-se cedo de manhã e foram à igreja. E viram uma rasteira de água por aí acima até ao altar, tudo molhado. Diz:

– Ai, mas então, não choveu cá!

24 Há aqui um anacronismo uma vez que, nesta idade, Santo António ainda se chamava Fernando.

25 Silvado.

E depois, não sei, vieram a descobrir que foi umas pessoas que caíram para o mar e clamaram por Nossa Senhora. E que Nossa Senhora tinha ido acudir aquelas pessoas. Seria verdade? As pessoas diziam isso.

Informante: Ana Maria Dubelez Andrade, 96 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 14.02.2024.

## 552 | MILAGRE DE NOSSA SENHORA DO INCENSO NA RIBEIRA DO PEGO<sup>26</sup>

Havia um senhor muito amigo de ir à Nossa Senhora do Incenso. Todas as tardes, ou todos os domingos, ia à Nossa Senhora do Incenso. Um dia, deu-lhe para se ir deitar pró Pego<sup>27</sup>. E depois ele lá foi, deitou-se p'ró pego. Mas Nossa Senhora tirou-o da *iágua*.

O pessoal, quando foi para o trabalho, viram a porta da entrada da Nossa Senhora – que eles passavam por ali – viram molhado. E depois foram apalpar: Nossa Senhora estava com o fato [manto] molhado. Foi então Nossa Senhora que o foi salvar, porque era um grande devoto dela.

Informante: Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 14.06.2024.

## 553 | A SENHORA DO PRADO E O MILAGRE DO INCENSO

Diz que [antigamente] não era Senhora do Incenso, era Senhora do Prado. Porque o prado é mais abaixo, ali, um bocadinho. Era a Senhora do Prado. Só que, quando iam a dizer a missa, não tinham incenso. E Nossa Senhora (ou Deus, não sei distinguir isso), [fez um milagre] em que o incenso apareceu. E a pessoa que ia comprar chegou à ponte [em direção à vila de Penamacor] e depois voltou, porque já tinham o incenso. E depois deixou de ser a Senhora do Prado para ser a Senhora do Incenso.

Informante: Maria dos Anjos Antunes Ramos, 89 anos, n. Monsanto (Idanha-a-Nova). Utente do Lar D. Bárbara T. Silva.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 22.06.2024

26 Frei Agostinho de Santa Maria, em 1711, dá-nos esta versão da lenda: "A hum Alferrez de Infantaria do presidio daquela Praça, chamado Joaõ de Almeida, perseguia o demonio com vehementissimas tentações, de que se fosse afogar em hum pego, a que chamão o Estillo, da ribeyra de Seyfe, que corre perto da Ermida da Senhora, aproveitando-se do seu natural (muyto melancolico, & imaginativo) o demonio para esta guerra, & foy tão terrível a sugestão, que elle o executou, & para que logo pudesse ir ao fundo do pego, encheo as algibeyras dos calções, & os bolsos da caçaca de pedras. a este livrou a Senhora, tirando-o das mãos do demonio com o seu poder, pondo-o às portas da sua Ermida livre, aonde o acháraõ, ainda que muyto bem molhado, & com a carga das pedras que em si levava. Reconhecendo este o beneficio, dando as graças à Senhora, confessando, que só ella o podia livrar naquella occasião de se perder, & condenar, indo daquelle profundo pego para outro mais profundo, para onde o demonio o encaminhava." In: *Santuário Mariano*, tomo III, livro I, título XXXII, p. 124-125.

27 Para se suicidar.

## 554 | A OLIVEIRA DA NOSSA SENHORA DO PRADO

Ela aparecia no Prado, na parte de baixo da Nossa Senhora do Incenso. E ó depois vem uma senhora que passou lá e viu lá aquela Senhora sentadinha num *toro*<sup>28</sup> de uma oliveira. E ó depois a senhora passou lá – tinha uma filha – e disse:

– Já levo aqui uma bonequinha para a minha menina brincar. – Levava-a dentro de uma cesta.

Levava-a dentro de uma cesta, a menina chegou a casa e a bonequinha já lá não ia, já tinha abalado. Já tinha abalado, e, ó depois, foi outra vez lá pró toro da oliveira. E ó depois, como a acharam lá tão bem, pensaram em arranjar a capela para porem a Senhora do Incenso, puseram-lhe o nome de Senhora do Incenso. E foi assim.

Informante: Germano Manteigas Afonso Fidalgo, 87 anos. Utente do Lar D. Bárbara T. Silva.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 21.07.2024

## 555 | NOSSA SENHORA DO INCENSO E A PRAGA DE GAFANHOTOS

O velho Mó disse-me várias vezes que havia uma praga de gafanhotos [nos campos]. E saíram com Nossa Senhora em volta, pelo arraial. E ele dizia que os olhos dele tinham visto Nossa Senhora revirar-se no andor. E os gafanhotos começaram a ir para a parede [da capela] de Nossa Senhora. [E acabou a praga.]

Informante: Maria dos Anjos Antunes Ramos, 89 anos, n. Monsanto (Idanha-a-Nova). Utente do Lar D. Bárbara T. Silva.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 22.06.2024

## 556 | O MILAGRE DE SÃO DOMINGOS DA SOBREIRA

Nós tínhamos aqui uma capela de São Domingos. E há um rapaz, aqui de Portugal, que foi para a guerra lá para a Espanha. Ele era cristão. E ele, quando lá estava, prenderam-no. E ele pegou-se muito, sempre a pedir a São Domingos que lhe valesse. Mas eles tinham-no tão fechado, tão fechado, que estava metido numa *iarca*, e um mouro em cima com uma *iarma*, sentado em cima da *iarca*. E ele sempre a pedir ao São Domingos, e ele sempre a pedir ao São Domingos.

Um belo dia, a *iarca* começa a andar. Uma arca que começa a vir. E o outro lá de cima, que não saiu de lá. E o outro, quando chegou aqui a Penamacor, o outro diz-lhe assim:

– Ó cristão, na tua terra há campanas?

– Há.

28 Pedaco de ramo ou pernada de árvore.

– Então, alegra-te que estás nela.

Porque os sinos, quando aqui chegou a *iarca* com ele em cima, começaram os sinos a tocar. E as pessoas foi tudo a ver o que é que se passava. E descobriram então ele dentro da *iarca*.

O mouro acabou por cá ficar. Acabou por cá ficar e ficaram os dois lá na... eram os ermitões de São Domingos. Bom, e estiveram cá até morrerem. Depois o mouro acabou por se fazer cristão também e cá morreu em Penamacor.

Por isso é que a Rainha Santa [Isabel] quis cá vir a São Domingos. Porque ela veio para ir ver a capela de São Domingos.

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 25.06.2024.  
.....

## 557 | A SENHORA DA SILVA (1)

Havia um senhor, ali perto, que cultivava o terreno. E ao torno de uma oliveira nascia uma silva, uma silveira. Dava uma florinha. A oliveira já estava com o toro já roto e a plantinha crescia no meio do toro. E no cimo aparecia uma flor. O senhor cortava aquilo tudo quando andava a cultivar. Mas ao fim de um ano, tornava outra vez [a crescer]. Até que ele se chateou e cavou fundo, para arrancar a raiz à silveira. (À planta, que não era bem silveira; é daquelas flores que a gente lhe chama silva-macha, que dá uma flor... não é bem rosa-de-silva). E o senhor, ao cavar, foi-lhe para arrancar a raiz, apareceu uma santa. E depois, ele foi dar parte, e levaram-na para a igreja. Mas ela tornava a desaparecer da igreja e aparecia lá no [toro da oliveira, entre as silvas]. Até que fizeram, então, uma igreja que é a igreja que temos.

(Isto é o que eu ouvia contar, quando era garota, da Senhora da Silva. Agora já tenho ouvido contar de outras maneiras, mas eu ouvia assim.)

.....  
**Informante:** Maria Izidoro, 93 anos.

Recolha feita na freguesia de Bemposta por Gorete de Brito em 24.08.2024.  
.....

## 558 | A SENHORA DA SILVA (2)

Onde havia silvas, aparecia sempre lá aquela santa. Cortavam as silvas, tornavam a crescer. A santa tinha de estar lá o outro dia, aparecia lá outra vez. Por isso é que a trouxeram para ali prá igreja. Os antigos é que, ó depois, tanta vez lá apareceu Nossa Senhora, conseguiram trazê-la aqui para a terra. Isso era até muito falado.

.....  
**Informante:** Ludovina Robalo, 89 anos.

Recolha feita na freguesia de Bemposta por Gorete de Brito em 24.08.2024.  
.....

## 559 | A SENHORA DA SILVA (3)

(também lenda histórica: invasões)

Em tempos muito antigos, quando havia essas invasões<sup>29</sup>, e as pessoas escondiam aquilo que tinham (aquilo que elas achavam que tinha valor, não é?). E então, conta-se que esconderam a Senhora da Silva, uma santa. Depois, passados muitos anos, uns homens andavam a trabalhar e encontraram-na, escondida no meio lá de um silvado. E levaram-na para a igreja (que na altura era a do Espírito Santo, que é mais antiga do que a igreja que cá temos em baixo). E conta-se que a Nossa Senhora voltou a desaparecer outra vez lá da igreja e que foi outra vez para o meio das silvas. E então, no sítio onde ela apareceu, construíram então a igreja.

.....  
**Informante:** Manuela Tomé, 66 anos.

Recolha feita na freguesia de Bemposta por Gorete de Brito em 24.8.2024.  
.....

## 560 | LENDA DA NOSSA SENHORA DA PÓVOA

A Nossa Senhora da Póvoa diz que apareceu lá numa silveirinha, entre a sacristia e a igreja. E depois cortavam a silveira, mas tornava a rebentar.

*Nossa Senhora da Póvoa,*

*Onde tendes a morada?*

*Ao fundo da Serra d'Opa,*

*Numa casa caliada.*

Contava a Ti Adelina que iam lá buscar Nossa Senhora, que a traziam pró povo. E de noite que ela ia-se embora. Quando iam o outro dia a ver dela estava toda molhada. Andava por esses cereais [a benzê-los]. (Agora se é ou não é, a gente não sabe...)

.....  
**Informante:** Maria da Saudade Mendes, 92 anos, e Cláudia Pires Antunes, 82 anos.

Recolha feita na freguesia de Vale da Senhora da Póvoa por Gorete de Brito em 3.9.2024.  
.....

.....  
<sup>29</sup> Seriam invasões dos espanhóis ou dos franceses.



## 561 | SANTA COMBA

Santa Comba é uma santinha muito pequenina. E diziam que a *iágua* da fonte onde ela apareceu, que era boa, fazia milagres. Que lavavam os olhos e que as pessoas melhoravam.

.....  
**Informante:** Ludovina Robalo, 89 anos.

Recolha feita na freguesia de Bemposta por Gorete de Brito em 24.08.2024.  
.....

## 562 | O NOME DA SENHORA DA QUEBRADA

A Senhora da Quebrada era a Nossa Senhora do Rosário. E depois a santa apareceu partida, não é? (Falava-se que, em vez de partir era quebrar.) E mandaram a santa a reparar. A santa foi reparada. Quando regressou, chegou cá, vinha igual. A partir daí é que começou: a Senhora vem quebrada, a Senhora vem quebrada, a Senhora vem quebrada... Deixou de ser Senhora do Rosário e passou a ser Nossa Senhora da Quebrada.

.....  
**Informante:** José Afonso, n. de Benquerença.

Recolha feita na freguesia da Meimoa por Gorete de Brito e Maria João Cabanas em 10.7.2024  
.....

## 563 | NOSSA SENHORA DO BOM SUCESSO

(também lenda histórica - batalhas)

Nossa Senhora apareceu aos pastores feita numa boneca de trapos. E os pastores andavam aos pontapés a ela:

– Ah, anda aqui esta boneca só a *coiso*...

E ela tornava a aparecer. E eles, tanto os chatearam (ela é assim moreninha), dizem assim:

– Vamos acender o lume e vamos lá a metê-la. Então, anda aqui esta boneca aqui só a atentar-nos...

Pronto, meteram-na no lume. E depois, pró outro dia, apareceu numa taloca, lá ao lado, numa azinheira. E pronto, passou-se o que se passou. E ó depois, houve uma guerra ali na Espanha contra os portugueses. E ó depois, Alvares Cabral ouviu dizer essa história da boneca. E os espanhóis chegaram aqui à ribeira, com a guerra. E Alvares Cabral diz que se pegou com Nossa Senhora e que disse que lhe havia de fazer ali uma capela e *coiso*... E ó depois atirou com eles [os espanhóis] até além ao rio. (Isto foi verdade. Diz que nós eramos

só sete. Diz que se ajoelhou, pegou-se com Nossa Senhora e então atirou com eles até além ao rio.) [...] E ó depois diz que lhe fez a capela, Alvares Cabral<sup>30</sup>.

.....  
**Informante:** Rosa Maria Matanço, 98 anos.

Recolha feita na freguesia de Aranhas por Gorete de Brito em 30.7.2024.  
.....

## 564 | A LENDA DE SANTA BÁRBARA

IGR 2883 / RPI U30

*Santa Bárbara bendita,*

*que no céu está escrita.*

*Com um ramo de água benta,*

*Deus nos livre desta tormenta.*

E porque é que a Santa Bárbara é a protetora das trovoadas?

Porque ela queria-se casar com um senhor do povo e o pai não quis. E então, enclausurou-a num castelo. Lá estava enclausurada num castelo, não podia sair de lá.

E veio uma trovoada, e veio um raio que rebentou com o castelo e libertou a Santa Bárbara [e matou o pai dela]. Por isso é que Santa Bárbara é advogada das trovoadas.

.....  
**Informante:** Lourenço Augusto Marcos, 72 anos.

Recolha feita na freguesia de Aldeia do Bispo por Gorete de Brito em 14.9.2024.  
.....

.....  
<sup>30</sup> Este não foi o que descobriu o Brasil em 1500.

# LENDAS HISTÓRICAS

## CERCOS A CASTELOS / BATALHAS

### 565 | O CERCO DO CASTELO DE MONSANTO<sup>31</sup>

Os [cristãos] viviam lá em cima no castelo, aquilo era fechado. Portanto, eles [os mouros] queriam entrar lá mesmo, no castelo, e estavam os mouros feitos [prontos para atacar]. E [os cristãos] tinham lá uma bezerra. Encheram-lhe a barriga de trigo e, na parte do castelo do talefe, deitaram a bezerra por ali abaixo. Ela, quando chegou lá ao fundo, ia rebentada. Eles [os mouros] disseram:

– Olha, eles ainda têm cá muito que comer. Não adiantamos nada em entrar, porque eles estão a dar trigo aos animais.

[E acabaram por abandonar o cerco.]

.....  
**Informante:** Maria dos Anjos Antunes Ramos, 89 anos, n. Monsanto (Idanha-a-Nova). Utente do Lar D. Bárbara T. Silva.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 22.06.2024  
.....

### 566 | A SENHORA DO BOM SUCESSO

(também lenda sagrada: construção de capelas)

Foi uma batalha que lá houve com os nossos soldados e os espanhóis. E aquilo foi de repente que eles [os espanhóis] apareceram, e eles [os portugueses] eram poucos em relação aos outros. Ele [o chefe dos portugueses] pediu muito a Nossa Senhora [para] que eles

.....  
<sup>31</sup> O castelo está ligado à tradição da principal celebração de Monsanto: a Festa da Santa Cruz. Originalmente uma tradição profana ligada ao ciclo da Primavera, foi cristianizada e associada ao lendário cerco do castelo, segundo algumas versões pelas tropas do pretor Lúcio Emílio Paulo em fins do século II a.C., segundo outras a um ataque dos mouros por volta de 1230, ou até posteriormente durante as lutas com Castela.  
Em qualquer uma das hipóteses, os inimigos sitiados procuraram vencer pela fome os defensores do castelo. A tradição refere que o cerco se prolongava já por sete longos anos, quando intramuros restavam apenas uma vitela magra e um alqueire de trigo, que foram sacrificados para dissuadir os sitiados. O episódio é atribuído a um dia 3 de maio (dia da Santa Cruz), razão pela qual nesta data, anualmente, as mulheres do povoado se vestem com as suas melhores roupas e, ao som de adufes e canções populares, agitando marafonas (bonecas coloridas com armação em cruz), algumas com potes caídos de branco, decorados e cheios de flores à cabeça, partem da povoação em direção ao castelo. No interior do castelo, do alto das muralhas, os potes brancos, simbolizando a vitela, são lançados em direção ao exterior, revivendo simbolicamente o episódio da salvação da vila.

conseguissem vencer. Que lhe erguia ali uma capelinha. E eles venceram. E eles ergueram então a capela com as costas viradas para Espanha, porque de lá é que tinha vindo o mal. Mas foi uma batalha que ali houve entre os espanhóis e nós. Foi isso, ela [a Senhora do Bom Sucesso] não apareceu.

.....  
**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 25.06.2024.  
.....

## 567 | OS PÉS DENTRO DOS SAPATOS

Ali para o Campo Frio, eram uns pastores. E então a mãe foi à aldeia (ou Salvador ou Aranhas). E deixaram a miúda lá em casa. Disseram assim:

– Olha, tu não sais daqui. Deixa-te estar aqui até que a mãe mais o pai venham.

E a miúda estava lá. Mas chegou um lobo, mesmo à porta da casa. A garota julgava que era o cão. E a miúda quase que não sabia falar. E estava só assim:

– Fora, Faruco! (era “fora, Farrusco”)

E o lobo, conforme ela *coisa*, chegava-se para trás, mas ó depois avançava outra vez para dentro. O lobo entrou, apanhou a miúda, comeu-a. [Quando os pais chegaram] só apareceram os sapatinhos com os pezinhos [dentro]. (Porque diz que os lobos não comem os pés nem as mãos, porque são salgadas.) Nessa altura havia muitos lobos.

.....  
**Informante:** Maria de Lurdes Vieira Moiteiro Messias, 87 anos.  
Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 5.10.2024  
.....

## FORAS-DA-LEI

### 568 | O ZÉ DO TELHADO EM PENAMACOR

O que me contavam é que o Zé do Telhado era um foragido. Andava sempre a fugir, a fugir...

Roubava aos ricos para dar aos pobres. E então, contavam que o Zé do Telhado escondia-se na Casa do Ramalho<sup>32</sup>. E quando passava a diligência do correio (era aquela carrinha que ia prá Fatela<sup>33</sup>), ele descia os barrocos a correr e assaltava a diligência do correio porque

.....  
<sup>32</sup> É como popularmente é conhecido um abrigo de blocos graníticos situado na Mata Municipal.

<sup>33</sup> Estação de comboios Fatela-Penamacor.

levava os vales, o dinheiro que se depositava. E ele, então, assaltava as diligências para roubar. E depois dava o dinheiro aos pobres.

Agora, se é ou não é, não sei.

.....  
**Informante:** Maria Alice Domingues Alvito Frade de Brito, 74 anos  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 21.02.2024.  
.....

## POVOAÇÕES DESAPARECIDAS

### 569 | A POVOAÇÃO DAS ÁGUAS E AS FORMIGAS

D’antes, o povo aqui das Águas era pró Ribeiro do Monte. Chamamos-lhe agora o “povo velho”. E então, depois, havia lá muita formiga e comiam os olhos aos bebés. E então, depois, pensaram em virem para aqui fazer [a povoação d’]as Águas. Para além era uma serra e aqui não. Aqui era uma baixa. E então fizeram aqui as Águas, para as pessoas virem para aqui viver. As pessoas vieram então para aqui viver. Agora já não, mas em primeiro havia lá aqueles casarões [em ruínas]: de lá estarem as casas, de lá estar a igreja. E depois, pronto, levaram as pedras todas. Agora, aquilo é só eucaliptos que lá há. Já não há nada, mas em primeiro estavam lá aqueles coisos todos das casas, da igreja e tudo. E então vieram de lá embora porque havia lá muita formiga e comiam os olhos aos bebés. Foi por isso que vieram para aqui com o povo.

.....  
**Informante:** Maria de Lurdes Ramos Leitão Lourenço, 75 anos.  
Recolha feita na freguesia de Águas por Gorete de Brito em 17.07.2024.  
.....

### 570 | BENQUERENÇA E A MUDANÇA DE LUGAR

A Benquerença, primeiro diz que era além na Serra da Galeota, da Alagoa, que havia lá muita casa. E depois até diziam que vieram para aqui porque além havia muita formiga, que até comiam os olhos aos meninos.

.....  
**Informante:** Ana Mendes Ramos, 88 anos  
Recolha feita na freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 23.07.2024.  
.....

## 571 | A MUDANÇA DA NOSSA SENHORA DA QUEBRADA

A Nossa Senhora da Quebrada não era onde está. Era noutra terra e chamavam-lhe Catarina, uma santinha Catarina. E depois as mães estavam lá e tinham os meninos... e dizem que além há muita formiga... e que comiam os olhos aos meninos onde elas estavam, no outro lado. E então, como havia muita formiga, levaram a imagem da Nossa Senhora da Quebrada para onde está. Onde ela estava diz que eram formigas, que havia muitas, antigamente, e roíam os olhos aos meninos. Isto é o que eu sei.

.....  
**Informante:** Joaquina Costa, de 93 anos.

Recolha feita na freguesia de Benquerença por Gorete de Brito em 23.07.2024.  
.....

## LENDAS ETIOLÓGICAS

NATUREZA (TERRA, RIOS, PEDRAS, FLORES)

### 572 | A LENDA DOS TRÊS RIOS

Eram três irmãos. E então, pensaram em não ficar naquele sítio, onde eles viviam, e de se porem a expandir. E era o Tejo, o Douro e o Guadiana. E então, combinaram que haviam de se expandir para irem para o mar. Combinaram, marcaram os percursos, marcaram um aqui outro ali... e depois disseram:

– Agora vamos dormir. E o que acordar primeiro, à medida que vão acordando, vamos ver qual é que chega primeiro.

E então, o primeiro que acordou foi o Guadiana. E ficou muito contente:

– Eles estão a dormir, e eu vou já por aí abaixo e escolho o melhor caminho.

E mete-se a caminho, apanha o Alentejo e o Algarve que era tudo a direito, não é? Pronto, e chegou ao mar.

O Tejo quando acordou, foi o segundo, olha para o lado e já lá não tinha o Guadiana. Já não tinha o Guadiana e ficou muito furioso, porque o Guadiana já tinha escolhido o melhor caminho. E então ele pensou:

– Eu vou pelo meio. E hei de expandir, hei de apanhar boas terras dos senhores ricos, e hei de ser um rio muito grande. Quando chegar ao mar eu já sou quase como o mar.

Pronto, e lá vai. Vem aqui pela Beira, atravessa isso... tem o percurso maior até e tudo.

O Douro, quando acordou, viu-se sozinho. E esse então ainda ficou pior. Mais zangado ficou porque os irmãos já tinham abalado. E então não está de modas... nem escolhe o caminho. Passa serras e montes e pedras e vem tudo por aí a cair, por aí a fora, para chegar também ao mar.

E então chegaram os três ao mar e ficaram-se todos a dar bem, porque nenhum seguiu pelo mesmo caminho.

.....  
**Informante:** Maria Alice Domingues Alvito Frade de Brito, 74 anos.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 27.06.2024.  
.....

## 573 | A PATA DO CAVALO E OS “SAPATINHOS” DE SANTA SOFIA

Cf. Meyer LE 256.\*

A lenda de Salvador conta que a Santa Sofia terá fugido com o seu amante, com um cavaleiro. E que depois terá fugido dele para ser cristã, para seguir o cristianismo. E ele, na perseguição, ao subir ao morro, o cavalo escorrega, fica com as patas cravadas numa rocha (dizem que está lá a rocha com a pata do cavalo) e terá morrido. Ela terá sido salva.

E na encosta da Santa Sofia nascem umas flores, que eles dizem que são os “sapatinhos”. São umas flores parecidas com sapatos pequenos, que são os sapatos da Santa Sofia que os perdeu ao fugir. (risos)

Depois construíram a capela no alto, portanto, onde está a marca da pata do cavalo e onde nascem as tais florinhas parecidas com um sapatinho, que dizem que são os sapatinhos da Santa Sofia.

---

**Informante:** António Manuel Gameiro Rico, 60 anos.  
Recolha feita na freguesia de Salvador por Gorete de Brito em 16.07.2024.

---

## 574 | O FIM DO MUNDO

Meyer LE 1a

Jesus dizia que ia acabar o mundo. Mas Nossa Senhora pediu a Jesus:

– Ó Filho, não faças isso.

Mas Jesus disse que sim, que era para acabar o mundo. Começava na praia.

[Nossa Senhora] apanhou uma mão cheia de areia e disse:

– Olha, Filho, mais estes, dá lá mais estes [anos].

E então, que deitou aquela *machinha* de areia: mais esses anos para o mundo ser mundo. (Porque Jesus diz que havia de ser o Homem é que havia de acabar com o mundo, com guerras.)

---

**Informante:** Maria de Lurdes Vieira Moiteiro Messias, 87 anos.  
Recolha feita na freguesia da Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 5.10.2024

---

## TOPÓNIMOS E ANTROPÓNIMOS

### 575 | A ORIGEM DO NOME DE PENAMACOR

As pessoas antigas diziam que aqui, onde agora é Penamacor, vivia um senhor que era dono de muitas terras, que dava trabalho a muita gente. E esse senhor chamava-se Macor. E então era muito boa pessoa, ajudava muito os pobres, dava-lhes comida. E as pessoas do povo gostavam muito do senhor Macor. Adoravam-no, porque ele tratava-as bem.

E quando um dia, já idoso, o senhor morreu, as pessoas ficaram com muita pena. Pena do senhor Macor. As duas palavras juntas deu Penamacor.

---

**Informante:** António Manuel da Costa Leandro, 60 anos, n. Salvador.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 15.03.2024.

---

### 576 | A PENHA DO MACOR

Em Penamacor havia um salteador que era um homem rude, negro, mal-encarado. Portanto, ele vivia cá no alto ao pé do castelo. Que era a penha, vivia numa penha. Havia miúdos lá em baixo que diziam:

– Vamos à penha.

– Qual penha?

– A penha do Macor.

Macor que era o homem feio, o homem rude. Portanto, a partir daí, ficou o nome Penamacor devido à penha do Macor. (Juntaram-se e ficou Penamacor.)

---

**Informante:** João do Espírito Santo da Ascensão Mateus, 73 anos.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 24-8-2024.

---

### 577 | O NOME DA ALDEIA DO BISPO

Conta-se que um bispo, que andava a divulgar a religião cristã, passando por esta região, gostava de pernoitar em quintas que na altura existiam onde hoje se localiza a Aldeia do Bispo.

Passando por ali, era muito bem tratado, e acabava por voltar sempre.

As quintas foram crescendo, a população foi construindo habitações, foi-se tornando

maior e passou a ser aldeia. Como era o local por onde passava o bispo, para pernoitar, começou a ficar conhecida pela Aldeia do Bispo.

---

**Informante:** António Manuel da Costa Leandro, 61 anos, n. Salvador.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 20.06.2024.

---

## 578 | MEIMÃO E MEIMOA

Conta-se em tempos, já muito passados, que um agricultor tinha dois cabritinhos, um macho e uma fêmea, irmãos, a quem deu o nome de Mamão e Mamoá, por gostarem muito de mamar.

Acontece que, certa altura, em perigo de miséria, o agricultor não tinha comida para dar aos seus animais. E não os querendo ver morrer à fome, numa certa noite, libertou-os para que eles fossem procurar comida pela natureza. Os dois irmãos afastaram-se e foram caminhando em direção a algumas luzes que viam ao longe.

O macho, o Mamão, acabou por ir ter ao lugar que hoje tem o nome de Meimão. E ao ser reconhecido pela população começaram a falar: “O Mamão, o Mamão, o Mamão!” E deu origem ao nome Meimão.

A sua irmã afastou-se em sentido contrário e acabou por ir ter ao lugar que hoje tem o nome de Meimoa. Também porque as pessoas a reconheceram e falaram: “A Mamoá, a Mamoá, a Mamoá!”

---

**Informante:** António Manuel da Costa Leandro, 61 anos, n. Salvador.  
Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 20.06.2024.

---

## 579 | LENDA DA ALDEIA DE JOÃO PIRES

Há muito, muitos anos, estas terras todas eram pertença de particulares. E os habitantes eram rendeiros. Trabalhavam nas terras e pagavam a renda em géneros, uma vez por ano. E havia nesses tempos um capataz, um administrador, o feitor das terras chamado João Pires. Que dizem que era uma pessoa assim não muito bondosa. Um bocadinho mau. Houve um ano em que a colheita correu muito mal. E as pessoas não tinham com que pagar e pediram um adiamento. Se seria possível não pagarem nesse ano, mas pagarem no ano a seguir quando as coisas estivessem melhores. E o senhor foi inflexível. Tinha o coração duro e disse:

– Não! Vocês vão ter de pagar este ano.  
E o que é que os habitantes fizeram?

– Ai é? Se temos que pagar este ano, então, tem de cá vir recolher pessoalmente, receber em pessoa, as rendas deste ano.

E ele veio. Só que, quando ele veio, as pessoas quiseram matá-lo. Ele ainda tentou fugir para a Aldeia do Bispo, em socorro. Mas apanharam-no ali onde é a cruz do rebolo e mata-ram-no ali.

E foi assim que a aldeia ficou com o nome de Aldeia de João Pires.

---

**Informante:** Cátia da Cruz Mendes, 50 anos, n. Berlim (Veio com 10 anos, para Aldeia de João Pires. Vive em Lisboa)  
Recolha feita na freguesia de Aldeia de João Pires por Gorete de Brito em 15.08.2024.

---

## 580 | PORQUE É QUE ÀS ARANHAS SE CHAMA ARANHAS

Porque antigamente havia cá muitas tecedeiras que tinham teares, teares esses que muita gente, quando vinham cá mandar fazer as mantas, diziam:

– Ai, vamos às aranhas!

Chamavam “aranhas” aos teares. Porque... pronto, parece uma aranha, vá. É então por isso, daí é que veio o nome das Aranhas: “Vamos às aranhas, vamos às aranhas!”, que eram os teares. Fazia-se cá muitas mantas de linho. De linho e de farrapos.

---

**Informante:** Ana Maria Matanço, 74 anos.  
Recolha feita na freguesia de Aranhas por Rosa Gonçalves em 22.07.2024.

---

## 581 | O MILAGRE DE SANTA SOFIA E O NOME DE SALVADOR

(também lenda sagrada – milagres)

Houve uma altura em que choveu muito e a água começou a juntar cá em baixo e tínhamos uma inundação. Os animais morriam, as hortas... estragou-se tudo! As pessoas começaram a andar muito aflitas. Então diz-se que, no lugar onde agora está a capela, apareceu uma imagem de uma rapariga que há muitos anos tinha ido embora dali. Uma rapariga que se chamava Sofia. Apareceu em cima de uma pedra grande, a rezar, a pedir a Deus para que a inundação acabasse. Para que parasse de chover e a *iauga* começasse a baixar. E foi isso que aconteceu. E voltaram a aparecer as casas, voltaram a aparecer os campos. As pessoas ficaram muito contentes. E depois viram lá a imagem:

– Ah, olha a Sofia! A Sofia veio para nos salvar. A Sofia veio para nos salvar desta dor.

Então as pessoas pegaram na imagem e levaram-na para a igreja lá da parte de baixo de Salvador. Meteram-na na igreja.



Mas ela não gostava de estar lá. No dia seguinte voltava a aparecer na pedra. As pessoas fizeram isso três ou quatro vezes:

– Olha, a Sofia não gosta de estar na igreja! A Sofia gosta de estar lá no alto para olhar por nós. O melhor é fazermos lá uma capela pequenina para a proteger. Ela quer estar é ali.

Então fizeram a capela e lá puseram a imagem. E a Santa Sofia lá ficou sossegada.

E foi devido à Santa Sofia, que apareceu para salvar as pessoas daquela dor que elas tinham, quando havia a inundação. Então, juntaram estas duas palavras e deu Salvador. A terra onde isto [a capela] está chama-se Salvador.

---

**Informante:** António Manuel da Costa Leandro, 60 anos, n. Salvador.

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 15.03.2024

---

## 582 | O NOME DOS HABITANTES DE BENQUERENÇA

Benquerença, antigamente, era próxima da Senhora da Quebrada. E nessa altura havia lá umas formigas muito grandes que atacavam as crianças. E o pessoal era bem unido e, então, mudaram a povoação para onde hoje está. Por isso é que lhe chamam benqueridos. Porque foram muito unidos para mudarem a povoação para salvarem as crianças das formigas.

---

**Informante:** José Afonso, natural de Benquerença.

Recolha feita na freguesia da Meimoa por Gorete de Brito e Maria João Cabanas em 10.7.2024

---

o amor  
é  
romanceiro.

**ROMANCEIRO.**

## ROMANCES TRADICIONAIS

583 | D. SILVANA

IGR 0005 / RPI P1

The image shows two staves of musical notation in 2/4 time, with a tempo marking of ♩ = 120. The key signature has three sharps (F#, C#, G#). The first staff begins with a repeat sign and contains the lyrics: "In-do a Do-na Sil - va - na, In-do a Do-na Sil - va - na pe-lo". The second staff starts at measure 6 and contains the lyrics: "cor - re-dor a - ci - ma, pe-lo cor - re-dor a - ci - ma, (To-can...)". The piece concludes with a double bar line, a repeat sign, and the word "Fim" above the staff.

Versão de Aranhas, cantada por Isabel Borrega Flores, de 81 anos. Recolha feita em 3.8.2024 por Gorete de Brito.

Nota: A melodia está em Dó# menor e só contém uma alteração no compasso 2 (Si#, que é a sensível da tonalidade). A estrutura só tem uma estrofe, que se repete com versos distintos.

In-do a Dona Silvana (bis) pelo corredor acima, (bis)  
Tocando numa guitarra (bis) o melhor que ela sabia. (bis)  
Acordou o seu papá (bis) com o estrondo que fazia (bis)  
– Que tens tu, ó filha minha, (bis) [.....]  
– Não tenho nada, meu pai, (bis) isto cá são coisas minhas. (bis)  
De sete irmãos que nós éramos (bis) são casadas têm família. (bis)  
Eu, por ser a mais bonita, (bis) por razão que eu ficaria? (bis)  
– Ficastes, Dona Silvana, (bis) que na corte não havia. (bis)  
Estava lá o conde Albano (bis) era esse que eu queria. (bis)  
– Mande-o chamar, meu pai, (bis) antes de uma Ave-Maria. (bis)

– Inda agora cheguei d’Elvas (bis) já o rei me está a chamar. (bis)  
 Não sei se será pró meu bem (bis) nem se será pró meu mal. (bis)  
 Aqui me tem, senhor rei, (bis) aqui me tem senhoria. (bis)  
 – Vai matar tua mulher (bis) p’ra casares com Silvaninha. (bis)  
 – Minha mulher não a mato (bis) que ela a morte não merecia. (bis)  
 Quando ele chegou a casa (bis) ele a mesa posta tinha. (bis)  
 As lágrimas eram tantas (bis) que até o prato enchia. (bis)  
 – O que tens, conde Albano, (bis) que estás cheio de agonia? (bis)  
 – Se eu te fosse contar (bis) mais penas te causaria. (bis)  
 Foi o rei, mandou matar-te (bis) p’ra eu casar com Silvaninha. (bis)  
 – Não me mates com a espada (bis) nem com coisa que faça ferida. (bis)  
 Mata-me com a toalha (bis) quero morrer fidalguinha. (bis)  
 – Isso não, ó mulher, não (bis) que o rei logo sabia. (bis)  
 Mandou-me levar a cabeça (bis) nesta maldita bacia. (bis)  
 – Deixa-me ir dar um passeio (bis) da janela à cozinha. (bis)  
 Adeus criados, criadas, (bis) adeus coisas que eu tinha. (bis)  
 Deixa-me ir dar um passeio (bis) da janela ao quintal. (bis)  
 Adeus criados, criadas, (bis) flores do meu roseiral. (bis)  
 Mandai-me o filho mais velho (bis) que o quero ensinar. (bis)  
 Amanhã tens uma mãe nova (bis) como lhes há de chamar? (bis)  
 – Chamarei-lhe “p\*ta negra” (bis) ou “diabo infernal”. (bis)  
 – Isso não, ó meu filho, (bis) que te pode mandar matar. (bis)  
 Chamarás-lhe “minha tia”, (bis) ajudará-te a criar. (bis)  
 Mandai-me o filho mais novo (bis) que lhe quero dar de mamar. (bis)  
 Mama filho, mama filho, (bis) deste leite d’amargura. (bis)  
 Amanhã por esta hora (bis) meu corpo está na sepultura. (bis)  
 Mama filho, mama filho, (bis) deste leite da paixão. (bis)  
 Amanhã por esta hora (bis) meu corpo está no caixão. (bis)  
 Tocam os sinos na torre: (bis) – Ai, Jesus, quem morreria? (bis)  
 – Morreu a Dona Silvana (bis), o seu pai na companhia. (bis)  
 – Se for verdade, ó meu filho, (bis) não sei o que eu diria. (bis)  
 Dois casais que despartais (bis) coisa que Deus não queria. (bis)

## 584 | A MORTE DE DOM ÂNGELO

IGR 0006 / RPI C5

Versão de Aranhas, recitado por Isabel Borrega Flores, de 81 anos. Recolha feita em 3.8.2024 por Gorete de Brito.

Deu-se um caso bem rigoroso lá prós lados de Espanha,  
 Estava Dom Ângelo à morte, sentado na sua cama.  
 Mandaram vir três doutores dos melhores que havia em Braga.  
 Disseram uns para os outros: – Aqui não podemos fazer mais nada.  
 Disse o mais novo para o mais velho: – Vou dar a minha baixada.  
 Deu-lhe três horas de vida, não há tempo pra mais nada.  
 Uma é para os seus queridos pais, outra para a sua querida amada.  
 Outra para o Sacramento, não há tempo pra mais nada.  
 – Olha lá tu, ó meu filho, só te peço uma palavra,  
 Diz-me se no mundo deixas uma donzela enganada.  
 – Deixo Dona Isabel que por mim foi difamada;  
 Eu lhe deixo vinte contos para poder governá-la.  
 – Vinte contos ó meu filho, vinte contos não é nada,  
 A honra de uma donzela não há dinheiro que a paga.  
 – Eu lhe deixo outros vinte, que outros vinte não é nada,  
 A honra de uma donzela não há dinheiro que a paga.  
 – Olhe lá ó minha mãe, olhe por Dona Isabel.  
 Se eu durasse algum tempo ela era a minha mulher.  
 Ela era a minha mulher, prenda do meu coração.  
 Adeus ó Dona Isabel, levo para baixo do chão.  
 Levo para baixo do chão, agarradinho ao meu peito.  
 Adeus Dona Isabel, guardei-te muito respeito.

## 585 | GERINALDO

IGR 0023 / RPI Q1

Versão de Benquerença, recitado por Joaquina Costa, de 93 anos. Recolha feita em 1.8.2024 por Gorete de Brito.

– Gerinaldo, Gerinaldo, és filho de um rei mais querido,  
Bem podias Gerinaldo, dormir uma noite comigo.  
– Dormir uma noite contigo, uma noite não é nada,  
Eu entro pela lua escura e saio pela geadá.  
– Como eu sou o seu criado, pode estar a mangar comigo,  
Não digo, menina, não, não falto ao prometido.  
Diga-me lá menina a que horas cá hei-de vir?  
– Entre as dez e as onze, quando o papá está a dormir.  
Inda não eram dez horas Gerinaldo pelo caminho,  
Levava os sapatos na mão para não fazer ruído:  
– Quem bate à porta, quem bate, quem será o atrevido?  
– É o menino Gerinaldo que não falta ao prometido.  
– Gerinaldo, Gerinaldo, viestes a uma boa hora,  
A mamã está a dormir e o papá deitou-se agora.  
– Gerinaldo, Gerinaldo, apalpa-me o meu vestido,  
Que o punhal do meu pai entre nós está metido.  
– Ó que linda pomba branca anda no meu trigo,  
Empresta-me as tuas asas que eu quero voar contigo.

## 586 | ADELINA (1)

IGR 0075 / RPI P2

Versão de Pedrógão de São Pedro recitada por Leonor Zagalo, de 80 anos. Recolha feita em 24.7.2024 por Rosa Gonçalves.

– Adelina quer ser minha, quer ser minha namorada?  
Eu de oiro a vestia e de prata a calçava.  
O seu pai, assim que soube, não pensava em mais nada:  
Mandou fazer uma torre pra Adelina ser fechada.  
Ela chegou à janela mais alta que a torre tinha;  
Ela lá viu sua mãe na janela da cozinha:  
– Ó minha mãe que Deus me deu, dê-me uma pinguinha d'água,  
Que eu à fome não morria, mas à sede até estalava.  
– Tira-te daí alma negra, alma negra desgarrada;

Há sete anos que me faz a mim mulher mal casada.  
Ela subiu à janela mais alta que a torre tinha;  
Ela lá viu sua mana na janela da cozinha:  
– Ó mana que Deus me deu, dê-me uma pinguinha d'água,  
Que eu à fome não morria, mas à sede até estrelava.  
– Dava-te água mana minha, que não me custava nada,  
Mas o pai já me jurou com a ponta da espada.  
Ela subiu à janela mais alta que a torre tinha;  
Ela lá viu o seu pai na janela da cozinha:  
– Ó meu pai que Deus me deu, dê-me uma pinguinha d'água,  
Que eu à fome não morria, mas à sede até estalava.  
– Corram todos, meus criados, a dar água à filha minha;  
O primeiro que lá chegar casará com Adelina.  
O primeiro que lá chegou, o seu amor estudante;  
Com mesmo a paixão de o ver, ela morreu num instante.  
– Adelina já está morta, está morta, não quer a *iágua*,  
Tem uma fonte à cabeceira e os anjos a acompanhá-la.

## 587 | ADELINA (2)

IGR 0075 / RPI P2

Versão de Aranhas, recitado por Isabel Borrega Flores, de 81 anos. Recolha feita em 3.8.2024 por Gorete de Brito.

– Adelina queres ser minha, queres ser minha namorada?  
Se Adelina fosse minha eu de oiro a vestia, de prata a calçava.  
O seu pai assim que o soube não quis saber de mais nada.  
Mandou fazer uma torre para a Adelina estar fechada.  
Subiu a uma janela mais alta que a torre tinha,  
Foi a dar com a sua irmã à janela da cozinha.  
– Ó irmã que Deus me deu, dá-me uma pinguinha d'água,  
Eu à fome não morria, mas à sede eu estalava.  
– Dar-te água ó minha irmã, nada disso me custava,  
Se o nosso pai não jurasse à ponta da sua espada.  
Subiu a outra janela mais alta que a torre tinha,  
Foi a dar com a sua mãe à janela da cozinha.  
– Minha mãe que Deus me deu, dê-me uma pinguinha d'água,  
Que eu à fome não morria, mas à sede eu estalava.  
– Dar-te água ó minha filha, nada disso me custava,

Se o teu pai não jurasse à ponta da sua espada.  
 Subiu a outra janela mais alta que a torre tinha,  
 Foi a dar com a seu pai à janela da cozinha.  
 – Ó meu pai que Deus me deu, dê-me uma pinguinha d'água,  
 Que eu à fome não morria, mas à sede eu estalava.  
 Corram todos, meus criados, a dar água à Adelina,  
 O primeiro que lá chegar casará com filha minha.  
 O primeiro que lá chegou foi o senhor D. Constante.  
 Adelina fechou os olhos e morreu nesse instante.  
 – Adelina não tem sede, Adelina não quer água.  
 Tem sete anjos à cabeceira, sete anjos a acompanhá-la.

## 588 | ALDININHA

IGR 0075 / RPI P2

♩ = 62    §

Al - di - ni - nha, Al - di - ni - nha, se quer's ser mi - nha ma - dri - nha, Eu de  
 4 oi - ro te ves - ti - a e de pra - ta te cal - ça - va. O pai  
 6 de - la as - sim que o sou - be, não man - dou fá - zer mais na - da, Man - dou  
 8 fa - zer u - ma tor - re pa - ra Al - di - nha es - tar fe - cha da. (Oi - to...)

Fim    Ao §

Versão de Penamacor, recitada / cantada por Maria de Fátima Lopes Crucho Gerales, de 79 anos. Recolha feita em 16.7.2024 / 7.11.2024 por Gorete de Brito.

Nota: A melodia está em Dó Maior e é completamente diatónica. A interpretação não tem ornamentos e as paragens só aconteceram só por causa de uma respiração um bocado lenta (é uma peça aparentemente com frases continuadas, sem pausas, o que dificulta a execução) ou hesitações com a letra. A informante aprendeu a versão com 7-8 anos no Patronato do Imaculado Coração de Maria, em Penamacor.

– Aldininha, Aldininha, se queres ser minha madrinha,  
 Eu de oiro te vestia e de prata te calçava.  
 O pai dela, assim que o soube, não mandou fazer mais nada,  
 Mandou fazer uma torre para a Aldininha estar fechada,  
 Oito dias, oito noites, sem comer, sem beber nada.  
 Ao fim de uns oito dias [já] a sede lhe apertava.  
 Chegou à primeira janela mais alta que a torre tinha,  
 Lá estava a sua irmã na soleira da cozinha.  
 – Ó irmã que Deus me deu para minha feliz sorte,  
 Dá-me uma pinguinha d'água que eu estou nas ânsias da morte.  
 – Dava, dava, irmã minha, mas eu não [te] posso dar,  
 Porque o pai deixou-me escrito que o pescoço me cortava.  
 Subiu à segunda janela mais alta que a torre tinha,  
 Lá estava a sua mãe à soleira da cozinha.  
 – Ó mãe que Deus me deu para minha feliz sorte,  
 – Dá-me uma pinguinha d'água que eu estou nas ânsias da morte.  
 – Dava, dava, filha minha, [.....]  
 Que o teu pai deixou-me escrito que o pescoço me cortava.  
 Subiu à terceira janela mais alta que a torre tinha,  
 Lá estava o seu papá a escrever na escrivania.  
 – Ó papá que Deus me deu para minha feliz sorte,  
 Dá-me uma pinguinha d'água que eu estou nas ânsias da morte.  
 – Corram, criados e criadas a acudir à Aldininha,  
 Quem lá chegar primeiro casará com filha minha.  
 Quando lá chegaram todos já a Aldininha estava morta,  
 Com uma pia d'água aos pés e os anjos de roda, em volta.



## 589 | A BELA INFANTA (1)

IGR 0113 / RPI II

♩ = 73

Es - ta - va a be - la in - fan - te no seu jar - dim as - sen - ta - da. Com  
um pen - te d'oi - ro fi - no, seus ca - be - los pen - te - a - va. Dei -  
-tou os o - lhos ao mar viu vir um - a gran - de ar - ma - da. Ca -  
-pi - tão que ne - la vi - nha, mui - to bem a go - ver - na - va. (Di...)

Versão de Pedrógão de São Pedro, cantada por Lurdes Torrão, de 75 anos. Recolha feita em abril 2020 por Rosa Gonçalves.

Nota: A melodia está em Si menor e é completamente diatónica. A interpretação é bastante simples, só com alguns portamentos que enfatizam algumas notas. A estrutura começa com uma primeira estrofe ligeiramente diferente das outras estrofes, iguais à segunda (a qual começa no compasso 10). No final da interpretação, a informante repete duas vezes a última frase musical (compassos 14-17), como remate (o qual não se incluiu na transcrição para simplificar).

Estava a bela infante no seu jardim assentada.  
Com um pente d'oiro fino, seus cabelos penteava.  
Deitou os olhos ao mar, viu vir uma grande armada.  
Capitão que nela vinha, muito bem a governava.  
– Dizei-me vós capitão, dessa tão formosa armada,  
Se vistes o meu marido na terra que Deus pisava.  
– Anda tanto cavaleiro nessa terra consagrada...  
Mas dizei-me vós senhora, os sinais que ele levava.  
– Levava cavalo branco, selim de prata doirada;  
Na ponta da sua lança, uma fita encarnada.  
– Com os sinais que dizeis, tal cavaleiro não vi.  
Mas quanto dareis, senhora, a quem o trouxera aqui?  
– Dera-te tanto dinheiro que não tem conto nem fim,  
E as telhas do meu telhado, que são de oiro e marfim.

– Guardai lá vosso dinheiro, não me pertence a mim.  
Mas quanto dareis, senhora, a quem o trouxera aqui?  
– Das três filhas que eu tenho, eu te darei a escolher.  
São formosas como a lua, como o sol a amanhecer.  
– Guarda lá as tuas filhas, não me pertencem a mim.  
Mas quanto dareis, senhora, a quem o trouxera aqui?  
– Não tenho mais que te dar, nem tu mais que me pedir.  
– Ainda tens mais que me dar, não estejas a mentir.  
Este é o leito de oiro fino onde eu quisera dormir. (bis)  
– Cavaleiro que tal diz merece ser castigado.  
Vinde cá ó meus criados, castigai este soldado.  
– Não chames os teus criados, que os criados são de mim.  
– Se tu és o meu marido, porque me falas assim?  
– P'ra ver se me eras leal é que eu disfarçado vim.  
Deste anel de sete pedras que eu contigo reparti,  
Que é da outra metade, pois a minha vê-la aqui.  
– Vinde cá ó minhas filhas, que o vosso pai é chegado.  
Abra-se o nobre portão há tantos anos fechado.  
Vamos dar graças a Deus, graças a Deus consagrado.

## 590 | A BELA INFANTA (2)

IGR 0113 / RPI II

Versão de Penha Garcia, recitado por Rita Isabel Borrego Correia, de 32 anos. Recolha feita em Penamacor a 3.9.2024 por Gorete de Brito. [A informante recolheu esta versão dos avós quando tinha 10 anos e passou-a a escrito quando frequentava o 5º ano de escolaridade.]

Estava a Bela Infanta no seu jardim assentada,  
Com um pente de oiro fino seus belos cabelos penteava.  
Deitou os olhos ao mar viu vir uma grande armada.  
Capitão que nela vinha muito bem a governava.  
– Dizei-me vós capitão, dessa tão formosa armada,  
Se vistes o meu marido na terra que Deus pisava.  
– Anda tanto cavaleiro naquela terra sagrada...  
Mas dizei-me vós senhora, os sinais que ele levava.  
– Levava cavalo branco, selim de prata dourada,  
Na ponta da sua lança a cruz de Cristo levava.  
– Com os sinais que dizeis, tal cavaleiro não vi.

Mas quanto dareis, senhora, a quem o trouxe aqui?  
– Daria tanto dinheiro que não tem conto nem fim.  
E as telhas do meu telhado que são de ouro e marfim.  
– Guardai lá vosso dinheiro e as telhas de ouro e marfim,  
Vosso marido aqui está, reparai bem para mim.  
Este anel de sete pedras, que eu convosco reparti,  
Que é dela, a outra metade, pois a minha vê-la aqui.  
– Vinde cá ó minhas filhas, que o vosso pai é chegado,  
Abre-se o nobre portão há tanto tempo fechado.  
Vamos dar graças a Deus, graças a Deus consagrado.

### 591 | D. SUSANA

IGR 0113 / RPI II

.....  
**Versão de Quadrazais** (Sabugal), recitada por Florinda de Jesus Esteves, 84 anos. Recolha feita em Penamacor em 4.8.2024 por Gorete de Brito.

.....  
Estava Dona Susana na sua janela assentada,  
Com seu pente de ouro fino seu cabelo penteava.  
Deitou os olhos ao mar, viu lá vir uma grande armada.  
Capitão que nela vinha, muito bem a governava.  
– Dizei-me vós, capitão, dessa tão linda armada,  
Se *vísteis* o meu marido nas terras que Deus pisava.  
– Mas dizei-me vós senhora os sinais que ele levava.  
– Levava cavalo branco, selim de prata dourada,  
Na ponta da sua lança, a cruz de Cristo levava.  
– P'los sinais que vós me dais, tal cavaleiro não vi,  
Que daríeis vós senhora a quem o trouxera aqui?  
– Daria tanto dinheiro que não tem conto nem fim,  
As telhas do meu telhado que são de ouro e marfim.  
– Guardai o vosso dinheiro e as telhas de ouro e marfim,  
O vosso marido está aqui: olhai bem para mim!  
O anel das sete pedras que eu contigo reparti,  
Que é da tua metade, que a minha vê-la aqui?  
– Andai cá ó minhas filhas, o vosso pai é chegado,  
Vamos dar graças a Deus, graças a Deus consagrado.

### 592 | A RAINHA E A SUA ESCRAVA

IGR 0136 / RPI HI

.....  
**Versão de Penha Garcia**, recitado por Rita Isabel Borrego Correia, de 32 anos. Recolha feita em Penamacor a 3.9.2024 por Gorete de Brito. [A informante recolheu esta versão dos avós quando tinha 10 anos e passou-a a escrito quando frequentava o 5º ano de escolaridade.]

.....  
– À guerra, à guerra, mourinhos! Quero uma cristã cativa.  
Uns vão pelo mar abaixo, outros pela terra acima.  
– Venha uma cristã cativa, que é para a nossa rainha.  
Uns vão pelo mar abaixo, outros pela terra acima.  
Os que foram mar abaixo não encontraram cativa.  
Tiveram melhor fortuna os que foram terra acima.  
Deram com o Conde Flores que vinha da romaria.  
Vinha lá de Santiago, Santiago de Galiza.  
Mataram o Conde Flores, a Condessa foi cativa.  
A rainha mal que o soube, ao caminho lhe saía.  
– Em boa hora venha a escrava, boa seja a sua vinda.  
Aqui lhe entrego estas chaves da despensa e da cozinha.  
Que não me fio de mouros, não me deem feitiçaria.  
– Aceito as chaves, senhora, por grande desdita minha.  
Ontem Condessa jurada, hoje moça de cozinha.  
Duas irmãs que nós éramos, ambas de mouros cativas.  
– Diz-me tu, minha escrava, tua irmã que nome tinha?  
– Chamava-se Branca Rosa, Branca Flor de Alexandria.  
Foi cativada de mouros dia de Páscoa florida.  
Andava apanhando rosas num rosal que meu pai tinha.  
– Ai, triste de mim, coitada, ai, triste de mim, mofina!  
Mandei buscar uma escrava e trouxeram uma irmã minha.  
Deram beijos e abraços e uma à outra dizia:  
– Quem se vir em Portugal, terra de Deus bem dizia.  
Juntaram muita riqueza de ouro e de pedraria.  
Uma noite abençoada fugiram da mouraria.  
Foram ter à sua terra, terra de Santa Maria.  
Meteram-se num mosteiro onde professam um dia.

## 593 | O SENHOR DOM GATO

IGR 0144 / RPI W1

♩ = 76 %

Es - tan-do\_o se - nhor Dom Ga - to, Es - tan-do\_o se - nhor Dom  
 5 Ga - to sen - ta'o na su - a ca - dei - ra. Re - nhau, nhau, nhau,  
 8 nhau, re-nhau, nhau, nhau, nhau. Trou - xe-ram-lhe\_a no - vi - da - de, Trou - xe-ram-lhe\_a no - vi -  
 13 da-de que\_ha - vi-a-de ser ca - sa-do. Re-nhau, nhau, nhau, nhau, re-nhau, nhau, nhau, nhau. (O...) Fim Do % ao fin

Versão de Penamacor, cantado por Maria Luísa da Conceição Furtado, de 90 anos. Recolha feita em 29.02.2024 por Gorete de Brito.

Nota: A melodia está em Fá menor e é diatónica em geral, pois só tem uma alteração no compasso 15 (o Lá natural, mudando fugazmente para Maior a tonalidade). A estrutura é uma frase musical que se repete, mas com variações nas estrofes pares, por isso foi utilizado o itálico, para assim distinguí-las melhor. Esta canção infantil também existe em Espanha, com uma história muito similar e o mesmo tipo de andamento, mas em 4/4 e com uma outra melodia. Também as onomatopeias são diferentes (em espanhol diz-se marramiamiau miau miau).

Estando o senhor Dom Gato sentado na sua cadeira.

*Renhau, nhau, nhau, nhau, nhau (bis)*

Trouxeram-lhe a novidade (bis) que havia de ser casado.

*Renhau, nhau, nhau, nhau, nhau (bis)*

O gato, de tanto rir (bis), caiu da cadeira a baixo.

*Renhau, nhau, nhau, nhau, nhau (bis)*

E partiu uma costela (bis) e a pontinha do rabo.

*Renhau, nhau, nhau, nhau, nhau (bis)*

## 594 | PARTO EM TERRAS LONGÍNQUAS

IGR 0155 / RPI L2

♩ = 70

Já os ga - los can - tam, ó meu a - mor vai - - - - te! On-de é que eu hei  
 4 de\_ir\_3 co - ra - ção dei - xar - te! Con - for - ta - te\_ó  
 6 Le - van - te - se\_ó so - gra, dei - xe\_o bom dor - mi - - - - re, Es - tá\_a Ro - sa  
 9 Bran - ca com dores de par - ti - - - - re. D.C.

Versão de Águas, cantada por Maria de Lurdes Ramos Leitão Lourenço, de 75 anos. Recolha feita em 17.07.2024 por Gorete de Brito.

Nota: A melodia está em Mi menor e é diatónica em geral, mas no compasso 4 faz Ré# (3ª Maior do acorde dominante da tonalidade). Na segunda parte, muda no compasso 6 a Mi maior, mas só para dar a sensação dominante para a harmonia seguinte (acorde de Lá menor). A interpretação das estrofes foi irregular, por exemplo, na repetição da segunda estrutura, a intérprete cantou a letra com a melodia da primeira parte, mas foi escrito como repetição melódica por uma questão estrutural.

- Já os galos cantam, ó meu amor, vai-te!
- Onde é que eu hei de ir, coração, deixar-te?
- Uma mãe que tens, vai-ma lá chamare,
- As dores me apertam, estou-me a acabare.
- Conforta-te ó Rosa com a Virgem Maria,
- Minha mãe não está, está p'rá romaria.
- A irmã que tens, vai-a lá chamare,
- As dores me apertam, estou m'acabare.
- Quer partir que parta e torne a partire,
- Que arrebente logo, mais o que há de vire.
- Conforta-te ó Rosa com a Virgem Maria,
- Por onde está a mãe, está [também] a filha.
- Uma mãe que eu tenho, vai-a lá chamare,

As dores me apertam, e estou a acabare.  
– Levante-se ó sogra, deixe o bom dormire,  
Está a Rosa Branca com dores de partire. (bis)  
– Espera aí meu genro, espera um bocadinho,  
Enquanto eu ponho o meu triste xalinho;  
Espera aí meu genro, espera um bocado,  
Enquanto eu calço o meu triste calçado.  
– Pastores da serra, que toque é aquele?  
– Foi uma pobre Rosa que morreu de parto,  
Por sogra e cunhada, por falta de trato.  
– Mães que tendes filhas, casai-as na terra,  
Que eu só tinha uma e já fiquei sem ela. (bis)

## 595 | ROSA BRANCA

IGR 0155 / RPI L2

Versão de **Pedrógão de São Pedro** recitada por Lurdes Torrão, de 75 anos. Recolha feita em 7.8. 2024 por Rosa Gonçalves.

Rosa Branca estava com dores de parto. E então estava sozinha com o marido. E dizia-lhe assim:

– Uma mãe que tens, vai-ma lá chamar,  
Que está Rosa Branca com dores a acabar.  
– Levante-se minha mãe se está a dormir,  
Está Rosa Branca com dores a partir.  
– Se partir que parta, seja um varão,  
Que rebente logo pelo coração.  
– Consola-te ó Rosa com a Virgem Maria,  
Minha mãe não está lá, está prá romaria.  
– Uma irmã que tens, vai-ma lá chamar,  
Que está Rosa Branca com dores a acabar.  
– Levanta-te minha irmã se estás a dormir,  
Que está Rosa Branca com dores a partir.  
– Se partir que parta, seja uma menina,  
Que rebente logo a mãe e a filha.  
– Consola-te ó Rosa com a Virgem Maria,  
Para onde foi a mãe foi também a filha.

(Com falta de socorro, a Rosa Branca morreu. Mas aqui ainda continua, eu é que não sei.)

## 596 | ROSA BRANCA ESTÁ PARA PARIR

IGR 0155 / RPI L2

Versão de **Aranhas** recitada por Isabel Borrega Flores, de 81 anos. Recolha feita em 21.8. 2024 por Gorete de Brito.

– Uma sogra que eu tenho, vai-ma lá chamar,  
As dores são tantas, me estão a finar.  
– Levante-se minha mãe, d'esse seu dormir,  
Que a Rosa Branca está para parir.  
– Está para parir, que seja um varão,  
Que arrebente logo pelo coração.  
– Conforta-te ó Rosa com a Virgem Maria,  
Ela não está lá, foi prá romaria.  
– Uma cunhada que eu tenho, vai-ma lá chamar,  
As dores são tantas, me estão a finar.  
– Levanta-te minha irmã desse teu dormir,  
Que a Rosa Branca está para parir.  
– Está para parir, seja uma menina,  
Que arrebente logo, morra mãe e filha.  
– Conforta-te ó Rosa com a Virgem Maria,  
Onde foi a mãe, está também a filha.  
– Uma mãe que eu tenho, vai-ma lá chamar,  
As dores são tantas, me estão a finar.  
– Levante-se minha sogra desse seu dormir,  
Que a Rosa Branca está para parir.  
– Espera aí ó meu genro, que me vou a preparar,  
Vamos depressa, antes que a Rosa vá a acabar.  
– Ó meu querido genro, põe a água a aquecer,  
Que a Rosa Branca já está para morrer.

## 597 | MORENINHA

IGR 0167 / RPI M3

Versão de Penamacor recitada por Maria Isabel Firme Canaveira, de 80 anos. Recolha feita em 30.07.2024 por Gorete de Brito.

– Moreninha chega à porta, chega à porta ou à janela;  
Quero ver a tua cama, se cabemos os dois nela.  
– Minha porta não se abre, está fechada ao cadeado,  
Tenho o meu menino ao peito, meu marido a meu lado.  
Levanta-te ó meu marido, vai fazer a tua caçada,  
Olha que os melhores coelhos saem pela madrugada.  
Seu marido se levantou, foi fazer a sua caçada,  
Lá pela noite adiante sua mulher espreitava.  
– Onde vens ó mulher minha, que vens tão bem preparada?  
– Venho do Alto de São João, de ouvir missa cantada.  
– Toma lá esta facada ao lado do coração,  
Para que nunca mais voltes ao Alto do São João.  
– Não me importa que me mates nem que me tires a vida,  
Só me importa dos meus filhos que choram pela mãe querida.  
– Não te importes dos teus filhos, nem te debes de importar,  
Que cá fica o pai querido a acabá-los de criar.

## 598 | ANINHA

IGR 0169 / RPI H2

Versão de Quadrazais (Sabugal), recitada por Florinda de Jesus Esteves, 84 anos. Recolha feita em Penamacor em 4.8.2024 por Gorete de Brito.

– Afasta-te daí Aninha, afasta-te Aninha minha,  
Deixa beber o meu cavalo nestas águas cristalinas.  
– Eu não sou a tua Aninha nem tampouco Aninha tua,  
Me trouxeram os Mouros, de tão pequenina Aninha.  
As colchas de renda e seda puseram na cavalaria,  
As que não prestavam p'ra nada, água clara as levaria.  
Montou-a no seu cavalo, começaram a caminhar.  
Chegando ao meio do caminho, Aninha começa a chorar.  
– Porque *lloras*<sup>01</sup> tu Aninha, porque *lloras* Aninha minha?

01 Em castelhano = choras.

– Quando eu aqui passava [.....]  
Com *mi padre e mi madre e mi mano* Adriano em companhia.  
– Ai, Jesus, valha-me Deus, valha-me Santa Maria!  
Pensava que eras *mi novia*<sup>02</sup>, e eras irmãzita minha.  
Abram as portas das Sés, clarezas da galantaria,  
Que eu lhe trago o seu tesouro, por quem *llorou* noite e dia.  
(Era... os mouros tinham roubado a filha aos pais. E então o filho foi encontrá-la no rio, a lavar. Depois de moça... era pequeninha quando a roubaram. Mas eu já não a conto assim muito bem.)

## 599 | LÁ VEM JORGE (I)

IGR 0172 / RPI N1



Musical notation for "Lá vem Jorge (I)". The piece is in 3/4 time with a tempo of 120 bpm. The melody is in Lá menor. The lyrics are: Lá vem Jo-res, lá vem Jo-res, ai no seu ca-va-lo mon-ta-do. Ai bom di-a ó Ju-li-e-ta, ai co-mo por cá tens pas-sa-do? (Já...)

Versão de Águas, cantada por Maria de Lurdes Ramos Leitão Lourenço, de 75 anos. Recolha feita em 17.07.2024 por Gorete de Brito.

Nota: A melodia está em Lá menor e só tem uma alteração no compasso 8 (Sol#, que é a 3ª Maior do acorde dominante da tonalidade). A interpretação é suave e com alguns adornos que lhe dão muita expressividade.

Lá vem Jores, lá vem *Jores*, (ai) no seu cavalo montado.  
– (ai) Bom dia ó Julieta, (ai) como por cá tens passado?  
– Já cá tenho por notícia (ai) que tu te vais a casare.  
– (ai) É verdade ó Julieta, (ai) já te venho a convidare.  
Já te venho a convidare (ai) para seres minha madrinha.  
(ai) P'ra comeres um bom jantare (ai) a meu lado sentadinha.  
– Espera *Jores*, espera, (ai) enquanto eu subo ao sobrado,  
(ai) Buscar-t'um copo de vinho (ai) que pra ti estava guardado.

02 Em castelhano = minha namorada.



– Que fizestes tu ao copo (ai) que *fezestes* tu ao vinho?  
 (ai) Ainda agora estava bom (ai) eu já não vejo o caminho.  
 – Quando sua mãe pensava (ai) que tinha seu filho vivo.  
 – (ai) Também a minha pensava (ai) que tu casavas comigo.  
 Agora nem tu nem eu (ai) nem a filha da Rainha, (bis)  
 (ai) Tu vais pra baixo da terra (ai) eu cá fico solteirinha.  
 – Se eu morrer ó Julieta (ai) enterra-me em terra sagrada, (bis)  
 (ai) Ao fundo do teu jardim (ai) onde fostes a minha amada. (bis)  
 Ali está um lírio branco (ai) ao pé do outro encarnado, (bis)  
 (ai) Para quem passar que leia (ai) morreu *Jores* envenenado. (bis)

## 600 | LÁ VEM JORGE (2)

IGR 0172 / RPI N1

$\text{♩} = 100$   $\%$   
 Lá vem Jor - ge, lá vem Jor - ge, no seu ca - va - lo a-mon - ta - do. Bom  
 6  
 di - a ó Ju - li - e - ta co - mo es - tás, com' tens pas - sa - do? Lá vem  
 10  
 Jor - ge, lá vem Jor - ge, no seu ca - va - lo a-mon - ta - do. Bom  
 14  
 di - a ó Ju - li - e - ta, co - mo es - tás, com' tens pas - sa - do? (Já cá...)  $\text{Fim}$   $\text{Ao } \%$

Versão de Penamacor, cantada por Germano Manteigas Afonso Fidalgo, de 87 anos. Recolha feita em 21.07.2024 por Gorete de Brito.

Nota: A melodia está em Mi Maior e é completamente diatónica. Esta versão deste tema é muito diferente de "Lá vem Jorge (1)": aquela está em modo menor e esta em modo Maior, aquela está em 3/4 e esta em 2/4, aquela tem um tom mais dramático e esta um tom mais animado. A pauta está em clave de Fá, pois o intérprete possui uma voz masculina nesta amplitude vocal.

Lá vem Jorge, lá vem Jorge, no seu cavalo amontado.  
 – Bom dia ó Julieta, como estás, como tens passado? (bis)  
 – Já cá tenho por notícia que tu te vais a casare.  
 – É verdade ó Julieta, já te venho a convidare,  
 P'ra comeres um bom jantar sentadinha a meu lado.  
 – Espera aí ó Jorge, espera, enquanto eu subo ao sobrado,  
 Buscar-te um copo de vinho que p'ra ti estava guardado.  
 – Que fizestes tu ao copo, que fizestes tu ao vinho?  
 Ainda agora estava bom, já não vejo o meu caminho. (bis)  
 – Também sua mãe pensava que tinha o seu filho vivo,  
 Também a minha pensava que o Jorge casava comigo.  
 E agora nem tu, nem eu, nem a filha da Rainha,  
 Tu vais pra baixo da terra e eu cá fico solteirinha. (bis)  
 – Onde vais ó Julieta que vais tão triste a chorar?  
 – Vou ao enterro do Jorge, que está o sino a tocar. (bis)

## 601 | LÁ VEM JORGE (3)

IGR 0172 / RPI N1

Versão de Aranhas, recitada por Isabel Borrega Flores, de 81 anos. Recolha feita em 3.8.2024 por Gorete de Brito.

– Minha mãe lá vem o Jorge no seu cavalo amontado,  
 Ele vem para me enganar, ele é que há de ir enganado.  
 – Boas tardes, ó Juliana, boas terdes te venho a dar.  
 – Já cá tenho por notícias que já te vais a casar.  
 – É verdade, ó Juliana, eu te venho a convidar.  
 Eu te venho a convidar para o dia do meu noivado,  
 Para comeres um bom jantar, sentadinha a meu lado.  
 – Espera, Jorge, espera, enquanto vou ao sobrado,  
 Buscar um copo de vinho que para ti está guardado.  
 – Que fizestes tu ao copo, que fizestes tu ao vinho,  
 Ainda agora estava bom, já não vejo o meu caminho.  
 Quando a minha mãe julgava que tinha o seu filho vivo.  
 – Também a minha pensava que tu casasses comigo.  
 Agora, nem tu, nem eu, nem a filha da rainha,  
 Tu vais para debaixo da terra e eu cá fico solteirinha.  
 – Solteirinha, dá-te ao mundo, não queiras morrer donzela,  
 Não queiras levar o teu luto para debaixo da terra.



## 602 | LÁ VEM JORGE (4)

IGR 0172 / RPI N1

Versão de Penamacor, recitada por Maria Isabel Firme Canaveira, de 80 anos. Recolha feita em 30.07.2024 por Gorete de Brito.

Lá vem Jorge, lá vem Jorge, no seu cavalo amontado:

- Bom dia, ó Juliana, como estás, como tens passado?
  - Já cá tenho por notícia que já te vais a casar.
  - É verdade, ó Juliana, já te venho a convidar.
  - Espera aí um bocadinho, enquanto eu subo ao sobrado, Buscar-te um copo de vinho que p'ra ti tenho guardado.
  - Que fizestes tu ao copo, que fizestes tu ao vinho?
- Ainda agora estava bom, já não vejo o meu caminho.  
Mal dissera a minha mãe que tinha o seu filho vivo.
- Também a minha dizia que tu casavas comigo.

## 603 | DOM JORGE

IGR 0172 / RPI N1

Versão de Benquerença, recitado por Joaquina Costa, de 93 anos. Recolha feita em 1.8.2024 por Gorete de Brito.

Vindo Dom Jorge no seu cavalo amontado:

- Que tens tu ó Juliana que estás tão triste a pensar?
  - Já me vieram dizer que tu vais a casar.
  - É verdade, ó Juliana, com a filha da rainha;
- Venho-te convidar para seres minha madrinha.
- Espera aí ó Dom Jorge, espera aí um bocadinho, Que eu vou aí a cima, à sala, buscar-te um copo de vinho.
- Quando veio ela com o vinho, o Dom Jorge bebeu:
- Que fizeste, ó Juliana, que fizestes tu ao vinho?
- Que ainda agora o bebi, já não enxergo o caminho.
- Bebe, bebe, ó Dom Jorge, esse vinho da amargura, Que amanhã, por estas horas, estarás na sepultura.
- Foram dizer à sua mãe que o seu filho tinha morrido.
- Também a minha mãe dizia que o seu filho casava comigo.

## 604 | LEVIANA

IGR 0172 / RPI N1

♩ = 60

port. port.

5

'Sta - te com Deus, Le-vi - a\_\_\_ na, mais quem tens no teu re - ga\_\_ lo.

D.C.

Vem-te com Deus ó Em-bró-sio, vem-te com Deus ó Em-bró-sio, a ca-va-lo, teu ca - va-lo.

Versão de Pedrógão de São Pedro, cantada por Lurdes Torrão, de 75 anos. Recolha feita em abril 2020 por Rosa Gonçalves.

Nota: A melodia está em Sib menor e é diatónica em geral, exceto nos dois últimos compassos, nos quais aparece o Lá natural (a sensível da tonalidade). A estrutura tem uma primeira parte mais calma e com alguns portamentos que destacámos; a segunda parte está ligeiramente acelerada, mas com algumas paragens que lhe dão repouso e expressividade à interpretação, parando no nome Embrósio, dando-lhe desta forma certo ênfase.

- Está-te com Deus, Leviana, mais quem tens no teu regalo. (bis)
  - Vem-te com Deus ó Embrósio (bis), a cavalo no teu cavalo.
  - Quem te disse, Leviana, que eu que me ia a casar? (bis)
- Quem to disse não mentiu (bis), venho-te a convidar.  
Amanhã por esta hora (bis), se me quiseres acompanhar.
- Desce-te do cavalo, Embrósio, vamos falar devagar. (bis)
- Quero te dar do meu pão alvo (bis), e do meu vinho a provar.
- Que me destes, Leviana, que me destes tu no vinho? (bis)
- Estou com a rédea na mão (bis), não vejo o meu cavalinho.  
Vai-te cavalinho, vai-te, não julgues que é brincadeira.  
Vai dizer à minha mãe (bis), que eu estou ao fundo da carvalheira.  
Que me traga uma toalha, com ela me quero cobrir.  
E que me traga a minha amada (bis), dela me quero despedir.

## 605 | O SOLDADINHO NOVO

IGR 0176 / RPI J4

Versão de Pedrógão de São Pedro, recitada por Lurdes Torrão, de 75 anos. Recolha feita em 24.7.2024 por Rosa Gonçalves.

- O que tens soldadinho novo que tão triste andas na guerra.  
Ou te morreu pai ou mãe ou gente da tua terra.
- Não me morreu pai nem mãe nem gente da minha terra,  
Lembra-me da minha amada, que a deixei moça e donzela.
- Sete anos te darei p'ra ires casar com ela.  
E no fim dos sete anos, soldadinho voltou à guerra.

## 606 | O SOLDADO

IGR 0176 / RPI J4

Versão de Quadrazais (Sabugal), recitada por Florinda de Jesus Esteves, 84 anos. Recolha feita em Penamacor em 4.8.2024 por Gorete de Brito.

- O que tens ó soldadinho que andas tão triste na guerra.  
Ou te lembra pai ou mãe ou gente da tua terra.
- Não me lembra pai nem mãe nem gente da minha terra,  
Só me lembra a namorada, que era bonita donzela.
- Tanto linda é essa donzela que tanto recordas dela?  
– Se *ustés*<sup>03</sup> a querem ver, uma foto trago dela.  
*Mira*<sup>04</sup> se seria *guapa*<sup>05</sup>, *mira* se seria bela,  
Até o próprio capitão já se enamorava dela.
- *Coje la licencia*<sup>06</sup> e vai-te para o lado dessa donzela,  
Por um soldado a menos não se vai perder a guerra.
- *Mi* porta no se abre a *nada*<sup>07</sup>, que mi marido está em la guerra.
- Abre-me *la* porta *su*, abre-me la porta estrela.  
Por *tu* cara tão divina mais *lo* brado de *la* guerra.  
Ali foram *los* abraços, ali foram los suspiros.  
Ali foram *los* carinhos do matrimónio querido.

03 Em castelhano = vocês.

04 Em castelhano = olha.

05 Em castelhano = bonita.

06 Em castelhano = toma a autorização.

07 Em castelhano = ninguém.

## 607 | O TRISTE CEGO

IGR 0189 / RPI O3

♩ = 55

E - ra me - ia noi - te quan - do, o ce - go ve - io, Deu três pan - ca

di - nhas na por - ta do me - io. E - ra me - ia noi - te quan - do, o ce - go

ve - io Deu três pan - ca di - nhas na por - ta do me - io. (Na por - ta do...)

Versão de Meimoa, cantada por coletivo feminino. Recolha feita em 24.7.2024 por Gorete de Brito e Maria João Cabanas.

Nota: A melodia está em Mi menor e é diatónica em geral. Só tem uma alteração no compasso 8 (a nota Ré#, que é a 3ª do acorde de Si Maior, marcando assim a cadência do grau dominante para o de tónica). A interpretação é enérgica, sóbria, sem ornamentos, e a estrutura tem sempre dois versos do poema com uma melodia introdutória que depois são repetidos, mas com uma outra melodia mais enérgica e aguda, o qual dá uma sensação de reafirmação da mensagem. Os acentos no tempo forte estão bastante marcados pelas intérpretes, exceto no último fraseio (compassos 8 e 9).

- Era meia noite quando o cego veio  
Deu três pancadinhas na porta do meio. (bis)
- Na porta do meio, na porta da rua,  
Era meia noite, já fazia lua. (bis)
- Acorda minha mãe, acorda, se estás a dormir.  
Vem ouvir o cego cantar e pedir. (bis)
- Se ele canta e pede, dá-lhe pão e vinho,  
E se não quiser que siga o caminho. (bis)
- Não quero o seu pão, nem quero o seu vinho;  
Quero que a Rosinha me ensine o caminho. (bis)
- Pega, minha filha, na roca e no linho  
E ensina ao cego o lindo caminho. (bis)
- Despegou-se a roca, acabou-se o linho,  
Adiante, cego, lá vai o caminho. (bis)
- Anda ó Rosinha mais um bocadinho,

Sou um triste cego, não vejo o caminho. (bis)  
Anda ó Rosinha, mais aqui, mais além,  
Sou um triste cego, não vejo ninguém. (bis)  
– Nunca vi um cego com tanta valia.  
Uma espada de ouro à cinta trazia. (bis)  
– A espada é tua, a cinta é a minha,  
Sê minha mulher coroada rainha. (bis)  
– Adeus minha casa, ó meus olivais,  
Adeus minha mãe, para nunca mais!  
Adeus minha casa e ó linda janela,  
Adeus minha mãe, tão falsa me eras.

## 608 | DONZELA GUERREIRA

IGR 0231 / RPI X5

.....  
**Versão de Aranhas**, recitada por Isabel Borrega Flores, de 81 anos. Recolha feita em 14.08.2024 em Penamacor por Gorete de Brito.

.....  
– Maldita sejas, mulher, mais a tua geração,  
De sete filhas que tens, nenhuma saiu varão.  
– Cale-se aí, ó meu pai, não pragueje a geração,  
A sua filha mais nova à guerra vai de varão.  
– Tens um cabelo muito grande, filha, a conhecer-te vão.  
– Eu agarro uma tesoura, eu o deitarei ao chão.  
– Maldita sejas, mulher, mais a tua geração,  
De sete filhas que tens, nenhuma saiu varão.  
– Já lhe disse, ó meu pai, não pragueje a geração,  
A sua filha mais nova à guerra vai de varão.  
– Tens os olhos salgueirinhos, filha, a conhecer-te vão.  
– Eu quando passar pelos homens, eu os deitarei ao chão.  
– Tens os peitos muito grandes, filha, a conhecer-te vão.  
– Os alfaiates fazem fatos que os metem no coração.  
– Eu morro, minha mãe, eu morro, eu morro é de paixão,  
Os olhos de Leonardo são de mulher, de homem não.  
– Ó filho, se tu queres saber, convida-o para o jantar,  
Se ela for mulher, no mais baixo se vai sentar.  
– Eu morro, minha mãe, eu morro, eu morro é de paixão,

Os olhos de Leonardo são de mulher, [de homem] não.  
– Filho, se tu queres saber, convida-o para nadar,  
Se ela for mulher, ou homem, há de se negar.  
– Papéis me vêm a avoar, cartas me vêm a chamar,  
Minha mãe está a morrer, o meu pai está a acabar.  
Sete anos andei na guerra com o filho de um capitão,  
Sem nunca me conhecer se eu era mulher ou varão.

## 609 | OS OLHOS DO LEONARDO

IGR 0231 / RPI X5

.....  
**Versão de Penha Garcia**, recitado por Rita Isabel Borrego Correia, de 32 anos. Recolha feita em Penamacor a 3.9.2024 por Gorete de Brito. [A informante recolheu esta versão dos avós quando tinha 10 anos e passou-a a escrito quando frequentava o 5º ano de escolaridade.]

.....  
Mal hajas tu, Maria, mais a tua geração,  
De sete filhas que temos, nenhuma saiu varão.  
– Cale-se aí, meu pai, não me rogue a maldição.  
Merque-me um cavalo e espada que eu serei varão.  
– Tens um cabelo muito grande, filha, a conhecer-te vão.  
– Dai um pente e tesoura que eu os deitarei ao chão.  
– Tens as faces muito mimosas, filha, a conhecer-te vão.  
– Lá vão ventos e geadas que elas se me queimarão.  
– Tens os peitos muito grandes, filha, a conhecer-te vão.  
– Eu tanto os apertarei que os meterei no coração.  
– Tens os pés muito pequeninos, filha, a conhecer-te vão.  
– Vossemecê merca-me umas botas, que eu as encherei de algodão.  
Sete anos andei na guerra com o filho do capitão.  
Para pescar de saber se [eu] era mulher ou não:  
– Ai, minha mãe, eu morro, eu morro do coração,  
Os olhos do Leonardo são de mulher e de homem não.  
– Se queres saber se é mulher, chama-a [para] contigo jantar,  
Porque se ela mulher for, no baixo se há de sentar.  
Leonardo, avisado, no mais alto se assentou,  
Ainda pôs o seu capote e ainda mais alto ficou.  
– Ó minha mãe, eu morro, eu morro do coração,  
Os olhos do Leonardo são de mulher e de homem não.

– Se queres saber se é mulher, chama-a contigo a uma tenda,  
 Porque se ela mulher for, há de [se] agradar da renda.  
 – Olha que lindas rendinhas para uma moça trajar,  
 Olha que lindas espadas para na guerra guerrear.  
 – Ó minha mãe, eu morro, eu morro do coração,  
 Os olhos do Leonardo são de mulher e de homem não.  
 – Se queres saber se é mulher, chama-a contigo a dormir,  
 Porque se ela mulher for, não se há de querer despir.  
 – Eu tenho uma jura feita para perder ou ganhar,  
 Enquanto andasse na guerra minhas calças não tirar.  
 – Ó minha mãe, eu morro, eu morro do coração,  
 Os olhos do Leonardo são de mulher e de homem não.  
 – Se queres saber se é mulher, chama-a contigo a nadar,  
 Porque se ela mulher for, na água se há de afrontar.  
 Tinha uma bota calçada, a outra por descalçar:  
 – Chegaram-se agora cartas, cartas de grande pesar,  
 Que está a minha mãe morta, o meu pai está a acabar.  
 Anda p'ra cá companheiro se me queres acompanhar.  
 Sete anos andei na guerra com o filho do capitão,  
 Para pescar de saber se [eu] era mulher ou não.

## 610 | CLARALINDA

IGR 0234 / RPI MI

$\text{♩} = 105$

Cla - ra - lin - da, Cla - ra - lin - da, Cla - ra é lin - da co - mo o sol - Deixa -  
 6 - me dor - mir con - ti - go, nas pon - tas do teu len - ço - le. Deixa - so - le. Nas pon -  
 11 - tas do meu len - ço - le, ho - je sim, e a - ma - nhã não - Nas pon - não - Meu ma -  
 16 - ri - do não es - tá cá - 'sta p'rá fes - ta da As - sun - ção - Meu ma - ção (De quem...)

Versão de Águas, cantada por Maria de Lurdes Ramos Leitão Lourenço, de 75 anos. Recolha feita em 17.07.2024 por Gorete de Brito. [estrófico]

Nota: A melodia está em Fá# menor; não há mudanças de compasso, mas sim suspensões representadas com fermatas, causadas pela respiração e/ou pela ênfase nos finais das frases musicais. A primeira estrofe, que serve como pequena introdução, é a única que não se repete e tem uma melodia um pouco diferente às outras nos seus primeiros compassos.

– Claralinda, Claralinda, Claralinda como o sol,  
 Deixa-me dormir contigo, nas pontas do teu lençol. (bis)  
 – Nas pontas do meu lençol, hoje sim, amanhã não. (bis)  
 Meu marido não está cá, está p'rá festa da Assunção. (bis)  
 – De quem é aquele chapéu que além está pendurado? (bis)  
 – É para ti meu marido, que p'ra ti estava guardado. (bis)  
 – De quem é aquele cavalo, que na cav'laría guinchou? (bis)  
 – É para ti meu marido, foi teu pai que to cá deixou. (bis)  
 – Toma lá sete facadas debaixo do acipreste. (bis)  
 Vai dizer às tuas irmãs, que não façam o mesmo que tu fizeste. (bis)

## 611 | A NAU CATRINETA

IGR 0457 / RPI XI

Versão de Benquerença, recitada por Ana Mendes Ramos, de 88 anos. Recolha feita por Gorete de Brito em 26.07.2024.

Lá vem a nau Catrineta que tem muito que contar,  
Ouvi agora senhores uma história de pasmar.  
Passava mais de ano e dia que iam na volta do mar.  
Já não tinham que comer, já não tinham que manjar.  
Deitaram solas de molho para no outro dia jantar.  
As solas eram tão duras que não as puderam tragar.  
Deitaram sortes à ventura, qual se havia de matar.  
Logo foi cair a sorte no capitão general:  
– Sobe gajeirinho àquele monte real,  
Vê se vêes terras de Espanha, areias de Portugal.  
– Não vejo terras de Espanha nem areias de Portugal,  
Só vejo três meninas sentadas debaixo de um laranjal.  
– Todas três são minhas filhas, quem me as dera abraçar,  
A mais formosa de todas, contigo a hei de casar.  
– Não quero a vossa filha que vos custou a criar.  
– Dar-te-ei tanto dinheiro que não o saibas contar.  
– Não quero o teu dinheiro que to custou a ganhar.  
– Que queres tu, gajeirinho, que alvissaras te hei de dar?  
– Capitão quero a tua *ialma*, para comigo a levar.  
– Renega de mim demónio que me estás a atentar,  
A minha alma é só de Deus e o corpo dou ao mar.  
Tomou-o um anjo nos braços, não o deixou afogar.  
E a nau Catrineta, à noite, estava em terra a varar.

## 612 | QUE CAVALEIRO É AQUELE?

IGR 0559 / RPI I9

Versão de Aranhas, recitada por Isabel Borrega Flores, de 81 anos. Recolha feita por Gorete de Brito em 3.8.2024.

– Que cavaleiro é aquele que passeia ao meu quintal?  
Tenho filhos naturais que o podem mandar matar.  
– Como há de matar minha mãe a quem já deu de mamar?  
– Se tu és o meu filho, mostra-me o teu sinal.  
– Que é da minha esposa, mãe, que eu cá mandei guardar?  
– A tua querida esposa já se vai hoje a casar.  
– Dê-me cá o meu capote, meu chapéu de *balroar*,  
Já que não caso com ela quero ir a acompanhar.  
– Não vás lá tu, ó meu filho, que te podem mandar matar.  
– Não me matam, minha mãe, que eu hei de saber falar.  
Cá em baixo a porta grande, lá em cima o altar:  
– Alto, alto, meus padrinhos, este não é o meu par,  
Casa lá com quem quiseses, eu também me hei de casar.

# ROMANCES RELIGIOSOS

## 613 | SANTA TERESA DE JESUS

IGR 0126 / RPI U29

Versão de **Aldeia do Bispo**, recitada por Maria da Luz Esteves Robalo Azevedo, de 82 anos. Recolha feita em Aldeia do Bispo em 6.9.2024 por Gorete de Brito.

Santa Teresa de Jesus foi ao inferno em vida.  
Veio de lá toda admirada de ver tanta *ialma* perdida.  
– Conta-me a tua vida, Teresa, a tua vida passada.  
– A minha vida, Senhor, foi muito amargurada,  
A todas as horas do dia o meu pai me castigava.  
Que deixasse a Lei Divina, fosse para a da arrenegada.  
A Lei Divina não a deixo que dela sou estimada.  
Entrego o meu fato aos pobres que me rezam pela ialma.  
A minha *ialma* entrego-a a Deus, o meu corpo à *íagua* salgada.

## 614 | O LAVRADOR DA ARADA (I)

IGR 0185 / RPI U40

$\text{♩} = 200$

Vin-do\_o la-vra-dor da\_A-ra-da, vin-do\_o la-vra-dor da\_A-ra-da, en-con-trou\_um po-bre-zi-nho.

<sup>4</sup> O po-bre-zi-nho lhe dis-se, o po-bre-zi-nho lhe dis-se: Le-va-me no teu car-ri-nho. D.C.

Versão de **Pedrogão de São Pedro**, cantada por Lurdes Torrão, de 75 anos. Recolha feita em abril 2020 por Rosa Gonçalves.

Nota: A melodia está em Dó Maior e é completamente diatónica. O compasso de 11/8 (na fórmula simétrica 2+2+3+2+2) é uma consequência da melodia, pois cada fraseio tem essa medida, a qual se repete ritmicamente da mesma maneira, mas com variações melódicas em cada uma das frases musicais seguindo a cadência harmónica. A interpretação é simples, só com algumas apogiaturas em notas específicas.



Vindo o lavrador da arada (bis), encontrou um pobrezinho.  
 O pobrezinho lhe disse (bis): – Leva-me no teu carrinho.  
 Deu-lhe a mão o lavrador (bis), no seu carro o metia.  
 Levou-o p'rá sua casa (bis), p'rá melhor sala que tinha.  
 Mandou-lhe fazer a ceia (bis) do melhor manjar que havia.  
 Sentou-o à sua mesa (bis), mas o pobre não comia.  
 As lágrimas eram tantas (bis) que pela mesa corriam.  
 Os suspiros eram tantos (bis) que até a mesa tremia.  
 Mandou-lhe fazer a cama (bis) da melhor roupa que havia.  
 Por cima damasco roxo (bis), por baixo cambraia fina.  
 Lá pela noite adiante (bis) o pobrezinho gemia.  
 Levanta-se o lavrador (bis) a ver o que o pobre tinha.  
 Achou-o crucificado (bis) numa cruz de prata fina.  
 – Meu Jesus, quem tal soubera (bis) que em minha casa Vos tinha,  
 Mandara fazer preparos (bis) do melhor que encontraria.  
 – Cala-te aí lavrador (bis), não fales com fantasia.  
 No céu te tenho guardada (bis) cadeira de prata fina.  
 Tua mulher a teu lado (bis) que também o merecia.

## 615 | O LAVRADOR DA ARADA (2)

IGR 0185 / RPI U40

.....  
**Versão de Benquerença** recitada por Joaquina Costa, de 93 anos. Recolha feita em 23.07.2024 por Gorete de Brito.  
 .....

Vindo o lavrador da arada, encontrou um pobrezinho.  
 O pobrezinho lhe disse: – Leve-me no seu carrinho.  
 O lavrador se desceu a amontar o pobrezinho.  
 Levou-o p'ra sua casa pra melhor sala que tinha.  
 Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que tinha.  
 Mandou-lhe fazer a ceia do melhor manjar que havia.  
 Lá pela noite adiante o pobrezinho gemia.  
 O lavrador se levantou a procurar-lhe o que é que tinha.  
 Quando se levantou já estava Nosso Senhor pregado na cruz.  
 E disse pró lavrador que no céu uma cadeira tinha:  
 uma p'ra ele, outra prá mulher que também a merecia.

## 616 | O LAVRADOR DA ARADA (3)

IGR 0185 / RPI U40

.....  
**Versão de Benquerença** recitada por Patrocínia Mendes Ramos, de 86 anos. Recolha feita em 26.07.2024 por Gorete de Brito.  
 .....

Indo o lavrador da arada, encontrou um pobrezinho.  
 O pobrezinho lhe disse: – Leva-me no teu carrinho.  
 O lavrador o amontou e o levou prá sua casa.  
 Mandou-lhe fazer a ceia de pão e mais galinha.  
 Ele mandava-o comer, o pobrezinho não comia.  
 Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que tinha,  
 Por baixo lençóis de renda, por cima cambraia fina.  
 Lá pela noite adiante o pobrezinho gemia.  
 Levantou-se o lavrador, foi ver o que o pobre tinha.  
 Achou-O cruxificado numa cruz de prata fina.  
 O pobrezinho lhe disse:  
 – Apronta-te ó lavrador que está a tua hora chegada,  
 Lá no reino da Glória a tua *ialma* está salvada.

## 617 | O LAVRADOR DA ARADA (4)

IGR 0185 / RPI U40

.....  
**Versão de Penamacor** recitada por Maria Isabel Firme Canaveira, de 80 anos. Recolha feita em 30.07.2024 por Gorete de Brito.  
 .....

Vindo o lavrador da arada, encontrou um pobrezinho.  
 O pobrezinho lhe disse: – Leva-me no teu carrinho.  
 Deu-lhe a mão o lavrador e no seu carro o metia.  
 Levou-o p'rá sua casa, p'rá melhor sala que tinha.  
 Mandou-lhe fazer a ceia do melhor manjar que tinha.  
 Sentou-o na sua mesa, mas o pobre não comia.  
 As lágrimas eram tantas que até a mesa tremia.  
 Mandou-lhe fazer a cama da melhor roupa que tinha.  
 Por cima damasco roxo, por baixo cambraia fina.  
 Lá pela noite adiante o pobrezinho gemia.  
 Levantou-se o lavrador a ver o que o pobre tinha.  
 Deu-lhe o coração um baque, como ele não ficaria!  
 Achou-o crucificado numa cruz de prata fina.  
 – Meu Jesu, quem tal soubera que em minha casa Vos tinha,

Mandaria fazer preparos do melhor que encontraria.  
– Cala-te aí lavrador, não fales com fantasia.  
No céu te tenho guardada cadeira de prata fina.  
Tua mulher ao teu lado que também o merecia.

## 618 | SANTA IRIA

IGR 0173 / RPI U31 e U32

♩ = 224

S'tan-do eu co-sen-do na mi-nha\_al-mo - fa\_\_ da, na mi-nha\_al-mo - fa\_\_ da.

7 In-do um pas-sa-gei - ro pe-din-do pou - sa\_\_ da, pe-din-do pou - sa\_\_ da. D.C.

Versão de Benquerença, cantada por Joaquina Costa, de 93 anos. Recolha feita em 23.07.2024 por Gorete de Brito.

Nota: A melodia está em Fá# menor natural e é diatónica. A estrutura tem só uma estrofe que se repete com diferentes versos. O ritmo vai repousando em cada pequena frase musical, dando certa sensação de “ficar no ar”. O compasso de 4/8 não é muito comum em geral, mas usa-se em situações específicas, por exemplo, em peças rápidas e leves nas quais as colcheias são muito marcadas. Na música folclórica dá uma sensação ágil, dançante. Alterna-se 4/8 e 5/8 em vez de juntá-los porque isso resultaria num 9/8, o qual criaria alguma confusão, pois o que se espera desse compasso é três grupos de três colcheias cada um, o que não é o caso nesta peça musical, na qual a acentuação é muito marcada em outros grupos de figuras.

Estando eu cosendo na minha almofada – na minha almofada.  
Indo um passageiro pedindo pousada – pedindo pousada.  
Se a ele o meu pai desse, nada me custava – nada me custava.  
Deu-la a minha mãe, pisou-me na *ialma* – pisou-me na *ialma*.  
Pela noite adiante a casa roubada – a casa roubada.  
De sete irmãos que eram, só a mim me levaram – só a mim me levaram.  
Andou sete léguas sem me darem fala – sem me darem fala.  
Ao fim de sete léguas lá me *procuraram*<sup>08</sup> – lá me *procuraram*:  
– Tu na tua terra como te chamavas? – como te chamavas?  
– Eu, na minha terra, era eu fidalga – era eu fidalga.  
E agora nel’ alheia serei desgraçada – serei desgraçada.  
– Pelas falas que deste serás degolada – serás degolada.

08 Perguntaram.

Coberta de murta e por cima geada – por cima geada.  
Atrás daquele penedo serás enterrada – serás enterrada.  
Ao fim de sete anos dá por aqui jornada – dá por aqui jornada.  
– [...] está uma capelinha, como se chamava? – como se chamava?  
– Aquela capelinha é bem-aventurada – bem-aventurada.  
Ele pediu perdão [...] (Já lá não vou...)

## 619 | A VIRGEM NA MONTANHA

IGR 0404 / RPI U17

Versão de Benquerença recitada por Joaquina Costa, 93 anos. Recolha feita em 23.7.2024 por Gorete de Brito.

Estando a Virgem na montanha muito bem-apresentada,  
Tristes Novas lhe chegavam que o seu Filho preso estava.  
Tomou o manto de luto, o manto de luto tomava.  
Andava de rua em rua até à rua da amargura.  
Para ver se encontrava, alma viva, criatura.  
Chegou ao cimo daquela rua, encontrou uma viva mulher<sup>09</sup>:  
– Diz-me tu, ó mulher, Deus te salve a tua *ialma*,  
Vistes pr’aí o meu amado Filho, o Filho que eu mais amava?  
Com uma cruz às costas de madeira bem pesada.  
– Eu vi-O passar Senhora, à hora que o galo cantava.  
O madeiro era verde, a cada passo ajoelhava,  
A pedir panos romanos para alimpar as suas chagas.  
Três panos Lhe deram, três Verónicas deixaram.  
Uma ficou em Casa Santa, outra na de Jerusalém,  
Outra na rua dos Mouros, p’rás relíquias de alguém.  
– Ó pastorinhos do bom dia, vísteis pr’aí a Virgem Maria?  
– Ao longo daquele mar três Marias vi andar,  
Com o seu livrinho na mão, fazendo a sua oração.  
Oração de Salvação, que nos salve a todos que aqui estão,  
[...] Só o que está no castelo não.  
Ide lá perguntar se ele é Mouro ou Cristão.  
Se ele disser que não, pegai neste cutelo, arrancai-lhe o coração.  
– Ó que cutelo tão pesado [...]   
Que as relíquias Lhe arrancaram na carreira da Ascensão.  
Já se acaba, já se acaba, já se acaba a oração.

09 Verónica

Digam todos em voz alta: Bendita seja a Sagrada Morte e Paixão.  
Quem o souber que o diga, quem não souber que o aprenda,  
Palavra vadia de juiz que a sua *ialma* se não arrependa.

## 620 | QUINTA FEIRA DE ENDOENÇAS

IGR 0566 / cf. RPI U15

.....  
**Versão de Aranhas** recitada por Alice Catana, 80 anos. Recolha feita em 23.9.2024 por Gorete de Brito.  
.....

Quinta feira de Endoenças, da Santa *homenidade*,  
Com o peso da Santa Cruz, correu Deus toda a cidade.  
Já o sol escurecia, já o Filho de Deus morria,  
Para salvar os pecadores. Uma mulher tão cheia de dores:  
“Vós que tendes tal pesar, vós O vísteis levar  
Pelas ruas da amargura?”; “Adiante amada sua,  
A rua vos dará sinais.” [.....]  
A cruz era tão pesada que nem sete a alevantavam.  
Ajoelhando e caindo, chegou por São Simão:  
“Acudi-me aqui, Simão!” “Acudirei Senhor,  
Com as forças da minha alma e do meu coração”.  
Quem esta oração disser Quinta feira de Endoenças,  
Sexta feira da Paixão, terá cem anos de perdão:  
Pelo seu pai, pela sua mãe, por toda a sua geração.

## 621 | SEXTA FEIRA PELA LUZ

IGR 0566 / cf. RPI U15

.....  
**Versão de Penamacor**, recitada por Nancy Gonçalves Cruchinho Crucho, de 51 anos. Recolha feita em 24.03.2023 por Gorete de Brito.  
.....

Sexta feira pela luz pregaram Jesus na Cruz.  
Treme terra, treme terra!  
Nem treme nem tremerá quem da morte de Jesus se lembrar,  
As portas do Céu se abrirão e as do Inferno não as verão.  
– Ó mulher cheia de ternura, onde levas tal pesar?  
Se é por homem que eu ali vi ir na rua da amargura,  
Se vós sois a mãe Sua, adiante não ides mais.

Porque o sangue desta rua Ele vos dará sinais.  
– Ó meu Mestre, ó meu Jesus, que às costas levas a Cruz.  
A Cruz é tão pesada que nem sete a levarão.  
A cada passo que dava, ajoelhava no chão,  
dizendo assim, assim:  
– Ajuda-me aqui Simão à minha morte e Paixão.  
Todos os Anjos vão rezar a horas,  
Menos o Anjo Moral, primo de Nossa Senhora.  
Que ficou no Céu, dizendo a sua oração,  
com toda a devoção.  
Chega Santa Madalena e o senhor São João:  
– Que fazeis aqui, senhora? Que fazeis aqui, donzela?  
O vosso Filho vai ali. E a Virgem chega à janela:  
Em tal estado o viu ir que já não o reconheceu.  
E vai de rua em rua até à triste rua da amargura.  
E lá o vê estar preso a uma coluna,  
Com sete feridas e sem culpa nenhuma.  
E então disse Nossa Senhora:  
– Soltaí, soltaí o meu Filho e predeí-me a mim.  
Jesus respondeu-lhe:  
– Isso não minha mãe, Senhora de tão grande coração.  
Eu no mundo vos deixarei um grande galardão.  
Quem esta oração disser um ano por devoção,  
Morrerá e irá ao Céu, quinta feira da Ascensão.

(Reza-se um Pai Nosso, uma Ave Maria e o Glória.)

## 622 | A BARCA BELA

IGR 0435.1 / RPI Z2

.....  
**Versão de Penamacor** recitada por Joaquina Andrade, de 74 anos [\*Maria Campos Pires, 80 anos]<sup>10</sup>. Recolha feita na freguesia de Meimoa feita em 24.7.2024 [\*Penamacor, em 7.8.2024] por Gorete de Brito.  
.....

Lá vai a Barca Bela que se vai deitar ao mar,  
Nossa Senhora vai nela, os anjos vão a remar.  
São Vicente é o piloto, Jesus Cristo o general,  
Que linda bandeira leva, bandeira de Portugal.

.....  
<sup>10</sup> As versões contadas pelas duas informantes são idênticas.

## 623 | A CONFISSÃO DA VIRGEM (1)

IGR 0682 / RPI U53

Versão de Penamacor recitada por Ana Maria Dubelez Andrade, de 95 anos. Recolha feita em 15.04.2023 por Gorete de Brito.

A Virgem se foi a confessar na manhã de um domingo.  
Não era pelos pecados que tinha, nem pelos que tinha cometido.  
Foi só para guardar preceito ao seu Santo amado Filho.  
O senhor padre se assentou, a Virgem se ajoelhou.  
Todo o vento que ela deitou, todo o chão alumiou.  
Todo o vento que ela deitava, todo o chão alumiaava.  
– Alevanta-te pomba branca, meu espelho cristalino.  
Alumias o mundo todo onde encarnou o dever Divino.

## 624 | A CONFISSÃO DA VIRGEM (2)

IGR 0682 / RPI U53

Versão de Penamacor recitada por Isabel Borrega Flores, de 80 anos. Recolha feita em 24.2.2024 por Gorete de Brito.

A Virgem se confessou numa manhã ao domingo.  
Não era pelos pecados que tinha nem por os ter cometido,  
Era por guardar respeito ao seu Amado Filho.  
O padre se assentou, a Virgem se ajoelhou.  
O ventre que ela levava toda a terra alumiou.  
– Ó senhor padre, começamos pelos mandamentos:  
O primeiro que eu amei foi o meu Divino Senhor,  
Que trago no meu ventre criado a meu favor.  
[.....]  
O terceiro: a 25 de março teve uma grande ocupação.  
Foi um ato de caridade, está feita a confissão.  
Um ato de caridade, deitai-me a sua bênção.

## 625 | O SONHO DE NOSSA SENHORA

IGR 0503 / RPI LI

Versão de Penamacor recitada por Maria Isabel Firme Canaveira, de 80 anos. Recolha feita em 30.7.2024 por Gorete de Brito.

Entrei pela igreja a dentro, vi a Virgem consagrada.  
O seu Filho procurava se dormia ou se velava.  
– Ó meu Filho tão amado, eu não durmo nem velo,  
Esta noite tive um sonho que comigo não era sonhado.  
– Senhora mãe, assim será! Senhora mãe, assim seria!  
Quem esta oração disser, um ano, dia a dia,  
Três sábados antes de morrer lhe aparecerá a Virgem Maria.  
Confessa-te pecador, se te queres confessar,  
Que eu sou a Virgem Maria que te venho a avisar.  
Chama-te Deus a contas para no seu Reino entrar.

## 626 | NOSSA SENHORA LAVADEIRA

IGR 2897 / RPI U7

Versão de Quadrazais (Sabugal), recitada por Florinda de Jesus Esteves, 84 anos. Recolha feita em Penamacor em 4.8.2024 por Gorete de Brito.

Estando Maria à beira do rio,  
Lavando os paninhos do seu querido Filho.  
Maria lavava, José estendia,  
O Menino chorava com o frio que havia.  
– Calai-Vos meu Menino, calai-Vos meu Amor,  
Os anjos do céu Vos darão louvor.

## 627 | ROMANCE DE SANTO ANTÓNIO

IGR 4003 / RPI U3

Versão de Penamacor recitada por Teresa Jerónimo, de 88 anos. Recolha feita em 28.11.2023 por Gorete de Brito.

Estando o glorioso Santo António em Pádua a pregar,  
Veio um aviso do céu que o seu pai iam a enforçar.  
O Santo, que tal ouviu, três Avé-Marias pediu,

Da Vila Nova de Lisboa seu espírito partiu:

– Alto, senhor, não andais mais,

Que esse homem que aí levais, inocente vai padecer.

Levanta-te homem morto, por Deus omnipotente,

Diz-me quem te matou e desengana-me esta gente.

– Esse homem não me matou, nem dele tenho sinais.

Não tenho ordem do Altíssimo para o poder nomear mais.

## 628 | **SANTO ANTÓNIO LIVRA O PAI DA FORÇA (1)**

IGR 4003 / RPI U3

.....  
*Versão de Penamacor* recitada por Alcina Maria Alves Cruchinho, de 53 anos. Recolha feita em 4.12.2023 por Gorete de Brito.

Santo brioso Santo António, em Pádua, de vida a pregar.

Do céu lhe veio um aviso que o seu pai iam a enforçar.

Houve um santo que ouviu, três Ave-Marias pediu,

Seu espírito logo partiu à Rua Nova de Lisboa:

– Espera, justiça, espera não andes mais!

Esse homem que aí levais, sem culpa vai padecer.

Dizei ao senhor divino padre, como isso pode ser?

– Esse homem não me matou, nem dele tenho sinais.

Pai e mãe que me criou, ainda ele me queria mais.

– Muito me admira a mim, meu pai não conhecer o seu filho Fernando.

Que mudou o nome para António, que o demónio andava atentando.

Dê-me a sua bênção, meu pai; quero ir para Pádua, de vida, a pregar.

Muita gente lá deixei, mais muita lá hei de encontrar.

## 629 | **SANTO ANTÓNIO LIVRA O PAI DA FORÇA (2)**

IGR 4003 / RPI U3

.....  
*Versão de Quadrazais* (Sabugal), recitada por Florinda de Jesus Esteves, 84 anos. Recolha feita em Penamacor em 4.8.2024 por Gorete de Brito.

Estando Santo António no púlpito a *apregar*,

Desceu um anjo do céu que o vinha a avisar.

– Tu António, estás aí, tu não quererás crer,

[.....] o teu pai vai morrer.

Santo António que ficou e partiu, à Rua Nova chegou,

Encontrou a Justiça, a Justiça e tanta gente:

– Onde levam esse homem? Esse homem é inocente!

– Este homem vai à forca por outro que ele matou,

Juraram as testemunhas que no quintal o enterrou.

– Vamos lá a esse quintal onde está esse homem morto.

Levanta-te ó homem morto, por parte do Omnipotente,

E diz-me quem te matou, desengana-me esta gente.

– Este homem não me matou, nem dele tenho sinais,

Outro que mais mal me queria na companhia o levais.

– E vós, padre rogante, dizei-me onde morais,

Que vos quero visitar, já que não presto pra mais.

– Muito me admira, meu pai, estar tão desconhecido,

Sou o seu filho Fernando que lhe abalou de pequenino.

Mudei o nome pra António para me livrar do demónio.

Deite-me a sua bênção, pai, deite-me a sua bênção,

Deixei um anjo do céu na minha última ação.

## 630 | **SANTO ANTÓNIO LIVRA O PAI DA FORÇA (3)**

Versão prosificada

Santo António estava a pregar em Pádua. Houve uma zaragata qualquer e mataram um homem e culpavam o pai do Santo António. Ia ser enforcado. E o Santo António estava a pregar em Pádua e recebeu uma voz:

– António, vai a Lisboa livrar teu pai da forca.

E ele pediu ao povo para rezar três Ave Marias que ele já ia.

E cá veio. Quando chegou, já iam com o morto. E ele diz assim (parou o funeral):

*– Levanta-te ó homem morto, das partes do omnipotente,*

*Diz aqui quem te matou, desengana esta gente.*

O morto sentou-se no caixão e disse (puseram o pai do Santo António na frente):

*– O homem que a mim me matou não é este, nem dele tenho sinais.*

*Mas o homem que me matou na companhia o levais.*

E eles começaram todos:

– Ai, diz quem é, diz quem é...

E ele disse:

– Não. Venho para livrar, não venho para incriminar.

E pronto, o morto deitou-se e acabou-se.

O pai de Santo António [perguntou] “quem era?” para lhe agradecer.

E ele respondeu:

– Não conheceis vosso filho Fernando? Por seu pedido António está chamando.

O António desapareceu porque tinha de ir continuar o sermão.

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 89 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 26.01.2024.

---

## 631 | A RAINHA SANTA ISABEL E O POBRE

IGR 2899 / RPI U36

A rainha [Santa Isabel] saiu para ir dar o seu passeio habitual com o seu regaço cheio de esmolas, para os pobres. E depois, o rei [D. Dinis] aparece e pergunta-lhe:

– Que levais no regaço, rainha Isabel, são os meus dinheiros?

E ela respondeu-lhe:

– Não, levo cravos e rosas.

E ele respondeu:

– Cravos e rosas em janeiro? Que maravilha!

E ela abriu o regaço e disse-lhe:

– Vinde ver.

E ele abalou dali. Saiu dali, e [a rainha] vê então o pobre a pedir esmola.

E ela diz-lhe assim:

– Olha, pobrezinho, as tuas chagas não têm cura.

E ele disse:

– Têm sim. Têm se forem lavadas pelas vossas mãos.

E ela calou-se e disse para o pobre:

– Anda, pobrezinho, comigo.

E levou-o para o quarto do rei:

*Na bacia do rei o lavou,*

*Na toalha do rei o limpou,*

*E na cama do rei o deitou.*

Quando o rei soube daquilo tudo, diz assim:

– Que se passa, rainha Isabel? Já me vieram dizer que [deitastes] na minha cama um pobre cheio de chagas.

*Na minha bacia o lavastes?*

*Na minha toalha o limpastes?*

*E na minha cama o deitastes?*

Ela ficou muito atrapalhada e foi pró quarto. Chegou lá, viu o velhinho crucificado. E ela veio para fora, disse assim:

– Venham! Venham cá todos! Todos os que estão no meu palácio, venham ver.

*Lavado na bacia do rei,*

*Limpo na toalha do rei,*

*Na cama do rei deitado,*

*Venham ver o crucificado.*

O rei, ficou tão comovido, que disse:

– Rainha Santa Isabel,

*todo o meu dinheiro podeis gastar*

*e a minha coroa podeis empenhar.*

---

**Informante:** Maria Luísa da Conceição Furtado, 90 anos

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 13.9.2024.

---

## 632 | RESPONSO A SANTO ANTÓNIO

Santo António se levantou, ou se vestiu ou se calçou.

Lá no caminho o Senhor andou, carreirinho de oiro tomou.

Jesus Cristo lhe disse:

– Tu, António, onde vais?

– Jesus Cristo, contigo vou.

– Tu, António, comigo não vens. Quanto eu perder tu acharás.

Ó galinha *galeosa*, mais branca que a rosa.

– Pastorinhos de algum dia, vísteis por lá a Virgem Maria?

– As Três Marias vi andar, à ronda do mar.



À procura de Jesus Cristo, sem o poder encontrar.  
 Fui encontra-lo em Roma, vestido no seu altar.  
 Com um cálice de ouro na mão, missa nova quer cantar.  
 Já os galos cantam, já os Anjos se alevantam.  
 Já Nosso Senhor subiu à Cruz,  
 Para todo o sempre, Amém, Jesus.

**Informante:** Ilda da Conceição Guedelha, 88 anos  
 Recolha feita na freguesia de Pedrógão de S. Pedro por Gorete de Brito em 1.12.2023.

### 633 | ANDORINHA GLORIOSA

**Versão de Aranhas,** recitada por Isabel Borrega Flores, de 81 anos. Recolha feita em Penamacor em 25.02.24 por Gorete de Brito.

Andorinha gloriosa,  
 Sois tão linda como a folha de uma rosa.  
 Se o sois, não o sois, arrenego dos judeus,  
 Que mataram o nosso Deus.  
 Mataram, mataram, numa cruz aremataram.  
 Taf-taf, Madalena, não a queiras alimpar,  
 Isto são as cinco chagas todos temos de passar;  
 Quer pequenos, quer grandes, todos hão de pagar.  
 Estava São João à porta com a sua capinha de opa,  
 A pedir às meninas do cordão, que havia de haver oração,  
 Oração dos peregrinos; quando Deus era menino,  
 Pôs a mão no seu altar, para a todos nos salvar.  
 Quem esta oração disser, sete vezes na Quaresma,  
 Sete vezes no carnaval, verá as portas do céu abertas,  
 as do inferno nunca as verá.

### 634 | DANIEL NA COVA DOS LEÕES

IGR 2852 / RPI E5

**♩ = 120**

4 Ha - vi - a um ho - mem que a Je - sus se di - ri - gi - a, Três vez - es ao  
 7 di - a em o - ra - ção. Seus i - ni - mi - gos que do a - to não gos -  
 10 - ta - vam, E o lan - ça - ram às gar - ras do le - ão. Da -  
 13 - niel, on - de es - tás? Da - niel, pron - ta - men - te ao rei fa - lou  
 — foi des - de o céu que en - vi - ou a - qui um an - jo, fe - chou a bo - ca aos le - ões e nos sal - vou...

**Versão de Penamacor,** cantada por Lurdes Canaveira, 89 anos. Recolha feita por Gorete de Brito em 4.7.2023.

Nota: A melodia está em Mib Maior e só tem um cromatismo como nota de passagem no compasso 10 (Si natural). Na segunda parte, alguns portamentos bastante marcados aumentam o dramatismo e fazem lembrar o canto da igreja. A intérprete menciona que uma outra parte da estrutura deveria surgir em continuação, mas não se conseguiu lembrar dela durante a gravação.

Havia um homem que a Jesus se dirigia,  
 Três vezes ao dia em oração.  
 Seus inimigos que do ato não gostavam,  
 E o lançaram às garras do leão.  
 [Pergunta o rei]: – Daniel, onde estás?  
 Daniel, prontamente ao rei falou:  
 – Foi Deus do céu que enviou aqui um anjo,  
 Fechou a boca aos leões e nos salvou.

# ROMANCES VULGARES E CANTIGAS NARRATIVAS

## 635 | DEUS TE SALVE Ó ROSA

(Pastorela) IGR 0453 / RPI T3

♩ = 125 %

Deus te sal-ve\_ó Ro-sa, lin-do se-ra-fim, Me-ni-na tão lin-da o que faz a-qui?\_ Deus te sal-ve\_ó

6

Ro-sa, lin-do se-ra - fim, Me-ni-na tão lin-da o que faz a qui. (O que eu fa-ço\_a...)

.....  
**Versão de Águas**, cantada por Maria de Lurdes Ramos Leitão Lourenço, de 75 anos. Recolha feita em 17.07.2024 por Gorete de Brito. [estrófico]  
.....

.....  
Nota: A melodia está em Lá Maior (modo jónico); as suspensões do tempo foram assinaladas na pauta com fermata, pois nota-se que a interpretação repousa propositadamente nesses momentos que, ao mesmo tempo, coincidem com o final das frases musicais e poéticas. Toda a composição é um diálogo entre a pastora Rosa e o seu irmão, com exceção das duas falas finais.  
.....

– Deus te salve ó Rosa, lindo Serafim,  
Menina tão linda o que faz aqui? (bis)  
– O que eu faço aqui, procura o senhor,  
Guardar o meu gado, não o vê ali? (bis)  
– O seu gado menina não tem que se perca,  
Dormimos os dois um bocado a sesta. (bis)  
– Um bocado a sesta não o durmo agora,  
Vou guardar o gado pela serra fora. (bis)  
– O seu gado, menina, eu aqui lho trago,  
Se ainda não tem moço, eu sou seu criado. (bis)  
– Criado tão fino, de meias de seda,  
Não as romperia pelo meio das estevas. (bis)  
– Sapato e meia, tudo romperei,  
Mas pela menina a vida darei. (bis)

– Vá-se embora homem, não me dêia mais pena,  
 Está a vir o meu tio trazer-me a merenda. (bis)  
 – Seu tio não é lobo e nem come gente,  
 Se ele me aqui visse, ficava contente. (bis)  
 – Pastores da aldeia vinde guardar o gado,  
 Fugiu a pastora mais o namorado. (bis)  
 – Mais o namorado, deixai-a fugir,  
 Ele é seu irmão, deixem-na lá ir. (bis)

### 636 | RICARDINA (1)

IGR 2859 / RPI I6

♩ = 110

Vou-me em-bo-ra Ri-car-di na, se-te a-nos a vi-a - jar Ao fim

des - ses se-te a - nos, e-u te que-ro en-con-trar Ao fim trar

**Versão de Águas**, cantada por Maria de Lurdes Ramos Leitão Lourenço, de 75 anos. Recolha feita em 17.07.2024 por Gorete de Brito. [estrófico]

Nota: A melodia está em Ré menor, e é completamente diatónica. O ritmo era bastante arbitrário na interpretação, mas fizemos uma aproximação ao escutar todas as estrofes, concluindo que o sentir da primeira parte é em 4/4 e o da segunda em 3/4.

– Vou-me embora Ricardina, sete anos a viajar.  
 Ao fim desses sete anos, fiel te quero encontrar. (bis)  
 Sete anos se passaram, seu amor não apareceu. (bis)  
 Fui dizer à sua mãe: – Ai, Jesus, que já morreu! (bis)  
 – O que faz aqui, menina, sozinha neste deserto? (bis)  
 Ou fugiu a seus pais, ou tem amor encoberto. (bis)  
 – Eu não fugi a meus pais, e nem quero outro marido.  
 Ando à procura d’um amor que há sete anos que é perdido. (bis)  
 – Esse seu amor, menina, foi-lhe falso ao juramento. (bis)  
 Ainda há dias se casou na igreja do convento. (bis)

Se a menina se quer casar, aqui tem fiel marido. (bis)  
 – Eu não me quero casar, quero ficar como estou,  
 Toda a vida quero chorar por quem foi e não voltou. (bis)  
 – Não te lembras, Ricardina, do anel da nossa ausência?  
 Quando te o meti no dedo eras tu uma criança. (bis)  
 – Se tu és o meu amor, porque me falas assim? (bis)  
 – P’ra ver se tu eras leal p’ra mim como eu fui para ti. (bis)  
 Dá-me um beijo, Ricardina, um beijo de compaixão. (bis)  
 Sete anos andei na guerra, sempre te trouxe no coração. (bis)

### 637 | RICARDINA (2)

IGR 2859 / RPI I6

**Versão de Aranhas**, recitada por Isabel Borrega Flores, de 81 anos. Recolha feita em 21.08.2024 por Gorete de Brito. [estrófico]

– Ricardina, minha amada, sete anos vou a viajar.  
 Ao fim desses sete anos, fiel te quero encontrar.  
 Ao fim dos sete anos, seu amor não apareceu.  
 Ela disse à sua mãe: – Ai Jesus que já morreu.  
 Já me vou por aí a fora, por esse caminho encoberto.  
 Onde foi a dar com ele, sozinho naquele deserto.  
 – Que fazes por aqui, menina, sozinha neste deserto?  
 Ou fugistes ao teu pai, ou tens amores encobertos.  
 – Eu não fugi aos meus pais nem tenho outros maridos.  
 Ando a ver do meu amor que há sete anos é perdido.  
 – Esse seu amor, menina, foi-lhe falso ao tratamento.  
 Há dias que o vi casado, numa igreja, num convento.  
 Esse seu amor, menina, foi-lhe falso ao prometido,  
 Se a menina se quer casar, aqui tem fiel marido.  
 – Eu não me quero casar, quero ficar como estou,  
 Quero andar sempre chorando por quem foi e não voltou.  
 – Ricardina, não te lembras do anel da nossa ausência?  
 Quando to meti no dedo eras tu uma criança.  
 – Se tu és o meu amor porque me falas assim,  
 Porque não me fostes fiel como eu fui para ti?  
 – Ricardina, minha amada, deita-me os olhos ao chão,  
 Sete anos andei na guerra, sempre te trouxe no coração.

### 638 | RICARDINA (3)

IGR 2859 / RPI I6

**Versão de Penha Garcia**, recitado por Rita Isabel Borrego Correia, de 32 anos. Recolha feita em Penamacor a 3.9.2024 por Gorete de Brito. (estrófico) [A informante recolheu esta versão dos avós quando tinha 10 anos e passou-a a escrito quando frequentava o 5º ano de escolaridade.]

– Ricardina, vou-me embora sete anos viajar,  
Ao fim dos sete anos leal te quero encontrar.  
Ao fim dos sete anos pôs a flor no penteado:  
– Vou para baixo da túlia à espera do namorado.  
E lá longe, muito longe, e lá longe o avistou:  
– Era o fiel cavaleiro que tão longe dele estou.  
– Que fazes aqui, ó menina, aqui por este deserto?  
Ou fugiu a seus pais, ou traz amor encoberto.  
– Eu nem fugi a meus pais, nem trago amor encoberto,  
Estou à espera de um amor que foi sete anos para o deserto.  
– Esse amor, menina, é falta de entendimento,  
Ainda ontem se casou na igreja de um convento.  
Mas ouça lá, menina, aceite o meu pedido,  
Já que ele foi e não voltou, quero eu casar consigo.  
– Eu não me quero casar, quero ficar como estou,  
Quero estar sempre chorando por quem foi e não voltou.  
– Não te lembras, Ricardina, do anel da nossa infância,  
Que te meti em teus dedos quando eras uma criança?  
– Se tu és o meu amor, porque me falas assim?  
– Era só para saber se me eras leal a mim.

### 639 | RICARDINA (4)

IGR 2859 / RPI I6

**Versão de Penamacor**, recitada por Maria Isabel Firme Canaveira, de 80 anos. Recolha feita em 30.07.2024 por Gorete de Brito.

– Ricardina, vou-me embora sete anos a viajar,  
Ao fim desses sete anos fiel te quero encontrar.  
Passaram-se os sete anos, seu amor não apareceu.  
Ela disse para a sua mãe: – Ai Jesus que já morreu!  
Já me ponho a caminhar por esses caminhos descobertos.

Onde a foram encontrar? Sozinha no deserto.  
– Que fazes aqui, menina, sozinha neste deserto?  
Ou fugiste a teus pais, ou tens amores encobertos.  
– Eu não fugi a meus pais, nem tenho outros maridos,  
Ando à procura de um amor que há sete anos que é perdido.  
– Esse seu amor, menina, foi-lhe falso ao juramento,  
Há dias que o vi casar na igreja de um convento.  
Esse seu amor, menina, foi-lhe falso ao prometido,  
A menina se quer casar, aqui tem fiel marido.  
– Eu não me quero casar, quero ficar como estou,  
Quero andar sempre a chorar por quem foi e não voltou.  
– Lembras-te, ó Ricardina, do anel da nossa ausência?  
Quando eu to meti no dedo ainda tu eras criança.  
Este anel de sete pedras que eu contigo reparti,  
Que é da outra metade, pois a minha vê-la aqui?  
– Se tu és o meu amor, porque me falas assim?  
– Só para ver se me fostes fiel como eu fui para ti.  
– Andai cá, ó minhas filhas, que o vosso pai é chegado,  
Abre-se o nobre portão há tanto tempo fechado.  
Vamos dar graças a Deus, graças a Deus consagrado.

### 640 | RETRATO DA NAMORADA

(romance lírico)

**Versão de Aranhas**, recitada por Isabel Borrega Flores, de 81 anos. Recolha feita em 3.8.2024 por Gorete de Brito. [estrófico]

Eu cá sou o rei de outrora em certas ocasiões,  
Menina dê-me licença, eu noto-lhe as suas feições:  
Suas feições, menina, eu já lhe vou a notar,  
Começo pela cabeça, aos pés vou a acabar.  
Tendeis o cabelo louro, pelas costas aos anéis,  
Quando vos fôreis deitar, enrolai-o em papéis.  
A fita com que o atas é de matizadas cores,  
Diga-me, ó minha menina, se está prometida de amores.  
A vossa testa, menina, onde o sol se vai mirar,  
Pede obediências, onde o rei se vai matar.  
Os vossos olhos, menina, são duas azeitoninhas,  
Fechados são dois botões, abertos duas rosinhas.

As vossas orelhas, menina, são laços de fita verde.

Sobrancelhas como as vossas é impossível havê-las,  
São laços de fita preta que encobrem duas estrelas.  
As vossas faces, menina, duas rosas de Alexandria,  
Eu amar-vos já não posso, mas deixar-vos não queria.  
O vosso nariz é um cravo que nasceu de um craveiro,  
Espero de vós, menina, amor firme e verdadeiro.  
Tendeis um falar tão doce, um cantar tão excelente,  
Tendeis um jardim na boca e um cravo em cada dente.  
Tendeis os dentes ralos, metei-lhe cravos no meio,  
Para que quem case convosco viva sempre com todo o asseio.  
As vossas orelhas, menina, sempre foram bem-talhadas,  
Não são grandes nem pequenas, são à moda de arcadas.  
Tendeis o pescoço alto, os ombros ambos iguais,  
Nem são altos nem são baixos, são como vós precisais.  
Por baixo dos vossos ombros estão dois montes de nevão,  
Onde encosto o meu peito, refresco o meu coração.  
A vossa cinta, menina, é uma cinta delicada,  
O que vos faz andar assim é de andáreis bem apertada.  
Por baixo da vossa cinta não vos posso descobrir,  
É para quem convosco casar ou para quem convosco dormir.  
As vossas pernas, menina, são brancas [cor] de marfim,  
Só desejava de saber se elas eram para mim.  
Tendeis o pé pequenino, no tamanho de um vintém,  
Devia de calçar oiro, quem o pé pequeno tem.

## 641 | UMA NOVA RAPARIGA

The musical score is written in G major (one flat) and 6/8 time. It consists of two systems. The first system starts with a tempo marking of ♩ = 110 and a common time signature. The melody features a 3-measure rest in the first measure of the second line. The lyrics are: "U - ma no-va ra-pa-ri-ga, de-zo\_i-to a-nos de\_i-da-de. U - da-de." The second system starts with a tempo marking of ♩ = 208 and a common time signature. The melody features a 3-measure rest in the first measure of the second line. The lyrics are: "Foi ao quar-to do ir-mão pa-ra se a-man-ti - zar. zar. (Re...)" The score includes first and second endings for both systems.

Versão de Águas, cantada por Maria de Lurdes Ramos Leitão Lourenço, de 75 anos. Recolha feita em 17.07.2024 por Gorete de Brito. [estrófico]

Nota: A melodia está em Sib Maior, e é completamente diatónica. O ritmo é regular na primeira secção, e na segunda alterna com o 7/8 (2+2+3) e o 6/8, criando um outro dinamismo.

Uma nova rapariga, dezoito anos de idade. (bis)  
Foi ao quarto do irmão para se amantizar. (bis)  
– Retira-te ó irmã minha, não te posso pretender. (bis)  
Dar esse desgosto à mãe? Antes prefiro morrer! (bis)  
Sua mãe quando isso soube, chama a filha à atenção: (bis)  
– Então tu não te envergonhas seres amante d’um irmão? (bis)  
Ela quando isto ouviu, ela já se não *conteu*, (bis)  
Com a faca da cozinha o pescoço lhe cortou. (bis)  
Ela aproveitou o sangue p’ra dentro de uma tigela. (bis)  
Levou-o para a cozinha, cozeu-o numa panela. (bis)  
Quando veio seu irmão, à noite, veio com vontade de comer. (bis)  
Comeu o sangue da mãe, comeu-o sem o saber: (bis)  
– Come, meu irmão, come, se gostas não deixes nada. (bis)  
É o sangue de uma porca qu’ind’há pouco foi sangrada. (bis)  
O sangue era tão doce que ele até *admete*: (bis)  
– É da nossa querida mãe, que ela já não aparece. (bis)  
Seu irmão sai p’la porta fora, com a autoridade falou. (bis)  
E foi mesmo nessa hora que a malvada se matou. (bis)

## 642 | ÁGUAS CLARAS

(despique)

Versão de Penamacor, recitada por Maria Isabel Firme Canaveira, de 80 anos. Recolha feita em 26.07.2024 por Gorete de Brito. [estrófico]

- Entre canas e canais, águas claras vejo correr,  
Menina que está na fonte venha me dar de beber.
- Se é por água, aqui a tem, neste jarro de marfim.
- Só lhe peço, por favor, que me chegue ao pé de mim.
- Eu não chego ao pé de ti nem tampouco ir convosco.
- Só de estar à tua frente, linda Rosa, eu faço gosto.
- Se é do gosto, gostais, isto é, por vida vossa,  
Esta Rosa que aqui está, já é d'outro, não é vossa.
- Já é d'outro, não é nossa, ainda pode vir a ser;  
Menina diga aos seus pais que nos mande arreceber.
- Eu tal palavra não digo, que a palavra é escusada,  
Menina de catorze anos não é para ser casada.
- Outras mais novas que a menina, são casadas, têm marido;  
Assim sereis vós, ó Rosa, quando casáreis comigo.
- Antes eu queria ser rosa, andar por esses outeiros,  
Do que eu ser tão linda Rosa de tão fracos cavalheiros.
- Antes eu queria ser cravo, enxertado pela raiz,  
Do que eu ser tão lindo amante d'uma mulher que me assim diz.
- A mulher que me pariu já está debaixo da terra.
- Eu queria fazer à menina o que o meu pai lhe fez a ela.

## 643 | JÚLIA AMÉLIA

♩ = 56

port. port.

8 Vis-tes pr'a - í Jú-lia A - mé - lia? Há di - as que\_a-qui não mo - ra.

5 D.C.

8 An-da um ra-paz na es - tra da, di - zem que\_e-laé que\_o na - mo-ra.

Versão de Meimoa, cantada por coletivo feminino. Recolha feita em 4.9.2024 por Gorete de Brito e Maria João Cabanas. [estrófico]

Nota: A melodia está em Lá Maior e é totalmente diatónica. Um dos elementos mais dramáticos usados na interpretação são alguns portamentos entre notas.

- Vistes pr'ái Júlia Amélia? Há dias que aqui não mora. (bis)
- Anda um rapaz na estrada, dizem que ela é que o namora. (bis)
- Sua mãe, que estava ouvindo, à rua abaixo corria. (bis)
- Onde foram dar com ela? Pr'os lados de Santa Luzia. (bis)
- Volta atrás ó Júlia Amélia, não julgues que é brincadeira. (bis)
- Olha que o teu pai te mata, se cais nessa asneira. (bis)
- Para trás é que eu não volto, já vou a meio do caminho. (bis)
- Quero seguir com o meu rapaz, ao meu futuro destino. (bis)
- Volta atrás ó Júlia Amélia, volta nesta ocasião. (bis)
- Sou casado e tenho filhos, tenho quem me peça pão. (bis)
- Torradas, novas torradas, aqui está quem as torrou (bis)
- Aqui está quem por amor pai e mãe abandonou (bis)
- Torradas, novas torradas, não há faca que as corte. (bis)
- A tentação do amor é pior que a negra morte. (bis)
- Torradas, novas torradas, torradas assim ao sério. (bis)
- Onde foram dar com ela? Às portas do cemitério. (bis)



## 644 | O CRIME DA MADRASTA

Versão de **Quadrazais** (Sabugal), recitada por Florinda de Jesus Esteves, 84 anos. Recolha feita em Penamacor em 4.8.2024 por Gorete de Brito. [estrófico]

– Anda cá ó meu marido, vamos os dois a conversar.  
Quero que mates a tua filhinha para os nossos filhos herdar.  
– Está bem, minha mulher, manda-a levar o jantar,  
Mete o punhal na cesta que a quero lá deixar.  
– Bom dia ó meu paizinho, vamos prá sombra a jantar,  
Já andaré enfadadinho de tanto mato arrancar.  
Foram prá sombra jantar, ou jantariam ou não,  
Puxa pelo punhal da cesta, cravou-lhe no coração.  
As penas que ele trazia à taberna as foi deixar,  
Era meia noite em ponto, ele na taberna a jogar:  
– Trago uma pena no peito, que me cobre o peito todo,  
Se esta pena não me abala, é desta pena que eu morro.  
Trago uma pena no peito, só esta pena me arrasta,  
Matei a minha filhinha por causa de uma madraستا.

## 645 | O CASAL SEPARADO

Versão de **Aranhas**, recitada por Isabel Borrega Flores, 81 anos. Recolha feita em 3.8.2024 por Gorete de Brito.

– Deus te salve, querida mulher, o que andas a fazer?  
Já há mais de quinze anos que eu não sei o teu viver.  
Já não te lembras de mim, nem do nosso bem-querer.  
– Tu já foste meu marido, e eu a tua amada,  
Em tempos estivemos juntos, deste-me muita pancada.  
Criámos os nossos filhos, hoje não te devo nada.  
– Não digas isso ó mulher, isso não te fica bem.  
Nem eu passo por um pai, nem tu por uma boa mãe.  
– A mim pouco se me importa, a mim tudo me conhece.  
Nunca fui má mulher, nem tal coisa me acontece.  
– Eu sei que tens razão, pelo que estás a apresentar.  
Eu hoje tenho intenção de nos tornarmos a ajuntar.  
– Era o que me faltava, outro novo casamento.  
Já sofri tanto contigo, não quero sofrer mais tormento.

– Se tu sofreste e gozavas, eu gozava e sofria.  
O tempo dava para tudo, que Deus manda muito dia.  
Mas tu também eras culpada de algum mal que eu fazia.  
– Que culpa tinha eu que viesses embriagado?  
Quando chegavas em casa, parecias um cão danado.  
Atiravas com cada coisa para seu lado.  
– Tu dizes que eu te batia, eu disso não me eu lembro.  
– Tem vezes que me bateste, na casa da minha mãe.  
– Eu já me lembro de ter dado uns beijinhos.  
Até que tu gritaste e acudiram os vizinhos.  
Pensava que nessa altura, que nós estávamos sozinhos.

## 646 | ROSALINA

Versão de **Aranhas**, recitada por Isabel Borrega Flores, de 81 anos. Recolha feita em 21.8.2024 por Gorete de Brito.

– Vem comigo ó Rosalina, vem comigo a passear.  
A minha casa deixei, vem comer o meu jantar.  
– Á tua casa não vou, nem lá tenho que fazer,  
A tua mulher me tem ódio, nem sequer me pode ver.  
– Minha mulher não está cá, está p'rá praia a passear.  
Anda, vem ó Rosalina, que ela à noite pode estar.  
– Vai andando, vai andando, vou vestir roupa lavada.  
Não quero que as vizinhas digam que eu que vou mal-arranjada.  
– Come carne, Rosalina, não te faças amarela,  
Que tu estás a comer carne da mais viçosa vitela.  
– Vitela não é ela que ela tem um amargor,  
Matastes a tua mulher, fostes um grande traidor.  
– Cala-te aí Rosalina, eu trago isto em segredo,  
Toma lá este anel d'ouro, que ela trazia no dedo.  
– O anel não serve a ela, também não me serve a mim,  
Mataste tua mulher, melhor me matas a mim.  
Palavras não eram ditas, ela cai morta p'lo chão,  
Cortou-lhe as faces da cara, retalhou-lhe o coração.

## 647 | UMA MÃE TINHA INVEJA DA FILHA

U - ma mãe ti - nha in - ve - ja da fi - lha sa - ber dan - ça re. U - ma mãe ça re.

Con - vi - dou se - te ra - pa - zes pa - ra a fi - lha es - ta - far. far. (L'van - ta - te ó...)

Versão de Águas, cantada por Maria de Lurdes Ramos Leitão Lourenço, de 75 anos. Recolha feita em 2.8.2024 por Gorete de Brito.

Nota: A melodia está em Dó Maior e é completamente diatónica. O ritmo tem algumas variações entre compassos compostos (6/8), simples (3/4) e de amálgama (7/8, lido como 3+2+2).

Uma mãe tinha inveja de a filha saber dançar. (bis)  
 Convidou sete rapazes para a filha estafar. (bis)  
 – Levanta-te ó minha filha, já te podes preparar. (bis)  
 No baile do José Fonseca tu não podes lá faltar. (bis)  
 Ela assim que chegou ao baile, começou logo a dançar. (bis)  
 Os magalas eram tantos, nem a deixavam parar. (bis)  
 Ela lá no meio do baile, ela um grande grito deu. (bis)  
 Disseram uns para os outros: – Ai Jesus que arrebentou!<sup>m</sup> (bis)  
 Já morreu Adelaidinha, já lá vai no seu caixão. (bis)  
 A quem ela deixaria o seu lencinho de mão? (bis)  
 Já morreu Adelaidinha, já lá vai p'rá sepultura. (bis)  
 A quem ela deixaria seu açafoete de costura? (bis)  
 Toda a gente que lá ia, chorava do coração. (bis)  
 Em ver que Adelaidinha ia dentro do caixão. (bis)  
 Toda a gente que lá ia, toda ela ia a chorar. (bis)  
 Só a mãe de Adelaidinha veio para a janela cantar. (bis)

|| A rima pede: "já morreu".

## 648 | AMÉLIA DO CORAÇÃO

Versão de Penamacor, recitada por Maria Celeste Borrego Salvado Correia, 57 anos. Recolha feita em 3.9.2024 por Gorete de Brito.

À saída da igreja o relógio a bater as horas.  
 – Diz-me tu, ó rapaz, qual é a pequena que tu namoras?  
 – A pequena que eu namoro chama-se Amélia da Conceição,  
 Casar com ela não caso, nem que me levem para a prisão.  
 Enganei-a, foi verdade, todo o mundo bem o sabe,  
 Eu ia dormir com ela porque a mãe dela o consentia.  
 À saída da igreja assentada na pedra amarela,  
 Estava a Amélia a chorar por ele não querer casar com ela.  
 – Não chores, Amélia, não chores, Amélia não hei de casar,  
 Não hei de casar contigo, Amélia do coração.

## 649 | ISAURA

I - sau - ra aos se - te a - nos Na es - co - la a na - mo - ra re. ra re. Tinha a

- pe - nas quin - ze a nos, Tra - ta - ram da en - ga - na re.

Versão de Águas, cantada por Maria de Lurdes Ramos Leitão Lourenço, de 75 anos. Recolha feita em 17.07.2024 por Gorete de Brito. [estrófico]

Nota: A melodia está em Mib Maior, mas nos últimos dois compassos encontramos alterações que nos levam a outras sonoridades e sensações: a subtónica ou 7ª menor (Ré b) e a 3ª menor (Sol b), a qual atua como "blue note" (nota interpretada com uma afinação ligeiramente baixa, dentro de uma escala maior e que dá uma emoção especial e um toque melancólico ou de tensão).

Isaura aos sete anos  
Na escola a namorar. (bis)  
Tinha apenas quinze anos,  
Trataram de a enganar.

– Manuel, ó Manuel,  
Manuel do coração.  
Se tu me quisesses bem,  
Não estava nesta prisão. (bis)

Trataram de a enganar  
À sombra de uma roseira.  
Isaurita era fina  
Mas caiu na maroteira. (bis)

– Rapazes do meu tempo,  
Vou-vos pedir um favore. (bis)  
Não casai com Isaurita,  
Já lhe tirei o valore.

O seu pai assim que o soube,  
Ficou muito arreliado.  
Mandou chamar Manuel,  
Por justiça acompanhado. (bis)

Já lhe tirei o valore,  
Debaixo de uma roseira.  
Isaurita era fina  
Mas caiu na maroteira. (bis)

## 650 | MARIA DOS ANJOS (1)

Musical score for Maria dos Anjos (1). The score is in 4/8 time, with a tempo of 126. It features a melody with lyrics in Portuguese. The score is divided into three systems, each with a first and second ending. The lyrics are: "On-de vais Ma-ria dos An-jos, Que vais tão tris-te a cho-rar On-de rar Ai, ai, ai, Vou a ver do meu ma-ri-do, Ai, ai, ai, Que an-da na ven-da a jo-gar. na ven-da a jo-gar. (An-da...)"

Versão de Águas, cantada por Maria de Lurdes Ramos Leitão Lourenço, de 75 anos. Recolha feita em 17.07.2024 por Gorete de Brito.

Nota: A melodia está em Mi menor, e só tem o Ré# no compasso 8 (que é a 3ª do dominante da tonalidade).

– Onde vais Maria dos Anjos,  
Onde vais triste a chorar? (bis)  
– (ai, ai, ai) Vou a ver do meu marido,  
(ai, ai, ai) Que anda na venda a jogar. (bis)

Deixara-me estar solteira,  
Que eu solteira estava bem. (bis)  
(ai, ai, ai) Estava em casa do meu pai,  
(ai, ai, ai) E de minha mãe também. (bis)

Anda na venda a jogar,  
Com uma grande borracheira. (bis)  
(ai, ai, ai) Se ele queria assim fazer,  
(ai, ai, ai) Deixara-me estar solteira. (bis)

## 651 | MARIA DOS ANJOS (2)

Versão de Aranhas, recitada por Isabel Borrega Flores, de 81 anos. Recolha feita em 3.8.2024 por Gorete de Brito.

– Onde vais Maria dos Anjos,  
Que vais triste a chorar?  
– Vou a ver do meu amor,  
Que está na taberna a jogar.

Minha mãe querida morreu,  
O meu pai me abandonou.  
Queria que eu chamasse mãe  
A uma mulher que ele arranjou.

Está na taberna a jogar,  
Com uma grande borracheira.  
Se ele queria assim fazer,  
Deixava-me ficar solteira.

Penteei o meu cabelo,  
Penteei-o para trás.  
Com uma travessa da moda  
Que me deu o meu rapaz.

Deixava-me ficar solteira,  
Que eu solteira estava bem.  
Estava ao pé do meu pai,  
À sombra da mãe.

Penteei o meu cabelo,  
Penteei-o para o lado.  
Com uma travessa da moda  
Que me deu o meu namorado.

## 652 | A ELISA LEITEIRA

Versão de Aranhas recitada por Isabel Borrega Flores, de 81 anos. Recolha feita em 3.8.2024 por Gorete de Brito.

– Ó Elisa, ó leiteira  
Diz-me quanto é o leite.  
Tu não ouves, ó Elisa,  
Tu não ouves? Eu chamei-te.

– Então a como é o quartilho,  
Diz-me lá, ó impostora.  
Tu não ouves, querida Elisa,  
[Ó] Elisa encantadora.

– Então, se o senhor chamou,  
Então, não esteja a brincar.  
O meu leite é doce,  
Se o senhor quiser comprar.

## 653 | NO CEMITÉRIO DE ALÁ

Musical score for 'No Cemitério de Alá'. The score is written in treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a time signature of 5/8. The tempo is marked as ♩ = 190. The lyrics are: No ce - mi - té - rio de A - lá U - ma cri - an - ça cho - ra - va... Que - ria ir con - tar à mãe Os tor - men - tos que pas - sa - va... Di - ga - me 'lá se - nhor co - vei - ro Se já s'pul - tou a mi - nha mãe? Se a - já se - pul - tou Se - pul - te - me a mim tam - bém. (Ca - la...)

Versão de Benquerença cantada por Patrocínia Mendes Ramos, de 86 anos. Recolha feita em 26.07.2024 por Gorete de Brito.

Nota: A melodia está em Sol Maior e é diatónica em geral, sendo que às vezes passa pelo Dó# (que é o #4 da tonalidade), mas só em tempos fracos com figuras breves, como nota de passagem. O ritmo principal é o 5/8 (sempre na fórmula 3+2), mas em dois compassos em que as melodias repousam faz um 7/8 (sempre na fórmula 2+3+2). Há também um compasso em 6/8.

No cemitério de Alá  
uma criança chorava.  
Queria ir contar à mãe  
Os tormentos que passava.

– Diga lá senhor coveiro  
Já sepultou minha mãe?  
E se a já sepultou  
Sepulte-me a mim também.

– Cala-te aí ó criança,  
Não estejas com tolices.  
Eu já te dei a certeza  
Que a tua mãe ainda existe.

Deu dois passos mais à frente  
E uma voz p'ra si falou:  
– Retira que estás pisando  
Numa mãe que te criou.

– Minha mãezinha adorada,  
Meu pai outra mulher tem.  
E nos dá muita pancada  
Para lhe chamarmos mãe.

– Meus irmãos andam pedindo  
Por não terem que comer.  
Mãezinha do coração  
Eu também queria morrer.

## 654 | NO DIA TRÊS DE JANEIRO

Musical score for 'No Dia Três de Janeiro'. The score is written in treble clef with a key signature of one sharp (F#) and a time signature of 4/4. The tempo is marked as ♩ = 110. The lyrics are: No di - a três de Ja - nei - ro Um ca - so de hor - ror a - con - te - ceu Foi Jo - sé Gon - çal - ves por - ém Na Gui - né Por - tu - gue - sa mor - reu. Foi Jo - sé Gon - çal - ves por - ém Na Gui - né Por - tu - gue - sa mor - reu.

Versão de Águas, cantada por Maria de Lurdes Ramos Leitão Lourenço, de 75 anos. Recolha feita em 2.8.2024 por Gorete de Brito.

Nota: Estamos perante uma peça politonal que oscila entre Lá menor e Mi menor, dando uma sensação de *cadência flamenca* (nos compassos 3 e 4), mas dentro da interpretação do fado, com os seus típicos ornamentos e fraseios. As alterações têm a ver com essa flutuação de tonalidades, dentro da qual há algumas alterações que pertencem aos respetivos acordes dominantes das duas tonalidades.

No dia três de janeiro  
Um caso de horror aconteceu  
Foi José Gonçalves, porém,  
Na Guiné Portuguesa morreu. (bis)

Sua mãe, quando a notícia soube,  
Chorava que cortava o coração.  
Em ver que o seu filho tinha morrido,  
Lá longe, lá na Guiné de Bissau.

– Mãezinha, estou ferido na trincheira,  
O meu pulso sem forças mal escreve.  
Mas tenho um pombo correio a meu lado  
Que lhe dará notícias já em breve.

Sua mãe, quando a notícia soube,  
Chorava que parecia não ter fim.  
Em ver que o seu filho tinha ficado,  
Lá longe, no cemitério do Bonfim. (bis)

– Mãezinha dê notícias à minha noiva,  
Ó que triste vai ficar essa donzela.  
Que case, mas que guarde uma saudade,  
D'aquele que morreu pensando nela.

## 655 | O GAROTINHO DE DEZ ANOS (I)

Ha - vi - a um ga - ro - ti - nho de dez a - nos Que tra - ba - lha - va co' u - ma en - xa - da a - mar - gu -  
ra - do. Mas co - mo o seu tra - ba - lho não ren - di - a, À  
noi - te pe - los pais e - ra es - pan - ca - do. (O...)

Versão de Aranhas, cantada e recitada por Isabel Borrega Flores, de 81 anos. Recolha feita em 3.8.2024 por Gorete de Brito.  
[decassílabos]

Nota: A melodia está em Mi Maior e é totalmente diatónica. Tem uma estrutura estrófica que se repete com versos diferentes. Possui uma interpretação muito sóbria, sem adornos e quase falada, pelo que a melodia foi “reconstruída” com base na comparação com versões similares.

Havia um garotinho de dez anos  
Que trabalhava com uma enxada, amargurado.  
Como o seu trabalho não rendia,  
À noite pelos seus pais era espancado.

Um dia, o garotinho, que pensou então fazer?  
Abandonar a casa de seus pais.  
Há certos seres desumanos,  
Ainda são piores que os animais.

A uma terra distante foi parar,  
A uma porta rica foi bater.  
Batia com ternura e com carinho,  
Pedia de dormir e que comer.

– Ó bom garotinho, escuta lá,  
Que fazes por aqui abandonado?  
O garotinho, [então], lhe respondeu:  
– P’ra mim o meu pai foi um malvado!

– Ó bom garotinho, escuta lá,  
Apesar de o teu pai ser um malvado,  
..... Se tu quiseres, tu ficas cá,  
Eu faço-te um homem de valor.

O garotinho aceitou sem saber  
Que o rico era honrado e professor.  
Ensinou-o a ler e a escrever,  
Até que [ele] chegou a ser doutor.

Ele por fim já curava muita gente,  
Era um doutor honrado e forte.  
Um dia soube que o seu pai estava doente,  
..... E o foi salvar da morte.

Ao fim de o ter salvo deu um ai:  
– Está salvo, ó meu pai, eu bem lho digo.  
Apesar de você ser um mau pai,  
Eu quero lhe pagar como bom filho.



## 656 | O GAROTINHO DE DEZ ANOS (2)

Versão de **Quadrazais** (Sabugal), recitada por Florinda de Jesus Esteves, 84 anos. Recolha feita em Penamacor em 4.8.2024 por Gorete de Brito. [decassílabos]

Andava um garotinho de dez anos,  
A cavar numa vinha dos seus pais.  
Mas no mundo há uns certos seres humanos,  
Que ainda são piores que os animais.

Andava um menino de dez anos,  
Com o cunhal da enxada, amargurado.  
Mas como o seu trabalho não rendia,  
À noite pelo pai era espancado.

O menino, já farto de sofrer,  
O que pensou então em fazer?  
Abandonou a casa dos seus pais  
À porta do bom rico foi bater.

O dono da casa ainda lhe disse:  
– O que andas a fazer, abandonado?  
O garotinho, a chorar, lhe respondeu:  
– Senhor, o meu pai é um malvado!

– Então, está bem, ó garotinho,  
Visto o teu pai p'ra ti ser um traidor.  
Se tu não quiseres voltar, tu ficas cá,  
Eu de ti faço um homem de valor.

O garotinho aceitou, mas sem saber,  
Que o homem era honrado e professor.  
Ensinou-o a ler e a escrever,  
Estudou até chegar a ser doutor.

Depois de ser doutor, já curava muita gente,  
Era um médico alto, rijo e forte.  
Mas um dia ao saber que o seu pai estava doente,  
À pressa ainda o foi salvar da morte.

Depois de o ter salvo, deu um ai:  
– Está salvo, o meu pai, assim com brilho.  
Na paga de você ser um mau pai,  
Quero lhe pagar sendo um bom filho.

– Perdoa, meu filho, perdoa,  
A vida que eu te dei, amargurada.  
E diz-me quanto te devo, filho, diz:  
– Cumpri o meu dever, não deve nada.

## 657 | PAI MATA A FILHA

Musical score for 'PAI MATA A FILHA'. The score is in 6/8 time, with a tempo marking of quarter note = 70. It features two systems of music. The first system has two staves, with the first staff containing a melody and the second staff containing lyrics. The melody includes a first ending (1.) and a second ending (2.). The lyrics are: 'An - da cá ó meu ma - ri - do... Que te que-ro con-fes-sar - An - sar'. The second system also has two staves, with the first staff containing a melody and the second staff containing lyrics. The lyrics are: 'Vai ma-tar a tu-a fi-lha, Vai ma-tar a tu-a fi-lha P'ra nos-sos fi-lhos her-da-rem.' The score ends with a double bar line and a repeat sign.

Versão de **Águas**, cantada por Maria de Lurdes Ramos Leitão Lourenço, de 75 anos. Recolha feita em 2.8.2024 por Gorete de Brito.

Nota: A melodia está em Dó menor e é diatónica em geral, só tem uma alteração nos compassos 4 e 9 (Si natural, que é a sensível).

– Anda cá ó meu marido  
Que te quero confessar. (bis)  
Vai matar a tua filha (bis)  
P'ra nossos filhos herdarem. (bis)

– Penteia-te ó minha filha,  
Muito bem penteadinha. (bis)  
Se o teu pai te for matar (bis)  
Chama p'la tua madrinha. (bis)

– Madrinha, minha madrinha,  
Eu daqui já não me vou. (bis)  
O meu pai me quer matar (bis)  
Ele o punhal me mostrou. (bis)

– Venha daí ó meu pai (bis)  
Venha daí a jantar.  
Que faz muito calor (bis)  
Está farto de trabalhar.



– Janta tu ó minha filha (bis)  
Que eu jantarei ou não.  
Veio de lá com o punhal (bis)  
Cravou-lho no coração.

– Já matei a minha filha (bis)  
Já me vou dar à prisão.  
Tenho penas na minh' *ialma* (bis)  
Remorsos no coração.

Homens que ficais viúvos (bis)  
Não vos torneis a casar.  
Os gostos de uma madrasta (bis)  
São ruins de contentar. (bis)

## 658 | PIA O MOCHO, PIA O MOCHO

Musical score for 'PIA O MOCHO, PIA O MOCHO'. The score is in 4/4 time, key of D minor (three flats), and tempo of 120. It consists of three staves of music with lyrics underneath. The lyrics are: Pi - a\_o mo-cho, pi-a\_o mo\_cho, Seu pi - ar não e - ra frou - xo, Na cam - pa da su-a\_a - ma\_da. Pi - ma\_da. E - la cho - ra, coi - ta - di - nha, Em se ver a - li so - zi\_nha Na - que - la tris - te mo - ra - da\_ ra - da\_ (Foi...)

Versão de *Águas*, cantada por Maria de Lurdes Ramos Leitão Lourenço, de 75 anos. Recolha feita em 2.8.2024 por Gorete de Brito.

Nota: A melodia está em Dó menor e é diatónica em geral, só tem uma alteração nos compassos 3, 5 e 10 (Si natural, que é a sensível).

Pia o mocho, pia o mocho,  
Seu piar não era frouxo,  
Na campá da sua amada. (bis)  
Ela chora, coitadinha,  
Em se ver ali sozinha,  
Naquela triste morada. (bis)

Foi o malvado do pai (bis)  
Sua filha abandonou. (bis)  
Por ela cair no erro (bis)  
Que Deus ao mundo deitou.

– Tás aí, ó minha filha, (bis)  
Triste foi a tua sorte. (bis)  
P'ra te ver nesse mau fim (bis)  
Antes queria ver a morte. (bis)

– Vá-se embora minha mãe (bis)  
Não tem nada que fazer. (bis)  
Ao fim destes nove meses (bis)  
À porta lhe irei bater.

– Já não volto ao cemitério (bis)  
Da meia noite, uma hora (bis)  
Uma voz me respondeu:  
– Tua amada já morreu,  
Por quem choras tu agora? (bis)

## 659 | O HOMEM BEM CASADO

Versão de *Aranhas*, recitada por Isabel Borrega Flores, de 81 anos. Recolha feita em 3.8.2024 por Gorete de Brito.

Havia um homem bem casado  
Com a sua mulher verdadeira  
Com cinco filhos menores  
Cabiam debaixo de uma joeira.

A mulher estava doente  
Sem se poder levantar  
Os filhos em volta dele  
Sem ter pão para lhes dar.

Ele disse à mulher:  
– Acalenta-os que eu já venho.  
Este casaco que aqui levo,  
Vai servir de nosso empenho.

Foi à casa do padeiro,  
Nem um pão lhe quis fiar.  
Foi p'ra casa muito triste,  
Lágrimas se foi a alimpar.

Voltou à casa do padeiro,  
Quatro pães lhe roubou.  
Foi p'ra casa com o pão,  
Mulher e filhos alegrou.

Mandou-lhe buscar a faca  
Pró pão partir às fatias.  
Veio o padeiro e a guarda,  
Morte e prisão lhe daria.

– Não abalo daqui senhor,  
Sem saber porque é que eu vou.  
– Este senhor se está queixando  
Que quatro pães lhe roubou.

– Eu roubei os quatro pães  
Prá fome dos filhos matar.  
Se não fosse a negra fome,  
O mundo não m'obrigava a falar.

Ele tinha a faca na mão,  
Mesmo assim não a pousou.  
Deitou as mãos ao pescoço,  
Mesmo a si se degolou.

A mulher estava doente,  
Mas isso não pôde ver.  
Ela estava tão fraquinha  
Ela assim se deixou morrer.

Diz o filhinho mais velho  
 Para o mais novo que tem:  
 – Valia mais morrer à fome  
 Que ficar sem pai nem mãe.

## 660 | UMA TRAGÉDIA DE AMOR

Má-rio Fer-nan-do Mo-ra-is, Vi-vi-a com se-us pa-is, E-ra gen-te de di-nhei-ro.  
 Quan-do à me-sa se sen-ta-va, Ao fi-lho o ri-co man-da-va: Não ca-ses com mu-lher po-bre.

Versão de Benquerença, cantada por Joaquina Mendes Pereira, de 87 anos. Recolha feita em 28.9.2024 por Gorete de Brito.

Nota: A melodia está em Sol menor e é diatónica em geral, só tem uma alteração no compasso 7 (o Fá#, que é a sensível). Tanto os adornos como a interpretação e a melodia são muito próximos do fado. De facto, o remate que a intérprete faz no fim da canção é especialmente afadistado.

Mário Fernando Morais,  
 Vivia com os seus pais,  
 Era gente de dinheiro. (bis)  
 Quando à mesa se sentava,  
 Ao filho o rico mandava:  
 – Não cases com mulher pobre. (bis)

Nessa mesma freguesia,  
 Outra família dizia,  
 Uma filha que era tudo. (bis)  
 E então nesse momento,  
 Para abreviar o casamento,  
 Visitavam-se *amiúdo*. (bis)

Essa recomendação,  
 Lá lhe queria o coração,  
 Um rapaz bondoso e nobre. (bis)  
 E sem os seus pais saberem,  
 Dele amar até morrer,  
 Beatriz que era pobre. (bis)

No dia do casamento,  
 Passou o acompanhamento,  
 Beatriz viu-o à janela. (bis)  
 Mário, muito bem comovido,  
 Muito bem arrependido,  
 Mário olhou para ela. (bis)

Quando à igreja chegou,  
 Ao altar se ajoelhou,  
 E pensando em Beatriz. (bis)  
 Mas antes de estar casado,  
 Mas lhe diz tresloucado:  
 – Não quebro a jura que fiz. (bis)

Ele a ela se agarrou,  
 Mas ele ainda a respirou,  
 Chorava como um perdido. (bis)  
 Ao corpo dela agarrado,  
 Quando fora retirado,  
 Já tinha enlouquecido. (bis)

No seu carro se *amontou*,  
 Para casa dela *encaminhou*,  
 Para a casa da Beatriz. (bis)  
 Quando ele lá ia chegando,  
 Já a família chorava,  
 Por morte dessa infeliz. (bis)

## 661 | MÁRIO FERNANDES MORAIS

Má-rio Fer-nan-des Mo-ra-is, Vi-vi-a com seus pa-is, E-ra gen-te de di-nhei-ro.  
 De fi-lhos e-ra so-zi-nho, Da-vam-lhe to-do o ca-ri-nho, Por ser o u-ni-co her-dei-ro.

Versão de Meimoa, cantada por coletivo feminino. Recolha feita em 4.9.2024 por Gorete de Brito e Maria João Cabanas.

Nota: A melodia está em Lá menor e é diatónica em geral. Só tem uma alteração no compasso 7 (Sol#, que é a sensível da tonalidade). Tem alguns melismas, portamentos e figuras particularmente acentuadas nos agudos. É cantado com uma energia próxima do fado.

Mário Fernando Morais,  
 Vivia com os seus pais,  
 Era gente de dinheiro. (bis)  
 De filhos era sozinho,  
 Davam-lhe todo o carinho,  
 Por ser o único herdeiro. (bis)

Quando à mesa se sentavam,  
 Ao filho recomendavam:  
 – Não cases com mulher pobre. (bis)  
 Arranja mulher de bem,  
 Com a fortuna que tens,  
 Serás mais rico e mais nobre. (bis)

Essa recomendação,  
Lá lhe feria o coração,  
Desse rapaz bondoso e nobre. (bis)  
Mas sem os seus pais saber,  
Jurou de amar até morrer,  
Beatriz que era pobre. (bis)

Nessa mesma freguesia,  
Outra família vivia,  
De uma filha que era tudo. (bis)  
Em toda a hora e momento,  
Para abreviar o casamento,  
Visitavam-se *amiúdo*. (bis)

O dia do casamento,  
Um grande acompanhamento,  
Só para verem Mário querido. (bis)  
Beatriz veio à janela,  
Mário olhou para ela:  
Ficou muito comovido. (bis)

Quando à igreja chegou,  
Ao altar se ajoelhou,  
A pensar na Beatriz. (bis)  
E dizendo *estreloucado*,  
Metia pena o pobre Mário:  
– Não quebro a jura que fiz. (bis)

No seu carro se *amontou*,  
Brevemente se encaminhou,  
P’ra casa da Beatriz. (bis)  
E quando ele chegava,  
Já a família chorava,  
A morte da infeliz. (bis)

## 662 | JOSÉ PINA E MARIBELA

Versão de Aranhas, recitada por Isabel Borrega Flores, de 81 anos. Recolha feita em 3.8.2024 por Gorete de Brito.

No dia vinte de abril,  
Um dia de pouca sorte.  
José Pina e Maribela,  
Ambos chegaram à morte.

Ambos chegaram à morte,  
Isto não é brincadeira.  
Para onde foram combinar?  
Para a Quinta da Teixeira.

Ele pediu à sua irmã  
O melhor fato que tinha:  
– Ó minha irmã, eu o dou,  
À Nossa Senhora da Guia.

– Se fores à Senhora da Guia,  
Não leves a Maribela.  
Tu sabes que os nossos pais,  
Não querem que cases com ela.

Ela pediu à sua mãe  
com muito pouca alegria:  
– Ó minha mãe, eu vou  
À Nossa Senhora da Guia.

– Olha lá ó minha filha,  
O mundo anda a falar.  
Para mim, e José Pina,  
O mundo vai a acabar.

Quando chegou ao cabeçaço,  
Ele andava a passear.  
Logo o seu coração disse:  
– É além que eu vou ficar.

Quando cheguei ao pé dele,  
Deitou os olhos ao chão:  
– Mata-me que eu quero morrer,  
Quero morrer por tua mão.

– Toma lá este avental,  
Faz dele uma travesseira.  
Para mim e para ti  
Vai a acabar a cegueira.

– Toma lá este revolver,  
Tu vês que eu não sou capaz.  
Ora toma lá [.....]  
Adeus ó meu querido rapaz.

Torradas, novas torradas,  
Torradas corta o limão.  
Já um pai estragou um filho  
De cortar a direito a mão.

Torradas, novas torradas,  
Não há faca que as corte.  
A apartação do amor  
Custa mais que a negra morte.

## 663 | O MALVADO JOGADOR (I)

The musical score is written in G major (one sharp) and 9/8 time. It consists of two staves. The first staff starts with a tempo marking of ♩ = 105 and a repeat sign. The melody is: G4 (quarter), A4 (quarter), B4 (quarter), C5 (quarter), B4-A4 (beamed eighth notes), G4 (quarter), F4 (quarter), E4 (quarter), D4 (quarter), C4 (quarter), B3 (quarter), A3 (quarter), G3 (quarter). There are triplets under the notes G4-A4-B4 and C4-B3-A3. The lyrics are: "O mal - va - do jo - ga - do re T'do quan - to ti - nha jo - gou". The second staff starts with a tempo marking of ♩ = 205 and a repeat sign. The melody is: G4 (quarter), A4 (quarter), B4 (quarter), C5 (quarter), B4-A4 (beamed eighth notes), G4 (quarter), F4 (quarter), E4 (quarter), D4 (quarter), C4 (quarter), B3 (quarter), A3 (quarter), G3 (quarter). There are triplets under the notes G4-A4-B4 and C4-B3-A3. The lyrics are: "A - té o pró - prio ca - sa - co ao ta - ber - nei - ro, em - pe - nhou. nhou. (E...)". The piece ends with a double bar line and a repeat sign.

Versão de Águas, cantada por Maria de Lurdes Ramos Leitão Lourenço, de 75 anos. Recolha feita em 2.8.2024 por Gorete de Brito.

Nota: A melodia está em Lab Maior e é completamente diatónica. A melodia é a mesma da canção “Uma nova rapariga”, mas não usa as mesmas repetições nem os mesmos compassos e a melodia varia ligeiramente. Na primeira parte impera o 9/8, mas na segunda parte há uma alternância de compassos provocada por acentuações muito características e complexas, como o compasso 10/8, usado em ritmos irregulares difíceis de escrever em compassos mais comuns. Para respeitar a métrica da interpretação, que foi repetida deste modo ao longo da peça, escolhemos definir esta combinação de compassos através da melodia e das figuras rítmicas, que, com as suas acentuações específicas, conformam a seguinte estrutura: 10/8 (2+2+3+3) + 6/8 (3+3) + 8/8 (2+3+3) + 6/8 (3+3). A peça deve ser lida com esses agrupamentos, senão dificilmente se consegue ler corretamente.

O malvado jogador  
Tudo quanto tinha jogou; (bis)  
Até o próprio casaco  
Ao taberneiro empenhou. (bis)

E quando chegou a casa:  
– Mulher põe-me de cear. (bis)  
– Ó homem da minha ialma,  
Não tenho nada para te dar. (bis)

– Eu e os nossos filhinhos  
Ainda estamos sem comer. (bis)  
Por causa do teu mau jogo  
Deitas a vida a perder. (bis)

– Ó mulher não digas isso,  
Olha que eu já nem te vejo. (bis)  
Se tiro o punhal do bolso  
Satisfaço o meu desejo. (bis)

Os filhos quando isto ouvirem,  
Vieram para a porta gritar: (bis)  
– Quem acode à minha mãe,  
Que o meu pai a quer matar! (bis)

– Boa noite minha mãe,  
Eu já venho bem ceado. (bis)  
Matei mulher e meus filhos,  
Agora vou degredado. (bis)

– Mataste mulher e teus filhos,  
E ainda me o vens a dizer. (bis)  
E ó filho da minha ialma,  
À prisão vais a morrer. (bis)

– Adeus ó casa do jogo,  
Bancos onde me eu sentei. (bis)  
Por causa de ti, mau jogo,  
Mulher e filhos matei. (bis)

Bom dia senhor juízo  
Dê-me um castigo qu'eu mereço. (bis)  
Matei mulher e meus filhos  
E uma criança de berço. (bis)

## 664 | O MALVADO JOGADOR (2)

♩ = 50

O mal - va - do jo - ga - do - re Tu - do que ti - nha jo - gou A - té o  
pró - prio ca - sa - co na ta - ber - na em - pe - nhou A - té o  
pró - prio ca - sa - co na ta - ber - na em - pe - nhou. (Vai p'ra...)

Versão de Pedrógão de São Pedro, cantada por Lurdes Torrão, de 75 anos. Recolha feita em abril 2020 por Rosa Gonçalves.

Nota: A melodia está em Si menor e é diatónica em geral, exceto no compasso 7, no qual aparece a sensível (La #). O ritmo de 6/8 não é muito evidente na interpretação, mas está presente durante a peça inteira. As pausas e portamentos acentuam o dramatismo.

O malvado jogador  
Tudo o que tinha jogou;  
Até o próprio casaco  
Na taberna empenhou.

Vai para a casa como fera:  
– Minha mãe quero dinheiro.  
Eu quero ir para fora,  
Embarcar para o estrangeiro.

– Eu dinheiro não o tenho,  
Meu filho para te dar.  
Espera que o teu pai venha  
A ver se ele to pode arranjar.

– O meu pai já cá não vem,  
Já está morto no pinhal.  
Se minha mãe não mo dá,  
Eu faço-lhe já igual.

– Não me mates ó meu filho,  
Deitas tua ialma a perder.  
Eu tenho ali uma colcha,  
Dou-ta se a queres vender.

Ó malvado jogador,  
Malvado sem coração.  
Já matastes pai e mãe,  
Agora vais para a prisão.

## 665 | O SOLDADO MOBILIZADO

Versão de Penamacor, recitada por Maria Isabel Firme Canaveira, de 80 anos. Recolha feita em 26.07.2024 por Gorete de Brito.

Um continente soldado,  
Para a Índia mobilizado,  
Ao serviço da pátria amiga.  
Dois anos lá demorou,  
Só soube quando voltou,  
Que sua mãe não era viva.

Despediu-se de toda a gente,  
Lá seguiu, tristemente,  
Longe da sua casinha.  
Com o lenço branco acenava,  
E desta forma falava:  
– Até um dia mãezinha!

Deixou então de se ver,  
Lá foi cumprir o seu dever.  
O sincero rapaz, porém,  
Foi embarcar a Lisboa.  
Assim que chegou a Goa,  
Escreveu logo à pobre mãe.

Na carta dizia assim:  
“Mãezinha não chores por mim,  
Que não é caso para chorar.  
Dou-lhe um abraço, mãe querida,  
Igual ao da despedida,  
E quando eu aí chegar.”

Sua mãe lhe respondeu,  
Dizendo: “Filho meu,  
Estou bem felizmente”.  
Pois mandou-lhe assim dizer,  
Para não o entristecer,  
Mas ela estava doente.

Passado uns dias morreu,  
De novo o rapaz escreveu,  
Mandando o retrato à mãe.  
Porém as irmãs daquela,  
Escreveram dizendo que ela  
Era viva e estava bem.

Assim viveu enganado  
Lá na Índia o bom soldado.  
Ao regressar resoluto,  
Na fé da mãe abraçar,  
Começou logo a chorar,  
Ao ver as tias de luto.

Depois perguntou então:  
– Eu não vejo a minha mãe,  
O que foi que aconteceu?  
E as tias dizem então:  
– Tua mãe do coração,  
A pensar em ti, morreu.

– Que desgosto tão profundo,  
Outro igual não há no mundo.  
Minha boa e santa mãe,  
Morreu de quadro tão triste.  
Eu peço a Deus se Ele existe,  
Que me leve a mim, também.

## 666 | A VELHINHA

Versão de Meimoa, recitada por Maria do Céu Fonseca Romão, de 91 anos. Recolhida por Gorete de Brito em 15-6-2024. [= Versão de Quadrazais (Sabugal), recitada por Florinda de Jesus Esteves, 84 anos. Recolha feita em Penamacor em 4.8.2024 por Gorete de Brito].

Era uma vez uma velhinha,  
Quase cega, coitadinha,  
Que já mal podia andar.  
Encostada ao seu bordão,  
Sempre olhando para o chão,  
Ia na estrada a passar.

Ouviu um cão que ladrou,  
A pobrezinha parou,  
Olhou em roda assustada.  
Quis fugir, não conseguiu,  
Tentou correr, mas caiu,  
A pobrezinha, coitada.

Nisto, surge uma menina,  
Linda, formosa e ladina,  
Que ao vê-la cair no chão.  
Correu logo, pressurosa,  
Condoída e carinhosa,  
E à velhinha deu a mão.

– Eu levanto-a, avozinha,  
Eu levo-a à sua casinha,  
Onde lhe dói, o que tem?  
Diga, que eu vou já buscar,  
Qualquer coisa para a curar,  
Vou pedir à minha mãe.

– Não foi nada, meu amor,  
Tu vales mais que uma flor<sup>12</sup>.  
[Ajuda-me só a andar]<sup>13</sup>  
Deus te pague a tua bondade,  
Com muita felicidade,  
Disse a velhinha a chorar.

<sup>12</sup> Versão de Florinda: “Tu és um anjo, uma flor”.

<sup>13</sup> Este verso está omissão na versão de Maria do Céu. Usámos o verso da versão da Florinda.



## 667 | AMÉLIA

$\text{♩} = 120$   $\text{♩}$

Ó A - mé - lia, ó A - mé - lia Ó A - mé - lia des - gra - ça - da

6  
Quan - do o teu pai te en - ga - nou ta - vas so - zi - nha em ca - sa. Ta - vas

10  
so - zi - nha em ca - sa. Ha - vi - a gen - te na ru - a

14  
Ó A - mé - lia, ó A - mé - lia, Tris - te sor - te foi a tu - a. (Tris - te...)

Fim Ao  $\text{♩}$

Versão de Pedrógão de São Pedro, cantada por Lurdes Torrão, de 75 anos. Recolha feita em 30.7.2024 por Rosa Gonçalves.

Nota: A melodia está em Ré Maior e é completamente diatónica. Ritmicamente combina compassos binários (2/4), ternários (3/4) e quaternários (4/4), os quais são todos de subdivisão binária. Tanto o ritmo como a melodia veiculam um sentimento de ternura para com a protagonista, com uma história de vida muito triste. A interpretação é suave, simples, sóbria, sem ornamentos.

– Ó Amélia, ó Amélia,  
Ó Amélia, desgraçada.  
Quando o teu pai te enganou,  
Estavas sozinha e em casa.

Ter um filho meu irmão,  
Ó que cara tão bonita.  
Remédios para o meu mal,  
Já os não há na botica.

Estavas sozinha e em casa,  
Havia gente na rua.  
Ó Amélia, ó Amélia,  
Triste sorte foi a tua.

Já os não há na botica,  
Nem o há nem pode haver.  
Ó Amélia, ó Amélia,  
É sofrer até morrer.

– Triste sorte foi a minha,  
No quarto da perdição.  
As maiores penas que eu tenho,  
É ter um filho meu irmão.

## 668 | Ó AMÉLIA

Versão de Aranhas, recitada por Isabel Borrega Flores, 81 anos. Recolha feita por Gorete de Brito em 21.8.2023.

Ó Amélia, ó Amélia  
Ó Amélia, ó demonio.  
Abalastes com o cigano,  
Pelo toque do harmónio.

Amélia era rica  
Agora anda a pedir  
Amélia em vergonhosa  
Por esse mundo se há de ir.

Abalastes ó Amélia,  
Tua abalada foi boa.  
Abalastes desta terra  
Para a cidade de Lisboa.

Ó Amélia, ó Amélia  
Ó Amélia tão tirana.  
Abalastes com o cigano.  
Deixastes a tua mãe na cama.

Abalastes ó Amélia,  
Ó Amélia, do coração.  
Abalastes com o cigano,  
Para a cidade do Fundão.

Não abales, ó Amélia,  
Amélia do coração.  
Olha que a tua mãe,  
Ela chora de paixão.





## BIBLIOGRAFIA

### CATÁLOGOS TIPOLÓGICOS USADOS NA CLASSIFICAÇÃO DAS VERSÕES CONTIDAS NESTE LIVRO:

**AT = AARNE, Antti / THOMPSON Stith (1961)** – *The Types of the Folktale. A Classification and Bibliography*. 2ª ed. rev. FFCommunications, nº 184. Helsinki: Academia Scientiarum Fennica.

**ATU = UThER, Hans Jörg (2004)** – *The Types of International Folktales. A Classification and Bibliography*. FFCommunications, nº 284-286. Helsinki: Academia Scientiarum Fennica. 3 vols.

**AFH = AGÚNDEZ, José Luís / FERRA, Anselmo Sánchez / HERNÁNDEZ, Ángel (2023)** – *Catálogo Tipológico del Cuento Folklórico Hispánico (Cuentos de Tontos)*. Vol.VI. Guadalajara: Palabras del Candil.

**AFH = AGÚNDEZ, José Luís / FERRA, Anselmo Sánchez / HERNÁNDEZ, Ángel (2025)** – *Catálogo Tipológico del Cuento Folklórico Hispánico (Cuentos de Matrimonios)*. Vol.VII. Guadalajara: Palabras del Candil.

**BOGGS, Ralph S. (1930)** – *Index of Spanish Folktales*. FFCommunications, nº 90. Helsinki: Academia Scientiarum Fennica.

**Ca-Ch = CAMARENA, Júlío / CHEVALIER Maxime (2003a)** – *Catálogo Tipológico del Cuento Folklórico Español. Cuentos Religiosos*. Madrid: Centro de Estudios Cervantinos.

**Ca-Ch = CAMARENA, Júlío / CHEVALIER Maxime (2003b)** – *Catálogo Tipológico del Cuento Folklórico Español. Cuentos-Novela*. Madrid: Centro de Estudios Cervantinos.

**Car-Co = CARDIGOS, Isabel David / CORREIA, Paulo Jorge (2015)** – *Catálogo dos Contos Tradicionais Portugueses*. Porto e Faro: Afrontamento / C.E.A.O. 2 Vols.

**EL-SHAMY, Hasan M. (2004)** – *Types Of The Folktale In The Arab World*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press.

**HABOUCHA, Reginetta (1992)** – *Types and Motifs of the Judeo-Spanish Folktales*. New York & London: Garland.

**HANSEN, Terence Leslie (1957)** – *The Types of the Folktale in Cuba, Puerto Rico, the Dominican Republic and Spanish South America*. Folklore Studies, nº 8. Berkeley and Los Angeles: University of California Press.

**IGR = FERRÉ, Père / CARINHAS, Cristina (2000)** – *Bibliografia do Romancero Português da Tradição Oral Moderna (1828-2000)*. Madrid: Instituto Universitário Seminário Menéndez Pidal.

**LAPORT, George (1932)** – *Les Contes Populaires Wallons*. FFCommunications nº 101. Helsinki, Academia Scientiarum Fennica.

**LE = MEYER, Maurits de (1921)** – *Les Contes Populaires Flamandes*. FFCommunications nº 37. Helsinki: Academia Scientiarum Fennica. [Légendes Etiologiques : pp. 82 - 92]

**MARZOLPH, Ulrich (1984)** – *Typologie des Persischen Volksmärchens*. Beiruter Texte und Studien, nº 31. Beirut: In Kommission bei Franz Steiner Verlag, Wiesbaden.

**ML = CHRISTIANSEN, Reidar Th. (1992)** – *The Migratory Legends*. FFCommunications nº 175. Helsinki: Academia Scientiarum Fennica.

**NOIA Campos, Camiño (2021)** – *Catalogue of Galician Folktales*. FFCommunications nº 322. Helsinki: The Kalevala Society.

**ROBE, Stanley L. (1973)** – *Index of Mexican Folktales*. Folklore Studies, nº 26. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press.

**RPI = FONTES, Manuel da Costa (1997)** – *O Romancero Português e Brasileiro: Índice Temático e Bibliográfico*. Madison: The Hispanic Seminary of Medieval Studies.





## INDICES REMISSIVOS

### INDICE DE TIPOS

#### CONTOS (ATU)

- 1** | O roubo dos peixes [The Theft of Fish] – 1
- 3** | Ferimento simulado [Simulated Injury] – 1
- 4** | A raposa cavaleira [Sick Animal Carries the Healthy One] – 1
- 6** | A presa convence predador a falar e foge [Animal Captor Persuaded to Talk] – 2, 12, 13
- 15** | A raposa finge ir a um baptizado [The Theft of Food by Playing Godfather] – 3, 4, 5, 6
- 32** | O lobo desce, a raposa sobe [The Wolf Descends into a Well in One Bucket...] – 7
- 34** | O lobo toma a lua por um queijo [Wolf Dives into Water for Reflected Cheese] – 6
- 34B** (AT) | O lobo bebe a água... [The Wolf Drinks the Water to Get the Cheese] – 8
- 41** | A raposa empanturra-se no galinheiro [The Wolf Overeats in the Cellar] – 9
- 47B** | A égua dá um coice nos dentes do lobo [The Horse Kicks the Wolf in the Teeth] – 10
- 50** | O leão doente [The Sick Lion] – 11
- 56A** | A raposa ameaça derrubar a árvore [The Fox Threatens to Cut Down the Tree] – 12, 13
- 57** | O corvo com um queijo no bico [Raven with Cheese in His Mouth] – 14, 15
- 59** | A raposa e as uvas [The Fox and the Sour Grapes] – 16
- 59A** (Ca-Ch) | A raposa pede luz [La zorra pide luz] – 17
- 60** | Raposa convida a cegonha [Fox and Crane Invite Each Other] – 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24
- 62** | A paz entre os animais [Peace Among the Animals: The Fox and the Rooster] – 25, 26
- 62\*A** | (Car-Co) | O cão escondido na palha – 46
- 106** | As vozes dos animais [Animals' Conversation] – 27, 28
- 111A** | O lobo acusa o cordeiro [The Wolf Unjustly Accuses the Lamb and Eats Him] – 29, 30
- 112** | O rato do campo e o rato do moinho [Country Mouse Visits Town Mouse] – 31, 32, 33
- 122F** | Espera que eu esteja mais gorda [Wait Till I Am Fat Enough] – 34
- \*122F** (Marzolph) | Fuga dentro da cabaça [Flucht im Kürbis] – 35, 36, 37, 38
- 123** | O lobo e os cabritos [The Wolf and the Kids] – 39, 40
- 159A** | Animais convidados para jantar [Animals Warm Selves at Charcoal Burner's Fire] – 41
- 168** | O músico escapa à perseguição do lobo [The Musician in the Wolf Trap] – 42



**225** | A cegonha ensina a raposa a voar [The Crane teaches the Fox to Fly] – 24  
**236\*** | Imitação de sons de pássaros [Tales with Imitation of Bird Sounds] – 88, 89  
**237** | O papagaio falante [The Talking Parrot] – 43  
**243C** (Ca-Ch) | A linguagem imprópria do papagaio [El lenguaje inapropiado del loro] – 44  
**245** | O pássaro doméstico e o pássaro selvagem [The Tame Bird and the Wild Bird] – 45  
**\*\*260** (Hansen) | [O porquê do nome do carapau] – 46  
**275A** | Corrida entre a lebre e a tartaruga [The Race Between Hare and Tortoise] – 48  
**275C** | Corrida entre a raposa e o sapo [The Race Between Hare and Hedgehog] – 47, 48, 49  
**277\*B** (Car-Co) | Segurando o casco do boi – 50  
**278A** | O sapo num charco do caminho [The Frog Persists in Living in Puddle on Road] – 50  
**280A** | A cigarra e a formiga [The Ant and the Cricket] – 51, 52, 53  
**294** | Os meses e as estações do ano [The Months and the Seasons] – 54, 55  
**298** | Competição entre o vento e o sol [Contest of Wind and Sun] – 56, 57  
**301B** (AT) | O Mama-na-Burra [The Strong Man and his Companions] – 58  
**302** | A vida do ogre escondida num ovo [The Ogre's Heart in the Egg] – 59  
**314** | O Jardineiro do Rei [Goldener] – 60  
**326** | Um jovem queria conhecer o medo [The Youth Who Wanted to Learn What Fear is] – 64  
**327A** | O João e a Maria [Hansel and Gretel] – 61  
**327B** | Os irmãos e o gigante [The Brothers and the Ogre] – 62, 63  
**330** | O João Soldado [The Smith and the Devil] – 64  
**330\*** (AT) | Manhas para entrar no céu [Heaven Entered by Trick] – 65  
**333** | O Capuchinho Vermelho [Little Red Riding Hood] – 66, 67  
**408** | As três Cidras do Amor [The Three Oranges] – 68, 69  
**433B** | O Rei Lindorm [King Lindorm] – 70  
**451** | A menina que busca os irmãos [The Maiden Who Seeks Her Brothers] – 71  
**476** | Carvão transforma-se em ouro [Coal Turns into Gold] – 72  
**480** | A boa menina e a má menina [The Kind and the Unkind Girls] – 73, 74  
**503** | As dádivas das bruxas [The Gifts of the Little People] – 75  
**510A** | A Gata Borralheira [Cinderella] – 74, 76  
**511A** (AT) | O Touro Azul [The Little Red Ox] – 77  
**563** | A mesa, o burro e o pau [The Table, the Donkey and the Stick] – 95  
**563\*A** (Car-Co) | As prendas do vento – 78, 79, 80  
**613** | Os dois viajantes (a verdade e a falsidade) [The Two Travelers] – 81  
**700** | O Bago (Grão) de Milho [Thumbling] – 82  
**707** | Os três meninos com uma estrela na testa [The Three Golden Children] – 83  
**715** | O Pinto Calçudo [Demi-cock] – 84  
**729** | O machado de ouro da sereia [The Merman's Golden Axe] – 85  
**736** | A riqueza e a fortuna [Luck and Wealth] – 86

**750E** | A fuga para o Egipto [Fligh to Egypt] – 87, 88, 89, 90, 91  
**750K** (Ca-Ch) | A planta abançoada [La planta bendecida] – 92  
**751E\*** | O homem da Lua Cheia [The Man in the Moon] – 93, 94  
**752\*D** (Robe) | O jovem atencioso é recompensado – 95  
**756D\*** | Quem é o mais devoto? [Who is the More Devout?] – 96, 97  
**\*756F** (Laport) | O Rei Bamba [Saint-Jean L'Agneau] – 98  
**759B** | A missa do pastor [Holy Man Has His Own Mass] – 99, 100  
**760E** (Ca-Ch) | A alma penada [Ánima en pena hasta la restitución de lo robado] – 101  
**774C** | A lenda da ferradura [The Legend of the Horseshoe] – 102  
**774U** (Ca-Ch) | S. Pedro e os cornos [San Pedro y los cuernos] – 103  
**774 AB** (Ca-Ch) | Deus nos guarde de um mau vizinho [Díós nos libre de mal vecino] – 104  
**779** | Bênçãos e punições divinas [Miscellaneous Divine Rewards and Punishments] – 105  
**779F\*** | A missa dos mortos [Mass of the Dead] – 106  
**780** | Toca, toca ó pastorinho [The Singing Bone] – 107, 108  
**804** | A mãe de S. Pedro cai do paraíso [St. Peter's Mother Falls from Heaven] – 109, 110  
**811\*E** | (Car-Co) Nossa Senhora e a noiva do Diabo – 111  
**830B** | O semeador descortês [My Crops Will Thrive Here without God's Blessing] – 112  
**830C** | Se Deus quiser [If God Wills] – 113  
**843A** (Ca-Ch) | O Vento, a Água e a Vergonha [El Viento, el Agua y la Vergüenza] – 114  
**851** | A princesa não resolveu o enigma [The Princess Who Cannot Solve the Riddle] – 116  
**884B\*** (AT) | A Donzela Guerreira [The Girl Dressed as a Man Deceives the King] – 117  
**900** | O bago de romã [King Thrushbeard] – 118  
**921B\*** | Ladrão, mendigo, assassino [Thief, Beggar, Murderer] – 119, 120  
**923** | O Sabor do Sal [Love Like Salt] – 121, 122  
**954** | Os quarenta ladrões [The Forty Thieves (Ali Baba)] – 123  
**956D** | O ladrão debaixo da cama [How a Woman Saves from a Robber under Her Bed] – 124  
**969** (Ca-Ch) | O Menino da Mata e o seu Cão Piloto [El perro Piloto] – 125  
**980** | Filho és pai serás [The Ungrateful Son] – 126, 127  
**982** | A herança fingida [The Pretended Inheritance] – 128  
**1030** | A divisão da colheita [The Crop Division] – 129  
**1142** | Remédio para o burro preguiçoso [How the Lazy Horse was Cured] – 130  
**1162\*** (AT) | O Diabo e as crianças [The Devil and the Children] – 131, 132  
**1164** | O Diabo e a mulher terrível [The Devil and the Evil Woman] – 133  
**1204A** (AFH) | Cuidado com a fórmula [Cuidado con la fórmula] – 134  
**1215** | O velho, o rapaz e o burro [The Miller, his Son, and the Donkey] – 135, 136  
**1225A** (AFH) | Os excrementos colados no teto [Los excrementos en el techo] – 137, 138  
**1238** | Gabarolas no verão, humildes no inverno [The Roof in Good and Bad Weather] – 139  
**1242** | A carga de peixes [Loading Wood] – 140

**1284D** (AFH) | O coice do burro [La coiz del burro] – 141  
**1309** | Escolhendo os figos limpos [Choosing the Clean Figs] – 142, 143  
**1333** | O pastor que gritava “lobo!” [The Shepherd Who Cried “Wolf!” too Often] – 144, 145  
**1335\*** | A lua (sol) confundida com fogo [Setting Sun (Rising Moon) Mistaken for Fire] – 146  
**1336A** | O homem que não reconhece o seu reflexo [Not Recognizing Own Reflection] – 147  
**1337** | Um camponês visita a cidade [A Farmer Visits the City] – 148, 149, 150, 151  
**1337C** | A longa noite [The Long Night] – 152, 221  
**1346B** (AFH) | As desgraças partilhadas [Las desgracias compartidas] – 153  
**1350** | Uma viúva fácil de consolar [The Soon-Consolated Widow] – 154  
**1350\*A** (Car-Co) | A viúva e a carpideira – 155  
**1351** | A aposta de silêncio [The Silence Wager] – 156  
**1351\*C** (Car-Co) | Estou zangada contigo mas não com “ele”! – 157  
**\*\*1351C** (Haboucha) | O inchaço no pénis [The Result of a Bee Sting] – 158  
**1354** | A Morte e o casal de velhos [Death for the Old Couple] – 159  
**1354A\*** | O alívio da viúva [Widower’s Relief] – 160  
**1355** | O homem escondido debaixo da cama [The Man Hidden under the Bed] – 161  
**1355B** | Vejo o mundo inteiro! [I Can See the Whole World!] – 162  
**1359** | O marido desmascara a mulher [Husband Outwits Adulteress and Lover] – 163  
**1360C** | Os chilros-milros [Old Hildebrand] – 164  
**1362\*C** (Noia) | O filho negro – 165  
**1365D\*** (AT) | Quem vai comer o terceiro ovo? [Which Shall Eat the Third Egg?] – 166  
**1370B\*** | A mulher preguiçosa não fia [Wife too Lazy to Spin] – 167  
**1370C\*** | A fiança da mulher preguiçosa [Miscellaneous Tales of a Lazy Woman] – 168, 169  
**1379\*B** (Car-Co) | O João Pestana – 170, 171  
**1380** | A mulher falsa [The Faithless Wife] – 172  
**1380\*B** (Noia) | Grátis o que outras cobram – 173  
**1391** | Os buracos que dizem a verdade [Every Hole to Tell the Truth] – 174  
**1395** (AFH) | A doença do burro [La salud del burro] – 175, 176  
**1395B** (AFH) | A vagina de luto [El sexo de luto] – 177  
**1396A** (AFH) | O marido (genro) fumador [El marido fumador] – 178  
**1419H** | Mulher canta e avisa amante [Woman Warns Lover of Husband Singing Song] – 179  
**1420G** | Vendendo uma lebre [Buying the Goose] – 180  
**1424** | O frade acrescenta os olhos que faltam à criança [Friar Adds Missing Nose] – 181  
**\*1424** (Boggs) | O Domingos Ovelha [Wife has husband carry her on his back...] – 182  
**1430** | Marido e mulher fazem castelos no ar [The Man and his Wife Build Air Castles] – 183  
**1440** | O animal substituto [The Substituted Animal] – 184  
**\*1442** (Car-Co) | A gatinha (vassoura) da menina – 185, 186  
**1450** | A rapariga tola [Clever Elsie] – 187

**1457** | As manas tartamudas [The Lispering Maiden] – 188  
**1457A5** (El-Shamy) | A rapariga bem-educada [Obscene Words as Decent Things] – 189, 190  
**1476A** | Rezando a Maria (Santo António) [Prayer to Christ Child’s Mother] – 191, 192, 193  
**1477** | O lobo por marido [The Wolf Husband] – 194  
**1479\*-\*A** (Car-Co) | Figos para o casamento – 194  
**1503\*A** (Noia) | Confidências entre filha e mãe sobre a lua de mel – 195  
**1511\*** | O conselho dos sinos [Advice of the Bells] – 196  
**\*1524** (Car-Co) | O traseiro que canta – 197  
**1525D** | Roubo por desvio da atenção [Theft by Distracting Attention] – 198, 199  
**1528** | O pássaro debaixo do chapéu [Holding Down the Hat] – 200  
**1532** | A voz vinda da sepultura [The Voice from the Grave] – 673  
**1539\*B** (Car-Co) | O marido testemunha aposta entre espertalhão e mulher adúltera – 201  
**1541** | Para quando o Maio chegar [For the Long Winter] – 202  
**1541\*B** (Car-Co) | Um criado chamado Pedro – 203  
**1542\*\*** | A honra da donzela [The Maiden’s Honor] – 204  
**1543\*** | A noiva exigente [A Man without a Member] – 205, 206, 207, 208  
**1545** | Um rapaz com muitos nomes [The Boy with Many Names] – 203, 209, 210  
**1548** | A sopa de pedra [The Soup Stone] – 211, 212  
**\*\*1552** (Hansen) | Nada, p\*ta! [Su Magestad es Coja] – 213  
**1556\*A** (Car-Co) | Como roubar vinho – 269  
**1558** | O convite é feito ao fato [Welcome to the Clothes] – 214  
**1559C\*** | Aqui vende-se tudo! [Some Things Not for Sale] – 215  
**1561** | Comer três refeições de uma assentada [Three Meals in a Row] – 216  
**1562A** | O celeiro está a arder [The Barn is burning!] – 217  
**1562J\*** | O gago só fala bem a cantar [Sing It!] – 218  
**1567G** | Com boa comida a música é outra [Good Food Changes Song] – 219  
**1570\*D** (Car-Co) | A meia manutenção – 220, 221  
**1572C\*** | O queijo do patrão sovina [Don’t Contradict Me!] – 222  
**1577\*\*** | O cego é enganado [The Blind Man Tricked] – 223  
**1578A\*** | A caneca de água [The Drinking Cup] – 224  
**1579** | O lobo, a cabra e a couve... [Carrying Wolf, Goat and Cabbage across Stream] – 225  
**1579\*\*** | As cem pombas [A Hundred Animals] – 226, 227  
**\*\*1588A** (Haboucha) | O barqueiro e o sábio [The Rabbi and the Ferryman] – 228  
**1626** | Pão sonhado [Dream Bread] – 229  
**1633** | Uma vaca partilhada [Joint Ownership of the Cow] – 230  
**1641C\*** | Não procrastines... [Do Not Postpone till Tomorrow What You Can Do Today] – 231  
**1645** | O tesouro ao pé da porta [The Treasure at Home] – 232  
**1681\*E** (Car-Co) | O cabrito dado ao santo – 233, 234

**1685** | O noivo tolo [The Foolish Bridegroom] – 235  
**1685\*B** (Car-Co) | O noivo tolo suja-se nas calças – 236  
**1686A\*** | A boca do peixe (Vagina Dentata) [The Pike's Mouth] – 237, 238  
**1688** | Pior a emenda que o soneto [The Servant Improve on Master's sayings] – 239, 240  
**1693** | O tolo segue as instruções à letra [The Literal Fool] – 241  
**1697** | Nós três; por dinheiro ["We Three; For Money"] – 242  
**1699** | Desconhecendo linguagem específica [Misunderstanding a Foreign Language] – 243  
**1702** | Historietas sobre gogos [Anecdotes about Stutters] – 244, 245  
**1706** | Anedotas de bêbados [Anecdotes about Drunkards] – 246, 247  
**1706\*F** (Car-Co) | O bêbado e a sardinha – 248, 249, 250  
**\*\*1709C** (Hansen) | O rabo do Bocage [Quevedo's Behind] – 251  
**1730\*C** (Car-Co) | Vinho especial para o padre – 252, 253, 254  
**1731** | O sedutor vestido de mulher [The Youth and the Pretty Shoes] – 255  
**1733\*C** (Car-Co) | O sapateiro, a mulher e o padre – 256  
**1735A** | A canção errada [The Wrong Song] – 257, 258  
**1739** | O padre e o vitelo [The Clergyman and the Calf] – 659  
**1775** | O hóspede esfomeado [The Hungry Clergyman] – 260  
**1775\*A** (Noia) | O padre (cigano) guloso [The Gourmand Clergyman] – 261, 262  
**1776** | O padre e sua irmã no jantar [The Sexton Falls into the Brewing Vat] – 255  
**1781** | O padre indica as suas amantes [Sexton's Own Wife Brings Her Offering] – 263, 264  
**1785B** | Agulhas no púlpito [The Needle in the Pulpit] – 265  
**\*1787C** (Boggs) | O sacristão veste-se de anjo [Sexton Takes Place of Statue of Christ] – 266  
**1791** | O sacristão leva o padre às cavalitas [The Sexton Carries the Clergyman] – 267, 268  
**1792** | O porco do padre sovina [The Stingy Clergyman and the Slaughtered Pig] – 269  
**\*1800C** (Boggs) | Eu a ladrões não me confesso! [Fool steals priest's hog] – 270  
**1805\*A** (Car-Co) | O padre aprende truques no confessionário – 271  
**1806\*** | Histórias de confissões [Tales of Confessions] – 272  
**1807A\*** | Quem perdeu isto? ["Who Has Lost This?"] – 273  
**1825B** | Eu anuncio a palavra de Deus [Preaching as the Congregation Wishes] – 274  
**1829B\*** (AT) | Cristo entra num convento [Man acts as Statue of Saint to enter Convent] - 675  
**1831** | O padre e o sacristão na missa [The Clergyman and Sexton at Mass] – 275  
**1831A\*** | O tolo vai à missa [Inappropriate Actions in Church] – 276, 277  
**1832** | A reacção ao sermão do padre [The Sermon about the Rich Man] – 278  
**1832S\*** | Fazer um polícia de esterco [Church of Dung] – 279  
**1833F** | É sempre a mesma história [The Same Old Story] – 280  
**1837** | Um sermão convincente [Holy Ghost in the Church] – 281  
**1842C\*** | As noites do padre com a criada [The Clergyman's Nights] – 282  
**1842\*D** (Noia) | O testamento do pobre – 283

**1853** | Anedotas de moleiros [Anecdotes about Millers] – 284  
**1864** | Anedotas de doidos [Anecdotes about Madmen] – 285  
**1865** | Anedotas de galegos [Anecdotes about Foreigners] – 286  
**1920C** | Uma mentira maior que o padre-nosso [That is a Lie!] – 287  
**1930** | O mundo ao contrário [Schlaraffenland] – 288  
**1960D** | O enorme fruto (legume) [The Great Vegetable] – 289, 290  
**1960F** | A grande panela [The Great Kettle] – 290  
**1965** | Os camaradas deficientes [The Disabled Comrades] – 291  
**2010** | As Tabuinhas de Moisés [Ehod mi yodea – One; Who Knows?] – 111  
**2012** | Os dias da semana [The Days of the Week] – 453  
**2012B** (AT) | As horas da vida [Life Story in Ten Hours] – 454  
**2014** | Anfiguris c/ contradições [Contradiction' Chains] – 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461  
**2016** | A velha furunfunfelha [Wee Wee Woman] – 462  
**2019\*** | O casamento da galinha [Louse and Flea Wish to Marry] – 463  
**2023** | A Carochinha [Little Ant Marries] – 464  
**2031** | O mais forte [Stronger and Strongest] – 465  
**\*2050** (Car-Co) | Como um cumprimento se transforma num insulto – 466  
**2200** | Contos armadilhados [Catch Tales] – 467, 468  
**2271** | Histórias para arreliar as crianças [Mock Stories for Children] – 469, 470, 471  
**2275** | Histórias com expectativa de resposta [Trick Stories] – 472, 473

## LENDAS (ML)

**1a** (LE) | Pourquoi la Sainte Vierge préside-t-elle à la destinée du monde – 574  
**256.\*** (LE) | O sapatinho de Nossa Senhora [Le soulier de Notre-Dame] – 573  
**3055** | A bruxa ferida [The Witch that was Hurt] – 485, 486, 487, 488, 489, 490  
**4005** | O marido lobisomem [The Werewolf Husband] – 475, 476  
**4015** | A missa das almas à meia noite [The Midnight Mass of the Dead] – 106  
**7060** | A escolha do lugar para contruir uma igreja [The Disputed Site for a Church] – 547  
**8010** | Tesouros [Hidden Treasures] – 518, 519, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 534, 535

## ROMANCEIRO (IGR /RPI)

**0005** | Silvana [Silvana] – **P1** – 583  
**0006** | Morte do príncipe D. João [Muerte del Príncipe D. Juan] – **C5** – 584  
**0023** | Gerinaldo [Gerineldo] – **Q1** – 585  
**0034.3** | O sangue de Cristo [El monumento de Cristo] – **U25** - 671  
**0075** | Delgadinha [Delgadina] – **P2** – 586, 587, 588  
**0113** | A Bela Infanta [La vuelta del marido] – **11** – 589, 590, 591

**0126** | Santa Catarina [Santa Catalina] – **U29** – 613  
**0136** | A rainha e a sua escrava [Hermandades reina y cautiva] – **H1** – 592  
**0144** | Dom Gato [D. Gato] – **W1** – 593  
**0155** | Casada em terras longínquas [Casada de lejas terras] – **L2** – 594, 595, 596  
**0167** | Frei João [Ronda a una mujer malcasada] – **M3** – 597  
**0169** | A irmã cativa [La hermana cautiva] – **H2** – 598  
**0172** | O veneno de Moriana [El veneno de Moriana] – **NI** – 599, 600, 601, 602, 603, 604  
**0173** | Santa Iria [Santa Iria] – **U31 e U32** – 618  
**0176** | O soldado [El quintado] – **J4** – 605, 606  
**0185** | O lavrador da arada [El labrador caritativo] – **U40** – 614, 615, 616, 617  
**0189** | O cego violador [El ciego raptor] – **O3** – 607  
**0231** | A donzela guerreira [La doncella guerrera] – **X5** – 117, 608, 609  
**0234** | Claralinda [Blancaniña] – **M1** – 610  
**0404** | As novas da cruxificação [Las nuevas de la crucifixión llegan a la Virgen] – **U17** – 619  
**0435.1** | Barca Nova [La galera de la Virgen] – **Z2** – 622  
**0453** | A pastora [La pastora probada por su hermano] – **T3** – 635  
**0457** | Nau Catrineta [Nau Catrineta] – **X1** – 611  
**0503** | O sonho de Nossa Senhora [La Virgen sueña la Pasión] – **L1** – 625, 672  
**0559** | A volta do navegante [Vuelta del navegante] – **I9** – 612  
**0566** | Da coluna à Via Dolorosa [De la columna a la Via Dolorosa] – cf. **U15** – 620, 621  
**0682** | A confissão da Virgem [Confesión de la Virgen] – **U53** – 623, 624  
**0685** | Intercessão de Maria [La toca de la Virgen y el alma pecadora] – **U56** – 669, 670  
**0724** | À uma hora nasci [A la una nací yo] – **Y1** – 454  
**0812** | Pobreza da Virgem em Belém [Pobreza de la Virgen recién parida] – **U1** – 671  
**2852** | Daniel na cova dos leões – **E5** – 634  
**2859** | Regresso do amado – **I6** – 636, 637, 638, 639  
**2883** | Santa Bárbara – **U30** – 564  
**2887.9** | Mandamentos dos padres – **Y16** – 451, 452  
**2897** | Nossa Senhora lavadeira – **U7** – 626  
**2899** | A Rainha Santa Isabel – **U36** – 631  
**2955** | A semana do preguiçoso – **Y21** – 453  
**4003** | Sto. António livra o pai da forca [San António libera a su padre de la horca] – **U3** – 627, 628, 629, 630

## ÍNDICE DE INFORMANTES E SUAS VERSÕES POR FREGUESIAS

### ÁGUAS

**Maria de Lurdes Ramos Leitão Lourenço.** Nasceu em Águas em 1949 (21) – 87, 161, 320, 336, 386, 403, 531, 569, 594, 599, 610, 635, 636, 641, 647, 649, 650, 654, 657, 658, 663

**Maria José Marques.** Nasceu em Águas em 1940 (1) – 669

**Marisa Barreiros Gonçalves.** Nasceu em Águas em 2015, estudante (1) – 401

### ALDEIA DE JOÃO PIRES

**Cátia da Cruz Mendes.** Nasceu em Berlim (Alemanha), em 1974 (1) – 579

**Dália Maria da Conceição Lino Assenção.** Nasceu em Torres Vedras em 1954 (2) – 329, 393

**Maria dos Anjos Ramos da Cruz Mendes.** Nasceu na Aldeia de João Pires em 1935 (7) – 69, 71, 80, 82, 83, 108, 123

**Maria de Lurdes Vieira Moiteiro Messias.** Nasceu em Aldeia de João Pires em 1937 (9) – 28, 40, 89, 110, 192, 234, 504, 567, 574

**Olívia Romão Esteves.** Nasceu na Capinha (Fundão) em 1948 (24) – 43, 44, 92, 94, 130, 141, 149, 204, 237, 241, 242, 255, 310, 315, 316, 324, 400, 415, 419, 420, 421, 427, 428, 526

### ALDEIA DO BISPO

**Fernanda Carreto.** Nasceu em Aldeia do Bispo em 1952 (7) – 96, 144, 480, 500, 523, 539, 544

**Lourenço Augusto Marcos.** Nasceu em Urrós (Mogadouro) em 1952 (12) – 16, 22, 30, 91, 116, 145, 199, 286, 369, 378, 466, 564

**Maria da Luz Toscano Borrego.** Nasceu em Aldeia do Bispo em 1938 (4) – 106, 490, 525, 530

**Maria da Luz Esteves Robalo Azevedo.** Nasceu em Aldeia do Bispo em 1942 (1) – 613

### ARANHAS

**Alice Catana.** Nasceu em Aranhas em 1944 (2) – 102, 620

**Ana Maria Matanço.** Nasceu em Aranhas, em 1950 (2) – 268, 580

**Celeste Borrega Flores.** Nasceu em Aranhas em 1949 (5) – 38, 77, 125, 208, 362

**Domingos Robalo Salvado.** Nasceu em Aranhas em 1940 (23) – 103, 165, 176, 188, 205, 207, 225, 239, 261, 299, 309, 319, 323, 333, 343, 350, 361, 389, 432, 446, 447, 467, 486

**Elisabete Gonçalves.** Nasceu em Étampes, Essonne (França), 1970 (1) – 463

**Isabel Borrega Flores.** Nasceu em Aranhas em 1943 (30) – 79, 109, 121, 186, 222, 325, 332, 448, 509, 538, 583, 584, 587, 596, 601, 608, 612, 624, 633, 637, 640, 645, 646, 651, 652, 655, 659, 662, 668, 670

**José Salvado.** Nasceu em Aranhas em 1964 (16) – 156, 162, 182, 203, 213, 215, 228, 229, 252, 263, 349, 374, 501, 521, 524, 251

**Manuela Salvado.** Nasceu em Penamacor em 1966 (2) – 170, 276



**Maria de Lourdes Borrego da Silva.** Nasceu em Aranhas em 1937, trab. agrícola (1) – 520

**Rosa Maria Matanço.** Nasceu na herdade de Campo Frio, Aranhas 1926 (10) – 59, 132, 300, 307, 371, 476, 493, 494, 495, 563

## BENQUERENÇA / \*QUINTAS DO ANASCER

**Alina Vaz Reis.** Nasceu no Fundão em 1983, (2) – 434, 449

**Ana Mendes Ramos.** Nasceu em Benquerença em 1935 (10) – 5, 8, 20, 42, 47, 53, 124, 512, 570, 611

**Ana Pires Silveira.** Nasceu em Benquerença em 1937 (3) – 15, 32, 135

**\*André Martins de Almeida.** Nasceu no Casteleiro (Sabugal) em 1936 (6) – 23, 250, 284, 290, 358, 359

**\*António Augusto Gomes Soares.** Nasceu em Anascaer em 1953 (7) – 50, 115, 120, 129, 212, 214, 418

**Joaquina Costa.** Nasceu em Benquerença em 1931 (11) – 56, 111, 223, 517, 522, 571, 585, 603, 615, 618, 619

**Joaquina Mendes Pereira.** Nasceu em Benquerença em 1937 (1) – 660

**Uma senhora** que nasceu em Benquerença em 1949 (3) – 66, 503, 536

**Patrocínia Mendes Ramos.** Nasceu em Benquerença em 1937 (2) – 616, 653

**\*Paulo Tomé.** Nasceu em Pera Boa (Covilhã) em 1968 (1) – 452

**\*Vitorina Gil Gomes.** Nasceu em Quintas de Gralhais (Casteleiro – c. Sabugal) em 1943 (3) – 179, 292, 395

## BEMPOSTA

**António Luís dos Santos Sousa.** Nasceu na Bemposta em 1962, militar (4) – 136, 146, 183, 365

**António Menas Vaz.** Nasceu em Águas em 1941 (1) – 289

**Ludovina Robalo.** Nasceu em Bemposta em 1935 (2) – 558, 561

**Maria Angélica da Cruz Agostinho Salvador.** Nasceu em Aldeia do Bispo em 1959 (3) – 21, 67, 473

**Maria Izidoro.** Nasceu na Bemposta em 1930 (ou 1931) (2) – 33, 557

**Manuela Tomé.** Nasceu na Bemposta em 1958 (7) – 36, 457, 468, 472, 541, 546, 559

**Olinda da Costa.** Nasceu e faleceu em Bemposta – 1933 - 2025 (1) – 13

## MEIMÃO

**Amândio.** Nasceu em Meimão em 1934 (2) – 479, 489

**Ana Maria Nabais Gonçalves.** Nasceu em Meimão em 1946 (4) – 147, 187, 302, 318

**José Gabriel Campos.** Nasceu em Meimão em 1948 (2) – 326, 330

## MEIMOA

**Mulher.** Nasceu em Meimoa em 1937 (3) – 178, 348, 437

**Mulher** nascida na Meimoa em 1942 (2) – 643, 661

**João José Romão Cabanas.** Nasceu em Meimoa em 1945 (1) – 516

**Joaquina Andrade.** Nasceu em Meimoa em 1950 (8) – 1, 3, 12, 37, 95, 347, 370, 462

**José Afonso.** Nasceu em Benquerença em 1950 (2) – 562, 582

**Maria do Céu Fonseca Romão.** Nasceu em Meimoa em 1932 (13) – 25, 137, 154, 166, 184, 198, 221, 233, 253, 368, 506, 511, 666

**Mulher.** Nasceu em Meimoa em 1952 (3) – 62, 224, 282

**Senhora que quis anonimato.** Nasceu em Bogas de Cima (Fundão) (3) – 163, 306, 409

**Coletivo feminino.** Quatro mulheres; + 1 (3) – 607, 643, 661

**Mulher idosa** (2) – 118, 202

## PEDRÓGÃO DE SÃO PEDRO

**Alcides Gonçalves.** Nasceu em Pedrógão de São Pedro em 16.1.1943 (1) – 518

**Ilda da Conceição Guedelha.** Nasceu e faleceu em Pedrógão de São Pedro – 1935 - 2024 (1) – 632

**Leonor Zagalo.** Nasceu em Pedrógão de São Pedro em 1945 (14) – 49, 65, 138, 159, 236, 257, 297, 377, 382, 383, 384, 413, 474, 586

**Lurdes Torrão.** Nasceu em Pedrógão de São Pedro em 1945 (23) – 126, 164, 216, 231, 235, 256, 260, 266, 270, 298, 385, 387, 388, 402, 414, 435, 589, 595, 604, 605, 614, 664, 667

**Olga Zagalo.** Nasceu em Lisboa em 1972 (1) – 148

**Informante anónima.** (1) – 314

## PENAMACOR

**Alcina Maria Alves Cruchinho.** Nasceu em Penamacor em 1970 (1) – 628

**Ana Maria Dubelez Andrade.** Nasceu em Penamacor em 1927 (7) – 345, 408, 338, 485, 532, 551, 623

**Aníbal Pereira.** Nasceu na Mata (Castelo Branco), em 1949 (1) – 73

**António.** Nasceu em Penamacor em 1954, (9) – 158, 238, 327, 341, 352, 391, 394, 404, 445

**Carminda Maria dos Santos Pereira.** Nasceu na Mata (C. Branco) em 1971 (1) – 24

**Ema Esteves.** Nasceu em Penamacor em abril de 1945. (3) – 671, 672, 673

**Estela Martins Crucho.** Nasceu em Penamacor em 1947 (3) – 527, 528, 529

**Florinda de Jesus Esteves.** Nasceu em Quadrazais (Sabugal) em 1939 (18) – 17, 26, 122, 172, 181, 182, 258, 264, 269, 275, 304, 591, 598, 606, 626, 629, 644, 656

**Germano Manteigas Afonso Fidalgo.** Nasceu em Penamacor em 1936 (3) – 34, 554, 600

**Ilda Domingues Alvito Gaspar.** Nasceu em Penamacor em 1947 (2) – 259, 533

**Ilda Ginja Rodrigues Cruchinho.** Nasceu em Penamacor em 1941 (2) – 545, 550

**Maria Isabel Firme Canaveira.** Nasceu em Penamacor em 1943 (10) – 470, 497, 540, 597, 602, 617, 625, 639, 642, 671

**Joaquim Lourenço Cavalheiro.** Nasceu em Penamacor em 1935 (1) – 340

**João do Espírito Santo da Ascensão Mateus.** Nasceu em Penamacor em 1951 (34) – 45, 46, 157, 218, 244, 246, 249, 277, 283, 285, 291, 301, 311, 322, 334, 337, 366, 376, 397, 399, 417, 422, 429, 430, 442, 461, 471, 488, 491, 496, 498, 507, 514, 576

**José António Lourenço Cruchinho.** Nasceu em Penamacor em 2015, estudante (1) – 444

**José Oliveira Lopes Dias.** Nasceu em Penamacor em 1952 (1) – 10

**José Vicente Correia Lucas.** Nasceu em Budens (Vila do Bispo) em 1933 (1) – 460

**Lurdes Canaveira.** Nasceu em Penamacor em 1934 (1) – 634

**Manuel da Cruz Rodrigues.** Nasceu em Penamacor em 1931 – f. Paris 1975 (1) – 58

**Maria Alice Amaral.** Nasceu em Penamacor em 1965, (6) – 75, 193, 296, 357, 406, 426

**Maria Alice Domingues Alvito Frade de Brito.** Nasceu em Penamacor em 1949 (14) – 151, 200, 226, 247, 288, 295, 356, 364, 375, 433, 439, 482, 568, 572

**Maria Campos Pires.** Nasceu em Monfortinho, em 1944. (1) – 622

**Maria da Ascensão Esteves Marcos.** Nasceu em Penamacor em 1938 (17) – 160, 173, 175, 245, 272, 303, 305, 321, 328, 353, 354, 355, 360, 363, 405, 436, 487

**Maria Belmira Ramos Cavalheiro.** Nasceu em Penamacor em 1956 (1) – 458

**Maria Celeste Borrego Salvado Correia.** Nasceu em Aranhas em 1967, (22) – 72, 100, 101, 105, 128, 133, 152, 155, 169, 174, 195, 197, 206, 209, 217, 308, 331, 339, 390, 451, 515, 648

**Maria da Conceição Andrade.** Nasceu em Penamacor em 1934 (11) – 88, 153, 185, 210, 248, 262, 271, 317, 346, 438, 459

**Maria de Fátima Lopes Crucho Geraldês.** Nasceu e faleceu em Penamacor: 1945 - 2024 (1) – 588

**Maria de São José Alvito de Brito.** Nasceu no Luso (Angola) em 1973, (8) – 14, 19, 39, 52, 85, 140, 454, 510

**Maria de Lurdes Bogas Leitão.** Nasceu em Penamacor em 1951 (1) – 499

**Mulher septuagenária** (4) – 99, 477, 508, 513

**Maria dos Anjos Antunes Ramos.** Nasceu em Monsanto (Idanha-a-Nova) em 1934 (6) – 93, 505, 537, 553, 555, 565

**Maria Luísa da Conceição Furtado.** Nasceu em Penamacor em 1934 (84) – 4, 7, 9, 11, 18, 29, 31, 35, 41, 46, 49, 52, 53, 55, 58, 59, 61, 66, 68, 72, 74, 81, 82, 84, 88, 96, 104, 109, 110, 114, 116, 128, 131, 136, 139, 147, 163, 164, 183, 186, 188, 203, 211, 212, 222, 224, 235, 256, 258, 264, 265, 269, 271, 272, 278, 285, 304, 337, 388, 394, 403, 408, 419, 420, 421, 427, 436, 437, 439, 446, 449, 451, 460, 479, 515, 530, 544, 545, 548, 552, 562, 589, 624, 625

**Nancy Gonçalves Cruchinho Crucho.** Nasceu em Nice (França) em 1972 (1) – 621

**Narcisa Calamote.** Nasceu em Penamacor em 1952 (2) – 27, 456

**Palmira de Jesus Carvalho Campos.** Nasceu em Penamacor em 1943 (1) – 469

**Rita Isabel Borrego Correia.** Nasceu em Penha Garcia em 1991 (4) – 590, 592, 609, 638

**Rosa Leitão.** Nasceu em Penamacor em 1948 (1) – 484

**Rui Manuel Martins Leitão.** Nasceu em Lisboa em 1965 (12) – 240, 279, 312, 351, 367, 372, 373, 379, 380, 381, 416, 502

**Silvina Reis.** Nasceu no Fundão em 1966 (1) – 465

**Teresa Jerónimo.** Nasceu em Penamacor em 1934 (1) – 627

**Informante anónima** (2) – 478, 543

## SALVADOR

**Angelina Gonçalves.** Nasceu em Salvador em 1944 (2) – 78, 547

**Alfredo Ferreira.** Nasceu em Vila Longa (c. Satão) em 1938; faleceu em Salvador em 2024 (15) – 2, 6, 97, 114, 127, 143, 177, 190, 254, 293, 338, 396, 410, 411, 481

**António Manuel Gameiro Rico.** Nasceu em Lisboa em 1963 (2) – 64, 573

**António Manuel da Costa Leandro.** Nasceu em Salvador em 1963 (5) – 475, 575, 577, 578, 581

**Maria José Robalo Ferreira Santiago.** Nasceu em Salvador em 1968 (1) – 171

## VALE DA SR<sup>a</sup> DA PÓVOA

**Cláudia Pires Antunes.** Nasceu em Vale de Lobo em 1942 (1) - 560

**Dulvina Augusta Mugeiro.** Nasceu em Vale de Lobo em 1932 (6) – 104, 189, 201, 335, 344, 535

**Maria Angélica da Conceição Nabais.** Nasceu em Vale de Lobo em 1939 (2) – 492, 542

**Maria da Saudade Mendes.** Nasceu em Vale de Lobo em 1932 (2) – 227, 560



## APÊNDICE AO ROMANCEIRO RELIGIOSO, CONTOS E CORDÉIS

669 | **OH QUE NOITE TÃO ESCURA (I)**  
IGR 0685 / RPI U56

*Versão das Águas*, recitada por Maria José Marques, 84 anos. Recolha feita por Maria Catarina Marques em 21.10.2023.

Oh que noite tão escura lá no rigor do inverno,  
Morreu a minha alma adorada sem receber os últimos sacramentos.  
– Escuta, minha alma adorada, como eu te escutei a ti.  
Deixei-te no Outro mundo, não quisestes saber de mim;  
Deixei-te o meu cilício, tiveste dó ao teu corpo;  
Deixei-te o meu calvário, sempre te achava correndo;  
Quando ias para a igreja nunca ias com atento;  
Ensinei-te a persignar, não quisestes aprender;  
Aprendeste a soberba, a soberba não entrou no céu;  
Agora vais caminhando para o inferno.  
Ali vem Maria Santíssima com palavras do evangelho:  
– Filho meu, pelo leite que mamaste,  
Pelo sangue que derramastes na noite do nascimento,  
Toma conta nesta alma que se vai perdendo.  
São Miguel deita as almas, deita os pesos às balanças;  
Os pecados são tantos que batem consigo no chão.  
Quem esta oração disser um ano em continuação,  
Morrerá e irá ao céu, quinta feira da Ascensão.



## 670 | OH QUE NOITE TÃO ESCURA (2)

IGR 0685 / RPI U56

Versão de Aranhas, recitada por Isabel Borrega Flores, 80 anos. Recolha feita por Gorete de Brito em 24.2.2024.

Oh que noite tão escura, oh que inverna tão rigorosa.  
[.....] Morreu uma alma idosa.  
Os seus anjos foi a ver, os seus anjos vêm,  
Que me guarde esta ovelhinha que anda perdida no vosso rebanho.  
– Escuta, minha alma idosa, como eu te escutei a ti.  
Deixei-te no mundo, não fizeste caso de mim;  
Quando ias à missa nunca estavas com atento;  
Entre o cálix e a hóstia, sempre estavas dormindo;  
Ensinei-te a rezar, não quiseste aprender;  
Aprendeste a soberba, a soberba no céu não entra;  
Agora vais caminhando para a cisterna do inferno.  
Lá vem Nossa Senhora, com as treze palavrinhas do evangelho,  
A pedir ao seu amado Filho:  
– Ó meu amado Filho, leite mamaste, sangue derramaste;  
Acudi áquelas almas que se vão perdendo.  
São Miguel agarra a balança;  
Os pecados eram tantos, a balança foi ao chão.  
– Ó meu Ai Jesus, ó meu Ai Maria,  
Fazei com que o meu corpo nunca seja preso,  
Nem a minha alma nunca seja perdida.  
Um Pai Nosso em louvor às cinco chagas divinas.

## 671 | SÃO JOSÉ E A VIRGEM MARIA

IGR 0812 / RPI U1 + IGR 0034.3 / RPI U25

Versão de Penamacor, recitada por Ema Esteves, 80 anos. Recolha feita por São José de Brito em 12.5.2025.

Oração de São José mais da Virgem Maria,  
Tanto caminharam de noite como de dia.  
São José foi buscar lume, a lanterna não havia.  
Foi às ruas de Belém já toda a gente dormia,  
Encontrou o Padre Santo a rezar a Avé Maria.

O Padre Santo procurou: – Como ficou a Virgem Maria?  
– A Virgem Maria ficou boa entre o cálice d'ouro antigo,  
Todo o sangue que escorria enchia o cálice Sagrado.  
Todo o homem que o beber será bem-aventurado,  
Neste mundo será rei, no outro será coroado.  
Toda a gente que o disser um ano de continuação,  
Morrerá e irá ao céu, Quinta Feira da Ascensão.  
Quem o souber que o diga, quem não souber que o aprenda,  
Lá vem o dia do Juízo, lá tem quem o defenda.

## 672 | O SONHO DE NOSSA SENHORA (2)

IGR 0503 / RPI L1

Versão de Penamacor, recitado por Ema Esteves, 80 anos, recolhido por Gorete de Brito em 25.05.2025.

Entrei pela igreja a dentro, estava a Virgem consagrada.  
O seu Filho procurou se dormia ou velava:  
– Eu meu Filho, nem durmo nem velo,  
Esta noite tive um sonho que comigo não era sonhado.  
– Senhora mãe, assim será! Senhora mãe, assim seria!  
Quem esta oração disser, um ano, dia a dia,  
Três sábados antes de morrer a Virgem lhe há de aparecer  
Confessa-te ó pecadora, comunga que tens lugar,  
Que te manda Deus chamar para no seu Santo Reino de Deus entrar.

## 673 | A MÃE CATRINA E O SAPATEIRO

ATU 1532

Era uma senhora que tinha um filho. E depois [ele] morreu. E depois [ela] tinha amor ao filho. E depois o vizinho subiu para o telhado. Subiu para o telhado e dizia:  
– Mãe Catrina!  
– O que é, meu filho?  
– Estou no *Purgateiro*. (risos)  
– Porquê, filho?  
– Por ficar a dever trinta libras ao vizinho sapateiro.  
A velha dava o dinheiro ao vizinho. E era ele que lá estava em cima [do telhado]. (risos)  
Tanta vez! Gastava aquele [dinheiro], queria mais.

Ó depois, tantas vezes lhe pediu que ela disse:

– Tanto se me dá que estejas no *Purgateiro* como estejas no [*inferneiro*], que eu já não dou mais dinheiro ao vizinho sapateiro. (risos)

---

**Informante:** Ema Esteves, 80 anos

Recolha feita em Penamacor por Gorete de Brito em 25.5.2025.

---

## 674 | ISaurITA

---

**Versão de Penamacor**, recitada por Maria Isabel Firme Canaveira, 80 anos. Recolhida por Gorete de Brito em 26.5.2025

---

– Rapazes contar vos quero  
Passagens da minha vida,  
Trago uma fama espalhada  
De enganar uma rapariga.

Isaurita assim que ouviu,  
Sua fala retrucou:  
– Ouça lá senhor juiz,  
Não foi este que me enganou.

Ao tribunal de Abrantes  
Me levaram enganado.  
Logo eu disse para o juiz:  
“O que não devo não pago.”

– És malvada, és traidora,  
Tu não falas a verdade.  
Vai rapaz p’rá tua terra,  
Vai gozar a mocidade.

– Senta-te aí, ó rapaz,  
A tua sentença está lida:  
Trinta anos degredado,  
Ou casas com a rapariga.

– Já vou p’rá minha terra,  
Já vou, já posso ir.  
Já enganei uma donzela,  
Já me posso ir divertir.  
Eu sou como a andorinha,  
Vai ao céu e torna a vir.

– Trinta anos degredado,  
É o fim da minha vida.  
Antes da minha abalada,  
Mato o pai e a rapariga.

## 675 | CRISTO, SÃO PEDRO E SÃO BRÁS DORMEM NUM CONVENTO AT 1829B\*

Havia um convento de freiras. E houve três rapazes que foram dar uma volta, foram correr mundo. [Um era Cristo, outro era São Pedro e o outro era o São Brás.] Chegaram lá aquela terra, onde é que haviam de ir dormir? “Onde é que vamos, onde não vamos...” De medo não tinham...

E então, o que é que aconteceu? Foram bater à porta de um convento. Veio a Madre: “o que é que eles precisavam?...”

E eles disseram:

– Precisávamos de dormir.

E a freira disse:

– Então entrem que a gente dá-lhes cama.

O que é que aconteceu?

– Olha, você dorme no quarto de fulana tal. Você dorme no quarto de fulana tal. Você dorme no quarto de fulana tal. Mas é para se portarem bem e com juízo.

[E depois, vieram de lá três freiras]:

– Ah, eu não me importo de dormir com o Cristo.

– Eu não me importo de dormir com o São Pedro. – Pronto, foi a dormir com o São Pedro.

A outra:

– Eu não me importo de dormir com o São Brás.

Quando foi pela noite adiante, as coisas aqueceram. Aqueceram, e diz a que estava com Cristo:

– Ai, Cristo, se não fosses tu eu não provava disto!

Foi a outra:

– Ai, Pedro, vale mais com isto do que com o dedo! (risos)

E depois foi a do São Brás:

– Hei, São Brás, como é que tu foste capaz?!!! (risos)

[Não é nada!]

– Então e tu? Como é que te portaste com o São Brás?

– Oh, pá! Tão bom é pela frente como por trás! (risos)

(Pois, é um bocadinho maldosa...)

---

**Informantes:** duas senhoras

Recolha feita na freguesia de Penamacor por Gorete de Brito em 2.6.2025.

---





## AGRADECIMENTOS

Uma obra como esta é sempre devedora de pessoas e instituições que participaram, facilitaram ou ajudaram na aturada procura e gravação de informantes. A todos o nosso obrigado. Bem hajam.

### COLABORAÇÃO INDIVIDUAL

Maria de São José de Brito

João do Espírito Santo da Ascensão Mateus

Maria Alice Amaral

Maria João Cabanas

(os acima mencionados, para além de terem ajudado nas recolhas, foram também informantes eles mesmos).

Fátima Robalo

Elsa Silva

Maria Andrade

### COLABORAÇÃO INSTITUCIONAL

Centro Paroquial Nossa Senhora da Quebrada de Benquerença

Lar Residencial D. Bárbara Tavares da Silva de Penamacor

Associação Desportiva Recreativa e Cultural de Bemposta

Junta de Freguesia de Meimoa





